

O ANTIGO TESTAMENTO INTERPRETADO

VERSÍCULO POR VERSÍCULO

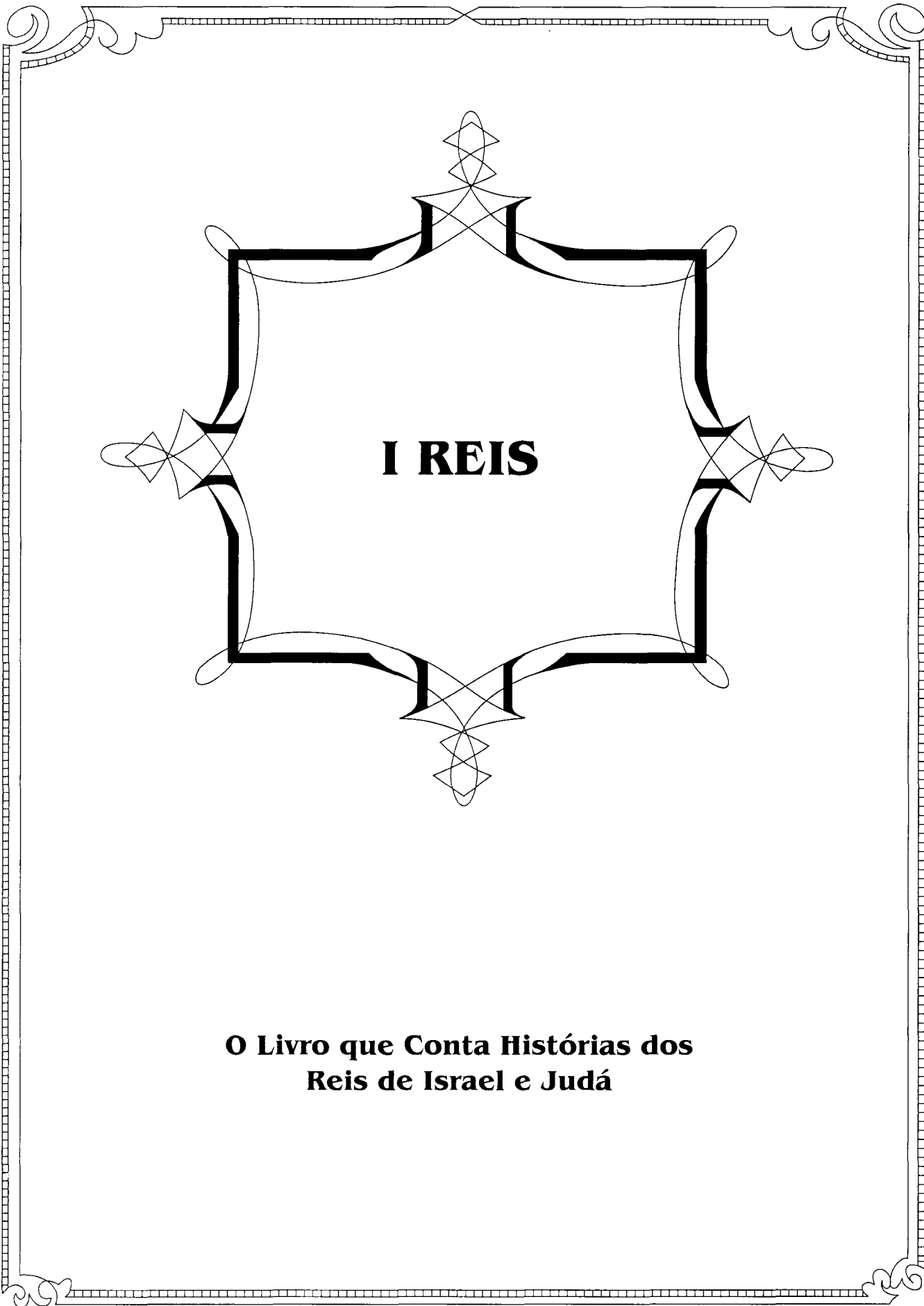
Autor

R. N. Champlin, Ph. D.

1 REIS

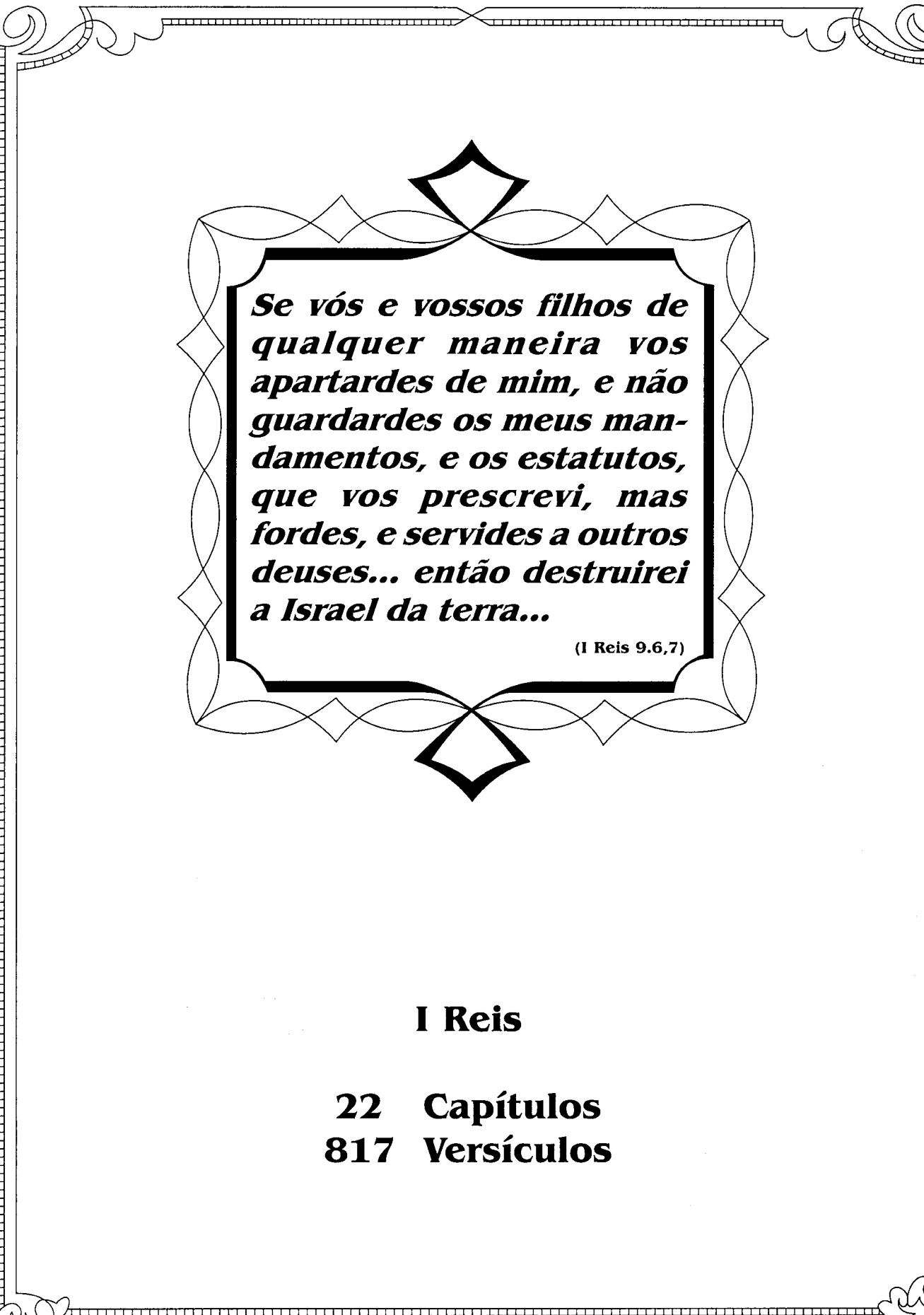


HAGNOS



I REIS

**O Livro que Conta Histórias dos
Reis de Israel e Judá**



***Se vós e vossos filhos de
qualquer maneira vos
apartardes de mim, e não
guardardes os meus man-
damentos, e os estatutos,
que vos prescrevi, mas
forges, e servides a outros
deuses... então destruirei
a Israel da terra...***

(1 Reis 9.6,7)

I Reis

22 Capítulos
817 Versículos

INTRODUÇÃO

Esboço:

- I. Caracterização Geral
- II. Antigas Formas Desses Livros
- III. Autoria
- IV. Fontes
- V. Data
- VI. Proveniência
- VII. Motivos e Propósito
- VIII. Cronologia
- IX. Cânon
- X. Conteúdo e Mensagem
- XI. Gráfico dos Reis

I. Caracterização Geral

Os livros de I e II Reis, que formavam um único livro de acordo com o cânon hebreu, são livros históricos do Antigo Testamento, incluídos entre os profetas anteriores, ou seja, os livros de Josué até II Reis, que se seguem ao Pentateuco. Esses livros narram a história de Israel desde a conquista da terra de Canaã (século XIII A.C.) até a queda de Jerusalém, em 586 A.C. A história sempre foi importante para os hebreus. Nesses livros há um autêntico material histórico, conforme admitem até mesmo os mais liberais eruditos. Os livros de I e II Reis fornecem-nos a história de Israel desde os últimos dias de Davi e da ascensão de Salomão (cerca de 970 A.C.) até o aprisionamento do rei Jeoaquim, em uma prisão na Babilônia, por Amel-Marduque, em cerca de 561 A.C. Muitos estudiosos crêem, que esses livros, conforme os temos atualmente, incorporam duas edições, a primeira das quais teria sido publicada em cerca de 600 A.C., escrita por um historiador deuterônômico e a segunda, que conteria material suplementar, relativo principalmente à nação do norte, Israel, que teria sido produzida cerca de cinquenta anos mais tarde (ver sobre *Data*, abaixo). Esses livros mencionam várias fontes informativas, pelo que o autor sagrado, mesmo que tenha sido contemporâneo de alguns dos eventos históricos, foi, essencialmente, um compilador. Ver abaixo, sobre as *Fontes Informativas*. Os historiadores respeitam esses livros canônicos como obras sérias, embora supondo alguns que ali há um certo colorido, com propósitos pessoais e teológicos. Por serem complementares do livro de Deuterônômio, eles expõem os grandes ideais da doutrina deuterônômica, como a centralização de toda a adoração sacrificial no templo de Jerusalém, ou como a doutrina da retribuição divina segundo os feitos humanos, bons ou maus.

Esses livros recebem seu nome devido à palavra inicial, no texto hebraico, do livro de I Reis, *wehammelek*, isto é, «e o rei» bem como devido ao fato de que essa porção das Escrituras trata principalmente da descrição dos feitos e do caráter dos monarcas de Israel e de Judá.

II. Antigas Formas Desses Livros

Na Bíblia em hebraico, esses dois livros formavam um único volume, ou rolo. A divisão do livro em dois, ocorreu na Septuaginta, por razões práticas. O hebraico, que era escrito somente com as consoantes, ocupa muito menos espaço do que o grego, que tem vogais como letras separadas. Quando esse livro foi traduzido para o grego, pois, ocupava tanto espaço que não era prático deixá-lo sob a forma de um só rolo ou volume. Por isso, foi dividido em duas porções. A divisão não apareceu na Bíblia hebraica senão quando Bomberg imprimiu a Bíblia hebraica, em Veneza, em 1516-1517. Essa divisão também apareceu na Vulgata Latina impressa. Na Vulgata Latina e na Septuaginta, os livros de I e II Samuel, I e II Reis são tratados como uma história contínua, pelo que ali temos os livros de I, II, III e IV Reis. Embora a divisão entre I e II Reis seja totalmente arbitrária, tem sido preservada nas versões das línguas vernáculas. Essa arbitrária divisão corta bem pelo meio a narrativa sobre o reinado de Acazias. O primeiro capítulo de II Reis termina a narrativa sobre o seu governo. Ainda mais estranho é que a história do profeta

Elias, e a unção de Eliseu, aparecem em I Reis; mas o final dramático do ministério de Elias aparece em II Reis.

III. Autoria

A tradição judaica piedosa, segundo é refletida no Talmude (Baba Bathra 14b) diz que Jeremias foi o autor desses livros. Essa idéia é defendida por alguns estudiosos com base no fato de que parte desse livro (II Reis 25:27-30; atribuída por alguns a um outro autor, que teria começado a escrever em II Reis 23:26) poderia ter sido escrita por Jeremias, para nada dizermos sobre a primeira porção, porquanto a tradição judaica afirma que Nabucodonosor levou esse profeta para a Babilônia, depois que aquele monarca conquistou o Egito, em 568 A.C. Na Babilônia, conforme prossegue a história, Jeremias morreu quando já tinha mais de noventa anos de idade. Segundo esse ponto de vista, a compilação em duas porções fica justificada (ver sobre Fontes, quarto ponto). E a avançada idade de Jeremias teria sido suficiente para satisfazer a cronologia envolvida. Naturalmente, precisamos depender da tradição, a fim de encontrar apoio para essa posição. E muitos duvidam da precisão desta tradição. Por esse motivo, outros eruditos opinam que tenha havido dois distintos autores-compiladores, defensores das tradições teológicas do livro de Deuterônômio, pelo que foram chamados de autores deuterônômicos.

A linguagem usada por Isaías, por Jeremias e pelo autor do livro de Deuterônômio assemelha-se à dos livros de Reis, por conterem um tipo comum de admoestação, de exortação, de reprimenda e de encorajamento, reiterando os mesmos grandes temas da centralização da adoração, no templo de Jerusalém, e da doutrina da retribuição divina, juntamente com uma rígida avaliação espiritual das personagens descritas nesses escritos. Os eventos ali registrados cobrem um período de quatrocentos anos; mas sabemos, com base nas fontes informativas usadas, que tudo foi um trabalho de compilação, em sua maior parte, e que o autor sagrado foi contemporâneo apenas de uma pequena parte dos eventos registrados. Mesmo que Jeremias não tenha sido o autor, é perfeitamente possível que, pelo menos, uma parte dos eventos tenha ocorrido durante a vida do autor sagrado. Provavelmente esse autor foi um profeta, o que se reflete no espírito profético com que esses livros foram escritos. Em cada geração do povo de Israel, parece que os profetas mostraram-se ativos, sempre intervindo na política da nação, e não apenas no culto religioso de Israel. Houve um número muito maior de profetas que escreveram narrativas, do que aqueles cujos livros foram incluídos no cânon hebreu. Ver os comentários sobre Fontes, quarto ponto.

IV. Fontes

Com base em informes nos próprios livros de Reis, sabemos que a porção maior de I Reis (pelo presumível primeiro autor-compilador) dependeu pesadamente de fontes informativas já existentes:

1. O livro da história de Salomão (I Reis 11:41).
2. O livro da história dos reis de Israel (I Reis 14:19).
3. O livro da história dos reis de Judá (I Reis 14:29).

A primeira dessas obras era uma espécie de louvor a grandes homens, com o propósito de salientar a sabedoria, a magnificência e o resplendor do reinado de Salomão. Trata-se de algo similar às memórias dos reis persas. Todos os detalhes foram arranjados de tal modo que fazem os adversários de Salomão parecerem uns anões, em contraste com ele. As outras duas fontes informativas são mais históricas do que biográficas e religiosas, provavelmente representando anais oficiais reais. Os hebreus sempre mostraram ser muito sensíveis para com a história, e esses anais foram cuidadosamente compilados.

4. Alguns eruditos propõem que os capítulos sexto a oitavo de I Reis constituam o reflexo de uma fonte informativa independente, provendo informações sobre a construção do templo de Jerusalém, sua forma de culto e sua dedicação, embora outros duvidem que isso corresponda à realidade dos fatos.

5. Parece que o autor sagrado também tinha acesso a algum tipo de coleção de livros a respeito de Isaías, narrando sobretudo o tem-

po quando ele era amigo e conselheiro de certos reis (II Reis 18:13-20 e capítulo dezenove).

6. A história do reino sobrevivente de Judá, mediante a soltura, no exílio, do rei Jeoaquim (II Reis 18 — 25) que se alicerçaria sobre uma fonte ou fontes informativas distintas, embora não identificadas. Grande parte dessa fonte deve ter sido constituída por narrativas de testemunhas pessoais, compiladas pelo próprio autor sagrado ou por aqueles cujo material escrito foi aproveitado.

Os Profetas e seus livros. As diversas fontes informativas por trás dos livros dos Reis dizem-nos aquilo que também nos é dito em outras fontes, ou seja, que houve uma grande atividade de crônica em Israel, com o envolvimento de vários profetas, de cujos escritos o Antigo Testamento é apenas uma representação parcial. Sabe-se da existência de vários livros de profetas como: a. Crônicas registradas por Samuel, o vidente (I Crô. 29:29). b. Crônicas de Gade, o vidente (I Crô. 29:29). c. Livro da história de Natã, o profeta (II Crô. 9:29). d. A profecia de Aias, o silonita (II Crô. 9:29). e. Livro da história de Ido, o vidente (II Crô. 12:15). f. Livro da história de Semaías, o profeta (II Crô. 12:15). g. História do profeta Ido (II Crô. 13:22). h. Os atos de Uzias, escritos pelo profeta Isaías (II Crô. 26:22).

VI. Data

Como é óbvio, todo o material tomado por empréstimo foi escrito antes de ter sido usado na compilação que há nos livros dos Reis. Como uma unidade, a data não pode ser anterior a 562 A.C., quando, ao que sabemos, Jeoaquim foi liberado de sua prisão, na Babilônia (II Reis 25:27-30). Esse informe histórico fala sobre os favores que lhe foram prestados no fim de sua vida, pelo que o autor sagrado estava escrevendo alguns anos após a soltura de Jeoaquim. É possível que a compilação final tenha ocorrido em cerca de 550 A.C. Entretanto, esse dado pode ter sido adicionado a uma composição escrita anterior. É possível que a porção maior desse livro tenha sido escrita durante o cativeiro babilônico, ou seja, entre 587 e 538 A.C. Alguns estudiosos, porém, acham que devemos pensar em uma data após a morte de Josias (609-600 A.C.), pois supõem que o autor sagrado tenha sido o primeiro a usar o material histórico derivado do recém-descoberto livro de Deuterônomo que, ao que se presume, apareceu em 621 A.C. A lei, sem-par, do santuário central, que figura no décimo segundo capítulo de Deuterônomo, supostamente, seria o princípio avaliador dos reis, conforme é salientado nos livros dos Reis. Esses eruditos também afirmam que um segundo escritor deuteronomista acrescentou a narrativa sobre a liberação do rei Jeoaquim, que seria a seção de II Reis 25:27-30. Essas teorias, porém, não passam de especulações, não havendo maneira histórica, digna de confiança, que nos permita confirmá-las ou rejeitá-las.

VI. Proveniência

Já pudemos notar que os livros de Reis estão, intimamente relacionados às atividades literárias dos profetas hebreus. Tendo sido esse o caso, é provável que esses livros tenham sido escritos em uma das cidades onde essa atividade aconteceu. Os centros proféticos estavam localizados nas áreas fronteiriças, entre as nações de Israel, ao norte, e Judá, ao sul. Lugares como Betel, Gilgal e Mizpa eram centros de ensino, nos dias de Samuel (I Sam. 7:16). Essas cidades, além de Jericó, eram centros dessa natureza, nos dias de Elias e Eliseu. As duas capitais, Samaria (de Israel, ao norte) e Jerusalém (de Judá, ao sul) ficavam cerca de sessenta e cinco quilômetros uma da outra, e as cidades das fronteiras eram suficientemente distantes para que um profeta pudesse expressar idéias, mas não tão distantes que não tivesse informações exatas sobre o que estava ocorrendo em ambas as capitais. Portanto, uma das cidades acima mencionadas pode ter sido o local da compilação de nossos livros de Reis. Entretanto, um lugar como cidade da Babilônia também conta com pontos em seu favor, se os livros de Reis foram escritos durante o cativeiro babilônico.

VII. Motivos e Propósito

O autor da suposta primeira edição de livros dos Reis era admirador do rei Josias, o modelo perfeito de rei aos moldes deuteronomícos. Ele também se entusiasmava diante da grandeza de Salomão, pelo que lançou mão da fonte que descrevia os resplendores do reinado salomônico. Porém, os livros de Reis não estão interessados em meros registros históricos. Há ali tentativas para avaliar a espiritualidade dos reis envolvidos, e, nossa avaliação, projetar aos leitores o tipo de líderes espirituais que convém ao povo. A espiritualidade sofreu um retrocesso, diante da divisão em duas nações, Israel e Judá. A correta adoração era aquela que se efetuava no templo de Jerusalém. As divisões e hostilidades entre os homens servem como empecilhos aos propósitos divinos, felizmente transponíveis. Os homens têm de pagar um preço por causa disso, porquanto Deus é um rígido avaliador e juiz das ações humanas. O propósito do autor sagrado é claramente revelado em I Reis 2:3,4, nas instruções finais dadas por Davi a Salomão: «Guarda os preceitos do Senhor teu Deus, para andares nos seus caminhos, para guardares os seus estatutos, e os seus mandamentos, e os seus juízos, e os seus testemunhos, como está escrito na lei de Moisés, para que prosperes em tudo quanto fizeres, e por onde quer que fores; para que o Senhor confirme a palavra que falou de mim...»

Há um só Deus, como também um único santuário. Todos os homens são responsáveis, diante de Deus. A lei da colheita segundo a sementeira haverá de prevalecer. A vida dos homens prova esses fatos. Contudo, a misericórdia divina e o destino da alma têm prosseguimento. A narrativa da soltura de Jeoaquim não deve ser considerada um mero apêndice. Antes, é uma nota de esperança. Deus, embora muito severo em seus juízos, nunca abandonou o seu povo. Ele exilou o seu povo em razão de seus pecados; mas não deixou de restaurá-los. A linha davídica não fora finalmente rejeitada. A história da redenção tinha prosseguimento.

VIII. Cronologia

O leitor poderá consultar o artigo sobre a *Cronologia do Antigo Testamento*. Ali fica demonstrado que as cronologias antigas não tinham a finalidade de serem exatas, historicamente falando. Havia outras forças por trás delas. Em primeiro lugar, há simetria. Anos foram adicionados ou subtraídos, a fim de emprestar simetria às listas cronológicas. Em segundo lugar, interesses pessoais, crenças, etc. podem ter alterado as listas. Um indivíduo ímpio, assim sendo, era eliminado de uma lista por razão de sua iniquidade. Em terceiro lugar, as cronologias, tal como as genealogias, eram apenas representativas, e não absolutas. Especificamente, no que diz respeito aos livros de Reis, o período da monarquia dividida é apresentado juntamente com um cuidadoso sistema de referências cruzadas, entre os reis de Judá e de Israel. Apesar disso, evidentemente está em operação a atividade simetrizadora, porquanto a soma dos anos de governo dos reis de Israel, em um dado período, não corresponde à soma dos anos de governo dos reis de Judá, durante o mesmo período. O período desde a subida ao trono de Reoboão até a morte de Azarias aparece como noventa e cinco anos, mas o período correspondente em Israel, de Jeroboão até a morte de Jorão, aparece como noventa e oito anos. Além disso, o total de anos de governo desde Atalias até o sexto ano do reinado de Ezequias é de cento e sessenta e cinco anos; mas, o mesmo período em Israel, de Jeú até a queda de Samaria, aparece como cento e quarenta e três anos e sete meses. Parte dessa discrepância pode ser explicada pela contagem de parte de anos como se fossem anos inteiros. Também há o problema da co-regência, onde pai e filhos compartilhavam do trono por certo número de anos, embora esses anos fossem subsequentemente alistados em separado, nos cálculos cronológicos. Ver os casos de Davi e Salomão (I Reis 1:34,35) e de Azarias e Jotão (II Reis 15:5).

A isso podemos acrescentar o problema do uso de dois tipos de calendário em Israel, o civil e o religioso que eram diferentes um do outro. Ver sobre o *Calendário*, onde damos um gráfico sobre o calendário judaico, ilustrando a questão. Várias obras descrevem em detalhes as

razões possíveis dessas discrepâncias cronológicas, sendo fácil negligenciarmos a mais grave delas, a saber, que os antigos autores simplesmente, não se preocupavam com cronologias exatas, conforme os modernos historiadores fazem, pelo que nenhum exame e manipulação podem explicar as coisas que aparecem nessas genealogias bíblicas. O artigo no *Dicionário* ilustra abundantemente essa declaração.

Seja como for, as listas e as datas dos reis de Israel e de Judá, incluindo as comparações entre essas listas, aparecem no artigo sobre *Cronologia*, em seu quinto ponto, Períodos Bíblicos Específicos. f. Da fundação do Templo de Salomão até a sua Destruição.

IX. Cânon

Provenimos no Dicionário um artigo sobre o assunto, no caso do Antigo e do Novo Testamento, onde oferecemos detalhes. A questão é complexa, porquanto, em nosso cânon sagrado, há livros, de ambos os Testamentos, que por muito tempo não foram universalmente aceitos. Porém, no que tange aos livros de Reis, que, originalmente, eram apenas um rolo ou livro o cânon hebraico nunca os omitiu. De acordo com Josefo, o cânon dos judeus ficou completo por volta de 400 A.C., composto de vinte e dois livros, que correspondem exatamente aos trinta e nove livros do Antigo Testamento de edição protestante, ainda que a ordem desses livros não seja a mesma na Bíblia hebraica e na Bíblia cristã. Para os hebreus, os livros de Reis faz parte dos escritos dos profetas. Nos arranjos posteriores, porém, os nossos livros de Reis aparecem entre os livros históricos.

X. Conteúdo e Mensagem

1. Salomão, o Rei (I Reis 1:1 — 11:43)
 - a. Subida ao trono (1:1-53)
 - b. Recomendações de Davi (2:1-46)
 - c. Casamento e sabedoria (3:1-28)
 - d. Sua administração (4:1-34)
 - e. Suas atividades como construtor (5: 1 — 8:66)
 - f. Sua prosperidade e esplendor (9:1 — 10:29)
 - g. Sua apostasia (11.43)
2. Reinados comparativos de reis em Israel e em Judá (I Reis 12:1 — II Reis 17:41)
 - a. Reoboão-Josafá (I Reis 12 — 22)
 - b. Jeorão-Acaz (II Reis 8 — 16)
 - c. Ezequias-Amom (II Reis 18-21)
 - d. Josias-Zedequias (II Reis 22 — 25)
3. Reis de Judá, após a queda de Samaria, até a queda de Jerusalém (II Reis 18:1 — 25:26)
 - a. Ezequias (18:1 — 20:21)
 - b. Manassés (21:1-18)
 - c. Amom (21:19-26)
 - d. Josias (22:1 — 23:30)
 - e. Jeoacaz (23:31-35)
 - f. Joaquim (23:36 — 24:7)
 - g. Jeoaquim (24:7-17 e 25:27-30)
 - h. Zedequias (24:18 — 25:26)

Julgamentos de Valor e História. O autor sagrado não temia fazer julgamentos de valores. Mostrou-se sempre cômico das operações de Deus entre os homens, bem como da responsabilidade dos homens diante de Deus. Os principais aspectos de sua mensagem são bons para qualquer época. Há um só Deus. Deus é severo e inflexível em relação ao pecado. Para o autor sagrado, devemos ter uma visão teísta de Deus, um Deus que galardoa e castiga. Deus é imanente em sua criação. Ver no Dicionário os artigos *Teísmo*, em contraste com o *Deísmo*. O pecado é uma questão séria, que resulta em desastre para a alma, conforme a história dos livros de Reis o demonstra. A comunidade dos homens é considerada responsável, e não apenas o indivíduo. Há misericórdia divina e restauração, porquanto Deus está esperando para acolher aqueles que se voltam para ele de todo o coração, de toda a alma (I Reis 8:48). O cativo foi revertido por meio do retorno.

As realizações religiosas dos reis parecem mais importantes para o autor sagrado, do que seus feitos políticos e militares. Dois desses reis, Onri e Jeroboão II, que obtiveram o maior sucesso econômico e político, merecem breves comentários apenas. Os historiadores seculares, porém, ter-se-iam demorado mais sobre esses dois. Mas o autor dos livros de Reis não se interessou muito por eles. A Acabe e seus filhos foram dedicadas várias páginas, não porque foram bons, como reis ou como homens, mas por causa de seus conflitos com Elias e Eliseu. E o autor sagrado anelava por contar essa história com pormenores. Reis como Josafá, Ezequias, e Josias recebem descrições entusiasmadas, porquanto lideraram movimentos de reforma religiosa.

Teologicamente falando, esses livros complementam a narrativa da história de Israel, sob a orientação divina, conforme vemos nos livros de Êxodo, Josué, Juizes e I e II Samuel. O autor sagrado deve ter sido um profeta-historiador, e o resultado de seus esforços foi uma história de forte cunho religioso.

XI. Gráficos dos Reis ver 16.9

Ao Leitor

O leitor sério que examinar o livro de I Reis preparará o caminho para seu estudo pela leitura da introdução ao livro. Ela aborda questões como caracterização geral, formas antigas de I e II Reis, autoria, fontes informativas, data, proveniência, motivos e propósitos, cronologia, cânon, conteúdo da mensagem e um gráfico dos reis.

Preparei uma única introdução para os livros de I e II Reis. Na Bíblia hebraica, esses dois livros formavam uma única unidade. A divisão em dois livros começou na versão da Septuaginta, e esse modo de manusear o material foi adotado pelas traduções modernas. Mas naquela versão, esses dois livros são III e IV Reis, ao passo que I e II Samuel são I e II Reis.

Título. Os dois livros foram chamados *Reis* porque registram e interpretam o reinado de todos os reis de Israel e Judá, excetuando Saul. Os dias finais de Davi também foram registrados, ao passo que sua história aparece em I e II Samuel. A maior parte dos eventos de seu reinado é apresentada nos capítulos 2-24 de II Samuel e nos capítulos 11-29 de I Crônicas. O título *Reis* apareceu primeiramente na tradução latina feita por Jerônimo, cerca de seis séculos após a Septuaginta.

Escopo. I e II Reis registram a história de Israel desde o começo do movimento para colocar Salomão no trono, até o fim do reinado de Zedequias, o último rei de Judá. Foi nos dias de Zedequias que ocorreu o cativeiro babilônico (597 A. C.). Ver no *Dicionário* os artigos *Cativeiros*, *Cativeiro Assírio* e *Cativeiro Babilônico*. Ver também *Rei*, *Realeza*, quanto a informações sobre os reis, incluindo um gráfico em que todos eles e suas respectivas datas são listados.

"I Reis registra a morte de Davi, o reinado de Salomão, a edificação do templo, a morte de Salomão, a divisão do reino sob Reoboão e Jeroboão, e a história dos dois reinos até o reinado de Jeorão sobre Judá e Acazias sobre Samaria. O livro inclui o poderoso ministério de Elias... Os eventos registrados no livro cobrem 118 anos (Ussher)" (*Scofield Reference Bible*, introdução).

Citações no Novo Testamento:

Lucas:

4.26 (I Reis 17.9)

Atos:

7.47 (I Reis 6.1,3); 13.36 (I Reis 2.10)

Romanos:

11.3 (I Reis 19.10); 11.4 (I Reis 19.18)

Apocalipse:

11.6 (I Reis 17.1); 11.19 (I Reis 8.1,6)

Capítulo Um

Salomão, o Rei (1.1 – 11.43)

Subida ao Trono (1.1-53)

Os capítulos 1-2 de I Reis formam uma seção que originalmente era a continuação dos capítulos 9-20 de II Samuel. Estes capítulos foram separados daquele material e tornaram-se uma digna introdução à história do reinado de Salomão. O material forma uma boa prosa, e o autor parece ter disposto de fontes de informação de primeira mão. Portanto, estava bem consciente dos enredos e contranredos da vida na corte. Os livros de Crônicas, que tão frequentemente *contêm paralelos* dos materiais de II Samuel e dos livros de Reis, não apresentam esses capítulos introdutórios. Talvez o autor quisesse deixar de fora qualquer *dúvida* que circundasse a questão de que Salomão deveria ou não ser o sucessor de Davi.

Os vss. 1-53 do primeiro capítulo relatam sobre os *rivais* do trono de Davi. Parece que Adonias seria o herdeiro legítimo, se a idade dos filhos de Davi tivesse sido seguida. Adonias era o mais velho entre os filhos sobreviventes de Davi. A maioria dos oficiais da corte o apoiava. Além disso, havia o problema de Salomão ser filho de Bate-Seba, que fora esposa de Urias. Isso, por certo, foi um fator contrário à subida de Salomão ao trono, aos olhos de muitos. A posição de rainha-mãe era de grande prestígio, e assim Bate-Seba sempre apoiou ativamente o filho para que subisse ao trono. Cf. I Reis 15.13. Natã, o profeta, também o apoiava ativamente (ver I Reis 1.10 e ss.) e apelou para a ajuda de Bate-Seba na promoção da causa de Salomão. Presumivelmente ele possuía informações, da parte de Yahweh, de que Salomão deveria ser o próximo rei.

1.1-2

Sendo o rei Davi já velho. Davi era muito idoso e sua saúde já estava abalada. Era óbvio que a morte o rondava. Finalmente, ele morreu, com a idade de 70 anos (ver II Sam. 5.4). Imediatamente antes de morrer, enfrentou péssimas condições de saúde. Por causa de sua baixa temperatura, ele precisava de alguém que o *aquecesse* em seu leito. Portanto, em lugar de dormir com uma de suas muitas esposas, Davi teve o privilégio de contar com uma bela e jovem virgem para mantê-lo aquecido. Naturalmente, a situação era verdadeiramente ridícula. Mas o rei tinha privilégios especiais (e algumas vezes ridículos). Sem dúvida, a jovem mulher, embora tivesse permanecido virgem, tornou-se outro membro do harém de Davi; portanto, do ponto de vista moral, nada houve de errado com isso. No entanto, a questão inteira era bastante grotesca. *Por outra parte*, o idoso homem teve seus dias finais iluminados por aquela bela e jovem mulher, em lugar de uma *idosa* esposa, podendo derivar algum calor do corpo dela nas noites frias. E o que ilumina os anos ou dias finais de um homem idoso não pode ser desprezado.

Tanto *Josefo* quanto *Galeno*, o médico grego, sempre incentivaram a prática terapêutica de trazer mulheres jovens aos dormitórios de homens idosos. A jovem mulher também seria enfermeira de Davi. Uma de minhas fontes informativas surpreende-me ao dizer que essa prática continuou até a Idade Média, e estou conjecturando que tenha sido a Igreja Católica que a desencorajou. Portanto, o que era uma boa terapia foi finalmente considerado moralmente mau.

Vigor Sexual. A fertilidade em um rei era considerada fonte de prosperidade para a nação inteira. Um *rei*, afinal de contas, não deveria ser um homem impotente. Alguns comentadores sugerem que a jovem mulher supostamente deveria rejuvenescer o idoso homem, mas tal esforço estava fadado ao fracasso. A idéia dos antigos era que o corpo jovem de uma bela mulher transmitiria a um idoso saúde e vigor, e não somente calor. Não acredito que isso funcione, mas valia a pena o esforço. A experiência precisava ser feita e a teoria tinha de ser submetida a teste.

Um Davi impotente não estava mais qualificado para ser rei, e o fato de ter caído nessa desgraça significava que ele estava prestes a ser substituído.

“Não há nenhum ponto importante na história de I Reis 2.12-25, a menos que Abisague (a jovem mulher em questão) fosse mais do que mera enfermeira do idoso Davi. Ela deve ter sido considerada esposa de Davi, ou Salomão não teria interpretado o pedido de Adonias (de ter a mulher como sua esposa, depois da morte de Davi) como uma tentativa de ele chegar ao trono” (Normal H. Snaith, *in loc.*).

Debilidade e Força. O antes poderoso Davi tornara-se débil, velho e impotente. É como meu médico me disse recentemente: “Coma bem. Com o tempo, isso é tudo quanto você terá!”. A vida segue esse curso, e nos lamentamos. Isso nos ensina a não investir no que é material, e sempre manter os valores espirituais perante nossos olhos, como a verdadeira orientação para a existência diária.

*Algun dia partir-se-á o fio de prata,
E não mais, como agora, cantarei;
Mas, oh, a alegria, quando eu despertar,
Dentro do palácio do Rei!*

*E eu O verei face a face,
E contarei a história: Salvo pela graça.*

Fanny J. Crosby

1.3

Acharam Abisague, sunamita. A jovem escolhida era a encantadora e virgem Abisague, enfermeira, aquecedora e nova esposa de Davi. Ver o artigo detalhado sobre ela no *Dicionário*. Não reitero os detalhes dados ali.

Sunamita. Em outras palavras, Abisague era natural da cidade de *Suném*, um local próximo ao pé do monte Tabor, no território de Issacar, 11 quilômetros a noroeste de Nazaré. Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Sulamita* e *Suném*; esses são artigos detalhados, pelo que não repito aqui essas informações. Parece que a beleza da jovem mulher chegou a cativar o coração de Salomão (ver Can. 6.13, que pode referir-se a ela sob um nome alternativo). Mas a conexão talvez seja apenas uma *conjectura*.

Adam Clarke informa-nos (*in loc.*) que certo frade Bacan pensava que a cura para a idade avançada de um homem era ter uma bela jovem deitada perto dele. Sempre valeu a pena experimentar a teoria, *em nome da ciência*, naturalmente.

John Gill (*in loc.*) comentou que a jovem tinha de ser *bela*, pois Davi não suportaria a *visão* de uma mulher velha, deformada e decrépita, e *muito menos* a toleraria deitada em seu leito. Esse tipo de enfermeira só faria um homem doente tornar-se ainda mais doente.

1.4

Cuidava do rei e o servia. Sempre me admira ver como uma jovem mulher realmente pode sentir alguma coisa por um homem velho. Mas parece que isso, realmente, acontece. Nesse caso, a jovem não está somente à cata de dinheiro. Por isso, o autor sacro teve o cuidado de dizer-nos que Abisague realmente veio cuidar do idoso Davi. Assim diz a King James Version. A Revised Standard Version diz apenas que Abisague servia ao idoso rei, e a nossa versão portuguesa segue essa representação menor dos sentimentos da jovem.

O rei não a possuiu. Em outras palavras, o casamento nunca foi consumado, pelo simples fato de que o idoso Davi era impotente. A *terapia* não deu certo. Ela apenas lhe transmitiu calor corporal, mas não saúde e vigor. O idoso corpo físico de Davi continuava a desintegrar-se. Uma de minhas fontes informativas diz que eles não praticaram o sexo “porque essa não era a função dela”. Abisague era apenas a enfermeira de Davi. Mas Thomas L. Constable está certamente equivocado nesse comentário. O sexo era considerado parte do processo de rejuvenescimento, para mostrar que o antes poderoso Davi não estava totalmente decrépito. Ver meus comentários sobre o segundo versículo deste capítulo, quanto a maiores detalhes sobre a “terapia” que estava sendo aplicada.

Vale a pena lembrar que o rei Davi, no auge da juventude, havia abusado do vigor sexual. Teve um número exagerado de mulheres. Além disso, caiu no adultério e no homicídio. Agora que havia uma jovem e bela mulher deitada ao lado dele, na cama, à noite, ele se mostrava impotente para consumir seu casamento mais recente! Penso que essa é uma justiça poética.

Por que Essa História sobre Abisague? Um dos motivos do relato é que o incidente é interessante e atrai a nossa atenção. Mas a verdadeira razão era mostrar que Davi tinha de ser substituído como rei. Nenhuma terapia poderia rejuvenescê-lo. Por conseguinte, surgiu uma rivalidade em torno da questão sucessória. Um dos pretendentes ao trono era um filho de Davi que queria ter Abisague como esposa, depois que Davi morresse. Mas isso foi interpretado como uma tentativa de apossar-se do trono, visto que novos reis tomavam para si os haréns dos anteriores. O homem, Adonias, foi executado por ordem de Salomão, devido a essa circunstância (ver I Reis 2.23-25).

1.5

Então Adonias, filho de Hagite. Adonias era o filho sobrevivente mais velho de Davi (ver o artigo sobre ele no *Dicionário*). Declarou suas intenções de ser o próximo rei. Era uma reivindicação razoável, mas ele acabaria sendo executado por Salomão, conforme explicado nas notas sobre o versículo anterior. As preparações para subir ao trono incluíam a reunião de uma guarda pessoal, um pequeno destacamento de homens equipados com carros de combate e cavaleiros, e cinquenta homens para correr diante do pequeno “exército” e impressionar o povo com a

importância do movimento. Em sua tentativa de ficar com o trono, Absalão fizera algo similar (ver II Sam. 15.1). Davi não detivera Absalão naquela circunstância, nem fizera Adonias parar agora. Talvez Davi pensasse em Absalão como o herdeiro legítimo do trono, e então, após a morte de Absalão, Adonias seria o homem certo para o posto. Mas a *estrela de Salomão* começava a elevar-se agora, e ele perturbaria essa programação. Estritamente falando, Adonias era o quarto filho nascido a Davi (ver II Sam. 3.4), sendo provável que estivesse agora com cerca de 33 anos de idade. I Reis 2.22 mostra-nos que a senioridade era um fator na sucessão ao trono.

Hagite. A mãe de Adonias era um membro obscuro do harém de Davi. É mencionada por cinco vezes no Antigo Testamento, o que mostro no artigo sobre ela no *Dicionário*.

1.6

Jamais seu pai o contrariou. Ao que tudo indica, mesmo enquanto vivia, Davi não encorajou o filho a lutar pelo trono, mas também nunca o desencorajou. Provavelmente, ele pensava que Adonias era um bom candidato e o herdeiro natural (como filho mais velho). Adonias também era bastante simpático e de maneiras agradáveis. “É evidente que tanto Absalão quanto Adonias tinham o bom aspecto de seu pai e maneiras atraentes. Adonias e seus amigos tiveram uma festa sacrificial na qual, ao que parece (vss. 9 e 13), Adonias foi proclamado rei” (Norman H. Snaith, *in loc.*).

“A semelhança entre Adonias e Absalão, com respeito à beleza pessoal, favorecida por um pai por demais indulgente, ambicioso e confiante na popularidade, evidentemente é sugerida pela narrativa, que os coloca em íntima conexão, embora nascidos de mães diferentes” (Ellicott, *in loc.*).

“O *Fracasso de um Pai*. Estaria Davi tão ocupado com os negócios públicos que negligenciara a criação apropriada de seu filho, que em tempo algum o desagradou perguntando-lhe: Por que fizeste isto ou aquilo?” (Ralph W. Sockman, *in loc.*).

Um oficial universitário queixou-se sobre os problemas criados pelo “lar centrado nas crianças”, em que os pequeninos governam e os pais os seguem. Os filhos crescem sem aprender a restrição, a moderação e o jogo limpo com outras pessoas. A família é o primeiro campo de treinamento. Um pai deve a seus filhos três coisas: exemplo, exemplo, exemplo.

Davi “sempre o divertira em todas as coisas, deixando-o fazer a sua vontade e caminho, e concedendo-lhe o que ele desejava, nunca o corrigindo por suas falhas, ou nunca o envergonhando, conforme nos dizem os Targuns... Isso não foi feito para crédito de Davi, o qual se tornou assim culpado do mesmo pecado de Eli, em relação aos filhos” (John Gill, *in loc.*).

1.7

Joabe. Agora um homem avançado em anos, ainda exercia larga influência. Continuava sendo o comandante-em-chefe do exército e estava cercado por homens leais. Era urgente obter seu apoio para o programa real de Adonias. Joabe haveria de perder a vida por ter apoiado Adonias (2.34), e presumivelmente esse foi um daqueles casos de colheita segundo a sementeira, em que o matador foi morto. Seja como for, chegar a sua hora e ele precisava ir-se. Ser sobrinho de Davi não o salvou. Adonias não tinha nenhum controle sobre o exército que comandava, porquanto quem o exercia era Benaia, capitão da guarda pessoal de Davi, que se colocou ao lado de Salomão. Este foi um fator decisivo no processo da sucessão.

Abiatar. Este era outro homem de cujo apoio Adonias precisava. Foi o único sobrevivente do massacre de Saul contra os sacerdotes da casa de Eli, os sacerdotes hereditários da arca de Silo. Ver I Sam. 2.27,28; 22.20. Este homem havia compartilhado toda a vida de Davi, os altos e os baixos, as vitórias e as derrotas. Mas quando Davi chegou ao poder, ele nomeou Zadoque co-sacerdote, durante algum tempo, pelo que houve então dois sumos sacerdotes. Entretanto, a profecia anunciara que os filhos de Eli deixariam de ser sacerdotes, isto é, deixariam o *sumo sacerdócio*, e isso fez com que a família de Zadoque ocupasse a posição. Ver o artigo sobre *Abiatar*, quanto a detalhes. Os descendentes de Zadoque foram sacerdotes em Jerusalém durante todo o período em que o templo existiu. Mesmo depois do exílio, os sacerdotes eram chamados de ‘os sacerdotes dos filhos de Arão, dois terços deles eram zadoquitas’ (I Crô. 24.4). Ver sobre *Zadoque* no *Dicionário*, quanto a detalhes.

Uma de minhas fontes informativas sugere que Joabe e Abiatar se mostraram assim *desleais* para com Davi, mas não parece que algo já estivesse decidido, e Salomão ainda não havia sido aprovado para suceder Davi. Portanto, não houve deslealdade envolvida. O movimento de oposição, mais tarde, quando Salomão recebeu a aprovação de Davi, tornou-se desleal, por não ter atendido aos desejos do rei.

1.8

Zadoque. Ver os comentários sobre o sétimo versículo quanto à relação entre Abiatar e Zadoque. Esse homem era um dos sumos sacerdotes da época, e

ele e Benaia tomaram partido de Salomão. Também contavam com a companhia e o apoio do profeta Natã, bem como dos notáveis líderes militares, Simei e Rei. Ver no *Dicionário* os artigos sobre eles. *Rei* era uma figura obscura, pelo menos da perspectiva do registro bíblico, mas é óbvio que deve ter sido um homem importante, ou Salomão jamais teria buscado seu apoio.

Natã. Este profeta tinha considerável influência. Ver II Sam. 7.5-17 e 12.1-15 quanto a histórias anteriores sobre ele. Esteve especialmente interessado em Salomão desde o nascimento dele, e naturalmente o apoiava como o futuro rei. Ver II Sam. 12.25. A *rivalidade* era, essencialmente, entre os que tinham sido camaradas de Davi (e apoiavam Adonias) e os que se tornaram fortes nos anos posteriores de Davi (e apoiavam Salomão). Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Natã*. Ele tinha chamado Salomão de Jedididas, “amado de Yahweh” (ver II Sam. 12.25), o que demonstrava o afeto especial por Salomão desde o começo.

1.9

Imolou Adonias ovelhas e bois. Foi uma festividade, mas também um tempo de sacrifícios especiais, indicando uma espécie de coroação formal de Adonias, com a participação de seus principais apoiadores, incluindo o pequeno exército que ele havia reunido. Uma regular representação da família real (os filhos do rei) também se fez presente à festa, como também muitos servos do rei, militares e civis. Eles não sabiam que estavam apoiando um cavalo morto.

Zoelete... Rogel. Ver sobre esses nomes no *Dicionário*. A pedra de Zoelete é mencionada somente neste versículo. Era uma pedra ou rocha que havia perto de Rogel, uma das fontes próximas de Jerusalém, no vale do Cedrom. Rogel era uma fonte sagrada, provavelmente identificada com a fonte de Jacó (Bir Ayyub), e não com a fonte da Virgem, em Giom, onde se deu a coroação de Salomão (vs. 33). *Giom* ficava mais perto de Jerusalém, fora de vista do poço de Jacó, mas não muito distante. Ver detalhes sobre essa fonte, no *Dicionário*.

1.10

Os Não-convidados. A rivalidade já era um fato consumado, e assim, naturalmente, Adonias teve o cuidado de não convidar a oposição. Salomão, meio-irmão de Adonias, não recebeu convite; nem Benaia, o principal chefe militar que lhe dava apoio, nem os muitos *homens poderosos* (civis e militares) que apoiavam Salomão. E, naturalmente, Natã, o profeta, também não foi convidado.

1.11

Disse Natã a Bate-Seba. Natã estava alarmado pelos acontecimentos recentes e falou sobre Adonias como se ele já estivesse reinando. O velho e decrépito Davi, fazendo no leito com sua jovem mulher aquecedora, não estava cômico do que ocorria, mas ainda tinha poder, foi informado imediatamente. Ademais, Natã reconheceu que seu apoio a Salomão tinha de ser urgente, a fim de que a onda de maré criada por Adonias cessasse.

Bate-Seba. A mãe de Salomão sem dúvida ainda era a esposa favorita de Davi, a despeito do fato de que a nova virgem estava cuidando dele. Bate-Seba exercia grande influência junto a Davi, e Natã tinha de aproveitar esse potencial em benefício de Salomão. Presumimos que o autor sagrado queria que pensássemos que *Yahweh* inspirava seu profeta a fazer Adonias parar. Ao que tudo indica, Davi fizera um voto em favor de Salomão, embora tal coisa não tenha ficado registrada (exceto aqui). Natã exortaria Davi, através de Bate-Seba, a conservar esse voto, que era considerado algo *sagrado* em Israel. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Voto*. Ver o vs. 18 do presente capítulo sobre a ignorância de Davi a respeito de toda a questão. É um erro falar aqui sobre Adonias a *usurpar* o trono (ver John Gill, *in loc.*). Se Salomão tivesse encarado as coisas dessa maneira, teria executado a Adonias por *essa* razão, o que ele não fez (ver I Reis 1.51-53). Adonias só foi executado mais tarde, quando tentou conseguir Abisague como esposa, atitude considerada uma tentativa de apropriação do harém do antigo rei, ou seja, uma tentativa de obter o trono (ver I Reis 2.23-25).

1.12

Permite que eu te dê um conselho. Natã, talvez em nome de *Yahweh*, que era seu guia, sentiu quão urgente era que Bate-Seba interviesse na questão sucessória do trono. Ela precisava defender a causa de Salomão, o que talvez representasse defender a vida de ambos. Adonias, à maneira dos reis orientais, provavelmente eliminaria a oposição, uma vez que subisse ao trono, e Salomão e sua mãe seriam as primeiras vítimas desses esforços consolidadores.

“O sucesso de Adonias por certo envolveria a execução, mais cedo ou mais tarde, do candidato rival e de seus apoiadores conhecidos. No fim, tanto Adonias quanto Joabe perderam a vida, e essa teria sido também a sorte de Abiatar, não

fora ele um sacerdote e, portanto, uma pessoa sagrada e inviolável" (Norman H. Snaith, *in loc.*). Cf. este versículo com II Crô. 21.4.

"O maldita concupiscência pelo poder! Um pai destrói ao próprio filho, um filho depõe ao próprio pai, um irmão assassina a outro irmão, tudo a fim de obter uma coroa!" (Adam Clarke, *in loc.*). Ver Jui. 9.5.

1.13

Davi estava idoso e decrepito, e dormir com a bela e jovem virgem não lhe fizera bem algum. Por outra parte, ele continuava sendo rei, e uma apreciável porção do exército o apoiava. Portanto, estava em seu poder escolher qual de seus filhos se tornaria o rei. E era tarefa de Bate-Seba levá-lo a optar por Salomão. O vs. 17 deste capítulo refere-se a um voto que Davi fizera de que tornaria Salomão o seu sucessor. Não há registro bíblico de que Davi tenha feito esse voto. Mas se isso é verdade, então Natã e Bate-Seba tinham, definitivamente, uma vantagem inicial.

Se Salomão era o filho escolhido para ser rei, então por que Adonias se meteu na questão? Como é que coisa alguma fora feita para interromper a sua "coroação" (vs. 9)? Bate-Seba falou sobre Adonias como se ele já estivesse reinando, e por isso Davi deve ter levado a sério o movimento encabeçado por Adonias. Algo precisava ser feito imediatamente para parar o que estava acontecendo, e somente Davi (a menos que houvesse uma guerra civil) tinha o poder de fazer isso. Bate-Seba, sem dúvida, por muitos anos, havia sido a esposa favorita de Davi, sendo provável que, em muitas ocasiões, tivesse influenciado as decisões do rei. Uma vez mais, ela usaria seus poderes de persuasão.

1.14

Eu também entrarei depois de ti. Natã entraria no dormitório de Davi somente no momento certo, interrompendo a conversa particular que Bate-Seba estaria tendo com Davi, ou pouco depois que ela terminasse. Então Natã far-se-ia presente para fortalecer os argumentos dela. A ansiedade maternal pavimentaria o caminho, então Natã traria sua palavra autorizada como homem de Deus. Ele poderia até falar sobre como Yahweh o estava inspirando. Cf. Ester 4.10-16.

"Natã sabia que era da vontade de Deus que Salomão fosse o rei seguinte... Ver II Sam. 7.12; I Crô. 21.8,9. Contudo, na qualidade de homem sábio e bom, julgou ser correto fazer uso de todos os meios apropriados para atingir essa finalidade" (John Gill, *in loc.*).

1.15

Bate-Seba tinha acesso ao rei como uma de suas principais esposas, e o fato de que as coisas tinham mudado e de que a bela virgem Abisague dele cuidava não alterou a situação de forma alguma. A maior parte das rivalidades nos haréns antigos envolvia qual mulher tinha o maior número de filhos, pois essa possuiria maior prestígio diante do marido e da sociedade. Portanto, não parece que Bate-Seba ou Abisague tenham ficado embaraçadas, para dizer o mínimo, pela entrevista, embora ambas estivessem na presença de Davi. Era evidente que Davi estava confinado ao seu leito. O fim estava, verdadeiramente, próximo, o que aumentava a urgência da questão. Davi estava "decrepito, vergado pelas enfermidades da idade avançada, embora tivesse apenas 70 anos de idade" (John Gill, *in loc.*). Davi tinha vivido o tipo de vida selvagem que fazia dele um homem realmente velho naquela idade.

1.16

Bate-Seba inclinou a cabeça. *Embora fosse esposa,* Bate-Seba também era súdita do rei, e aproximou-se dele com a mesma reverência que seria demonstrada por qualquer outra pessoa. Verdadeiramente, as coisas tinham mudado. Ele era soberano e, embora idoso e próximo do fim, ainda tinha autoridade. Em suas mãos estavam os poderes de vida e de morte, e o exército obedeceria a qualquer ordem que ele desse. Ademais, era imperativo que Bate-Seba causasse boa impressão sobre Davi, visto que iria solicitar um favor significativo.

1.17

O Alegado Voto de Davi. Davi estava idoso, e é até possível que Bate-Seba tivesse inventado o alegado voto que, supostamente, o rei fizera em algum tempo no passado. Não há registro de voto dessa natureza que Davi tenha feito em favor de Salomão, mas isso anularia a possibilidade de ela ser atendida. Os votos eram considerados sagrados em Israel, ou seja, se Davi tivesse feito tal afirmação (o que sempre trazia Yahweh à questão, na qualidade de testemunha), então Bate-Seba já era a vencedora em seu caso. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Voto*. Bate-Seba afirmou que o voto era tão sério que ela trouxe à tona dois dos três nomes divinos no Antigo Testamento. Yahweh e Elohim. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Deus, Nomes Bíblicos de*. Davi tinha escrito:

Cumprirei os meus votos ao Senhor, na presença de todo o seu povo.

(Salmo 116.14)

"O respeito de Davi por seu voto ao Senhor, por mais que sua mente senil tenha sido manipulada por cortesões espertos, revela uma pedra fundamental na tradição hebraico-cristã que sublinha a lei civil com a soberania divina" (Ralph W. Sockman, *in loc.*).

1.18

Jazendo enfermo em seu leito, Davi não se envolvia mais nos negócios diários do Estado, nem ao menos estava consciente de que Adonias lutava para apossar-se do trono e havia chegado ao ponto de ter sido "coroadado". Entre outras razões, Bate-Seba deixou entendido que, se Davi soubesse do que estava ocorrendo, já teria agido em favor de Salomão, para impedir toda aquela tentativa de Adonias. É pelo menos curioso que Adonias tivesse feito tudo aquilo sem ao menos consultar seu pai, o rei, o qual, como é óbvio, teria algo a dizer sobre a propriedade da questão. O fato de que Adonias nem ao menos comunicou a Davi seus planos mostra-nos que ele tinha pouco respeito por seu velho pai. O desrespeito e a desobediência estavam envolvidos na questão.

1.19

Imolou bois e animais. *A coroação de Adonias* (ver o vs. 9) deve ter perturbado violentamente a Davi. Ele não havia expressado aprovação, nem havia dado ordens a respeito. Não havia apoiado o movimento em favor de Adonias (o mais velho filho sobrevivente). Este versículo repete a lista de apoiadores de Adonias, que já tinha sido dada e comentada nas notas sobre o vs. 7. O autor menciona novamente o óbvio: Salomão, meio-irmão de Adonias, um rival ao trono, não fora convidado à festa. Ver o décimo versículo deste capítulo. Ele também não se importou de convidar os apoiadores de Salomão (vs. 8).

1.20

Os Olhos de Todo o Povo de Israel Estavam Fixos sobre Davi. Ele estava idoso e próximo da morte, mas a sua palavra ainda era toda-importante. Ele podia deter a maré que tinha varrido a terra de Israel em favor de Adonias. Podia forçar a coroação de Salomão, mesmo que a maioria dos cidadãos de Israel não o desejasse como rei. Havia rivais, cada qual envolvido em sua própria campanha para ganhar o poder. Davi, pois, tinha *responsabilidade* de pôr fim à confusão e salvar Israel através de Salomão, a escolha divina para o trono.

"A monarquia de Israel não era (estritamente) nem hereditária nem eletiva. O rei simplesmente nomeava o seu sucessor. Era assim que a coisa funcionava, mais ou menos, nos tempos antigos, na maioria dos países" (Adam Clarke, *in loc.*). Naturalmente, guerras intermináveis mudavam as coisas. Havia reis que se levantavam por terem matado a seus rivais, e não por serem nomeados por reis anteriores.

Uma Lição Moral. Todos os olhos, em Israel, estavam voltados para Davi. Em um sentido secundário, olhos seguem-nos para ver o que faremos, e mentes julgam a propriedade (ou falta de propriedade) de nossos atos. Assim sendo, todos nós, tais e quais Davi, somos submetidos a constante teste.

"Eles não somente o consideravam dotado de autoridade para nomear seu sucessor, o que posteriormente foi feito por Reoboão, mas alguém que tinha a revelação da mente de Deus" (John Gill, *in loc.*).

1.21

Jazer com seus pais. No Antigo Testamento, esta é uma expressão comum para indicar a morte. Originalmente não denotava que um homem possuísse uma alma imaterial, a qual, por ocasião da morte, iria unir-se a outras almas materiais. Provavelmente significava uma vida para além da sepultura, onde as pessoas se encontram com seus já falecidos entes amados. Na época dos salmos e dos profetas, desenvolveu-se na teologia dos hebreus uma doutrina da imortalidade. Mas mesmo assim a doutrina não estava ainda bem definida. No interm entre o Antigo e o Novo Testamento, houve uma melhor definição; e, nos dias do Novo Testamento, a doutrina foi aperfeiçoada, completada. Mas grandes mistérios ainda restam, e a própria ciência nos tem dado alguma iluminação. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete intitulado *Experiências Perto da Morte*, quanto a informações provenientes da ciência. Ver também no *Dicionário* os verbetes chamados *Imortalidade* e *Alma*.

Cf. este versículo com Deu. 31.16 e II Sam. 7.12, quanto à expressão "dormir com os pais", onde são dadas notas expositivas adicionais.

Culpados. Bate-Seba falou do perigo de morte que ela, a amada esposa de Davi, e Salomão, seu filho especial, corriam, uma vez que Adonias assumisse o poder. Eles seriam considerados *ofensores* por terem apoiado a um movimento real.

Seol. A questão da vida pós-túmulo e o *seol* não eram doutrinas muito antigas em Israel, mas idéias que estavam em desenvolvimento. Na seção IV.7 do artigo sobre *Alma*, dou uma lista de citações bíblicas que falam sobre a alma imortal que sobrevive à morte do corpo biológico. Os críticos radicais supõem que, no Antigo Testamento, somente os trechos de Isa. 26.19 e Dan. 12.2, *sem dúvida*, contenham tal referência. As idéias sobre o céu e o inferno também eram noções crescentes que o Antigo Testamento deixa subentender, mas nunca define. Novamente, a definição chegou ao mundo entre os dois testamentos no livros apócrifos e pseudepígrafos, e alcançou sua melhor definição nas páginas do Novo Testamento. A teologia e a verdade são ciências que nunca chegaram ao clímax. São antes *aventuras* assinaladas com súbitos aprimoramentos, através da revelação, tanto natural como sobrenatural. Portanto, podemos continuar buscando e aprendendo, e divertindo-nos muito ao longo do processo.

1.22

Estando ela ainda a falar com o rei. O plano corria conforme Natã tinha determinado. Estando Bate-Seba ainda a falar com o rei, eis que Natã entrou no dormitório, adicionando assim seu pedido ao requerimento. Ver o vs. 14 quanto a esse aspecto do plano. Talvez Natã estivesse à porta do dormitório, ouvindo a conversa. Ao perceber que Bate-Seba terminava o apelo, naquele momento exato ele entrou.

1.23

E o fizeram saber ao rei. Os servos do palácio deram a Natã o direito de entrar, e ninguém negaria entrada a um bem-conhecido profeta que tivera muitas transações com o rei no passado. Ele, tal como Bate-Seba fizera, realizou o ato apropriado de obediência, que era um procedimento padrão para qualquer um que chegasse à presença do rei. "... mostrando-lhe a mesma reverência, embora Davi estivesse no leito, que lhe seria demonstrada se ele estivesse sentado no trono" (John Gill, *in loc.*).

1.24

"Que é isso que está acontecendo com Adonias?", perguntou ele. "Deste-lhe autoridade para tanto?" Eram perguntas retóricas. Natã já sabia a resposta. Davi nem ao menos tomara conhecimento do que estava acontecendo (vs. 18), e não havia dado sua bênção ao movimento encabeçado por Adonias. Natã, pois, trouxe ao conhecimento de Davi a *impropriedade* dos atos de Adonias. O homem havia agido unilateralmente, sem ter consultado o pai, e em oposição aos que, corretamente, queriam ver Salomão sentado no trono.

1.25

Este versículo, pela terceira vez neste primeiro capítulo, fala da *coroação* de Adonias. Cf. os vss. 9 e 19. É novamente enfatizado que o filho sobrevivente mais velho de Davi (Adonias) organizara sua festa, e era rival de Salomão, o qual havia recebido a promessa do rei de que seria seu sucessor. Entre os apoiadores do movimento impróprio figuravam o grande Joabe e o sacerdote Abiatar. Eles estavam entusiasmados e continuavam clamando: "Viva o rei Adonias!". Davi, no entanto, que tinha autoridade para nomear o sucessor, nem ao menos sabia o que estava acontecendo. Isso, obviamente, era algo impróprio e perigoso. O sucessor, nesse caso, não seria o escolhido de Davi.

Viva o rei Adonias! Cf. I Sam. 10.24; II Sam. 16.16; Nee. 2.3; Dan. 2.4 e 3.9. O Targum diz: "Que o rei prospere!". Ver também o vs. 34 do presente capítulo.

1.26

Os Convidados Rejeitados. Natã, tal como Bate-Seba, enfatizou que certas pessoas dignas nem ao menos tinham sido convidadas para a "coroação". A saber, Zadoque (o outro sumo sacerdote), Benaia, um dos principais generais do exército, ele mesmo e, naturalmente (acima de todos), Salomão, o sucessor apropriado ao trono. Este versículo repete a informação que já havia sido dada nos vss. 8 e 19. O oitavo versículo tem a mais completa lista de convivas rejeitados. Natã disse, com todas as palavras, que uma *sedição* estava sendo efetuada, e que as pessoas que deveriam estar presentes à coroação eram exatamente as que tinham sido excluídas, porquanto aquela coroação não era legítima. Natã fez o que havia prometido (vs. 14): apoiou as palavras de Bate-Seba e adicionou alguns comentários pessoais, para fortalecer a causa em favor de Salomão.

1.27

A *grande pergunta* era se Davi havia ordenado (ou abençoado) ou dado permissão a tudo quanto estava sucedendo. Caso contrário, como se poderia permitir que aquilo tivesse prosseguimento? Era o rei quem deveria *nomear* o seu sucessor. Nenhum homem, nem mesmo o filho mais velho do rei, tinha o direito

de apossar-se da realeza, enquanto o presente rei nem ao menos tivesse sido informado de suas intenções. Se o rei não havia ordenado nem abençoado o movimento encabeçado por Adonias, então o ato deste era claramente ilegítimo e rebelde. Davi, por certo, nada havia dito aos "servos" fiéis que foram apanhados de surpresa pelo que estava acontecendo. E ao que tudo indica, ele também não havia dado sua bênção ao movimento rebelde.

1.28

O rei reviveu e começou a reverter a maré. Ele chamou de novo Bate-Seba, que tinha saído quando Natã entrara. Ela voltou e, dessa vez, apenas ficou de pé na presença do rei, já tendo prestado a ele seu rito de obediência (vs. 16). Davi estava prestes a renovar seu voto em favor de Salomão, e pôs em movimento ações que dariam fim às ambições de Adonias. O rei agiu através de Bate-Seba, a mãe de Salomão, em vez de fazê-lo através de Natã, e isso foi bastante apropriado. Afinal, ela era a rainha-mãe, bem como a mãe do novo rei, Salomão.

1.29

O Juramento de Davi. O rei fez um juramento decisivo e claro como cristal em favor de Salomão. Ele jurou por Yahweh, o que tornou o juramento absolutamente obrigatório. Ele jurou pelo poder de Elohim, o que tornou o juramento absolutamente eficaz. Ele lembrou tudo quanto Yahweh-Elohim tinha feito por ele, conduzindo-o em segurança até aquele dia, dando-lhe uma longa vida e segurança por todo o caminho. Toda aflição fora superada sem nenhuma tragédia indevida. O Deus que o fizera prosperar também o havia protegido e lhe dado todas as coisas atinentes à vida, e agora era chamado como Testemunha de seu *juramento*. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Juramentos*, quanto a informações sobre essa prática entre os hebreus e outros povos. O juramento confirmou seu outro voto e juramento, que ele já tinha feito em favor de Salomão (vss. 17 e 30).

Cf. II Sam. 4.9 quanto a esse juramento característico. Cf. Sal. 19.14 quanto ao sentimento expresso pelo juramento:

*As palavras dos meus lábios
e o meditar do meu coração
sejam agradáveis na tua presença,
Senhor, rocha minha e redentor meu!*

Esse juramento foi feito em *grata memória* às bênçãos passadas, à ajuda passada, olhando para um futuro próspero e melhor para Israel. Deus é o Criador de todas as coisas (tema do Salmo 19), e é em gratidão por tudo quanto Ele faz que nossa boca profere louvores.

*Ergo aqui meu Ebenézer,
Ali por Tua ajuda chegarei,
E espero por Teu bom prazer
chegar seguramente em meu lar.*

(Robert Robinson)

Tão certo como vive o Senhor. A eternidade do Deus vivo torna-se a base da eficácia de todo juramento feito em nome do Senhor. Tão certamente quanto Yahweh vive, assim seguro é o juramento que estou fazendo agora. Essas palavras acham-se por catorze vezes em I e II Reis. Ver I Reis 1.29; 2.24; 17.1,12; 18.10,15; 22.14; II Reis 2.2,4,6; 3.14; 4.30; 5.16,20.

1.30

Este juramento confirmou o juramento anterior (vss. 13 e 17). Fora feito um voto que não poderia ser quebrado. Todo juramento feito em nome de Yahweh era absolutamente obrigatório. Portanto, Adonias estava completamente fora de lugar. Salomão seria o terceiro rei de Israel.

O *juramento anterior* não foi previamente registrado por nenhum autor dos livros históricos, mas é agora mencionado, e não há razão para duvidarmos de sua historicidade. Embora Davi fosse um homem idoso, cuja memória estava fraquejando, não se esqueceria de questão tão importante como a sucessão ao trono.

1.31

Então Bate-Seba se inclinou. Uma vez mais, Bate-Seba prestou obediência (ver o vs. 16). Seu coração estava repleto de gratidão pelo fato de o rei ter reafirmado seu juramento e prometido colocar Salomão no trono de Israel. Ela compreendeu então, sem sombra de dúvida, que o propósito real seria cumprido. Ela abençoou ao rei e desejou que ele vivesse *para sempre*. Embora se tratasse de uma afirmação padronizada a ser feita a um rei, podemos estar certos de que esse era o verdadeiro desejo do coração dela. O que desejamos não está garan-

tido somente porque o desejamos, mas é bom ter pensamentos nobres, mesmo que eles não possam cumprir-se. "... que o rei viva para sempre — o que, embora seja uma forma comum de saudação aos reis, não somente em Israel... não deve ser considerado um mero cumprimento, mas a expressão de desejos verdadeiros e de afeição do coração, em respeito ao rei... ou, então, vendo que agora ele era um homem quase moribundo, sua oração era que a alma dele vivesse para sempre no mundo vindouro, conforme interpretou Kimchi" (John Gill, *in loc.*). Visto que a doutrina da imortalidade da alma entrou na teologia hebraica somente na época dos salmos e dos profetas do Antigo Testamento, é possível que o desejo expresso por Bate-Seba incluísse essa questão. Ver as notas sobre o vs. 21 quanto a comentários sobre o assunto. Cf. Nee. 2.3.

1.32

Chamai-me a Zadoque... Natã... e Benaia. Os principais apoiadores de Salomão foram chamados por Davi. Ele tinha instruções a dar-lhes. Seria responsabilidade deles cuidar para que Salomão fosse devidamente coroado, e espalhar a palavra no sentido de que "o rei determinou que *ele* fosse o seu sucessor no trono". Tal palavra se propagaria como fogo selvagem, e em breve o movimento encabeçado por Adonias se ressecaria. A lista dos apoiadores é a mesma que aparece no vs. 8, mas deixa de lado dois nomes: Simei e Rei. Sem dúvida havia outros que também ajudariam no movimento de coroação de Salomão, mas esses três eram os principais. Eles seriam os *líderes*. O *exército* se faria presente, garantindo que Adonias seria incapaz de instigar uma guerra civil por causa da questão. Benaia teria suas tropas prontas. Haveria uma demonstração de força. O movimento rival logo desistiria de sua causa como sem esperança.

"Esse súbito relâmpago da antiga energia de Davi, e as orientações claras e diretas que ele deu para que fossem efetuadas todas as ações necessárias para a inauguração da realeza de Salomão... faz súbito contraste com a timidez e o desânimo com os quais (embora fosse então muito mais jovem) ele havia recebido as notícias sobre a rebelião de Absalão. Mas agora ele sabia o que se tinha passado, e que Deus estava ao seu lado. Na ocasião anterior, Davi sabia que estava sofrendo um castigo divino" (Ellicott, *in loc.*).

1.33

Fazei montar o meu filho Salomão na minha mula. A *mula* era a montaria apropriada para o rei e seus filhos (ver II Sam. 13.29; 18.9). Davi tinha seu próprio animal que servia como um dos *sinais* de seu governo. Ninguém, sem sua permissão, poderia montar aquele animal. Cavalos foram introduzidos em grandes quantidades do Egito, por parte de Salomão, e mesmo assim visavam mais propósitos agrícolas e militares do que transporte ou passeio. Mas a montaria de pessoas de prestígio era a mula. Pessoas ordinárias montavam em jumentos. Assim sendo, a mula tinha mais prestígio do que o jumento, e o cavalo era para o soldado, em ocasiões de batalha. A lei mosaica proibia o rei de multiplicar cavalos (ver Deu. 17.16), mas Salomão não se importou em observá-la (ver I Reis 4.26). A mula é um híbrido estéril entre o jumento e o cavalo. Provavelmente esses animais eram repelidos e vendidos a baixo custo, por países em que eram criados cavalos, como animais indignos de atenção, e um grande número deles terminou em Israel. Por outra parte, parece haver na questão mais do que isso. "Os reis montavam em mulas no antigo Oriente Próximo e Médio", pelo que deveria haver algum respeito especial pelo animal, que era reservado a pessoas dotadas de prestígio. Criar mulas era proibido pela lei mosaica (ver Lev. 19.19), como algo contrário à natureza (produzir um animal estéril). Mas faziam parte do *comércio* (I Reis 10.25).

A Salomão foi dado montar na mula de Davi, o que servia de sinal: "Este homem, que está montando minha mula, será o próximo rei". Os cânoneis judaicos proibiam que uma mula servisse de montaria, em tempos posteriores, pelo que os judeus consideraram este caso de Davi e Salomão uma exceção (ver *Mishn. Celaim*, cap. 8, m. sec. 1). Mas tal legislação apareceu posteriormente, nada tendo que ver com o ano de 100 A. C.

Levai-o a Giom. Ver no *Dicionário* sobre esta fonte. Duas fontes forneciam água à cidade de Jerusalém: Giom e Rogel (ver o vs. 9 deste capítulo). Giom ficava cerca de 800 metros a nordeste de Jerusalém, fora das muralhas da cidade. Rogel ficava a sudoeste de Jerusalém. Portanto, temos aqui o espetáculo de um grupo fazendo ruído e proclamações em uma das fontes, enquanto outro grupo fazia ruído e proclamações na outra fonte. As fontes eram lugares públicos, de modo que as demonstrações seriam observadas por muita gente, e a palavra se espalharia facilmente. Talvez se pensasse que uma *fonte de água* (do que toda a vida depende) era um lugar apropriado para a proclamação de um rei, o qual, segundo se esperava, seria uma fonte de bênção e vida para todo o povo.

1.34

Ali o ungirão rei sobre Israel. A coroação de Salomão seria efetuada pelas pessoas certas. O sumo sacerdote realizaria os ritos religiosos devidos, e o profeta

estaria presente para invocar a bênção de Deus sobre o novo rei e para profetizar o seu sucesso. Representantes do exército estariam presentes e diriam: "É melhor todos obedecerem!". Haveria grande ruído, gritos, música, cântico e danças. A trombeta seria tocada em proclamação oficial: "Viva para sempre o rei Salomão!". É evidente que a coroação de Salomão foi efetuada sem o acompanhamento de uma festa, mas podemos estar certos de que os sacrifícios apropriados foram efetuados, para atrair o apoio de Yahweh ao novo rei. Cf. o vs. 9. Cf. o vs. 31 quanto ao desejo de que o rei Davi tivesse longa vida, embora seja Bate-Seba quem ali tenha desejado isso para o rei. Cf. I Sam. 10.24; II Sam. 16.16; I Reis 1.25,39; II Crô. 23.11 e Dan. 2.4 e 3.9, quanto ao desejo de uma longa vida ao rei.

O vs. 36 demonstra que Benaia também se fez presente. Ele pôs o exército em apoio às exigências de Davi, pelo que Adonias não teve chance e precisou desistir de suas ambições ou morrer.

1.35

Porque ordenei seja ele príncipe sobre Israel e sobre Judá. Salomão seria acompanhado pelas pessoas apropriadas, pessoas de respeito e investidas em autoridade, e elas o conduziram diretamente ao trono de Davi. E assim Salomão tornar-se-ia rei sobre *tudo* o Israel e Judá, pois somente nos dias do filho de Salomão, Reoboão, houve a cisão de Israel em duas partes (norte e sul). Os atos providenciados por Davi não deixariam dúvidas a respeito de sobre quem recaía a escolha para ser seu sucessor.

Sem dúvida, houve quem usasse o movimento em prol de Salomão para seu próprio benefício. Sem dúvida, esse foi o caso do partido favorável a Adonias. As pessoas também usam o cristianismo em apoio aos seus *ismos*, encabeçando movimentos paralelos para assim ganharem prestígio. O próprio comunismo tenta encontrar prestígio citando versículos da Bíblia para ensinar suas doutrinas! Alguns tentam fazer Deus apoiar as causas deles. Pregadores acumulam riquezas fazendo pregações. Alguns indivíduos chegam a *vender* sua religião, agradando suas congregações, em vez de dar-lhes verdadeira orientação quanto ao certo e ao errado. Muitos pregam de acordo com os desejos das pessoas, em lugar de atenderem às suas necessidades espirituais. Mas Jesus veio para salvar as pessoas, e não para satisfazer os caprichos humanos. A despeito desses possíveis defeitos, podemos estar certos de que o grupo que apoiava a Salomão agia essencialmente em consonância com os princípios espirituais da vontade de Yahweh.

"Israel e Judá foram aqui distinguidas (cf. 4.20,25) porque o livro de I Reis foi escrito depois da divisão do reino, em 931 A. C., e/ou porque já era evidente uma cisão entre as partes norte e sul do reino (cf. II Sam. 19.41-20.2)" (Thomas L. Constable, *in loc.*).

Garantias de Davi de que Salomão seria o Rei: 1. Salomão montaria a mula real; 2. o profeta e o sacerdote efetuariam os ritos religiosos apropriados. (Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Ungição*.) 3. A trombeta oficial seria tocada e anunciaria: "Salomão é o rei!". 4. Salomão sentar-se-ia solenemente no trono de Davi. O povo todo ouviria falar sobre essas coisas, e muitos seriam testemunhas oculares dos acontecimentos.

1.36

Então Benaia... respondeu ao rei. O *Exército Falou!* Benaia, um dos principais generais do exército, estava presente para proferir o *amém* a tudo quanto Davi dissera, garantindo que a autoridade do rei seria respeitada, e toda a sua vontade seria cumprida. Adonias não ousaria promover uma guerra civil. Ele simplesmente desistiria. Sob Salomão, Benaia foi nomeado comandante-em-chefe do exército, assumindo assim o lugar de Joabe (ver I Reis 2.35 e 4.4). Ver sobre *Benaia* no *Dicionário*. Note-se que nas várias versões portuguesas da Bíblia há uma variante na soletração do nome dele: Benaia ou Benaías.

1.37

Como o Senhor foi com o rei meu senhor. O poder e a intervenção divina tinham feito Davi tornar-se grande. Ele fora conduzido até aquele ponto, recebera longa vida, vitória em todas as guerras, e por isso foi capaz de estabelecer a paz, tendo derrotado a oito nações específicas (ver as notas expositivas em II Sam. 10.19). O mesmo poder divino atenderia a Salomão e o faria tornar-se ainda maior que seu pai, o que, quanto a vários aspectos, foi exatamente o que aconteceu. Por certo, quanto às riquezas materiais, Salomão foi muito maior do que Davi. Além disso, Salomão recebeu uma *sabedoria* especial, que ultrapassou em muito à sabedoria de Davi. Ele gozou de paz e estendeu as fronteiras de Israel para o norte, até as margens do Eufrates, quase cumprindo a *expansão* que satisfaria o Pacto Abraâmico no tocante às terras prometidas ao patriarca. Ver Gên. 15.18 quanto a esse fator.

Claudiano (De Quarto Consulatu Honorri Augusti, vs. 428) tem algo similar:

Eis que o desejo está cumprido. Agora mesmo teu filho te iguala em valor e, o que é ainda mais desejável, te ultrapassa.

Então, ao edificar o templo, que consolidou e centralizou a adoração de Israel, Salomão realmente tornou-se maior do que Davi. Mas suas falhas também se tornaram evidentes, especialmente na questão de suas muitas esposas estrangeiras, as quais corromperam o culto de Israel.

1.38

Ver no *Dicionário* todos os nomes próprios deste versículo, os quais já tinhamos encontrado antes na história da ascensão de Salomão ao trono de Israel. Cf. os vss. 32-34 do presente capítulo. Os *quereteus* e os *peleteus* faziam parte da guarda de elite de Davi, e agora foram dados a Salomão para formarem sua guarda de elite. Benaia tinha sido comandante deles, mas logo seria o comandante-em-chefe de todo o exército. (Ver I Reis 2.35 e 4.4.) A unção de Salomão aconteceria em Gion, mas o Targum dos judeus diz *Silo*. Ver no *Dicionário* esses dois nomes locativos. As tradições judaicas dizem que as unções não ocorriam perto de fontes, e chamam de exceção o que aconteceu neste primeiro capítulo de I Reis. Mas essa é uma observação anacrônica. (Ver *Mishn. Sanh.* cap. 2, sec. 5.)

1.39

E ungiu a Salomão. Profetas, sacerdotes e reis eram ungidos de acordo com as orientações da lei. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Unção*, quanto a detalhes completos sobre essa questão.

Portanto, em *Gion*, a principal fonte de água potável de Jerusalém, Salomão foi ungido. Essa fonte ficava situada a oeste da cidade, no vale do Cedrom, fora das muralhas. Um chifre de animal foi usado como frasco para o azeite, a substância usada nas unções. O azeite simbolizava o poder de Deus, através de Seu Espírito, e representava o direito do rei ao poder, como um homem iluminado por Deus.

O rito não aconteceu no tabernáculo, que continuava em Gibeom (ver I Crô. 21.28). Mas logo o tabernáculo seria incorporado ao templo propriamente dito. Posteriormente, as unções seriam efetuadas ali, no próprio templo. Kimchi, comentador deste versículo, supõe que o azeite da unção tenha sido trazido do tabernáculo como o único azeite apropriado para a cerimônia.

Tocaram a trombeta. Para chamar a atenção do povo e para fazer uma proclamação pública. Foi o "som oficial" do evento, e dizia tal qual a fumaça que é expelida no Vaticano (quando da proclamação de algum novo papa): "Temos um novo rei".

"Entre os hebreus, essa fanfarra era tocada no *sophar*, uma trombeta recurvada, feita do chifre de um carneiro. A trombeta também era tocada para servir de sinal de alarme (ver Amós 3.6), para reunir soldados para a batalha (Sof. 1.16) e, nos tempos posteriores do Novo Testamento, em ocasiões religiosas especiais (ver Lev. 25.9). Ver o artigo detalhado, no *Dicionário*, sobre o verbete denominado *Trombeta*. Quanto ao azeite sagrado, ver Êxo. 30.22-30; e, no *Dicionário*, ver o artigo chamado *Templo de Jerusalém*.

1.40

Após ele subiu todo o povo. Grande multidão representativa de todo o Israel reuniu-se para a cerimônia e para as festividades. Houve cânticos, danças e o toque de gaitas, além de outros instrumentos musicais, sem dúvida. Sabemos que os hebreus dispunham de diversos instrumentos musicais. As várias versões embelezam o texto aqui, incluindo órgãos (latim antigo), sistros (síriaco), harpas (os Targuns), coros e cânticos (uma alternativa do texto do latim antigo). "Quaisquer instrumentos que eles tenham usado, fizeram um grande ruído" (Norman H. Snaith, *in loc.*). Ver o artigo detalhado no *Dicionário* chamado *Música, Instrumentos Musicais*. O texto hebraico diz que "a terra rachou-se" devido ao tremendo barulho.

"Foi um dia glorioso na história de Israel, e o povo celebrou com entusiasmo, de tal modo que o solo estremeceu" (Ralph W. Sockman, *in loc.*).

A *Septuaginta* diz que eles "dançaram com danças", o que nos fornece uma cena gráfica da aclamação do novo rei pelo povo de Israel. Foi dada mais do que uma mera lealdade convencional ao novo rei. O coração do povo estava ali. Salomão desfrutou o apoio popular.

1.41

Adonias e todos os convidados... o ouviram. Houve um poderoso ruído ouvido pelo grupo de oposição, que participava de celebrações de inauguração de Adonias, em Rogel. "As más novas do que estava acontecendo em Gion logo chegaram aos ouvidos de Adonias e seus apoiadores, em Rogel. O movimento de Adonias entrou imediatamente em colapso, e todos os participantes fugiram para preservar-se em vida. O próprio Adonias procurou ocultar-se, e sua vida foi poupada sob condição, dependendo de seu bom comportamento futuro" (Norman H. Snaith, *in loc.*).

A *grande celebração* em torno de Salomão, que logo se tornou conhecida, indicava que Davi a havia autorizado, juntamente com a coroação. Isso significava

que continuar no partido de oposição poderia significar execução capital. Salomão não haveria de tolerar facções, logo no início de seu governo.

Foi o velho guerreiro, Joabe, que ouviu, por assim dizer, o grito de batalha, e deduziu que coisa alguma além de tribulação poderia resultar daquilo. Ele tinha apoiado o cavalo errado. Havia apostado alto demais. Em breve seria executado, e Benaia tomaria o seu lugar como comandante-em-chefe do exército de Israel.

1.42

Entra, porque... trazas boas-novas. Adonias tola mente pensou que era "seu dia", e que Jônatas, que acabara de chegar, só poderia trazer boas notícias. Jônatas era filho de Abiatar, o sumo sacerdote, que apoiara a causa de Adonias. Por isso, Adonias disse a Jônatas: "Corre até mim, homem valente, e diz-me as boas-novas que estás trazendo!". Porém, não havia boas-novas para Adonias naquele dia. Seu meio-irmão, Salomão, era o verdadeiro rei de Israel, ao passo que ele, Adonias, dentro de pouco tempo seria executado.

Esse Jônatas era um corredor de longa distância. As notícias eram propagadas por homens dotados de velocidade e resistência extraordinária. Ele e Aimaás tinham realizado serviços que envolviam mensagens levadas a Davi. Ver II Sam. 15.27; 17.17; 18.27. Evidentemente, Jônatas estivera na cidade e fora testemunha ocular do que havia acontecido. E tomou sobre si mesmo a tarefa de ir avisar ao partido de oposição, reunido em Rogel, sobre o que estava sucedendo. Ele sabia que os rebeldes corriam perigo de morte, se ali permanecessem a promover o rei "errado". "É curioso que uma saudação similar a seu companheiro, Aimaás, tenha sido usada por Davi, em II Sam. 18.27 — talvez como uma espécie de presságio de boa fortuna" (Ellicott, *in loc.*).

1.43

Nosso senhor, o rei Davi, constituiu rei a Salomão. O rei Davi é aqui chamado de "nosso senhor", aquele cuja palavra não podia sofrer contradição. Davi, pois, nomeara rei a Salomão, e isso colocava fim à disputa. O que restava era que o partido de oposição a Salomão corresse para salvar a vida. A *execução capital* esperava por eles, caso continuassem em sua "rebelião", e, fosse como fosse, alguns seriam mesmo executados. O corredor que se tornara observador e espião trouxera más-novas, na verdade. Aquela foi a sua última corrida.

1.44

E o fizeram montar na mula que era do rei. Este versículo repete as "credenciais" do novo rei, coisas que vimos e comentamos em outros versículos. Ver os vss. 32,33,34 e 38. Salomão contava com o respaldo de seu devidamente autorizado sumo sacerdote, de seu profeta especial de Deus, de sua guarda pessoal de elite, e montava a mula oficial do rei, o veículo real. Contava também com o apoio e a autorização do próprio rei Davi. Jônatas não deixou espaço para perguntas. A coroação de Salomão era oficial e definitiva.

1.45

... **o ungiram rei em Gion.** Houve um rito de unção oficial; e houve apoio popular; a cidade inteira ficou vibrando com os cânticos, as danças e os instrumentos musicais de acompanhamento. Este versículo revisa o que já tínhamos visto no vs. 40, onde o leitor deve examinar os detalhes.

1.46

Salomão já está assentado no trono. Esse foi o ato *final* do drama. Se ainda restasse alguma dúvida sobre a finalidade do acontecimento, esse ato a removeria. Somente um tolo continuaria em Rogel promovendo o "rei errado", à espera dos executores do novo rei. "O entronizamento público no palácio (ordenado por Davi, vs. 35) seguiu-se à unção de Salomão e foi aceito pela aclamação do povo, como um aspecto integral da inauguração da realeza" (Ellicott, *in loc.*).

1.47

Ademais os oficiais do rei Davi vieram congratular-se com ele. Este versículo repete a mensagem do vs. 37, as palavras de Benaia, mas agora postas na boca dos servos especiais de Davi. Salomão, mediante a graça e a bênção de Deus, seria maior homem e rei que seu pai, Davi, tinha sido. O povo pediu essa bênção da parte de Yahweh.

E o rei se inclinou sobre o leito. Isto é, em atitude de oração. Atualmente as pessoas se ajoelham ao lado da cama, a fim de orar. Parece que Davi não saiu da cama para ajoelhar-se, mas assumiu uma espécie de postura, em cima da cama, que era apropriada para a oração. Cf. Gên. 47.31.

1.48

Também disse o rei assim. *Davi Era Homem de Oração.* Isso é demonstrado pelo próprio relato sacro. Assim, uma vez mais o encontramos a oferecer ações de graça e petições a Yahweh. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Oração*. Foi com grande alegria que ele viu seu filho, Salomão, que seria um homem verdadeiramente grande, assentar-se como rei. Sua missão estava terminada, e Yahweh permitiu-lhe testemunhar seu filho assumir a *missão* real. Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

“Caracteristicamente, Davi louvou a Deus por mais aquela bênção: dar-lhe tempo suficiente de vida para ver seu sucessor sentado no trono” (Thomas L. Constable, *in loc.*). O pequeno pastor tinha percorrido uma longa distância. Ele estava terminando a vida com sucesso, e viu o filho carregando o pendão para o futuro.

A providência de Deus tinha tomado o controle de toda a situação. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Providência de Deus*.

1.49

Então estremeçeram e se levantaram todos os convidados que estavam com Adonias. *Desmanchou-se Assim o Partido de Oposição a Salomão.* Nenhum só restou; nada lhes restou a fazer senão fugir e chegar em casa o mais breve possível, esperando que o novo rei os tratasse bondosamente, a despeito da “rebelião”. Temos aqui uma cena notável: o súbito e humilhante colapso do movimento em favor de Adonias. Seu triunfo não deveria mesmo acontecer. Yahweh não permitiria jamais que o homem errado se saísse vencedor.

1.50

Adonias... foi, e pegou das pontas do altar. Acima de qualquer outra pessoa, Adonias tinha razões para *temer* a Salomão. Mas conforme as coisas acabaram ocorrendo, o novo rei mostrou uma atitude misericordiosa para com o meio-irmão, embora em breve o viesse a executar por causa de *outra* infração dele, ao tentar ficar com a bela Abisague, a jovem esposa aqecedora de Davi (ver os versículos primeiro e seguintes deste capítulo). Ver I Reis 2.25 e seu contexto. O ato foi, ao que tudo indica, interpretado como outra tentativa de obter poder, visto que era costume de novos reis ficar com os haréns dos reis anteriores. Ou talvez Salomão simplesmente tivesse pensado que a petição de Adonias era muito imprópria e merecia execução capital.

Esperando obter segurança no santuário, Adonias correu para o tabernáculo improvisado (ver II Crô. 1.4), ou talvez, agarrado aos chifres do altar, permaneceu homiziado no tabernáculo que continuava em Gibeom (ver I Crô. 21.28). Isso supostamente lhe proveria proteção, da parte do poder divino, embora o ato nem sempre funcionasse. Os *chifres* do altar representavam chifres de touro e simbolizavam a força da deidade. Eram a parte mais sagrada do altar. Todos os altares primitivos tinham chifres. Os chifres no alto do zigurate (templo piramidal), na Babilônia, eram feitos de bronze, o que também ocorria no caso de estruturas similares achadas em Nínive. Algumas vezes, esses chifres transformavam-se em botões, para que pudessem ser agarrados de modo conveniente. O fato de Joabe ter-se agarrado aos chifres do altar de nada lhe valeu. Ele foi executado no local (ver 2.29,34). Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Altar*.

“O altar era uma espécie de asilo ou refúgio para os que tivessem cometido algum crime digno de morte, não por nomeação divina, mas por *costume*, supondo-se que ninguém contaminaria com sangue o que era sagrado ao Senhor” (John Gill, *in loc.*). O trecho de Êxo. 21.14 mostra-nos que o truque do altar nem sempre dava certo, pois ocasionalmente algum homem culpado era executado ali mesmo, a despeito da crença popular a respeito do altar.

O altar como lugar de asilo era prática de muitos povos antigos, e até hoje uma igreja algumas vezes serve ao mesmo propósito.

1.51

Eis que Adonias tem medo de ti. Alguém da corte informou Salomão a respeito da presença de Adonias no tabernáculo, onde ele segurava os chifres do altar e pleiteava pela própria vida, enviando a mensagem a Salomão de que pedia misericórdia, de que o tinha como seu senhor e rei e de que a sua “rebelião” estava terminada. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Juramentos*. Adonias, em sua humildade forçada, que, pelo menos no momento era genuína, chamou-se de *escravo* de Salomão. Ele faria qualquer coisa para salvar a própria vida. Mas dentro de pouco tempo Adonias estaria cobiçando a bela Abisague, e isso lhe seria fatal, ao passo que encabeçar o movimento de oposição a Salomão não o forçava.

1.52

Salomão estava em atitude de generosidade. Ele tinha vencido o contexto. Ele gozara do apoio de seu pai, Davi, bem como de todo o povo de Israel.

Adonias tinha deixado de ser uma ameaça; portanto, para que o matar? Adonias não ousaria opor-se às forças que se tinham reunido em redor de Salomão. Além disso, ele era seu meio-irmão. Isso, sem dúvida, tinha algum peso.

Assim sendo, Salomão fez o juramento que Adonias esperava ouvir (vs. 51). Não cairia no chão nem um fio de cabelo da cabeça do pobre homem, se ele se comportasse. Mas esse se não demorou a ser violado. Andar atrás da linda Abisague foi contado como iniquidade suficiente para a execução do príncipe Adonias. Assim, se por um lado, em um dia, Salomão revelou-se um homem digno, generoso e misericordioso, no dia seguinte ele haveria de mostrar-se brutal. Ele não hesitaria em matar ao próprio irmão. Sabiamente começou o seu reinado sem assassinatos, mas não demoraria muito para ele derramar sangue da antiga maneira dos reis. Alguns intérpretes tomam o trecho de I Reis 2.13-25 como se falasse de uma *conspiração*, desculpando o ato executor, ordenado por Salomão, por causa disso.

“O perdão estendido por Salomão, de acordo com as idéias originais, foi um ato de graça extraordinária, e, no entanto, foi caracteristicamente cauteloso e condicional, a ser retirado de acordo com a primeira tentativa de renovação das pretensões de Adonias” (Ellicott, *in loc.*).

1.53

A Misericórdia Temporária de Salomão Restaurou a Adonias. Mensageiros aproximaram-se de Adonias e disseram-lhe que Salomão fizera o juramento pelo qual ele estivera esperando. Ele foi tirado do templo e enviado em segurança para casa. Antes de voltar, entretanto, Adonias foi à presença de Salomão para mostrar que se tornara um *súdito* leal, em vez de ser o líder de um partido de oposição. Definitivamente, Adonias deveria permanecer afastado da política, e seu pedido em favor de Abisague pode ter sido interpretado como outra tentativa de chegar ao poder. Ver I Reis 2.13 ss. quanto à narrativa. “Em breve Adonias conspirou de novo e, como resultado, perdeu a própria vida” (Thomas L. Constable, *in loc.*).

Capítulo Dois

Recomendações de Davi (2.1-46)

“A mensagem de despedida de Davi a Salomão compôs-se de duas seções distintas. Essas duas seções eram muito diferentes em tom e estilo: a primeira dando sábios conselhos do tipo ortodoxo do século XVII; a segunda dando conselhos práticos de acordo com a moda de uma era anterior e mais brutal” (Norman H. Snaith, *in loc.*).

Portanto, temos nos vss. 1-4 coisas de importância primária. E então, os vss. 5-9 mostram como Salomão deveria tratar com homens específicos que poderiam transformar-se em causadores de dificuldades. O selvagem mas sempre *fiel* Joabe deveria ser executado, algo que compreendemos do ponto de vista daquela época, mas que nos é chocante, para dizermos o mínimo. Outros, porém, que tinham agido bem, seriam tratados bondosamente e com recompensas. *Simei* também seria executado. Seu tempo de colheita havia chegado.

O capítulo à nossa frente fala de somente dois assassinatos políticos e de um banimento. Mas esses três casos provavelmente foram apenas típicos de muitos atos parecidos. Por meio deles, Salomão foi capaz de estabelecer firmemente o seu reino e foi contado sábio quanto a seus atos. Ver o vs. 46 e suas notas expositivas. Naturalmente, também houve atos sem sangue que contribuíram para a paz e a prosperidade.

A *morte de Davi* foi registrada nos vss. 10-12. Então veio o pedido fatal de Adonias para que fosse concedida Abisague, a esposa aqecedora de Davi (1.1 ss.). O trecho de I Reis 2.28 ss. contém a triste história da execução de Joabe.

2.1

Deu ele ordens a Salomão. Quanto à natureza da *incumbência* dada por Davi a seu filho, Salomão, acerca de como ele deveria agir quando iniciasse sua carreira de rei, ver a introdução a este capítulo.

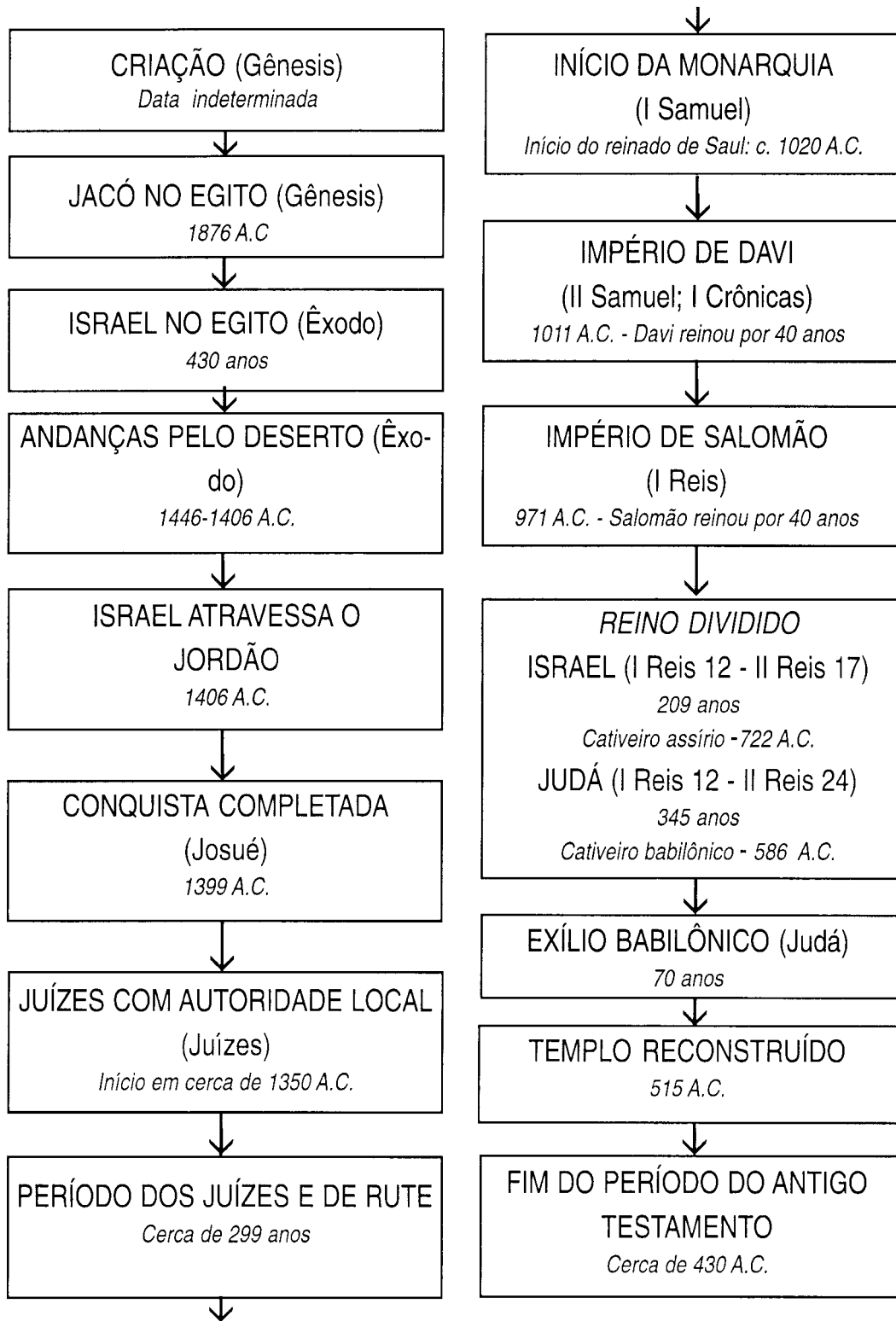
O conselho contido nos vss. 2-4 é uma espécie de prefácio à história dos reis, e não meramente à história referente a Davi. Tem sido sugerido que Davi foi um *rei modelo* e que, em Salomão, a sua glória atingiu os ideais que permeariam todos os esforços dos reis de Israel. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Rei, Realeza*. Cf. Deu. 17.14 ss. quanto a outra passagem bíblica que trata do *rei ideal* em Israel.

“Os reis que se seguiriam deveriam ser julgados segundo a maneira como obedecessem ou desobedecessem às ordens de Davi (cf. I Reis 15.3 ss.). O tema é que o homem que obedecesse à lei deuterônômica com pleno zelo prosperaria em tudo quanto realizasse. Ele deveria adorar a Deus fielmente e em Jerusalém. Deveria abominar todos os cultos imorais e nada ter que ver com deuses estrangeiros. Deveria cuidar dos pobres e não-privilegiados a fim de que a justiça de

SETE PERÍODOS DISTINTOS DA HISTÓRIA DE ISRAEL

1. De Abrão ao êxodo: Gên. 12 – Êxo. 1.22.
2. Do êxodo até a morte de Josué: Êxodo, Josué.
3. A época dos Juízes: desde a morte de Josué até o início da monarquia: Juí. 1.1 – II Reis 17.6
4. Da monarquia até os cativos: I Sam. 11.1 – II Reis 17.6.
5. Os cativos (assírio para Israel; babilônico para Judá): Ester; partes históricas de Daniel.
6. A comunidade restaurada; o fim dos 70 anos na Babilônia; o retorno do remanescente; a construção do Segundo Templo; o cativo romano, de 132 A.C. até nossos dias.
7. O milênio (os livros proféticos).

AMPLA VARREDURA DA HISTÓRIA NO ANTIGO TESTAMENTO



Deus fosse estabelecida na terra. Finalmente, enquanto os reis obedecessem a esses comandos, sempre haveria um herdeiro de Davi no trono, para governar em Jerusalém" (Norman H. Snaith, *in loc.*).

Morte, o Alvo. Davi, embora antes um grande guerreiro, agora estava velho e decrépito. Seu filho, Salomão, já o tinha substituído no trono. Davi cumpriria o seu *dever de morrer*. Mas havia à sua espera uma vida gloriosa, para além do túmulo. Portanto, embora a morte seja um alvo, viver no após-túmulo é um resultado inevitável. E nisso há glória. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Imortalidade*; e no *Dicionário*, ver *Alma*.

2.2

Vou pelo caminho de todos os mortais. Essa é uma pitoresca descrição da morte. Davi foi apenas realista. Ele sabia que em breve morreria, por isso traçou planos que incluíam o aconselhamento dado a seu sucessor. Suas ordens se assemelham aos conselhos de Moisés a Josué, em Deu. 31.23" (Thomas L. Constable, *in loc.*).

"O caminho de todos os mortais... Uma vereda que é a vereda da morte, pela qual todos passam, reis e aldeões, altos e baixos, ricos e pobres, grandes e pequenos, bons e ruins. Ninguém é isentado, todos devem morrer e morrerem. É determinação de Deus, um decreto que não pode ser revertido. Toda a experiência confirma isso" (John Gill, *in loc.*). As únicas exceções serão os que não morrerão, mas serão transformados por ocasião da segunda vinda de Cristo (ver I Cor. 15.51-52; I Tes. 4.16,17) e, no Antigo Testamento, Enoque e Elias. Portanto, Sócrates disse o óbvio: "Todos os homens são mortais". Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Morte*.

*Com igual paz, a sorte imparcial
Bate à porta do palácio e da cabana.*

(Francisco de Assis)

*A morte é o conselho esperto da natureza para obtermos o
máximo da vida.*

(Goethe)

A morte nivela todas as coisas.

(Claudiano)

*A morte é o cabelo negro que se ajoelha nos portões de
todos.*

(Abel-el-Kader)

2.3

Para andares nos seus caminhos. Quanto a notas completas da vida como um andar, ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo intitulado *Andar, Metáfora do*. O "andar" (conduta) de um rei digno deveria ser o andar na Lei do Senhor, o que é expresso de várias maneiras: caminhos, estatutos, mandamentos, preceitos, testemunhos etc. Estão em pauta todas as coisas escritas na lei de Moisés. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Lei no Antigo Testamento* e *Lei Cerimonial e Moral*. Comparar a presente passagem para o rei ideal com a passagem similar de Deu. 17.14 ss. Os críticos supõem que um mesmo autor-editor tenha produzido ambas as passagens, o que explicaria a grande similaridade dos dois trechos. Quanto à *tríplice* designação da lei (mandamentos, estatutos e preceitos), ver Deu. 6.1. O versículo presente adiciona a palavra geral, *caminhos*, isto é, a vida geral do rei, tudo quanto ele fizesse, tudo quanto ele tentasse, tudo quanto ele fosse. Mas também temos os *testemunhos*, palavra que provavelmente aponta para todos os elementos da lei que atuam como testemunho e orientação dada ao rei ideal.

"Esta seção é plena de frases deuterônômicas. Isso foi acrescentado pelo editor para agir como prefácio para a história inteira dos reis, a fim de sugerir que Davi era o modelo de rei deuterônômico. Os reis que se seguiriam seriam julgados de acordo com a maneira como obedecessem ou desobedecessem aos mandamentos de Davi (cf. 15.3 etc.)" (Norman H. Snaith, *in loc.*).

"A obediência à revelação proposicional de Deus garantiria o sucesso... A bênção de Deus dependeria da obediência de Seu povo à lei... A obediência pessoal de Salomão resultaria em Deus cumprir as Suas promessas aos descendentes de Davi que viriam a ocupar o trono de Davi (ver II Sam. 7.12-16)" (Thomas L. Constable, *in loc.*).

2.4

Se teus filhos guardarem o seu caminho. A *continuação* do ofício real dependeria da obediência dos reis e do povo comum. Não muito distante, em

relação ao tempo, haveria o cativo assírio (722 A. C.), que poria fim ao reino do norte, ou Israel, incluindo seus governantes. Então, em 597 A. C., o reino do sul, ou Judá, sofreria um cativo (por parte dos babilônios). Esses acontecimentos efetivamente destruíram Israel e suas instituições, embora um remanescente tivesse retornado da Babilônia e continuado a nação de Israel em pequenos termos. A desobediência estava à raiz de toda aquela consternação. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Cativeiros*, *Cativeiro Assírio* e *Cativeiro Babilônico*.

Fielmente. Ou seja, fidelidade à verdade da palavra revelada de Deus, a lei que se tornou o padrão de todas as crenças e atos.

De todo o seu coração e de toda a sua alma. Ou seja, uma obediência que repousasse sobre a conversão interior e profunda espiritualidade, e não meramente em obediência à letra da lei. Naturalmente, o *cumprimento ideal* de tudo isso se encontraria no *Messias*, para quem os outros reis apontariam, porquanto Ele seria o Filho Maior de Davi, que adicionava dimensões espirituais e eternas ao reinado em Israel.

2.5

Também tu sabes o que me fez Joabe. A partir deste versículo começam os conselhos específicos acerca de pessoas determinadas. Algumas delas tinham sido boas; outras tinham sido más. Salomão, em sua sabedoria, cuidaria de cada uma delas para fazer justiça e alcançar paz e sucesso em seu governo. Os vss. 3 e 4 exprimem princípios gerais de nobreza. Os vss. 5-12 tratam do legado de Davi que Salomão teria de solucionar. Ele teria de ser brutal, conforme eram os antigos reis-heróis, guerreiros que extirpavam seus inimigos a fim de manter a autoridade.

A *segunda seção* das incumbências dadas por Davi é bastante diferente da primeira (vss. 3 e 4). Alguns críticos atribuem as duas seções a fontes informativas diferentes, supondo que um editor as tenha alinhavado para produzir uma unidade. À seção a seguir falta o fator deuterônômico, e isso pode ser uma confirmação da idéia das "duas fontes informativas".

Joabe. Era um homem selvagem e brutal, totalmente áspero. Ele tinha tão grande poder que seria capaz de contradizer os desejos de Davi e escapar das consequências. Ele matara os traidores Abner e Absalão contra as ordens de Davi. Davi lhes tinha dado um salvo-conduto. Joabe, entretanto, percebeu que somente a morte poria fim aos esquemas dos dois homens. Davi mostrou-se fraco, vacilante e temeroso em agir. Joabe agiu por ele de maneira eficaz. Mas Davi nunca esqueceu que aquele selvagem Joabe tinha "ultrapassado" suas ordens, agindo conforme melhor lhe pareceu. Portanto, Salomão estaria em melhor situação caso se livrasse de Joabe. Portanto, a *execução* foi ordenada.

Amasa. Este era o homem a quem Davi fizera (temporariamente) chefe do exército, em lugar de Joabe. Pessoalmente, porém, Joabe matou o homem que obtivera seu posto no exército, e recuperou sua posição. Esse fora um ato justo, porquanto Amasa havia apoiado a rebelião encabeçada por Absalão, e teria sido realmente um erro e um ato estúpido aceitá-lo de volta e fazer dele o comandante-em-chefe do exército. Ver o artigo sobre *Amasa*, no *Dicionário*, quanto a maiores detalhes. Ver II Sam. 20.4-14 quanto à história de como Joabe assassinou a Amasa. Ver II Sam. 3.26 ss. quanto ao assassinato de Abner.

Conspicua por sua ausência é a menção ao assassinato de Absalão, por Joabe. Absalão era filho de Davi. Sem dúvida, embora não seja mencionado neste ponto, essa era a principal razão pela qual Davi queria que Joabe fosse executado. Quanto à história do assassinato, ver o trecho de II Sam. 18.9 ss.

Todos os homicídios praticados por Joabe foram cenas horrendas e sangrentas, conforme ilustra o presente versículo. Davi fez de Joabe o responsável pelo derramamento de sangue "inocente", ou, no mínimo, por haver realizado matanças não-autorizadas.

"Derramava o sangue de guerra sobre seu cinto e sobre seus sapatos, atacando-os enquanto pretendia abraçá-los, de modo que o sangue deles esguichava em seu cinto e caía em seus calçados! Esse era o pior agravo mais abominável de seus crimes" (Adam Clarke, *in loc.*). É evidente que o relato feito por Davi dizia respeito a Joabe. Ele estava tão próximo de suas vítimas que o sangue delas o cobriam por inteiro. Completamente coberto de sangue, Joabe marchava para outras matanças. "O sangue o cobria, demonstrando a sua culpa" (Thomas L. Constable, *in loc.*).

2.6

Faze, pois, segundo a tua sabedoria. "Sê Sábio! Executa o Homem!" Não lhe permitas morrer uma morte natural, a morte de um homem idoso e enancado. Não permitas que ele morra em paz, em seu próprio sangue. Faze a ele conforme ele fez às vítimas, todo cortado pela espada, para que sangue dele o cubra, conforme as vítimas "inocentes" foram cobertas de sangue. Aquilo que Davi fora fraco demais para fazer, aconselhou ao filho, Salomão, que fizesse.

Joabe tinha vivido muito tempo por empréstimo. Davi mostrara-se débil demais para efetuar a justiça. Mas o dia final de Joabe aproximava-se rapidamente.

A discussão deixa de lado o fato contundente de que Joabe tinha realizado justiça ao cuidar dos traidores. Agora Davi exigia justiça por causa do assassinato dos traidores? Provavelmente, não. Maus argumentos sempre *deixam* evidências contrárias e fatos que os enfraquecem.

Joabe era agora um homem idoso, provavelmente tão idoso quanto Davi. Ele fora comandante-em-chefe do exército de Israel por quarenta anos. Ver II Sam. 2.13. Portanto, ao ser morto, ele tinha cabelos encanecidos, mas sem dúvida ainda era varão vigoroso, a despeito de sua idade avançada, em contraste com o decrepito Davi.

2.7

Com os filhos de Barzilai... usarás de benevolência. Em contraste com homens como Joabe, havia o bondoso e generoso Barzilai. Ver no *Dicionário* sobre ele, bem como sobre a história de seu ato de bondade a Davi, antes e quando ele retornava depois de fugir de Absalão, em II Sam. 17.27-29 e 19.31-39. Um filho de Barzilai foi levado a morar na corte real, visto que o próprio Barzilai, sendo já homem de idade avançada, não queria deixar a própria casa. Um pacto foi celebrado entre Davi e o homem e sua família, que Davi agora ansiava por cumprir. A bondade foi satisfeita com bondade a longo prazo. As bênçãos continuaram a fluir sobre a família de Barzilai. "Davi queria que o filho de Barzilai colhesse o que seu pai tinha semeado" (Thomas L. Constable, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*. Salomão foi aconselhado a continuar dando ao filho do homem a sua pensão na corte do rei. Sem dúvida, ele foi feito um homem rico.

2.8

Simei... que me maldisse. Quanto à história de como esse homem zombou de Davi quando ele fugia de Absalão, proferindo maldições e dele zombando, ver II Sam. 16.5 ss. Davi não se vingou de Simei porque reconheceu que ele estava certo ao proferir aquelas maldições, porquanto Yahweh o estava julgando por causa de seu adultério com Bate-Seba, e do assassinato do marido dela, Urias; ver II Sam. 11. Quando Davi voltou ao poder, aquele homem humilhou-se diante do rei e recebeu perdão e o juramento de que não seria prejudicado (ver II Sam. 19.16 ss.). Contudo, o homem era um causador de dificuldades e teve poder suficiente para infligir tristeza a Salomão. Assim sendo, Davi ordenou sua execução, e Salomão ficou à espera de uma oportunidade apropriada. Dessa maneira, embora Davi não tenha feito o trabalho pessoalmente, violou o seu pacto, mas uma infração relativamente pequena foi usada como desculpa para a execução de Simei (ver I Reis 2.42-46). Simei era "... poderoso e um defensor assumido da casa caída de Saul. Mas houve inequívocos traços de rancor no coração de Davi, que nos fazem lembrar do amargor de salmos como o de número 69" (Ellicott, *in loc.*).

2.9

És homem prudente. O sábio Salomão ignoraria o juramento de Davi e não contaria Simei como "inculpável". De fato, ele encontraria uma maneira de executar o homem, pagando-lhe por aquilo que fora feito contra Davi. O ato removeria um súdito potencialmente poderoso, que poderia apoiar alguma espécie de rebelião contra o jovem Salomão, talvez promovendo a causa morte da casa de Saul. Novamente, Davi pensou ser errado que tal homem tivesse uma morte pacífica e morresse como homem idoso em seu leito, com cabelos brancos, um sinal de longa vida que ele não merecia. Portanto, Davi disse com efeito: "Abate-o antes que ele fique velho e tenha a chance de morrer em paz".

2.10

Davi descansou com seus pais. De súbito, o autor simplesmente nos informa sobre a morte do grande rei, Davi. "Ele descansou com seus pais." Ver em I Reis 1.21 as notas expositivas sobre essa freqüente expressão do Antigo Testamento. Na época de Davi, isso poderia significar que ele caminhou para uma vida gloriosa após-túmulo, em companhia dos antepassados que o tinham precedido na morte, mas continuavam vivendo. Antes dos salmos e dos profetas, isso significava meramente a extinção da vida física, o lugar das almas desincorporadas. Ver sobre a *Imortalidade* na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, e, no *Dicionário*, ver o artigo chamado *Alma*. Quanto a uma excelente citação de Cícero, na esperança de ir para um lugar abençoado e encontrar aqueles que já tinham partido, ver II Sam. 12.23.

*Ó Capitão, meu Capitão, nossa temível viagem terminou,
O navio atravessou cada escolho,
O Prêmio que buscávamos foi conquistado,*

*O porto está próximo, já ouço os sinos,
E todo o povo exulta.*

(Walt Whitman)

Sucesso: "Obteve sucesso quem viveu bem, quem riu com freqüência e quem amou muito; quem obteve o respeito de homens inteligentes e o amor das crianças; quem preencheu o seu lugar e realizou a sua tarefa, quer se trate de uma papoula aprimorada, de um perfeito poema ou de uma alma liberta; a quem nunca faltou apreciação pelas belezas terrenas, nem deixou de expressá-las; quem buscou o melhor que há nos outros, quem deu o melhor que possuía; cuja vida foi uma inspiração e cuja memória é uma bênção". (Robert Louis Stevenson).

Certamente Davi "preencheu o seu lugar e realizou a sua tarefa", consolidando o reino de Israel e trazendo paz, embora através da guerra e da violência. Seu Filho maior, o Messias, continua reinando em Seu trono e o Seu reino não terá fim.

"Sua vida foi uma vida de providências notáveis, de grande piedade e profunda utilidade pública. De modo geral, ele viveu bem, sendo evidente que também morreu bem" (Adam Clarke, *in loc.*).

O registro histórico não deixou de lado as falhas e os graves crimes de Davi. Mas seus salmos revelam uma espiritualidade interior de considerável poder, a despeito da brutalidade de sua época. O livro dos Salmos é o livro do Antigo Testamento mais citado no Novo Testamento.

Foi sepultado na cidade de Davi. Não em Belém, que também foi chamada assim, por ter sido o lugar do nascimento de Davi, mas em *Jerusalém*, a capital da nação, que ele conquistara dos jebuseus. Ele fez de Jerusalém a capital dos negócios tanto civis quanto religiosos, e consolidou e uniu a nação de Israel. Em Nee. 3.16 temos a menção ao sepulcro de Davi. Cf. Eze. 43.7,9. Os túmulos dos reis estavam em Jerusalém. Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Sepulcro de Davi* e *Sepulcro dos Reis*.

Josefo, general e historiador judeu de uma geração depois da de Cristo, diz-nos que Salomão depositou um vasto tesouro junto com Davi, em seu sepulcro, e que Hircano violou o túmulo e tirou-lhe as riquezas, cerca de 1.300 anos mais tarde. O sepulcro de Davi continuava conhecido nos tempos de Jesus. Ver Ato 2.29 e as notas expositivas sobre esse versículo, no *Novo Testamento Interpretado*.

Quanto a outras referências à "cidade de Davi", ver I Reis 3.1; 8.1; 9.24; 11.27; 15.8,24 e 22.50. Nos dias de Davi, a cidade era bastante pequena e ocupava uma península de terreno elevado, ladeado a leste, sul e oeste por vales. Salomão ampliou a cidade para o norte, e outros reis expandiram-na mais ainda.

2.11

Quarenta anos. Davi foi rei durante quarenta anos. Quanto a esse significativo número bíblico, ver no *Dicionário* o artigo chamado *Quarenta*. Ver também *Número (Numeral; Numerologia)*. Desses quarenta anos, sete Davi governou em Hebrom, em Judá, antes de chegar a exercer plena autoridade sobre todo o Israel, e então fez de Jerusalém a sua capital. Então, por trinta e três anos, governou na nova capital do país.

Davi tinha cerca de 70 anos de idade ao morrer, conforme vemos em II Sam. 5.4. "Davi foi homem notável em muitos aspectos: guerreiro, poeta, músico, gênio militar, administrador e homem de Deus. Ele experimentou notáveis sucessos e esmagadoras falhas. Estendeu grandemente as fronteiras e a influência de seu país. Foi grandemente amado e grandemente odiado durante seu período de vida. Mas talvez sua mais significativa característica tenha sido o coração dedicado a Deus. Seu filho, Salomão, sucedeu-o e desfrutou um reinado marcado pela paz" (Thomas L. Constable, *in loc.*).

Davi foi um *imenso magneto* que atraiu a alguns poderosamente, mas também repeliu a outros com idêntico poder, o que sempre se dá no caso de homens fortes, de gênios e de pessoas altamente criativas, em qualquer campo de trabalho humano.

2.12

Salomão assentou-se no trono de Davi. Embora já tivesse sido coroado e estivesse simbolicamente sentado no trono de Davi (ver I Reis 1.33,34,38 ss.), Salomão agora se tornava o único e todo-poderoso rei de Israel. Ele haveria de expandir o território de Israel até quase as dimensões que haviam sido prometidas no Pacto Abraâmico (ver as notas a respeito em Gên. 15.18). Salomão seria o mais sábio e mais rico dos reis de Israel. Ver o artigo sobre ele no *Dicionário*, quanto aos detalhes. Davi o deixara bem situado. Inimigos externos e internos estavam subjugados. Tendo dedicado tempo à construção civil, Salomão edificou o templo e assim cumpriu o grande desejo de Davi (ver II Samuel 7), que não lhe foi permitido cumprir. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Templo de Jerusalém*. A

morte de Davi evidentemente abriu o caminho para tentativas de rebelião (I Reis 11.14-25), mas Salomão detinha autoridade suficiente para manter a unidade e a paz, exercendo poder absoluto em Israel por longo tempo.

O Trágico Erro de Cálculo de Adonias (2.13-25)

2.13

Adonias. Este homem, meio-irmão de Salomão, estendera a mão para o trono, mas perdera (ver I Reis 1.5 ss.). Davi deu seu apoio a Salomão, que ganhou na rivalidade com seu irmão. A vida de Adonias foi poupada por um ato magnânimo do meio-irmão (1.51 ss.), sob a condição de bom comportamento. Mas agora Adonias cometeu seu segundo erro de cálculo. Apaixonou-se pela bela virgem, a saber, Abisague, que fora dada a Davi como aquecedora, a qual, supostamente, deveria transmitir a Davi boa saúde. Ver a história em I Reis 1.2 ss.

Tendo perdido o reino, Adonias agora queria receber um prêmio de consolação. Desejava Ter Abisague como esposa. Ora, novos reis com frequência ficavam com os haréns dos reis anteriores. Esse era o costume, e talvez Salomão tenha visto o pedido de Adonias por Abisague como outra tentativa de roubar o poder. Por outra parte, Salomão pode ter sentido que o pedido de Adonias era uma desgraça altamente imprópria, e por isso Adonias deveria ser executado (e realmente o foi). Homens eram executados por razões inferiores.

Na realidade, o que encontramos até o vs. 46 são os expurgos de Salomão. Adonias fez parte desses expurgos. A verdade da questão é que qualquer desculpa para executar a Adonias teria sido suficiente.

Bate-Seba. Ela estava agindo como rainha-mãe e como mãe de Salomão. Ela exercia influência sobre Salomão e (presumivelmente) poderia tê-lo convencido a entregar Abisague a Adonias. Mas o fato foi que Adonias “apostou alto demais” e, em consequência, perdeu a vida no jogo. Ver I Reis 1.28 ss. quanto à influência de Bate-Seba sobre Davi.

Paz. O homem viera em paz. Ele não tinha nenhum plano acerca do poder. Agora Adonias era um mero cidadão. Não é provável que ele tivesse alguma intenção de renovar sua “rebelião”. Thomas L. Constable, *in loc.*, fala sobre o esperto plano de Adonias e suas manobras, mas isso dificilmente se ajusta ao texto quanto à realidade da situação. Tudo quanto ele queria era a bela Abisague. Adonias estava em busca de um *prêmio de consolação*, e não atrás do “prêmio”.

Quanto ao costume semita de um homem herdar o harém do rei anterior, ao se tornar seu sucessor, ver II Sam. 3.7; 12.8; 16.20-23. Esse era, verdadeiramente, um costume, mas Salomão simplesmente tirou vantagem da insensatez de Adonias a fim de justificar a execução.

2.14,15

Adonias havia preparado o seu discurso; treinara a sua apresentação; ele realmente queria como esposa a bela virgem; estava apaixonado e temporariamente “insano”. Conforme disse Schopenhauer: “O amor é uma insanidade curável pelo casamento”.

O reino era meu. Adonias tinha sido um “quase-rei”, no entanto, perdera tudo por uma súbita mudança na sorte. Fora uma *vítima* da má sorte. Por esse motivo, merecia o prêmio de consolação, a saber, a bela Abisague, o que não era um pedido exagerado para um quase-rei. Naturalmente, Adonias se excedeu na apresentação. Nem “todo o Israel” o desejava como rei. Além disso, ele exagerou ao tentar ficar com Abisague, o que haveria de custar-lhe a própria vida.

Adonias tinha o direito de primogenitura, embora com frequência esse direito fosse ultrapassado pela força das armas ou pela manipulação. Ele realmente obtivera algum apoio popular, mas lhe faltava a autenticidade necessária para serei. É evidente que a providência divina interveio nos planos de Adonias. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Providência de Deus*.

2.16,17

Tendo perdido tudo, embora fosse um quase-rei, Adonias sentia que merecia ao menos *uma coisa*. Ele realmente desejava a encantadora Abisague, a virgem aquecedora de Davi, que lhe tinha sido enviada para rejuvenescê-lo. Ver a história no primeiro capítulo de I Reis.

Ai! o amor das mulheres! Sabe-se que isso é algo amorável e terrível.

(Lord Byron)

Adonias cometeu um tremendo erro de cálculo. Ele foi capaz de ganhar a cooperação de Bate-Seba, e isso deveria ter sido suficiente para convencer Salomão a dar-lhe Abisague como esposa. Mas Salomão, longe de deixar-se convencer, usou a questão como desculpa para *executá-lo*. Assim sendo, Adam Clarke (*in loc.*) está certo quando diz que não havia evidência alguma de que, na tentativa de ficar com Abisague, Adonias planejasse reconquistar o trono com base no costume de que um novo rei ficaria com o harém do antigo. E por certo também não há nenhuma prova de que Joabe e Abiatar estivessem ao lado dele em um conluio. Antes, Adonias estava apenas “apaixonado”, e Salomão usou a circunstância como um “pretexto leve” para derramar o sangue de seu meio-irmão, provavelmente em *retaliação* à abortada de o homem obter o reino para si, e também como uma *preventiva* para garantir que ele não se envolveria em nenhum outro movimento de rebelião.

Talvez Salomão tenha ficado tão chocado diante da impropriedade da petição de Adonias que pensou que coisa assim vergonhosa não deveria ser permitida em seu reino, de modo que o executou sobre bases *morais*. Mas isso não é muito provável.

2.18

Bate-Seba julgou que o pedido de Adonias era razoável, não ficou chocada com a questão, e evidentemente julgou que tinha boa chance de convencer Salomão de atendê-lo. Talvez ela tivesse sentido pena do desafortunado homem e, por compaixão, apresentou a Salomão o caso dele, ainda que se tratasse de algo moralmente duvidoso.

2.19

Foram seguidas as formalidades usuais. Salomão agora era o *rei* e merecia todo o respeito que Davi tinha recebido. Portanto, Bate-Seba aproximou-se de Salomão da mesma maneira que sempre fizera com Davi, disse as palavras certas e demonstrou a humildade apropriada. Cf. com sua abordagem a Davi (ver I Reis 1.16). Salomão ordenou que uma cadeira especial lhe fosse trazida, em respeito à sua mãe, embora ela fosse, primeiramente e antes de tudo, uma súdita do rei. Bate-Seba sentou-se ao *lado direito* de Salomão, o lado de honra e prestígio. Cf. Atos 7.56; Heb. 1.13.

Nero permitiu que Tiridates, rei da Armênia, ficasse à sua direita, o lugar de honra e prestígio (Suetônio em *Vit. Neron*, cap. 13), pois esse era o costume antigo.

2.20

Confiança era a palavra-chave da abordagem de Bate-Seba. Ela estava certa de que o rei não lhe negaria tão *pequena petição*. E, naquele momento, Salomão chegou a dizer que não lhe negaria uma petição, antes mesmo que ela a formulasse. As pessoas ocupam-se no tolo jogo de obter um “sim” de outrem, antes de o pedido ter sido feito. Mas isso é apenas um jogo.

2.21

Dê-se Abisague, a sunamita, a Adonias. O pedido foi feito mediante uma única e ousada declaração, um pequeno pedido: apenas uma mulher para ser esposa de Adonias. Naqueles dias de poligamia generalizada, não significava nada ajuntar mais uma mulher ao harém de um homem. Podemos ter certeza de que Adonias já dispunha de um bom suprimento de mulheres. Mas *aquela* mulher, Abisague, provocaria nele uma dor fatal, mesmo sem se tornar sua esposa. Bate-Seba obviamente era sincera no pedido e ansiava por ajudar Adonias a cumprir seus desejos. Sem querer, ela expediu a ordem de execução, no momento em que mencionou o nome da encantadora Abisague.

2.22

Salomão ficou furioso com o pedido e chegou a pensar que se tratava de uma tentativa por parte de Adonias, seu irmão mais velho, de ficar com o reino. Esse fato poderia dar-lhe forças como um rei mais apropriado. Naturalmente, muitos comentadores usam este versículo para tentar alinhar o pedido pela mulher com um conluio para obter o reino, arrancando-o de Salomão, com base no antigo costume de que um novo rei ficava com o harém de seu predecessor. Mas parece que Salomão falou exageradamente. Adonias era apenas um pato manco. Ele não tinha poder para assumir o trono. Sua petição por Abisague foi um pouco vergonhosa, mas certamente não fazia parte de um conluio em busca do trono. Posteriormente, houve um costume em que a ex-esposa de um rei falecido não podia casar-se com um homem comum, mas devia manter-se na linha da realeza se quisesse casar-se de novo (ver Maimônides, *Hilchot Sanh.*, cap. 2, sec. 1). Parece que tal costume ainda não tinha surgido nos dias de Salomão; se já existisse, porém, de acordo com essa teoria, ao casar-se com qualquer um, Abisague faria do marido um rei.

Visto que Bate-Seba estava presente para defender a causa de inimigos de Salomão, por que ela não tomou a defesa de Joabe e Abiatar, que tinham apoiado Adonias? É precisamente nesse ponto que temos a chave para compreender o versículo. Salomão encarou o pedido de Bate-Seba como um ato de passar-se para o lado dos inimigos, ou seja, obter favores para eles, às expensas do rei. Ele ficou furioso com esse potencial em favor de seu inimigo, Adonias, e mandou executá-lo prontamente. Salomão por certo não demonstrou boa vontade para com o ex-partido de oposição, e eliminaria todos os envolvidos assim que pudesse fazê-lo.

"Na resposta de Salomão há certo amargor, que se expressou sob a forma de ironia. Misturava a dignidade real com um sentimento apaixonado, não diferente das explosões de paixão de Davi, como se deu no caso de Nabal (ver I Sam. 25.21,22). Ele viu a mão de conspiradores na petição e agiu vingativamente, de acordo com seus sentimentos" (Ellicott, *in loc.*). O Targum diz: "Não estão ele e Abiatar, o sacerdote, e Joabe... de pleno acordo?", fazendo a questão toda parecer um conluio para reconquistar o reino.

2.23

"Se eu não matar Adonias, então que Yahweh-Elohim me mate." Salomão prestou juramento pelos nomes divinos e jurou, exatamente naquele instante, que executaria Adonias. Ver sobre *Juramentos no Dicionário*. Adonias não continuaria vivo até o pôr-do-sol (vs. 24). Vemos que o poder intoxicador de ser rei distorceu a mente de Salomão. Ele sem dúvida se tornou sábio, mas naquele dia agiu como o homicida de seu próprio meio-irmão.

Quão triste foi que o primeiro ato de Salomão (seu primeiro decreto) como rei tenha sido uma medida de execução!

"Prontamente encontramos uma desculpa para tudo quanto nos determinamos a fazer. Aquele que tentar justificar a conduta de Salomão, apelando para a *necessidade* ou para algum *mandamento divino*, de conformidade com o que penso, é um inimigo da causa de Deus e da verdade" (Adam Clarke, *in loc.*). Naturalmente, a afirmação do dr. Clarke é demasiado severa, mas em sua essência certamente está correta.

"Ele agiu como um bom mordomo do reino que lhe fora entregue por Deus" (Thomas L. Constable, *in loc.*, que assim se tornou culpado daquilo que chocara de tal modo o dr. Clarke).

Naturalmente, a questão inteira foi apenas "negócios, como era usual", dentro da política do antigo povo de Israel. Contudo, assassinato é assassinato. E coisa alguma pode justificá-lo.

Para John Gill, por meio daquele pedido, Adonias "tornou-se um homem perigoso, em quem ninguém mais podia confiar", pelo que também mereceu ser executado, e essa execução fez-se necessária para a consolidação do reino. Pessoalmente, estou com o dr. Clarke, embora sem a radicalidade que ele atelou à questão referente a comentadores que fizeram declarações adversas.

2.24

Hoje morrerá Adonias. E isso tão certamente quanto Yahweh havia escolhido Salomão para ocupar o trono de seu pai e assim fazer avançar a causa real em Israel. O rei, como é evidente, indicou isso por um juramento *adicional* de que, assim como Yahweh o tinha estabelecido no trono, também o havia inspirado para executar seu meio-irmão, Adonias — um castigo justo por sua anterior rebelião, que lhe impediria de pensar em qualquer outro conluio. Ver a promessa de Natã a Davi, acerca de seu reino e seu caráter perpétuo, em II Sam. 7.11-13. O propósito de Deus operava em Salomão, mas Seu poder dificilmente permitiria um ato de tamanha barbárie.

2.25

Benaia... o qual arremeteu contra ele, de sorte que morreu. *Que Outro Ensanguente Suas Mãos!* Benaia era o comandante-em-chefe do exército de Israel, como substituto de Joabe. Benaia havia matado incontáveis homens e visto o sangue escorrer em tantas ocasiões que matar mais um não lhe seria custoso. Assim, pois, o pobre Adonias foi morto por um campeão matador, numa execução de *alto nível* efetuada pelo chefe do exército.

"O chefe da guarda pessoal do rei era o chefe dos executores (cf. I Reis 1.38). Aparentemente, no caso de grandes criminosos, esse homem é que executava a sentença com as próprias mãos" (Ellicott, *in loc.*). Cf. Juí. 8.20,21. Adonias também deve ter tido sua parcela de mortes, pelo que o matador foi morto, repetindo o antigo círculo vicioso que caracterizava a história da anti-guidade.

Benaia repetiria seus atos terríveis (ver os vss. 34 e 36). Na qualidade de *generalíssimo* de todas as forças armadas de Israel, também estava acostumado a livrar Salomão de seus mais odiados adversários. Adam Clarke (*in loc.*) comparou Benaia a certo famoso general-carniceiro dos turcos, a saber, o temido Susarow. Adonias caiu assim sob suspeita, foi condenado e morto sem ao menos ter sido ouvido, e certamente sem poder defender-se. Mas assim ditavam os

costumes da época. Clarke conclamou seus leitores (os ingleses) a agradecer a Deus por seu "rei constitucional", que não tinha permissão para realizar tais barbaridades! Por outra parte, até mesmo presidentes eleitos engajam-se no jogo da morte, embora por trás da cena.

Abiatar é Banido (2.26,27)

2.26

E a Abiatar, o sacerdote, disse o rei. Sob hipótese alguma Salomão repetiria o erro de Saul, executando sacerdotes do Senhor (ver I Samuel 22). Abiatar fora o único sacerdote a escapar da matança, e Davi fizera dele o sumo sacerdote. Ele serviu fielmente e por longo tempo a Davi, mas infelizmente apoiou o pobre Adonias contra Salomão. Assim sendo, apesar de não ser executado, seria banido por seu erro de cálculo. Isso cumpriu uma profecia de que a linhagem de Eli finalmente cessaria de suprir sumos sacerdotes. Ver I Sam. 2.30 ss. Diante desse ato de Salomão, foi a linhagem de Zadoque que continuou a suprir sumos sacerdotes. Abiatar, naturalmente, era descendente direto de Eli e, com ele, aquela linhagem perdeu sua maior glória. Quanto à história inteira, ver no *Dicionário* o artigo chamado *Abiatar*. Por algum tempo houve dois sumos sacerdotes, Abiatar e Zadoque. Agora somente o último, da linhagem do filho mais velho de Arão, assumia o cargo. Desse modo, chegou ao fim o domínio da casa de Eli.

"O que Salomão não era capaz de fazer, ele o fez. Ele exilou Abiatar do santuário real e dos círculos da corte, e ordenou-lhe que retornasse à propriedade de seus ancestrais, em Anatote, onde deveria permanecer. Essa aldeia ficava 4 quilômetros ao norte de Jerusalém, logo adiante de Nobe, onde Saul tinha massacrado a casa de Eli. Jeremias, o profeta, descendia dos sacerdotes de Anatote (ver Jer. 1.1 e 32.7)" (Norman H. Snaith, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o artigo detalhado sobre *Anatote*.

Foi Dado Crédito. É verdade que Abiatar havia compartilhado das dificuldades de Davi e o tinha servido bem. Salomão lhe deu o crédito por isso e não ameaçou a vida dele. Além disso, Abiatar era um homem sagrado, que havia transportado a arca de Deus, e provavelmente Salomão não ansiava provocar a ira de Yahweh executando tal homem. Ver I Sam. 23.9,10; 30.7 sobre como Abiatar servira a Davi quando este fugia de diante de Saul. Ver II Samuel 115 quanto ao seu apoio a Davi, contra Absalão.

2.27

Expulsou, pois, Salomão a Abiatar. Cumpriu-se assim a profecia que dizia que a linhagem de Eli finalmente deixaria de prover sumos sacerdotes (ver I Sam. 2.30 ss.); e Abiatar foi castigado por haver apoiado Adonias, contrariamente à compreensão divina que fizera rei a Salomão, e a despeito de seu serviço fiel a Davi. As coisas mudam. Todas as coisas *terminam*, porquanto todas as coisas tiveram um *começo*.

*É a sorte que lança os dados e, quando ela lança,
de reis faz aldeões, e de aldeões reis.*

(John Dryden)

*Aquilo que Deus escreveu em tua testa,
É isso que serás.*

(Alcorão)

Também há a questão dos *ciclos*. Quando começa um ciclo, nossas estrelas surgem no céu; com o início de um novo ciclo, nossas estrelas começam a desaparecer. Mas algum dia, em algum outro lugar e circunstância, nossas estrelas levantar-se-ão de novo. Um antigo ciclo termina com uma "morte". Um novo ciclo é um "novo nascimento", pelo que o nascimento vem da morte, e temos de aprender a antecipar e aceitar esse processo em andamento.

Há uma divindade que amolda nossos fins...

(Shakespeare)

A Estrela de Zadoque Começava a Brilhar. Ele tinha mantido o tabernáculo em Gibeom, enquanto Abiatar cuidava do tabernáculo provisório em Jerusalém (ver II Sam. 6.17). E foi assim que a adoração foi finalmente consolidada e centralizada em Jerusalém, sob Zadoque e sob sua linhagem, até o cativo.

A palavra que o Senhor havia dito. Isto é, através das profecias, registradas em I Sam. 2.31-36 e 3.12-14.

A Execução de Joabe (2.28-34)

2.28

Chegando esta notícia a Joabe. Joabe sempre havia sido um poderoso matador, um homem diante do qual, quando decidido a fazer algo, nem mesmo Davi podia resistir. Joabe não hesitava em contradizer e agir contra Davi, quando pensava que isso era melhor para o rei. Sempre foi totalmente devotado e fiel a Davi, a despeito de alguns erros graves. No entanto, apoiara totalmente a Adonias para ser rei, deixando Salomão de lado. Mas quando Salomão subiu ao trono, seus primeiros atos consistiram em consolidar o reino, livrando-se de potenciais oponentes. Adonias foi morto por Benaia, sob um pretexto (ver I Reis 2.13-25). Abiatar foi banido; e Joabe soube que chegara a vez dele. Tal como Adonias já havia feito (ver I Reis 1.50), Joabe fugiu para o altar e segurou os chifres, esperando que isso lhe provesse segurança. Pode um homem derramar sangue humano sobre o altar de Deus, reservado para os sacrifícios de animais? Alguns pensariam que isso não poderia acontecer. Não obstante, aconteceu! Ver as notas sobre I Reis 1.50, quanto aos detalhes das tradições envolvidas.

“Nenhum santuário poderia proteger um assassino voluntarioso e traiçoeiro. O sangue inocente, deixado sem vingança, poluiria a terra (ver Êxo. 21.14; Núm. 35.33). Portanto, o altar não era, automaticamente, um lugar de refúgio. Joabe havia servido por longos quarenta anos em sua carreira como comandante-em-chefe do exército de Israel, mas agora sua estrela desaparecia de forma absoluta. Salomão simplesmente não queria mais por perto aquele idoso homem. Ele se juntaria a Davi, no outro lado da existência.

Joabe, pois, morreria sob a sombra do Deus Todo-poderoso, e não no campo de batalha.

2.29

Salomão foi avisado de que Joabe estava diante do altar no tabernáculo improvisado em Jerusalém (ver II Sam. 6.17). O lugar fora estabelecido por Davi para abrigar a arca da aliança, pelo que era um lugar *oficial* de adoração e ritos religiosos. Salomão, porém, construiria um templo ao qual *incorporaria* o tabernáculo em um meio ambiente permanente. Joabe, pois, correu para o tabernáculo improvisado esperando que, de alguma maneira, seria poupado; mas lá no seu coração ele sabia que chegara a sua hora de morrer. Novamente Benaia (tal como no caso de Adonias, ver I Reis 2.25) seria o carniceiro. Josefo diz-nos que as ordens eram para decepar-lhe a cabeça (ver *Antiq.* 1.8, sec. 1), mas não sabemos afirmar se essa informação é exata ou não. O Targum está certamente errado aqui, ao projetar a idéia de que Joabe primeiramente deveria ser detido, e não morto no tabernáculo.

2.30

Assim diz o rei: Sai daí. Benaia relutou em executar a Joabe diante do altar, portanto o chamou para sair dali. Joabe sabia muito bem por que o homem estava ali, e preferiu morrer de frente do altar. Benaia hesitou e voltou para dizer a Salomão qual era a situação. Salomão teria de decidir se Joabe morreria ou não diante do altar.

2.31,32

Arremete contra ele e sepulta-o. Salomão, porém, não tinha dúvidas a respeito da questão. Ele tratou Joabe como um assassino comum. Como é natural, o próprio Davi convenientemente esqueceu que ele também era um assassino, pois matara seu meio-irmão, Adonias, a pretexto (I Reis 2.25). É verdade que, contra as ordens de Davi, Joabe havia matado os rebeldes Abner, Amasa e Absalão, o que o tornava um assassino, embora ele tivesse agido em cumprimento do dever e de acordo com o bom senso. Fosse como fosse, Joabe tinha contradito audaciosamente o rei, e deveria sofrer por isso. Ele precisava ser submetido a uma morte humilhante. A lei não protegia nenhum assassino sobre o altar. Antes, ordenava que os tais fossem arrastados e mortos. Ver Êxo. 21.14.

Quanto aos três assassinatos, ver: Abner (II Sam. 3.22-30); Absalão (II Sam. 1.15); e Amasa (II Sam. 20.8-10).

E foi assim que morreu o homem injusto (vs. 32). É curioso que a morte de Absalão não seja registrada no texto presente. Esse deve ter sido o ato de Joabe que mais enraiveceu a Davi. Há um *paralelo* próximo na literatura grega: “Se um homem injusto, valendo-se da lei, viesse a reivindicar proteção diante do próprio altar, eu o arrastaria para a justiça, e não temeria a ira dos deuses; pois é necessário que todo homem iníquo sofra por seus crimes” (Eurípedes, fragm. 42).

Joabe tinha agido contra as ordens estritas de Davi. Aqueles homens não deveriam ter sido mortos. Assim sendo, foram assassinados sem o conhecimento de Davi, e isso tornava aquelas execuções crimes, e não matanças na guerra, as quais eram até glorificadas, longe de ser consideradas erradas.

2.33

Recará o sangue destes sobre a cabeça de Joabe. O assassino Joabe foi morto em desgraça, e Salomão proferiu uma maldição contra os seus descendentes.

Eles continuariam a sofrer violência e retrocessos. Em contraste, a família de Davi continuaria a governar em paz. “Nenhuma culpa de sangue houve no derramamento do sangue de Joabe. Ele foi executado com justiça, especialmente diante do fato de que ele dissera a Benaia que preferia morrer ali, diante do altar” (Norman H. Snaith, *in loc.*). Cf. II Sam. 3.29. Davi, desagradoado diante do assassinato de Abner, há muito proferira uma maldição contra a descendência de Joabe. Como é óbvio, a segunda parte do versículo consiste em uma profecia messiânica. Somente no Filho Maior de Davi, o Messias, poderiam ser cumpridas as profecias antecipadas por Salomão. Ver Isa. 9.7 e Sal. 72.7.

2.34

E o matou. O ato de execução de Joabe foi efetuado. Joabe não resistiu. A sorte o havia alcançado. Ele morreu sem oferecer resistência, diante do altar. Recebeu um sepultamento decente, o que era considerado importante em Israel. O corpo de Joabe foi tomado e sepultado na propriedade dele, no deserto. Provavelmente está em foco o deserto da Judéia, a leste de Belém. “Ser sepultado na própria propriedade foi uma honra prestada a Joabe, por seu longo serviço a Davi” (Thomas L. Constable, *in loc.*). Ninguém havia servido a Davi com tanta fidelidade e de todo o coração. É verdade que ele cometeu seus erros. Aqueles a quem ele matara tinham sido *traidores* de Davi, enquanto o matador (Joabe) se mostrou sempre fiel. Alguns comentaristas balançam a cabeça, desolados, diante de tudo isso. A justiça estaria realmente sendo feita, ou Salomão estaria simplesmente consolidando seu reino a qualquer custo? Joabe fora quem mais havia ajudado Davi a obter vitória sobre as oito nações inimigas (ver II Sam. 10.19), impondo assim a paz que agora Salomão desfrutava. Entrementes, os mortos tinham feito de tudo para derrotar Davi; no entanto, por causa deles, o fiel Joabe foi morto diante do altar. Estou supondo que a morte de Joabe foi outro assassinio no registro da vida de Salomão. Algum dia, Salomão haveria de pagar por isso, aqui ou na outra vida.

2.35

Em lugar de Joabe... Benaia. Benaia já havia servido a Davi, fielmente, por algum tempo. Salomão, pois, elevou-o a comandante-em-chefe do exército, em substituição a Joabe. Quanto à carreira de Benaia, ver o artigo sobre ele no *Dicionário*.

O presente versículo registra duas mudanças vitais: o sumo sacerdócio foi tomado por Zadoque (e sua linhagem), e Benaia tornou-se o comandante-em-chefe do exército de Israel. Salomão estava “pondo a casa em ordem”, em favor de seu reino. O que era antigo estava sendo varrido; o que era novo estava sendo levantado. John Gill (*in loc.*) diz-nos que foram necessários oitenta anos para que a profecia sobre a queda da casa de Eli se cumprisse!

O moinho de Deus mói lenta mas seguramente.

(Provérbio grego)

Embora os moinhos de Deus moam lentamente, contudo moem extremamente fino.

(Longfellow)

A Sorte Amarga de Simei (2.36-46)

2.36

Simei cometera o erro de zombar de Davi quando este fugia de Absalão. Simei era um incansável apoiador da família de Saul, e não apreciara o fato de a linhagem de Davi ter substituído a linhagem de Saul, com a usual violência da época. Ver a história em II Sam. 16.5-10. Em uma tentativa de reparar as coisas, quando Davi voltou ao poder, Simei se tinha humilhado perante Davi e recebido perdão condicional (ver II Sam. 19.16-23). Contudo, Davi deve ter considerado Simei potencialmente perigoso, a ponto de advertir Salomão sobre o homem (ver I Reis 2.8 ss.). Salomão, seguindo o conselho de Davi, avisou Simei que mantivesse boa conduta. Simei teria de viver em Jerusalém, sem nunca sair da cidade. Salomão não queria vê-lo “lá fora”, criando confusão. Se ele saísse de Jerusalém, haveria de morrer. Agora, ele estava condenado à morte, embora tivesse saído de Jerusalém em uma missão inteiramente inocente (tentando recapturar dois escravos fugitivos, vs. 39).

Podemos estar certos de que Salomão ansiava livrar-se de Simei, qualquer que fosse o pretexto. Tudo quanto Salomão precisava era dizer: “Erraste!”, e o homem estaria morto.

Mandou o rei chamar a Simei. Simei vivia então em Baurim. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Baurim*, *Barumita*. Um dos *trinta heróis* de Davi era de Baurim (ver II Sam. 23.31), cidade de Judá (alguns dizem de Benjamim), na estrada que ia de Jerusalém a Jericó (e ao rio Jordão), a leste do monte das Oliveiras (ver II Sam. 3.16). Ficava a menos de 16 quilômetros de Jerusalém.

2.37

No dia em que saíres e passares o ribeiro de Cedrom. Simei foi submetido a uma prisão “citadina”, sendo-lhe permitido bem pouco espaço para movimentar-se. De fato, ele estava exilado, tal como um homem que tivesse escapado para alguma das cidades de refúgio. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Cidades de Refúgio*. O vale do Cedrom ficava a leste de Jerusalém e servia agora de “limite fatal” além do qual Simei não podia ultrapassar. A execução foi claramente prometida caso Simei ultrapassasse aquele limite. Se o homem tentasse voltar para seu lar, naturalmente teria de atravessar o vale. Mas a ordem de Salomão não era meramente que Simei não podia voltar para casa; ele simplesmente não podia pôr-se em movimento. Estava preso em Jerusalém. Ele tinha muito dinheiro, e nisso residia o seu problema. Mas havia perdido a liberdade, o que é muito sério para qualquer ser humano. Ellicott (*in loc.*) provavelmente está certo ao supor que as ordens de Salomão constituíram uma “armadilha”. O rei estava quase certo de que Simei, mais cedo ou mais tarde, haveria de “esquecer” a ordem real e desobedecer às restrições de Salomão.

2.38,39

Boa é essa palavra. Simei não exprimiu objeção às restrições impostas por Salomão. Sem dúvida já ouvira sobre como Adonias e Joabe tinham sido executados, e agora temia pela própria vida. Portanto, sentiu-se aliviado quando foi somente posto sob “prisão citadina”. Simei foi capaz de cumprir essas condições por três anos (vs. 39), mas depois caiu em um lapso fatal. Dois escravos dele fugiram e refugiaram-se com Aquis, filho de Maaca, rei de Gate. Procurando-os, Simei saiu de Jerusalém e foi a Gate. Gate ficava cerca de 65 quilômetros a sudoeste de Jerusalém. Agora não havia ocultar o fato de que Simei tinha violado as ordens de Salomão. Esse ato livrou Salomão de todos os tabus e condições que rodeavam o homem, porquanto Davi tinha prometido não matá-lo. Tirando proveito da ocasião, Salomão logo mandou executar Simei. Seu *ardil* tinha funcionado como previsto — o rato estava esmagado. Ver no *Dicionário* todos os nomes próprios que aparecem nestes dois versículos, quanto aos detalhes sobre eles.

2.40

E trouxe de Gate os seus escravos. A missão de Simei foi bem-sucedida. Ele trouxe de Gate os dois escravos fugitivos. Mas também perdeu a vida por seu estúpido erro de cálculo. Ele tinha subestimado o serviço de espionagem de Salomão e a correspondente brutalidade. Assim o homem que havia zombado de Davi foi executado. Isso também nos ajuda a compreender que os filisteus foram confinados a uma área restrita, e a partir dali não mais ameaçavam a paz de Israel. Aqueles a quem Davi não podia aniquilar, ele os confinava. Ver em II Sam. 10.19 quanto às oito nações inimigas que ele derrotou.

Talvez Simei tivesse uma “visão inferior da autoridade de Salomão” (Thomas L. Constable, *in loc.*) e, por isso mesmo, arriscou-se dessa maneira. Ou talvez como um homem de idade, ele simplesmente *esqueceu* que estava exilado, em sua ansiedade de trazer de volta os dois escravos fugitivos.

2.41

Foi Salomão avisado. Salomão soube do ato de Simei. Sem dúvida ele tinha seus espias vigiando não somente aquele homem, mas outros considerados potencialmente perigosos. O vs. 46 deste capítulo diz-nos que o reino foi “firmado” pela execução de Simei. Devemos entender que esforços eram continuamente efetuados para detectar os rebeldes potenciais em Israel. Salomão, pois, estava *neutralizando* todos os inimigos e inimigos potenciais, uma atividade usual no antigo mundo do Extremo e Médio Oriente.

2.42

Não te protestei, dizendo. As condições tinham sido deixadas cristalinamente claras por Salomão a Simei, e este, alegre por ter visto salva a sua vida, havia concordado inteiramente. Qualquer saída para fora de Jerusalém, onde Simei estava sob “prisão citadina”, poderia significar execução. Ver os vss. 36 e 37 deste capítulo, onde são mencionadas essas condições e cujas notas expositivas também se aplicam aqui.

“O castigo por pecados antigos não será cancelado quando a misericórdia é deixada em branco, por um descuido desprezador” (Ralph W. Sockman, *in loc.*).

Sem dúvida, Simei tinha alguma espécie de defesa. Ele poderia ter protestado que sua viagem para fora de Jerusalém havia sido inocente; ou que o castigo ultrapassava grandemente o seu “crime”. Nisso ele teria razão, mas seus argumentos não seriam suficientes para salvar-lhe a vida. Platão, no diálogo intitulado *Trasímaco*, apresenta a doutrina do que “poderia estar certo”. E esse é um princípio utilizado pela política. Salomão possuía a autoridade, de modo que estava automaticamente certo, independentemente do que possamos pensar sobre a moralidade.

2.43

Por que, pois, não guardaste o juramento do Senhor? Um juramento fora feito por Salomão, e devemos entender que as palavras do vs. 37 indicavam um juramento, embora isso não fique claro ali. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Juramentos*. No antigo Israel, fazer um juramento era uma questão muito séria. Salomão usou esse juramento como pretexto para livrar-se de outro de seus oponentes políticos potenciais.

2.44

Bem sabes toda a maldade que o teu coração reconhece que fizeste a Davi. *Salomão Desenterrou o Passado.* As maldições de Simei contra Davi, quando este fugia de Absalão, nunca foram esquecidas. Embora Davi, no tempo em que fora assim humilhado, recebera tudo como se viesse diretamente de Yahweh (ver II Sam. 16.10), com a passagem dos anos, ao lembrar a questão, ficava amargurado. Salomão também tinha rancor sobre a questão. Houve certo grau de perdão, mas a família real não esqueceu jamais o incidente. Salomão estava preparado para solucionar as antigas desavenças e livrar-se dos perturbadores potenciais que pertencessem ao mesmo clã da família de Saul e tinham apoiado ao governo daquele primeiro rei de Israel. Ver II Sam. 16.5. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Lei da Colheita segundo a Semeadura*. Essa lei, pois, finalmente apanhou a Simei.

“Os hebreus antigos afirmavam que tanto bênçãos quanto maldições, uma vez proferidas, tinham uma vida toda sua, e estavam destinadas, inevitavelmente, a cumprir-se na sorte do indivíduo contra quem fossem atiradas, ou contra a sua descendência. Somente uma ação especial poderia impedir isso (cf. Juí. 17.3). De outro modo, coisa alguma que um homem fizesse poderia alterar a incidência da bênção ou da maldição... O ponto inteiro da história foi que Simei se pôs em perigo, ao não observar o juramento que Salomão havia feito sobre ele (vs. 43)... Ter tomado alguma providência contra Simei, antes de ele haver cometido uma falta como a que cometeu, teria sido equivalente a interferir no ato de Deus” (Norman H. Snaith, *in loc.*).

2.45

Este versículo repete os elementos do vs. 33, onde notas expositivas são apresentadas. A maldição repousava sobre Simei, mas a bênção repousava sobre a família real. Isso traria a Salomão paz, eternidade e bênçãos. E só poderia ser totalmente verdade no maior cumprimento messiânico. Algo que poderia ajudar na administração da bênção seria Salomão desvencilhar-se dos perturbadores, como Simei, que poderiam atrapalhar o fluxo das bênçãos. Ver sobre I Reis 2.4 quanto à antecipação de Davi sobre essa bênção inevitável e interminável. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Reino de Deus*.

2.46

O rei deu ordem a Benaia. Ele foi, uma vez mais, o *executor real*. Os grandes criminosos eram executados pelo grande executor, o chefe do exército. Ver sobre isso em I Reis 2.25.

O Reino Foi Firmado. Ou seja, pelo menos parcialmente, pelos expurgos executados por Salomão. Neste capítulo, somos informados somente sobre duas execuções e um banimento, mas provavelmente estaríamos certos ao compreender que os casos narrados foram apenas típicos dentre muitos. É difícil acreditar que em todo o Israel Salomão tivesse tido apenas três inimigos significativos. Tais atos eram provas da *sabedoria* de Salomão. Ele sabia o que fazer com potenciais revolucionários.

“A *sabedoria* de Salomão nesse caso (de Simei) tornou-se conhecida por todo o reino, pelo que foi admirado como sábio administrador da justiça” (Thomas L. Constable, *in loc.*).

“... não restou ninguém capaz de continuar perturbando. Por isso, Salomão se assentava tranquilo e quieto em seu trono...” (John Gill, *in loc.*).

“Salomão removeu a culpa de sangue que repousava sobre a sua casa e, mediante a sua sabedoria, foi capaz de neutralizar a maldição que Simei havia proferido nos dias passados” (Norman H. Snaith, *in loc.*).

Capítulo Três

Casamento e Sabedoria de Salomão (3.1-28)

É *realmente estranho* que a história da aquisição de grande sabedoria, por parte de Salomão, tenha sido prefaciada pela história de seu expediente político. Uma vez que Salomão havia firmado seu reino pela remoção dos adversários (mediante execução ou banimento), ele tomou sobre si a tarefa de fortalecer suas

amizades com potências estrangeiras. Um rei casar-se com a filha de outro rei era um ato comum de para um monarca que quisesse *cimentar* boas relações de amizade entre as nações.

"A sabedoria de Salomão, já evidente no registro de seus tratos com os inimigos políticos, foi reenfaturada no terceiro capítulo" (Thomas L. Constable, *in loc.*).

A narrativa da visita de Salomão a Gibeom, onde ele recebeu sua visão (ou sonho, vs. 5), que lhe permitiu escolher entre vantagens terrenas e sabedoria, é a principal mensagem deste terceiro capítulo e, de fato, um dos principais episódios da vida de Salomão, que o fez ser o que era, um dos homens mais sábios que já viveu. Salomão começou com uma escolha sábia: "Dá-me sabedoria". Foi assim que ele recebeu discernimento sobrenatural conferido pelo próprio *Yahweh*. Deve-se notar, todavia, que essa sabedoria só era operativa se fosse *usada* no meio de um caminhar segundo a lei de Moisés (vs. 14). Assim, a experiência mística de Salomão não o impediu de obedecer às demandas morais da lei de Moisés. De fato, as duas coisas estavam em um único pacote. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Misticismo*. Ver também sobre *Lei no Antigo Testamento*. É errôneo insuflar elementos de espiritualidade em oposição uns aos outros. O que é intelectual não contradiz as experiências místicas. Ambas as coisas mostram-se ativas, tornando-nos mais espirituais. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Desenvolvimento Espiritual, Meios do*.

Não tendo ainda construído o templo, Salomão ofereceu sacrifícios de animais em Gibeom, onde estava o antigo tabernáculo. Mas afinal a adoração seria centralizada na capital do país, Jerusalém. Isso não significava, contudo, que os antigos santuários desapareciam. Isso não aconteceu, mas a importância deles diminuiu, sem dúvida. Gibeom ficava a apenas 8 quilômetros de Jerusalém.

3.1

Salomão aparentou-se com Faraó. Nesse lance, Salomão agiu contra a lei mosaica, que proibia casamentos com pagãos, especificamente para evitar a *idolatria* (ver a respeito no *Dicionário*). O terceiro versículo deixa claro que Salomão não abandonou o culto a *Yahweh*, e até mesmo *amava* a deidade suprema, mas cometeu seu primeiro deslize. O povo de Israel começou a sacrificar nos lugares altos, o que significava que passou a crescer um ecletismo que só poderia ser prejudicial ao povo de Israel.

Os estudiosos conjecturam que o Faraó com quem Salomão entrou em aliança foi Siamon, da XXI dinastia. Esse casamento foi político, mas, por outro lado, ter uma princesa egípcia em seu harém era ao mesmo tempo agradável e prestigioso. Salomão, pois, teve paz no sul (o Egito), durante o seu reinado, o que lhe deu tempo e energia para ocupar-se de outras coisas, em vez de ter de guerrear com inimigos intermináveis. Salomão envolveu-se em projetos de construção, conforme vemos em I Reis 7.2-7, e edificou um palácio especial para sua princesa egípcia (I Reis 7.8). Ele também construiu o templo, conforme diz presente versículo, mas essa declaração talvez projete o que Salomão estava prestes a fazer, e não o que ele acabara de fazer. Ver sobre *Faraó*, no *Dicionário*.

"Essa não foi a primeira esposa de Salomão. Ele era casado com Naamá, a amonita, antes de ter-se tornado rei. Foi ela quem lhe deu Reoboão, um ano antes, visto que Salomão reinou por quarenta anos e Reoboão tinha 41 anos de idade quando começou a reinar (11.41 e 14.21)" (John Gill, *in loc.*). Ben Gerson diz que a princesa egípcia se converteu à fé dos hebreus, o que é muito provável; mas a influência dela foi duvidosa, quanto ao ecletismo que fez Israel adorar nos lugares altos (vs. 2). Ver I Reis 11.1-8 quanto ao florescimento da idolatria em Israel, por causa das alianças de casamento e das muitas mulheres estrangeiras. Ver Êxo. 34.16 e Deu. 7.3,4 quanto às leis contra casamentos mistos com os pagãos.

3.2

O povo oferecia sacrifícios sobre os altos. Projetos dignos eram efetuados e completados, mas também existiam os *lugares altos* (ver a respeito no *Dicionário*) que haveriam de trazer consternação a Israel, bem como a invasão de rituais pagãos. Visto que meu artigo oferece muitos detalhes sobre esse problema, não repito essa informação aqui. Não havia pecado nenhum em ter lugares especiais de adoração nos lugares elevados, mas vários santuários, longe do templo, tendiam por permitir a entrada do ecletismo. Havia lugares altos em Gibeom, Gilgal, Silo, Hebron, Quiriate-Jearim e outros locais, antes da construção do templo. Mas uma das idéias da centralização de toda adoração em Jerusalém era evitar as perversões que, naturalmente, vieram a ligar-se a "um número demasiadamente elevado de lugares de adoração". Era costume dos cananeus oferecer sacrifícios nesses lugares altos, e Israel, por espírito de imitação, adquiriu tal prática. Lev. 17.3,4 proibia o culto em lugares distantes do tabernáculo, mas essa legislação nunca foi observada. Cf. Deu. 12.5,6. Alguns eruditos supõem que, quanto à ordem cronológica, o vs. 2 deveria anteceder ao primeiro versículo. O templo ainda não fora construído, e isso encorajara "muitos santuários" espalhados por todo o Israel.

A passagem de I Reis 18.32 tem Elias a reconstruir o altar do monte Carmelo e a receber louvores por essa obra. Cf. Juí. 6.26 e I Sam. 9.10-14. Alguns eruditos

fazem das proibições contra essa prática uma legislação posterior, e a centralização em Jerusalém sempre mais ideal do que real. Quanto a detalhes sobre a questão, ver no *Dicionário*, o artigo chamado *Lugares Altos*.

3.3

Salomão amava ao Senhor. Este versículo impressiona-nos com quão puras eram as *intenções* de Salomão e de quão profundo era o seu amor por *Yahweh*. Ele estava intimamente ligado à fé dos hebreus e era um praticante diário. No entanto, estava cedendo diante da tentação ao ecletismo; passeava pelos estágios iniciais de ser influenciado por deuses estrangeiros; namorava com a idolatria. Isso, afinal, haveria de macular toda a sua vida (ver I Reis 11.1-8). Ele sacrificava no tabernáculo (e, posteriormente no templo), mas *também* sacrificava nos lugares altos, sem dúvida a *Yahweh*, pelo menos no começo. Gradualmente, porém, os sacrifícios pagãos foram entrando no quadro, e a *idolatria* realizava seu desserviço insidioso.

E queimava incenso. Os eruditos do hebraico dizem-nos que a palavra hebraica assim traduzida não recebeu o sentido de *queimar incenso* senão já nos tempos pós-exílicos, de modo que é melhor traduzi-la por "queimava sacrifícios". Ver no *Dicionário* os artigos denominados *Sacrifícios; Sacrifícios e Ofertas e Incenso*.

Os *lugares altos* de Salomão ficavam perto de Gibeom, onde estava o tabernáculo. Próximo de Jerusalém, esse era um local conveniente para tal propósito.

3.4

Foi o rei a Gibeom. Ver a respeito no *Dicionário*. Gibeom ficava cerca de 16 quilômetros a noroeste de Jerusalém, sendo um lugar onde Salomão podia facilmente realizar seus ritos sem se afastar por muito tempo da capital. Dali também se via o tabernáculo, de modo que podemos imaginar Salomão a fazer muitas viagens piedosas para oferecer sacrifícios. Isso incluía tanto adoração no tabernáculo quanto nos lugares altos, que ficavam próximos. A imensa piedade de Salomão é demonstrada pelo número *total* de sacrifícios feitos nos lugares altos, a saber, mil. O texto dificilmente pode significar que Salomão tenha feito tantos sacrifícios em uma única oportunidade.

Holocaustos. Em Lev. 7.37 listo as várias modalidades de oferendas que eram feitas, bem como as passagens bíblicas que as descrevem. Ver sobre os *cinco tipos de animais* usados nos sacrifícios, em Lev. 1.1,14-16. Jarchi diz que ele fez isso em um único dia; outros falam em um período de vários dias. Talvez na dedicação do templo de Jerusalém, tão imenso número de animais tenha sido oferecido (I Reis 8.63,64), mas o mais provável é que o número *mil* represente aqui apenas um sumário.

O maior de todos os lugares altos ficava, naturalmente, perto do tabernáculo.

A Experiência Mística de Salomão e Sua Sábia Escolha (3.5-15)

3.5

O autor sagrado acabara de informar-nos sobre a imensa piedade de Salomão. Provavelmente nenhum outro rei, em toda a história de Israel, mostrou-se tão ativo dentro do sistema sacrificial. Agora somos informados sobre como sua espiritualidade rendeu bons resultados naturais. Salomão deveria tornar-se o mais sábio homem da terra, por dom divino, inspiração e iluminação. Mas isso ocorreria somente se ele tomasse as decisões certas. Fama mundial, riquezas e poder representavam tentação para qualquer monarca. Mas Salomão, embora pudesse ter escolhido e recebido essas coisas, preferiu a sabedoria. Visto ter feito a opção certa, todas as outras coisas lhe foram acrescentadas.

Esse *relato* mostra-nos que o segredo da grandeza de Salomão foi que, bem no começo de seu reinado, ele fez as escolhas certas, além de ter permanecido ligado a *Yahweh* mediante uma piedade sincera. Em outras palavras, a *espiritualidade* de Salomão tinha poder de torná-lo grande em tudo quanto ele era, e foi exatamente o que aconteceu. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Desenvolvimento Espiritual, Meios do*. O texto mostra-nos que não devemos rejeitar as experiências místicas. Quanto a uma definição sobre essa questão (não muito bem compreendida em minha igreja evangélica), ver no *Dicionário* o artigo chamado *Misticismo*.

Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Sonhos*. A experiência mostra-nos que existem sonhos espirituais ou mesmo divinamente inspirados. A maioria das culturas tem, corretamente, acreditado nessa possibilidade. Os exageros na questão não são contrários às manifestações genuínas. Meu artigo descreve os vários tipos de sonhos. Nem todo sonho é igual. O artigo também lista os vários sonhos bíblicos e sua significação. Usualmente, um sonho tem menos poder e é de menos iluminação do que uma visão, mas esse nem sempre é o caso, necessariamente. Ver Ato 2.17 (explicado no *Novo Testamento Interpretado*), onde os homens de idade é que receberiam os sonhos espirituais, ao passo que os jovens teriam as visões, embora ambas as experiências venham da parte do Senhor.

Novamente, os exageros de pessoas que brincam com as experiências místicas não desmerecem as manifestações autênticas.

Em Gibeom. Salomão estava atarefado em sacrifícios piedosos, e podemos supor seguramente que orações tenham feito parte dos ritos. Assim, sua mente estava condicionada para a “visão noturna” (John Gill) que haveria de seguir-se. Precisamos ter maior condicionamento espiritual, mais cultivo do espírito e da mente, para estarmos sujeitos a movimentos incomuns do Espírito. Isso nos ajuda a crescer espiritualmente e a mostrar-nos mais eficazes.

Pede-me o que queres que eu te dê. O autor sacro não se deu ao trabalho de mencionar as coisas que Salomão poderia ter pedido. Mas havia o óbvio que quase todas as pessoas procuram: dinheiro, prestígio, fama, poder e consolo. Yahweh apresentou um cheque em branco que Salomão preencheria conforme lhe agradasse. *Mas a sabedoria estava em sua mente, e foi a sabedoria que ele pôs no cheque.*

“Parece haver uma relação de causa e efeito entre a amorosa generosidade de Salomão ao fazer sua oferta ao Senhor e a amorosa generosidade de Deus ao fazer a Salomão essa oferta” (Thomas L. Constable, *in loc.*).

3.6

De grande benevolência usaste para com teu servo Davi. Salomão, o filho observador, estava bem consciente de tudo quanto Deus fizera por seu pai, Davi. Ele sabia como Davi havia consolidado a nação de Israel, como havia derrotado seus adversários em um grau que nenhum outro homem (nem mesmo Josué) fora capaz de fazer. Quem Davi não aniquilara, ele confinara. Ver as notas em II Sam. 10.19 quanto às oito nações subjugadas. Ele tinha obtido essas vitórias por causa de seu andar diante de Yahweh, de acordo com as ordenanças e os rituais da lei mosaica. Ele tinha sido um rei *ideal*, em consonância com as instruções de Deus. 17.14 ss. As bênçãos e o favor divino haveriam de fluir em conformidade com a observância à lei. Ver Deu. 6.1 quanto a uma ilustração.

O *andar* de Davi foi demonstrado por Salomão pelo uso de várias descrições: era um andar de acordo com a *verdade*; em *retidão*; em *justiça* do coração. Ele tinha observado 1. os mandamentos; 2. os estatutos; e 3. os preceitos do Senhor (Deu. 6.1). Mas sua espiritualidade não era superficial: ele era homem segundo o próprio coração de Deus (ver I Sam. 13.14). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Andar*, quanto a essa metáfora.

Esta grande benevolência. “Salomão reconheceu que a bondade de Deus para com Davi devia-se à fidelidade de seu pai a Deus, que se manifestava através de ações retas e atitudes justas no coração. E o rei também reconheceu sua própria falta de maturidade e sua carência da sabedoria de Deus. Ele tinha cerca de 20 anos de idade quando subiu ao trono” (Thomas L. Constable, *in loc.*).

O fato de que a Salomão fora dado o trono, e que Davi tinha *testemunhado* isso com os seus próprios olhos fora uma bondade adicional que Yahweh havia conferido ao idoso homem, por sua fidelidade. Os pais anelam por ver seus filhos sair-se bem. É uma grande bênção ver um filho estabelecido em sua *missão*. Ver II Sam. 7.12. Davi recebera a promessa específica de que um filho seu subiria ao trono.

O *Pacto Davídico* (ver as notas a respeito em II Sam. 7.4) estava prestes a ser cumprido.

3.7

Salomão, o Rei-menino. Fora a providência divina que fizera Salomão tornar-se o rei de Israel, mas ele ainda era “verde”, ainda estava “imaturo”, ainda era uma “criança”. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Providência de Deus*, e comparar isso com as passagens de 1.37 e 2.4 quanto ao propósito divino que operava na vida de Salomão. Ele se tornou parte integral do pacto davídico, o primeiro a perpetuar sua linhagem, que apontava para o rei Messias, o Filho Maior de Davi.

Notemos os títulos divinos: fora *Yahweh-Elohim* quem fizera Salomão ser rei. Esse é o *Deus Eterno* e *Todo-poderoso*. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Deus, Nomes Bíblicos de*.

“Jeremias falou sobre si mesmo como uma *criança* por causa de sua chamada (Jer. 1.6), e Salomão, por semelhante modo, referiu-se a si mesmo como uma “criança”. Essa palavra tenciona, pelo menos em parte, denotar a humildade da inexperiência, mas em parte enfatiza o senso de chamado divino de Salomão a uma tarefa mais do que humana” (Norman H. Snaith, *in loc.*). Algumas versões e intérpretes mais antigos tomavam a expressão literalmente, pensando que Salomão teria começado a reinar ainda muito jovem. A Septuaginta declara que ele tinha apenas 12 anos de idade. Para Josefo (ver *Antiq.* VIII.7.8) ele tinha 14 anos e reinou por oitenta anos! Provavelmente ele tinha cerca de 20 anos, uma idade muito tenra para a tarefa de ser rei. Ele nasceu mais ou menos no tempo da guerra contra os amonitas (ver II Sam. 12.24), e provavelmente isso ocorreu em meados do quinquagésimo aniversário de Davi.

Comparar este versículo com I Crô. 22.5 e 29.1. Salomão não sabia como administrar, como sair e entrar, como um pastor agia com suas ovelhas. Ele estava livre de inimigos principais, o que tinha sido obra de Davi (ver II Sam. 10.19).

3.8

Teu servo está no meio do teu povo. O *Peso da Responsabilidade de Salomão*. O rei-criança (metaforicamente falando) estava enfrentando uma tarefa formidável. Cabia-lhe governar um povo *divinamente escolhido*, um povo muito numeroso. O último recenseamento feito por Davi mostrou que havia cerca de 1.300.000 capazes de ir à guerra (ver II Sam. 24.9), o que indicaria que a população total de Israel, incluindo homens fora da idade militar, mulheres e crianças, era de cerca de 6.000.000 de habitantes. Assim sendo, apesar de esse número dificilmente justificar as palavras “tão numeroso que se não pode contar”, era, contudo, suficientemente grande para deixar consternada a mente de Salomão. *Ele era responsável por toda essa gente!* Comparar as expressões “como a areia do mar” (ver II Sam. 17.11) e “como as estrelas do céu” (ver Êxo. 32.13). Parte do *Pacto Abraâmico* (ver as notas expositivas a respeito em Gên. 15.18) dizia que seus descendentes seriam numerosíssimos. Quanto ao caráter *distintivo* dos israelitas, que incluía o fato de terem sido divinamente escolhidos, ver as notas expositivas em Deu. 4.4-8. A *grande responsabilidade* de Salomão levou-o a buscar sabedoria acima de todas as coisas, acima de todas as outras vantagens, e seu pedido lhe foi concedido.

3.9

Dá, pois, ao teu servo coração compreensivo. Não somente com vistas à administração e para manter em cheque os inimigos de Israel; nem somente visando à expansão e à prosperidade econômica, coisas que realmente caracterizaram o seu reinado. Mas especial e especificamente para que Salomão pudesse julgar Israel com *justiça* (ver no *Dicionário*). Assumida a posição de juiz, o rei era um superjuiz que tinha de enfrentar diariamente inúmeros problemas relativos ao bem-estar do povo e tomar delicadas decisões. Ele seria forçado a decidir sobre questões criminais; relativas a disputas de terras; relativas a casos de fraude. Mães e filhos olhariam para que ele fizesse justiça contra os ataques de homens iníquos e desarrazoados.

Salomão precisaria de um “coração ouvinte”, que é a tradução literal do hebraico, aqui traduzido por “coração compreensivo”. Salomão precisaria daquele tipo de coração que podia ouvir o som ciciante a dizer: “Esta é a vereda. Anda por ela”. Ver I Reis 19.12.

Coração. Essa palavra “representa o âmago interior de uma pessoa, e assim pode ser usada para referir-se à sede do intelecto, da vontade e das emoções” (Norman H. Snaith, *in loc.*). Salomão, pois, queria um “coração condicionado por Deus”, isto é, dotado de suprema sabedoria e dedicação, para sempre fazer o que era certo. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Coração*. Salomão queria receber a “verdadeira ciência do governo” (Adam Clarke, *in loc.*). Ele procurava poderes e sabedoria sobre-humanos, que o tornassem preparado para a tarefa que tinha à frente.

3.10

Yahweh ficou satisfeito com o pedido de Salomão. Ele se agradou de que o rei não estava preocupado com questões tais como riquezas materiais, fama e poder. Mas Salomão, pela misericórdia divina, haveria de receber todas essas coisas como *brindes*. Para Salomão, o que realmente importava era a *sabedoria*.

*Porque o Senhor dá a sabedoria,
da sua boca vem a inteligência e o entendimento.*

(Provérbios 2.6)

*Feliz o homem que acha sabedoria,
e o homem que adquire conhecimento.*

(Provérbios 3.13)

Adquire a sabedoria, adquire o entendimento.

(Provérbios 4.4)

“Da perspectiva divina, seus valores estavam no lugar certo. Portanto, Deus prometeu dar-lhe o que ele requereu” (Thomas L. Constable, *in loc.*).

Os sábios, embora todas as leis fossem abolidas, levariam a mesma vida.

(Aristóteles)

“... visando a honra e a glória de Deus, que o tinha estabelecido sobre o Seu povo escolhido, e sendo ele o vice-regente” (John Gill, *in loc.*).

3.11

Yahweh não se incomodou em prover uma longa lista das coisas que Salomão poderia ter pedido, pois eram coisas que os homens, de modo geral, pediriam. Isso tudo Salomão obteria como brinde por levar uma vida espiritual e por cumprir bem a sua tarefa, a qual requeria a sabedoria especial que ele havia solicitado.

A Lista: vida longa; riquezas materiais; vitória sobre os inimigos. Por tais coisas os homens gastam a vida inteira num esforço contínuo de busca. No entanto, tais coisas são meras *bolhas* que logo rebentam e deixam o homem vazio.

*A sabedoria não é, finalmente, testada nas escolas.
A sabedoria não pode passar daquele que a tem,
Para outrem que não a possui.
A sabedoria é da alma. Não está suscetível à prova.
Ela é a sua própria prova.*

(Walt Whitman)

A palavra de Deus, a *Torá*, era o que Salomão buscava. Essa palavra refere-se à sorte sagrada que determinava as coisas, a *arah*, ou seja, o “lançamento”. Portanto, a sabedoria vem da alma, da intervenção divina no coração do homem *dando-lhe* algo do divino. A *Torá* requer “o ouvir e obedecer”, isto é, a *mishpat*. Portanto, o divino encontra-se com o humano e produz resultados práticos. “A compreensão é mais do que receber informações... Uma mente compreensiva é capaz de pôr-se no lugar dos outros, e então agir de conformidade com isso” (Ralph W. Sockman, *in loc.*).

3.12

Eis que faço segundo as tuas palavras. O *Mais Sábio de Todos os Homens*. *Yahweh* fez abundantemente mais do que tudo quanto Salomão tinha pedido ou pensado (ver Efé. 3.20). Ele fez de Salomão “o príncipe dos homens sábios”, e não somente um sábio entre outros sábios. Seu coração foi “divinamente condicionado”: sua mente era o reflexo da mente divina. Foi-lhe dada tremenda *iluminação* (ver a respeito no *Dicionário*). Seu intelecto, vontade e emoções (essas três coisas compõem o *coração*) *estavam sob significativa influência divina*. O Deus Todo-sábio fez de Salomão um homem todo-sábio.

“Dei-te uma mente capaz, capaz de saber muita coisa: faze uso de teus poderes, sob a orientação do meu Espírito, e ultrapassarás em sabedoria a todos quantos existiram antes de ti; e depois de ti não se levantará homem que se compare a ti” (Adam Clarke, *in loc.*). Apesar de tudo isso, Salomão posteriormente caiu em grosseira estupidez, quando fomentou a idolatria, por causa de suas mil mulheres! Contudo, o registro é claro: Salomão foi o mais sábio de todos os homens, a despeito de suas grosseiras falhas. Sua vida foi um misto de sucesso e fracasso, e ele se tornou o espelho de todos os homens que alternam entre o bem e o mal, o sucesso e o fracasso, a sabedoria e a estupidez. Esses termos descrevem a *condição humana*, da qual todos os homens participam.

*Quão silenciosa, quão silenciosamente
É dado o maravilhoso dom!
Assim Deus dá ao coração humano
As bênçãos de Seu céu.
Nenhum ouviu ouve a sua vinda,
Mas neste mundo de pecado,
Onde almas mansas O recebem, ainda assim
O caro Cristo entra.*

(Phillips Brooks)

... Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus ... o qual se nos tornou, da parte de Deus, sabedoria, e justiça e santificação, e redenção.

(I Coríntios 1.24,30)

Ver no *Dicionário* o detalhado artigo chamado *Sabedoria*.

3.13

Também até o que não me pediste eu te dou. *Obtendo o que Não Pediu*. Salomão obteve seu principal pedido, a *sabedoria*. Em seguida, Deus adicionou todas as coisas de que ele precisava para ter uma vida física abundante, a saber, tudo aquilo que ele não pediu. Cf. Mat. 6.33: “Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas”.

Salomão desfrutaria longa vida, riquezas materiais e honrarias. Seu nome ficaria registrado para sempre na história mundial. Ele seria um rei digno e expandiria o império de Israel além de tudo quanto outros homens tinham sido capazes

de fazer, chegando *quase* às dimensões prometidas no *Pacto Abraâmico* (ver as notas expositivas sobre Gên. 15.18). Acima de tudo, porém, seria lembrado como homem de uma soberba e divinamente inspirada *sabedoria*.

O temor do Senhor é o princípio da sabedoria.

(Salmo 11.10)

Salomão começou a andar bem, dentro dessa sabedoria, conforme vemos em I Reis 3.3, mas foi crescendo, e assim subiu acima de todos os demais em qualidades espirituais.

3.14

Comparar este versículo com I Reis 3.6. Salomão foi chamado a agir conforme agira seu pai, Davi. Deveria haver uma conduta em consonância com as estipulações e o espírito da lei de Moisés. Ver Deu. 6.1, quanto à *tríplice* designação da lei, duas das quais são repetidas neste versículo.

Vida Longa. A observância da lei era a condição de uma longa vida. Ver as promessas específicas acerca de uma vida longa, em Deu. 5.16; 22.6,7 e 25.15. A longevidade vinha mediante a observância da lei, conforme ela é dada em Deu. 4.1; 5.23 e 6.2. É significativo que, em todas as referências, está em vista a *vida física*. O judaísmo e então o cristianismo fizeram dela a vida eterna. No judaísmo posterior, a vida eterna foi condicionada à guarda da lei mosaica. No cristianismo, negou-se que a vida espiritual pode ser assim adquirida, de modo que a graça, a fé e o ministério de Cristo nos evangelhos substituiu o antigo conceito.

Porque se fosse promulgada uma lei que pudesse dar vida, a justiça, na verdade, seria procedente de lei.

(Gálatas 3.21)

Isso reflete a boa teologia paulina, mas não concorda com Moisés. Note-se, porém, que o presente versículo não fala sobre a vida eterna, embora muitos comentaristas lhe tenham emprestado esse sentido. Jamais, em todo o Pentateuco, a vida eterna é prometida como resultado da obediência à lei. Nem há ameaça de julgamento contra os desobedientes, em alguma existência pós-túmulo. Essas doutrinas, incluindo a do céu e a do inferno, entraram no judaísmo posterior, e não foram definidas em nenhum sentido especial senão já nos livros do período que ficava entre o Antigo e o Novo Testamento (os livros apócrifos e pseudepígrafos).

Embora a doutrina da alma tenha entrado na teologia judaica mais ou menos na época dos salmos e dos profetas, o texto presente não está entre os que implicam essa doutrina. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Alma*, onde dou uma lista de versículos que ensinam essa doutrina, incluindo alguns extraídos do Antigo Testamento. Ver IV.7 daquele artigo quanto a essa lista. “As únicas passagens que, por acordo comum, referem-se à vida para além do sepulcro (no Antigo Testamento) são Isa. 26.19 e Dan. 12.2” (Norman H. Snaith, comentando sobre I Reis 1.21. Ver a exposição ali). Embora o juízo do dr. Snaith seja bastante severo (pois há outros versículos como aqueles dois), é verdade que a doutrina da imortalidade da alma apareceu já bem tarde no Antigo Testamento. O ponto de vista original do Antigo Testamento era igual ao dos adventistas de nossos dias: “A alma não existe”. Então surgiram a ressurreição e a alma como doutrinas posteriores, mas os adventistas, infelizmente, vão contra a correnteza principal dos ensinamentos neotestamentários ao continuar defendendo a *teologia antiga* do Antigo Testamento, no tocante à alma. Ver sobre *Imortalidade* (vários artigos), na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*.

Nenhuma informação é dada acerca da idade de Salomão quando de sua morte. Um bom cálculo é que ele teria 60 anos, visto que começou a reinar mais ou menos com 20 anos, e reinou por quarenta anos; e isso resulta em 60 anos. Josefo por certo exagerou ao dar-lhe oitenta anos de reinado, o que seria, verdadeiramente, uma longa vida, se, conforme ele mesmo disse, Salomão tivesse começado a reinar aos 12 anos de idade. Se essas especulações estão corretas, então ele morreu aos 92 anos de idade, mas poucos intérpretes supõem que isso esteja correto.

3.15

E eis que era sonho. Deus se comunicara com Salomão através de uma *visão noturna*, de um sonho divinamente inspirado. Ver minhas notas sobre o vs. 5, onde dou uma introdução à seção: *A Experiência Mística de Salomão e Sua Sábria Escolha*. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Sonhos*.

Mais Sacrificios. Cf. este versículo aos vss. 3-4, onde vemos os extensos ritos sacrificiais efetuados por Salomão, uma parte importante da espiritualidade, segundo o Antigo Testamento. Ele começou o seu reinado em meio aos ritos da lei e deu prosseguimento a eles após seu sonho-visão especial, provavelmente como um ato de agradecimento às promessas de *Yahweh* de longa vida, bênçãos abundantes, liberdade do poder dos inimigos e, acima de tudo, *sabedoria*. Seus sacrifícios foram

feitos no tabernáculo *provisório* (ver II Sam. 6.17 quanto a essa estrutura). O tabernáculo de Moisés continuava estacionado em Gibeom. Mas Salomão em breve edificaria o templo e centralizaria a adoração de Israel em Jerusalém. O templo incorporaria a estrutura do antigo tabernáculo (ver a respeito no *Dicionário*).

A arca da aliança. Ver sobre isso no *Dicionário*. Davi tinha trazido a arca a Jerusalém e fez seu tabernáculo temporário abrigá-la, conforme tenho indicado nos comentários anteriores. II Samuel 16 conta a história.

Deu um banquete. Os sacrifícios do Antigo Testamento não eram apenas rituais frios. Também eram ocasiões festivas de regozijo. Os sacerdotes tinham suas porções (oito delas; ver Lev. 6.26; 7.11-24; 7.28-38; Núm. 18.8; Deu. 12.17,18), e então o que sobrasse era dado aos que tinham oferecido os sacrifícios e a seus familiares. Mas aqui, ao que tudo indica, temos um banquete geral, associado aos sacrifícios oferecidos por Salomão. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Sacrifícios e Ofertas e Festas (Festividades) Judaicas*.

"O alvo (dos sacrifícios) provavelmente visava garantir o *shalom*, que apontava não somente para a paz, mas também para a boa sorte, a saúde e a prosperidade, sendo essas coisas garantidas pela participação no que havia sido consagrado e, portanto, no alimento divino" (Norman H. Snaith, *in loc.*).

Salomão tinha estado em Gibeom (vs. 5) e oferecido ali muitos sacrifícios. Em seguida, ele subiu a Jerusalém e ofereceu mais sacrifícios ainda no tabernáculo improvisado da capital.

Teste da Sabedoria de Salomão (3.16-28)

3.16

A sabedoria de Salomão não demorou a ser testada. A história diante de nós é uma *narrativa exemplar* dentre as muitas que poderiam ter sido selecionadas. Salomão foi capaz de decidir sobre o caso com grande agudeza, e assim mostrou a todos como o Espírito operava sobre a sua mente e a sua alma, para o bem de Israel e em consonância com a promessa que ele havia recebido na visão noturna (ver I Reis 3.1-15). Ver especialmente o vs. 12, a declaração da promessa.

Uma *história similar* é contada sobre um rei da Trácia que teve de escolher entre *três homens*, todos os quais afirmavam ser filho e herdeiro de um rei cimério já morto. Ele lhes ordenou atravessar o corpo do rei morto com uma lança. O homem que se recusou a fazê-lo (devido ao respeito que tinha pelo cadáver do pai) era o *filho*. (Otto Thenius, *Die Bucher der Konige*). Histórias de sabedoria vindas dos países orientais, na antiguidade, enfatizam a sabedoria prática, que opera a sabedoria diária, e não a sabedoria envolvida em finas abstrações mentais. Os hebreus estavam interessados no caráter humano, e em como ele se manifestava na sociedade. Estavam interessados na sabedoria deste mundo.

Duas Prostitutas Tiveram, Cada Uma, Seu Filho. A história é posta no nível mais baixo que uma mulher pode assumir, mas mesmo assim há um amor material que se revelaria a chave para a solução do problema. As duas mulheres viviam na mesma casa (vs. 17). Como já dissemos, ambas tiveram um filho, mas uma das crianças morreu, restando somente a outra. O amor materno fez a verdadeira mãe apegar-se ao filho sobrevivente, enquanto a mãe da criança que tinha morrido quis apossar-se da criança viva para satisfazer seus anelos maternos. Como é óbvio, a mãe verdadeira amava mais a criança, e Salomão usou esse fator para descobrir de quem era a criança. Note-se que o povo comum, mesmo das camadas inferiores (e até das classes desprezadas), tinha acesso direto ao rei, como continua sendo verdade em alguns países árabes.

Essa história demonstrou um "conhecimento de como arriscar o fracasso, em lugar de ceder diante da impotência; como ir direto ao âmago da dificuldade, quando as abordagens lentas e regulares da ciência são simplesmente impossíveis... um 'toque de gênio' foi demonstrado... naquilo que as Escrituras chamam de sabedoria de Deus" (Ellicott, *in loc.*). Atualmente temos o DNA, que poderia demonstrar facilmente quem era a mãe da criança. Faltando-lhe qualquer coisa dessa natureza, Salomão solucionou o caso por sua sabedoria prática.

Prostitutas. Assim dizem quase todas as traduções. Mas Adam Clarke (*in loc.*) argumentou que a palavra hebraica *zonoth* seria mais bem traduzida no caldaico como "taberneiras". Talvez seja assim, mas o raciocínio de que Salomão não receberia mulheres de classe tão baixa é contrário à natureza expansiva das antigas cortes orientais. Todavia, devemos confessar que essa é a tradução que o Targum dá sobre a passagem. Ben Gersom faz das mulheres "vendedoras de alimentos". Quanto a mim, prefiro as traduções tradicionais.

3.17

Disse-lhe uma das mulheres. A verdadeira mãe veio apresentar a queixa. Ela deu detalhes sobre como um dos recém-nascidos (as duas mulheres tinham dado à luz com pequena diferença de tempo) havia morrido (vs. 19). A outra mulher presumivelmente contou a mesma história, constituindo um dilema para

Salomão. Quem seria a verdadeira mãe? Ambas as mulheres viviam em uma mesma casa. Ambas tinham parido com um espaço de três dias de diferença. Os vizinhos sem dúvida conheciam as circunstâncias, mas não podiam ser de utilidade para solucionar o caso, porquanto os dois infantes tinham nascido praticamente ao mesmo tempo. Não há menção de nenhuma parteira que fosse capaz de distinguir entre os dois infantes.

3.18

Nenhuma outra pessoa se achava conosco na casa. Não havia outrem na casa com as duas mulheres, nem mesmo seus clientes. Era óbvio que naqueles dias elas não estavam pondo em prática sua profissão. Portanto, não havia testemunhas do drama. "Nesse julgamento, *nenhuma evidência* podia ser apresentada pelo outro lado" (John Gill, *in loc.*). Salomão dependeu exclusivamente de seu instinto, mas a inspiração divina o estava influenciando.

3.19

De noite morreu o filho desta mulher. É uma característica interessante desse relato que a criança tenha morrido de uma maneira muito comum aos infantes. Os pais com frequência dormem com seus filhinhos recém-nascidos e, tal como nesta história, um ou outro dos pais, por acidente, deita-se sobre o bebê, o qual morre sufocado. Ainda recentemente, li uma história que ocorreu precisamente assim. O pai do infante foi dormir a sesta, e aconteceu-lhe deitar o braço sobre a criança. Bastou o peso do braço para sufocar a criança. Assim sendo, sempre é recomendado deixar os infantes dormir no próprio berço.

3.20,21

Levantou-se à meia-noite. A troca dos bebês. Uma das mães, horrorizada, descobriu que acidentalmente tinha sufocado sua criança durante a noite. Portanto, à "meia-noite", ela se levantou e trocou a criança morta pela criança viva e tornou a deitar-se. Podemos imaginar a consternação da mãe da criança sobrevivente, ao acordar e descobrir a criança, e então *reconhecer* que a criança que estava com ela não era a sua! Um ultraje havia sido cometido, mas como prová-lo? A mãe da criança morta, em sua tristeza, tinha cometido um *crime*. Nenhuma espécie de amor maternal pela criança que não lhe pertencia compensaria seu ato vil. A verdadeira mãe não permitiria que tal injustiça prevalecesse. Ela resolveu, ali mesmo, levar o caso ao rei. Ele saberia o que devia ser feito. Harry Truman, homem de origens humildes, tornou-se presidente dos Estados Unidos da América. Era conhecido por sua sabedoria incomum. Foi ele quem deu as ordens sobre como reconstruir a Europa, devastada pela Segunda Guerra Mundial. Churchill confessou a ele que o "desprezara" quando veio tomar o lugar do prestigioso Roosevelt, de quem Truman fora vice-presidente. Mas quando Churchill viu como Truman tomava sábias decisões, e como realizava um grande serviço em favor da Europa, o inglês mudou de parecer. Após a sua morte, foi lançado um cântico popular sobre o presidente Truman, que dizia: "Se ele estivesse ali, *saberia* o que fazer". O país tinha entrado em um tempo de dificuldades e carecia de decisões sábias. O povo americano relembra a sabedoria de Truman.

3.22

O autor sagrado poupa-nos de ouvir de novo todos os detalhes "da outra mulher", mas meramente enfatizou como elas disputaram sobre a questão na presença de Salomão. O rei, somente por ouvi-las e observar-lhes as expressões faciais, não foi capaz de determinar qual era a verdadeira mãe da criança sobrevivente. Portanto, ele tinha de "arriscar o fracasso, em lugar de submeter-se à impotência", iniciando uma infrutífera e longa investigação. Nenhuma das mulheres podia dar provas de suas assertivas. A sabedoria de Salomão estava sendo submetida a teste. Ele não podia agir com base na mera racionalidade.

3.23-25

Uma Solução Surpreendente e Improvável. Porventura o rei Salomão realmente cortaria o recém-nascido pelo meio, à espada, na presença daquelas duas mulheres? Estaria ele blefando? Falaria a sério? Estou calculando que ele, sério em toda a sua aparência, demonstrasse que realmente queria que a criança fosse morta ali mesmo, e que cada uma das mulheres ficaria com metade da criança. Ele precisou agir de maneira tão *radical* porque não via evidências, mas somente ouvia histórias contraditórias, contadas repetidamente pelas duas mulheres (vs. 23). Dramaticamente ele fez entrar um oficial do exército que, com a espada erguida, estava prestes a cortar o infante pela metade, com um único golpe sem misericórdia (vs. 24). Algumas vezes, as *soluções* só podem ser atingidas por meio de atos ousados, radicais e corajosos. Mas para ocupar-nos dessas soluções, precisamos de *sabedoria* para não derrubarmos a casa inutilmente. Oh, Senhor, concede-nos tal graça! Assim sendo, Salomão proferiu as palavras terríveis: "Dividi em duas partes o menino vivo, e daí metade a uma, e metade a outra" (vs. 25).

Um curioso “caso de maternidade” foi contado por Suetônio acerca da vida do imperador Cláudio (cap. xv). Esse homem era célebre por sua sabedoria incomum. Certa mulher recusava-se a reconhecer que um jovem não era filho dela (por razões que não nos foram ditas). Assim sendo, o imperador ordenou que a mulher se casasse com o jovem. Em lugar de cometer tal incesto, ela confessou a verdade.

Faz da sabedoria tua provisão para a jornada da juventude à idade avançada. Ela servirá de apoio, melhor do que todas as demais possessões.

(Bias)

3.26

Dai-lhe o menino vivo, e por modo nenhum o mateis. Temos aqui um caso de reação natural e incrível. Não ficamos surpreendidos que a mãe verdadeira tenha preferido entregar seu filho à outra, se fosse necessário salvar a vida da criança. Mas é quase inacreditável que a outra mulher se tenha mostrado tão sem coração a ponto de dizer a Salomão: “Adiante! Cortai a criança pela metade e dai-me a minha parte!”. Por outro lado, ela poderia ter agido assim impulsionada pelo ódio e pelo despeito, preferindo isso a *perder o caso* de modo definitivo. Além disso, sua ação pode ter sido um ato de *vingança* contra a mãe que insistira em levar o caso ao rei. Seja como for, estava em operação o ódio, e talvez a simples *insanidade*. Talvez ter perdido sua criança daquela maneira insensata (ela a tinha sufocado!) a deixara temporariamente descontrolada. Mas a compaixão comprovou qual era a verdadeira mãe. E a crueldade potencial revelou quem era a mentirosa.

3.27

Não o mateis, porque esta é a sua mãe. A *Correta e Sábia Decisão*. Salomão agiu radical mas sabiamente. Seu plano deu certo. Seria tudo um golpe? Suponho que não, e que ambas as mulheres sabiam que estavam prestes a ver uma cena sangrenta. Foi uma medida radical, mas eficiente. Com demasiada frequência, em nosso mundo, é o radical que realiza as coisas, boas ou más. São os radicais que fazem o trabalho. O homem cauteloso e racionalizador hesita, mas há ocasiões em que hesitar é equivalente a perder-se.

O covarde considera-se cauteloso.

(Publilius Syrus)

Ver o que é certo e não fazê-lo é falta de coragem.

(Confúcio)

*Os covardes escondem-se para morrer.
Os corajosos continuam a viver.*

(George Sewell)

A coragem é a virtude que defende a causa do direito.

(Cícero)

Até a muitos homens bons falta convicção, ao mesmo tempo que, infelizmente, os homens maus são freqüentemente cheios de uma *vontade* feroz de realizar coisas.

*Aos melhores falta a convicção.
Os piores são cheios de intensa paixão.*

(William Butler Yeats)

3.28

Todo o Israel ouviu a sentença que o rei havia proferido. Uma *Merecida Reputação*. A história acima, que ilustra a sabedoria de Salomão, era apenas uma dentre as muitas que circulavam por todo o Israel, mostrando a todos que eles tinham por rei a um homem sábio, em cumprimento à *promessa divina* (ver I Reis 3.12). Salomão mostrava-se tão sábio que por toda parte se reconhecia que o Espírito de Deus o inspirava. Havia algo de sobrenatural em sua sabedoria. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Sabedoria*.

“A justiça divina é dispensada pelo Deus-Pai que é infinitamente sábio e compreensivo. Ele olha para o coração. Ele vê ‘os propósitos ainda não-firmados, os instintos imaturos’. Ele compreende o misto de influências em que cada criança que erra está envolvida. Ele toma consciência de que nossos pecados fluem juntos como as águas se misturam à corrente. Nossa pequena mente finita não pode compreender a plenitude da compaixão divina, mas cantamos com fé, juntamente com Fredrick W. Faber:

*Há uma largueza na misericórdia de Deus,
Como a amplitude do mar;
Há uma bondade em Sua justiça,
Que ultrapassa à liberdade.*

“A misericórdia é parte integral da verdadeira justiça” (Ralph W. Sockman, *in loc.*).

No caso de Salomão, como em todos os outros casos, a verdadeira justiça requer uma sabedoria incomum por trás dela. A justiça é um dedo de amor; e o julgamento é um dedo da mão amorosa de Deus. Há um arco-íris que circunda o trono de Deus (ver Apo. 4.3). Deus governa de um trono de graça. A Sua *sabedoria* ordenou que as coisas operassem *dessa* maneira, pois, de outra sorte, nenhum homem poderia ficar de pé na presença Dele.

Capítulo Quatro

A Administração de Salomão (4.1-34)

Salomão precisava de ajuda para governar todo o povo de Israel (vs. 1), pelo que escolheu, em sua sabedoria, certo número de subordinados (vss. 2 ss.). Por isso encontramos tão grande lista de auxiliares de Salomão. De modo geral, a *grandeza* de Salomão é enfatizada porque ele e sua equipe, corretamente escolhida, agiam corretamente. A *Septuaginta*, após I Reis 2.23, tem uma longa lista de tais auxiliares. As diferenças entre essa lista e a do presente capítulo são profundas e com freqüência nos deixam perplexos. Como é óbvio, mais de uma fonte está por trás desses materiais, e os editores não se deram ao trabalho de procurar harmonizá-las. Alguns estudiosos sugerem que a lista que aparece na *Septuaginta* refere-se a subordinados de Salomão que labutaram no final de seu reinado, ao passo que a lista do presente capítulo refere-se aos que atuaram no começo de seu reinado; mas essa sugestão é apenas uma conjectura e nada resolve. Ao longo do caminho, identifique alguns dos problemas mais difíceis. O reinado de Salomão foi cercado por um halo feliz. O povo de Israel estava comendo, bebendo e divertindo-se em meio à prosperidade e à paz (vs. 20). E alguns deles começaram a encontrar tempo para dedicar-se à idolatria; mas essa já é outra história, não abordada no presente capítulo. O conhecimento da sabedoria incomum de Salomão espalhou-se entre países vizinhos, e muitos vieram para investigar o fenômeno (vs. 34). Salomão foi autor de provérbios e cânticos. Ele era tão versátil quanto o seu pai (vs. 32). De modo geral, este capítulo exalta o homem. Por certo ele foi o filho extraordinário de um pai extraordinário.

“A delegação de autoridade é um sinal de sabedoria” (Thomas L. Constable, *in loc.*). Foi assim que Salomão manifestou sabedoria em sua maneira de administrar. Ele não tentava fazer tudo sozinho, como costumam fazer os ditadores. Ele sabia delegar autoridade, e sabia escolher bons delegados.

4.1

O rei Salomão reinou sobre todo o Israel. *Rei sobre Todo o Israel*. Durante o reinado de Reoboão, filho do rei Salomão, o reino de Israel em breve dividir-se-ia em reinos do norte (Israel) e do sul (Judá). Finalmente, cada uma dessas duas facções seria levada para o cativeiro por inimigos estrangeiros (a Assíria e a Babilônia, respectivamente). Mas no tempo de Salomão houve *unidade e liberdade* tanto de inimigos externos quanto de inimigos internos, graças aos sucessos de Davi na guerra (ver II Sam. 10.19 quanto às oito nações inimigas que Davi derrotou).

Salomão tornou-se “famoso; ele reinou pelo consentimento de todos e no coração de todo o povo de Israel” (John Gill, *in loc.*). “A ênfase que calca o *todos* era característica de um escritor sacro que compilou o seu livro após a divisão do reino em dois” (Ellicott, *in loc.*).

4.2

Eram estes os seus homens principais. A *delegação de autoridade* era uma demonstração da *sabedoria* de Salomão, tão vividamente enfatizada no capítulo anterior. Ele nomeou onze principais oficiais sobre o seu governo. Três deles eram sacerdotes, a saber: Azarias (vs. 2); Zadoque e Abiatar (vs. 4). Azarias era filho, ou melhor, neto de Zadoque (ver I Crô. 6.8,9).

A *todos* os nomes próprios da lista deste quarto capítulo são conferidos artigos separados no *Dicionário*, de modo que meus comentários aqui se limitam ao escopo e aos detalhes.

Homens principais. A Revised Standard Version diz aqui “altos oficiais”. “Esses eram os homens grandes, chefes ou principais, nenhum deles um príncipe no sentido comum da palavra” (Adam Clarke, *in loc.*).

“Os oficiais aqui descritos estavam divididos em duas classes: os ligados à corte de Salomão, e os investidos de autoridade local” (Ellicott, *in loc.*). Provavelmente, o primeiro a ser nomeado, Azarias, era seu primeiro-ministro, por haver sido mencionado no alto da lista.

4.3

Todos os nomes próprios que figuram neste versículo recebem artigos separados no *Dicionário*, de modo que meus comentários aqui são breves. Sabemos bem pouco sobre a maioria deles.

Eliorefe. Era filho de Sisa, um dos escribas do reinado de Salomão.

Aias. Irmão do primeiro. Aias era o outro escriba ou secretário. As denominações certamente são os nomes pessoais dos indivíduos, e não títulos. Os escribas preparavam editos reais, documentos de comércio, registros oficiais, cartas a respeito da correspondência real. Em suma, qualquer coisa que tivesse de ser guardada por escrito, que fosse de interesse do rei, era responsabilidade deles. Eram uma espécie de *secretários do Estado*.

Josafá. Este era o *cronista*. Mantinha registro de todos os negócios importantes diários do reino. Também havia servido nessa capacidade sob Davi. Ver II Sam. 8.16 e 20.24 quanto a versículos paralelos que fornecem maiores detalhes sobre os ofícios envolvidos. Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Escriba* e *Cronista*.

4.4

Benaia. Ver o artigo detalhado sobre ele no *Dicionário*. Ele tomara o lugar de Joabe como comandante-em-chefe do exército e já tinha realizado certo número de missões difíceis para Salomão, como as execuções de Joabe e Simei (capítulo 2). O chefe do exército era também o principal executor, que despachava os principais criminosos ou rivais do rei.

Zadoque... Abiatar... Sob Davi, esses dois homens desempenharam conjuntamente o ofício de sumos sacerdotes. Mas, quando Abiatar tomou o partido de Adonias na luta pelo trono, ele foi deposto e exilado por Salomão (I Reis 2.26,27). Quando isso aconteceu, a linhagem de Eli (de quem Abiatar era descendente) deixou de produzir sumos sacerdotes, e esse ofício passou para a linhagem de Zadoque. O curso da linhagem de Eli foi assim cumprido. Dou plenos detalhes sobre essa questão no texto que acabamos de mencionar e nos dois artigos sobre aqueles homens, no *Dicionário*. A presente notícia foi escrita antes da queda de Abiatar, ou talvez ele ainda retivesse o título de sumo sacerdote e atuasse como um sacerdote comum, apesar de seu exílio e queda do favor de Salomão, tal como Anás (no Novo Testamento) continuou sendo chamado *sumo sacerdote*, mesmo depois que fora deposto de seu ofício pelos romanos.

4.5

Azarias. Também mencionado no segundo versículo, era o superintendente dos oficiais, uma espécie de primeiro-ministro perante o qual os outros oficiais eram responsáveis, tal como ele mesmo era responsável diante do rei. Talvez ele fosse filho de Natã, o profeta, sobre quem comentamos longamente no *Dicionário*. Mas alguns intérpretes acreditam que o Natã desse versículo não era o profeta. Talvez ele fosse filho de Davi e irmão de Salomão (ver I Crô. 3.5).

Zabude. Não podemos determinar qual Natã está em pauta aqui, se o profeta ou se um filho de Davi. Mas sabemos que o termo hebraico *cohen* (oficial) aqui usado para Zabude é expressamente atribuído, em II Sam. 8.18, aos *filhos de Davi*. É verdade que o termo pode significar "sacerdote", embora também quisesse dizer *ministro*. Na referência de II Sam. 8.18 dou detalhes sobre o significado e o uso dessa palavra.

Intendente-chefe. Um dos ministros-chefes sujeito a Azarias, mas um grande homem, dotado de grande responsabilidade por seu próprio direito, e amigo pessoal de Salomão. O original hebraico diz *cohen*, conforme se vê no comentário mais acima. Os deveres desse homem não foram descritos, mas o fato é que ele estava profundamente envolvido nos negócios do Estado. Nos dias de Davi, era *Husai* quem cumpria essa posição (ver II Sam. 15.37; 16.16). Esse título figura nas cartas de Tell el-Amarna (ver sobre esse assunto no *Dicionário*). Mas ali se refere a um ofício inferior nas cortes da Palestina, no decorrer do século XIV A. C. Na qualidade de elevado oficial e também amigo do rei, esse homem era uma espécie de "conselheiro particular" do rei. A Septuaginta e a versão de Luciano omitem a tradução do termo hebraico *cohen* no tocante a Zabude.

4.6

Aisar. Era o principal *mordomo* da corte real. Cf. II Reis 18.18, onde os mesmos ofícios que aparecem no presente texto são mencionados, e onde *Eliaquim* é chamado de "o mordomo". Ver no *Dicionário* sobre esse termo. Parte do ofício desse homem era supervisionar os servos e trabalhadores da corte do rei, e daqueles relacionados aos seus negócios pessoais.

Adonirão. Nos dias de Davi ele tinha servido como chefe das equipes de *trabalho forçado* (ver II Sam. 20.24). Salomão usava-o como chefe de seus projetos de construção. Ele também era o chefe do tesouro e da cobrança de impostos, de modo que ele era um homem muito atarefado e com diversas responsabilidades. Ver *detalhes* sobre ele no segundo ponto do artigo com nome, no *Dicionário*. O Targum sobre o presente versículo diz que o homem recolhia tributos. Ele se assegurava de que o tesouro do rei sempre tivesse grandes recursos armazenados.

Governadores Provinciais de Salomão (4.7-19)

4.7

A *Lista de Doze Nomes*. Os homens cujos nomes aparecem na atual lista estavam ocupados no governo de distritos e em conseguir alimentos para o palácio real. Cada um deles ocupava-se do ofício por um mês durante o ano. Podemos imaginar que a corte de Salomão era uma pequena cidade, onde havia um elevado nível de vida. Os alimentos precisavam ser importados. Artigos de luxo eram a regra, e não a exceção. "Essa lista dá os nomes de doze oficiais administrativos e seus respectivos distritos. Cada *governador* provia suprimentos para o estabelecimento de Salomão durante um mês por ano. A lista é importante por duas razões. Em *primeiro lugar*, os limites não eram equivalentes às antigas fronteiras das tribos. Antes, pensa-se que isso fazia parte das normas deliberadas de Salomão, mediante as quais ele tentou quebrar as antigas lealdades tribais, a fim de consolidar seu próprio governo real. Se isso é realmente verdade, então temos aqui uma das causas da queda do reino unido, por ocasião da morte de Salomão. *Segundo*, não havia governador sobre nenhuma parte de Judá. Isso é significativo, visto que o principal dever do governador para com o rei era prover suprimentos para a corte e para o exército permanente de carros de combate e cavalos (vss. 22,23; 27,28). Judá, ao que tudo indica, estava *isento* dessa cobrança, pelo que foi dispensado, em contraste com o restante do país. E quando percebemos que Judá também não deveria participar do trabalho forçado, podemos ver que o chamado reino *unido* de Judá e Israel era dominado quase inteiramente por Judá" (Norman H. Snaith, *in loc.*).

Naturalmente, além de seus deveres para com o rei (descritos na exposição anterior), eles precisavam cuidar de seus próprios distritos como governadores. A capital era muito *exigente*, e isso servia de grande *dreno de ouro* nas economias locais, o que sempre será uma fonte de dificuldades e divisões.

4.8

"É interessante que dois dos governadores eram genros de Salomão (vss. 11,14). Todos os doze, exceto Aimaás (vs. 15), são mencionados somente aqui na Bíblia. Aimaás, muito provavelmente, era filho de Zadoque, o sacerdote (cf. II Sam. 15.27)" (Thomas L. Constable, *in loc.*). É óbvio que, visto que esses homens são mencionados somente aqui na Bíblia, como uma exceção, praticamente nada se conhece sobre eles, exceto o que podemos colher do presente contexto.

Ver o mapa quanto aos doze distritos e como eles faziam fronteiras com as terras de outros povos. Note-se que o mapa não mostra que Judá tenha sido incluída nos *impostos*, e que as antigas fronteiras tribais não são respeitadas. Alguns intérpretes supõem que as doze tribos prosseguiram conforme era usual, e aqueles distritos foram criados somente para efeito de cobrança de impostos, ao passo que os negócios das tribos continuavam da forma usual. No entanto, parece antes que Salomão simplesmente rearranjou as "fronteiras das tribos" e produziu doze distritos que tomaram o lugar das doze tribos, para todos os efeitos práticos.

Portanto, temos aqui *governadores de províncias*, em lugar de chefes tribais.

Uma Distinta Peculiaridade da Lista. São dados os nomes dos "pais" dos governadores, e não os nomes dos próprios governadores, em quase todos os casos. Os intérpretes ficam perplexos diante dessa peculiaridade, mas não fornecem argumentos convincentes sobre *por que* o autor manuseou a questão dessa forma. Difícilmente há chances de que os nomes se tenham "perdido", e, assim sendo, tiveram de ser supridos os nomes das famílias. Houve alguma *razão* por trás da omissão, mas não sabemos determinar qual.

Primeiro Distrito. Correspondia mais ou menos à tribo de Efraim, embora não seguisse exatamente as fronteiras da tribo. Ver o mapa da área envolvida. John Gill supõe que cada distrito fosse uma área *dentro da tribo* envolvida, embora não pudesse ser identificada exatamente com a própria tribo. Alguns dos distritos, entretanto, não correspondiam de maneira alguma às antigas fronteiras tribais, como se tornará evidente conforme a exposição prosseguir.

Ben-Hur. O filho desse homem era o governador do primeiro distrito. Não sabemos dizer por que o autor não deu simplesmente o nome do homem. Ver os comentários anteriores sobre essa característica da lista. Em todos os casos, ver os nomes próprios no *Dicionário* quanto aos detalhes que temos das pessoas

mencionadas, que não são muitos, na maioria dos casos. Algumas traduções dizem Ben-Hur como se fosse o nome do próprio governador, mas é evidente que não foi esse o intuito do autor sagrado. Ver sobre *Hur*, ponto quarto, quanto a detalhes e discussões.

4.9

Segundo Distrito. Nenhuma equivalência tribal é dada, mas somente várias cidades principais do distrito, todas as quais são comentadas no *Dicionário*. Ver no mapa a área marcada com o número 2. A maioria dos lugares mencionados pertencia ao território de Dã, mas o território de Benjamim também parece estar envolvido. Talvez até um trecho de Judá tenha entrado nesse segundo distrito.

A maior parte da área sugerida estava sob as mãos dos filisteus, mas Davi os havia confinado a uma área menor ainda. Salomão continuou a exercer autoridade nos lugares que Davi havia conquistado ou submetido ao pagamento de tributos. Cf. Jos. 19.41-43 quanto aos nomes locais. *Macaz* é mencionada somente aqui. Alguns situam essa localidade em Judá. Se uma cidade está em pauta, pode ser a moderna Khirbet el-Mukheizin, ao sul de Ecrom. Mas pode estar em vista uma área, e não uma cidade.

Ben-Dequer. “Filho de Dequer”. Dequer vem de uma raiz hebraica que significa “atravessar”, “transfixar”.

4.10

Terceiro Distrito. Os nomes associados a esse distrito são *Socó* e *Hefer*. Ver o número 3 no mapa. Esses lugares ficavam na planície de Sarom, que pertencia à tribo de Manassés, mas a somente uma pequena parte daquele território, sugerindo que o terceiro distrito de Salomão era apenas uma parte do sul do território de Manassés.

Ben-Hesede. Era o governador do terceiro distrito. Algumas versões, entretanto, dizem apenas Hesede. Certos comentadores pensam que Ben-Hesede é um nome improvável, pois é difícil que todos os governadores tivessem o nome começado com a palavra hebraica *Ben*, “filho”. As próprias versões portuguesas nem sempre usam essa palavra hebraica no começo de cada nome, mas antes dizem “filho de”, como um prefixo para os nomes supostos dos governadores envolvidos.

4.11

Quarto Distrito. Esse distrito é identificado com a área em redor de *Dor*, que pertencia à tribo de Aser. Mas o nome refere-se somente a um trecho do sul daquela tribo, e não o equivalente ao território total. Alguns afirmam que Dor pertencia a Manassés (Jos. 17.11), e originalmente isso era a verdade. Finalmente, ficou pertencendo a Efraim (ver I Crô. 7.29). Ver os detalhes no *Dicionário*. Os mapas mostram que esse distrito ficava em Aser, muito perto da fronteira com Efraim. O delineamento exato das fronteiras era um problema em Israel, no tocante às aldeias fronteiriças.

Ben-Abinadabe. Ele foi o pai do quarto governador. Algumas versões, como no caso anterior, dizem apenas *Abinadabe*. Este homem era genro de Salomão. O nome de sua esposa nos é fornecido, *Tafate*. Nada se sabe a respeito dela, exceto o que é sugerido no presente versículo. O governador do quarto distrito teve a distinção de casar com uma das muitas filhas de Salomão.

4.12

Quinto Distrito. Como em todos os casos, ver o mapa das tribos que acompanha esta exposição. Este distrito era formado de modo muito irregular, pois ocupava parte dos territórios das tribos de Manassés, Issacar e Zebulom (a área para além de Joceão). Ver todos os nomes próprios no *Dicionário*, quanto a detalhes. Cf. este versículo com Jos. 3.26; 17.11 e 19.11.

Baaná, filho de Ailude. Ele é mencionado por seu próprio nome, em contraste com a maioria dos governadores, que têm o nome paterno. Não sabemos dizer por que o autor sagrado abordou a questão dessa forma. Ver as notas sobre o vs. 8, “uma peculiaridade distintiva da lista”. Ver sobre *Baaná*, primeiro ponto, a respeito do que se sabe sobre esse homem.

4.13

Sexto Distrito. Este território ficava para além do Jordão, ou seja, na *Transjordânia* (ver a respeito no *Dicionário*). Partes das meias tribos de Manassés e Gade foram incluídas. Todos os nomes próprios receberam artigos separados com detalhes que não são repetidos aqui. A área, como era evidente, estendia-se para além das fronteiras normais da tribo de Manassés.

Ben-Geder. O filho deste homem era governador do território que formava uma elevada área fértil e era altamente fortificada nos tempos antigos. Havia ali sessenta cidades fortificadas. Seus portões e barras eram cobertos com placas de bronze, como os portões do palácio de Priamo, na história de Virgílio (ver *Eneida*, livro ii, vs. 479).

4.14

Sétimo Distrito. Este distrito, tal como o sexto, ficava na *Transjordânia* e estendia-se por todo o caminho desde o mar da Galiléia até o mar Morto, ocupando partes dos territórios de Manassés e Gade. Ver no *Dicionário* sobre *Maanaim*. Cf. Gên. 32.22, que fala de sua localização. Tal como era verdade no caso das tribos de Israel, fronteiras específicas eram freqüentemente inúteis, a menos que um rio as formasse. Nomes de cidades e lugares são dados, e isso nos fornece uma vaga idéia da extensão, embora não uma noção precisa de seus limites. Em muitos casos, naturalmente, não havia fronteiras específicas, tal como acontece nas cidades modernas (municípios), condados, estados e países. Assim sendo, as fronteiras do norte, do leste e do sul de Israel não eram delineadas, ao passo que a oeste o limite natural era o mar Mediterrâneo. O rio Jordão provia uma fronteira entre o Israel ocidental (este lado do rio Jordão) e a Transjordânia (para além do Jordão).

Ainadabe, filho de Ido. Este era o governador do sétimo distrito. Tal como no vs. 12, o nome do governador é dado sem o prefixo hebraico *Ben*, “filho”. O pouco que se sabe sobre este homem aparece no artigo sobre ele no *Dicionário*.

4.15

Oitavo Distrito. Este distrito aproveitava-se de parte do território de Naftali, embora o quanto e exatamente qual parte não nos tenham sido designados. Mas sabe-se que era a parte mais alta do vale do rio Jordão, ao sul do monte Hermom, e incluía parte da costa noroeste do mar da Galiléia e as águas de Merom. Dentro desse distrito estava Hazor, o centro da confederação do norte, e a cidade levítica de refúgio, Cades-Naftali (ver Jos. 12.22; 19.37; Jui. 4.6). O mapa mostra vários outros lugares da região. O presente texto não nos fornece nomes locais envolvidos.

Aimaás. Era o governador do oitavo distrito, que tinha a distinção de ser genro de Salomão, casado com uma das filhas do rei, de nome Basemate. Cf. o vs. 11. O governador do quarto distrito também era genro de Salomão. Ver sobre *Aimaás* no *Dicionário*, ponto 2, sobre o pouco que se sabe sobre esse homem. A maior parte dos nomes das pessoas listadas encontra-se somente aqui na Bíblia, faltando-nos tradições acerca deles.

4.16

Nono Distrito. Esse distrito ficava no território de Aser.

Bealote. Esta palavra significa *ascensões*, ou seja, montes que subiam em degraus. Perto deste lugar havia um alto monte chamado Escada de Tiro. Talvez haja aqui uma alusão a este lugar ou a lugares adjacentes. A área fazia fronteira com o território sírio e estendia-se para o norte desde o monte Carmelo, primeiramente ao longo da costa e então por trás da cadeia do Líbano. O trecho de Jui. 1.31,32 diz-nos que Aser deixou desocupada grande porção de seu território, mas no tempo de Davi todo o território estava ocupado, e Salomão fez maiores expansões, especialmente para o norte.

Baaná. Era o governador do nono distrito. Ver no vs. 12 como outro homem do mesmo nome governava o quinto distrito. O Baaná deste distrito é discutido sob o ponto 2 no artigo do *Dicionário* que tem esse nome. Coisa alguma é conhecida sobre ele, exceto o que se pode supor com base neste versículo.

4.17

Décimo Distrito. Este distrito ocupava uma parcela não especificada do território de Issacar. Ficava intimamente relacionado ao quinto distrito, sendo provável que as fronteiras não fossem claramente definidas. Não é dado nenhum nome locativo que nos ajude a delinear a área.

Josafá, filho de Parua. Ele era o governador do décimo distrito. Uma grafia alternativa de seu nome, em português, é Jeosafá. Coisa alguma se sabe sobre ele, exceto o que se depreende deste texto.

4.18

Décimo Primeiro Distrito. Ficava localizado na tribo de Benjamim, mas nenhum nome locativo nos é dado para ajudar a delinear o território. Parece que o autor sagrado, conforme progredia, foi-se cansando, de modo que passou a dar descrições cada vez mais curtas sobre os distritos, até que, no fim, meramente

disse em que tribo os distritos estavam localizados. Talvez seu território incluísse Jerusalém, embora Judá estivesse isenta do imposto. A área envolvida era pequena mas populosa, e incluía lugares como Jericó, Betel, Gibeom e Ramá, estendendo-se desde Judá até Efraim.

Simei, filho de Elá. Simei era o nome do governador deste distrito. Não era o Simei que amaldiçoou a Davi e ao qual Salomão mandou executar (ver I Reis 2). Coisa alguma se sabe sobre ele, exceto o que nos é sugerido pelo texto.

4.19

Décimo Segundo Distrito. Esta área ficava a leste do rio Jordão (Transjordânia) e ocupava parte do território das tribos de Rúben e Gade, na fronteira com os moabitas. A fronteira oriental permanecia vaga, mas o limite ocidental era o mar Morto. Até onde se estendia pelo território de Moabe, ao sul, permanece um ponto duvidoso. O versículo narra parte da história do território, dando os nomes dos reis que controlavam a região antes da conquista feita por Israel. Ver sobre os nomes próprios no *Dicionário*, quanto a maiores informações. Ver especialmente sobre *Gileade*.

Judá é conspicuo por sua ausência. Alguns intérpretes supõem que a tribo não podia ter sido dispensada do imposto para a corte real, mas isso é pura conjectura. Temos razões por supor que o autor deixaria Judá de lado se, de fato, essa tribo tivesse participado do imposto. Quanto ao que fica implícito nessa omissão, ver as notas sobre os vss. 7-8 deste capítulo.

Geber, filho de Uri. Era o governador do território. Ver sobre esse nome no *Dicionário*, no primeiro ponto. Houve um Ben-Geder (mencionado no vs. 13 deste capítulo), que era governador do sexto distrito.

O Esplendor de Salomão (4.20-28)

4.20

Eram, pois, os de Judá e Israel muitos. Tendo acabado de descrever como Salomão havia organizado sabiamente o território de Israel em doze distritos (vss. 7-19), os quais tinham de suprir sua corte de todas as coisas necessárias e em abundância, o autor *sagrado* passa agora a contar a glória geral e as riquezas materiais que acompanharam a sabedoria incomum de Salomão. De tudo o rei era suprido, pelo lado de fora e pelo lado de dentro. Ele foi o mais glorioso dos reis de Israel. "Esses versículos nos fornecem um quadro da felicidade idílica que prevalecia por todo o reino. Em adição, dispomos de detalhes da magnificência de Salomão, que falam sobre as dimensões de seu estabelecimento e a quantidade de provisões necessárias para o passadio diário. A ordem dos versículos que aparece na Septuaginta e em Luciano é diferente da que aparece no texto massorético. Os vss. 20,21,25,26 estão incluídos na longa interpolação da Septuaginta que aparece após I Reis 2.46. A ordem que aparece na Septuaginta provavelmente é a original, pois os detalhes ali são muito menos confusos. É evidente que um editor esteve bastante ocupado, aparentemente durante o período pós-exílico (ver o vs. 24 deste capítulo). Ele desejava exaltar a grandeza de Salomão e pintar um quadro impressionante sobre a felicidade geral por todo o norte e por todo o sul, sob o seu governo" (Normal H. Snaith, *in loc.*).

Os *hebreus* eram sensíveis para com a importância da história, e registros foram cuidadosamente guardados. Um autor como o dos livros dos Reis teria acesso a muito material e faria as seleções apropriadas ao propósito e desígnio de seu livro.

É-nos assegurado que o reino de Salomão era forte, próspero e gozava de paz. Além disso, houve significativo aumento populacional desde os dias de Davi. Israel continuava unificado sobre Salomão, mas não muito depois de seus dias, quando seu filho, *Reoboão*, subiu ao trono, após a divisão entre o norte (chamado então Israel) e o sul (Judá).

A Divisão Estabelecida. O alto estilo de vida de Salomão e seu interminável número de empregados públicos impuseram grande carga financeira, que o norte pagava sozinho. Podemos ter certeza de que esse foi um fator que, finalmente, conduziu à divisão entre o norte e o sul do país.

Judá e Israel, respectivamente o sul e o norte (de um único país até os dias de Reoboão, filho de Salomão), eram muito populosos. Não nos é fornecida nenhuma cifra, mas devemos compreender que ocorreria significativo aumento populacional desde o recenseamento de Davi, registrado em II Samuel 24. Aquele censo demonstrou que havia cerca de 1.300.000 homens em idade de prestar serviço militar. Isso significava, por sua vez, que a população total de Israel deveria ser de 6.000.000 de habitantes na época. Ver as notas sobre I Reis 3.8. Naquele versículo, Israel aparece como inumerável, devido à sua multidão. Aqui temos uma expressão familiar, "a areia que está à beira do mar". Quanto a essa expressão, ver II Sam. 17.11. E temos a expressão "como as estrelas do céu" (Êxo. 32.13). Parte do *Pacto Abraâmico* (ver as notas a respeito em Gên. 15.18) dizia que Israel seria um país muito numeroso, formado pelos descendentes de

Abraão. Além disso, esse povo seria distinto (ver as notas expositivas sobre Deu. 4.4-8). A responsabilidade de Salomão era, realmente, grande, e ele efetuou isso com magnificência.

Israel, nos tempos de Salomão, e por causa dele, estava vivendo em "alto nível", conforme certa expressão moderna. Isso incluía muita diversão, música e dança, canções, vinho e mulheres. Os hebreus eram um povo de cânticos e danças. Sem dúvida, as pessoas continuavam trabalhando arduamente, mas o lado "divertido" da vida definitivamente tinha um lado risonho no tempo de Salomão. Ter mais dinheiro permite que as pessoas se divirtam mais, viajem, comam melhor e brinquem.

"Os israelitas tinham o bastante para comer e beber, ser felizes, desfrutar os confortos básicos da vida (cf. I Reis 4.25)" (Thomas L. Constable, *in loc.*).

"Quando Deus Faz Prosperar. A 'glória de Salomão' tornou-se proverbial. O brilho de seu esplendor reflete-se nas páginas do Novo Testamento. O cronista não somente orgulhava-se de contar a magnificência da corte de Salomão, mas para os intérpretes isso serve de *prova* do favor divino. O perigo das riquezas é interpretado pela suposição de que Israel estava sendo recompensado por sua retidão. Para dizer a verdade, a fé hebraico-cristã instila em nós as qualidades da indústria, da integridade e do trabalho árduo, coisas que tendem por provocar o sucesso material. Mas também há verdade no provérbio que diz: 'O amor ao dinheiro é a raiz de todos os males' (I Tim. 6.10)" (Ralph W. Sockman, *in loc.*).

Por outra parte, alguém já disse (com alguma verdade) que "a falta de dinheiro é a raiz de todos os males". E o Novo Testamento abriga o princípio de que tenhamos toda a abundância de graça, em todas as coisas, para que abundemos em toda boa obra (ver II Cor. 9.8). Aprendemos por meio desse versículo que Deus nos faz prosperar, especificamente, para que possamos abundar em toda boa obra. É nesse sentido que o dinheiro é bem-vindo.

4.21

Dominava Salomão sobre todos os reinos. O *Reino de Salomão Estendia-se Até Longe*. O autor nos fornece uma breve nota sobre isso, mas não dá muitos detalhes a respeito. Eufrates é o rio mencionado, formando a fronteira norte de Israel. Além disso, Salomão governava as terras antigas dos filisteus, que davam para o sul. Não sabemos dizer exatamente até que ponto o território de Israel estendia-se para o norte nos dias de Davi, nem nos dias de Salomão. O próprio Egito, até as margens do rio Nilo, não foi ocupado, conforme prometido no *Pacto Abraâmico* (ver as notas expositivas a respeito, em Gên. 15.18), mas Israel conseguiu ampliar seu território para o sul, até as fronteiras com o Egito, se não até o rio do Egito (o Nilo).

Até ao termo do Egito. Provavelmente está em vista o wadi el'Arish, também chamado de ribeiro (ou rio) do Egito. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Ribeiro do Egito*, quanto a referências bíblicas e informações de ordem geral. Essa fronteira ficava mais ou menos a meio caminho entre Gaza e o istmo de Suez. Salomão, contudo, perderia o controle sobre Damasco (ver II Reis 11.24,25). Os limites norte e sul tradicionais em Israel iam de Dã a Berseba (ver I Reis 4.25), mas Salomão os estendeu para mais além, pelo menos por algum tempo.

4.22,23

Era, pois, o provimento diário. Para impressionar-nos com a grandeza de Salomão, o autor diz algo sobre a quantidade e a qualidade do cardápio de Salomão. Estamos abordando as necessidades da corte de Salomão e também a vasta quantidade de cavalos que ele conseguiu reunir. Quanto aos grãos, Salomão precisava de trinta coros de farinha de trigo bem fina (6.730 litros) por dia, além do dobro disso de farinha de trigo mais grossa. Ver no *Dicionário* o artigo geral sobre *Pesos e Medidas*. Ver, especificamente o ponto III, *Medidas de Capacidade*, B.2, *Coro*. Ver também 6. *Ômer*.

Quanto a *carnes*, ele precisava de trinta bois diários, cem ovelhas e bodes, e caça selvagem tal como veados, gazelas, corços e aves cevadas. Portanto, Salomão dispunha de grande variedade de comestíveis, que fariam inveja a muitos milionários da atualidade.

Não nos é dito quantas pessoas eram alimentadas por toda essa provisão diária; mas o fato é que Salomão mantinha 40.000 cavalos e 12.000 cavaleiros, e todos eles precisavam ser alimentados. Por conseguinte, as quantidades mencionadas não eram excessivas, embora ricas e de grande variedade. Ver o vs. 26 quanto aos cavalos e cavaleiros de Salomão.

"A capacidade da nação de dar a Salomão as provisões diárias (cf. com o vs. 7) testifica sua prosperidade" (Thomas L. Constable, *in loc.*). Os *doze distritos* formados por Salomão (ver os vss. 7-19 deste capítulo) tinham de suprir a mesa de Salomão, cada distrito durante um mês. Isso era distribuído por todo o território de Israel, excetuando a tribo de Judá, por motivos que podemos tão-somente imaginar. Ver os vss. 7-8 deste capítulo.

"Quão imenso deve ter sido o número de pessoas que eram alimentadas diariamente no palácio do rei israelita! Vilalpandus calcula um número nunca inferior a 48.000 pessoas; mas Calvisius pensava em 54.000 pessoas!" (Adam

Clarke, *in loc.*). As tradições judaicas, entretanto, falam em 60.000 pessoas (*Shalshalet, Hakabala*, foi. 8.2). Esses eram os funcionários públicos de Salomão, algo que sempre foi uma praga para todos os governos.

O Norte e o Sul se Separam. As tribos do norte (Israel) estavam pagando a conta dos luxos de Salomão e do número imenso de seus funcionários. Havia uma tremenda sobrecarga. Podemos ter certeza de que uma das razões pelas quais o norte e o sul, finalmente, se separaram, formando dois reinos, era essa sobrecarga que Salomão impusera às tribos do norte, da qual ele isentara Judá, o sul.

4.24

Sobre todos os reis aquém do Eufrates. Ou seja, a oeste desse rio. “O autor sacro, neste versículo, vivia a leste do rio Eufrates; e isso deixa claro que temos aqui o trabalho de um editor exilado” (Norman H. Snaith, *in loc.*).

Tífsa. Esta cidade ficava às margens norte do rio Eufrates.

Gaza. Esta era uma das cidades filistéias, no sul (cf. o vs. 21). Portanto, temos aqui outra afirmação concernente à extensão do reino de Salomão, de norte a sul. Ver sobre *Tífsa* e *Gaza* no *Dicionário*. A paz tinha sido estabelecida, graças às conquistas de Davi sobre as oito nações cananéias (ver as notas em II Sam. 10.19). Desfrutando de paz e de muito dinheiro, e de toda a sabedoria de que dispunha, não é de admirar que Salomão tenha conseguido fazer Israel subir à sua maior glória. Ver o artigo chamado *Salomão* como ilustração.

4.25

Judá e Israel habitavam confiados. O autor sacro enfatiza novamente a unidade do país. Tanto o norte quanto o sul participavam de todos os benefícios do governo salomônico. Ele também quis dar a entender que cada homem era um proprietário, e tinha suas próprias provisões, de modo que, para todos os efeitos práticos, gozava de independência financeira. Cada qual possuía suas próprias terras, com sua produção de uvas e figos (e todas as demais coisas necessárias para um bom suprimento alimentar, embora essas coisas não sejam especificamente mencionadas).

“Cada indivíduo vivia sob sua videira e sua figueira (vs. 25). Essa é uma expressão figurada que indica paz e prosperidade (cf. Miq. 4.4 e Zac. 3.10). Tanto a videira quanto a figueira eram símbolos da nação de Israel e retratavam a abundância agrícola que havia na Terra Prometida” (Thomas L. Constable, *in loc.*).

“Os filhos de Israel não eram mais obrigados a habitar em *idades fortificadas*, por temor a seus adversários. Antes, espalharam-se por todo o território do país, que eles cultivavam em todos os rincões. Eles sempre tinham o privilégio de comer os frutos de seus próprios labores” (Adam Clarke, *in loc.*).

Tipologia. Em Cristo, há abundância espiritual e pleno suprimento para a alma.

Desde Dã até Berseba. Em outras palavras, em todas as terras. Estes dois lugares falam sobre o extremo norte e o extremo sul do território de Israel. Ver as notas em I Sam. 3.20 sobre essa expressão. A distância entre esses lugares era apenas de 240 quilômetros, o que significa que Israel era menor do que o estado de São Paulo. Naturalmente, Salomão ampliou seu reino muito mais ao norte do que Dã, mas a expressão, proverbial que era, continuou a falar sobre a *totalidade* de Israel.

4.26

Tinha também Salomão quarenta mil cavalos. A lei contra a multiplicação de cavalos para o rei ideal (Deu. 17.16) não foi observada por Salomão. Um rei, poderoso por causa de seus cavalos, carros de combate e outros implementos de guerra, suporia não precisar de Yahweh como seu Capitão. Ele obteria suas próprias vitórias. Talvez agora, que Salomão tinha paz e que todos os inimigos de Israel haviam sido subjulgados, a lei acerca de cavalos não faria mais sentido. Este texto dá 40.000 estábulos para cavalos; e II Crônicas fala em 1.400 carros de combate e 12.000 cavaleiros. Essa massa de cavalos, homens e carros de combate não era guardada em um único lugar, mas sim em lugares chamados *idades para os carros* (ver II Crô. 9.25; cf. I Reis 9.19). Muitos eruditos pensam que o número imenso de 40.000 cavalos deveria dizer 4.000, supondo que a ocorrência de um erro escrivai neste ponto do texto. O trecho de II Crô. 9.25 diz 4.000 cavalos, o que provavelmente está incorreto. Vários intérpretes procuram reconciliar os dois números, mediante toda espécie de truques e contorções. É melhor, porém, confessar que um erro entrou no texto de I Reis devido ao fato de que as letras hebraicas eram usadas em lugar de algarismos. E era fácil trocar uma letra por outra, ou escrever uma em lugar de outra, pois algumas eram extremamente parecidas. O total de 4.000 estábulos seria suficiente para 12.000 cavalos!

Tradicionalmente, Israel contava com forças armadas de infantes; e, para derrotar seus formidáveis inimigos, Israel precisava do poder interventor de Yahweh.

Este sempre se fizera presente. Mas agora que estava seguro na terra, Israel tornou-se uma potência militar como seus vizinhos, completa com cavalaria, carros de combate etc. Poder-se-ia argumentar que, uma vez que o exército de Salomão era *defensivo*, os cavalos eram permitidos. Mas é melhor ainda dizer que a antiga lei se tornara obsoleta.

Ben Gersom, ao procurar reconciliar entre si os números 40.000 e 4.000, supunha que o primeiro representava o número de cavalos, e o segundo o número de estábulos onde os cavalos eram guardados. Isso é possível, mas não é o que diz o original hebraico, e as reconciliações servem ao propósito de não confessar que erros posteriores conseguiram macular o texto sagrado. Além disso, outros lançam a culpa pelo erro a algum escriba subsequente, e assim aliviam o texto *original* de qualquer equívoco. Mas isso é, igualmente, uma reconciliação insensata a qualquer preço, mesmo que seja à custa da honestidade. Tais questões nada têm que ver com a fé religiosa e constituem problemas somente para os céticos (que *precisam* encontrar erros para sentir-se felizes), ou para os ultraconservadores, que *precisam*, a qualquer custo, não encontrar erros na Bíblia.

4.27

Forneciam, pois, os intendentess provisões. Mediante essas palavras, o autor sacro faz-nos voltar aos *doze governadores dos doze distritos* que ele havia descrito longamente nos vss. 7-19 deste capítulo. Cada um deles teve a responsabilidade de suprir o imenso aparato de funcionários públicos com alimentos por um mês. Ver os comentários sobre o vs. 7. Essa imposição cabia às tribos do norte, pois Judá (que formava o sul) estava isenta. E é possível que esse fator tenha sido uma das causas da divisão que, afinal, ocorreu entre o norte e o sul. O povo cansou-se de sustentar o elevado estilo de vida de Salomão. Seja como for, o sistema que Salomão criou trabalhava tão bem que nunca havia ausência do necessário, em momento algum. O vs. 25 mostra-nos que o país inteiro, a despeito de possíveis abusos, prosperava, de modo que nada faltava a homem algum. Israel tornara-se uma nação materialmente próspera, muito além de qualquer coisa antes experimentada.

4.28

Também levavam a cevada e a palha para os cavalos e os ginetes. Os próprios cavalos, ainda que fossem somente 4.000, ou mesmo 12.000 (um cavalo para cada cavaleiro), tinham de comer. A Septuaginta diz 4.000 garanhões. As versões árabe e siríaca omitem o vs. 27 (e suas estatísticas), por causa da confusão que entrara no texto sagrado. Além dos cavalos, também são mencionados camelos; mas não nos é dito quantos camelos eram criados por Salomão. Porém, a Revised Standard Version, em lugar de camelos, fala em “ganhões velozes”, ou seja, cavalos especialmente velozes; e o hebraico original admite essa tradução. A Vulgata Latina talvez tenha a tradução mais correta, ou seja, “bestas de carga”. A versão caldaica diz “cavalos de corrida”. Talvez Salomão usasse esses cavalos especiais no serviço de comunicação, mais ou menos como os “pony-expresses” da história dos Estados Unidos. A invenção do trem finalmente anulou qualquer necessidade de cavalos ligeiros para transporte dos correios e outras mensagens. John Gill (*in loc.*) pensava que esses outros animais fossem mulas e apontou para II Crô. 9.24. Nesse caso, a idéia da Vulgata Latina está correta, visto que a mula era um animal especialmente usado no transporte de cargas. Mas Ellicott (*in loc.*) declarou aqui: “... provavelmente os cavalos dos mensageiros reais, em distinção aos cavalos usados na guerra”. Seja como for, esses incontáveis animais consumiam imensas quantidades de alimentos, e isso fazia parte da provisão que os doze governadores eram obrigados a fornecer a Salomão.

4.29

Salomão Era Tão Generoso Quanto Sábio. Ver I Reis 3.1-15 quanto à escolha da sabedoria, por parte de Salomão, em lugar de qualquer outra coisa. Mas tendo escolhido a sabedoria, ele obteve tudo — fama, riquezas, poder e vida longa. Salomão era tão generoso que seu coração fez muitos favores a seus semelhantes, como se fosse a areia dos mares. Essa expressão foi usada para indicar a grande população de Israel (ver II Sam. 7.11 e suas notas comparativas; cf. o vs. 20 do presente capítulo). Ele obteve sua sabedoria da fonte de toda sabedoria (ver Tia. 1.5). Ele também conseguiu um coração generoso da mesma fonte, o amor de Deus, e assim comprovou a genuinidade de sua espiritualidade (ver I João 4.7). O homem que nasce de Deus é um homem generoso, pois a generosidade é apenas outro nome para o amor. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Amor*; e na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete intitulado *Liberalidade, Generosidade*. A ausência da generosidade atrai maldições (ver Pro. 28.27) e prova que não amamos a Deus (ver I João 3.17). Também comprova que não temos fé (ver Tia. 2.14-16). Somos exortados à generosidade (ver Luc. 3.11; 11.41; Atos 20.35; I Cor. 16.1 e I Tim. 6.17,18). Salomão, pois, era um exemplo de homem generoso; mas a missão de Cristo é um exemplo da generosidade divina (João 3.16). A generosidade é o amor em ação, um dos aspectos do fruto do Espírito (ver Gál. 2.22,23), o solo onde todas as demais virtudes medram e prosperam.

Note-se, neste versículo, quão intimamente estão ligadas a sabedoria e a generosidade. Um homem sábio também se mostra generoso. Salomão era dotado de um conhecimento enciclopédico, mas também fazia doações enciclopédicas. A mente de Salomão continha um oceano de conhecimento, mas esse conhecimento não era estéril. Estendia-se a outros sob a forma de boas obras.

Alguns intérpretes fazem do entendimento a sua “grandeza de coração”, referindo-se somente à imensa sabedoria de Salomão, e não vêem nenhuma referência à generosidade. Nesse caso, perdemos um significado precioso deste versículo. Mas não perdemos a correção espiritual do conceito. Precisamos considerar outros textos para mostrar quão sábio é sermos generosos, conforme ilustra anteriormente.

4.30

Era a sabedoria de Salomão maior do que a de todos os do Oriente. A sabedoria vem do Oriente, e a tecnologia vem do Ocidente, “até que o Japão” foi adicionado. Fosse como fosse, o Oriente era conhecido por seus sábios, seus astrólogos, seus mestres espirituais. Israel não tinha nenhum homem que se comparasse com os do Oriente, até que Salomão surgiu e ultrapassou a todos eles. O Egito era uma grande civilização (em sua XIIIª dinastia), quando Abraão subiu à Palestina como um nômade. Heródoto disse que, para acreditar em todas as maravilhas que existiam no Egito, era mister que o indivíduo fosse até lá para ver as coisas por si mesmo. Mas não havia um único sábio no Egito que se pudesse comparar com Salomão. Naturalmente, tudo era uma obra divina, dada pelo Espírito Santo. Salomão alcançara tamanha sabedoria por concessão de Yahweh, porque fizera uma sábia escolha e também porque sua missão em Israel requeria tal sabedoria. Os *Bene Qédhen* (os filhos do Oriente) algumas vezes são limitados às tribos árabe-edomitas do sudeste do mar Morto. “A Arábia-Edom era o lar tradicional da sabedoria epigramática que os hebreus tanto admiravam. Cf. Jó 1.3, onde ‘todos os do Oriente’ são os senhores do deserto da Arábia” (Norman H. Snaith, *in loc.*).

No presente versículo, em que o autor fala sobre o rio Eufrates, a fronteira do extremo norte de Israel (vs. 24), provavelmente o autor também tinha em mente a sabedoria dos assírios, os quais haviam edificado um grande império que, finalmente, acabaria levando a nação do norte (Israel) para o cativeiro. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Cativeiros*.

Estão em pauta os “caldeus, os persas e os árabes, os quais, juntamente com os egípcios, eram famosos por sua sabedoria e conhecimento” (Adam Clarke, *in loc.*). O Egito era a mãe de muitas das artes e ciências, e o mundo subsequente estaria envidado naquele lugar por longo tempo ainda.

4.31

Era mais sábio do que todos os homens. Agora o autor sagrado selecionou alguns indivíduos especialmente sábios, cujos nomes eram conhecidos por qualquer pessoa bem educada. Esses nomes representam várias áreas geográficas, mas nem um deles podia comparar-se a Salomão.

Etã. Este é o nome de várias personagens bíblicas. Entre elas, um renomado sábio, mencionado somente aqui e no título do Salmo 89. Tratava-se de um *ezraíta*, o patronímico dos levitas Hemã e Etã (ver I Reis 4.31). W. F. Albright interpretou a palavra com o sentido de *aborigene*, uma referência a povos pré-israelitas. Alguns daqueles povos antigos foram incorporados a Israel, e alguns deles tornaram-se, com o tempo, levitas.

Hemã, Calcol e Darda, filhos de Maol. O autor sacro estava falando sobre uma gente acerca da qual conhecemos bem pouco, mas que deve ter sido bem conhecida naquela época. Talvez *Hemã* fosse o mesmo filho de Zerá e neto de Judá (ver I Crô. 2.6). *Calcol* era o quarto dentre cinco filhos (ou descendentes) de Zerá (ver I Crô. 2.6). *Darda* era outro de seus filhos, mas no presente texto temos o nome do pai como *Maol*. Os eruditos debatem a identidade de Zerá e Maol, e a maioria deles presume que os dois sejam um só homem, embora não haja prova disso. Ellicott, entretanto, supõe que não deveríamos identificar os dois, e o fato de ambos terem tido filhos de um mesmo nome é pura coincidência. Nesse caso, não temos informações sobre aqueles homens, excetuando o item óbvio de que eram conhecidos por sua sabedoria, embora Salomão ultrapassasse a ambos. Adam Clarke sugeriu que *Maol* é uma referência à “dança”, pelo que seriam “filhos da dança”, ou seja, especializados nessa arte. Salomão era excelente na poesia, e talvez na música também, mas mesmo nessas artes (se a conjectura de Clarke está com a razão) Salomão os ultrapassava. Ademais, a reputação de Salomão era universal, estando sujeita à discussão em todas as nações em derredor.

Uma antiga tradição judaica fazia Etã ser Abraão; Hemã, Moisés; e Calcol, José. Mas essa é uma interpretação muito fantasiosa (e sem dúvida errônea). (Ver *Hieron. trad. Heb.* em 2 Reg. fol. 80.1.)

4.32

Grande corpo literário e canções foram atribuídos a Salomão, já que ele tinha os habilidades poéticas e musicais de seu pai, através da herança genética e da observação e imitação prática. Talvez os livros canônicos do Antigo Testamento como Provérbios e o Cantares de Salomão contenham uma porção desse corpo literário, mas parece precário fazer as duas coisas meramente idênticas. Estamos imaginando que esses livros bíblicos contêm *seleções* desse corpo maior de literatura. Os intérpretes, naturalmente, vêem a inspiração divina nesses livros, e não meramente a habilidade de algum escritor bem dotado. O livro de Eclesiastes (também atribuído a Salomão) contém igualmente algumas das sábias declarações às quais o autor pode ter-se referido no versículo atual. A produção literária de Salomão foi evidentemente prolífica. Salomão chegou a escrever sobre botânica e zoologia (vs. 33). Se esses informes estão corretos, então estamos tratando com uma mente universal, a qual, em certos lugares, digamos a Grécia, teria sido ainda mais produtiva. Israel não era um lugar muito propício para um corpo literário, mas Salomão conseguiu elevar-se muito acima das limitações culturais de seu próprio país.

O livro de *Provérbios* contém apenas cerca de 900 provérbios distintos, e os primeiros nove capítulos parecem ter sido de um autor diferente. Portanto, esse livro dificilmente pode ser equiparado à totalidade da produção literária de Salomão. Nesse caso, talvez o livro de *Cantares* tenha sido um só livro dentre muitos, o único que sobreviveu e entrou em nossa Bíblia. Naturalmente, Salomão não escreveu mil *cânticos* tão extensos como o livro de Cantares. Talvez estejam em pauta cânticos musicados, pelo menos em parte. Nesse caso, ele produziu muitas composições que foram musicadas, tal como sucedeu aos salmos de Davi. Salomão era uma figura cosmopolita, e muitas de suas composições foram de natureza completamente secular, impróprias para participar de uma coletânea religiosa como o Antigo Testamento.

4.33

Discorreu sobre todas as plantas... também falou dos animais e das aves... Botânica e Zoologia. Não é necessário supor que Salomão se tenha tornado um cientista nesses dois campos. Suas referências às plantas e aos animais podem ter sido inteiramente poéticas, e não científicas (em contraste com os escritos de homens como Aristóteles, que estavam interessados nas *ciências* conhecidas por esses dois títulos). O autor talvez estivesse apenas salientando que a poesia de Salomão era rica em referências às coisas da natureza, o que é típico de uma boa poesia. Israel não era um bom lugar para um cientista nascer. A tecnologia e a ciência que Israel possuía eram tomadas por empréstimo de países vizinhos. Israel era poderoso em literatura e fé religiosa, e deixava as questões *seculares* para outras nações explorarem.

Adam Clarke (*in loc.*) provavelmente exagerou ao referir-se a Salomão como o *primeiro historiador natural*. Se ele tivesse feito um trabalho valioso quanto a esse tipo de literatura, então, muito provavelmente, essa obra teria sido preservada na Bíblia. Não temos, porém, nenhum traço dessa atividade literária. Clarke continua em seus exageros, ao supor que os grandes historiadores naturais (alguns poucos que ele cita por nome) deveriam sentir grande tristeza porque as obras de Salomão se perderam! A verdade é que, provavelmente, tais obras nunca foram escritas, pelo que não poderiam ter-se perdido. A providência de Deus é acusada como o fator que causou a perda dessas obras, mas, ao fazer essa declaração, esse intérprete usualmente nobre caiu no ridículo. A fantasia judaica mostra-se criativa aqui, a ponto de supor que as obras científicas de Aristóteles quanto a essas áreas foram, na verdade, escritas por Salomão, e posteriormente o filósofo grego se declarou o autor. Quão ridículos podemos ser! Salomão foi um homem grande o bastante e pode ser louvado sem precisarmos entrar nessa espécie de contorções. Alguma tradução judaica chegou a dizer que Salomão escreveu sobre outras ciências, como a medicina. Com tais comentários, entramos no terreno da mitologia. Josefo (*Antiq.* viii. cap. 2, par. 5) mostra-se mais sábio ao dizer que as referências de Salomão foram alegóricas e simbólicas, embora ele tivesse tratado dessas coisas como se fosse um *filósofo*. Os autores judaicos da Idade Média chegaram a atribuir a Salomão obras de conhecimento oculto, obras místicas, tratados mágicos, escritos esotéricos etc.

4.34

De todos os povos vinha gente a ouvir a sabedoria de Salomão. Temos aqui uma hipérbole tipicamente oriental, mas podemos estar certos de que todas as nações em redor ouviram quão grande e sábio homem era Salomão. Durante seus dias de vida, peregrinações eram feitas a Israel para ver e ouvir o grande homem. Embaixadores eram-lhe enviados para fazer perguntas sobre problemas que, esperava-se, Salomão resolveria. Suas “soluções” tornavam-se a alegria dos reis estrangeiros, que tinham menor sabedoria, mas cujos problemas eram tão grandes quanto os de Salomão.

“Ele foi reconhecido como o homem mais sábio de seus dias, tal como Deus prometera que seria” (Thomas L. Constable, *in loc.*).

O capítulo 10 de I Reis ilustra essa declaração com a visita da famosa rainha de Sabá. Parece evidente que Salomão dava aos visitantes livre acesso à sua sabedoria e ensinamentos. Ele deve ter sido um homem ocupado, por ter recebido tantos visitantes! Isso para nada dizemos sobre todas as outras coisas em que ele precisava engajar-se para manter o reino em boa ordem.

Capítulo Cinco

As Atividades de Salomão como Construtor (5.1 – 8.53)

O rico Salomão, aumentando cada vez mais em bens materiais, e cheio de zelo da juventude, iniciou uma série de programas de edificação que engrandeceram a Israel e trouxeram fama para o próprio rei. Seu primeiro grande projeto de construção foi o templo que Davi quis edificar, mas não recebeu permissão para completar (ver II Samuel 7). Davi tinha provido grande parte do material com antecedência, e o que ainda faltava, Salomão providenciou. Israel não era muito bom quanto às ciências e à tecnologia de construção, por isso teve de contratar potências estrangeiras, e o mesmo se deu quanto a boa parte do material para a construção. Foi Hirão, rei de Tiro, quem prestou a maior parte dessa ajuda. Como resultado, o templo de Israel ficou bastante semelhante ao templo de povos pagãos. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Templo*, quanto aos detalhes. Ver também ali estes três verbetes: *Tiro*, *Hirão* e *Fenícia*.

“Salomão arranhou com Hirão, de Tiro, a entrega de madeira como cedro e cipreste. Hirão faria flutuar a madeira pela costa do Mediterrâneo, em grandes jangadas, e então desmancharia as jangadas em um lugar combinado. Os homens de Hirão derrubaram as árvores, mas Salomão proveu o trabalho não-especializado. Salomão combinou pagar, anualmente, grandes quantidades de trigo e azeite. E também conseguiu as pedras nas pedreiras do território de Efraim. Ou, então, contratou pedreiros fenícios para fazer o corte real das pedras. Esses especialistas eram de Gebal (Biblos), 36 quilômetros ao norte de Beirute” (Norman H. Snaith, *in loc.*).

O templo servia para centralizar a adoração de Israel na capital do país, Jerusalém, e isso foi realizado em grande medida. Entretanto, os antigos santuários como os de Betel e Gibeom continuaram a ser importantes centros de adoração. O antigo tabernáculo foi incorporado ao desenho do templo, de maneira que a tenda, que antes levada de um lugar para outro durante as vagueações nômades de Israel, deixou de ser transportada, para tornar-se uma estrutura permanente e fixa. Israel passou então a ser uma nação, e não mais um conjunto de tribos andariças pelo deserto.

Hirão era um antigo amigo de Davi (ver II Sam. 5.11,12), e isso facilitou o acordo da construção. Quanto a maiores detalhes, ver os vários artigos mencionados que explicam toda a história.

5.1

Enviou também Hirão, rei de Tiro. Ver os nomes próprios no *Dicionário*. Uma antiga amizade entre Davi e Hirão facilitou o propósito de Salomão na construção do templo. Ver II Sam. 5.11,12 quanto ao pano de fundo. Ver o artigo chamado *Templo de Jerusalém*, quanto à planta horizontal e outros detalhes concernentes à questão.

De suas duas principais cidades, Tiro e Sidom, os fenícios efetuavam uma vasta aventura marítima, havendo evidências de que eles tenham chegado às Américas. Seus dois principais artigos de comércio eram a madeira de cedro e a tintura de cor púrpura (da qual eles derivavam seu nome). Cerca de um século depois do reinado de Salomão, eles estabeleceram a cidade fenícia mais famosa, *Cartago*, ao norte do continente africano, a qual daria tanto trabalho aos romanos, séculos mais tarde.

O nome *Tiro* significa “rocha”. Esta cidade foi construída em uma espécie de ilha rochosa a cerca de 800 metros de distância da praia do mar Mediterrâneo. A rocha tinha cerca de 1.600 metros de comprimento por 1.200 metros de largura. Tiro tinha um porto duplo, um ao norte e outro ao sul, e era acessível em qualquer das estações do ano. Para conquistar o lugar, Alexandre, o Grande, foi obrigado a edificar um caminho elevado com 60 metros de largura para chegar à cidade. Até então, a cidade havia resistido a todas as tentativas de cerco, inclusive por parte dos babilônios. Desde os tempos antigos, a areia foi ocupando a bacia de águas entre o continente e a ilha rochosa, pelo que o hiato acabou cheio com o tempo.

A *Septuaginta* e a versão de Luciano têm uma nota de como Hirão enviou seus servos para ungir a Salomão, um costume descrito nos tabletes de Tell El-Amarna (ver a respeito no *Dicionário*). Mas não sabemos se essa informação é historicamente exata ou se é fantasia de algum editor posterior. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Fenícia*.

5.2,3

Então Salomão enviou mensageiros a Hirão. Sendo um antigo amigo de Davi, *Hirão* sabia do seu desejo de construir o templo de Jerusalém. E também sabia que o homem de guerra, Davi, não recebeu permissão, da parte de Yahweh, para ser realizar a construção. Sem dúvida, Hirão era simpático ao propósito, e Salomão não precisou apelar para nenhum argumento a fim de conseguir a ajuda dele. Precisou apenas relembrar ao homem sua antiga amizade com Davi.

Davi tinha conseguido vencer todos os seus inimigos. Aqueles aos quais não tinha podido obliterar, ele os confinou em seus territórios. Ver II Sam. 10.19 quanto às oito nações inimigas que Davi vencera. Terminada essa tarefa, chegou o tempo propício para seu filho, Salomão, prosseguir com os programas de edificação, que dificilmente poderiam começar enquanto Israel estivesse cercado por povos inimigos. Ver em I Reis 4.24,25 quando a paz prevaleceu. Yahweh havia aprovado o plano, e Salomão foi o instrumento humano para a construção do templo. Outras figuras ajudaram no projeto, o que é sempre necessário quando alguma grande obra está sendo realizada.

I Crô. 22.4 fala-nos do acúmulo de materiais, feito por Davi, para a construção do templo, portanto, embora não tivesse sido ele o construtor do templo, efetuara o trabalho de preparação necessário. Hirão, sem dúvida, já havia contribuído com parte apreciável do material. Davi havia construído um tabernáculo temporário em Jerusalém. O antigo tabernáculo continuava em Gibeom. Ver sobre o *tabernáculo provisório* em II Sam. 3.7. Agora o templo uniria as funções sagradas na capital do país, Jerusalém, mas os antigos santuários continuariam a ter sua importância. Ver I Crô. 22.8 quanto à explicação de que Davi fora um homem que tinha derramado muito sangue, e por isso não estava qualificado a edificar o templo. O vs. 3 não toca nessa razão, mas apenas afirma que Davi estava muito ocupado em várias guerras para atarefá-lo com os programas de construção.

5.4

O Senhor meu Deus me tem dado descanso. Salomão tinha alguns assassinatos pesando em sua consciência, por meio de seus *expurgos*, quando estava firmando o reinado (ver I Reis 2). Suponho que seria difícil encontrar um homem em idade de guerra e de capacidade guerreira, em Israel, que não tivesse matado alguém. Em comparação a outros, porém, Salomão estava *limpo*. E também desfrutava o descanso e a paz que as conquistas de Davi haviam permitido. Ademais, ele era o instrumento divinamente escolhido para a tarefa de construir o templo e expandir o reino. Portanto, ele ansiava prosseguir com a tarefa.

Os projetos de construção requeriam cronogramas e condições apropriadas. Os projetos de Salomão foram concluídos porque a Mente Divina proveu todas as condições necessárias. Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

Não há nem inimigo. No hebraico, essa última palavra é *satan*, mas um diabo pessoal não é o que está em pauta aqui. Antes, a menção é a qualquer adversário humano que poderia perturbar as coisas. No livro de Jó, *Satanás* é achado no palácio de Deus, e tinha por dever verificar quão bons ou malignos eram os homens, a fim de submetê-los a teste. Obviamente, a doutrina de *Satanás* desenvolveu-se. Ver no *Dicionário* o verbo chamado *Satanás*. Ver I Crô. 21.1 (cf. II Sam. 24.1), onde o termo já parece ter-se tornado um nome próprio.

5.5

Pelo que intento edificar uma casa ao nome do Senhor. Yahweh ficara agradado com o desejo de Davi edificar o templo e dera Sua palavra de aprovação ao projeto. Mas o tempo da construção ainda não havia chegado. Salomão seria o correto instrumento no tempo certo. Ver em II Samuel 7 o desejo original de Davi e a permissão divina acerca da construção do templo. Natã, o profeta, proferiu essa boa palavra.

Senhor meu Deus. No hebraico, *Yahweh-Elohim*, ou seja, o Deus Todo-poderoso e eterno, que tinha baixado as ordens de aprovação do plano de Davi. Ver no *Dicionário* o verbo chamado *Deus, Nomes Bíblicos de*.

O templo seria um *memorial* de Salomão.

O melhor memorial para um homem poderoso consiste em ganhar honra antes de morrer.

(Beowulf)

A Salomão foram dados o privilégio e a honra de ver seu grande projeto realizado.

Bem-aventurados os pacificadores.

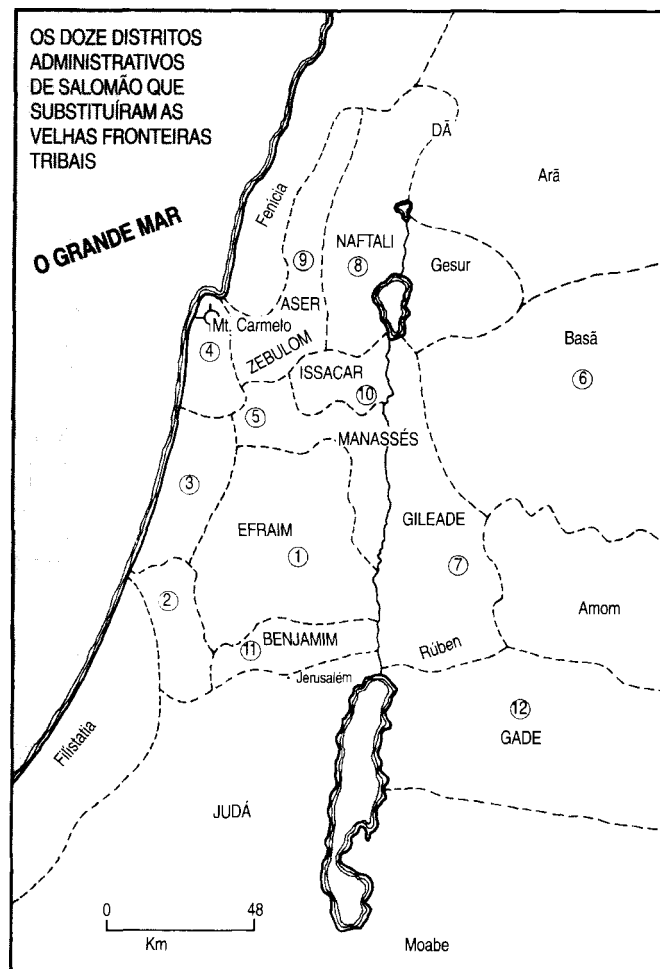
(Mateus 5.9)

Paz na terra entre os homens, a quem ele quer bem.

(Lucas 2.14)

Nem aprenderão mais a guerra.

(Isaías 2.4)



AS VELHAS TRIBOS E OS NOVOS DISTRITOS

Israel conquistou a Palestina, tirando as terras de sete nações pela força e então, as dividiu entre as doze tribos de Israel. Cada tribo, clã, família e indivíduo recebeu suas heranças de terra. Não houve pessoas *sem-terra* em Israel. A instituição das tribos perdurou do tempo de Josué (cerca 1440 A.C.) até o cativeiro assírio (722 A.C.).

Salomão achou conveniente dividir a terra em 12 distritos que não reteram as velhas fronteiras tribais. I Reis 4.7 mostra que a função dos distritos era fornecer alimentos e conforto para a vasta máquina administrativa de Salomão, que vivia no maior luxo possível. A família real, os nobres e os governantes dos níveis mais altos receberam tratamento real pelos pobres súditos. Este arranjo enfraqueceu as lealdades tribais, o que ajudou Salomão a unificar o país segundo o agrado dele. Israel foi nacionalizado. O filho de Salomão, que se tornou rei depois dele, o inepto Reoboão, continuava os excessos de seu pai sem nenhum exercício de sua sabedoria e logo causou a divisão do reino em norte (Israel) e sul (Judá).

O cativeiro assírio terminou a existência das Dez Tribos. Judá continuava a história de Israel.

5.6

Do Líbano me cortem cedros. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Cedro*. O Líbano, naturalmente, era famoso por seus cedros, e os fenícios usavam-no como um dos principais produtos de seu comércio. Eles tinham ótimos cortadores de cedro. Salomão proveria trabalhadores sem especialização, mas não podia competir com as habilidades dos artífices estrangeiros. Quanto ao *cedro do Líbano*, ver a quarta seção do artigo chamado *Cedro*. Essa madeira era usada na construção de templos, como os de Diana e Apoio, e essa madeira também era usada popularmente para residências de luxo. Além disso, era empregada em veículos de guerra e instrumentos vários.

"Os cedros do Líbano eram famosos desde a antiguidade, sua madeira era dura e, assim, resistente ao apodrecimento e aos insetos. De acordo com Plínio, um teto feito de cedro, num templo em Éfeso, perdurou por 400 anos. A madeira tem uma granulação fina, pelo que se presta admiravelmente a trabalhos de entalhe. Sua fragrância é notável. Houve tempo em que os cedros cobriam a totalidade do território libanês, o Antilíbano e, na direção do norte para o oeste, chegava às montanhas do Tauro. Era uma madeira muito cobiçada por todo o Oriente Próximo e Médio, onde havia largas faixas de terras sem árvores. O avanço dos assírios na direção do mar Mediterrâneo, a partir do século XII A. C. tinha, como um dos objetivos, a posse dessas árvores de cedro" (Norman H. Snaith, *in loc.*). Restam agora poucas árvores de cedro naquela área, antes completamente recoberta. Grandes são os crimes ecológicos do homem.

Referências literárias atestam a habilidade dos sidônios com a madeira, bem como em trabalhos de artífice de toda espécie. Os robes bordados de Andromache e a taça de prata de Aquiles eram atribuídos à produção deles (Homero, *Iliada*, VI.290; xxiii.741-744).

5.7

Hirão, longe de mostrar-se mesquinho ou parcimonioso, ficou muito satisfeito com a mensagem e a proposta de Salomão. Davi fora seu amigo, e ele queria que Salomão também o fosse. Além disso, *Hirão* mostrou-se *entusiasmado* com os projetos de Salomão e desejava tomar parte na construção. *Hirão* chegou a abençoar Yahweh por haver dado a Davi um filho tão sábio quanto Salomão. Ele poderia ter um inimigo amargurado mais ao sul de seu território. Em vez disso, sua amizade com Israel foi confirmada. Ele reconhecia que Israel se tornara um *grande povo*. Quanto a isso, ver I Reis 3.8 e 4.20. Ele estava ansioso por cooperar em paz e trabalhar tendo em vista objetivos e realizações comuns.

As referências religiosas de *Hirão* (o reconhecimento de Yahweh) podem indicar que ele o tinha incluído em sua fé sincrética, embora não seja provável que ele se tenha convertido à fé dos hebreus. Cf. isso com a declaração mais forte de II Crô. 2.12-16. "Seu reconhecimento de Yahweh serviu de sinal de sua deferência para com Israel, e não como uma clara aceitação de Ele como o verdadeiro Deus" (Ellicott, *in loc.*). Se tivesse havido mais do que isso na questão, o autor sagrado sem dúvida teria registrado especificamente.

5.8

Farei toda a tua vontade. *Hirão* faria tudo quanto Salomão havia pedido. Os cedros e ciprestes necessários seriam providos. Salomão não tinha mencionado essas outras árvores, os ciprestes, ou a apresentação feita pelo autor sacro fora abreviada. Seja como for, haveria um suprimento abundante de materiais de construção, bem como de operários especializados (vs. 9). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Cipreste*. A madeira dessa árvore também era odorífera, resistente e durável. A apresentação de Josefo da mensagem de Salomão incluía essa madeira de cipreste (*Antiq.* 1.8, cap. 2, sec. 3). Mas alguns intérpretes vêem aqui uma espécie de *pinheiro*, e não o cipreste.

5.9

Os meus servos os levarão. Um trabalho de especialistas. Não bastava ter o material. Seriam necessários homens especializados para a derrubada e o transporte das árvores. Os fenícios tinham especialistas em ambos os campos de atividade, ao passo que Israel não possuía nem madeireiros nem marinheiros. O *suprimento de Deus* de toda espécie estava ali, porque a vontade divina estava envolvida na questão. *Jangadas* foram escolhidas como o meio apropriado de transporte para a madeira. Essas jangadas seriam desembaradas ao chegarem ao destino certo, e então a madeira assim transportada seria utilizada. Se o material fosse embarcado em Tiro, a viagem pelo mar percorreria cerca de 210 quilômetros. Então a madeira teria de ser transportada por terra por cerca de 56 quilômetros. Mas alguns estudiosos pensam em Joaze como o lugar de onde a madeira seria enviada até Jerusalém, por via terrestre. Isso significa que, pela água, o transporte seria feito de Tiro a Joaze. E, por terra, de Joaze a Jerusalém.

Dando provisões à minha casa. *Pagamento.* *Hirão* tinha muita madeira, mas seu suprimento de boca era deficiente. Em contraste com isso, Salomão

desfrutava grandes colheitas e tinha abundância de víveres, conforme demonstra o quarto capítulo de I Reis. Portanto, como pagamento pela madeira e pelo trabalho de seus homens, *Hirão* queria parte dessa abundância para o palácio real e para seus empregados. Os vs. 10-11 deste capítulo mostram que o acordo foi firmado e as trocas foram feitas. Posteriormente, Israel continuou a suprir alimentos para os fenícios. Ver Ecd. 3.7; Eze. 27.17; Atos 12.20. Israel supria as regiões do norte com alimentos diversos, trigo, mel, azeite e bálsamo.

5.10

O Suprimento Foi Grande. Salomão recebeu material de construção em abundância. Nada lhe faltou.

Deus pode fazer-vos abundar em toda graça, a fim de que, tendo sempre, em tudo, ampla suficiência, superabundeis em toda boa obra.

(II Coríntios 9.8)

5.11

Vinte mil coros de trigo. Cada coro valia, aproximadamente, 189 litros. Isso equivalia a 3.780 toneladas por ano. Ver o artigo *Pesos e Medidas*, especificamente a seção IIIB. 2 e 6, no *Dicionário*.

Vinte coros de azeite batido. Assim dizem o texto massorético e o antigo texto hebraico. Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Massora* (*Massorah*) e *Texto Massorético*. Quanto a informações gerais sobre os manuscritos, ver o artigo *Manuscritos do Antigo Testamento*, no *Dicionário*. A Septuaginta, a versão de Luciano, de Josefo e a versão siríaca, bem como II Crô. 2.10, dizem "vinte mil coros". Isso equivalia a 3.780 toneladas de azeite por ano. Essa quantidade, sem dúvida, está historicamente correta. Os "vinte" podem ser erro de um escriba copista, ou talvez do autor original. Os números são sempre problemáticos no hebraico, pois eram usadas letras hebraicas para representar os números, e algumas delas eram muito parecidas entre si. O óleo era *batido* em um pilão, e isso provia um azeite de melhor qualidade do que o processo de extrair-lo com os pés, em um lagar. I Crô. 2.10 menciona também a cevada e o vinho como parte do negócio.

"A informação deste versículo sobre as quantidades pagas anualmente a *Hirão* é deficiente, devendo ser suplementada por II Crô. 2.10. Notemos, porém, que em II Crônicas é usada a medida *bato*" (Adam Clarke, *in loc.*). O *bato* era a décima parte do coro. Portanto, ficamos aqui na dúvida sobre de quanto era o pagamento anual que Salomão fazia a *Hirão*. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Pesos e Medidas*, seção IIA.1, quanto ao *bato*. Não podemos ter certeza exata sobre quanto valia essa medida, sendo provável que ela variasse de tempo para tempo.

5.12

Além da troca econômica, uma aliança foi estabelecida entre Salomão e *Hirão*, e a paz entre Israel e a Fenícia ficou garantida durante o período em que eles viveram. Salomão continuou a demonstrar sua sabedoria incomum e houve paz e prosperidade generalizada. O hebraico diz aqui *cortar um tratado*. Havia o costume de cortar um javali em pedaços, entre os quais as pessoas envolvidas no pacto, e esse sacrifício e ritual davam testemunho ao acordo entre os dois lados. A idéia era que os dois lados, identificando-se com a vida do animal sacrificado, tornavam-se participantes dessa mesma vida. Ver Gên. 15.9-21 quanto a uma passagem paralela que envolve esse ritual. Cf. também Jer. 24.18. Naquela passagem, uma vaca foi cortada em dois pedaços. Os romanos falavam em "ferir um tratado". A idéia nesse caso era que Júpiter, a testemunha celeste do tratado, feriria a parte que quebrasse o acordo. Em antecipação a esse ferimento, havia o ferimento do animal pelo sacerdote, que o dividia com uma face de pedra sílex. Portanto, a face de pedra sílex era contra a infidelidade nos tratados.

Salomão fez paz com *Hirão*, o que era contrário às demandas da lei acerca da *guerra santa*, por meio da qual Israel deveria aniquilar todos os seus inimigos. Quanto a esse tipo de guerra, ver Deu. 7.1-5 e 20.10-18. Os tírios não faziam parte das sete nações com quem era proibido estabelecer alianças. Ver uma lista das nações a serem expulsas ou aniquiladas, em Êxo. 33.2 e Deu. 7.1.

5.13

Uma leva de trabalhadores. Salomão enviou homens para fazer o trabalho não-especializado, ajudando aos operários especializados em madeira, de *Hirão*. Eles também ajudariam a carregar as jangadas e a desembarcá-las em Joaze, de onde o transporte seria feito por terra, até Jerusalém. Os intérpretes supõem que alguns desses trabalhadores fossem escravos e que o trabalho seria forçado. Ver I Reis 9.15. Que Salomão tinha operários escravos, sem dúvida é verdade.

"A descrição (ver os vs. 13 e 14) sugere — o que é confirmado pela história do Êxodo, pelos monumentos do Egito e pelas descrições de Heródoto, sobre a

edificação das pirâmides — que havia vastos sacrifícios de vidas humanas nesse tipo de labor, através do qual (por causa da ausência de máquinas) os grandes monumentos do mundo antigo foram construídos” (Ellicott, *in loc.*). O trabalho forçado de Salomão envolveu a vida de muitos não-hebreus, conforme vemos em II Crô. 8.7,8. O trabalho forçado era desagradável para os hebreus (ver I Reis 12.18).

5.14

Eles trabalhavam por turnos, de modo que trabalhavam um mês e descansavam dois. Isso sugere a grande e laboriosa obra que estava sendo efetuada. Cada turno consistia em 10.000 homens, o que demonstra, por sua vez, que o método de Salomão era mais humanitário que os usados por outros povos. Se escravos estavam mesmo envolvidos, então até eles recebiam benefícios do *modus operandi* de Salomão. Mas o vs. 14 provavelmente fala sobre os hebreus, ao passo que o vs. 15 põe os escravos dentro do quadro.

Adonirão dirigia a leva. Este homem era o grande chefe do projeto no tocante à parte realizada pelos hebreus. Talvez estivesse em vista o mesmo homem responsável pelo recolhimento de impostos (ver em I Reis 4.6 quanto a notas e informações). Ver o artigo sobre ele, no *Dicionário*, quanto a detalhes completos.

5.15

Setenta mil. Estes homens também foram forçados a trabalhar como *carregadores*, realizando assim o trabalho capaz de quebrar as costas. Havia também 80.000 homens que trabalhavam como tiradores de pedras, outro trabalho árduo. II Crô. 2.17,18 nos dá a entender que esses 80.000 homens eram estrangeiros, e provavelmente escravos. Alguns estudiosos acreditam que eles eram convertidos à fé hebraica, mas mesmo assim estou sugerindo que eles desempenhavam as tarefas pesadas que os hebreus evitavam, e que, na realidade, eram escravos. Também não é dito claramente que esses trabalhavam por um tempo e descansavam por outro (como sucedia com aqueles mencionados no vs. 14). Isso pode significar que o vs. 14 descreve *hebreus*, em contraste com os estrangeiros do vs. 15. As condições de trabalho não são iguais para os cidadãos e para os estrangeiros que eram residentes permanentes.

Provavelmente, as pedras eram extraídas das colinas ao redor de Jerusalém. Jacob Leon diz-nos que o número de trabalhadores na edificação do templo (por sete anos) foi de 163.000. Mas há os que pensam que esse número total seja ainda mais alto. Maciços quadrados de pedra calcária eram retirados e transportados a Jerusalém, novamente através do labor humano, com a ajuda de animais.

5.16

Adonirão era o grande chefe dos trabalhadores. Além disso, havia subordinados, oficiais, chefes, capatazes, cujo total alcançava 3.300 homens. Todos deviam prestar contas a Adonirão, e cada homem tinha sua própria missão a cumprir. A *organização* tornaria o trabalho mais leve e rápido. O trecho paralelo, II Crô. 2.18, fala em 3.600 homens, e esse é o número que aponta a Septuaginta. Não há um meio seguro de reconciliar as figuras, e tal reconciliação não tem nenhuma importância. Mas é provável que devamos entender que aqueles 300 homens sejam os *mestres-de-obras* que figuram no começo do versículo e não foram aqui numerados. Mas note-se o singular, “chefe”, que aparece em algumas versões (embora nossa versão portuguesa diga “chefes”). A tradução correta continua em dúvida, e também há incerteza quanto ao número total dos trabalhadores.

5.17

Que trouxessem pedras grandes e pedras preciosas. Pedras grandes e caras eram escavadas das colinas em torno de Jerusalém, e isso por ordem do rei. Ele era o grande supervisor da tarefa e tomou conta de todos os detalhes. Afinal, o projeto era *dele*. Yahweh lhe tinha atribuído a missão. Mas ele precisava de muita ajuda. A maioria dos grandes projetos consiste, necessariamente, em esforços de equipe.

“Tais pedras eram necessárias, não tanto para o alicerce do templo, que era pequeno, mas para a subestrutura da área, formada como um quadrado no cume irregular do monte Moriá. Nessa subestrutura grandes pedras ainda podem ser vistas e são referidas por muitas autoridades. O trabalho de transporte deve ter sido enorme” (Ellicott, *in loc.*).

O projeto inteiro era caro, no que diz respeito a trabalho, tempo e dinheiro.

Tipologia. Alguns eruditos vêem aqui o alicerce da Igreja de Cristo, custoso, preciso (ver Isa. 54.11 e Apo. 21.19).

5.18

O esforço de cooperação rendeu resultados positivos.

Os gibilitas. Ver sobre *Gebal*, no *Dicionário*. “Os homens de Gebal (moderna Biblos, 21 quilômetros ao norte de Beirute e pouco mais de 96 quilômetros ao norte de Tiro) deram uma significativa contribuição ao preparar madeira e pedras juntamente com os artífices de Salomão e Hirão” (Thomas L. Constable, *in loc.*).

Os *homens de Gebal* estavam sob a autoridade de Hirão, e podem ter sido submetidos a um regime de trabalho forçado. Eles eram conhecidos como operários habilidosos naquele tipo de trabalho. Cf. Eze. 27.9. Alguns identificam os gentios da Igreja com os homens de Gebal, levados ao templo espiritual, a Igreja do Novo Testamento. Ver Zac. 6.15. “Visto que o número de estrangeiros que trabalharam no templo era muito maior do que o número de israelitas, isso pode, realmente, denotar o grande número de gentios na igreja-estado do evangelho” (John Gill, *in loc.*).

Capítulo Seis

Continuamos aqui na seção iniciada em I Reis 5.1, mas agora chegamos à construção real do templo de Jerusalém (ver I Reis 6.1-38). Provi no *Dicionário* um artigo detalhado sobre o *Templo de Jerusalém*, o qual permite que meus comentários aqui sejam breves.

O Grande Programa de Edificação de Salomão. “O templo fazia parte de um esquema maior que envolveu, ao todo, vinte anos de trabalho (cf. I Reis 9.10). O conjunto inteiro de edificações ficava encerrado dentro de um grande átrio, circundado por três fileiras de pedras lavradas e uma fileira de vigas de madeira. O átrio do templo ficava no lado norte. No lado sul do templo havia o átrio do palácio, que continha a *casa real*, com a casa da filha do Faraó imediatamente atrás, no canto noroeste. No lado sul do átrio do palácio havia a sala do trono, com uma entrada através das de colunas. Novamente no sul, e isolada de todo o resto dos edifícios, havia a Casa da Floresta do Líbano (7.2). As fundações de todos os edifícios eram feitas de pedras gigantescas, com paredes de pedras lavradas, recobertas de cedro por dentro, do soalho ao teto, com colunas de cedro na casa de colunas e três fileiras de quinze colunas cada na casa da Floresta do Líbano” (Norman H. Snaith, sobre a introdução ao sétimo capítulo).

O templo não era meramente um grande monumento arquitetônico. Ele tornou possível a *centralização* da adoração e do ritual dos hebreus na capital, Jerusalém. Antigos santuários, como os de Betei e de Gibeom, continuavam retendo alguma importância, mas os rituais do antigo tabernáculo foram incorporados ao novo templo, agora considerado o santuário de número um. Foi assim que Jerusalém se tornou a capital em todos os sentidos, social, econômico e religioso.

Os hebreus tinham sido um povo nômade. Agora haviam fortificado cidades e contavam com uma grande estrutura religiosa que alterou completamente seu modo de vida. Cf. o II Samuel 7. Davi primeiramente construiu sua própria casa de cedro. Em seguida, quis construir um templo permanente para Yahweh, mas tal missão não lhe foi confiada. Foi confiada, sim, a Salomão, seu filho, o agente divino para tal propósito. Comparativamente, Salomão não era homem de sangue como seu pai, e desfrutava a paz e a prosperidade necessária para levar avante o extenso programa de edificações, que incluía, como seu alvo central, o templo. Ver as notas expositivas em I Reis 5.3.

É provável que um *documento especial do templo* tenha sido a origem do material do autor para os capítulos 6 e 7 de I Reis. Os hebreus mostravam-se cuidadosos sobre os registros históricos, e é difícil imaginar que não tivesse sido escrito nenhum documento especial a respeito do programa de edificações de Salomão. Parece ter havido alguma mistura de materiais que se aplicava ao segundo templo, inserido por editores posteriores, e tais questões serão comentadas conforme a exposição avançar.

Colinas. Pensava-se ser apropriado que templos fossem edificadas sobre colinas, e também Salomão seguiu o costume. Pensava-se que os deuses ou Deus estivesse “lá em cima em algum lugar”, e nós mesmos continuamos a falar sobre o céu como “lá em cima”. As colinas parecem mais próximas de Deus, por isso são tidas como lugares apropriados para a construção de edifícios sagrados e locais de rituais e de sacrifícios.

O Côvado. Tinha aproximadamente 46 centímetros. O templo tinha um plano retangular, com cerca de 27,45 por 9,15 metros, e aproximadamente 13,72 metros de altura. Havia três salas: o vestibulo ou entrada, com cerca de 9,15 metros de largura por metade disso de fundo; a nave ou sala principal, com cerca de 18,30 metros de extensão (vs. 17); e o *santuário mais interior*, também conhecido como Santo dos Santos, um cubo perfeito de 9,15 metros cúbicos (vs. 20). “Câmaras laterais ladeavam a nave e o santuário mais interior” (*Oxford Annotated Bible*, na introdução ao capítulo 6).

Quanto a detalhes, incluindo a planta horizontal e a concepção dos artistas sobre a aparência do templo, ver o artigo sobre no *Dicionário*.

O primeiro versículo deste capítulo fornece uma nota cronológica importante, no que diz respeito à história de Israel, e trato disso nos comentários sobre o versículo.

6.1

Nota Cronológica. Esta nota histórica ajuda-nos a estabelecer certas datas na história de Israel. O reinado de Salomão ocorreu, aproximadamente, entre os anos 971 e 931 A. C. Foi no quarto ano de seu reinado que Salomão iniciou a construção do templo. O êxodo ocorreu 480 anos antes (1446 A. C.). O mês de *zive* corresponde aos nossos meses de abril e maio. “É interessante que a reconstrução do templo, que se deu 430 anos mais tarde, sob Zorobabel (536 A. C.), também tenha começado no segundo mês (ver Esd. 3.8)” (Thomas L. Constable, *in loc.*).

Os críticos encontram certas complicações na nota histórica e duvidam da autenticidade da data do êxodo, supondo que a data fornecida aqui seja demasiadamente antecipada. Na Septuaginta, a nota é dada dois versículos antes e, no lugar da nota neste ponto, temos os vss. 37-38 do presente capítulo. Isso pode evidenciar que estava em jogo uma tradição diferente com a qual os editores se ocuparam. A própria nota é considerada pós-exílica, e isso se baseia no fato de que, no primeiro versículo, é usada uma palavra diferente da empregada no restante do capítulo. A palavra para indicar o mês pertencia ao período pós-exílico, e não ao tempo historiado pelo livro de I Reis. *Zive* era o oitavo mês do calendário pré-exílico e aproximadamente o segundo mês do calendário pós-exílico, de modo que isso serve de outra evidência da data tardia da nota. “O total de 480 anos é obtido adicionando-se cinquenta anos do exílio babilônico ao total de anos atribuídos pelo editor deuterônômico aos reis de Judá (430 anos). A sugestão é que um editor do período do Código Sacerdotal se tenha ocupado em criar um padrão regular para a história após o modelo numérico exato, usual para aquela escola de escritores. Dessa maneira, ele fez o tempo do êxodo referente à construção do templo como exatamente igual ao tempo da construção do primeiro templo nos primórdios da edificação do segundo templo, de acordo com Esd. 5.16. Se este versículo é, realmente, tardio, o que se deveria a esses cálculos, então não há mais nenhuma evidência interna para a data anterior da invasão de Canaã, sob Josué (cerca de 1407 A. C.)” (Norman H. Snaith, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *J.E.D.P.(S.)* quanto à teoria das fontes múltiplas do Pentateuco.

Quando estavam exilados na Babilônia, os judeus adotaram o calendário babilônico e começaram a contar os meses da lua nova da primavera, e isso fez o mês de *zive*, que antes era o oitavo mês, tornar-se o segundo. Antes do exílio, esse mês (provavelmente) começava com a lua cheia, mas após o exílio começava com a lua nova. Nesse caso, o novo dia do mês de *zive* era equivalente ao décimo quinto dia de *iyar*, o nome pós-exílico para o segundo mês do ano babilônico. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Calendário Judaico*.

6.2

Sessenta côvados de comprimento. O “côvado” tinha, aproximadamente, 46 centímetros, pelo que o templo tinha cerca de 27,45 por 9,15 metros entre comprimento e largura. A altura era de cerca de 13,72 metros. Quanto a uma breve descrição do templo, ver a introdução a este capítulo. Para detalhes, ver no *Dicionário* o artigo chamado *Templo de Jerusalém*, que inclui ilustrações da aparência do templo. Visto que os fenícios (Hirão e seus operários especializados) eram responsáveis pela arquitetura, o templo de Salomão era similar às estruturas cananéias. Os fenícios pertenciam à raça cananéia. Israel era fraco na arquitetura e nas ciências, razão pela qual fora necessária ajuda estrangeira para o projeto.

Conforme podemos ver, o templo não era grande. Tinha uma área de aproximadamente 250 metros quadrados. Mas era um belo monumento de pedras calcárias brancas e cedro, com decorações de ouro no interior. Tinha uma grande pórtico que adicionava 4,60 metros a seu comprimento. Em comparação com alguns templos pagãos, seria considerado humilde, mas era funcional e servia a todas as necessidades de Israel. Incorporava o tabernáculo e suas funções e centralizava o culto religioso em Jerusalém. Antigos santuários, como o de Betei e o de Gibeom (onde o tabernáculo esteve por longo tempo), ainda tinham importância, e eram visitados por peregrinos.

“O templo era, de fato, somente um santuário para os sacerdotes ministrantes. O átrio exterior era o lugar da grande assembleia da congregação. Dependia de sua magnificência, e não de suas dimensões, mais o preço altíssimo do material e da riqueza de sua decoração” (Elicott, *in loc.*).

6.3

O pórtico diante do templo. O templo foi construído em três partes: o vestíbulo ou entrada, que é o pórtico do presente versículo; a sala maior, ou nave; e o santuário interior, ou Santo dos Santos. Ver a introdução a este capítulo quanto aos detalhes. O pórtico tinha cerca de 4,60 por 9,20 metros. Diferentes

concepções de sua estrutura têm produzido idéias muito diferentes quanto à aparência do templo, mesmo porque qualquer ilustração do templo é apenas mera tentativa. A altura da estrutura não é dada neste versículo, mas o trecho de II Crô. 3.4, seguido pela Septuaginta e por Josefo, dá uma altura gigantesca de 54,90 metros! Esse tipo de estrutura não é ilustrado na antiguidade e assemelha-se mais às grandes torres de algumas igrejas góticas da era cristã.

6.4

Para a casa fez janelas. O original hebraico deste versículo é duvidoso e não nos dá segurança sobre o que está sendo descrito. Provavelmente devemos compreender aberturas que eram largas pelo lado de dentro da estrutura, mas iam estreitando-se conforme saíam, e chegavam do lado de fora bastante estreitas. Algumas janelas dos castelos medievais eram feitas assim, de maneira que se podiam atirar flechas de dentro para fora, e havia o perigo mínimo de que se pudessem atirá-las de fora para dentro. Naturalmente, tais janelas não permitiam a entrada de muita luz, mas alguma luz era melhor do que nenhuma. Além disso, o interior do templo teria sua própria iluminação.

“Janelas oblíquas, mas que tipo de janelas poderiam ser?” (Adam Clarke, *in loc.*, tentando arrancar da descrição no hebraico algum sentido). A leitura à margem do texto hebraico tenta esclarecer a questão: “Janelas largas pelo lado de dentro e estreitas pelo lado de fora”. Mas alguns estudiosos preferem: “Janelas com vigas fixas, ou seja, como uma espécie de gelosia, mais para ventilação do que para iluminação”. Usando de muita fantasia, John Gill (*in loc.*) via o estado judaico como a *entrada estreita*, e a Igreja como as aberturas *largas* pelo lado de dentro, tecendo referências sobre Can. 2.9 e Isa. 60.8.

6.5

Edificou andares ao redor. Foram construídas câmaras ao longo do comprimento da sala principal e do santuário mais interior, mas não ao redor do pórtico. Essas estruturas naturalmente adicionavam a largura da estrutura total. O original hebraico é novamente obscuro aqui e deixa-nos a indagar exatamente o que estava sendo descrito. Alguns estudiosos, porém, pensam que isso se refira a contrafortes contínuos, edificados para suportar as paredes laterais, uma espécie de barragem de apoio. Mas o Targum fala em *edifícios laterais*, associados ao edifício central. A maioria dos eruditos fala de câmaras que poderiam ter sido usadas como armazéns e também para as festividades familiares. Cf. I Sam. 1.18 e 9.22. No segundo templo existiam câmaras similares, usadas como depósitos (ver I Crô. 9.26; Esd. 8.29; Nee. 10.38). Talvez a maioria dessas câmaras servissem de residência para os sacerdotes. A primeira palavra aqui traduzida por “câmara” (no começo do versículo) figura no singular. Então temos o plural, “câmaras”, na parte final do versículo. Provavelmente devemos pensar em uma *estrutura contínua*, que contava com paredes de separação, sendo assim criadas várias câmaras independentes. Josefo diz-nos que havia um total de trinta dessas câmaras (*Antiq.* 1.8, cap. 3, sec. 2), mas não sabemos se essa informação é exata ou não. Algumas autoridades falam em nada menos de noventa câmaras, mas isso certamente parece impossível, considerando a relativa pequenez do templo ao qual elas estavam ligadas. Outros retrucam que isso é possível, pois haveria três pisos, ou seja, seriam quinze câmaras lado a lado, de cada lado do templo e por andar. Em outras palavras, teríamos uma espécie de edifício de apartamentos com três pisos. Ver o versículo seguinte e o trecho de Eze. 41.6.

6.6

Este versículo parece apoiar a idéia de *três pisos*, o que é sugerido na exposição do vs. 5. Os pisos não tinham as mesmas dimensões, pois o primeiro tinha cerca de 2,28 metros; o segundo, cerca de 2,75 metros; e o terceiro, cerca de 3,20 metros. Não é necessário pensar que a estrutura se abria para cima, pois isso seria contrário a um desenho sensato de edifício. É provável que, pelo lado de dentro das câmaras, o espaço tivesse sempre as mesmas dimensões, de parede a parede, desde o primeiro até o terceiro piso. O que ocupava parte da área, nas câmaras, não é explicado. Como é óbvio, os intérpretes não concordam sobre como isso foi feito exatamente. Talvez os três pisos atingissem de altura nada menos que 7,62 a 9,15 metros, pelo que o espaço entre o piso e o teto seria de cerca de 2,28 metros (ver o vs. 10). Os intérpretes lutam com a descrição, a ponto de Adam Clarke suspender seus comentários neste versículo.

Vigas de apoio foram construídas pelo lado de fora dos edifícios de apartamentos, de tal maneira que a viga não penetrava nas paredes do próprio templo.

6.7

Nem martelo, nem machado, nem instrumento algum de ferro se ouviu na casa. O respeito pela sacralidade do templo não permitia que atividade ou ruído se fizesse na preparação das pedras para a estrutura do templo propriamente dito. As pedras já chegavam lavradas, e isso requeria considerável planejamento e habilidade arquitetural, por parte dos artífices fenícios. A casa do Senhor

requeria *silêncio*, conforme é verdade em algumas grandes igrejas dos dias atuais. Entretanto, algumas pessoas atualmente pensam que quanto mais ruído, melhor! Os altares, nos tempos antigos, tinham de ser erguidos com pedras não-lavradas. O templo não possuía tais pedras, mas as pedras eram lavradas em algum outro lugar. As superstições antigas diziam que o deus estava nas pedras, e bebia o sangue do sacrifício que era absorvido pela rocha. Como é óbvio, não se podia cortar a pedra sem cortar o deus! Mas se tais superstições não estavam envolvidas no pensamento dos hebreus da época de Salomão, a idéia da *sacralidade* das pedras sem dúvida permaneceu. As pedras não podiam ser *cor-tadas* no terreno onde ficava a estrutura sagrada. Elas tinham de ser trazidas prontas para serem colocadas em seu devido lugar.

"Aparentemente, Salomão sentia que o *ruído* da construção não era apropriado para o templo, em vista do seu propósito" (Thomas L. Constable, *in loc.*). Ver I Reis 5.18 quanto aos lavradores das pedras. John Gill (*in loc.*) observou sobre a quietude e a atmosfera pacífica que deveriam caracterizar as igrejas, "... sem clamor, contenção, estridor e tumultos".

Tipologia. Talvez estejam tipificadas as *pedras vivas*, especialmente preparadas pelo Espírito Santo para compor a Igreja de Cristo (ver I Ped. 2.4,5).

6.8

Por caracóis se subia ao segundo, e deste ao terceiro. A Escada. As câmaras laterais de todos os pisos estavam ligadas, as de baixo com as de cima, por um sistema interno de escadas e passagens. John Gill (*in loc.*) diz que a escada foi construída pelo lado de fora do edifício de apartamentos e fala dela como se subisse em caracol, mais ou menos como vemos nos edifícios modernos atuais. Seja como for, havia comunicação entre os andares. A Vulgata Latina fala da escada como a forma de uma concha de caracol, e Estrabão (*Geogra.* 1.17. par. 547), fornece-nos uma descrição similar do templo de Pã, em Alexandria.

Havia uma entrada para o edifício de apartamentos no piso inferior, e isso ficava no lado *sul* da estrutura. O templo tinha a fachada voltada para o lado leste, e sua entrada ficava nessa direção.

6.9

O Teto. Esse era feito de madeira preciosa de cedro do Líbano, tal como eram as peças de reforço. Cf. I Reis 5.6, onde dou informações sobre essa madeira. "Os costumes orientais eram muito diferentes dos nossos. Nossos tetos são feitos com gesso, e nossos pisos são feitos de madeira. Eles faziam os pisos de gesso e cerâmica pintada, e os tetos eram feitos de madeira" (Adam Clarke, *in loc.*, o qual também observou que o Westminster Hall foi feito de acordo com o costume oriental).

Alguns intérpretes pensam que o teto aqui referido é o do lado de fora, e dão ao templo um telhado de cedro. John Gill (*in loc.*) fala sobre tetos em arco, feitos de cedro, que "o tornavam grandioso e belo". Então, ele fala em câmaras construídas sobre o templo, e cedro que cobriam o topo, formando uma espécie de telhado-piso que serviria de telhado para o templo e de teto para as câmaras sobre ele (vs. 10). Mas outros intérpretes fazem dessas câmaras as mesmas descritas nos vss. 5, 6 e 8; e isso parece preferível. O original hebraico, uma vez mais, deixa-nos na dúvida. A Septuaginta e Luciano põem esse versículo após o vs. 10. Ewald diz: "um teto ornamental em quadrados, com pequenas peças de madeira de cedro como divisórias", que é o sentido que ele consegue arrancar do original hebraico, mas outros usam a tradução "vigas e tábuas".

6.10

Este versículo quase certamente nos leva de volta aos vss. 5-6, adicionando informações de que os pisos das câmaras eram de 5 côvados de altura. Ver o vs. 6 quanto à área das câmaras dos três pisos. Alguns intérpretes, contudo, põem essas câmaras no alto do telhado do templo, como câmaras separadas, e não as que rodeavam lateralmente o templo. Nenhum viga era inserida nas paredes do templo (vs. 6), mas de alguma maneira ligavam as câmaras laterais do edifício à estrutura principal.

6.11,12

Ao que tudo indica, bem no meio da construção, ou quando ela estava terminando, Salomão recebeu uma instrução especial da parte de Yahweh. Talvez essa instrução tenha sido dada em uma visão noturna, um sonho espiritual similar ao dado em I Reis 3.5 ss., quando ele recebeu sabedoria distintiva. O propósito da construção do templo era facilitar a adoração prestada pelo povo de Israel, de acordo com a lei mosaica. Cf. este versículo com a *tríplice* designação da lei, em Deu. 6.1. Ali também temos as designações específicas de estatutos, preceitos e mandamentos, embora em uma ordem diferente. Os homens espirituais deveriam "fazer" as coisas ordenadas por Deus (Deu. 6.1), e "andar" conforme suas ordenanças (I Reis 6.12). Ver a metáfora do *andar* no *Dicionário*.

Uma promessa tinha sido feita a Davi (ver II Samuel 7). Agora, a promessa estava cumprida por meio de Salomão, que tinha a responsabilidade de garantir

que o propósito do templo fosse observado. A *desobediência*, da parte de Salomão e dos reis vindouros, enviaria o povo de Israel ao cativeiro na Assíria (de onde o povo de Israel nunca voltaria) e ao cativeiro na Babilônia (de onde o povo de Judá voltaria como um pequeno remanescente). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Cativeiros*. O próprio templo seria destruído. Um segundo templo teria de ser construído, de glória inferior ao primeiro, para sermos exatos.

Cf. o vs. 12 do presente capítulo com I Reis 9.3-9, que lhe é similar e serviu ao mesmo propósito. Ver também II Sam. 7.10-15 e Jer. 18.5-10. Consulte ainda Êxo. 25.8 quanto a algo similar. "... no caso de cada geração, o desfrute das bênçãos dependeria da fé e da obediência. De tempos em tempos essa bênção seria perdida, até a destruição final de Israel como uma nação. No entanto, até mesmo agora, conforme ensina o apóstolo Paulo (ver Rom. 11.29), para Israel há ainda esperança quanto à antiga promessa de bênção" (Ellicott, *in loc.*).

Quando andamos com o Senhor, à luz de Sua Palavra,
Que glória Ele derrama em nosso caminho.
Quando fazemos a Sua boa vontade,
Ele habita conosco ainda,
E com todos quantos confiam e obedecem.

Confia e obedece, pois não há outra maneira
De ser feliz em Jesus, senão confiando e obedecendo.

(J. H. Sammis)

6.13

O templo de *Jerusalém* seria um lugar visível onde a presença invisível de Deus se manifestaria. Haveria a glória visível da *shekinah*. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Shekinah*. O sucesso de Israel, o cumprimento de seu destino, só poderia tornar-se realidade, se a presença divina estivesse presente, guiando, inspirando e protegendo. Isso corresponde ao *teísmo* (ver a respeito no *Dicionário*). Deus criou e não abandonou a Sua criação. Ele está presente para recompensar e punir, guiar e proteger. Contraste-se isso com o *deísmo* (ver também no *Dicionário*), no qual Deus aparece como uma força, pessoal ou impessoal, que deu origem ao universo, mas abandonou sua criação, deixando-a entregue às leis naturais. Cf. Êxo. 25.8, onde a presença divina foi prometida em relação ao tabernáculo, agora incorporado ao templo. Israel não ficaria à mercê de seus inimigos. Haveria um poder protetor divino. Israel não ficaria entregue somente à letra da lei. O Espírito de Deus far-se-ia presente. Haveria o toque místico de que todos precisamos para nossa espiritualidade. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Misticismo*. Ver também ali o artigo chamado *Presença de Deus*.

6.14

O autor sagrado repete aqui o que já havia dito no nono versículo. E, tal como fizera ali, depois de dizer que o trabalho estava *terminado*, prosseguiu com mais descrições. O texto dá evidências de ter sido obra de um editor, que juntou mais de uma fonte informativa, de modo que ele chega à conclusão mais de uma vez. Os críticos pensam que os vss. 11-14 são uma inserção tardia feita por um editor diferente, que usou fontes informativas diferentes. A prova dessa idéia está no fato de que a Septuaginta omite esses quatro versículos, pois o texto hebraico do qual foi feita a tradução não os continha.

6.15

As *paredes de pedra* foram "recobertas" com tábuas de cedro. As tábuas estendiam-se do soalho ao teto, que também estava recoberto de madeira de cedro. Mas o soalho era coberto com madeira de cipreste. Ver o vs. 8 quanto ao fato de que esses dois tipos de madeira foram trazidos do Líbano. Ver II Crô. 3.5. Em lugar de cipreste, alguns estudiosos entendem *pinheiro*, e essa é a idéia de algumas autoridades antigas, que falam em *figurine*, uma espécie de pinheiro.

6.16

Com tábuas de cedro. A parte de trás da casa, pelo lado de dentro, também foi recoberta com madeira de cedro, isto é, com painéis de cedro. Estamos aqui tratando do santuário mais interior, o Santo dos Santos. Essa parte da casa foi recoberta do soalho ao teto. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Lugar Mais Santo*, quanto a detalhes completos a respeito. Esse lugar era um cubo com 9,15 metros cúbicos. O texto do vs. 18 informa-nos que o lugar era decorado com figuras de colocintidas e flores abertas que formavam grinaldas floridas em curva, conforme o estilo dos antigos. Ou o todo era equipado com grinaldas de flores. Ver o vs. 20. Alguns críticos pensam que as descrições são do segundo templo, terminado depois do cativeiro babilônico, argumentando que isso se dava somente no segundo templo, e mesmo assim apenas na parte principal da edificação. Por outra parte, o Santo dos Santos, no tabernáculo, era completamente encoberto por dentro com cortinas, e esse plano pode ter sido seguido no templo de Salomão (o primeiro templo).

6.17

Era, pois, o Santo Lugar... de quarenta côvados. Até o Santo dos Santos, a nave estendia-se por 18,30 metros e, com o Santo dos Santos, por mais 9,15 metros, num total de 27,45 metros. Um edifício bastante pequeno para um templo. Mas era luxuosamente decorado e ricos materiais foram ali usados, e isso fazia da estrutura, embora relativamente pequena, uma grande realização arquitetural. Os críticos vêem editores em ação nos vss. 17-22, misturando itens que pertenciam ao segundo templo, mas não ao primeiro. Alguns deles supõem que o vs. 17 era totalmente sobre o documento original (descrição do primeiro templo), e os vss. 18-22 pertenciam ao segundo templo. A Septuaginta posta-se como testemunha quanto a parte dessa teoria, pois omite os vss. 20-22. Presumivelmente, os manuscritos hebraicos mais antigos, que foram seguidos, não continham esses versículos, ou não temos como explicar por que não foram traduzidos. As *grandes quantidades de ouro* usadas para cobrir por inteiro o Santo dos Santos (além de outros itens da nave) revelam a riqueza de Salomão. Mas se os críticos estão com a razão, então tais descrições aplicavam-se ao segundo templo. Talvez essas quantidades (vss. 21 e 22) digam respeito à pintura em ouro, pelo que a quantidade de metal não seria tanta.

6.18

Trabalho decorativo foi aplicado às tábuas de cedro, sob a forma de colocintidas e flores, de modo que nenhuma pedra era vista através desses ornamentos artísticos. Dou maiores informações sobre esse aspecto da obra nos comentários sobre o vs. 16. O Targum diz que as colocintidas eram redondas, dando a aparência de ovos, e que vários tipos de flores abertas (não botões) apareciam nos entalhes.

6.19

No mais interior da casa. O Santo dos Santos foi preparado para receber o mais precioso item do tabernáculo (e agora do templo) — a *arca da aliança* (ver o artigo a respeito no *Dicionário*). Davi havia guardado a arca temporariamente no tabernáculo provisório em Jerusalém, ao passo que o tabernáculo propriamente dito, menos a arca, permaneceu em Gibeom. Ver sobre o tabernáculo provisório em II Sam. 6.17. Deve ter sido em meio a grande alegria popular que o templo acolheu a arca. Isso fez o lugar tornar-se *operacional*, pois, afinal, era essencialmente um lugar de sacrifício, e supunha-se que Yahweh viesse ao encontro do sumo sacerdote, quando este entrava no Santo dos Santos nos ritos anuais. A arca da aliança era a mesma que tinha acompanhado Israel pelo deserto, cerca de 500 anos atrás. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Tabernáculo*. O fato de ser a mesma arca que Moisés carregara para cá e para lá, pelo deserto, dava-lhe um valor incalculável aos olhos dos hebreus. O Santo dos Santos tinha duas portas (vss. 31 e 32), uma cortina e uma obra de corrente protetora de ouro (vs. 21). Ver II Crô. 3.14.

6.20

O cubo todo de 9,15 metros cúbicos, que era o Santo dos Santos, foi recoberto de ouro. Talvez fosse pintura dourada. Por outra parte, homens que constroem templos, supõe-se inspirados pelos poderes divinos, sacrificam tudo para construir seus edifícios, e isso é amplamente ilustrado pelas grandiosas e luxuosas igrejas da era cristã. A própria arca da aliança era um item humilde, uma simples caixa de madeira com as dimensões de 1,10 por 0,70 metro. As descrições originais dizem que a caixa era feita de madeira de acácia. Talvez Salomão a tivesse embelezado, mas o mais provável é que a deixou como era. "Caixas sagradas estavam em uso entre outros povos da antiguidade e serviam como receptáculos para o ídolo, ou o símbolo do ídolo, e para as relíquias sagradas" (Unger, *Unger Bible Dictionary*).

Ouro puro. Esse metal falava sobre a excelência e preciosidade do templo, visto que quase todo o interior recebeu uma camada do metal. Esse é o metal que representa a deidade. O santuário era a residência de Yahweh. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Ouro*, quanto a completas explicações.

Altar. Ou seja, o altar do incenso, que ficava imediatamente à entrada do Santo dos Santos, mas pelo lado de fora. Estava intimamente associado ao santuário mais interior, o Santo dos Santos, mas não fazia parte dele. Ver no *Dicionário* o artigo detalhado intitulado *Altar do incenso*. Esse altar era feito de cedro e recoberto de ouro (vs. 22). Originalmente, o altar era feito de madeira de acácia. Talvez Salomão o tenha recoberto primeiramente com cedro (dando-lhe uma camada dessa madeira) e depois revestido o móvel renovado com uma camada de ouro. Ou também é possível que ele tivesse mandado confeccionar um novo altar de cedro. Ele pode ter feito isso com o altar do incenso, mas não ousou substituir a arca da aliança. Talvez o novo altar do incenso tivesse sido feito de pedra, recoberto de cedro e posteriormente de ouro.

6.21

Por dentro Salomão revestiu a casa de ouro puro. Parece estar em pauta a nave ou Lugar Santo, ou seja, a sala principal, que tinha as dimensões de 18,30 por 9,15 metros. Já fomos informados que o Santo dos Santos tinha sido inteiramente recoberto de ouro. Agora, o autor sagrado informa-nos que o Lugar Santo também fora recoberto de ouro. A menos que alguma espécie de pintura dourada tenha sido usada (conforme sugerem alguns intérpretes), isso nos dá uma idéia dos gastos imensos investidos no templo de Jerusalém.

Então, na frente do Santo dos Santos, Salomão mandou fazer cadeias de ouro penduradas, como que a dizer: "Não entre aqui. Pois somente o sumo sacerdote pode entrar, e isso uma única vez por ano". Note o plural, "cadeias de ouro". Está em pauta algum complexo de cadeias de ouro entrançadas. A Septuaginta, porém, omite essas cadeias, de modo que alguns críticos supõem que elas pertencessem ao segundo templo, mas foram inseridas neste lugar numa edição posterior. O original hebraico é difícil e a Septuaginta pode tê-las ignorado como impossíveis de ser traduzidas. Não sabemos dizer se o véu, que ficava pendurado no tabernáculo para separar o Lugar Santo do Santo dos Santos, foi retido ou não. O trecho de II Crô. 3.14 fala de um véu, e talvez isso indique que havia uma nova cortina, preparada exatamente para o templo. Os vss. 31-32 falam de *duas portas*, feitas para fechar o Santo dos Santos. Portanto, havia quádrupla proteção para a entrada: as cadeias de ouro, o véu e as portas duplas.

6.22

Cobriu de ouro toda a casa. Este versículo reitera que a casa inteira foi recoberta de ouro, e que o altar do incenso recebeu tratamento similar (o que não fora dito no vs. 20). Neste caso, as palavras "toda a casa" provavelmente referem-se à estrutura de 27,45 por 9,15 metros, incluindo o Lugar Santo e o Santo dos Santos, conforme já tínhamos sido informados nos versículos anteriores. O altar do incenso veio assim a ser chamado de "altar de ouro", por causa de sua cobertura de ouro.

Eupolemos (apud Euseb. *Praepar. Evangel.* 1.9, cap. 34, par. 450) diz-nos que a casa inteira, do soalho ao teto, estava coberta de ouro, bem como de madeira de cedro e cipreste, de modo que em parte alguma aparecia a pedra. "É impossível calcular as despesas, ou a quantidade de ouro empregada nesse edifício sagrado" (Adam Clarke, *in loc.*). II Crô. 3.8,9 dá-nos uma idéia sobre as despesas, mas os cálculos ali se aplicam somente ao Santo dos Santos.

Tipologia. O altar do incenso refere-se à excelente e eficaz mediação e intercessão de Cristo. Ver Apo. 3.3,4.

6.23

Os vss. 23-28 deste capítulo são considerados originais das descrições, e o texto é confirmado pela Septuaginta.

"Os querubins eram anjos esculpidos, feitos de oliveira. Suas asas estavam estendidas, de modo que cobriam todos os 9,15 metros da parede norte à parede sul do Santo dos Santos. Cf. II Crô. 3.13. Uma camada de ouro encobria igualmente os querubins" (Thomas L. Constable, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o artigo detalhado intitulado *Querubim*.

Objetos esculpidos usualmente não eram permitidos, mas os querubins no Santo dos Santos eram exceções. Note-se, entretanto, que não eram objetos de adoração. Ao entrar no Santo dos Santos, o sumo sacerdote não lhes oferecia adoração nem orações. Ver Êxo. 20.4 quanto à proibição sobre os ídolos.

Os *querubins* do templo de Salomão não eram os mesmos do tabernáculo. Eram muito maiores. "Esses dois querubins podiam ser emblemas dos anjos, em sua grandeza e glória, sempre na presença de Deus, a contemplar a Sua face e sempre prontos a cumprir a Sua vontade. Ou poderão ser *duas testemunhas*, como as duas oliveiras que estarão de pé perante o Deus da terra inteira (ver Apo. 11.3,4), dotadas de ousadia para entrar no Santo dos Santos, que têm sempre diante dos olhos o conhecimento dos mistérios dos céus e falam os oráculos de Deus. Aparecem como criaturas (II Crô. 3.10) de vários tipos, com o rosto de homem, de leão, de boi e de águia (Eze. 1.10). Cada um deles tinha cerca de 4,60 m de altura, a metade da altura do Santo dos Santos. E serviam de emblemas dos elevados anjos, aqueles tronos, domínios, principados e poderes" (John Gill, *in loc.*). Cf. Êxo. 25.18-20 e 37.7-9. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Querubim*, especialmente no ponto 5, *Usos no Templo de Jerusalém*. As notas expositivas ali existentes distinguem os querubins do templo de Salomão e os da arca da aliança. Ver o ponto 8 quanto ao *simbolismo* envolvido.

"Os querubins apareciam de duas formas nas tradições dos hebreus. Havia o querubim, que podia ser um ou mais, que era o guardião do lugar sagrado (cf. Gên. 3.24; Eze. 28.14), e certamente tinha origem mesopotâmica. E também havia *pares* de querubins, personificações dos *espíritos gêmeos* da tempestade (comparáveis a Castor e Polux dos mitos romanos, e a associação geral dos

gêmeos com o trovão). Nesse caso, o par dos querubins que estava no Santo dos Santos era sobrevivente das descrições do Senhor como o Deus da tempestade, montado nas nuvens do temporal, vindo dos desertos do sul (ver o terceiro capítulo do livro de Habacuque e Sal. 18.10-17)" (Norman H. Snaith, *in loc.*).

6.24

As Dimensões dos Querubins. Postas juntas, as duas imagens ocupavam surpreendentes 9,15 metros de extensão dentro do Santo dos Santos, enchendo a sala em forma de cubo. Os querubins da arca da aliança tão-somente pairavam por cima da tampa daquela caixa. No templo de Salomão, as asas deles estendiam-se das paredes norte e sul do Santo dos Santos, pelo que eram figuras impressionantes. Não sabemos dizer por que eram figuras tão grandes, embora o tamanho gigantesco usualmente sirva para criar uma forte impressão na mente dos homens.

"Querubins. Estes dois querubins foram copiados do tabernáculo, mas havia algumas diferenças, sem falarmos no tamanho ampliado e na mudança do material de ouro sólido para madeira de oliveira recoberta de ouro. Em Êxo. 25.18-20 e 27.7-9 eles são descritos com o rosto voltado na direção do propiciatório, encobrido-o com as suas asas. Aqui, a partir da cuidadosa descrição das asas estendidas de 10 côvados no caso de cada querubim, que se encontravam no meio do Santo dos Santos e tocavam as paredes, parece que eles tinham o rosto voltado na direção da entrada. Os querubins sobre a arca da aliança foram descritos em seis lugares diferentes do Antigo Testamento, ou seja, nas passagens do livro de Êxodo citadas anteriormente, na presente passagem, no paralelo de II Crô. 3.10-13 e em Eze. 1.4-25 e 10.1-22. O simbolismo que aparece em Apocalipse está baseado em Ezequiel" (Ellicott, *in loc.*).

6.25

Era de dez côvados o outro querubim. Os dois querubins tinham as mesmas dimensões e provavelmente eram idênticos, ou quase idênticos, em todos os aspectos. Eram feitos como outros ídolos, segundo lemos em II Crô. 3.10, provavelmente com a forma de homens dotados de asas, da maneira que os anjos são usualmente retratados pelos artistas. Mas Ezequiel dá a entender que eles tinham as formas variegadas de um homem, de um leão, de um boi e de uma águia. Essas formas acabaram por representar os quatro evangelhos nos antigos manuscritos do Novo Testamento.

6.26

A altura dum querubim era de dez côvados. *As Dimensões Imensas dos Querubins.* Eles tinham 4,60 metros de altura, uma informação repetida com base no vs. 23. Portanto, quando o sumo sacerdote entrava no Santo dos Santos, via as duas gigantescas imagens, cujas asas estendidas abrangiam toda a largura do Santo dos Santos, isto é, 9,15 metros. Eles tinham, portanto, "dimensões extraordinárias" (John Gill, *in loc.*). Sem dúvida, isso visava impressionar o sumo sacerdote com a *grandeza de Deus* e com o poder de Seus auxiliares angelicais. Ver Êxo. 25.19 ss. quanto à pequenez comparativa dos querubins do tabernáculo. Eles eram *guardiães* do Santo dos Santos, representantes do poder de Deus usado em favor de Seu povo. A intercessão feita diante de Deus realizava *qualquer coisa*. Oh, Senhor, concede-nos tal graça! Há poder na presença de Deus que pode ser aproveitado pelo homem espiritual.

6.27

No mais interior da casa. Ou seja, no santuário interior, o Santo dos Santos. As asas dos querubins, juntas, estendiam-se de parede a parede, numa distância de 9,15 metros, conforme explicado na exposição sobre o versículo anterior. No meio do Santo dos Santos, as asas dos dois querubins se tocavam. Ver as notas sobre o vs. 24, quanto ao tamanho das asas. O trecho de II Crô. 3.13 diz que o rosto dos querubins estava virado para o Santo Lugar, ou seja, na direção da entrada do Santo dos Santos. Quando o sumo sacerdote entrava ali, dava de frente com aquelas gigantescas imagens.

6.28

E cobriu de ouro os querubins. Não somente os querubins eram recobertos de ouro, pois todo o interior total o templo fora assim recoberto.

Naturalmente, o *ouro* fala de excelência e preciosidade, e isso pode simbolizar os dons valiosos e as graças do Espírito Santo. O ouro é, igualmente, o metal que simboliza a divindade, e isso significa que ali ficava a residência do Ser divino, o santo e sagrado santuário. Ver no *Dicionário* explicações completas no verbete chamado *Ouro*.

6.29

Entalhes de querubins, palmeiras e flores abertas. *Adornos Diversos.* O interior do templo foi ornamentado. Não era suficiente ter toda aquela cobertura

de ouro. Havia também entalhes de querubins, palmeiras e flores que foram esculpidos nas paredes. Ou então devemos compreender que foram esculpidas imagens naquelas formas, para depois serem presas às paredes. O simbolismo original da palmeira era a fertilidade, conforme se vê nas descobertas arqueológicas dos antigos templos de muitos povos. Não é de surpreender que, visto terem sido os fenícios (uma raça cananéia) os executores da maior parte do trabalho de artífices, certos itens fossem comuns aos templos fenícios e ao templo de Jerusalém. O espírito da lei contra as imagens (ver Êxo. 20.4) não foi violado, visto que, em nenhum sentido, aqueles foram objetos de adoração e nem se lhes dirigiu oração alguma. John Gill (*in loc.*) fala das esculturas, "que eram muito ornamentais e emblemáticas (ver Eze. 41.17-20)".

6.30

Também cobriu de ouro o soalho. *Tanto o soalho do Santo dos Santos como da nave principal, o Lugar Santo, recebeu uma cobertura de ouro.* Ver no vs. 28 quanto aos simbolismos do *ouro*. Cf. as ruas da Nova Jerusalém, em Apo. 21.21. Virtualmente todo o interior do templo era recoberto de ouro.

6.31

Para entrada do Santo dos Santos. "A porta do Santo dos Santos era uma porta de dobrar de folhas duplas, feita de madeira de oliveira, tipificando Cristo, a porta da Igreja acima e abaixo, o caminho para o céu e para a vida eterna, a verdadeira oliveira. A ombreira e as vergas das portas eram uma quinta parte da parede, pois tinham 4 côvados, ao passo que a largura do Santo dos Santos era de 20 côvados (vs. 20)" (John Gill, *in loc.*). Se as portas fossem postas lado a lado, então cada qual teria 1,83 metro de altura por 91,5 centímetros de largura e, juntas, formavam uma entrada de 1,83 metro de largura. O original hebraico é um tanto obscuro, não se sabendo com certeza o que é dito, realmente. A Revised Standard Version diz que "a verga com as ombreiras formavam uma porta pentagonal", o que nossa versão portuguesa também segue. Alguns intérpretes fazem as portas ser de "correr", mas isso parece um anacronismo. Ver Eze. 41.24 onde lemos que havia "duas folhas dobráveis".

6.32

Duas folhas. Isto é, as portas eram feitas de duas folhas de madeira. Tal como nas paredes do Lugar Santo, assim também as portas eram similarmente decoradas com querubins, flores e palmeiras. Ver a exposição sobre o vs. 29 quanto a explicações. E, como no caso das portas, as decorações foram cobertas de ouro. Ver no vs. 20 o uso do ouro. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Ouro*. Os vss. 32 e 35 podem representar adições posteriores ao material original, variantes que subentendem a mesma coisa.

6.33

Fez para entrada do Santo Lugar... entrada quadrilateral. O Santo Lugar também contava com uma entrada especialmente aparelhada, uma porta decorativa. As ombreiras e a verga da porta formavam um quadrado, e a porta era de madeira de oliveira. Essa porta quadrada tinha 2,29 metros quadrados, ou seja, um quarto da altura da parede, que era de 9,15 metros. Note o leitor que essa porta (vs. 34) era mais larga que as portas do Santo dos Santos. Um número maior de pessoas entrariam por ali, e dimensões maiores facilitariam o movimento.

6.34

E as duas tábuas de cada folha eram dobradiças. Novamente, devemos pensar (tal como no vs. 32) em portas dobráveis, duas folhas postas lado a lado, formando um quadrado de 2,29 metros quadrados, em contraste com o tamanho menor das portas do Santo dos Santos, que formavam um quadrado de 1,83 metro quadrado. Essas portas eram feitas de madeira de cipreste. Ver I Reis 5.8, que fala sobre as árvores que deveriam ser cortadas. A verga e as ombreiras das portas eram feitas de madeira de oliveira, mas as folhas das portas propriamente ditas eram feitas de madeira de cipreste. Cf. Eze. 41.24, que fala em portas "dobradiças".

6.35

As portas do Lugar Santo eram decoradas da mesma maneira que as paredes e as portas do Santo dos Santos, isto é, com flores, palmeiras e querubins. Ver a exposição sobre os vss. 29 e 32. E também dispunham de cobertura de ouro sobre as decorações, tal como acontecia com outros itens decorados. Cf. Eze. 41.25.

6.36

Também edificou o átrio interior. "Provavelmente era o mesmo átrio superior de Jer. 36.10... foi construído em redor do templo propriamente dito, evidente-

mente correspondendo ao átrio exterior do tabernáculo. Visto que esse átrio era (comparar com Êxo. 27.9-13) de 50 por 100 côvados, pode-se inferir que, mediante uma *duplicação similar* à de todas as dimensões do templo, o átrio de Salomão teria 45,75 por 91,50 metros. Este versículo tem sido interpretado de duas maneiras: ou o piso do átrio foi elevado por três fileiras de pedras e coberto por um entabamento de cedro, ou então (conforme disse Josefo) o átrio estava *fechado* por uma parede baixa de três fileiras de pedras, encimadas por um telhado de madeira de cedro. Esta última opinião parece ser a mais correta" (Ellicott, *in loc.*).

"O interior do átrio era uma praça aberta que rodeava o templo. Também havia um átrio externo, não mencionado aqui (cf. II Crô. 4.9), que também era mais baixo quanto à sua elevação do que o átrio interior... Esse átrio interior (também chamado de 'átrio dos sacerdotes', II Crô. 4.9) era separado do outro átrio (maior) pela parede aqui descrita. A parede consistia em três fileiras de pedras cortadas (pedra calcária) e por uma fileira de vigas de cedro. O átrio externo também estava rodeado por uma parede. As dimensões do átrio interior não nos são dadas, mas se as dimensões dos átrios do templo eram proporcionais às dimensões do átrio do tabernáculo... então suas dimensões também eram de 45,75 por 91,50 metros" (Thomas L. Constable, *in loc.*). O povo reunia-se no átrio exterior, e os sacerdotes reuniam-se no átrio interior, o referido no presente versículo.

No segundo templo de Jerusalém, conforme dizia Maimônides (*Hilchot Beth Hab.* cap. 6, sec. 3), o átrio dos sacerdotes era 2,5 côvados mais elevado que o átrio de Israel. II Crô. 4.9 é o trecho que nos diz acerca do átrio dos sacerdotes e do átrio "maior", o de Israel, ou do povo em geral.

6.37

No ano quarto. Temos aqui uma declaração *original* acerca da data do início da construção do templo. O versículo primeiro dá uma versão expandida dessa simples declaração, que provavelmente foi obra de um editor posterior. Ver a exposição do vs. 1 quanto a detalhes sobre a questão.

6.38

E no ano undécimo, no mês de bul. Foram necessários sete anos e meio para construir o templo, o qual foi terminado durante o outono, com atraso de um mês para a grande festa de outono do recolhimento dos frutos, que era celebrada por ocasião da lua cheia da colheita. *Bul* era o segundo mês do calendário pré-exílico, mais ou menos equivalente ao oitavo mês, ou hesvan, do calendário pós-exílico" (Norman H. Snaith, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Calendário Judaico*. O fato de o mês de *bul* ser chamado *oitavo mês* neste versículo mostra que essa nota aconteceu em um tempo pós-exílico, visto que, antes do exílio, aquele era o segundo mês do calendário. Os críticos supõem que o livro de I Reis tenha sido escrito após o exílio babilônico. Ver sobre *V. Data*, na introdução ao livro. Mas a compilação, se ocorreu após o exílio, sem dúvida usou fontes informativas anteriores e, presumivelmente, pelo menos em certas partes do livro, materiais dos registros dos próprios tempos de Salomão.

"A dedicação só ocorreu no ano seguinte, o décimo segundo do reinado de Salomão, porque foi *então*, de acordo com o arcebispo Usher, que o jubileu aconteceu" (Adam Clarke, *in loc.*).

O mês de *bul* correspondia a nosso outubro-novembro. *Marcsvan*, outro nome para o mesmo mês, referia-se às *chuvas* que caíam naquela época do ano. A palavra *bul* parece querer dizer *dilúvio*, chuvas pesadas. O dilúvio de Noé no original hebraico é chamado *mabbul*, um palavra cognata.

Capítulo Sete

Este sétimo capítulo dá prosseguimento às descrições sobre Salomão, o construtor, iniciadas em I Reis 5.1.

O templo foi apenas uma dentre várias outras construções que absorveram muito do tempo e da energia de Salomão. Na introdução a I Reis 6, sob o título *O Grande Programa de Edificações de Salomão*, provi para o leitor uma declaração sobre os vários projetos dos quais Salomão se ocupou. Se o templo (cuja construção é descrita no sexto capítulo) foi a mais importante de suas construções, no terreno do templo ou em suas proximidades ele também levantou vários outros edifícios que mencionei nas notas referidas. Isso posto, o templo foi uma parte do esquema maior de construções que consumiu cerca de vinte anos de trabalho intenso. O templo propriamente dito levou mais de sete anos para ser erguido (ver I Reis 6.37). As descrições deste capítulo são similares a outras que abordam mansões orientais, palácios e complexos de edificações reais. Homens ricos e poderosos tinham o cuidado de exibir suas riquezas e poder mediante impressionantes complexos de edificações que adornavam os terrenos pertencentes à coroa. Salomão, pois, não foi exceção a essa regra. Em vida, ele foi um dos mais ricos e mais poderosos monarcas do Oriente Próximo, e precisava revelar sua grandeza por meio de edifícios luxuosamente decorados. Ele levou a nação de Israel à sua época *áurea*. Depois dele, tudo foi declínio, no tocante às riquezas e ao poder.

O *palácio de Salomão* exigiu mais tempo para ser construído do que o templo; de fato, era uma construção *maior*. Esse palácio recebeu um título pomposo — Palácio do Bosque do Líbano — não por haver sido erguido nesse local, mas por terem sido usados cedros do Líbano (ver I Reis 7.2,3) na construção, também o principal material usado na edificação do templo. "O palácio e o complexo administrativo levaram *treze anos* para serem terminados, ao passo que o templo precisou apenas de sete anos (6.38; cf. 9.10)" (*Oxford Annotated Bible*, em introdução ao presente capítulo).

Pagando os Impostos. O trecho de I Reis 4.7-19 mostra-nos que Salomão cobrou pesados impostos a fim de pagar seus luxos, incluindo o interminável número de servos públicos (empregados). E vemos que ele cobrou impostos somente da parte norte do país (Israel), pois a parte sul (Judá) estava isenta do pagamento de taxas. Este capítulo não nos diz quem pagou a conta por todos os luxos de Salomão, mas podemos imaginar que muitos, em Israel, ficaram infelizes diante dessas tributações.

Samuel havia advertido o povo de Israel que, se eles insistissem em ter um rei, altos impostos lhes seriam cobrados (ver I Sam. 8.10 ss.). Sua predição, dada por Yahweh, certamente cumpriu-se no caso de Salomão. Muito provavelmente, a cobrança de impostos para financiar os luxos de Salomão foi *uma* das causas da divisão do reino em duas nações, Israel (a parte norte) e Judá (a parte sul). É possível que o norte tivesse pagado o grosso da conta e desejasse libertar-se desse jugo.

7.1

Edificou Salomão os seus palácios. Os vss. 1-12 deste capítulo informam-nos que Salomão construiu um luxuoso palácio para si mesmo, além de outras edificações, os quais levaram treze anos para serem terminados, em contraste com os sete anos e pouco necessários na construção do templo. Cf. com I Reis 6.38. Salomão construiu perto de seu próprio palácio uma casa para uma de suas esposas, uma princesa egípcia (vs. 8). Vinte anos, ao todo, foram consumidos nesses projetos iniciais de construção (9.10).

"Quando Salomão cumpriu o sonho de seu pai de erguer a casa do Senhor, passou sete anos a construí-la e então gastou mais treze anos construindo sua própria casa. O Senhor nunca ocupou tão largo espaço no coração do filho como tinha ocupado no coração do pai. O eclipse espiritual já havia começado" (Ralph W. Sockman, *in loc.*).

Naturalmente, há uma qualidade religiosa (espiritual) no trabalho bem-feito, e Salomão só se satisfazia com o melhor. Por outro lado, sem dúvida, ele *exagerou*.

7.2

Edificou a Casa do Bosque do Líbano. O templo era apenas uma parte de um grande programa de edificações. Ver as introduções aos capítulos 6 e 7 deste livro quanto a isso. A Casa do Bosque do Líbano foi erguida ao sul do templo. Era a residência pessoal de Salomão, assim chamada porque os nobres cedros ali usados vieram do Líbano, e não por ter sido construída no Líbano. O templo e outras construções faziam parte de um mesmo complexo, um costume dos reis antigos. Foram assim construídas vastas propriedades, incluindo vários edifícios reais.

O versículo nos fornece as dimensões dessa casa especial, a qual, sem dúvida, era uma construção caracterizada pela ostentação. Note-se que ela tinha 45,75 metros de comprimento por 22,87 metros de largura e 13,72 metros de altura. Era, portanto, bem maior que o templo (27,45 metros de comprimento por 9,15 metros de largura). Sua planta baixa cobria uma área quatro vezes maior que a área do templo de Jerusalém!

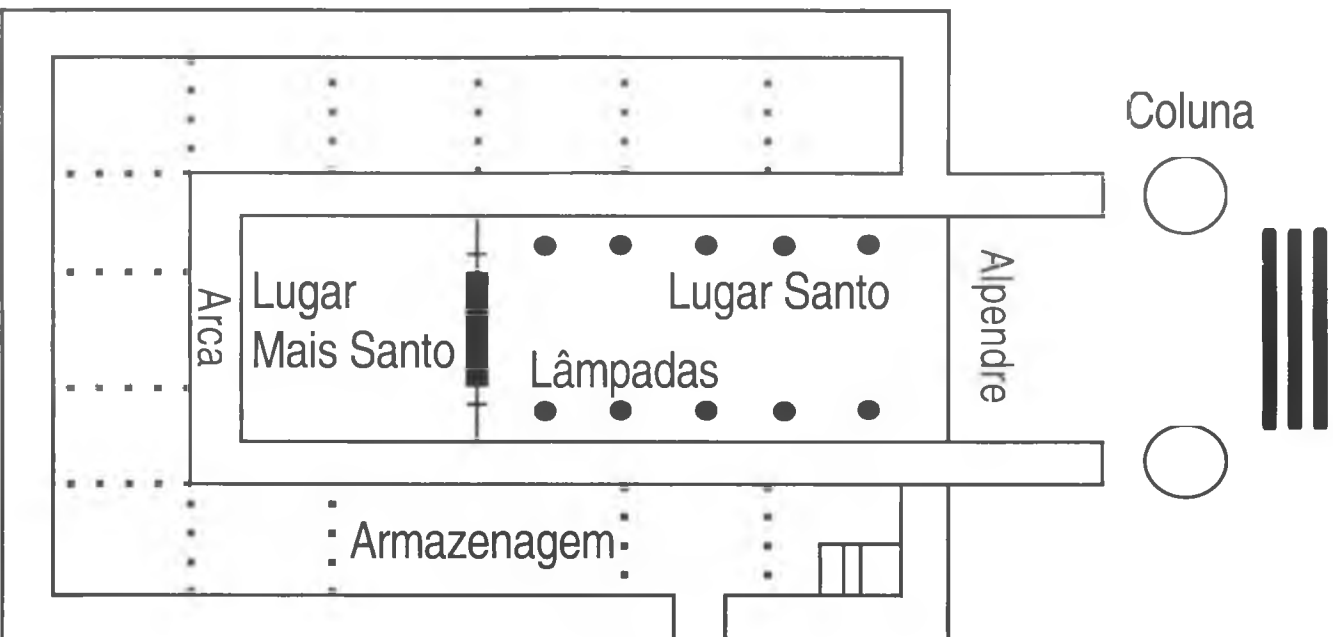
A *estrutura* foi construída sobre três fileiras de colunas de cedro, com vigas sobre as colunas, um tipo de alicerce incomum e caro. Mas alguns estudiosos pensam que essa descrição diz respeito a uma espécie de colonata (um passadiço coberto) que circundava o pátio, o qual contava com um pórtico fronteiroiro. John Gill (*in loc.*) supunha que as vigas servissem para um segundo piso, que formava um teto para o primeiro piso e, ao mesmo tempo, um soalho para o segundo. Os tradutores da Septuaginta, talvez não tendo compreendido o texto original hebraico, variaram bastante o texto. Os intérpretes lutam com o texto, tentando imaginar o seu significado, com diferentes resultados.

Propósito do Edifício. Era um depósito de armas (I Reis 10.7) e também um lugar de julgamento. Ver o versículo sétimo deste capítulo.

7.3

As câmaras laterais em número de quarenta e cinco, quinze em cada andar. Esta passagem mostra que havia três pisos na construção, e não apenas dois, como imaginou John Gill. "No segundo piso havia três fileiras de colunas, quinze por andar, totalizando quarenta e cinco, que ficavam a leste, norte e sul, e sobre essas colunas, vigas, que formavam o piso de um terceiro andar, tudo coberto por um telhado de madeira de cedro" (John Gill, *in loc.*). Essa é uma possível interpretação do versículo, o que nos permite perceber que John Gill

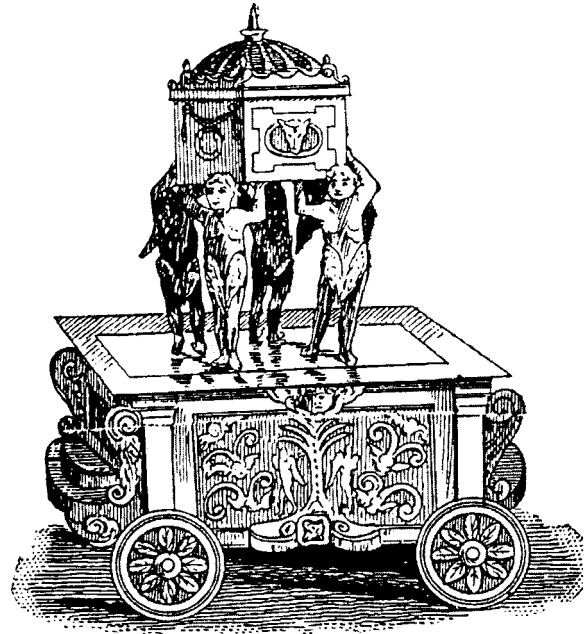
PLANTA DO TEMPLO DE SALOMÃO
EM JERUSALÉM



EQUIPAMENTO DO TEMPLO DE SALOMÃO



Candeeiro de Ouro



Dez Pias de Cobre



Candeeiro de Ouro levado
para Roma, 70 D.C.



Incensário

admitiu aqui uma segunda interpretação. Ou então a descrição pertence à suposta colunata que havia próximo e circundava o pátio, sendo parte do mesmo complexo de construções que compunham a Casa do Bosque do Líbano.

7.4

Havia janelas em três ordens. Presume-se que a função dessas janelas era permitir a entrada de luz e ventilação para o segundo e o terceiro piso que havia a leste, norte e sul; mas não haveria janelas no lado oeste, onde o pórtico fora construído. As janelas possibilitavam a entrada da luz de cada lado da construção e eram paralelas umas às outras. Novamente, os intérpretes fazem muita ginástica tentando imaginar como isso foi conseguido, mas ainda não chegaram a um resultado definitivo.

7.5

A *figura geométrica* usada para as portas e janelas da construção era o *quadrado*. Somos novamente lembrados de que havia “janela oposta a janela”, o que parece significar que as janelas foram construídas umas defronte das outras, de forma que a luz que entrava por uma janela encontrava-se com a luz que entrava pela janela do lado oposto. Algumas traduções dizem aqui “em três fileiras”, como se dá com nossa versão portuguesa; mas outras preferem dizer “pisos”, voltando à idéia dos andares. Novamente, o original hebraico nos deixa em situação difícil, pois nosso conhecimento a respeito não é exata o bastante para nos permitir compreender as descrições do autor sagrado. Devemos lembrar que o hebraico, na antiguidade, era escrito somente com as consoantes, e só no período cristão foi inventado o sistema de pontos e linhas que proviam os sons vocálicos. Assim, hoje em dia, somente Bíblias e gramáticas em hebraico têm essas indicações vocálicas, ao passo que o restante da literatura hebraica continua a ser escrito somente com as consoantes. Isso contribuiu para grande dificuldade quanto à compreensão. O sistema de pontos e linhas que representam os sons vocálicos só entrou em vigor no século VI D. C.

“Tanto as portas para os vários andares e apartamentos, quanto as suas ombreiras e vergas, assim como as janelas, formavam quadrados; além disso, a iluminação entrava por janelas postas uma em oposição a outra. Uma janela correspondia a outra janela, no lado oposto da construção” (John Gill, *in loc.*).

A magnífica Casa do Bosque do Líbano era, em sua essência, um depósito para armas e equipamento militar (ver I Reis 10.17), mas era também um tribunal de justiça, se entendermos que o versículo descreve outra estrutura, embora associada à Casa do Bosque do Líbano.

7.6

O Salão das Colunas. “Esse pórtico foi construído na extremidade ocidental da casa. Seu comprimento era de 23 metros, correspondente à largura da casa; e sua largura era de 13,80 metros, que, adicionados ao comprimento da casa, totalizavam 59,80 metros. O pórtico ficava *defronte do salão*, ou seja, as quatro fileiras de colunas de cedro da casa (vs. 2). Nesse pórtico os guardas montavam sentinela, ou ali os cortesãos caminhavam, visto que era um abrigo contra a chuva. Ou, talvez, o pórtico tenha sido construído somente para efeito de grandeza e magnificência. As colunas do pórtico, sobre as quais se apoiavam as vigas, serviam para dar sustentação ao andar de cima, e assim por diante” (John Gill, *in loc.*, que nos dá uma interpretação possível de um texto que deixa os intérpretes confusos). “Embora algumas autoridades afirmem ser esse um edifício separado, parece que, de acordo com uma exata concordância de dimensões... era uma espécie de abertura ou vestíbulo para a entrada da propriedade (vs. 6)” (Ellicott, *in loc.*). O pórtico corresponde à entrada do templo.

7.7

Também fez a Sala do Trono. Esta sala também era chamada Sala do Julgamento. Ali Salomão tinha um trono de marfim (I Reis 10.18) no qual se assentava e julgava, deixando as pessoas admiradas com sua sabedoria e mantendo as coisas em ordem em Israel. Talvez esta sala fizesse parte da Casa do Bosque do Líbano, ou então, conforme parece mais provável, de um edifício separado para Salomão fazer julgamentos. Alguns eruditos, entretanto, pensam que esta sala era parte do próprio palácio de Salomão..

“O pórtico do julgamento era, como é claro, um edifício separado, não descrito no texto, exceto pelo fato de que tinha um soalho e um teto de cedro. Fergusson, comparando-o com ‘as ruínas de exemplares assírios e persas’, supunha que o pórtico tinha um formato quadrado, apoiado por quatro colunas no centro, entre as quais ficava o trono, e havia aberturas pelos quatro lados para o público, o rei e seus oficiais” (Ellicott, *in loc.*).

7.8

A sua casa, em que moraria. Essa era a residência do rei e de sua esposa especial, a rainha-mãe, princesa do Egito. A única descrição é que ela se localiza-

va dentro do pórtico, ou seja, na parte de trás de outro átrio, e obedecia à mesma construção já ilustrada em outras estruturas. Esposas de menor importância e concubinas viviam em apartamentos, em alguma casa, ou em algumas casas grandes, e não tinham a mesma glória da rainha-mãe.

Noutro pátio. Outro átrio, além dos previamente descritos, chamado de “pátio novo” (II Crô. 20.5). Josefo diz-nos que esse pátio era uma estrutura magnífica, adornada com árvores e fontes, e uma colunata em derredor. Ele também nos supriu vívidas descrições sobre o interior dos vários edifícios, seu mármore polido, a folhagem de metal, várias cores misturadas, e as fileiras de nobres cedros pintados de vermelho. Cf. Jer. 22.14. Algumas descobertas arqueológicas provêm a informação de que decorações semelhantes eram usadas em Nínive.

7.9

Todas estas construções eram de pedras de valor. “Os alicerces de todos esses edifícios eram feitos de pedras grandes, com paredes de pedras lavradas, apaineladas com cedro por dentro, do soalho ao teto, com colunas de cedro na casa das colunas e três fileiras de quinze colunas cada, na casa do bosque do Líbano” (Norman H. Snaith, *in loc.*).

Cortadas. A Revised Standard Version diz aqui “serradas”. As pedras calcárias da Palestina são moles o suficiente para serem cortadas a serrote; mas, uma vez expostas ao ar livre, endurecem, e logo ficam tão resistentes que só podem ser cortadas com um formão.

7.10

As *pedras do alicerce* eram grandes e nobres, sendo escolhidas somente as melhores e mais bem preparadas para fazer parte das edificações da propriedade real. Havia pedras de 3,66 metros (quadradas?) e de 4,57 metros (quadradas?); ou estaria o autor sagrado referindo-se a cubos dessas dimensões? John Gill (*in loc.*) supõe que as medidas dadas aqui correspondem ao comprimento, e a largura e a altura não são mencionadas. A preparação de tais pedras era cara e trabalhosa, mas a filosofia de Salomão era “o melhor para o Altíssimo”. O Rei Yahweh merecia o melhor. Outro tanto podia ser dito sobre sua bela e jovem esposa, a rainha-mãe egípcia e esposa de número um. As outras esposas teriam de contentar-se com outros aposentos reais.

7.11

Por cima delas pedras de valor. Salomão precisou contratar força de trabalho estrangeira, visto que Israel nunca foi muito bom quanto à arquitetura e às ciências. Os homens de Hirão tiveram de fazer o trabalho, a um custo bastante elevado; mas Salomão, com sua cobrança de impostos, seria capaz de pagar quanto eles pedissem. Ver I Reis 5.6 ss. quanto à ajuda estrangeira que se fez mister nas construções de Salomão. Ver também I Reis 7.13 quanto à ajuda estrangeira empregada nos adornos das construções salomônicas.

Por cima delas. Por cima do quê? Por cima das pedras das paredes que subiam desde os alicerces. Essas pedras também eram caras, recobertas de madeira de cedro e, pelo menos no templo, com ouro, a ornamentação que aparecia à superfície. Kimchi diz-nos que as paredes de pedra tinham cinco larguras de mão quanto à espessura, ou seja, por volta de 50 centímetros. Uma vez recobertas ou apaineladas com madeira de cedro, isso lhes emprestava uma boa espessura que isolaria a casa durante o clima quente. Foi um trabalho gigantesco serrar todas aquelas pedras para as paredes, o que aumentou grandemente o custo já elevado da produção. Os pedreiros de Hirão fizeram todo o trabalho, enquanto os súditos de Salomão (provavelmente a maioria vinda da parte norte da nação, Israel) pagavam a conta.

7.12

“O grande pátio do palácio era protegido por uma parede similar em desenho àquela que havia em torno do átrio interior do templo (cf. I Reis 6.36). Muito provavelmente, o palácio foi construído perto (talvez ao sul) do templo, embora nenhum remanescente tenha sido encontrado pelos arqueólogos” (Thomas L. Constable, *in loc.*).

Este vs. 12 trata da residência pessoal de Salomão. “Finalmente, ‘o grande átrio’ ao derredor é declarado parecido com o ‘átrio interior’ do templo, dotado de uma cerca de três fileiras de pedras, provavelmente de tamanho maior, recobertas de cedro. Parece evidente que assim ficava encerrado todo o palácio, contendo aposentos para os guardas e para a criadagem. Naturalmente, deve ter havido pátios interiores, em redor dos quais tanto o povo como as edificações mais particulares do palácio se agrupavam” (Ellicott, *in loc.*).

O Trabalho de Hirão (7.13-47)

7.13

Esse *Hirão* não deve ser confundido com Hirão, rei de Tiro (ver I Reis 5.1). Era um homem diferente com o mesmo nome. Ver no *Dicionário*, sob o ponto 2, *Hirão*, quanto ao que se sabe sobre esse homem, o artífice de I Reis 7. O primeiro ponto daquele artigo descreve o rei de Tiro. O homem aqui em foco era um artífice de nomeada, de tão grande habilidade que sua reputação se espalhou por toda a região. A mãe dele pertencia à tribo de Dã, pelo que sua família materna era conhecida em Israel. O autor sagrado prefere não dizer como Salomão veio a conhecê-lo. Seja como for, o talento especial do homem era trabalhar com bronze, uma liga que levava cobre. A ele foi atribuída a gigantesca tarefa de fazer os vasos de bronze do templo, bem como todos os demais objetos usados no ritual. Alguns supõem que seu verdadeiro nome fosse Hiram-abhi (*Huram* é meu pai). Cf. II Crô. 2.13 e 3.14). O trecho paralelo de II Crô. 2.14 informa que sua mãe era uma mulher danita. Mas o vs. 14 do presente capítulo diz que a tribo da mãe de Hirão era de *Naftali*. Talvez ela tenha nascido em Dã, mas residido por algum tempo no território da tribo de Naftali.

7.14

Sabedoria e Entendimento Especial. Hirão era especialista em sua profissão e, de fato, o melhor artífice conhecido em toda aquela área, e por isso foi convidado pelo sábio Salomão, que compreendia o que significa ser um especialista no próprio campo de atividades. Conhecer bem a própria profissão, mesmo que isso envolvesse um duro labor físico, foi chamado pelo autor sacro de “sabedoria e compreensão”. Fazer o próprio trabalho eximamente e com bons propósitos é um *serviço espiritual*, mesmo que esse trabalho nada tenha que ver com o “ministério do evangelho”. Cometemos um erro ao separar o divino do humano, o chamado espiritual do chamado secular. Se um homem estiver cumprindo a sua missão, *contribuindo para a glória de Deus, independentemente de qual seja o seu trabalho*, ele estará realizando um serviço divino. Qualquer profissão ou negócio é uma escola na qual um homem aprende as lições da vida. Para trabalhar bem, uma pessoa deve servir a outras, e não somente a si mesmo, porquanto a *lei do amor* é a diretriz de toda a vida. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Amor*.

Da tribo de Naftali. Esta pode ter sido a tribo adotada pela mãe de Hirão, ao passo que ele figura como alguém da tribo de Dã (ver II Crô. 2.14). Não há necessidade de solucionar a discrepância, e nem temos como fazê-lo. Esta observação foi feita para informar-nos que Hirão era um hebreu, pelo menos pelo lado materno, e por isso estava qualificado a trabalhar na casa do Senhor. Ou então, sabendo que quase todo o labor havia sido feito com ajuda estrangeira, o autor sagrado diz-nos aqui que pelo menos um homem *habituado* era meio hebreu. Alguns estudiosos fazem de Naftali a tribo do pai de Hirão, explicando que seu pai migrara para a cidade de Tiro, mas não era nativo daquele lugar. Isso, porém, não passa de uma conjectura inútil. O Targum diz exatamente a mesma coisa, em seu comentário sobre II Crô. 2.14, contudo o mais provável é que não haja nenhuma validade histórica nessa afirmação.

“Sua parentela *mista* capacitava-o a entrar no espírito da adoração tipicamente israelita, mas com a habilidade prática de um artífice tírio” (Ellicott, *in loc.*).

7.15

Entre as maravilhas confeccionadas havia duas gigantescas colunas de bronze, com 8,23 metros de altura. A circunferência dessas colunas também era de 8,23 metros. O trecho paralelo de II Crô. 3.15 diz que a altura das colunas era de 15,86 metros, mas isso poderia significar a altura conjunta das duas colunas de bronze, o que nos daria algo ligeiramente maior do que as cifras do presente versículo. Eupelamus fala em 4,60 metros como a altura dessas colunas (Apud. *Prepar. Evan.* 1.9, 34, par. 450), mas isso certamente implica erro. Os versículos seguintes continuam a descrição dessas colunas. Elas foram levantadas de cada lado do pórtico do templo (o pórtico fronteiro sem teto; vs. 21). Não há nenhuma evidência para a conjectura de que as duas colunas representavam duas divindades, uma masculina e outra feminina. É verdade que colunas geralmente representavam divindades. Mas num jogo de duas divindades, uma masculina e outra feminina, provavelmente os *artífices teriam confeccionado uma de pedra e outra de madeira*, estabelecendo alguma distinção entre os sexos. Essas conjecturas, no entanto, estão fora de lugar no contexto monoteísta da sociedade hebraica da época.

De bronze. Isto é, cobre endurecido mediante a adição de estanho, ao passo que o bronze moderno é uma mistura de cobre e zinco.

7.16

Também fez dois capitéis de fundição de bronze. Esses capitéis tinham 2,29 metros de altura, elevando a altura total das duas colunas para 10,52 metros. Os capitéis tinham o formato de uma corça oval, como a própria palavra dá a

entender no hebraico. Ben Gersom diz que os capitéis eram como duas coroas reunidas, ou algo semelhante a taças (vs. 41). II Reis 25.17, entretanto, diz que a altura dos capitéis era de apenas 13,72 metros, mas isso parece referir-se somente à ornamentação neles contida. O presente versículo inclui a parte que recebeu a ornamentação, pelo que a altura total era de 2,29 metros.

7.17

Este versículo descreve o trabalho em metal, muito fantasioso, que foi usado para ornamentar os capitéis. Note a variante textual quanto à palavra *sete* (King James Version). Uma melhor tradução seria “rede”, conforme lemos em nossa versão portuguesa. Assim dizem a Septuaginta e Luciano. O texto massorético diz *sete*, e a palavra hebraica pode significar “sete”, com a mudança de uma única letra. Ver no *Dicionário* sobre os artigos *Massora* (*Massorah*); *Texto Massorético* e *Manuscritos do Antigo Testamento*.

“Estes eram os ornamentos dos capitéis; os primeiros como grossos galhos de árvores, com seus ramos e folhas curiosamente trançados, conforme a palavra *rede* entendido; e os últimos como fimbrias, parecidos com as que os judeus usavam na beira de suas vestes” (John Gill, *in loc.*).

7.18

O autor sagrado prossegue aqui a descrição da ornamentação dos capitéis. Parece ter sido indicado que havia duas fileiras de *figuras* que se assemelhavam a romãs sobre a rede ou trabalho de ramos (vs. 17), que cobriam os capitéis. Kimchi informa-nos que alguns manuscritos hebraicos dizem “no alto das colunas”, e não “romãs”. Mas isso, muito provavelmente, está incorreto. Sem ver uma representação do trabalho que foi feito, é difícil imaginar exatamente como ele era. É evidente, porém, que se trata de um impressionante trabalho de ornamentação feito em metal.

7.19

Nos vss. 19-22 deste capítulo, a confusão entra no texto. A Septuaginta e Luciano fazem os vss. 19 e 20 seguirem-se ao vs. 21, ao passo que o vs. 22 é deixado de fora. “Um editor pós-exílico fez uma assimilação do texto para torná-lo coincidente com o que ele sabia sobre o segundo templo. A julgar pelo trecho de Jer. 52.23, para cada coluna havia duas obras de lírios, cada uma das quais composta por cem romãs, semelhantes a grinaldas, de forma que quatro eram presas e noventa e seis pendiam livremente. No topo de cada coluna havia um colar de bronze e, acima disso, uma flor de bronze com muitas pétalas, abertas na direção do céu” (Norman H. Snaith, *in loc.*).

E de quatro côvados. Dos cinco côvados, quatro eram ocupados pela decoração de um trabalho de lírios. O dr. Lightfoot imaginou que, no alto de cada coluna, havia uma beirada ou círculo de trabalho de lírios, os quais baixavam por quatro côvados sobre o capitel, um círculo de quatro côvados de largura, segundo a maneira de lírios espalhados.

7.20

Ver os comentários sobre o versículo anterior, a citação de Snaith, que tenta extrair algum sentido dessas descrições apelando para o trecho de Jer. 52.23. Mas sem ver um modelo é difícil imaginar o que estava sendo descrito. “Em Jer. 52.23 é dito que havia noventa e seis romãs de cada lado e, no entanto, que havia cem ao redor. O sentido disso é que ou havia vinte e quatro para cada direção (norte, sul, leste e oeste) e havia quatro nos quatro ângulos, ou seja, um total de cem romãs; ou então, conforme disse Lightfoot, quando as colunas foram encostadas na parede, somente noventa e seis romãs apareciam em uma fileira, pois quatro delas ficavam escondidas pela parede” (John Gill, *in loc.*). Portanto, se os especialistas na interpretação não têm certeza sobre o que estava sendo descrito, por certo nós também não podemos fazê-lo. Entendemos, contudo, que uma obra magnífica foi feita, e que Hirão se mostrou à altura de todas as expectativas.

7.21

Levantou as colunas no pórtico do templo. Aqui aprendemos que as duas colunas foram erguidas na entrada do pórtico do templo, uma em cada lado. Esse pórtico era destituído de teto, mas provia uma impressionante decoração defronte do templo propriamente dito.

Os Nomes das Colunas. A coluna da direita era chamada *Jaquim*, que significa “Ele (Yahweh) estabelece”, referindo-se ao templo e à sua adoração. E a coluna da esquerda era chamada *Boaz*, que quer dizer “Nele (em Yahweh) há forças”, no sentido de que Israel, seu templo e sua adoração não podiam ser derrotados, pois a manifestação divina sempre estaria presente para conferir significado e estabilidade. Esperava-se que o Senhor (Yahweh) residisse no templo e manifestasse ali Sua força em favor de Israel. É provável que Salomão tenha dado pessoalmente os

nomes às duas colunas. Ou então o criador desses nomes foi o sumo sacerdote. Somente eles teriam tal autoridade. As colunas não sustentavam coisa alguma. Eram meras peças decorativas que simbolizavam Yahweh e suas provisões. Aqui, “direita” significa sul, e “esquerda” indica norte, quando alguém se voltava na direção do templo. A fachada do templo era voltada para o oriente.

7.22

Este versículo é deixado de fora na Septuaginta e em Luciano, como uma espécie de repetição desnecessária do que já havia sido descrito detalhadamente. Ver o vs. 19 e suas notas expositivas. O próprio John Gill, que usualmente gostava de fazer comentários longos e detalhados, não se importou em repetir nada aqui, e somente recomendou que examinássemos o vs. 19.

O Mar de Fundição (7.23-26)

7.23

Já forneci um detalhado artigo sobre este item do templo, no *Dicionário*, com o título de *Mar de Fundição (de Bronze)*. Quanto aos detalhes, ver aquele artigo.

Alguns críticos supõem que esse mar de fundição ou bacia de bronze fosse a representação do oceano primevo da criação segundo os moldes mesopotâmicos que os hebreus tomaram emprestados. “Antes que o mundo tivesse começado... e os céus tivessem sido formados, houve grande luta entre o deus-herói e o monstro marinho, o Caos. Os hebreus costumavam usar material primitivo para seus próprios propósitos religiosos. Eles fizeram esse antigo mito contar a história da grande luta entre Deus e os poderes do mal. Mais ainda, teceram esse relato em sua própria história, de modo que se tornou a história do trabalho do Deus-Salvador” (Norman H. Snaith, *in loc.*).

Ainda com respeito à questão de um possível empréstimo de material, podemos dizer que, na expiação, “o antigo relato foi estabelecido há muito tempo”, conforme disse o compositor de certo hino. Portanto, as forças do mal e o caos foram derrotados pelo poder purificador do Cordeiro de Deus. Quanto a maiores detalhes e quanto ao simbolismo, ver o artigo no *Dicionário*.

O mar de fundição era uma bacia gigantesca, com cerca de 2,15 metros de diâmetro e com pouco mais de 90 centímetros de profundidade. Ao redor de sua beirada havia uma dupla fileira de colocintidas, similar ao trabalho de labor do segundo templo (ver I Reis 6.18). A *espessura* do material do mar de fundição era a largura de uma mão, ou seja, cerca de 7,5 centímetros, a mesma do material das duas colunas de bronze que ficavam na entrada do pórtico, defronte do templo.

Hirão, o esperto artífice de Tiro, também criou aquele impressionante mar de fundição. Ver as notas sobre I Reis 7.13,14 quanto ao que se sabe a respeito dele.

Os *sacerdotes levíticos* precisavam lavar as mãos e os pés sempre que estivessem atarefados em suas ministrações públicas e, embora o lavatório do tabernáculo fosse diferente do lavatório do templo, a função de ambos era a mesma. O pesado mar de fundição substituiu a bacia de bronze do tabernáculo. Havia lavatórios menores, em número de dez (vss. 27-39). Nesses ritos de lavagem estavam em foco a *purificação*, algo necessário no culto e ritual divino.

Tipologia. Está em pauta o sangue de Cristo, que nos purifica de todo pecado. Ver João 13.2-10 e Efé. 5.2-27.

7.24

Por baixo da sua borda em redor. Naquela altura, pelo lado de fora do mar de fundição, havia colocintidas decorativas, um enfeite que também foi empregado para embelezar as paredes interiores do templo (ver I Reis 6.18). Essas colocintidas formavam duas fileiras e foram moldadas juntamente com a bacia, mediante algum processo técnico que não foi descrito. Havia *dez* colocintidas por côvado. Mas a Revised Standard Version diz simplesmente “por 30 côvados”, sem especificar quantas colocintidas por côvado foram formadas. Isso, que corresponde ao texto da Septuaginta, refere-se à circunferência completa da bacia de bronze. Mediante esse tradução, ficamos sabendo que, *ao redor* da bacia, as colocintidas foram empregadas como decoração. No texto hebraico, *dez* é a quantidade correta de colocintidas, pelo que havia, em cada fileira, cerca de 300 colocintidas, ou seja, 600 nas duas fileiras. Esse único item da decoração do templo exigiu um trabalho imenso.

7.25

Assentava-se o mar sobre doze bois. Os doze bois estavam divididos em quatro grupos de três, voltados na direção dos quatro pontos cardeais. Na antiga adoração dos hebreus, antes de a idolatria ter sido finalmente confinada, os hebreus adoraram o touro em Betei e em Dã ou, pelo menos, o animal era símbolo de sua adoração. Estamos familiarizados com o uso desse animal nas práticas idólatras egípcias. Touros vivos eram usados na adoração e simbolizavam a fertilidade e a

força. Sabemos, naturalmente, que vários templos antigos estiveram comprometidos com o culto da fertilidade. Muitos eruditos negam que o templo de Jerusalém pudessem estar envolvido em tais práticas pagãs, de modo que vêem nos touros debaixo da bacia de bronze uma função simbólica que não infringia a adoração sagrada a Yahweh e o monoteísmo dela decorrente. Todavia, devemos lembrar que os artífices empregados na construção do templo eram pagãos; assim, não nos deveria surpreender o fato de essas coisas serem semelhantes às que existiam nos templos dos cananeus. A própria estrutura era similar à de templos pagãos do Oriente Próximo e Médio. Isso não significa, porém, que o culto do templo tivesse sido contaminado por rituais e simbolismos pagãos. Nas mãos dos hebreus, os símbolos antigos vieram a ter outros significados, sujeitos ao Yahwismo.

Alguns explicam que os doze touros representam as doze tribos de Israel. Nesse caso, talvez esteja em pauta a *força de Israel*. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Ápis*, nome do deus-touro do Egito.

Jacob Leon (em sua obra, *Relation of Memorable Things in the Temple*, capítulo 4, pág. 21) calculou que o peso total dessa gigantesca bacia de bronze, com seus doze touros, tenha sido de 389.305 quilos (20.430 quilos para a própria bacia, e 368.875 quilos para os touros). Seja como for, os babilônios levaram para a sua terra esse bronze, quando Judá entrou no cativeiro. Ver II Reis 25.13. O cálculo do dr. Leon parece exagerado, mas é a única estimativa do peso em bronze que encontrei em minhas fontes informativas.

7.26

A grossura dele era de quatro dedos. Ou seja, cerca de 7,5 centímetros. As colocintidas foram postas logo abaixo da beirada (vs. 25), e na própria beirada havia a representação de lírios que também foram usados para decorar os capitéis de colunas postas à entrada do pórtico do templo (vs. 19).

Capacidade. A gigantesca bacia de bronze era capaz de conter cerca de 66.000 litros. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Pesos e Medidas*. Mas alguns dizem que a capacidade do mar de fundição era de somente 43.530 litros (ver NIV, margem).

Batos. Nossa versão portuguesa fala em 2.000 batos como a capacidade do mar de fundição. “O bato era uma medida para líquidos que equivalia a cerca de 22,710 litros” (*Oxford Annotated Bible, in loc.*).

Os Dez Lavatórios de Bronze sobre Rodas (7.27-39)

7.27

Esta seção dá evidências de se tratar de dois relatos entremeados, com certos detalhes diferenciados que criam confusão quanto à interpretação. Os arqueólogos descobriram um suporte com rodas em Larnaca, ilha de Chipre, similar aos do relato à nossa frente. Os lavatórios de Salomão eram bastante grandes, tendo 1,37 metro de altura por 1,83 metro em quadrado. Il Crô. 4.6 diz-nos que eles serviam para a lavagem dos materiais consumidos nos holocaustos, bem como para a higiene dos sacerdotes. Esses lavatórios pertenciam ao mar de fundição (vss. 23-26). Os críticos supõem que o mar de fundição tenha alcançado um sentido de *purificação* na época do segundo templo, mas buscam outro significado no tocante ao templo de Salomão, o que é sugerido nas notas de introdução ao vs. 23.

“Os suportes móveis de bronze evidentemente eram usados no abate dos animais a serem sacrificados. Na superfície de cada suporte havia uma *bacia* (vs. 38) que continha cerca de 870 litros de água. Aparentemente, outra bacia (vs. 30) drenava água para um tanque circular, abaixo, através de uma abertura. Cada um daqueles suportes tinha painéis decorados de ambos os lados, e quatro rodas de bronze. Esses dez lavatórios ambulantes podiam ser postos em movimento em redor do átrio interior (embora com alguma dificuldade), conforme fosse necessário. Cinco deles ficavam postados no lado sul do templo, e cinco no lado norte” (Thomas L. Constable, *in loc.*).

Conforme se dá com outros itens do templo, os intérpretes lutam para imaginar exatamente o que significam as descrições sobre os vários artigos.

Dimensões. Os lavatórios tinham 1,83 metro de comprimento, a mesma medida de largura e cerca de 1,37 metro de altura. O pesado material de que eram feitos, o bronze, quase impossibilitava a locomoção. Podemos estar certos de que eram necessários vários homens para movimentá-los pelo átrio interior, a menos que as rodas de bronze tivessem alguma forma eficaz de rolamentos.

7.28

Tinham painéis, que estavam entre molduras. Esses painéis, como é evidente, eram chapas de bronze que circundavam o objeto pelos lados. Os intérpretes esforçam-se por imaginar exatamente o que indicam tais descrições. Alguns deles nem se dão ao trabalho de comentá-las. O que fica claro é que eram vagões de bronze altamente ornamentados, sobre os quais havia bacias. O restante dos detalhes é questionável.

7.29

Havia leões, bois e querubins. Os painéis eram decorados com essas figuras. Josefo adicionou homens e águias, apelando para o trecho de Eze. 1.10. Uma peça chata de bronze era posta no alto, para servir de base à bacia de água. John Gill, procurando interpretar as descrições, confessou que estava seguindo o dr. Lightfoot, e confesso que estou seguindo John Gill. Talvez se trate de um caso de cegos guiando outros cegos. Ellicott fala sobre a descrição *conjectural* como uma fonte a ser seguida. Adam Clarke simplesmente ignora os vss. 28-37 em seus comentários.

Festões pendentes. A Revised Standard Version diz aqui: "grinaldas de trabalho chanfrado". A King James Version diz: "certas adições de trabalho fino". Seja como for, um trabalho fino e delicado estava sendo realizado por Hirão, o grande artífice de Tiro.

7.30

Tinha cada suporte quatro rodas de bronze. Este versículo é bastante claro. O veículo tornava-se móvel graças a quatro rodas de bronze presas a eixos feitos do mesmo material. Os suportes eram fortificados nos quatro cantos a fim de suportar o peso das bacias cheias de água que ficavam no topo. Nos cantos também havia grinaldas decorativas. Assim, a ornamentação caracterizava todo o trabalho de Hirão. Ver I Reis 7.13,14 quanto ao que se sabe acerca desse homem, o principal decorador de interiores a serviço de Salomão.

7.31

A sua boca estava dentro de uma guarnição. Contrastando com o versículo anterior, este versículo torna-se quase incompreensível. As traduções várias deixam-nos confusos. Portanto, volto a depender de John Gill: "Na tampa da base elevava-se uma base menor, chamada 'coroa', que era circular como uma pequena coroa, conforme também a palavra dá a entender. O lado de dentro era oco, para que a parte inferior da bacia ali descansasse. Subia reto por meio côvado e então se alargava, subia meio côvado mais, e assim em sua altura total era de um côvado. Sua circunferência, chamada 'boca' da base e onde os pés do lavatório eram colocados, tinha a medida de um côvado e meio, que alguns estudiosos pensam ser a circunferência, mas outros falam no diâmetro do objeto. Havia entalhes sobre as bordas da boca, que eram quadradas e não redondas. Embora a boca fosse redonda, a beirada formava um quadrado, o qual tinha figuras gravadas, talvez as mesmas aplicadas aos painéis, isto é, leões, bois e querubins". Ellicott (*in loc.*), ao comentar sobre esse versículo, disse: "Essa é a porção mais obscura, e nossa versão (a King James Version) a deixa ininteligível". Citando Keil, ele tenta arrancar dessas descrições algum sentido.

7.32

As quatro rodas estavam debaixo dos painéis. Isso nos leva de volta ao vs. 29. Sob os painéis estavam as quatro rodas. Eixos tinham sido providos para as rodas, que parecem ter sido fundidas como uma única peça com os suportes. As rodas tinham 8,23 metros de diâmetro.

7.33

As rodas pareciam-se com as de uma carruagem, dotadas de eixos, bordas, raios e cubos, todos feitos de bronze fundido. O Targum embelezou o texto dizendo "como uma carruagem de glória", ou seja, algo esplêndido, curiosamente produzido. Parece que as rodas e todas as suas partes foram fundidas formando uma única peça.

7.34

Os suportes que davam sustentação ao conjunto, nos quatro cantos, foram fundidos formando uma única peça. Portanto, não estavam presos aos cantos, mas formavam, por assim dizer, parte deles. Cf. o vs. 30. "Foram fundidos juntamente e formavam uma única peça de metal" (John Gill, *in loc.*).

7.35

No alto da base havia um cilindro redondo, com meio côvado de altura. A Revised Standard Version diz aqui uma *tira redonda*. Cf. a boca do vs. 31, com a qual os intérpretes identificam essa tira. Esta se elevava reta por meio côvado e se alargava para cima por outro meio côvado. O alto da base, as beiradas e ela vinculadas e as bordas eram uma única peça de fundição.

7.36

Os vários itens da máquina eram decorados com figuras de querubins, leões e palmeiras, itens já usados como ornamentação em vários lugares do templo. O Targum aponta eixos, rodas, bordas como os itens decorados. Para Procópio Gazeus, as bases tinham, na parte superior, as formas de mãos que seguravam um círculo semelhante a uma coroa.

7.37

Este versículo recapitula a descrição anterior, assegurando-nos que os dez suportes e as bacias que neles havia eram idênticos e feitos com tanta arte que, por um estranho trabalho, eram fundidos como se fossem uma só peça com seus elementos diferentes. Isso dá a entender que nenhuma peça foi adicionada aos objetos mediante solda ou algum outro processo. Isso talvez fale sobre a *unidade* divina, o monoteísmo sagrado, e não meramente sobre a unidade do trabalho técnico feito por Hirão, o artífice de Tiro (ver I Reis 7.13,14).

7.38

Também fez dez pias de bronze. Estão aqui em foco as bacias de bronze que repousavam sobre os suportes, conforme descrito nos vss. 27-37. Elas tinham capacidade de conter cerca de 870 litros de água. Ver no *Dicionário* o artigo *Pesos e Medidas*. As opiniões variam quanto à capacidade exata do bato, e alguns dizem que comportava até sete galões, ou seja, 26,497 litros.

Quatro côvados. Ou seja, 1,83 metro. Ao que tudo indica, o autor sagrado pensava no *diâmetro* das bacias. Cada suporte estava equipado com uma bacia idêntica. Os materiais dos sacrifícios eram lavados ali, tal como eram lavadas as mãos dos sacerdotes oficiantes. Está em foco a purificação, e os autores cristãos vêem aqui o sangue de Cristo tipificado. Ver minhas explicações nos vss. 23 e 27. Alguns pensam que o mar de fundição era para a lavagem dos sacerdotes, e que os dez lavatórios serviam para os animais a serem sacrificados. Ver II Crô. 4.6. Ver Rom. 12.1 e Apo. 7.13 quanto às aplicações cristãs.

7.39

Pôs cinco suportes. *Localização.* Cinco dos suportes, com suas bacias, foram postos no lado sul (direito) do templo, e cinco no lado norte (esquerdo). O templo propriamente dito dava frente para o oriente. O mar de a fundição foi posto no canto sudeste, ao lado do altar grande. Ver a planta baixa do templo, no artigo sobre esse assunto, no *Dicionário*. Ver também a planta baixa mais detalhada e as cercanias do templo na ilustração dada na exposição sobre I Reis 6.2.

Sumário dos Objetos de Bronze Feitos por Hirão (7.40-47)

7.40

Encontramos aqui um breve sumário de todos os objetos de bronze que Hirão, o artífice de Tiro, fez para o templo e suas cerimônias. Ver sobre Hirão em I Reis 7.13,14 e no artigo assim denominado, no *Dicionário*. A Septuaginta adiciona alguns particulares ao vs. 45, referindo-se às quarenta e oito colunas feitas para o palácio do rei e para o templo. Não temos outras informações sobre esses objetos, nem sabemos dizer coisa alguma sobre sua função e seus simbolismos.

A lista dada aqui sobre os objetos de bronze feitos por Hirão não menciona o grande altar de bronze citado em II Crô. 4.11. Ver no *Dicionário* sobre o *Altar de Bronze*, bem como as notas em II Crônicas. Cf. Êxo. 27.1 quanto ao altar original de bronze.

Os caldeirões. Cf. o vs. 45, onde esses e outros objetos são mencionados, e também II Crô. 4.11. Esses vasos serviam como receptáculos para as cinzas tiradas do altar dos holocaustos. Em outras palavras, serviam para os detalhes de limpeza, terminados os sacrifícios.

As pás. Instrumentos usados para recolher as cinzas.

As bacias. Eram os receptáculos usados para recolher o sangue dos sacrifícios, a fim de que o líquido pudesse então ser usado nos rituais de aspersão.

Hirão fezera bem, e com grande prontidão, o trabalho que lhe fora determinado, de forma que participou da construção do templo e tem sido lembrado desde então por essa contribuição. No culto prestado a Deus, uma contribuição jamais é esquecida.

7.41

Este versículo menciona a informação dada, com detalhes, nos vss. 15-22.

7.42

Este versículo menciona a informação dada, com detalhes, no vs. 20.

7.43

Este versículo menciona a informação dada, com detalhes, nos vss. 27-37.

7.44

Este versículo menciona a informação dada, com detalhes, nos vss. 23-26; mas no primeiro relato, isso é posto antes da informação dos vss. 27-37, ao passo que a *menção* a essas obras (vss. 43 e 44) as apresenta na ordem inversa. Essa reversão não tem propósito algum.

7.45

Este versículo menciona a informação dada, com detalhes, no vs. 40, assegurando-nos que o bronze usado era bronze polido. Hirão trabalhava sob as ordens de Salomão, o qual, por sua vez, trabalhava sob as ordens de Yahweh, pois o templo visava o serviço espiritual e os ritos do Senhor, conforme aprendemos em I Reis 6.2. O ideal de Davi foi realizado, de forma magnificente, por seu filho, Salomão. Ver II Sam. 7, quanto ao desejo de Davi de edificar o templo. Ele já havia estabelecido um tabernáculo provisório em Jerusalém (ver II Sam. 6.17). Foi Salomão quem trouxe a permanência e a estabilidade. Assim sendo, a adoração foi centralizada em Jerusalém, que se tornou a capital de Israel em todos os sentidos. Ver a introdução I Reis 6, e também o detalhado artigo do *Dicionário*, chamado *Templo*.

7.46

A fundição desses objetos de bronze foi feita no vale do Jordão, e não no local do templo, onde o *ruído* de ferramentas era proibido (ver I Reis 6.7). O vale do rio Jordão era o lugar mais próximo que tinha argila suficiente para ser usada nos moldes em que o bronze deveria ser fundido. O vale estava localizado entre Sucote e Zaretã. Ver os artigos sobre esses lugares no *Dicionário*. Fica cerca de 56 quilômetros ao norte do mar Morto, e a leste do rio Jordão. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Jordão (Vale)*. Sucote ficava no lado oriental do rio Jordão, no território da tribo de Gade (ver Gên. 33.17; Jos. 13.27 e Jui. 8.5). Zaretã ficava no lado ocidental do rio Jordão, no território de Manassés, não distante de Bete-Seã, onde talvez estivesse localizada a fundição usada por Hirão.

7.47

Deixou Salomão de pesar. O peso do bronze era tão grande que exigiria muito tempo e esforço para ser calculado com precisão, e Salomão simplesmente desistiu da tarefa. Tudo quanto precisamos saber foi que "houve muito bronze no templo", e Hirão, o artífice especialista, desempenhou muito bem sua função. Como resultado, o templo foi magnificamente decorado com aquele metal, além das outras ornamentações anteriormente descritas. O Targum informa-nos que os objetos de bronze foram trazidos ao local do templo já terminados, e não foram submetidos à pesagem.

I Crô. 18.8 informa-nos que Davi havia tirado de *Tibate* e *Cum* o bronze utilizado no templo, armazenando-o para uso futuro. Essas cidades do território de Zobá devem ter sido ricas em bronze (cobre), ou eram centros de seu comércio. Nas proximidades havia antigas minas de cobre onde os egípcios haviam trabalhado. Os egípcios mostravam-se ativos nessa extração em muitos lugares, incluindo a península do Sinai.

Os Objetos de Ouro (7.48-51)

Tendo-nos informado sobre os objetos de bronze que haviam sido preparados por Hirão, de Tiro (ver I Reis 7.13 ss.), para o templo de Jerusalém, o autor sagrado agora fala sobre os objetos de ouro que faziam parte dos instrumentos do templo. Não somos informados sobre o nome do(s) artífice(s) responsável(is) pelos objetos. E também não sabemos se isso foi feito mediante a ajuda de operários especializados estrangeiros.

O texto massorético (ver sobre *Massora* (*Massorah*) no *Dicionário*) difere, em vários trechos, da Septuaginta e do texto de Luciano, os quais sugerem que estavam disponíveis várias fontes informativas, e que nem todos os itens foram incluídos no texto hebraico que chegou até nós. Devemos lembrar que a Septuaginta algumas vezes chega mais perto do texto hebraico dos rolos do mar Morto do que de nosso presente texto hebraico. O texto massorético, portanto, pelo menos em alguns trechos, preserva textos mais antigos do que os manuscritos hebraicos disponíveis hoje em dia. Ver no *Dicionário* os artigos *Manuscritos do Antigo Testamento* e *Mar Morto*, *Manuscritos (Rolos) do*. As diferenças são anotadas ao longo da exposição. Sobre os vss. 48-51, os críticos supõem que o autor original teria suprido somente parte do vs. 48 e o vs. 51, e o restante seria uma adição de editores subsequentes.

O *bronze* era o material usado no lado de fora do templo; mas, dentro do templo, o *ouro* predominava.

7.48

O altar de ouro. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Altar de Incenso* quanto a detalhes e simbolismos. Sobre o altar de incenso original, ver Êxo. 30.1-11. Os críticos supõem que o altar de incenso pertencesse a um período pós-exílico, quando veio à existência o ritual mais elaborado. Se isso não corresponde à verdade, então, muito provavelmente, devemos entender que o altar de incenso do tempo de Moisés não foi o mesmo que terminou no templo, mas um novo altar de incenso, parecido com o primeiro, foi manufaturado. O texto sagrado diz: Salomão "fez" esses objetos para seu templo, e não os trouxe de Gibeom, onde o tabernáculo estava. Quanto a detalhes, ver o artigo.

"O incenso era queimado pela manhã e à tardinha. Os chifres do altar deveriam ser tocados com o sangue da oferta pelo pecado (ver Lev. 4.17,18), oferecido pelos sacerdotes e pelo povo. A oferta de incenso, portanto, pressupunha um sacrifício já efetuado, e uma expiação já realizada pelo pecado" (Ellicott, *in loc.*).

O texto de Luciano, na primeira porção do vs. 48, diz: "E Salomão pôs os vasos na casa do Senhor", mas o restante assemelha-se ao texto massorético. O texto de Luciano, ao substituir *fez* por *pôs*, parece querer dizer que os objetos mencionados foram trazidos do tabernáculo e tornaram-se parte do templo, eliminando a necessidade de manufatura. A Septuaginta é igual ao texto de Luciano. John Gill comentou aqui que todos os objetos do templo foram *confeccionados* de novo, excetuando a arca da aliança, o propiciatório e os querubins.

O altar do incenso foi feito de cedro, mas recoberto de *ouro*, pelo que veio a tornar-se conhecido como o *altar de ouro*. Ver I Reis 6.20.

A mesa de ouro. "Isso inclui todas as *dez* mesas (II Crô. 4.8), que foram dispostas, cinco à mão direita e cinco à mão esquerda. Os judeus explicam que isso não significa o lado direito e o lado esquerdo do templo e, sim, o lado direito e o lado esquerdo da 'mesa de Moisés' (a mesa original). E, visto que essa mesa ficava no lado norte do tabernáculo, as outras também deveriam ter sido postas ali. Ver Êxo. 40.22. O fato de que havia mais mesas no templo do que no tabernáculo pode denotar a maior provisão da Igreja cristã da qual o templo era uma figura, que estava então sob a dispensação legal" (John Gill, *in loc.*). O mesmo autor inglês alerta-nos para o fato de que o templo era um lugar de adoração muito mais elaborado (mais complexo) do que o tabernáculo de Moisés. Tinha mais vasos e mais equipamento.

Os pães da proposição. Ver no *Dicionário* o artigo com esse título, quanto a detalhes. Os pães eram postos sobre as mesas de ouro, como uma espécie de oferenda. Ver I Sam. 21.6 quanto ao rito que era um costume muito antigo e generalizado entre os povos. Na teologia dos hebreus, o rito veio a ser um *reconhecimento* da contínua dependência de Israel a Deus quanto a todas as provisões da vida, incluindo o alimento diário. Os críticos, entretanto, vêem nas descrições do texto atual condições correspondentes aos tempos pós-exílicos. Cf. Lev. 24.5-9.

7.49

Os castiçais. O tabernáculo contava com apenas um candeeiro, mas o templo dispunha de *dez*. Todos eles foram colocados na nave principal, ou seja, no Lugar Santo, no lado *norte*, ou seja, no lado *esquerdo*, que dava para a parte fronteira do templo cuja fachada estava voltada para o oriente. Ver em I Reis 6.2 quanto à ilustração da planta baixa do templo, que nos ajuda a visualizar a posição dos objetos.

Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Candeeiro de Ouro* e *Menorah*, para detalhes e significados, incluindo os simbolismos. "Os castiçais eram simples, cada qual sendo uma haste que repousava sobre uma base, com uma pequena lâmpada no alto, onde ficavam o azeite e o pavio, e não devem ser confundidos com o candeeiro descrito em Êxo. 25.31-40" (*Oxford Annotated Bible*, comentando sobre os vss. 48-50 deste capítulo).

Os castiçais não foram postos no lado direito e esquerdo (sul e norte) do templo, mas no lado direito e esquerdo do candeeiro de Moisés, que ficava no lado sul do tabernáculo (Êxo. 40.24). "Esses castiçais denotam o maior grau de luz espiritual na Igreja de Cristo, sob a dispensação do evangelho, do que sob a lei" (John Gill, *in loc.*). Uma vez mais vemos a maior complexidade do templo, quando posto em confronto com o tabernáculo. Minha ilustração em I Reis 6.2 põe esses castiçais no lado direito e esquerdo do próprio templo. Ver também Jer. 52.19 e II Crô. 4.7,20. Os críticos supõem que *dez* fosse o número original de candeeiros no tabernáculo, mas que o candeeiro único e mais elaborado realmente pertencia ao segundo templo, e não ao primeiro nem ao tabernáculo.

Diante do Santo dos Santos. Ou seja, na parte mais interior do templo. Os castiçais foram postos diante do Santo dos Santos, mas no salão principal ou Lugar Santo.

As lâmpadas e as espevitadeiras. Esses objetos também foram feitos de ouro. Figuras de flores decoravam os castiçais, tal como se dava com o candelário de Moisés. Informações dadas por vários autores judeus dizem que havia *sete flores* em cada castiçal, ou seja, um total de setenta flores. As tenazes *espevitadeiras* eram usadas para tirar os pavios do azeite e pô-los nos castiçais. Cf. Êxo. 25.31,37,38. As espevitadeiras também eram empregadas para limpar os pavios do carvão formado na queima.

7.50

Os artigos aqui mencionados têm paralelo em Êxo. 25.31-38, onde oferece notas expositivas. Todos esses artigos eram feitos de ouro, o que falava sobre a preciosidade do culto sagrado.

As taças. Ou seja, os vasos onde era guardado o azeite. Ver Êxo. 25.33.

As espevitadeiras. Os instrumentos usados para tirar o carvão dos pavios. No hebraico, essa palavra deriva-se de uma raiz que significa “podar” (ver Isa. 2.5; Miq. 4.3). Ver Êxo. 25.38.

As bacias. Os receptáculos para recolher o sangue que estivesse sendo usado nas cerimônias de aspersão. Havia nada menos de cem bacias (II Crô. 4.8). Ver Êxo. 25.3.

Os recipientes para incenso. Travessas ou pratos onde o incenso era transportado, depois de ser tirado do altar. Ver Êxo. 25.29.

Os braseiros. Receptáculos usados para o transporte de brasas acesas, de um altar para outro lugar, e sobre os quais o incenso era queimado.

As dobradiças. Tinham de ser de ouro e estavam disponíveis para qualquer porta em que se fizessem necessárias. A casa interior (o Lugar Santo), bem como o santuário interior (o Santo dos Santos), possuía dobradiças.

7.51

Embora Davi não tivesse recebido licença para realmente edificar o templo, reuniu material para a construção, e este versículo lista parte do material. Consultar II Sam. 8.11 e I Crô. 22.14 e 29.1-9.

Os tesouros da casa do Senhor. Provavelmente estão em foco as salas do templo na estrutura circundante (ver I Reis 6.5,6). Estão em pauta *lugares*, e não preciosidades ali guardadas.

As tradições judaicas afirmam que, devido ao amor que tinha pelo Senhor, Davi doou todas as contribuições dentre seus recursos pessoais. Essas mesmas tradições asseveram que foram necessários *quatro anos* para que ele reunisse todo o material. Estão principalmente em foco os vasos dos metais nobres (prata e ouro) que foram usados para serviço e ritual. Naturalmente, quase tudo quanto Davi dedicou para ser usado na adoração e no ritual foi obtido como despojos de guerra.

Riquezas e honras vêm da parte do Senhor, e o homem espiritual dedica essas coisas a Ele, o que representa a essência do trecho de I Crô. 29.12,14.

Salomão, a despeito de toda a sua sabedoria e riquezas, não foi um homem realmente independente. Ele precisou da ajuda e dos recursos de outros homens, a saber, de seu pai, que já havia morrido.

O desejo que se cumpre agrada a alma.

(Provérbios 13.19)

Pode alguém desejar demais daquilo que é bom?

(Shakespeare)

Nenhum acúmulo de conhecimento atingível por um homem é capaz de elevá-lo acima da necessidade de ajuda.

(Samuel Johnson)

O dinheiro fala!

(Provérbio popular do século XVII)

*Nenhum homem é uma ilha, inteira em si mesma.
Cada homem é um pedaço do continente,
Uma parte do todo principal.*

(John Donne)

Capítulo Oito

Continuamos, neste capítulo, a extensa seção do livro que trata das atividades arquitetônicas de Salomão. Ver a introdução a I Reis 5.1. O presente capítulo aborda a dedicação do templo, por parte de Salomão. O rei havia trabalhado arduamente nessa construção e havia embelezado prodigamente o templo. O projeto foi levado a bom termo em alegria e triunfo.

“Depois que todos os móveis, utensílios e acessórios tinham sido feitos e colocados em suas respectivas posições (I Reis 6; 7.13-51), Salomão convocou o povo para a instalação da arca da aliança e para a dedicação do templo. Todos os chefes das tribos e as famílias tiveram participação especial na cerimônia e, para isso, receberam convites especiais. As festividades ocorreram no mês de *etanim* (a festa dos tabernáculos, setembro-outubro; ver Lev. 23.33-36)... Anteriormente, a arca repousara no tabernáculo que Davi havia erguido (ver II Sam. 6.17), no monte Sião, a porção sudoeste de Jerusalém, chamada Cidade de Davi (cf. II Sam. 5.7)” (Thomas L. Constable, na introdução a este capítulo oitavo).

Fontes Materiais. Ao que tudo indica, os materiais apresentados neste capítulo representam os esforços de compiladores. Os vss. 1-13 contêm várias glosas e aparecem na Septuaginta como um texto muito mais breve, o que pode estar mais próximo do texto hebraico original do que aquilo que foi preservado no texto massorético que temos atualmente. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Massora* (*Massorah*); *Texto Massorético*. Talvez os vss. 14-61 tenham sido retirados da fonte informativa D. Ver sobre as fontes informativas J.E.D.P.(S.) no *Dicionário*. Os vss. 44-61 quase certamente derivam-se de uma fonte informativa pré-exílica, enquanto outras partes do material parecem refletir uma época pós-exílica, quando o segundo templo já estava de pé.

A arca foi, finalmente, colocada em seu lar permanente, um edifício lindíssimo, e não uma mera tenda. Este foi o ato final da realização.

A Arca Finalmente no Seu Lar (8.1-13)

A arca havia vagueado no deserto, juntamente com Israel, tendo sido posta na tenda (tabernáculo) para repousar ali por algum tempo. Havia sido guardada em Silo, mas os filisteus a tomaram e a levaram para a terra deles, através de Ebenézer. A arca esteve temporariamente nas cidades filistéias de Afeque, Asdode, Gate e Ecom. Ao ser devolvida ao território de Israel, foi trazida para Bete-Semes e, finalmente, para Quiriate-Jearim. Em seguida, foi transportada para Gibeom, onde ficou até que Davi a levou para o tabernáculo temporário levantado em Jerusalém (ver II Sam. 6.17). Então, terminada a construção do templo definitivo, Salomão transferiu-a do tabernáculo de Davi e deu-lhe um lugar de honra no templo. Ela ficaria no templo até a época em que os babilônios a tomariam para o cativeiro (597 A. C.); talvez a tenham destruído. Seja como for, a arca caiu no esquecimento. As tradições de *Menahot* 27b, e de Josefo, *Guerras*, V.5, informam que não havia arca no segundo templo. Ver o artigo geral sobre *Arca da Aliança*, no *Dicionário*.

8.1

A *Septuaginta* exhibe aqui um texto mais breve, que deixa de mencionar os *chefes das tribos* e os *líderes das casas dos pais*. Esse texto, muito provavelmente, é o texto original, pois o texto hebraico mais recente, preservado no texto massorético, sofreu algumas adições de editores posteriores. Ver a introdução a este capítulo, sob o título *Fontes Materiais*, no que diz respeito a detalhes.

Quanto às *vagueações da arca*, ver a introdução a este capítulo oitavo, em seu último parágrafo. Davi a havia trazido de Gibeom para o tabernáculo provisório em Jerusalém (ver II Sam. 6.17). Por conseguinte, o que Salomão fez foi tirar a arca daquela tenda e colocá-la no templo, transportando-a de um local da cidade para outro.

A *dedicação* do templo requereu que a arca da aliança fosse posta em seu lugar apropriado, no Santo dos Santos. Ver a *planta baixa* do templo, no artigo chamado *Templo de Jerusalém*, no *Dicionário*. Salomão convocou os representantes apropriados de Israel para a cerimônia, e eles primeiramente participaram do transporte da arca, do tabernáculo de Davi para o templo de Salomão.

Cidade de Davi. Cf. II Sam. 5.7. Em vista estava o monte Sião, na parte sudeste de Jerusalém. Davi havia capturado ali a fortaleza dos jebuseus e o monte Sião. Daí por diante, o lugar inteiro foi chamado de “cidade de Davi”, embora fosse apenas uma pequena porção do que se tornou Jerusalém. Belém também era chamada de “cidade de Davi” por ter sido o local de seu nascimento (ver Luc. 2.4).

Sião. Quanto a plenas informações, ver o artigo com esse nome no *Dicionário*.

O fim do homem é a ação — e não o pensamento.

(Thomas Carlyle)

Davi teve um sonho e agiu com base nesse sonho até onde pôde, reunindo material de construção (I Reis 7.51); mas foi Salomão quem, durante um período de sete anos e meio, trabalhou com afinco para levar à realidade o sonho de seu pai.

“No ano 13, depois que o templo foi construído, Salomão também terminou de construir sua própria casa, tendo gasto vinte anos completos em ambos os projetos — sete anos e meio no templo, e treze ou doze anos e meio em sua própria casa” (*Anais de Usher*). Ver as notas sobre I Reis 6.38 e 7.1 quanto a detalhes atinentes ao programa de edificações de Salomão.

8.2

Na ocasião da festa. Está em vista a *festa dos tabernáculos*, celebrada no sétimo mês do ano eclesiástico dos judeus. “O mês era *etanim* ou *tisri*, que ocorria no outono (setembro-outubro). A dedicação do templo, por conseguinte, foi adiada por onze meses (6.38), a fim de tornar-se parte da festividade outonal, o ponto alto religioso do ano” (*Oxford Annotated Bible*, comentando sobre este versículo). Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Tabernáculos, Festa dos*, quanto aos detalhes. Ver também ali o artigo *Festas (Festividades) Judaicas*.

Etanim era o mês em que os riachos estavam circundados por flores, devido às chuvas próprias da estação. Em seguida, vinha a seca do verão, quando todas as correntes de águas se esgotavam. Esse mês era o primeiro do ano pré-exílico e começava com a lua da colheita. No entanto, quanto ao calendário pós-exílico, era o sétimo mês, e o fato de que ele é chamado de sétimo, no texto presente, sugere uma compilação pós-exílica do livro.

Os *tabernáculos*, chamados *sukkoth* (tendas), eram observados durante a lua cheia, no décimo quinto dia do mês de *tisri*. Ver no *Dicionário* o artigo *Calendário Judaico*. Josefo (*Antiq.* viii.4.1) informa que os tabernáculos se tornaram a festividade religiosa mais importante do ano, e assim Salomão, embora tendo terminado o templo alguns meses antes, esperou por essa festa como o tempo apropriado para a dedicação do templo. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Templo de Jerusalém*. A festa dos tabernáculos era a mais jubilosa das festas anuais, porquanto comemorava a colheita dos frutos da terra e também fazia o povo de Israel lembrar como, no deserto, havia habitado em tendas (ver Lev. 23.33-44). Agora, porém, o povo de Israel estava seguro em sua própria terra, e suas vagueações haviam terminado. Além disso, o templo (a casa permanente) tinha tomado o lugar antes ocupado pelo tabernáculo (a tenda das perambulações).

8.3

Os *representantes* do povo, os anciãos e os sacerdotes tomaram a arca de seu lugar, no monte Sião, do tabernáculo provisório levantado por Davi, e transportaram-na para o templo. Coube aos levitas fazer o trabalho do transporte (ver Deu. 31.25), mas outros acompanharam o cortejo. Os levitas, que também eram sacerdotes (que se ocupavam dos ritos do tabernáculo), desempenharam essa tarefa. Nem todos os levitas eram sacerdotes, muitos dos quais estavam envolvidos em trabalhos manuais, e não nos próprios ritos religiosos. Os levitas que não eram sacerdotes, pois, não participaram do transporte da arca. Todos os sacerdotes eram levitas, mas nem todos os levitas eram sacerdotes. Ver Jos. 3.15; 6.4; II Sam. 15.29. A arca era transportada por meio de longas varas (vs. 8), postas nos lugares apropriados, a fim de que nenhum homem tocasse a arca enquanto ela estivesse sendo transportada. Os levitas transportavam os vasos do tabernáculo, mas somente os sacerdotes podiam transportar a arca propriamente dita.

8.4

Os levitas, ajudando os sacerdotes, tinham por incumbência carregar os vasos (instrumentos de serviço) do tabernáculo. O templo tinha muitas novas construções e instrumentos de serviço, conforme o I Reis 7 certamente demonstra. Mas alguns dos antigos instrumentos também foram trazidos para servir no templo. Entretanto, a única certeza que podemos ter quanto à *antiguidade* dos objetos é com respeito à própria arca da aliança, pois todas as demais coisas foram feitas novas, mais ricas e de uma forma mais técnica. Por isso é que disse Thomas L. Constable, *in loc.*: “Ao que parece, o tabernáculo e seus utensílios foram postos de lado. A única peça do mobiliário no templo que não era novo era a arca”. Mas Constable falava sobre as peças do mobiliário. Este versículo sugere fortemente que os instrumentos de serviço foram transferidos do tabernáculo para o templo.

John Gill enumerou o candelabro, as mesas dos pães da proposição e o altar de incenso; mas, segundo sabemos, esses itens agora eram novos. Ellicott supunha que os móveis antigos e os instrumentos tivessem sido guardados como relíquias sagradas, não sendo mais usados no novo ritual. Talvez o trecho de II Macabeus 2.4-6 subentenda a verdade contida nessa idéia. Nesse caso, os móveis e os instrumentos foram *transportados* para o templo, mas não para serem usados, pois foram substituídos por novos. Adam Clarke, entretan-

to, pensava que, para impedir a idolatria, os antigos instrumentos e os móveis foram *destruídos*. Na verdade, não possuímos nenhuma informação segura sobre essa questão.

O céu nunca ajuda o homem que não age.

(Sófocles)

8.5

Sacrifícios de expiação e de ação de graças foram feitos como acompanhamentos apropriados da instituição dos ritos do templo, incluindo a colocação da arca no Santo dos Santos. Tantos foram os sacrifícios que o autor sagrado confessou a impossibilidade de relembrá-los ou de fazer-lhes o registro, uma típica hipérbole oriental; mas podemos ter certeza de que foram *muitos*. Os animais sacrificados estavam entre as várias espécies aceitas, pois somente alguns poucos tipos de animais eram permitidos nesses ritos. Ver os *cinco* tipos de animais que podiam ser oferecidos nos sacrifícios, em Lev. 1.14-16. Todo esse ritual de sangue fez parte da *adoração*, conforme afirma o presente versículo. Tudo isso é estranho para a nossa mente, embora fosse essencial para a mente dos hebreus. A epístola aos Hebreus, no Novo Testamento, descreve como Cristo, mediante o Seu próprio sacrifício, anulou todo o antigo ritual e o sistema de sacrifícios de animais. Heb. 9 é uma declaração clássica sobre esse assunto.

8.6

No santuário mais interior do templo, no Santo dos Santos. Mediante esse acúmulo de referências ao mesmo lugar, cada qual se referindo a alguma coisa diferente, o autor sagrado diz-nos que a arca da aliança finalmente chegou à sua residência permanente, pois os dias de sua perambulação tinham terminado. A arca ficaria ali por mais de 400 anos, mas então seria ou destruída ou transportada pelos babilônios, durante o cativeiro da Babilônia. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Cativeiros*. Isso haveria de ocorrer em 597 A. C. Não existia arca no segundo templo. Ver sobre a introdução a este capítulo, sob o título *A Arca Finalmente no Seu Lar*, quanto aos detalhes.

Descrições. A arca da aliança foi posta: 1. “em seu próprio lugar”, pois ficar vagueando não era destino apropriado. E assim chegou ao lugar que só ela poderia ocupar, de maior honra no templo, onde a presença de Deus se manifestaria quando as expiações fossem feitas. 2. A arca foi posta no lugar de revelação e de comunhão com Yahweh, onde o sumo sacerdote podia receber as Suas mensagens. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Oráculos*. 3. Finalmente, a arca chegou ao Santo dos Santos, o *santuário interior*, em distinção à nave principal, o Lugar Santo.

Debaixo das asas dos querubins. Quando o sumo sacerdote entrava no Santo dos Santos, ele se deparava com duas imagens gigantescas de querubins, com as asas estendidas e tocando também nas paredes laterais do Santo dos Santos. Ver sobre as descrições em I Reis 6.23. Os querubins do tabernáculo de Moisés não estão em pauta aqui. Novas imagens, muito maiores do que essas, foram feitas.

8.7

Os *querubins* assumiam a posição de guardiães da arca. Ver as descrições em I Reis 6.23 ss. Parece que, se alguém conseguisse entrar no Santo dos Santos, não poderia ver a arca, mas somente duas imensas imagens angelicais. Apenas muito próximo, seria possível ver a arca, aninhada, por assim dizer, entre os dois anjos gigantes.

8.8

No tempo da peregrinação pelo deserto, as varas não podiam ser tiradas de seu devido lugar. A qualquer momento, uma ordem de marcha poderia ter lugar; e, se assim viesse a acontecer, o transporte poderia ser feito rapidamente. Mas agora, desde que a arca da aliança passara a descansar em seu lugar próprio e permanente, as varas foram removidas. Ver Êxo. 25.13-15 quanto à proibição concernente à remoção das varas. Todavia, o texto hebraico pode ser compreendido de modo diferente. Pode significar que as varas foram deixadas em seu lugar, para satisfazer ao antigo mandamento. Ou então, conforme John Gill, as varas foram puxadas apenas um pouco, para se tornarem visíveis. Ninguém poderia vê-las pelo lado de fora, mas, no Lugar Santo, isso era possível. A visão relembraria acerca das perambulações de Israel, mas agora essa pessoa seria relembrada do estado de permanência da arca.

Até ao dia de hoje. Uma indicação de tempo. Quando essa informação foi registrada, o templo ainda permanecia de pé, por isso ao menos essa *porção* do

livro de I Reis foi escrita antes do cativeiro babilônico em 597 A. C. Quanto ao problema da época da escrita de I Reis, ver a introdução, sob a seção V. *Data*. O trecho de II Reis 25.27-30 demonstra que parte do livro (I e II Reis formavam uma unidade) foi escrita após o cativeiro babilônico. Essa compilação final naturalmente incluía materiais mais antigos, escritos havia muito tempo.

8.9

O Conteúdo. A arca continha somente as duas tábuas de pedra da lei, que Moisés havia posto ali dentro. “Elas serviam para lembrar que a nação ainda estava sob as bênçãos e as responsabilidades do pacto mosaico. O pote de maná e a vara de Arão, que tinha florescido, não estavam mais presentes, mas somente as tábuas de pedra da lei (ver Heb. 9.4). Talvez tenham sido removidas pelos filisteus ou por algum outro adversário de Israel. Ou talvez esses objetos tenham ficado na frente do tabernáculo, e não dentro da arca (ver Êxo. 16.33,34; Núm. 17.10), adicionados à arca em algum tempo posterior ao de Salomão, e então, finalmente, perdidos” (Thomas L. Constable, *in loc.*). Quanto a informações completas sobre o conteúdo da arca, ver a exposição sobre Heb. 9.4, no *Novo Testamento Interpretado*. Cf. o paralelo em II Crô. 5.10.

Provavelmente a verdade da questão seja que várias outras coisas, como o vaso de maná (ver Êxo. 16.33,34), a vara de Arão (ver Núm. 17.10) e a cópia da lei (ver Deu. 31.24-26) não tivessem sido postas dentro, mas ao lado da arca. Em contraste, as tábuas da lei tiveram de ser guardadas no interior da arca, devido à ordem direta dada por Yahweh. Ver Êxo. 25.16 e 40.20. Como é óbvio, a questão inteira é controversa, especialmente levando-se em conta a afirmativa de Heb. 9.4.

Quando o Senhor fez aliança com os filhos de Israel. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Pactos*. E ver Êxo. 19.25; 20.1-24.11 e 24.12-31.18 quanto ao *Pacto Mosaico*. Quanto a notas abundantes sobre esse pacto, ver a introdução ao capítulo 19 de Êxodo. O grande elemento isolado desse pacto foi a instituição da lei. O sinal pacto era a guarda do Sábado. Ver Êxo. 31.13 ss. e também Êxo. 16.23 e 20.8. Ver no *Dicionário* sobre os *Dez Mandamentos*. A guarda da lei foi proposta para dar vida, o que, na linguagem legal, apontava para uma longa vida física, e não para a vida eterna. O aspecto de eternidade tornou-se parte da teologia hebraica posterior, e não se originou com Moisés. Quanto às propriedades doadoras da vida pela guarda da lei, ver Deu. 4.1; 5.33; Eze. 20.11. A lei fazia Israel distinguir-se entre as nações (ver Deu. 4.4-8).

8.10

As Manifestações Divinas. Este versículo provavelmente nos conclama a pensar sobre a glória *shekinah*. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Shekinah*. A presença de Yahweh encheu o templo, com os raios de luz irradiando-se do Santo dos Santos. Acreditava-se que a nuvem envolvia a presença de Deus, tornando possível aos homens suportar essa manifestação. Compare com isso a coluna de nuvem que conduziu a nação de Israel (ver Êxo. 14.19,20). Ver também Êxo. 33.9 quanto a outra manifestação. Relatos similares são dados no tocante ao templo em épocas posteriores. Ver Isa. 6.4; Eze. 1.27. Quanto a detalhes abundantes, ver o artigo intitulado *Shekinah*. A manifestação visível estava dizendo a Israel que Yahweh aprovava o que Salomão havia feito. Deus aprovava o templo, Sua habitação, e a Sua presença haveria de continuar beneficiando a Israel, tal como tinha feito no tempo de Moisés, durante as vagueações pelo deserto. Comparar com o trecho paralelo de II Crô. 5.11-13, que fala sobre os cultos musicais e os rituais que acompanhavam a cena. Naquele texto, o júbilo e o louvor antecederam a manifestação da Luz e da Nuvem.

8.11

O poder e a glória de Yahweh fizeram-se de tal maneira presentes que o ministério dos sacerdotes foi interrompido temporariamente. Deus ficara oculto pela nuvem, por causa da tremenda majestade de Sua presença, mas Sua glória é suficiente até quando lança medo no coração dos homens. “Um riacho brilhante e glorioso saiu da nuvem e espalhou-se por toda a casa, e então se abrigou no Santo dos Santos como fizera no tabernáculo (ver Êxo. 40.34). Cf. com Eze. 43.2,4,5” (John Gill, *in loc.*).

“A nuvem, símbolo da glória da presença divina, parece ter enchido não somente o Santo dos Santos, mas também o templo inteiro, o átrio... e com isso Salomão compreendeu que Deus havia honrado o lugar com a Sua presença, e adotando-o como Sua habitação” (Adam Clarke, *in loc.*).

Compare a história da transfiguração de Jesus (ver Luc. 9.34,35), que representa um avanço neotestamentário de como Deus se manifesta entre os homens, por meio de Seu Filho. Ver João 1.18.

8.12,13

Os vss. 12 e 13 eram, originalmente, um antigo cântico que a Septuaginta informa ter sido extraído do livro de Jashar (o “reto”). Essa canção foi incorporada

na história da dedicação do templo. A presença divina inspirou os homens à poesia. Salomão, observando tudo quanto tinha acontecido, ficou comovido até a alma e expressou sua apreciação. Ele havia trabalhado arduamente e seu labor fora recompensado de maneira inesperada. Ele tinha trabalhado, e não apenas falado.

*A ação nem sempre traz a felicidade;
Mas não há felicidade sem ação.*

(Benjamin Disraeli)

*Os atos de um homem são somente a representação
de seu credo.*

(Ralph Waldo Emerson)

Salomão acreditava que a presença divina poderia ter-se manifestado por causa de Israel naquele momento sagrado, e ele não estava desapontado. A espessa nuvem pesada era um testemunho do poder divino, de Sua presença e aprovação. Ver Êxo. 20.18; Deu. 4.11 quanto à nuvem espessa na qual Deus habita. “A arca, que era o sinal visível da presença do Senhor no meio do povo, estava posta no santuário (no hebraico, *debhair*), em completas trevas; Salomão havia construído um lugar de trevas espessas e impenetráveis nas quais Deus poderia, de acordo com a ideia da época, habitar felizmente” (Norman H. Snaith, *in loc.*).

“G. A. Johnston Ross costumava dizer a seus estudantes do Seminário Teológico União que o alvo primário de todo culto religioso é ajudar o adorador a tornar-se consciente da presença de Deus. Instruções religiosas e exortações morais ficam abaixo do alvo, que é sentir a proximidade do Senhor. O propósito da casa de reuniões é o encontro com Deus” (Ralph W. Sockman, *in loc.*).

James Russell Lowell, que se tornou grande expositor da Palavra de Deus, diz-nos que Ralph Waldo Emerson proferiu um discurso em Harvard, em 1867, que ele teve o privilégio de ouvir. Ele observou: “O discurso de Emerson... não começou em lugar nenhum e não terminou em parte alguma, e, contudo, como sempre se dava com aquele homem divino, fazia você sentir que algo belo se passara pelo caminho — algo mais belo do que qualquer outra coisa, como o surgimento e o desaparecimento das estrelas”. Portanto, a presença de Deus ultrapassa a nossa lógica, perturba-nos, repreende nossa pequenez e leva-nos a gritar: “Glória a Deus nas alturas”.

O ministro é aquele que deve sentir a presença de Deus. Somente então Deus pode guiar a mente das pessoas para pensar os pensamentos divinos, e assim mover-se na direção espiritual correta.

A Nuvem da Presença de Deus. Compare Êxo. 19.9; 34.5; Lev. 16.2; Deu. 4.11 e 31.15. “Salomão tinha procurado refletir a magnificência de Yahweh no templo” (Thomas L. Constable, *in loc.*). O Targum diz aqui: “O Senhor agrada-se em fazer sua *shekinah* ou majestade divina habitar em Jerusalém”. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Shekinah*.

8.14

Voltou então o seu rosto. O rosto de Salomão brilhava com a glória de Yahweh, e ele se voltou na direção da congregação presente para o singular evento de dedicação do templo e descanso da arca em seu lar permanente. Foi assim que Salomão, em nome de Yahweh e em concordância com a sua autoridade, abençoou os israelitas. Foram momentos de grande exaltação que nenhum dos presentes jamais esqueceu, e a história deve ter sido narrada por muitas e muitas vezes, por aqueles que dela foram testemunhas. Salomão, impulsionado pela emoção do momento, foi inspirado a relatar ao povo o pano de fundo histórico, como seu pai, Davi, pôs em seu coração o desejo de construir o templo, mas não viveu o suficiente para ver essa glória. Não obstante, eles estavam ali para ver a glória e o poder de Deus. Nenhum dos ouvintes haveria de jamais esquecer o discurso de Salomão, bem como o fato de que estava ali para ver e ouvir tudo quanto acontecera naquele dia. Grandes momentos de triunfo não ocorrem com frequência, mas quando surgem produzem dias inesquecíveis sobre os quais nunca mais deixamos de falar.

As palavras de bênçãos proferidas por Salomão não ficaram registradas, mas devem ter sido similares às proferidas pelos sacerdotes, conforme vemos em Núm. 6.24-26. Salomão desempenhou temporariamente o papel de sumo sacerdote. Comparar a conduta e as palavras de Moisés, em Êxo. 39.43, e as de Davi, em II Sam. 6.18. Ver o trecho paralelo em II Crô. 6.13, onde Salomão é retratado de pé sobre uma tribuna de bronze, com 2,29 metros de altura, a proferir seu discurso.

8.15

Davi foi o primeiro homem inspirado pelo Espírito a edificar um templo. Ver a história em II Samuel 7. Não fazia parte de sua missão realizar a tarefa, mas ele reuniu material de construção para isso (ver I Reis 7.51). Havia inspiração divina

nas idéias e intenções de Davi. Mas seu filho é quem realizaria o trabalho de construção, substituindo as perambulações da arca no tabernáculo, por um descanso permanente na prosperidade do templo, o lugar centralizado da adoração de Israel.

“O registro dessa promessa aparece em II Sam. 7.5-16 e I Crô. 17.4-14. Aqui o material é livremente citado com alguma variação, até onde diz respeito ao templo. É notável que, ao fazer a citação, Davi, *por duas vezes* (ver I Crô. 22.8; 28.3), adiciona a razão instrutiva de ser-lhe proibido de construir o templo. Diferentemente de Salomão, o Pacifico, Davi havia “derramado sangue em abundância e feito grandes guerras” (Ellicott, *in loc.*). Naturalmente, havia a razão toda-poderosa que devemos compreender, o senso de *missão*. Não fazia parte da missão de Davi construir o templo. Mas essa tarefa foi um dos principais elementos da missão de Salomão.

8.16

Moisés tirou Israel do Egito, e logo em seguida o povo deu início às perambulações de quarenta anos. Naqueles dias, *ninguém pensava em Jerusalém* ou em qualquer outra cidade, como o local de centralização do culto religioso, nem na construção de um grande santuário para efeito dessa centralização, o templo. Durante 500 anos, o tabernáculo serviu como centro da adoração, mas havia vários santuários, como os de Betel e Hebrom. O próprio tabernáculo mudava de lugar para lugar. Ver sobre isso na introdução a este capítulo, no último parágrafo, sob o título *A Arca Finalmente no Seu Lar*. Portanto, enquanto Israel esteve, pelo menos até certo ponto, unido ao tabernáculo e seu culto, a verdadeira centralização da adoração teve de esperar pela casa permanente, o templo. Foi ali que Yahweh preferiu manifestar a Sua presença. Davi foi inspirado pelo Espírito de Deus a produzir a idéia, mas foi atribuído a Salomão realizá-la. Uma das razões que fizeram Davi ser escolhido rei foi tornar possível a unificação em Jerusalém. Ele precisou derrotar oito adversários para livrar Israel das guerras internas. Ver II Sam. 10.19 quanto a isso. Assim, as condições foram preparadas para o templo. Tinha de haver paz e prosperidade, e esses elementos floresceram com Salomão, o construtor.

O meu nome. O nome de Yahweh, o nome divino, Aquele que tornava Israel um povo distintivo, através de Sua lei (ver Deu. 4.4-8). O termo “nome” é uma circunlocução reverente para “eu”, ou para algum nome divino, o nome impronunciável de Yahweh ou Elohim. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Deus, Nomes Bíblicos de*. No Novo Testamento as expressões “reino dos céus” (Mat. 5.3) ou “reino de Deus” (Luc. 6.20) são maneiras de evitar a pronúncia do nome divino. A palavra “nome” ocorre no discurso de Salomão por catorze vezes (ver I Reis 8.16-20, 29, 33, 35, 41-44, 48). O templo deveria ser um lugar da revelação do nome de Deus. Ver outras idéias no vs. 29 deste capítulo.

8.17

Estava no coração de Davi (em seu ser interior, em sua alma, em seu intelecto) edificar o templo, e isso foi motivado pelo Espírito de Deus. Portanto, Davi foi separado, tornando-se uma figura distintiva, longe do êxodo, o único inspirado a edificar a Casa Especial do Senhor. Ver II Sam. 8.3. “Sua mente inclinava-se para isso; seu coração estava fixo sobre essa idéia; ele havia tomado uma resolução” (John Gill, *in loc.*). A arca da aliança descansara temporariamente em Gilgal, Silo, Quiriate-Jearim e Sião, mas Davi desejava que a arca encontrasse seu lar no templo. Primeiramente veio a idéia; depois, o ideal; e, finalmente, a sua realização, um processo inspirado que requereu esforço de equipe para produzir efeito.

Para cada *ato nobre*, havia primeiramente uma *nobre intenção*, e o céu ajuda o homem que age.

8.18

Yahweh falava através de Seu profeta, Natã, conforme somos informados em II Sam. 7.4. Yahweh deu instruções a Natã, depois que Davi explicou, pela primeira vez, suas esperanças acerca do templo. Foi Davi, inspirado pela mente divina, quem tomou a iniciativa a respeito do templo, e Yahweh, através do profeta Natã, demonstrou Sua aprovação. *A esperança era boa; a idéia era boa; o ideal era bom* — a aprovação divina acerca do projeto estava presente desde o início. Mas o ato da construção caberia a Salomão.

8.19

Davi agiu corretamente ao ter bons pensamentos. Boas intenções podem ser algo nobre, que inspira outras pessoas a agir. Os complexos industriais empregam funcionários especializados em pensar. Eles recebem polpidos salários para pensar corretamente acerca de quais produtos são necessários e de como produzi-los. Esses funcionários são os “tanques de pensar”, homens que produzem boas idéias. Outros transformam essas idéias em obras concretas. Einstein foi um grande *pensador original*. Outros homens davam soluções aos problemas especi-

ais que eram assim criados, especialmente os relacionados à matemática complexa. Existe o que se chama de *criatividade*. Edison dizia que a maioria de suas idéias inventivas provinha dos céus. Ele as experimentava para testar sua validade e aplicação. Assim também, neste caso, Davi foi o pensador. A idéia foi dele. Outros produziram a realidade. Davi teve um nobre pensamento sobre um projeto divino. Yahweh estava envolvido naquilo, e assim Sua bênção e Seu poder foram assegurados a Davi. Davi agiu o máximo que pôde, reunindo o material para a construção (ver I Reis 7.51). Mas sua grande contribuição foi a idéia original. Ver II Sam. 7.5, 12, 13 quanto à parte de Salomão, sob a forma de profecia. *Idealmente*, temos *tanto* o pensamento *quanto* o poder para levá-lo à sua realização. Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

8.20

A promessa de Yahweh foi registrada em II Sam. 7.4 ss. A parte dessa promessa que fala especificamente do papel de Salomão acha-se nos vss. 12 ss. Finalmente, houve o cumprimento da promessa divina. A construção do templo levou sete anos e meio para materializar-se (ver I Reis 6.37). Cerca de trinta e oito anos se passaram desde que a promessa divina fora feita.

A Davi foi dada a alegria de ver o filho no trono, como seu sucessor, mas ele não viu o templo terminado. Em sua imaginação, contudo, ele viu a obra completada. A promessa feita “a Davi foi pontualmente cumprida. Ele tinha um filho que o sucedeu no trono, e esse filho edificou a casa do Senhor” (John Gill, *in loc.*).

8.21

As tábuas da aliança. A expressão aqui tem um sentido geral, provavelmente levando em consideração tanto o *Pacto Abraâmico* (ver notas em Gên. 15.18) quanto o *Pacto Mosaico* (ver notas de introdução a Êxo. 19). Ver também sobre o *Pacto Palestínico*, na introdução a Deu. 29. O estabelecimento da linhagem de Davi como a linhagem real foi uma parte necessária da história de Israel. Uma realização dessa linhagem foi a edificação do templo de Jerusalém. Mas aqui é mencionado *especificamente o pacto da lei*, visto que são citadas as duas tábuas de pedra originais que foram guardadas na arca e davam testemunho contínuo do Pacto Mosaico. A lei era a principal provisão desse pacto, e a guarda do sábado era seu sinal. Tradições posteriores também falavam sobre a urna de ouro que continha o maná, bem como a vara de Arão que havia brotado (ver Êxo. 16.33; Núm. 17.10 e Heb. 9.4). A referência do presente versículo representa a tradição mais antiga. Ver comentários adicionais sobre a questão nas notas expositivas do vs. 8.

A Oração de Salomão (8.22-53)

1. Salomão primeiramente agradeceu porque Deus guardara Sua promessa (e Sua aliança), tendo levantado um herdeiro que governasse no lugar de Davi (vss. 23, 24). Quanto ao *Pacto Davídico*, ver II Sam. 7.4.
2. Em seguida, Salomão orou para que a promessa tivesse aplicação eterna, condicionada ao cumprimento da conduta exigida pela lei (vss. 25, 26).
3. Sempre haveria necessidade de expiação e perdão, e o templo serviria a esse propósito. Salomão rogou que isso expressasse a verdade dos fatos.
4. Vários assuntos e necessidades de intercessão preenchem o restante da oração. Haveria dificuldades entre os homens que deveriam ser resolvidas (vss. 31, 32); haveria derrotas na guerra (vss. 33, 34); haveria períodos de seca (vss. 35, 36); haveria pragas (vss. 37-40); estrangeiros deveriam ser tratados com bondade e justiça, para que o povo de Israel não fosse amaldiçoado (vss. 41-43); e Israel precisaria de vitórias na guerra (vss. 44, 45). A conclusão leva em conta o eventual exílio, tendo sido provavelmente uma adição feita por um editor pós-exílico, de cerca de 550 A. C.

Salomão começou a sua oração com adoração e terminou-a com várias petições. Alguns estudiosos contam nada menos de *nove* petições distintas. Yahweh foi o alvo dessas orações. Deus é Aquele que tem o poder de dar todas as coisas necessárias para a vida e a existência.

8.22

Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Oração* e, nas notas introdutórias à presente seção, ver a natureza da oração de Salomão. Ver também o artigo chamado *Intercessão*.

Há muitas posturas para a oração. *Ficar de pé* era uma das favoritas entre os hebreus, sendo uma boa postura para a pessoa manter-se desperta e alerta. Ficar andando para lá e para cá é uma boa prática, e parece ajudar o espírito, acrescentando poder à oração. *Deitar-se de costas e orar* quase sempre deixa sonolento aquele que ora. Salomão, pois, levantou-se diante do altar, provavelmente o *altar dos holocaustos* que havia no átrio do templo, onde o povo costumava reunir-se. II Crô. 6.13 conta que ele se pôs de pé sobre uma balaustrada de bronze, com 5 côvados de comprimento, 5 côvados de largura e 3 côvados de altura, o que lhe proporcionou uma boa plataforma ou púlpito, de onde ele podia ser visto e ouvido. Os representantes de Israel estavam ali, e a casta sacerdotal

acompanhava atentamente. Ele levantou as mãos ao céu e fez um apelo direto a Yahweh, de Quem fluía todo o poder. Elevar ou espalhar as palmas das mãos para o alto era um gesto que os gregos e os romanos usavam em suas orações (Homero, *Iliada*, 3, s. 275; 6. vs. 30), e os hebreus, como é óbvio, tinham uma prática similar. Cf. Sal. 141.2 e I Tim. 2.8.

*Vós, lâmpadas do céu, disse ele,
e ergueu as mãos ao céu,
Tu, venerável céu, poderes invioláveis!*

(Virgílio, Eneida, livro ii. vs. 153)

8.23

Ó Senhor Deus de Israel. *Yahweh-Elohim*, o Deus eterno e Todo-poderoso, foi o alvo da oração de Salomão. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Deus*, *Nomes Bíblicos* de.

Em cima nos céus. Os antigos imaginavam os deuses (Deus) como "lá em cima", em algum céu, mais alto no espaço que a terra. O vocabulário moderno transporta essa maneira de pensar para as nossas expressões. Mas sabemos que o *céu* é uma dimensão e um tipo de existência, e não algum lugar *acima*. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Céu*. Comparar Gên. 11.4, onde há notas adicionais sobre essa idéia.

Henoteísmo ou Monoteísmo? Salomão sabia que não existem deuses comparáveis a Elohim (Yahweh), quer em um céu acima e distante, quer na terra. Isso soa como o henoteísmo, ou seja, existiriam muitos deuses, mas nosso Deus seria o único Deus *para nós*. Na época em que a presente passagem foi escrita, o monoteísmo estava firmemente estabelecido na teologia hebreia. Portanto, a declaração de Salomão não implica que houvesse, realmente, outros deuses. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Deus*, o qual revisa os muitos conceitos de Deus. Ver também o artigo chamado *Monoteísmo*.

A aliança. Uma referência geral que pode incluir o *Pacto Abraâmico* (ver Gên. 15.18); o *Pacto Noaico* (introdução a Êxo. 7); e o *Pacto Palestinico* (introdução a Deu. 29). Qualquer pacto que Deus tenha feito com Israel era seguro, porquanto Yahweh-Elohim é um Deus que observa seus acordos com os homens.

A Parte Humana. O homem também tem um papel a desempenhar, como obedecer à lei, que é a essência do Pacto Mosaico. O homem deve andar ou conduzir-se de maneira digna. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Andar*. Esse andar deve ser feito com toda a sinceridade, isto é, de "todo o coração", conforme destaca o versículo. Naturalmente, o *amor* é a base de tal andar (ver Deu. 6.5). Ver o contexto no qual o presente versículo se engasta. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Amor*, quanto a amplas idéias e ilustrações.

Deus "cumprirá as promessas através das quais opera Sua misericórdia e bondade, e Ele é fiel para com os que *andam* na Sua presença, em Seus caminhos, de acordo com a Sua palavra, em sinceridade e retidão de coração" (John Gill, *in loc.*).

Cf. Deu. 7.9; Nee. 1.5 e Dan. 9.4, e ver sobre o segundo mandamento, em Êxo. 20.6. Ver também, no *Dicionário*, o artigo chamado *Dez Mandamentos*.

8.24

Este versículo repete o que vimos nos vss. 17-20, especialmente no vs. 20. O que Yahweh fizera por Davi tornou-se um ponto especial de *louvor*, dentro da oração de Salomão. "Da parte de Deus (o pacto) envolvia uma fidelidade que coisa alguma jamais seria capaz de destruir, bem como a misericórdia e o perdão, que sempre pareciam ser algo necessário, por causa da contínua apostasia de Israel" (Norman H. Snaith, *in loc.*).

Cf. isso com a promessa original feita a Davi, em II Sam. 7.13. Todas as promessas divinas foram guardadas. Salomão tomou o trono de Davi e assim estabeleceu a sua linhagem como a linhagem real. Em seguida, Salomão erigiu o templo, cumprindo assim o sonho de Davi. O templo, agora, estava terminado (vs. 15).

8.25

Não te faltará sucessor diante de mim. *Uma Realeza Permanente.* A linhagem de Davi continuaria eternamente. Israel sempre teria um descendente de Davi como rei. No plano humano, isso dependia da *obediência* à lei, e foi por essa razão que a promessa falhou, *exceto* pelo fato de que, no plano divino, Cristo, o Filho de Davi, tem reinado eterno. *Nesse sentido*, a promessa divina não falhou.

Menos de 500 anos mais tarde, porém, os babilônios levariam Judá para o cativeiro; e antes disso, em 722, Israel seria levado para a Assíria, para nunca retornar em números apreciáveis. Isso significa que a fidelidade não teve continuação, e o reino sem fim também fracassou. Ver no *Dicionário* o artigo chamado

Cativeiros. Ver II Sam. 7.12-16 quanto às promessas originais, e cf. Sal. 89.28-37. Ver também Jer. 31.36; 33.30-36. Somente Cristo, o Filho maior de Davi (ver Mat. 1.1; 9.27; Rom. 1.3), foi capaz de dar vida a tal promessa. No homem, essa vida morreu. Mas em Cristo, ela voltou à vida.

Em Davi (e em alguns filhos dele) está idealizado o rei perfeito, em concórdia com os padrões de Deuteronômio e da lei. Ver sobre I Reis 15.11. Ver também Deu. 17.14 ss., quanto às instruções sobre o *rei ideal*. Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Rei*, *Realeza* e *Reino de Deus (dos Céus)*.

8.26

Salomão Precisava de Cumprimentos Adicionais. Ele já tinha visto suceder grandes coisas. Davi tivera a idéia do templo e recolhera materiais para a construção. Salomão havia substituído Davi, seu pai, no trono de Israel, mas ainda havia muito terreno a percorrer. O futuro estendia-se indefinidamente, e Salomão esperava uma continuidade eterna, bem como o cumprimento contínuo das promessas divinas. Portanto, Salomão procurava a bênção e o poder de Yahweh para todas as gerações futuras. Ele precisava da presença de Yahweh no templo que havia sido levantado (vs. 27), ou tudo se perderia. Somente o poder divino poderia cumprir todas as promessas de Deus.

No entanto, os cativos já se esgueiravam. Além disso, havia o destino e as estranhas operações da vontade divina, que surpreendem a muitos homens. A Igreja tomara o lugar de Israel, e o eterno reino de Cristo eliminaria o reino de Israel.

Durante a *Segunda Guerra Mundial*, tropas britânicas foram acuada em Dunquerque (1940). Mas conseguiram escapar através do canal da Mancha, para chegar em segurança às ilhas britânicas. E muitos pregadores da época clamaram: "Deus está do nosso lado", na hipótese de que havia sido aplicado aos alemães um golpe sério. Não muito tempo depois, entretanto, dois navios de guerra britânicos foram postos a pique pelos japoneses, os quais, súbita e inesperadamente, saíram da cobertura de uma nuvem. E assim dizemos: "Onde estava Deus, e do lado de quem agia?". Israel, por semelhante modo, haveria de atravessar tragédias incompreensíveis, e o plano a longo prazo pertenceria aos gentios! Deus opera de maneira misteriosa para realizar Suas maravilhas.

*Deus move-se de maneiras misteriosas
Para realizar Suas maravilhas;
Ele implanta Seus pés no mar,
E caminha em meio ao temporal.*

(William Cowper)

8.27

A grandeza de Deus falou a Salomão a respeito de Sua *onipresença*. Nenhum templo ou lugar sagrado poderia contê-la. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Onipresença*.

*Cuja habitação é a Luz de sóis que se põem,
E o oceano redondo e o ar vivo,
E o céu azul, e na mente do homem;
Um movimento e um espírito que impulsionam
Todas as coisas pensantes, todos os objetos de todo
pensamento,
E que rolam através de todas as coisas.*

(Wordsworth)

No entanto, uma fagulha do Infinito torna-se finita na alma do homem, e lugares como o templo e a Igreja tornam isso real. Em Cristo, o homem transforma-se no templo do Espírito (ver Efé. 2.20-22; I Cor. 6.19).

"O próprio céu é a Sua moradia (cf. com os vss. 38 e 49; Sal. 11.4 e Hab. 2.20). Sem embargo, em Sua majestade, Ele está interessado nas orações de Seu povo" (Thomas L. Constable, *in loc.*). Isso reflete o *teísmo*, em lugar do *deísmo*. A primeira dessas posições ensina a existência e a presença da força criativa pessoal, a fim de recompensar e punir. A segunda admite que uma força criativa, pessoal ou impessoal, abandonou sua criação e a submeteu ao domínio das leis naturais, não exercendo nenhum papel ativo para o bem ou o mal. Ver sobre ambos os termos no *Dicionário*.

"Salomão ficou boquiaberto diante da imensidão, da dignidade e da grandeza do Ser divino, mas especialmente diante de Sua condescendência para com todos os homens... Como poderia Deus habitar em tal lugar e na companhia de tais criaturas?" (Adam Clarke, *in loc.*).

E até o céu dos céus. Esse é o "céu superior", conforme interpreta a Revised Standard Version. Salomão usou uma frase que revela grandeza, mas, à nossa semelhança, ele realmente não sabia expressar onde e sob quais condições Deus vive e age. Cf. Deu. 10.14 e seu paralelo, II Crô. 6.18. É altamente improvável que

Salomão tenha imaginado alguma coisa como os *sete céus* (um pouco da teologia hebraica posterior), e que Deus habitava no sétimo céu. Mas ele pode ter tido alguma noção sobre a pluralidade dos céus. No artigo intitulado *Céu*, quarto ponto, considero esse conceito. Ver II Cor. 12.2 quanto ao *terceiro céu* do apóstolo Paulo. Detalhes completos são oferecidos a respeito no *Novo Testamento Interpretado*. Todas as descrições sobre o “céu” são meras tentativas, defectivas e falhas. Provavelmente, algumas das coisas que dizemos sobre o céu são verdadeiras. Parte de nossa compreensão, pelo menos, está correta.

8.28

Atenta, pois, para a oração de teu servo. O elevadíssimo Deus, tão misterioso em seu Ser, tão oculto em Seu lugar de habitação, ainda assim respeita os homens e suas orações. Isso fala fortemente na linguagem do *teísmo*, e não em termos do *deísmo* (ver no *Dicionário* os artigos assim chamados). Ver também o artigo chamado *Oração*. Deus, embora misterioso e imenso, pode ser atingido e tocado, e inspirado à ação através de nossas orações! Assim devemos orar e esperar pela intervenção divina, quando elas se fazem necessárias. Deus pode responder às nossas orações, e realmente responde; por esse motivo, Salomão fez todos esses pedidos que os versículos seguintes contêm.

*Espirito de Deus, desce sobre o meu coração
Desmama-o da terra, move-te por todos os seus movimentos;
Inclina-te diante de minha fraqueza, poderoso como Tu és,
E faze-me amar-Te conforme devo.*

(George Croly)

Nesse mesmo hino, o compositor requer que Deus lhe ensine “a paciência da oração não-respondida”. Temos fé para acreditar que o designio divino atinge até mesmo esse ponto, embora não compreendamos. Num domingo da década de 70, em um culto religioso particular em minha casa, cantamos esse hino, e as palavras concernentes à *oração sem resposta* me feriram. Por tanto tempo, eu vinha procurando uma espécie de solução miraculosa para a publicação do *Novo Testamento Interpretado*. Não muito depois, os milagres começaram a acontecer. Atualmente, esse comentário já está na sétima edição! Quanto ao presente e quanto ao futuro, oh, Senhor, concede-nos tal graça!

8.29

O Deus incomensurável prometeu manifestar-se no templo, embora o céu inteiro não seja capaz de contê-lo. O cumprimento dessa promessa, foi um pedido especial da oração de Salomão: que o Deus imenso condescendesse em pôr a Sua presença de modo especial, no templo, com vistas ao benefício de Israel. Este versículo reitera essencialmente o vs. 16, onde são oferecidas notas expositivas adicionais.

Note-se novamente o uso da palavra “nome”, a vaga designação que permitiu que o autor piedoso evitasse proferir os nomes divinos. “Nome” ocorre na oração de Salomão por catorze vezes. Ver as notas expositivas sobre o vs. 16. Havia uma antiga superstição de que o conhecimento do nome de um deus ou de outro poder espiritual dava ao homem poder sobre tal ser, através do qual ele poderia obter as coisas que quisesse, “mediante aquele poder do alto”. Deus, pois, ocultava Seu nome, para que ninguém tivesse ascendência sobre Ele. Mas não há certeza alguma de que Salomão participasse dessa antiga superstição. Por outra parte, somente o Nome associado ao Santo dos Santos tinha poder para abençoar a Israel. Pode haver um indício de que antigos santuários, como os de Betel e Gibeom, tinham perdido o poder, agora que a adoração fora centralizada no templo de Jerusalém. A providência de Deus se manifestara de maneira especial em relação ao templo. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Providência de Deus*. Naturalmente, em Cristo, o poder agora está centralizado. O dia antigo passou. Um novo dia, com um novo Poder, está presente. Ver Rom. 3.25; I João 2.2; Heb. 4.16. Ele é o Novo Nome.

8.30

Todo o povo de Israel agora se voltava para o templo como o santuário sagrado especial onde as orações seriam ouvidas e respondidas. De maneira correspondente, Deus, em Seu mais elevado céu, ouviria essas orações. E, visto que Israel nunca deixou de falhar e pecar, sempre haveria necessidade do perdão divino, e uma petição constante aos céus. O templo era o lugar dos ritos de *expição* que ocultavam tais pecados. Isso precisava ser eficaz, ou Israel falharia e cairia diante dos inimigos, internos e externos. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Pecado*; *Expição* e *Perdão*.

Salomão acreditava que o templo ofereceria o remédio para todos os pecados e falhas de Israel e, na qualidade de uma casa de oração, daria ampla oportunidade para Israel proteger-se contra qualquer forma de destruição ou fracasso. Na Igreja do Novo Testamento, porém, Jesus provê o caminho superior para os crentes, o Novo Templo.

*Acheguemo-nos, portanto, confiadamente,
junto ao trono da graça,
a fim de recebermos misericórdia
e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna.*

(Hebreus 4.16)

O tema do perdão dos pecados prossegue nos versículos que se seguem. Isso era necessário para a justiça apropriada dentro de Israel quando houvesse alguma disputa; para evitar a derrota em batalhas diversas; para evitar as secas, pragas e enfermidades, bem como toda forma de calamidade. Naturalmente, há o *Problema do Mal* (ver a respeito no *Dicionário*), de *males naturais* que sobrevêm aos homens (como enfermidades, dilúvios, incêndios, terremotos e morte) e de *males morais* (que os homens infligem uns aos outros). Isso não pode ser explicado somente à base do pecado e da punição, conforme o artigo citado ilustra amplamente. Algumas vezes, é o homem bom que sofre a tragédia, enquanto os ímpios continuam, felizes, a desfrutar vida e boa saúde. Por que existem esses sofrimentos, é um dos problemas teológicos e filosóficos que nos deixam mais perplexos. Procuro oferecer alguma explicação sobre esse mistério naquele meu artigo. Salomão não foi além do “problema do pecado” em sua oração. Mas existem outros problemas relativos aos sofrimentos.

8.31,32

Se alguém pecar contra o seu próximo. Regular a conduta de Israel era algo que requeria sabedoria. Haveria entre os israelitas conflitos causados por injustiças. Um irmão pecaria contra outro, semeando assim a confusão. Haveria quebra de juramentos, o que sempre foi considerado sério em Israel. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Juramentos e Votos*. Até mesmo juramentos feitos no templo não seriam respeitados, ou juramentos falsos seriam proferidos. Se essas coisas fossem sem perdão, sem correção, sobreviria o julgamento divino. Um homem acusaria a outro quando não houvesse evidência conclusiva, ou evidência para provar quem estava com a razão, ou caso alguma ofensa genuína fosse cometida. Nesse caso, seria necessário apelar “ao céu”, para que houvesse sabedoria capaz de endireitar tais confusões. Casos seriam apresentados a Salomão, o qual teria de empregar a famosa sabedoria dada por Deus para solucioná-los. Por isso, Salomão fez uma pausa, ali mesmo, na ocasião da dedicação do templo, pedindo que lhe fosse dado saber como decidir casos difíceis.

“Ao indivíduo acusado foi permitido chegar-se diante do altar de Deus, com o propósito de expurgar-se através de juramento pessoal. Salomão pediu que Deus não permitisse juramentos falsos, mas antes, que lhe fosse dada sabedoria para desvendar a verdade, a fim de que homens ímpios fossem condenados e punidos, e os justos fossem justificados” (Adam Clarke, *in loc.*). Ver Êxo. 22.7 e seu contexto, quanto ao juramento de expurgo.

Cf. o julgamento por meio de algum teste, em Núm. 5.14-30. Certas medidas de salvaguarda foram providas para decidir casos quanto houvesse ausência de evidências. Salomão pensou viver em um mundo moral, no qual a maldade cometida seria castigada com a calamidade, ao passo que todo ato justo seria recompensado com a prosperidade. E ele queria fazer tudo quanto pudesse para impedir que os ímpios prosperassem. “Em tempos corruptos, os homens vinham jurar defronte do altar, ver Mat. 23.20. Os pagãos costumavam jurar em seus templos e defronte de seus deuses, em seus altares, nos quais tocavam, quando juravam, para emprestar maior sanção ao juramento” (John Gill, *in loc.*, referindo-se a Cornel, *Nep. Vit. Dion.* 1. 10. cap. 8).

8.33,34

Pecado e Calamidade. Israel tinha um “registro passado errado”, conforme dizem modernamente alguns. O curso palmilhado sempre fora assinalado por uma falha contínua e pela calamidade que se seguiu às falhas. Salomão antecipou que essa horrenda situação haveria de prosseguir. Israel sempre teria de arrepender-se de seus pecados quando a destruição começasse; e Yahweh sempre ouviria as orações de arrependimento, perdando-os e restaurando-os. Salomão não tinha o discernimento profético para ver que:

1. Somente Davi, seu pai, e ele, reinariam sobre um *reino unido* de Israel, e muito em breve Israel seria dividido em nações separadas — norte (Israel) e sul (Judá) — por causa de contenções e ciúmes estúpidos. O pecado produziria maior confusão do que Salomão jamais teria imaginado.
2. Em 722 A. C., os assírios invadiriam o reino do norte (Israel) e levariam seus habitantes para o cativeiro, e assim as tribos do norte seriam obliteradas até hoje.
3. Em 597 A. C., os babilônios invadiriam o sul (Judá) e levariam essa parte de Israel para o cativeiro. Após setenta anos, um remanescente retornaria, mas a glória de Israel seria obscurecida.
4. Após uma breve restauração sob o governo dos Macabeus, Israel sofreria sua grande *diáspora*, isto é, o povo seria espalhado pelas nações européias por meio dos atos de Adriano, a começar em 132 D. C.

Somente nos tempos modernos Israel seria restaurado à Palestina. Esse foi o resultado do pecado em funcionamento. Naturalmente, havia mais na questão do que somente isso. Há também a vontade e o propósito de Deus que operam de maneira estranha, inteiramente à parte do pecado e do arrependimento. Não obstante, é correto associar o pecado à calamidade, mesmo que a calamidade ocorra por outras razões, e até em resultado do caos. Mas acima e além da calamidade há o propósito de Deus, que finalmente fará Seu plano fluir, a despeito do homem. O designio divino sempre beneficiará o homem, por causa da graça e do amor de Deus. Ver o artigo *Problema do Mal* no *Dicionário*, onde oferecemos algumas fontes que dão origem a calamidades, e comentário sobre como devemos ter fé para confiar que Deus está ali, a despeito das agonias. A *derrota militar* era grandemente temida pelos povos antigos, porque não havia misericórdia para com os conquistados. Sem dúvida, o pecado entrava nesse componente da derrota militar.

Ver Lev. 26.17,32,33 e Deu. 28.25 quanto às bênçãos e maldições da lei. Cf. Sal. 40.9-11; 44.1-3,9-17; 89.42-46. "Com sua característica seriedade, Salomão olhou de volta de sua prosperidade pacífica para o passado tempestuoso, e dali aprendeu a orar quanto ao futuro" (Ellicott, *in loc.*).

8.35

Antes de construir grandes represas, os homens dependiam essencialmente das chuvas próprias da estação. Se essas chuvas faltassem, ocorreria a seca, e a morte em massa seguiria de perto. Até hoje, a despeito de nossas grandes represas, uma seca prolongada produz confusão. Recentemente (1994), no estado de São Paulo, enfrentamos uma seca de quatro meses. Mais quatro meses de seca, e as condições poderiam tornar-se calamitosas (visto que toda a vida depende da água), independentemente de nossas provisões modernas.

"A falta de chuvas sempre foi uma ameaça em caso de pecado, e sempre foi também o efeito do pecado (ver Lev. 26.19,20; Deu. 28.23,24)... sua aflição teve por intuito fazê-los reconhecer o pecado e dele arrepender-se" (John Gill, *in loc.*). Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Água; Chuva; Chuvas Anteriores e Posteriores e Arrependimento*.

"Deus recusa-se a enviar as primeiras e as últimas chuvas, de modo que chega em vão o tempo determinado da colheita, mas não há nem safra nem colheita" (Adam Clarke, *in loc.*).

8.36

Yahweh ouviria as orações deles e enviaria as chuvas apropriadas, em dependência a um arrependimento autêntico que removesse a causa da seca. "A preocupação com a chuva talvez possa ser vista em Zac. 14.16,17, e a tragédia da falta de chuvas em Jer. 8.20. A Mishnah e Taanith descrevem *cerimônias* que eram realizadas para assegurar a chegada das chuvas próprias da estação, se ao menos elas se demorassem após o final da festa (Snaith, *Jewish New Year Festival*, págs. 64, 174-176). As *condições* para o dom divino da chuva dependiam da vontade de Deus. Essa insistência sobre a soberania de Deus é essencial para compreender a eficácia dos atos rituais" (Norman H. Snaith, *in loc.*).

Cf. Sal. 94.12 e II Crô. 6.37. Ver também Tia. 5.18 e, no caso de Elias, I Reis 18.42,45. De certa feita ouvi um sermão sobre o tema da "nuvenzinha" que surgiu para o lado do mar, a qual se multiplicou e, finalmente, trouxe chuvas suficientes para pôr fim à seca em Israel, porque *Elias orou*. O pregador perguntou: Que teria acontecido se Elias tivesse parado de orar quando viu a pequena nuvem? A nuvem era insignificante por si mesma. Grandes coisas tinham de ocorrer, mas as chuvas caíram porque Elias continuou a orar. As orações da maioria das pessoas são tão fracas que nem fariam aparecer a nuvem. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Oração*.

8.37

A *fome* pode resultar da seca (vss. 35,36); mas há outras causas como as enfermidades, as pragas que destroem as safras, e os gafanhotos e as lagartas que tudo devoram.

Um filósofo grego queixou-se dos "abusos da natureza". Tantas são as maneiras pelas quais eles podem atacar-nos: tempestades, calor, frio, seca, insetos, terremotos! A fé dos hebreus via a mão de Deus operando em todos esses abusos, e atribuía ao pecado a sua ocorrência. Para os deístas, as leis naturais operam de modo imperfeito, e o homem está naturalmente sujeito aos abusos da natureza; Deus não é a causa dessas coisas nem remove a fé deísta; o homem permanece sofrendo e esperando por algo melhor. Mas a fé teísta ensina que há um Deus pessoal que pode e realmente controla os abusos da natureza, e também que a fé pode mostrar-se eficaz no caso desses abusos. Ver no *Dicionário* os artigos *Teísmo e Deísmo*. Ver também o detalhado e descritivo artigo *Praga de Gafanhotos*, quanto a uma vívida descrição de um dos abusos da natureza. Nos artigos *Praga e Pragas do Egito*, o leitor encontrará outras ilustrações e informações. Cf. o presente versículo com Joel 1.4; Lev. 26.25,26; Deu. 28.22-24,38-42.

Larvas. Está em pauta a lagarta em seu estado larvário. Desde o começo, a lagarta é devastadora.

As *doenças dos vegetais* eram motivo de grande consternação, porquanto os povos antigos não tinham proteção contra elas, nem sabiam controlá-las. Por isso, uma vez iniciadas, elas destruíam completamente as plantações. Tais coisas ensinam o quão dependentes são os homens de Deus. Apesar de toda a ciência e tecnologia, o homem permanece muito *dependente*, o que é um atributo da natureza humana. Somente Deus é independente. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Atributos de Deus*.

8.38,39

Toda oração, e súplica, que qualquer homem. Muitas pessoas necessitam viriam ao templo a fim de orar. Cada uma delas teria sua própria "aflição", sua própria "ferida no coração" (o homem interior, o homem essencial). Haveria muitas necessidades *individuais* que requereriam a atenção de Yahweh. Salomão, pois, orou para que essas necessidades fossem satisfeitas pela graça e misericórdia divina. Os problemas individuais seriam, na maioria dos casos, resultantes de pecados individuais, de tal modo que o pecado individual e a calamidade continuariam caminhando juntos. Assim, pois, o vs. 39 traz novamente à nossa atenção a necessidade da expiação pelo pecado. O templo era o lugar apropriado para oferecer expiação, e a misericórdia de Deus estaria esperando cada caso individual. No perdão, os ferimentos poderiam ser curados. Além disso, Yahweh conhecia cada coração, seu pecado e necessidade, de modo que nenhum caso jamais estaria fora de Seu conhecimento e de Seu poder de curar. Toda necessidade humana traz o divino, pois ninguém vive exclusivamente para si próprio, assim como ninguém vive somente para os outros. "Ninguém vive para si mesmo apenas, e o destino humano não pode ser tratado apenas no plano deste mundo" (Norman H. Snaith, *in loc.*).

Todo pecado está, originalmente, no coração, e nele tem a sua fonte. Todo homem bom é levado a observar, confessar e lamentar seus pecados (Sal. 51.4,5; II Crô. 6.29).

Aqui novamente temos o gesto da oração intensa, tal como no vs. 22: o rosto voltado para cima, os braços estendidos, as mãos voltadas na direção do céu.

Já que lhe conheces o coração. Quanto a como Deus conhece o coração dos homens, cf. Sal. 11.4; 139.2-4; Jer. 17.9,10. Há um atributo especial da divindade, um aspecto da *onisciência* (ver a esse respeito no *Dicionário*).

8.40

O temor do Senhor é o princípio da sabedoria.

(Provérbios 9.10)

Ver no *Dicionário* o artigo detalhado sobre *Temor*, especialmente o primeiro ponto, *O Temor de Deus*. Cf. Isa. 8.13; Jer. 32.39; Pro. 8.13; Jó 28.28; Sal. 111.10; II Cor. 7.11. A *terra*, que era a fonte de todas as riquezas e de todo o bem-estar, foi dada por Yahweh, conforme ilustramos graficamente no livro de Josué. O Deus da misericórdia que dá tão liberalmente aos homens dispõe-se favoravelmente para com aqueles que O temem, e perdoa-lhes os pecados, com a restauração consequente que faz parte desse favor. "Removendo suas aflições e conferindo-lhes a Sua bênção, particularmente no perdão de seus pecados. Ver Sal. 130.4; Osé. 3.5. A sua boa terra os inspirava ao arrependimento, porquanto é a bondade de Deus que nos conduz ao arrependimento (ver Rom. 2.4). O registro histórico demonstrava que Israel contava com um Deus perdoador, e assim, enquanto estivesse vivendo em sua terra, poderia esperar que as bênçãos divinas fluíssem.

"A oração de Salomão dificilmente faz parte da doutrina do perdão revelado na morte expiatória de Cristo. Não obstante, retém as marcas da escola divina: arrependimento, reparação e reconciliação" (Ralph W. Sockman, *in loc.*). Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Expiação; Arrependimento e Reconciliação*.

8.41

Também ao estrangeiro. O estrangeiro, aqui, não é apenas um negociante que entrava em Israel para fazer comércio e ganhar alguma coisa. O versículo diz especialmente que ele veio ali "por causa do nome de Yahweh", ou seja, como um convertido à fé dos hebreus. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Prosélito, Proselitismo*. Esse tipo de estrangeiro, residente permanente e hebreu por fé religiosa, embora não por ascendência racial, tinha quase os mesmos direitos de um cidadão. Ele usaria o templo e seus ritos religiosos, fazendo ali suas orações, tendo seus pecados perdoados e sua vida orientada por Yahweh, tal e qual um hebreu nativo. Muitos estrangeiros, naturalmente, casariam com mulheres hebréias e assim seriam integrados à sociedade hebréia. Nos dias de Salomão, quando havia prosperidade material generalizada, e o próprio rei era conhecido por sua grande sabedoria, era natural que muitos estrangeiros preferissem viver em Israel, onde eram absorvidos. A história da rainha de Sabá é uma indicação desse poder de atração.

Os livros de Rute e Jonas refletem certo aspecto do sentimento dos hebreus relativamente aos estrangeiros. Estes eram sempre bem acolhidos em Israel, embora isso tenha falhado em determinadas ocasiões, quando o nacionalismo ia alto. Cf. Deu. 23.3-5 e Nee. 13.1-3, onde estrangeiros aparecem como quem sofria por causa do exclusivismo e do ódio. Josefo (*Antiq.* VIII.4.3) fez uso da presente passagem em sua ansiedade por elogiar o povo diante dos romanos e tentar receber melhor tratamento da parte deles. Ele tentou mostrar que os judeus não eram hostis nem odiadores da raça humana, conforme eram acusados. Mas Tácito (*Hist.* V.5) disse: "Para com o restante da raça humana, os judeus nutrem um ódio mal-humorado e inveterado". A legislação mosaica de Deu. 10.18,19 era observada em algumas ocasiões, mas não sempre. Essa legislação ordenava um tratamento justo e misericordioso para com os estrangeiros, mas havia muitos lapsos e, ocasionalmente, a lei era simplesmente ignorada. Ver Lev. 12.18.

8.42

(Porque ouvirão do teu grande nome...). Eis aí o poder de atração de Yahweh. O dinheiro também fascinava os estrangeiros, mas acima e além disso, havia o poder divino que exercia influência sobre a alma dos homens. Haveria peregrinos comerciais, mas também peregrinos espirituais viriam a Israel, especialmente no tempo de Salomão. Cf. este versículo com o poder de atração universal de Cristo (ver João 12.32). Ver sobre *Missão Universal do Logos*, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. O templo seria um local de concentração para todas as raças, tal como, em Cristo, de uma maneira mais ampla, a Igreja, que é o Novo Templo, recolhe homens de todos os lugares. O progresso histórico da fé espiritual, portanto, contribuiu para a *unidade universal*, e esse princípio é, de fato, a grande *diretriz* do destino humano. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Restauração*, e ver no *Dicionário sobre Mistério da Vontade de Deus*. Em Cristo temos alguém que é "maior do que Salomão", de modo que os efeitos de Sua vida, morte e ressurreição podem ser tidos como realmente universais.

Da tua mão poderosa. A poderosa mão divina que se estende por toda parte e pode fazer qualquer coisa. Essa era a mão que trazia estrangeiros até o território de Israel, e fazia coisas que os admirava profundamente. Além disso, havia o Seu "grande nome", um termo usado por catorze vezes na oração de Salomão. Quanto a isso, ver as notas expositivas no vs. 16.

Mão. Palavra usada regularmente para denotar autoridade, poder e controle (ver Jos. 8.20).

Do teu braço estendido. Ver Deu. 4.34. Denota universalidade de aplicação. Nada está fora do interesse, do controle e da ação de Deus. Todos os homens se beneficiam disso, sem importar a sua raça.

8.43

Ouve tu nos céus. Este versículo é similar a todo o versículo que conclui uma petição específica. Em primeiro lugar, a necessidade é apresentada; então vem a súplica a Yahweh e a necessidade de tomar a ação apropriada, primeiramente em perdão, depois em bênção. Cf. os vss. 32,34,36,38,39. Se Yahweh não tomasse nas mãos o caso dos estrangeiros, eles estariam perdidos. Temos neste passo bíblico uma "antecipação tácita do futuro ajuntamento de todas as nações para desfrutar as bênçãos que foram, desde o princípio, expressamente destinadas a 'todas as famílias' da terra" (Ellicott, *in loc.*). Essa citação de Ellicott refere-se ao *Pacto Abraâmico* e à sua provisão universal. Ver Gên. 15.18 quanto a plenas informações sobre esse pacto. "Parece que Salomão teve conhecimento do chamado dos gentios e o desejou" (John Gill, *in loc.*).

8.44

Quando o teu povo sair à guerra. Este versículo leva-nos de volta ao tema do vs. 33: o perigo sempre presente de ataques por parte de inimigos; o maléfico poder da guerra; a destruição efetuada pela espada. As nações antigas podiam sucumbir rapidamente diante de um inimigo poderoso. Algumas vezes, uma única batalha podia determinar a vitória ou a derrota. Estamos falando acerca de nações com populações relativamente pequenas e territórios limitados. De outras vezes, Israel tomava a iniciativa, como quando derrotou seus inimigos (ver as notas expositivas sobre II Sam. 10.19). Nessas ocasiões, Yahweh estava presente para guiar, fortalecer e prover estratégias. De outras vezes, a arca era transportada ao campo de batalha para assegurar a vitória, porque essa caixa sagrada testemunhava a presença de Yahweh com o exército israelita. Ver sobre I Sam. 4.3 quanto à questão. Os inimigos de Israel eram sempre hostis e cruéis. Somente o poder divino poderia preservar a identidade da nação israelita. Foi assim que os assírios, em breve tempo, obliteraram as dez tribos do norte (Israel), em cerca de 722 A. C. E os babilônios, em 597 A. C., levaram Judá, o reino do sul, para o cativeiro. Mas um remanescente acabou voltando, e assim foi iniciada

uma nova nação. Os romanos (em cerca de 132 D. C.), porém, espalharam Israel por todo o mundo então conhecido, e isso só foi revertido em nosso século (1948), quando Israel foi restaurado como nação, em seu próprio território. Esses acontecimentos históricos ilustram as razões da preocupação de Salomão com os possíveis adversários da nação.

Os críticos supõem que os vss. 44 e 45, na realidade, foram escritos durante os dias do exílio babilônico, pelo que parecem tão dolorosos. Em caso contrário, então Salomão conseguiu antecipar essa dor. Ver o vs. 47 que põe o contexto dentro de uma circunstância de *cativeiro*.

8.45

Ellicott observou a similaridade entre o presente versículo e especialmente o vs. 47, com as lamentações de Daniel (9.4-15), quando o cativeiro babilônico chegava ao fim. O Targum, em seu comentário sobre o atual versículo, invoca a Deus, pedindo justiça e vingança contra inimigos que queriam prejudicar a nação de Israel.

8.46,47

Estes dois versículos são, definitivamente, versículos próprios do *cativeiro*. Alguns estudiosos supõem que Salomão, mediante discernimento profético, previu os cativeiros assírio e babilônico (ver o *Dicionário* quanto a detalhes completos). Os críticos, porém, supõem que esses versículos tenham sido acrescentados por algum editor durante ou após o cativeiro babilônico. A esperança da *restauração* só teria sentido em relação aos cativeiros. Não houve esperança alguma no caso do cativeiro assírio. Tal como em Dan. 8.4-15, o mesmo acontece aqui. O *pecado* foi a causa do cativeiro. O remédio era o *arrependimento*.

Conceitos de pecado são ilustrados nas três palavras ou expressões do vs. 47: "pecamos", "perversamente procedemos" e "cometermos iniquidade". Três idéias estão presentes no original hebraico, a saber:

1. *Pecamos*. No hebraico, *hata*, "errar o alvo". Cf. Pro. 19.2. Em Juí. 20.16 a palavra é usada para pedras lançadas mediante uma funda sem errar um fio de cabelo. O *pecado* consiste em apontar *incorretamente*, *errar o alvo*, *desviar-se do caminho certo*.
2. *Perversamente procedemos*, *awah*. Esta palavra significa *iniquidade*, ação agravada, perversidade, perversidade deliberada, em contraste com o "errar o alvo" da primeira expressão. Os homens praticam *males abertos*, que não resultam de ausência de conhecimento ou de fraqueza.
3. *Cometermos iniquidade*, *rasha*. Esta palavra é usada para indicar membros colocados irregularmente no corpo, e a idéia, no tocante ao pecado, é de atos estúpidos, propositados, coisas anormais que os homens fazem, negócios distorcidos e crueldades. O pecado nunca segue um caminho reto, mas, sim, o caminho de homens pervertidos. Não se conforma ao que é certo e verdadeiro. Ver o artigo geral sobre *Pecado*, no *Dicionário*. "... essa expressão inclui todos os pecados, com todas as agravantes que eles contêm" (John Gill, *in loc.*).

8.48

A *reversão* do cativeiro babilônico quase certamente é o tema deste versículo, o que significa que um editor esteve em ação, fazendo retoques finais na obra escrita. Mas outros estudiosos insistem no discernimento *profético* de Salomão quanto à questão do cativeiro. Ou então preferem um meio-termo: Salomão proferiu palavras similares, mais tarde embelezadas por um editor posterior. Visto que foram pecados agravados (ver os três termos para o pecado, no versículo anterior) que causaram o cativeiro, assim também o *arrependimento* e a mudança de conduta seriam suficientes para reverter o cativeiro. O texto não leva em conta as misteriosas operações da vontade de Deus, que ultrapassam a "questão do pecado", nem o complexo e misterioso *problema do mal* (ver a esse respeito no *Dicionário*). Grandes eventos na vida de indivíduos e nações não dependem somente de eles pecarem ou não pecarem. Outros fatores também contam. Mas essa idéia era essencial para a teologia da época. Ver os comentários sobre os vss. 33 e 34. Ver também o vs. 26 deste capítulo, onde outras idéias foram apresentadas.

De todo o seu coração e de toda a sua alma. Um *arrependimento* eficaz precisa ser "inteiro e completo" (Norman W. Sockman, *in loc.*). A Revised Standard Version sugere "com todos os seus pensamentos e poderes emocionais", o que, por certo, deve estar envolvido em qualquer verdadeiro *arrependimento*. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Idolatria*.

8.49

Uma vez mais, o mal temido é rebatido por uma *conclusão*: Yahweh estaria presente para ouvir orações contritas de *arrependimento*, pois o *arrependimento* reverte os maus eventos. Há em Deus misericórdia e amor suficiente para solucionar todo desastre e tragédia. Cf. os vss. 32,34,36,38 e 39 quanto ao poder de mudar as situações das orações de *arrependimento*.

E faze-lhes justiça. Israel queria sobreviver como nação; queria cumprir seus deveres como um povo pactuado com Deus; Israel queria cumprir seu nobre destino e ser um novo destino dos povos pagãos (ver Deu. 4.4-8), mas o pecado havia feito confundido as coisas. Sem embargo, a *causa* não estava perdida. Seria defendida pelo poder divino, e a salvação seria o resultado da intervenção divina. A idéia de *causa* aqui provavelmente inclui a questão das injustiças sofridas por Israel no cativeiro. Uma vingança apropriada seria administrada. Os babilônios não estariam por cima para sempre. O fim deles já podia ser avistado. Israel haveria de viver mais do que a Babilônia. E foi isso que aconteceu. Ver o vs. 59 quanto a outras notas expositivas sobre a *causa* de Israel.

8.50

O *pedido de perdão*, no tocante ao cativeiro, é expresso com maior amplitude que nos outros casos, como a tentativa para escapar da guerra e da seca, e para haver justiça em favor dos estrangeiros, através do arrependimento. Como é óbvio, o cativeiro seria uma grande calamidade, a perda da identidade nacional, algo mais sério do que as coisas relativamente secundárias mencionadas anteriormente. Salomão, pois, permaneceu firme em sua teoria do *pecado-calamidade*, ignorando outras causas possíveis de retrocesso, conforme comentado nos vss. 26,33,34. Ele também se apegou à sua teoria do arrependimento como solução para algum problema grave, ignorando que o *destino* pode produzir perdas permanentes, até onde diz respeito a este plano terreno. Há coisas que somente o céu é capaz de curar. Algumas vezes, o destino produz grandes vitórias para nós, a despeito de nossos pecados e fraquezas, e isso está alicerçado sobre o desígnio de Deus, de Sua misericórdia e amor, que são sempre abundantes. Poucas coisas que recebemos realmente *merecemos*.

Pecado. Ver no vs. 47 as três palavras ou expressões usadas por Salomão para indicar o pecado. Esta palavra corresponde ao primeiro desses termos (no hebraico, *hata*) e indica "errar o alvo", "desviar", "errar o verdadeiro caminho".

As suas transgressões. No hebraico, *pesha*, que fala deliberadamente de *rebelião*, da violação de leis conhecidas, como os mandamentos e regulamentos mosaicos. Quanto à *lei*, ver os vários artigos a respeito. *Transgredir* já é "revoltar-se". Isa. 53.6 fala do homem a desviar-se "pelo caminho", tendo abandonado a trilha de Yahweh. A rebelião sempre inclui a *deslealdade*, portanto a lealdade a Deus impediria tal desvio.

O cativeiro assírio, da nação do norte (Israel), foi fatal e definitivo. Em sua visão profética, Salomão esperava que o cativeiro babilônico (Judá) fosse revertido mediante o arrependimento. No *cativeiro*, Salomão pediu que Yahweh tivesse compaixão de Israel, na esperança de que eles suportassem a prova. Mas essa compaixão também os haveria de livrar da terra onde estivessem cativos.

8.51

Porque é o teu povo e a tua herança. A *Argumentação de Salomão*. Em certo sentido, o fato de que Yahweh haveria de livrar o *Seu povo* indicava que Ele agiria em benefício próprio, porquanto *aquele* povo estava destinado a propagar a fé do yahwismo por toda a terra, como seu instrumento especial. Além disso, a *história especial* do povo de Israel estava envolvida. Há séculos o Senhor liderara Seu povo para fora do Egito, protegendo-o nas perambulações pelo deserto, dando-lhes a Terra Prometida como herança, e agora lhes concedia o templo, para promover a fé hebréia, incluindo a lei mosaica e o ritual que faziam dos israelitas um povo distinto. Quanto ao livramento do Egito, que é um tema muito repetido na Bíblia, ver as notas em Deu. 4.20. Esse tema aparece no livro de Deuteronômio por mais de vinte vezes. Ver também o quão distinto é o povo de Israel nas notas expositivas sobre Deu. 4.4-8. Uma nação separada haveria de promover os princípios de Yahweh, o único verdadeiro Deus e, assim sendo, um instrumento universal para o avanço dos homens na espiritualidade. Ver o vs. 16 do presente capítulo.

Estamos falando em homens que se fazem a si mesmos. John Jacob Astor, por exemplo, filho de um carneiro alemão, iniciou sua carreira como vendedor de bolos na cidade de Nova Iorque. Em seguida, tornou-se um bem-sucedido negociante de couros. Com seu dinheiro, comprou uma propriedade em Manhattan, distrito de Nova Iorque. Em 1929, sua fortuna tinha alcançado a fantástica soma de 500 milhões de dólares. *Ele fez isso*, dizemos, mas os únicos projetos que permanecem para sempre são os que Deus estabelece. Damos crédito a *instrumentos* que trabalham arduamente, mas o favor divino é o elemento necessário para qualquer sucesso verdadeiro. E o que é verdadeiro para indivíduos também é verdadeiro para nações. Yahweh precisava proteger Israel, ou essa nação seria reduzida a nada. Israel era uma nação escolhida e distinta, mas o pecado produziu o caos. E só o arrependimento poderia levar à restauração. Ver Deu. 7.6 e 32.9 e suas notas expositivas.

Pactos em Ação. Israel era um povo em aliança com Deus, mas era papel de Yahweh dar a eles o sucesso. Ver sobre *Pacto Abraâmico* em Gên. 15.18; *Pacto Mosaico* na introdução a Êxo. 19; *Pacto Palestínico* na introdução a Deu. 29.

Do meio do forno de ferro. O cativeiro de Israel no Egito incluía trabalho realmente forçado, com a fabricação obrigatória de certo número de tijolos, a imposição de transportar pesadas cargas, pouco descanso e muito trabalho árduo. Ver Deu. 4.20.

8.52

A fim de os ouvires em tudo quanto clamarem a ti. A *Misericórdia Divina* *Livraria o Povo de Israel*. Yahweh veria a aflição do povo de Israel na Babilônia. Jerusalém estaria em ruínas e o templo de Salomão estaria destruído! Um novo templo seria construído. Yahweh não deixaria Seu povo desolado, caso eles O buscassem. Ele estaria esperando e observando.

A fim de os ouvires. O apelo para que Yahweh *ouvísse* é repetido por treze vezes nessa oração de Salomão, e o apelo em favor do *perdão* é reiterado por seis vezes.

*Eis que nos portais Ele está esperando e observando,
Vigiando por ti e por mim.*

...
*Volta para casa, volta para casa,
Vós que estais cansados, volta para casa.
Intensa e ternamente Jesus está chamando,
O pecador, volta para casa.*

(Will L. Thompson)

*Assiste-nos, ó Deus e Salvador nosso,
pela glória do teu nome;
livra-nos e perdoa-nos os pecados,
por amor do teu nome.
Por que diriam as nações:
Onde está o seu Deus?*

(Salmo 79.9,10)

Cf. este versículo com Deu. 4.7. Ver também Dan. 9.19 e Eze. 20.9,14,22 quanto a sentimentos semelhantes. Cf. a declaração feita pelo Senhor Jesus em João 12.28; e ver também Efé. 1.6,12,14 e I Cor. 10.31.

8.53

Tu... os separaste dentre todos os povos da terra. O caráter *ímpar* de Israel foi uma das bases do apelo de Salomão. Ver Deu. 4.4-8 quanto ao caráter *distintivo* de Israel. O autor sacro reforça aqui as idéias do vs. 51, onde há comentários detalhados. Somente Israel era um povo em aliança com Deus. "A reivindicação especial de Israel era a Sua escolha especial e inteiramente desmerecida do povo israelita. Os escritores deuterônômicos enfatizaram continuamente essa idéia. Cf. Deu. 7.7-8; 9.4,5 e 23.5. A crença em uma *escolha* especial pode ser encontrada em toda a Bíblia. De fato, a Bíblia foi escrita com esse motivo fundamental em vista. A ênfase dos profetas é sempre que a escolha se deveu totalmente ao amor livre e incondicional de Deus, ou seja, independentemente dos merecimentos de Israel... A idéia de Israel como nação separada de todas as demais está articulada em Amós 3.2... E tornou-se rigorosamente exclusivista durante o período pós-exílico" (Norman H. Snaith, *in loc.*).

Isso, naturalmente, sublinha o problema da relação entre a predestinação divina e o livre-arbítrio humano. Ambas as doutrinas são ensinadas nas Escrituras e, em Cristo, qualquer indivíduo que assim quiser poderá aceitar a oferta de salvação. As duas doutrinas põem-se lado a lado nas Escrituras, sem nenhuma tentativa de reconciliação, e as tentativas humanas de reconciliá-las só têm produzido muita confusão na Igreja, em todos os séculos. Assim, o ódio tem sido gerado onde o amor deveria estar reinando. Ver no *Dicionário* os seguintes artigos, que nos ajudam a entender melhor o assunto: *Eleição; Predestinação (e Livre-arbítrio)*.

Para tua herança. Quanto a Israel como herança de Yahweh, cf. Êxo. 34.9; Deu. 4.20 e 9.26,29. Israel era a possessão especial de Yahweh, o Seu tesouro, o depositário de Suas bênçãos, o Seu instrumento para o crescimento na espiritualidade.

8.54

Tendo Salomão acabado de fazer ao Senhor toda esta oração. Parece que Salomão se pusera de pé para orar, e depois se ajoelhou, o tempo todo com as mãos estendidas para o céu, fazendo um apelo intenso a Yahweh pelo bem de Israel. Ele era o rei na *época áurea* de Israel e esperava (inutilmente) que, de

alguma maneira, essa bênção e glória continuassem, com toda a sua prosperidade, livres do caos produzido pelo pecado.

No vs. 22 vimos Salomão colocar-se de pé para começar a orar. Ele esteve de pé e depois se ajoelhou. Esse mesmo vs. 22 também se refere às mãos estendidas de Salomão, sem dúvida com as palmas para cima. Ficar de pé era a postura comum para alguém orar. Pôr-se de joelhos era uma prática menos frequente, e também menos mencionada nas Escrituras. Snaith informa-nos que isso aparece em somente sete referências do Antigo Testamento, mas não as oferece. Eis essas sete referências: aqui e Jui. 7.5,6; I Reis 19.18; II Crô. 6.13; Sal. 95.6 e Dan. 6.10. Cf. I Reis 19.18.

Tipologia. Em seu ato de oração, Salomão foi tipo de Cristo, o qual ora (intercede) intensamente por Seu povo, a Igreja (ver Apo. 8.3,4). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Intercessão*, quanto a detalhes completos.

Estando de joelhos. Em atitude de humildade, e nessa postura ele terminou sua oração. Ele se ajoelhou na "tribuna de bronze" (ver II Crô. 6.13).

A Bênção de Salomão (8.55-61)

8.55

Pôs-se em pé. A postura comum para os que oravam era colocar-se em pé, com os braços estendidos e as palmas das mãos voltadas para o céu. Ver os vss. 22 e 54 deste capítulo. A bênção era pronunciada em voz alta, para que toda a multidão pudesse ouvir, e a fim de que Yahweh observasse quão intensa era a pronúncia da bênção.

Abençoou a toda a congregação. Salomão terminou sua oração e pôs-se em pé, abençoando então o povo reunido, à semelhança do que faria o sumo sacerdote. Ele ansiava que a antiga promessa de Deus não caísse por terra, mas, antes, tivesse um cumprimento glorioso. Para tanto, era mister que Yahweh ouvisse as orações do povo israelita, curasse seus ferimentos, conferisse a eles orientação especial e óbvia, e os ajudasse a guardar a lei de Moisés, que era a base de toda bênção e prosperidade. Somente assim poderia haver uma vida longa e próspera (ver Deu. 4.1; 5.16; 22.6,7 e 25.15). Ver também Eze. 20.11.

A bênção da congregação era dever do sumo sacerdote e, algumas vezes, até dos simples sacerdotes (ver Núm. 6.23-27), mas também era um direito que cabia aos reis de Israel.

8.56

A história de Israel demonstrava o poder e a graça de Deus, e esperava-se que isso continuasse no futuro, trazendo os mesmos benefícios. A fidelidade de Yahweh no cumprimento das Suas promessas é um tema frequente do Antigo Testamento e enfatizado no Novo Testamento em Heb. 11.13. As promessas divinas estavam espalhadas pelos vários pactos: o *Pacto Abraâmico* (ver as notas expositivas em Gên. 15.18); o *Pacto Mosaico* (anotado na introdução a Êxodo 19); o *Pacto Palestínico* (anotado na introdução a Deu. 29); e o *Pacto Davidico* (em II Sam. 7.4). Nesses pactos estão contidas as promessas vitais de Deus ao Seu povo. Ver também Jos. 23.14 e ainda Êxo. 33.14, quanto à promessa do descanso. Quanto ao descanso na terra da Palestina como um lugar de herança, ver Deu. 12.9,10.

Davi havia derrotado oito nações inimigas, o que possibilitou a Salomão expandir e embelezar o reino. Ver as notas expositivas em II Sam. 10.19 sobre as vitórias de Davi.

8.57

O Senhor nosso Deus. Yahweh-Elohim foi o objeto da oração de Salomão, bem como o poder divino que faria ter cumprimento as promessas de Deus. Sem o poder divino, tudo estaria perdido. Ele é o Deus eterno e Todo-poderoso, conforme indicam as palavras hebraicas. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Deus, Nomes Bíblicos de*. Da mesma maneira que o grande poder de Deus estivera com os patriarcas, e também com Israel, ao ser esse povo tirado da servidão no Egito e introduzido na Terra Prometida, assim também Salomão agora requeria que o mesmo poder estivesse continuamente com os filhos de Israel.

*Fonte Tu de toda a bênção,
Vem o canto me inspirar:
Dons de Deus, que nunca cessam,
Quero em alto som louvar.
Oh! ensina o novo canto
Dos remidos lá dos céus
Ao teu servo e ao povo santo
Para Te louvarmos, bom Deus!*

*Cá meu "Ebenézer" ergo,
Pois Jesus me socorreu;
E, por sua graça, espero
Transportar-me para o céu.
Eu, perdido, procurou-me,
Longe do meu Deus, sem luz;
Maculado e vil, lavou-me
Com seu sangue o bom Jesus.*

(Robert Robinson)

Oh, Senhor, concede-nos tal graça! Quanto ao *Ebenézer*, ver no *Dicionário*. E quanto a notas expositivas adicionais, ver I Sam. 7.12.

Os antepassados patriarcais dos israelitas não haviam sido abandonados por Yahweh. Se o tivessem sido, Salomão não estaria ali dedicando o templo e pronunciando uma bênção sobre todo o povo de Israel. Portanto, naquele dia, Israel não seria abandonado pelo poder divino, pois, do contrário, não haveria grande futuro. Cf. Jos. 1.5. Ademais, os pactos requeriam continuidade de poder e de bênçãos.

8.58

A fonte originária de todas as bênçãos divinas era a observância da lei mosaica. Encontramos aqui, novamente, a tríplice designação da lei: mandamentos, estatutos e preceitos. Anotei sobre essa tríplice designação em Deu. 6.1. A guarda da lei significava longa e abençoada vida (ver Deu. 4.1; 5.16,33; 22.6,7; 25.15). Salomão havia trabalhado por sete anos e meio para construir o templo (6.38), algo que teve o propósito específico de ajudar o povo a centralizar sua adoração em Jerusalém. E essa adoração girava em torno da legislação mosaica e suas muitas leis e cerimônias. Portanto, a própria existência do templo era um testemunho da importância de observar a lei.

Para andarmos em todos os seus caminhos. A lei deveria ser conhecida e observada. Isso significava que o povo de Israel tinha de andar nela, ou seja, toda a sua conduta deveria ser governada pela lei. Quanto à metáfora do ato de andar, ver esse termo no *Dicionário*. Os pais tinham recebido a lei. Era o padrão deles e deveria ser o padrão de conduta ideal no caso dos filhos. Teria de haver continuidade nessa maneira de andar, caso Israel tivesse de sobreviver como instrumento especial de Deus, servindo à espiritualidade em um mundo tenebroso.

Cumprir a vontade de Deus, mediante a obediência, é algo que vem do coração, ou seja, vem de inclinar o coração para as coisas espirituais. Certamente temos aí a obra do Espírito, pois, do contrário, o programa divino haverá de entrar em colapso. O versículo fala sobre a livre escolha humana. O homem tem um coração (um homem interior, mente e vontade) para encontrar-se com o que é divino. Deus tem também Sua parte a cumprir. Ele aceita e acentua os nobres desejos do homem. Assim, combinam-se o humano com o divino. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Predestinação* (e *Livre-arbítrio*) quanto a uma ilustração da cooperação da vontade humana com a vontade divina.

Cf. o vs. 61, onde as idéias do presente versículo são enfatizadas e embelezadas.

8.59

A Oração Foi Boa e Intensa. As bênçãos também seriam boas e intensas. Mas nenhuma coisa nem outra seria algo se Yahweh-Elohim não ouvisse diariamente e não emprestasse aos filhos de Israel o Seu poder. A súplica precisava aproximar-se do coração de Deus. Então Deus tinha de continuar a manter a causa de Israel dia após dia, conforme as necessidades. De outra sorte, nada de especial aconteceria na Palestina, e as promessas dos pactos (ver as notas expositivas sobre o vs. 56) seriam reduzidas a nada.

Quanto à causa de Israel, ver as notas sobre o vs. 49. A causa de Israel era a causa do Pacto Abraâmico; também do Pacto Mosaico; também do Pacto Palestínico; e, finalmente, também do Pacto Davidico. Quanto aos lugares onde esses pactos figuram na Bíblia, ver os comentários sobre o vs. 56. A causa era, antes de tudo, de Deus; então era de Israel, conforme os propósitos de Deus operassem através daquela nação. A causa de Israel, pois, teria maior fruição em Cristo, o Messias, o Filho Maior de Abraão e de Davi. Em Jesus Cristo, pois, temos o novo pacto e a universalização de todas as promessas divinas, visando o benefício de todos os homens. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete denominado *Novo Testamento*; e no *Dicionário* o artigo geral chamado *Pactos*. Parte da causa deveria continuar na linha davidica (8.25). O Messias foi o verdadeiro cumprimento da promessa envolvida nesse propósito.

8.60

Para que todos os povos da terra saibam. O destino de Israel era abençoar, e não amaldiçoar. Se Israel fosse exaltado e sua casa promovida, então todas as nações da terra se beneficiariam. Isso fazia parte integral do Pacto Abraâmico. O conhecimento de Yahweh por toda a terra traria somente benefícios. Naturalmente, no cristianismo, isso se cumpriu com muito maior extensão que nos dias do Antigo Testamento. Então, nas eras do porvir, o trabalho será absolutamente universal, conforme somos informados em Efé. 1.9,10. Ver sobre *Mistério da Vontade de Deus* no *Dicionário*, e ver sobre *Missão Universal do Logos* na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. O Antigo Testamento demonstrava alguma previsão quanto a coisas bem maiores no futuro, para o benefício de todos os povos de todos os tempos. Os povos seriam unificados sob o único verdadeiro Deus, Yahweh (*monoteísmo*, ver no *Dicionário*), mas isso não é meramente uma doutrina. O único Deus tenciona que todos os homens se tornem *unos*, o que corresponde ao mistério de Sua vontade. O poder de Deus haverá de afetar todos os homens, afinal, visando-lhes o *bem*, e isso significa *redenção e restauração*. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* sobre esses temas. O Antigo Testamento tinha *algum* discernimento quanto a coisas futuras. Por certo o vs. 60 fala mais do que do conhecimento de Deus, dentro do contexto monoteísta. Ver Isa. 11.9, que certamente demonstra isso.

Adições. Neste ponto, o trecho paralelo de II Crô. 6.41,42 tem algumas notáveis adições à história.

8.61

Este versículo é uma repetição do vs. 58, ao mencionar o *coração*, que deve ser favoravelmente inclinado para Deus; e o *andar*, que deve estar em consonância com a lei. “Sede sinceros em vossa fé; sede irrepreensíveis em vossa conduta” (Adam Clarke, *in loc.*). “Sinceros em seu amor para com Ele; unidos em sua adoração a Ele; e constantes em sua obediência a Ele” (John Gill, *in loc.*).

Adição. O trecho paralelo de II Crô. 7.1 adiciona a questão do fogo que desceu do céu e uma reiteração do fenômeno da nuvem. Cf. o vs. 11 deste capítulo com Êxo. 40.34,35 e Lev. 9.23,24. O fogo consumiu os sacrifícios e testemunhou a aprovação de Yahweh a tudo quanto aconteceu naquele dia.

Sacrifícios Elaborados e a Festa (8.62-66)

A *parte coroadora* da cerimônia foi o grande número de sacrifícios oferecidos e a festa e o regozijo que se seguiram. Não foi coisa de somenos que o templo tivesse sido terminado, que suas cerimônias e sacrifícios tivessem começado, e que a adoração estivesse finalmente centralizada em Jerusalém.

8.62,63

Ficamos assombrados diante do gigantesco número de animais que foram sacrificados. Snaith usa aqui a palavra “enorme”, mas até mesmo essa palavra é apenas um eufemismo do que estava acontecendo. O número de 22.000 bois e 120.000 ovelhas parece demais para acreditar! A Septuaginta omite toda referência à matança de ovelhas, e isso pode ter estado em harmonia com a padronização do texto massorético. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Texto Massorético (Massorah)*. Naturalmente, foram sacrificadas ovelhas, já que elas estavam entre os cinco tipos de animais que podiam ser oferecidos (ver as notas em Lev. 1.14-16). Mas 120.000 ovelhas parece ser um equívoco numérico, ou um exagero da parte de um editor posterior. Josefo diz-nos que havia 12.000 ovelhas. Como é óbvio, isso é mais razoável do que o número que aparece no texto massorético, e Josefo sempre se mostra bastante exato com os números. Ver sobre *Sacrifícios e Ofertas*, no *Dicionário*.

Diante do Senhor. Os sacrifícios dos hebreus eram atividades comunitárias, e Yahweh era o participante (invisível) mais distinguido. A parte que cabia a Deus eram as ofertas de *gordura* e *sangue*. Quanto às leis sobre a gordura e o sangue, ver as notas em Lev. 3.17. Os sacrifícios foram feitos com vistas à expiação e para agradar a Yahweh. Em seguida, os sacerdotes teriam suas oito porções para comer (ver Lev. 6.26; 7.28-38; Núm. 18.8; Deu. 12.17,18). E o restante da carne era para consumo da multidão, de modo que uma festa comunitária tornou-se parte dos sacrifícios. Foi uma jubilosa ocasião. Ver o artigo geral chamado *Sacrifícios e Ofertas*.

Os sacrifícios e a festividade que se seguiram foram uma conclusão apropriada para a dedicação do templo. Tendo sido feito isso, os sacerdotes podiam entrar, com a aprovação do Senhor, e então dar início aos rituais e sacrifícios diários e a tudo o que compunha o culto da fé dos hebreus.

Céstio, o governador romano, certa ocasião, ofereceu 265.000 ovelhas, e esse caso é referido para consubstanciar os números gigantescos que figuram no

vs. 63. Mas pode-se dizer facilmente que o número também foi um grande exagero (ver Josefo, *Guerras*, 1.6, cap. 9, seção 3). Naturalmente, a festa durava catorze dias e, sem dúvida, grande número de animais foi sacrificado.

8.64

Quanto aos tipos de ofertas que faziam parte do sistema sacrificial dos hebreus, ver o seguinte:

Holocaustos: Lev. 1.3-17; 6.9-13.

Ofertas de cereais: Lev. 2.1-16; 6.14-18.

Ofertas pelo pecado: Lev. 4.1-35; 6.25,30.

Ofertas pela transgressão: Lev. 5.1-13; 6.1-7; 7.1-7.

Consagrações: Lev. 6.19-23.

Sacrifícios de ofertas pacíficas: Lev. 3.1-17; 7.11-33.

Ver Lev. 7.37, que faz uma recapitulação das oferendas em um único versículo, mas sem oferecer repetição acerca dos detalhes.

O altar de bronze. Essa é a primeira vez, em todo o Antigo Testamento, em que o altar dos holocaustos é chamado “de bronze”. Quanto ao *Altar de Bronze*, ver Êxo. 27.1 e o artigo geral no *Dicionário* intitulado *Altar*, sobretudo a seção IV.

8.65

Catorze dias de festividades e comemorações acompanharam os sacrifícios. A festa espalhou-se por toda a nação de Israel, não sendo efetuada somente em Jerusalém, mas se estendeu de Hamate até o rio do Egito. Isso assinala a extensão da Terra Santa, de norte a sul. A entrada de Hamate é o passo entre o monte Hermom e o Libano, que ficava ao norte do mar da Galiléia, cuja latitude era 33° 30', a mesma tanto de Sidom quanto de Damasco. O rio do Egito (wadi el-Arish) aqui referido não é o Nilo, conforme ocorre em algumas passagens. Ver, por exemplo, Gên. 15.18, onde o rio Nilo (o rio do Egito) foi originalmente assinalado, no Pacto Abraâmico, como a fronteira sudoeste ideal de Israel. A terra próxima ao ribeiro do Egito (chamado neste versículo de “rio do Egito”) nunca foi possuída por Israel e, em um sentido secundário, o ribeiro do Egito veio a ser conhecido como essa fronteira. Sob o título *Ribeiro do Egito*, no *Dicionário*, dou informações sobre o rio do Egito que aparece neste versículo. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Hamate, Entrada de*.

O autor não se importou em mencionar a fronteira entre leste e oeste. A fronteira ocidental era o mar Mediterrâneo, mas a fronteira oriental não foi fixada, sendo referida por certo número de cidades que havia ali e dando apenas uma idéia geral do território, sem nenhum delineamento específico.

Por sete dias. Em lugar de dizer simplesmente *catorze*, o autor nos fornece *dois setes*, por ser esse o número divino, sagrado. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Número (Numeral, Numerologia)*.

“Sete era o número sagrado em todas as áreas sujeitas à influência mesopotâmica” (Norman H. Snaith). John Gill (*in loc.*) explica que a primeira série de sete dias indicava as cerimônias de dedicação do templo, e a segunda série de sete dias apontava para a festividade em geral, que é a informação que o Targum nos dá sobre a questão. A Septuaginta, porém, menciona somente um total de sete dias. Cf. II Crô. 7.9. O texto diz-nos que o povo foi despedido no dia 23 do mês, um dia após o término da festa dos tabernáculos. Portanto, a dedicação começou no sétimo dia do mês, a festividade começou no dia 15, e tudo terminou quando se iniciou a festa regular dos tabernáculos. O dia da expiação era o décimo, de modo que o autor chegou ali na sua observação geral. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Dia da Expiação*. O mês envolvido foi *tisri*.

8.66

No oitavo dia. Ou seja, o dia seguinte à segunda série de sete dias, o vigésimo terceiro dia do mês de *tisri*. Ver as notas sobre o versículo anterior, quanto a detalhes e sobre como isso se relacionava a vários sacrifícios, festas e festividades do período. O oitavo dia era o dia seguinte à celebração usual da festa dos tabernáculos, um paralelo à dedicação do templo e às festas que se seguiram, totalizando catorze dias, duas séries de sete dias cada. Ver II Crô. 7.10.

Então se foram às suas tendas. Esta declaração é anacrônica, porque, a essa altura da história, Israel já contava com casas fixas e tinham cessado as perambulações durante as quais vivia em tendas. Mas sabemos o que o autor sagrado quis dizer: o povo voltou às suas casas, uma vez terminadas as festividades. O Targum diz aqui “às suas cidades”.

Terminadas as Festividades. O povo regozijou-se; grande coisa tinha acontecido, um fato importante na história de Israel. O magnífico templo de Salomão havia sido dedicado a Yahweh, e o culto religioso tinha-se centralizado em Jerusalém. Eles atribuíram tudo isso à *bondade de Israel* e agradeceram-lhe por tudo

quanto Ele tinha feito em favor de Davi (o texto presente) e por seu filho, Salomão (o trecho paralelo, II Crô. 7.10). O acontecimento todo, entretanto, foi em favor “de Israel”, conforme deixa claro o presente versículo. O sonho de Davi (ver II Sam. 7) se tinha realizado; Salomão havia recebido poder para executar o trabalho; e todo o povo de Israel se beneficiou. E, reconhecendo a significativa realização de Salomão, o povo “abençoou-o” conforme ele mesmo o havia abençoado recentemente, na oração de dedicação do templo (ver os vss. 54-61). Em outras palavras, Salomão recebeu um devido *reconhecimento* pelo que tinha feito.

*Ó Capitão, meu Capitão, nossa temível viagem terminou,
O navio atravessou cada escolho,
O prêmio que conquistávamos foi conquistado,
O posto está próximo, já ouço os sinos,
O povo todo exulta.*

(Walt Whitman)

Capítulo Nove

Prosperidade e Esplendor de Salomão (9.1 – 10.29)

Salomão foi o rei de Israel em sua época áurea. Foi sua energia, previsão e sabedoria que deram a Israel os melhores dias, na paz e na prosperidade, ainda unindo o povo de Israel como nação. Davi, pai de Salomão, mediante incansáveis vitórias militares, libertara o povo de Israel de seus adversários (ver II Sam. 10.19) e entregara um reino unido a seu filho, com todas as condições necessárias para extraordinária prosperidade.

O esplendor de Salomão foi prefaciado, neste capítulo, pelo registro de sua *segunda visão*, na qual Yahweh aproximou-se e deu-lhe instruções sobre como ele seria um rei bem-sucedido e levaria Israel ao máximo de sua glória. Sua primeira visão foi-lhe conferida em Gibeom. Ver I Reis 3.5. Cf. II Crô. 7.12. A experiência de Salomão alerta-nos para o fato de que a espiritualidade deve consistir em mais do que instruções religiosas e exortações morais. Precisamos entrar em contato com a presença divina. Outras coisas, embora sejam contribuições valiosas e coisas necessárias, ficam aquém do alvo. Todo culto religioso tem o propósito de ajudar o adorador a tomar-se cômico da presença de Deus. Precisamos do toque místico em nossa vida, do grande poder energizador de Deus, do qual só pode resultar espiritualidade ainda maior. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Desenvolvimento Espiritual*, *Meios do e Misticismo*.

No contexto do Antigo Testamento (incluindo este capítulo), *todo o sucesso* condicionava-se à obediência à lei mosaica, um tema que se repete por várias e várias vezes. I Reis 8.43-61 enfatiza fortemente o mesmo tema, e agora nós o encontramos de novo. Em nossa mentalidade neotestamentária, sentimos a ausência do Espírito em boa parte da instrução legalista, mas não devemos esquecer que, afinal, a *lei* era o que tornava Israel um povo distinto. Quanto a esse tema, ver Deu. 4.4-8. A lei era tida como doadora de *vida*, bem como de todas as bênçãos nela contidas (ver Deu. 4.1; 5.33; Eze. 20.11).

9.1,2

Tendo acabado Salomão de edificar a casa do Senhor. Foram necessários sete anos e meio para Salomão edificar o templo (I Reis 6.38) e então outros treze anos para Salomão edificar seu próprio palácio magnífico (I Reis 7.1). Portanto, foram vinte anos de trabalho árduo no esforçado programa de edificações, o qual, sem dúvida, incluiu mais do que o templo e o palácio real. Salomão pôs-se a embelezar a própria nação. Em seguida, efetuou elaboradas cerimônias de dedicação e sacrifícios de animais (capítulo 8). Tendo feito tudo quanto tinha resolvido, Salomão descansou. Foi durante esse período que Yahweh apareceu pela *segunda vez*, dando-lhe outra significativa experiência mística. Quanto à primeira ocasião, ver I Reis 3.5. Precisamos do toque místico, sobre o qual comentei na introdução ao presente capítulo, de modo que não repito os detalhes aqui. É significativo que as elevadas experiências místicas de Salomão lhe tenham sido dadas em períodos de descanso. As atividades cansativas usualmente não conduzem a elevadas experiências espirituais, embora sejam parte necessária da vida e úteis na *produção*. No entanto, experiências espirituais elevadas em tempos de descanso, meditação e reflexão também são necessárias para nosso bem-estar espiritual. O homem espiritual saudável não é apenas um produtor. Ele também precisa ter encontros com a presença divina para alimentar sua alma.

Oh, espalhai as notícias ao redor, por onde quer que o homem possa ser encontrado; onde quer que o coração humano abunde. Que a língua de todo crente proclame o som jubiloso: o Consolador chegou.

(F. Bottome)

9.3

Yahweh viu todo aquele labor e a dedicação elaborada do templo; Ele aprovou os sacrifícios feitos; a Sua presença agora estava garantida pelo templo. Haveria ali poder e graça abundantes e para todos. Seus olhos estavam postos sobre Israel para *abençoá-lo*; Seu *coração* estava com o povo para beneficiá-lo. No entanto, tudo isso estava condicionado à lei, conforme demonstram os versículos seguintes.

O Targum menciona, especificamente, a glória *shekinah* que ali brilhava. Ver no *Dicionário* sobre *Shekinah*. A providência divina agia em favor do povo de Israel. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Providência de Deus*. “... tudo era promessa e encorajamento” (Ellicott, *in loc.*). Mas, dentro de pouco tempo, Salomão cairia em pecado, e o povo cairia juntamente com ele. Quão brevemente o pecado lançou confusão e arruinou imediatamente após a dedicação do templo as condições esplêndidas que existiam. “Infelizmente, o rei caiu, e a nação seguiu o seu exemplo!” (Adam Clarke, *in loc.*).

9.4

A obediência à lei era a condição para uma bênção contínua. Cf. com I Reis 8.43-61. Ver a introdução ao capítulo quanto a detalhes, que não repito neste ponto, incluindo várias referências a notas dadas em outros lugares. A palavra de ordem definida era: “Confiai e obedecei, pois não há outro caminho”.

Davi, Homem Exemplar. Davi foi cometeu horrendos equívocos e crimes inexplicáveis. Mas, de maneira geral, seguia nos calcanhares de Yahweh e respeitava e obedecia à Sua lei. Ele era um rei que tinha cumprido a sua missão. Salomão também tinha uma missão a cumprir, e a obediência à lei mosaica, em um *andar* diário, era a condição para seu sucesso. Ver no *Dicionário* sobre a metáfora do *Andar*.

Aqui a lei é referida mediante dois termos: estatutos e ordenanças. Cf. a tripla designação da lei em Deu. 6.1, que é essencialmente repetida e também anotada em I Reis 8.58. Ver também o vs. 61 daquele capítulo.

Estatutos. As muitas leis, a começar pelos Dez Mandamentos; o corpo inteiro da lei que governava todo fato da vida.

Juízos. Os ritos e cerimônias que acompanhavam os mandamentos, que governavam o *modus operandi* do culto religioso.

O *coração* de Salomão tinha de estar em sua vida espiritual, tal como estive- ra o coração de Davi, a despeito de seus muitos lapsos. Quanto a Davi como homem “segundo o coração de Deus”, ver I Sam. 13.14.

9.5

A promessa sobre a perpetuidade do trono davídico (ver II Sam. 7.12,13; Sal. 132.11,12 e I Reis 8.25) dependia da obediência apropriada à lei. Naturalmente, no Messias, essa promessa cumpriu-se eternamente, conforme afirmam as notas nos versículos mencionados, mas sobre a terra a linhagem de Davi fracassou há muito tempo.

“A dinastia davídica, embora interrompida durante séculos, a começar com o cativo babilônico, será restaurada pelo Messias quando ele se sentar no trono de Davi, durante o milênio (Sal. 89.30-37)” (Thomas L. Constable, *in loc.*). Naturalmente, muitos intérpretes pensam que esse cumprimento seria espiritual, e não literal e visível sobre a terra. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Reino de Deus*.

9.6

Se vós e vossos filhos... vos apartardes de mim. O afastamento de Israel de Yahweh resultaria na temida prática da *idolatria* (ver a respeito no *Dicionário*). Com isso, as promessas falhariam e sobreviria o juízo, finalmente sob a forma do cativo babilônico (vs. 7). Esse é precisamente o mesmo tema que encontramos em I Reis 8.46,47, onde os detalhes sobre a questão são dados. Se Israel voltasse suas costas a Yahweh, Ele, por Sua vez, voltaria as costas para os israelitas e os entregaria nas mãos dos babilônios, a fim de serem castigados. O próprio Salomão caiu no pecado da idolatria, mediante a má influência de suas esposas pagãs, e Israel o seguiu nesse erro. Seu magnífico templo acabou jazendo em ruínas, e os inimigos de Israel puseram-se a *zombar* do povo de Israel.

Naturalmente, há mais coisas no destino e nas misteriosas operações divinas do que diz a filosofia sobre o pecado-calamidade. Há destinos a serem cumpridos; há movimentos históricos que devem acontecer; há o problema do mal que ataca os homens a fim de curá-los de todas as suas maldades. Mas essas considerações não fazem parte da teologia dos capítulos 8 e 9, que põe tudo em um mesmo nível: a *teoria do pecado-calamidade*. Essa é uma verdade temível, mas não exprime toda a verdade sobre o destino dos indivíduos e das nações.

9.7

A calamidade resultante do pecado seriam os cativos: o assírio, em 722 A. C., que levou cativa a nação do norte (Israel) para nunca mais retornar, e o babilônico, em 597 A. C., que levou a nação do sul (Judá), da qual retornou um remanescente. Particularmente está em vista aqui o cativo babilônico. Este versículo é paralelo a I Reis 8.46,47, onde oferece as notas expositivas. Ver também no *Dicionário* o artigo chamado *Cativeiros*. Os críticos supõem que passagens como essas não sejam declarações proféticas (de Salomão ou Yahweh), mas, sim, observações históricas feitas por algum editor posterior que já tinha conhecimento dos cativos, os quais já haviam acontecido. Conforme diz o trecho paralelo de II Crô. 7.20, Israel seria arrancado “da minha terra que vos dei”. O povo, antes glorificado, exaltado e distintivo, passaria a ser motivo de zombaria por parte de outros povos, a ponto de a estupidez e a miséria de Israel se tornarem *proverbiais* e referidas em declarações sarcásticas e candentes. “... judeus incrédulos, teimosos e de dura cerviz são palavras até hoje em uso comum” (Adam Clarke, *in loc.*). Eles se esqueceram de Yahweh; rejeitaram o seu próprio Messias; o templo deles foi destruído; eles foram dispersados por toda a face da terra.

*Todas as coisas vos atraíam,
A vós que me traístes.*

(Francis Thompson)

9.8

Agora tão exaltada. Assim diz o texto massorético. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Massora* (*Massorah*); *Texto Massorético*. Esse é o verdadeiro texto do trecho paralelo de II Crô. 7.21. Mas as versões do latim antigo e do siríaco provavelmente preservam o texto hebraico original: “tornar-se-á um montão de ruínas”. Os editores do texto massorético não agüentariam deixar este lamentável texto sem modificação. Devemos lembrar que o texto massorético é bastante tardio, harmonizado. E algumas vezes as versões, sobretudo a Septuaginta, retêm textos que representam melhor o texto hebraico original. Os chamados manuscritos do mar Morto demonstram abundantemente esse fato. Alguns desses antiquíssimos manuscritos, em alguns lugares, concordam com a Septuaginta, em contraste com o texto massorético. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Manuscritos (Rolos) do Mar Morto*.

A Lição Moral. Nenhuma grande espiritualidade ou sucesso do passado serve de garantia para o sucesso ou o bem-estar do futuro. Salomão, a despeito de toda a sua magnificência, caiu na idolatria e pôs fim à época áurea de Israel.

*Aquele, pois, que pensa estar em pé,
veja que não caia.*

(I Coríntios 10.12)

“A desobediência para com Deus torna-nos traidores para com Deus. Salomão teria de aprender essa lição mediante o caminho mais difícil” (Ralph W. Sockman, *In loc.*).

Certa vez, o povo de Israel olhou para o elevado templo (55,20 metros no ápice da torre, II Crô. 3.4) e ficou admirado. Mas, uma vez que o templo ficou arruinado, o mesmo povo olhou para os escombros e ficou “pasmado”, assobiando de zombaria diante das ruínas e perguntando por qual motivo Yahweh havia permitido tamanha destruição em Sua própria casa. O texto hebraico diz literalmente, “assobiando de pasmo”. O assobio continua, até hoje, a ser um sinal para exprimir surpresa ou admiração. E quando os pagãos assobiassem diante das ruínas do templo, fá-lo-iam movidos pelo ridículo surpreendido. A Vulgata adiciona aqui uma glosa explicativa: “Esta causa servirá de exemplo”. “Sua magnificência e suas ruínas seriam igualmente conspícuas, pois uma cidade edificada em uma colina não pode ser escondida” (Ellicott, *in loc.*).

9.9

Responder-se-lhe-á. Eles abandonaram Yahweh; e Yahweh os abandonou. Eles se voltaram para os ídolos, e a corrupção deles os corrompeu. Eles confiaram em outros deuses, e esses deuses os aniquilaram. Adoraram a outros deuses, e esses deuses os degradaram. Mereceram o mal que Yahweh trouxe contra eles, e tornaram-se um *exemplo* do que sucede a povos depravados. Reis posteriores desviaram Israel para a idolatria, e foi Salomão quem deu início a todo o processo (I Reis 11.4-8). Salomão pôs a nação de Israel na vereda que a levaria ao cativeiro, em menos de 300 anos (o cativeiro assírio) e em menos de 500 anos (o cativeiro babilônico). Judá teve a mesma triste sorte. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Idolatria*. Mas o retorno de um remanescente, para começar tudo de novo, foi um sinal da misericórdia e do amor de Yahweh, que vence a todo o mal (ver Jer. 16.14,15; 23.7,8).

A Saída do Egito. Este evento é usado com frequência, no Antigo Testamento, a fim de demonstrar o poder e o favor de Deus para com Israel. Uma grande nação foi feita dos escravos que, durante séculos, estiveram cativos no Egito. Somente o poder divino poderia ter realizado esse feito. Moisés foi o instrumento, o homem do momento, para aquele período da história israelita. A expressão “tirou da terra do Egito” aparece por mais de vinte vezes no livro de Deuterônimo. Ver Deu. 4.20 quanto às notas expositivas. Ver também I Reis 6.1; 8.9,16,21,51,53.

Informações sobre a Magnificência e a Sabedoria de Salomão (9.10 – 10.29)

Em I Reis 11 temos a informação desanimadora sobre os pecados e as falhas de Salomão, que produziram o cumprimento das temíveis profecias de Yahweh (ver os comentários nos vss. 6-9). Porém, antes que nos apresente esse material, o autor se detém nesta longa seção para descrever o esplendor da corte de Salomão. Ele foi rei durante a *época áurea* de Israel, quem impulsionou toda a engrenagem. Isso não aconteceu por mero acidente. Ver a introdução ao presente capítulo quanto aos detalhes sobre a questão, os quais não repito aqui.

O Trabalho dos Editores. A seção à nossa frente consiste em uma série de narrativas bastante desconexas. A ordem das narrativas, na Septuaginta, é diferente, e isso subentende que o texto hebraico original não era exatamente como vemos, hoje, no texto massorético. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Massora* (*Massorah*); *Texto Massorético*. Ver também *Manuscritos (Rolos) do Mar Morto*. A Septuaginta e, ocasionalmente, outras versões aparentemente retêm alguns textos que são mais próximos do original hebraico do que o chamado texto massorético, que é um texto posterior, harmonizado. Os textos dos manuscritos do mar Morto demonstram a veracidade dessa assertiva, pois ocasionalmente se põem ao lado da Septuaginta contra o texto hebraico conhecido hoje. Portanto, apesar de não podermos substituir o texto massorético pela Septuaginta, devemos ter sempre isso em mente quando aparecem variações. Ver no *Dicionário* sobre *Septuaginta*. A maioria dos críticos supõe que, no tocante à presente seção, a ordem que figura na Septuaginta seja preferível ao texto massorético. De qualquer maneira, esta seção registra mais sobre as atividades de Salomão como construtor, o trabalho forçado imposto a muitos, a venda de *vinte e três cidades* da Galiléia a Hirão, de Tiro, as atividades marítimas de Salomão (sob cujo reinado se deu a única oportunidade de Israel tornar-se uma potência marítima), seus negócios em ultramar, a visita da rainha de Sabá e outros detalhes que procuram impressionar-nos com a sabedoria, as riquezas e o esplendor do reinado salomônico.

9.10

Salomão levava vinte anos para construir o templo e o palácio real, o que ficamos sabendo em I Reis 6.38 e 7.1, e o autor sacro, nesta altura da narrativa, lembra-nos disso a fim de introduzir outros feitos gloriosos do monarca. Além disso, sabemos (e somos agora lembrados) que muito do material de construção fora fornecido por Hirão, rei de Tiro. Salomão teve de saldar a dívida assumida, e o texto à nossa frente diz como esse pagamento foi efetuado.

9.11

A Contribuição de Hirão, Rei de Tiro. Ver o trecho de I Reis 5.9 ss. quanto à contribuição de Hirão ao templo requisitada por Salomão através de carta e de um mensageiro. O vs. 14 deste capítulo diz-nos quanto ouro foi enviado por Hirão a Salomão. Parece que Salomão, por causa de suas abundantes atividades como construtor, andou falto de dinheiro e precisou pagar suas dívidas através de propriedades. Salomão mostrou-se aparentemente generoso ao dar ao rei de Tiro vinte cidades da Galiléia, mas Hirão ficou um tanto desapontado ao inspecioná-las (vs. 12). Não somos informados, porém, sobre *como* ou mesmo *se* Salomão suplementou o que já havia dado ao rei de Tiro. Supomos que Hirão simplesmente tenha feito um mau negócio com essas cidades, mas disso não resultou nenhuma guerra.

Porventura, Salomão realmente deu as cidades? Talvez o acordo fosse que Hirão poderia usá-las para efeitos agrícolas, para negociar ou comerciar. O fato é que essas cidades não foram adicionadas aos domínios tírios. II Crô. 8.2 diz que Hirão devolveu as cidades a Israel. Alguns estudiosos supõem tratar-se de cidades pagãs que nunca haviam sido incorporadas à nação de Israel, de modo que estavam livres para serem dadas. II Crô. 8.2 indica uma reversão na transação original, mas ficamos com a impressão de que Hirão fez um mau negócio que nunca foi corrigido. Esse negócio injusto, sem dúvida, foi um dos fatores que conduziram ao início da escorregadela de Salomão para a idolatria e à degradação que poria Israel na vereda do cativeiro. Salomão maltratou assim o antigo amigo de Davi, Hirão, que também ansiava ser amigo de Salomão (ver I Reis 5.1 ss.).

9.12

Com o coração apertado, Hirão viu as cidades degradadas e suas inúteis terras adjacentes. Ele fizera uma má barganha. Salomão, o *sábio*, havia usado

sua sabedoria para enganar Hirão. Ele sabia muito bem o estado de miséria em que se encontravam aquelas vinte cidades. Ele atirara no colo de Hirão aquelas cidades inúteis, e disso poderia ter resultado uma guerra. Não há nenhum registro histórico de *reparação*. Não é de admirar, pois, que Hirão, por fim, e provavelmente não muito depois, simplesmente tenha devolvido as cidades a Salomão, o qual as edificou para habitação de israelitas (II Crô. 8.2). As porções ocidentais da Galiléia jaziam próximo às fronteiras com Tiro e teriam valido muito para Hirão, se tivessem de fato algum valor. As cidades precisaram ser *reconstruídas*, mas Hirão não estava interessado em fechar um negócio como aquele. Ele simplesmente rejeitou o negócio, a despeito do prejuízo que isso representou para ele. Provavelmente em razão de sua amizade por Davi (ver I Reis 5.1), Hirão dispôs-se a esquecer o mais rapidamente possível todo o incidente. Mas podemos estar certos de que Hirão não continuou negociando com Salomão, a partir daquela data. Hirão não declarou guerra, mas também não se mostrou amigo íntimo de Salomão, depois disso. Salomão fizera um mau negócio. Em algum ponto, em algum tempo, ele teria de pagar pelo que fizera. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*.

9.13

Que cidades são estas que me deste, Irmão meu? Essas foram as sarcásticas palavras de Hirão a Salomão. Hirão não declarou guerra a Salomão, nem lhe cobrou reparações, mas não aceitou livremente a oferta. Ele falou palavras amargas, por causa do logro de Salomão. E Hirão chamou todo aquele território e suas cidades de *Cabul*. Ninguém sabe com certeza qual é a derivação dessa palavra, mas popularmente ela queria dizer “como nada”. Josefo (*Antiq.* VIII.5.3) sugeriu “desagradável”. Hoje em dia, diríamos: “Salomão, tu me deste lixo”. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Cabul*, que oferece algumas outras explicações.

“Aqueles cidades são a mesma Decápolis, em Mat. 4.35, assim chamadas porque eram as dez cidades estabelecidas naquele território” (John Gill, *in loc.*). Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Decápolis*.

9.14

Cento e vinte talentos de ouro. O mau negócio feito por Davi foi ainda mais enfatizado pelo fato de que, além da nobre quantidade de madeira cedida (ver I Reis 5.9), Tirão também havia dado considerável quantidade de ouro.

Alguns estudiosos calculam que o valor do ouro foi de meio milhão de dólares, porém não há como comparar o peso antigo do ouro. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Pesos e Medidas*. Ver também, no *Dicionário*, o artigo chamado *Dinheiro*.

Conforme diz certa expressão moderna, Salomão “arrancou a pele” de Hirão. Esta soma em dinheiro equivalia a cerca da sexta parte de toda a renda anual de Salomão (I Reis 10.14), e assim Tirão deu a Salomão altíssima quantia para os projetos de construção, e aprendeu que, quando o dinheiro está em jogo, não se pode confiar nem mesmo em certos amigos.

9.15

Labor Forçado. Salomão era glorioso, mas não tão glorioso assim. Ele agiu mal nos negócios com Hirão, e escravizou pessoas livres, obrigando-as a um labor forçado. Portanto, ele reduziu o custo do trabalho às expensas dos seres humanos. Atos como esses só poderiam prejudicá-lo. Salomão voltar-se-ia finalmente à idolatria, por causa da má influência de suas muitas esposas estrangeiras. Israel já estava trilhando a vereda para o cativeiro.

Milo. Aprendemos que práticas de trabalho duvidosas tinham sido empregadas para edificar o templo e o palácio de Salomão. Outros projetos também foram construídos, como, em Milo, fortificações na antiga cidade jebusita, agora transformada em Jerusalém. Aparentemente, tratava-se de uma *torre* (com fortificações adjacentes), de frente para o lado norte da cidade, que até então estava essencialmente desprotegido. Era uma fortaleza bem conhecida, originalmente construída por Davi (ver II Sam. 32.5 e I Crô. 11.8) e depois melhorada por Salomão (ver I Reis 9.15; 11.27). Milo tornou-se parte proeminente das fortificações de Ezequias (ver II Crô. 32.5). Aparentemente a arqueologia tem desenterrado trabalhos com tijolos que pertenciam a essa fortificação.

Quanto a uma menção anterior ao trabalho forçado de Salomão, ver I Reis 5.13, para maiores detalhes. Ver I Reis 5.14 ss. quanto a mais informações sobre a força-tarefa envolvida e sobre como a questão foi efetuada.

Além das coisas mencionadas anteriormente, temos agora a informação de que os projetos de Salomão incluíam uma muralha em torno de Jerusalém, bem como a construção, a reedificação e o embelezamento de três cidades — Hazor, Megido e Gezer —, fortalezas estratégicas que recebem artigos separados no *Dicionário*. Hazor ficava ao norte do mar da Galiléia; Megido protegia o vale de Jezreel, que percorria a direção leste-oeste, no centro do território de Israel; e Gezer oferecia defesa à parte ocidental de Judá. Isso posto, Israel foi militarmente fortificado, e não apenas embelezado esteticamente. Apesar dos abusos, aquela foi a época áurea de Israel.

9.16

O Faraó recebeu dar à filha (que se casou com Salomão) um pequeno dote. Portanto, enviou tropas a Gezer para matar alguns habitantes, escravizar outros e tomar as mulheres para os haréns do Egito, e acabou dando a cidade inteira à sua filha. Foi assim que Salomão “herdou” o lugar, ao qual fortaleceu e fortificou militarmente.

Josué tinha tomado originalmente a cidade dos cananeus (ver Jos. 10.33; 11.12), que se tornou parte da tribo de Efraim. Aparentemente, os cananeus a reconquistaram e formaram a cena para o “presente” do Faraó à filha.

9.17

Edificou. Com esta palavra, o autor sagrado provavelmente indicou fortificações militares, mas certamente houve algum embelezamento e restauração em Gezer e Bete-Horom, a Baixa (ver II Crô. 8.5). Esses dois lugares foram fortificados por Salomão, conforme demonstra a referência. Este versículo identifica definitivamente o trabalho de Salomão como militar. Ver o artigo relativo a *Bete-Horom*, quanto a informações sobre ambos os lugares com esse nome.

9.18

Outros lugares fortificados por Salomão foram *Baalate* e *Tamar*, que aparecem em artigos no *Dicionário*. Em lugar de *Baalate*, ver *Balá* 4 e 5. Esse lugar ficava na tribo de Dã. Tamar (Tadmor; o artigo recebe esse outro nome) mais tarde foi chamada de *Palmira* e ficava localizada em uma rota de caravanas entre Damasco e o rio Eufrates, a nordeste de Israel. Palmira situava-se em uma fértil planície circundada por um deserto estéril, com o rio Eufrates a leste. A arqueologia tem feito muito para iluminar o local. Afinal, essa cidade tornou-se um glorioso lugar, de acordo com os antigos padrões, mas de forma alguma era assim nos dias de Salomão. *Tadmor* é uma soletração (e pronúncia) local variante de *Tamar*, que significa palmeira. Josefo diz-nos que ela ficava no deserto acima da Síria, um dia de viagem do Eufrates, e seis dias de viagem para quem partia da Babilônia. Ver II Crô. 9.4 quanto à fundação dessa cidade. Alcançou o auge de seu esplendor nos tempos greco-romanos, e imensas ruínas testificam sua antiga grandeza. A potência militar de Salomão, pois, chegou bastante ao norte, embora ele não tenha anexado muitos territórios naquela direção. Alguns intérpretes supõem que ele realmente tenha anexado terras ao norte até o rio Eufrates, mas esse ponto é debatido.

9.19

Grande número de cidades foi construído, reconstruído, fortificado e embelezado, como parte dos programas de construção de Salomão, que incluía os seguintes propósitos:

1. *Cidades-amazéns.* Espalhadas por todo o território de Israel, eram cidades fortificadas nas quais Salomão guardava excedentes de alimentos para qualquer emergência que pudesse resultar de seca ou outros eventos imprevisíveis. Cf. II Crô. 8.4. Essa referência limita as cidades a uma das áreas geográficas da Síria.
2. *Cidades para carros de combate e cavaleiros*, ou seja, para os implementos de guerra. Salomão abandonou o conceito de um exército fraco, composto somente por infantaria, e fez seu exército como o de seus vizinhos, com carros de combate, muitos cavalos e máquinas de guerra. Nenhum inimigo poderia atacar naquele momento, tão fortalecido estava Israel. Salomão tinha 14.000 carros de combate e 12.000 cavaleiros. Seu planejamento militar adquiriu grande sofisticação, fazendo violento contraste com o antigo caráter militar relativamente fraco de Israel.

9.20

A guerra santa (ver as notas expositivas a respeito em Deu. 7.1-5 e 20.10-18) requeria a abolição dos inimigos internos de Israel, das sete nações que ocupavam o território (ver Êxo. 33.2 e Deu. 7.1). Esse tipo de guerra era chamada *santa* porque os povos eram sujeitos ao banimento, isto é, transformavam-se em holocaustos oferecidos a Yahweh e, por isso, tinham de ser totalmente consumidos a fogo. Os sete povos mencionados em Deu. 7.1 incluíam todos os citados no presente versículo, mas dois ficaram de fora, a saber, os *girgaseus* e os *cananeus*. Os primeiros provavelmente não existiam mais, e os últimos, o autor sagrado não sentiu necessário referir.

9.21

Nem Josué nem Davi foram bem-sucedidos no aniquilamento dos povos inimigos. Davi havia sujeitoado ou destruído oito povos (ver as notas a respeito em II Sam. 10.19). Aqueles aos quais não destruiu, Davi confinou, e assim foi capaz de entregar a seu filho, Salomão, um país em paz, pois as guerras, pelo menos por enquanto, haviam terminado.

Salomão, observando os “estrangeiros” entre Israel, submeteu alguns a tributos, e muitos à escravidão. Usou-os como trabalhadores baratos para seu programa de construções. E até o tempo em que o autor sagrado registrou essas palavras (talvez não muito antes do cativeiro babilônico), eles continuavam escravizados.

Os quais os filhos de Israel não puderam destruir. “Destruir” vem do termo hebraico *herem*, que significa “submeter a banimento”. Isso significava *destruir totalmente*, sem poupar mulheres nem crianças, e até os animais eram considerados indignos de servir como sacrifícios ou como parte da alimentação. Era uma política de *terra arrasada*. Está em foco a *guerra santa*, conforme se vê no vs. 20. Ver também sobre a palavra hebraica *herem*, em Jos. 6.17.

9.22

A lei mosaica permitia a *escravização temporária* de hebreus por parte de hebreus, com o propósito de saldar dívidas. O homem assim escravizado poderia redimir-se, ou outrem poderia fazê-lo; e o ano do jubileu traria liberdade a todos os envolvidos. Salomão, entretanto, não escravizou outros israelitas, mas empregou-os como supervisores, generais ou militares. Houve grande trabalho por causa dos programas de construção e do fortalecimento militar (vs. 19). Praticamente ninguém ficou sem função. Cada indivíduo tinha sua própria fazenda e um meio de subsistência particular, ou então participava da maciça força pública de servos. Ver Lev. 25.39,40 quanto à *escravização temporária* dos hebreus, o que, em teoria, tinha o caráter de alugar servos, mas na prática as coisas eram geralmente muito piores.

9.23

Os oficiais de Salomão eram 550. E abaixo deles, quem sabe quantos oficiais secundários haveria? Eles eram os *supervisores* dos principais instrumentos de ação. O trecho paralelo de II Crô. 8.10 fala em somente 250 homens, e não podemos ter certeza alguma quanto a essa diferença. Os expositores judeus dizem que esses 250 eram os oficiais de mais alta categoria; além deles havia outros 300, de menor categoria (pelo que seriam 550 ao todo); e outros 3.300, que eram os subchefes (ver I Reis 5.16). Outra explicação é que havia 250 em Jerusalém, no templo, e outros 300 espalhados por todo o território de Israel. Não há como comprovar a exatidão dessas teorias, nem é importante fazê-lo. Não parece que os números dados aqui incluíssem oficiais do exército, mas a referência exclusiva era aos oficiais ocupados no projeto de construção de Salomão.

A Filha do Faraó Fixa Residência (9.24)

9.24

A bela jovem era a principal esposa de Salomão e rainha-mãe de Israel. José recebeu esposa dentre os egípcios, um povo camita. Ela era filha de um sacerdote egípcio (ver Gên. 41.50). Talvez tivesse sido um tipo da Igreja, pois Cristo também tomou uma Noiva gentílica (embora não com exclusividade). Em tempos posteriores, casamentos mistos de israelitas com pagãos não eram mais permitidos. Ver Êxo. 34.15 e Deu. 7.3.4. Mas se uma mulher estrangeira se convertesse à fé hebréia, então poderia ser tomada como esposa, e, na verdade, mulheres feitas prisioneiras de guerra, dentre os pagãos, eram distribuídas entre haréns em Israel. Presumimos que Salomão não ignorava essa lei. A filha do Faraó deve ter ao menos “concordado” ou “consentido” em ser chamada de hebréia quanto a questões religiosas. Mas sem dúvida ela trouxe um sincretismo que violava a lei mosaica. Afinal, as muitas esposas estrangeiras de Salomão acabariam por conduzi-lo à idolatria, e Israel o seguiria, trilhando a vereda que levaria aos cativos. Ver sobre essa palavra no *Dicionário*.

Essa esposa muito favorecida tinha seu lugar especial, um palácio exclusivo. Ela não ficou encerrada nos apartamentos na casa de Salomão, onde moravam suas outras incontáveis esposas. A menção de *Milo*, neste ponto, pode sugerir que a casa da filha do Faraó ficava perto daquela outra, mas talvez o autor só nos tenha dado uma nota cronológica. Primeiramente Salomão ergueu o palácio de sua esposa favorita; em seguida, construiu *Milo* (ver as notas no vs. 15 deste capítulo sobre esse lugar).

Brigham Young, um dos primeiros líderes da Igreja Mórmon, que levou os pioneiros mórmons para o oeste, até Salt Lake City, era polígamo e tinha mais de trinta esposas. Essa forma de casamento afetava talvez cinco por cento dos primeiros mórmons, e não somente era permitida, mas também encorajada para os *qualificados*, que cuidassem devidamente das mulheres, assumindo toda a responsabilidade. Seja como for, conta-se a história de que, apesar de Brigham Young ter todas aquelas esposas, havia uma a quem ele realmente amava e para a qual ele construiu uma casa separada. As outras eram conservadas em *apartamentos coletivos*, os quais até hoje podem ser vistos nessa cidade.

Cf. II Crô. 8.11. Esse versículo implica que a mulher, na qualidade de egípcia, não podia ficar na cidade de Davi (Jerusalém), porque ali estavam as coisas mais

santas de Israel, que não deveriam ser tocadas por ela. Parece que a mulher egípcia não havia aceitado de todo o coração a fé dos hebreus e não podia viver em certos lugares. Casar-se com ela foi algo que manteve Salomão em paz com o Egito, mas não contribuiu muito para a pureza da fé hebréia.

A Septuaginta põe essa notícia (ver I Reis 9.24) no vs.9 e também no fim da longa interpolação após I Reis 2.35. Portanto, há um pouco de *tradições flutuantes*.

Sacrifícios Oferecidos por Salomão (9.25)

9.25

Independentemente de suas falhas, Salomão tinha uma fé sincera que ele seguia segundo os moldes da lei. Três vezes ao ano ele oferecia sacrifícios e cumpria as cerimônias apropriadas. Provavelmente, essas eram as festas da colheita do período pré-exílico: a festa dos pães asmos (a festa da colheita da cevada); a festa das semanas (a festa da semana da colheita do trigo); e a festa do recolhimento dos frutos (a vindima e os frutos de outono). A festa dos pães asmos tinha sido incorporada à páscoa; a festa da colheita do trigo era também chamada Pentecoste; e a festa do recolhimento dos frutos também era chamada Festa dos Tabernáculos. Ver no *Dicionário* o artigo *Festas (Festividades) Judaicas*, quanto a detalhes. A essas outras festas também são dados artigos separados. O trecho de Êxo. 23.14-16 deve ser consultado quanto ao pano de fundo histórico. Em todas as três festividades havia peregrinações e dois tipos de sacrifícios, os *holocaustos* e as *ofertas pacíficas (de cereais)*, que proviam alimentos para os peregrinos. A queima do incenso sobre o altar de incenso (chamado em conexão ao templo de Salomão de *altar de ouro*) foi um costume dos tempos pós-exílicos, e isso talvez sirva para identificar este versículo como uma adição bastante tardia, feita por um editor posterior. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Altar de Incenso*. Ver Lev. 7.37, onde listo e discuto os vários tipos de oferendas. É evidente que Salomão tomou parte nas cerimônias, mas ter-lhe-ia sido impossível usurpar a posição do sumo sacerdote. Evidências extraídas de fontes literárias indicam que aos reis se permitia realizar ritos reservados aos sacerdotes, algo que foi posteriormente proibido.

Negócios Marítimos de Salomão (9.26-28)

9.26

Embora Israel estivesse à beira-mar (o Mediterrâneo), não era um povo marítimo. Salomão, pois, esforçou-se para que Israel se tornasse um *poder marítimo*, mas, passada a sua época, isso caiu em desuso. Ele não possuía homens de ciências que pudessem navegar pelos oceanos, portanto tinha de depender dos fenícios, os quais era bastante experientes nessa área. A primeira aventura marítima de Salomão foi uma corrida de Ezion-Geber (perto de Elate) no mar Vermelho (terra de Edom) para Ofir (cuja localização é disputada). Depois dessa viagem inicial, três viagens anuais eram feitas com propósitos comerciais.

Para maiores esclarecimentos, ver no *Dicionário* os nomes próprios deste versículo: *Ezion-Geber*, *Elate* e *Ofir*. Salomão estabeleceu um porto no golfo de Ácaba, braço noroeste do mar Vermelho. Dali, os navios de Israel aventuravam-se para a parte sudoeste da Arábia (I Reis 10.11; Jó 22.24 e 28.26), onde Ofir presumivelmente se localizava. A viagem total, de ida e volta, era de menos de 3.200 quilômetros; mas, pelos padrões de Israel, essa era uma grande jornada marítima.

9.27

Hirão, rei de Tiro, havia contribuído com madeiras nobres do Líbano e com ouro, para os projetos de construção salomônicos, especialmente o templo de Jerusalém. Salomão, entretanto, enganou-o no negócio, dando-lhe, por sua vez, vinte e três cidades inúteis da Galiléia. Ver a história em I Reis 9.11-14. Hirão era um homem paciente e não declarou guerra por causa do incidente. Hirão fora um bom amigo de Davi e esperava sê-lo também de Salomão. Não sabemos dizer, entretanto, se essa aventura marítima ocorreu depois do ardil de Salomão. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Hirão*, quanto a detalhes.

Os fenícios eram conhecidos por suas habilidades na navegação, e suas instruções foram encontradas na América do Norte e na América do Sul (perto de Manaus, há penedos rochosos, à beira do rio Negro, com inscrições que muitos estudiosos acreditam ser de escrita fenícia), o que demonstra quão longe chegavam em seus navios seguros. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Fenícia*.

9.28

Chegaram a Ofir. A localização desta colônia fenícia é disputada, e o que tem sido dito a respeito está contido no artigo chamado *Ofir*, no *Dicionário*. Ofir significa “rico”, “gordo”. Salomão trocava seu precioso cobre, extraído da Arábia, a fim de adquirir produtos de Ofir (ver I Reis 9.25-28; 22.48; II Crô. 8.17,18; 19.10). Salomão gostava de itens estrangeiros exóticos, de forma que atravessava o mar

para negociá-los, fazendo de El-Dorado (Ofir) um de seus pontos de parada. Ver em I Reis 10.14-19 sobre como Salomão usava o ouro que obtinha naquele lugar. Josefo (*Antiq.* 8.6.4) fala dos negócios que Salomão efetuava com a Índia, mas não sabemos quão exata é essa notícia, nem se Ofir ficava ou não na Índia.

Quatrocentos e vinte talentos de ouro. Uma única viagem produziu essa quantidade de ouro, através de negociações e muita manipulação, com a troca de artigos, provavelmente, em sua parte, de cobre por ouro. O trecho paralelo de II Crô. 8.18 diz 450 talentos de ouro, e não há maneira segura de reconciliar esses números, embora os intérpretes tentem fazê-lo.

I Reis 10.23 diz-nos que Salomão excedia em muito a todos os outros reis da época quanto à sabedoria e à riqueza, e seus negócios marítimos contribuíram para torná-lo um homem riquíssimo. Os vss. 14-29 deste capítulo ilustram o abundante esplendor de Salomão.

Quanto aos *talentos*, ver no *Dicionário* o artigo sobre *Pesos e Medidas*, em sua seção VII. Ver especialmente a porção IV.A. O *talento* era um peso, mas não há como calcular seu antigo poder de compra em comparação com os padrões modernos. O peso referido neste versículo – 420 talentos — equivalia a 16 toneladas, o que era uma grande quantidade em ouro.

Capítulo Dez

Esta seção, I Reis 9.1-10.29, ilustra o esplendor de Salomão, o rei de Israel em sua época áurea. Parte desse esplendor devia-se à extraordinária sabedoria salomônica, que é agora ilustrada com a história da visita da rainha de Sabá. Ver as notas de introdução a I Reis 9.1.

Para ter uma glória tão grande, Salomão precisou cobrar pesados impostos de seu próprio povo, especialmente da porção norte do país (Israel). Ele pôs aquelas tribos em sujeição a um *jugo pesadíssimo* (I Reis 12.4), quase como se elas constituíssem um país estrangeiro. Os elevados impostos foram uma das causas, de fato, a principal causa que levou as tribos do norte a revoltar-se contra o filho de Salomão, Reoboão, levando a nação a finalmente dividir-se em duas: Israel, a porção norte, e Judá, a porção sul. Um elevado preço, afinal, foi pago pelos excessos de Salomão. Ver I Reis 12.1-20.

Yahweh havia dado a Salomão uma sabedoria extraordinária, conforme vimos em I Reis 3.1-15 e 4.29-34. Estiveram envolvidas na questão experiências místicas tais como a aparição de Yahweh em um sonho.

I Reis 4.34 assegura-nos que governantes e sábios de todo o mundo vinham a Israel para conhecer o esplendoroso reino de Salomão e ouvir a sua sabedoria. Cf. I Reis 3.16-18, quando Salomão exerceu sabedoria especial no caso das duas prostitutas e do filho de uma delas que escapara com vida. Agora houve outro teste, que envolveu outra mulher, mas desta vez uma *rainha*. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Sabá e Rainha de Sabá*.

Sabá é o moderno Iêmen (não a Etiópia), na Arábia, a cerca de 1.930 quilômetros de Jerusalém, para o sul. Sabá talvez tenha sido a terra dos sabeus (Jó 1.15; Eze. 23.42; Joel 3.8). As expedições comerciais enviadas por Salomão ao Oriente, por via marítima (ver I Reis 9.26-28), provavelmente espalharam sua fama por aqueles lugares relativamente distantes.

As versões portuguesas variam entre Seba e Saba (e algumas acentuam a última sílaba, Sabá).

Visita da Rainha de Sabá (10.1-13)

10.1

Esta narrativa tem por finalidade ilustrar a extraordinária sabedoria de Salomão, que se tornara conhecida até em um lugar tão distante quanto o sul da Arábia. Salomão e essa rainha, pois, tornaram-se proeminentes nas lendas antigas. Os árabes chamavam-na de *Bilkis*, e ela, presumivelmente, foi o exemplo de uma mulher muito sábia. Nas lendas etíopes, porém, o nome dela aparece como Madaa. Seja como for, Sabá era um centro de negócios para a parte sudoeste da Arábia e, na época de Salomão, controlava as rotas de caravanas por terra.

Veio prová-lo com perguntas difíceis. Algumas versões dizem aqui “enigmas”. Cf. o *enigma* de Sansão, em Juí. 14.12,14,18. Josefo (*Antiq.* 5.3) disse que Hirão e Salomão se entregaram a um contexto de espiritualidade. Os árabes têm a reputação de gostar de passar o tempo tentando solucionar questões difíceis e enigmas.

Salomão havia orado para que a glória do templo fizesse com que “todos os povos da terra conheçam o teu nome, para te temerem” (I Reis 8.43), e a reputação de glória e sabedoria de Salomão desempenhou a sua parte na resposta a essa oração.

As lendas árabes preservadas no Alcorão enumeram uma lista de perguntas e quebra-cabeças propostos pela rainha de Sabá a Salomão, mas eles parecem infantis demais para terem ocupado a atenção de Salomão. Provavelmente as perguntas teológico-filosóficas do livro de Jó são o tipo de coisas que lhe foram propostas.

Tipologia. Talvez a rainha de Sabá, uma rainha gentia, represente a Igreja que busca a sabedoria de Cristo. Ver Isa. 11.10; João 12.20 e Mat. 12.42.

10.2

E lhe expôs tudo quanto trazia em sua mente. A rainha de Sabá chegou carregada com toda espécie de suprimentos e ricos presentes, os quais ofereceu a Salomão. Ela haveria de permanecer em Israel por algum tempo. No antigo Oriente Próximo não se realizava nenhuma visita sem o oferecimento de presentes. A rainha, pois, entrou de forma imponente em Jerusalém. Ela queria atenção, e o rei de Israel ficou impressionado com sua grande caravana de camelos e todos os presentes que ela havia trazido. Assim sendo, Salomão não estava com pressa e dedicou à rainha todo o tempo necessário para que ela admirasse seus magníficos edifícios, formulasse perguntas difíceis e provasse de sua sabedoria. Naturalmente, surgiram lendas em torno dessas circunstâncias, incluindo a de que Salomão a tomou como uma de suas muitas esposas, do que teriam resultado hebreus de raça negra. Mas, como dissemos anteriormente, Sabá não é a Etiópia (um país cujos habitantes pertencem à raça negra), e sim o moderno Iêmen (na Arábia). Josefo vinculava a rainha de Sabá à Etiópia (ver *Antiq.* II.x.2; VII.vi.5,6), mas essa opinião simplesmente não está correta.

Os valiosos *presentes* oferecidos pela rainha de Sabá consistiram em especiarias, ouro e pedras preciosas. A rainha não se mostrou mulher de mão fechada. Provavelmente ela também tinha interesses comerciais e ansiava por estabelecer negócios com Salomão. As especiarias da Arábia eram famosas e cobiçadas como artigos do comércio antigo. Ver Eze. 27.22 quanto ao tráfico entre Sabá e Tiro. Ver também Isa. 60.6 e Jer. 6.20. Plínio (*Hist. Natural* xii.cap. 17; liv.xxxvii.cap.6) fala sobre as diversas riquezas que havia naquela região, tais quais especiarias, madeiras odoríferas, ouro, prata, pedras preciosas etc.

10.3

Satisfação Absoluta. A rainha trouxe consigo uma lista de perguntas difíceis, algumas das quais abordavam as questões da vida e da morte, e as respostas de Salomão foram satisfatórias em todos os sentidos. A rainha de Sabá era conhecida como mulher dotada de grande sabedoria, mas ficou admirada com o que ouviu. Ali estava um homem divinamente inspirado, e ela tivera a felicidade de conhecê-lo.

“Não houve coisa alguma, por mais estranha e difícil que fosse, que ele não compreendesse e à qual deixasse de oferecer soluções claras, cristalinas” (John Gill, *in loc.*).

10.4,5

Vendo, pois, a rainha de Sabá. Ela foi testemunha ocular das excelências da corte salomônica. A rainha de Sabá ficou convencida das grandes riquezas materiais e do poder de Salomão; ela contemplou o templo magnífico que ele tinha erigido e o seu próprio luxuoso palácio; ela o ouviu dar claras respostas às perguntas mais difíceis; ela se sentou à mesa de Salomão, observou seus muitos servos indo e vindo, e apreciou todos os acepipes em sua mesa, itens importados que somente os mais ricos podiam dar-se ao luxo de obter; ela observou as vestes suntuosas de seus ministros e viu que eram todos pessoas distintas e altamente preparadas para seus respectivos ofícios; ela viu e caminhou pela *subida*, os degraus que Salomão construíra do seu palácio ao templo, tão técnica e curiosamente traçados; ela reconheceu quão espiritual ele era, sempre envolvido nos sacrifícios devidamente prescritos de sua fé. Assim sendo, a rainha de Sabá perdeu o fôlego, e seu espírito a deixou. Era como se ela tivesse entrado no paraíso e visto e ouvido coisas que não podiam ser expressas pela linguagem humana.

Talvez ela tenha tentado competir com Salomão na questão da sabedoria, mas suas tentativas davam dó. Talvez ela não tivesse apelado para Yahweh, a fonte de tudo quanto distinguia Salomão, mas sabia que havia algo de sobrenatural na maneira como ele prosperara e se tornara um homem que conhecia virtualmente tudo. Talvez algo da esperança expressa em I Reis 8.60 se tenha cumprido nesse caso: “Para que todos os povos da terra saibam que o Senhor é Deus, e que não há outro”.

10.6

Foi verdade a palavra que a teu respeito ouvi na minha terra. Uma Exclamação de Admiração! A rainha de Sabá estava admirada por descobrir que tudo quanto lhe fora dito a respeito de Salomão era a pura *verdade*. Usualmente o ouvir dizer exagera as coisas, mas, neste caso, qualquer notícia dada sobre Salomão ficava aquém da realidade dos fatos.

“Originalmente cética, a rainha admitiu que a sabedoria e as riquezas de Salomão... em muito excediam aquilo que lhe tinha sido dito. Embora fosse uma rainha pagã, ela se dispôs a dar ao Senhor crédito por ter conferido a Israel um rei

em quem ela se deleitava" (Thomas L. Constable, *in loc.*). Até mesmo homens ignorantes e vis algumas vezes conseguem acumular grandes riquezas e poder. Mas nada havia de ignorante e de vil em Salomão. As riquezas mentais dele estavam à altura de suas riquezas materiais.

Os vss. 6-9 são um paralelo do trecho de II Crô. 9.5-8, com quase o mesmo fraseado, tornando-se assim claro que o relato veio de algum documento contemporâneo, embora posto naquele livro algum tempo depois.

10.7

Eu, contudo, não cria naquelas palavras, até que vim. O caso da rainha de Sabá foi um caso típico de "ver para crer". Quando viu, ela compreendeu que nem a metade da realidade de Salomão lhe havia sido contada. Isso me faz lembrar das palavras de Heródoto sobre o Egito. Ele afirmou que o Egito era uma maravilha tão grande que só poderia compreendê-la quem fosse a visse em pessoa. "... os dotes mentais de Salomão e a magnificência externa de sua corte excediam o que se dizia a respeito. Na verdade, ultrapassavam a capacidade de expressão. Eram tão grandes que as reportagens não podiam ser ditas através de hipérboles, e nem podiam aproximar-se da realidade dos fatos" (John Gill, *in loc.*). Havia algo de sobre-humano em toda aquela magnificência (vs. 9).

Atualmente, grandes riquezas são sempre encaradas com suspeição, e isso usualmente com razão. Algo de desonesto se passou para fazer a maioria dos homens ricos serem o que são. Em contraste, a prosperidade de Salomão foi reconhecida como dada por Deus, de tal modo que ele poderia abundar em toda boa obra. Os hebreus admiravam as riquezas materiais, pois acreditavam que elas demonstravam o favor de Deus. Por isso, era um quebra-cabeça para eles que os ímpios pudessem prosperar (ver Jer. 12.1).

O paraíso é uma habitação prometida aos fiéis.

(Maomé, o Alcorão)

*Os deuses teceram de tal modo
o fio dos coitados dos mortais
Que eles devem viver em meio às dores.*

(Homero, Iliada)

10.8

Felizes as Tuas Esposas! É bom casar-se com um homem justo, rico e sábio, mesmo quando há outras esposas com quem competir. Era melhor ser uma dentre as muitas esposas de um marido como Salomão, do que ser a única esposa de algum agricultor que ganhasse a vida suando em bicas a cada dia. Felizes eram todos os seus servos, pois, embora tivessem de trabalhar arduamente, eram ricamente recompensados. Israel estava em sua época áurea, e Salomão era o homem do momento. Os próprios servos braçais de Salomão tinham melhor passadio do que os trabalhadores diários que fossem servos de outros. Eles viam o grande homem todos os dias, ouviam suas palavras de sabedoria e participariam, embora humildemente, de suas riquezas. Naturalmente, chegou o tempo em que a porção norte da nação (Israel) se cansou de toda aquela grandeza, sustentada por eles. Os impostos eram elevadíssimos, pois a parte norte da nação de Israel pagava a maior parte das contas da corte de Salomão. Estouraria em breve uma revolta, devida, em parte, aos riquíssimos programas de construção de Salomão. Ver I Reis 12.1-20 quanto às razões da revolta que separou as partes norte (Israel) e sul (Judá) daquela nação até certo ponto unida. Elevadas cobranças de impostos estavam entre essas razões. Salomão impusera à parte norte da nação um jugo pesadíssimo (vs. 4). Reoboão, filho e sucessor de Salomão, rejeitou o apelo de Jeroboão quanto a um tratamento mais justo.

10.9

Bendito seja o Senhor teu Deus. *A Contribuição Divina ao Sucesso de Salomão é Reconhecida.* É impossível explicar Salomão sem reconhecer que Yahweh fizera grandes coisas por ele e, através dele, por Israel. Foi assim que a rainha de Sabá descobriu a verdadeira razão do sucesso de Salomão e de Israel, durante o seu reinado. Foi assim que ela "abençoou ao Senhor" (Yahweh), reconhecendo tudo quanto Ele havia feito. Isso não significa, entretanto, que ela se tenha convertido à fé dos hebreus, que tenha casado com Salomão e se tornado a mãe dos "hebreus negros", conforme dizia uma tradição posterior. No começo de sua carreira como rei, Salomão fizera uma boa escolha. Quando Yahweh lhe ofereceu o que ele quisesse, ele escolheu a sabedoria, e assim acabou obtendo todas as coisas. Ver a história contada em I Reis 3.1-15. Esse foi o segredo que acabou descoberto pela rainha de Sabá.

A glória de Yahweh avultou na mente da rainha de Sabá, quando ela viu essa glória rebrilhando na pessoa de Salomão, e ela ansiou por expressar sua admira-

ção. Mas a obediência a Yahweh era a condição de toda aquela glória, conforme aprendemos em I Reis 9.1-9.

Salomão preferiu não ter uma vida repleta de prazeres, honrarias e glória, mas lembrou-se de que lhe competia fazer justiça em favor do povo de Israel. Ele não deveria tornar-se um tirano. Não obstante, o jugo a que ele submeteu Israel, a fim de obter sua grandeza (ver I Reis 12.4), fizera ao menos da porção norte de Israel uma espécie de nação estrangeira sujeita a pagar tributos. Salomão exagerou na cobrança de impostos, e Israel, mais tarde, pagou por esse abuso. O reino unido de Davi dividiu-se em porções norte (Israel) e sul (Judá). Dessa forma, a nação inteira de Israel agora caminhava pela vereda dos cativos. Ver Sal. 72.1,2 quanto ao governo e à justiça apropriada.

10.10

Deu ela ao rei... ouro, e muitíssimas especiarias, e pedras preciosas. Este versículo dá-nos conta de que a rainha de Sabá ofereceu riquíssimos presentes a Salomão (ver também o vs. 2 e suas notas expositivas). Aqui somos informados sobre a quantidade de ouro com que ela presenteou a Salomão, a saber, cento e vinte talentos. Isso é cerca de quatro toneladas e meia! Não há como calcular o poder de compra de tanto ouro, mas é óbvio que foi um tesouro incrível. Compare-se isso com o vs. 14, que fala da renda de Salomão em um único ano, vinte e cinco toneladas de ouro, sem contar os muitos outros presentes de grande valor. Quanto ao talento, ver no Dicionário o artigo intitulado *Pesos e Medidas*, em sua seção VII, especialmente na sua porção IV/A. O talento era um peso, e não uma moeda, que foi invenção posterior a Salomão.

A rainha de Sabá deu assim, a Salomão, o máximo que estava ao seu alcance, tipificando sábia dedicação e serviço fiel:

*Dá ao Mestre o que tens de melhor!
Dá-lhe da força de tua juventude.*

...
*Dá ao Mestre o que tens de melhor!
Coisa alguma é digna de seu amor.*

...
*Jesus deu-nos o exemplo,
Ele foi ousado, jovem e bravo.*

(Sra. Charles Barnard)

A rainha de Sabá trouxe os melhores produtos de sua terra, as especiarias e as pedras preciosas. As especiarias foram dadas em prodigiosas quantidades e, como é óbvio, compunham um pequeno tesouro em si mesmas e ocupariam seu lugar entre os bens importados por Salomão. Foi assim que Salomão, o homem riquíssimo, tornou-se ainda mais rico, ao passo que os homens pobres e labutadores da parte norte do país ficaram mais pobres, nem que seja falando apenas comparativamente.

Cf. I Reis 9.14. A rainha de Sabá ofertou a Salomão a mesma quantidade de ouro que Hirão lhe havia enviado para ajudar na construção do templo e do palácio.

Josefo (*Antiq.* 1.8, cap. 6, sec. 5) diz-nos que a planta balsâmica, que dera fama à nação de Judá mais tarde, foi originalmente trazida por essa rainha, como um de seus presentes. A planta foi então cultivada no território da tribo de Judá e tornou-se um importante produto de comércio.

Hirão Novamente (10.11,12)

10.11,12

Falar sobre os produtos que a rainha de Sabá trouxe para Salomão, juntamente sobre o ouro, fez a mente do autor sagrado retornar ao grande benfeitor, Hirão. Portanto, o autor nos forneceu uma notícia geral. Navios de Ofir traziam imensas quantidades de ouro para Salomão, e isso se tornou um benefício regular de seu recém-formado comércio marítimo. Ver I Reis 9.2-28, onde já tivemos essa informação. Além do ouro, Hirão foi, durante algum tempo, uma fonte fornecedora de madeiras nobres. Já ouvimos falar sobre o cipreste (um tipo de pinheiro) e o cedro (ver I Reis 5.10). Agora ficamos sabendo sobre a madeira de sândalo, usada nas colunas do templo e para fazer vários instrumentos musicais. O sândalo, de cor vermelho brilhante, é uma madeira pesada e de grão fino, ideal para construção de móveis decorativos, para trabalhos de entalhe e fabricação de instrumentos musicais. Josefo (*Antiq.* VIII.7.1), entretanto, identificava essa madeira como um tipo de pinho de cor branca, com propriedades resplandescentes. Talvez esteja em foco a espécie *Sabtalum album*, da Índia, uma madeira odorífera usada para perfumar templos e residências, embora isso pareça menos provável, a despeito do voto de alguns intérpretes em seu favor. Alguns estudiosos simplesmente supõem que os pinhos e os cedros sejam referidos com nomes diferentes, mas isso também não se apóia em evidências.

Seja como for, Hirão ajudou Salomão em seus projetos de construção, e estes se tornaram incomparáveis.

Josefo (*Antiq.* 1.8. cap. 3, sec. 8) diz-nos que Hirão enviou a Salomão 400.000 árvores da madeira de sândalo, mas sem dúvida isso é um exagero. Seja como for, essa árvore, posteriormente, não foi enviada a Israel ou, pelo menos, não na qualidade do envio original. O item tornou-se raro, se é que chegou a ser conhecido em todo o território de Israel. Essa notícia quase certamente quer dizer que não devemos pensar aqui no cedro que dificilmente desapareceria do mercado internacional.

Instrumentos Musicais. Ver o artigo do *Dicionário* chamado *Música, Instrumentos Musicais*.

10.13

Salomão mostrou-se recíproco, dando à rainha de Sabá grandes tesouros a fim de igualar-se, de alguma forma, com os presentes que ela trouxera. Era costume dos antigos monarcas orientais trocar presentes, na ocasião das visitas a outros estados. O autor sagrado deixou a questão um tanto vaga, mas revelou que a rainha de Sabá pôde *escolher* algumas das coisas que se tornaram seus presentes. Isso, sem dúvida, foi agradável à *mulher*, que assim pôde fazer compras, selecionando o que queria levar para casa. Podemos ter certeza de que a rainha árabe partiu como uma mulher feliz.

Detalhes Miscelâneos sobre a Grandeza de Salomão (10.14-29)

O autor já nos havia mais do que impressionado sobre a sabedoria, as riquezas materiais, o poder e os projetos de construção resplendente de Salomão. Não obstante, precisou resguardar-se de descrever outras coisas. De fato, quando falava sobre Salomão, era difícil parar, porque sempre havia algo mais para mencionar. O autor estava descrevendo um *grande fenômeno* em Israel, algo que nunca tinha sido visto, nem seria mais visto jamais. Ele estava falando sobre a *época áurea* de Israel.

“Estes versículos contêm detalhes miscelâneos, sem dúvida extraídos da biografia de Salomão, tudo para demonstrar que Deus mais do que cumpriu as promessas que tinha feito ao jovem rei” (Norman H. Snaith, *in loc.*). Quanto às *promessas divinas*, ver I Reis 3.1-15. “Esta seção sumaria as riquezas de Salomão” (Thomas L. Constable, *in loc.*).

10.14

Ouro Novamente! Havia Tanto Ouro! Ver I Reis 9.14: ouro de Hirão (ver I Reis 10.10); ouro da rainha de Sabá (I Reis 10.14); ouro que chegava a Salomão vindo de todos os lugares. O rei tinha ouro em quantidades excessivas. A cada ano importava (e talvez parte lhe fosse presenteada) nada menos de 666 talentos. Isso equivalia a 25 toneladas de ouro, ou seja, 25.000 kilos. Quanto ao *talento*, ver no *Dicionário* o artigo chamado *Pesos e Medidas*, seção VII. Uma de minhas fontes informativas dá o valor do talento como dezesseis milhões de dólares, mas é inútil fazer tais comparações, visto que não podemos saber como os pesos envolvidos se comparam a nosso *poder de compra*, que é a verdadeira medida do valor das coisas. Além disso tudo, Salomão impunha *tributo* a outros povos, o que, sem dúvida, incluía algum ouro.

A Revolta Vindoura. A fim de custear seu luxuoso programa de construções, Salomão impôs um “pesado encargo”, sob a forma de impostos, sobre a parte norte do país, a qual, finalmente, revoltou-se, provocando a divisão do reino. Assim sendo, Salomão pagou por seus excessos. Ver em I Reis 12.1-20 a revolta da porção do norte da nação contra o filho de Salomão, Reoboão.

O ouro de Salomão haveria, finalmente, de deslustrar-se. O Antigo Testamento empresta maior descrição ao reinado de Salomão que ao de qualquer outro rei. Com ele há inúmeras lições a serem aprendidas, algumas boas e outras más. Havia uma proibição divina acerca da *multiplicação do ouro* (ver Deu. 17.17), mas Salomão ignorou isso.

10.15

O *comércio* desenvolveu-se notavelmente sob Salomão. Somente em seu tempo experimentou-se o comércio marítimo, e mesmo então Salomão precisou dos marinheiros de Hirão para fazer andar seus navios (ver I Reis 9.26-28). Israel nunca mostrou ser bom nas ciências, nas artes e na arquitetura. Quanto a essas coisas, havia pesada dependência a poderes estrangeiros. O próprio templo foi edificado com o concurso dos operários especializados de Hirão (ver I Reis 5.6,18; 7.13 ss.). Mas Salomão era dotado de tremendo talento como negociante, e o comércio o enriqueceu além de toda imaginação. Ele *negociava* com a Arábia inteira, provavelmente com a ajuda da rainha de Sabá e, em parte, também negociava com a própria rainha. As *especiarias* eram um item importante desse comércio, conforme sugerimos em I Reis 10.2,10.

Todos os reis da Arábia. Reis independentes com os quais Salomão comerciava.

Governadores da terra. Provavelmente estão em pauta os *príncipes vassalos*, os quais Salomão sujeitara a tributo. Esses governadores tinham autoridade para governar em suas áreas, mas eram obrigados a pagar a Salomão por sua independência relativa. Alguns estudiosos supõem que estejam em foco os oficiais administrativos de Salomão (ver I Reis 4.7-19), mas o contexto trata de estrangeiros. Além disso, a palavra hebraica aqui traduzida por “governadores” é um vocábulo emprestado do assírio e significa “vice-reis”.

10.16

Duzentos pavese de ouro batido. O luxo de Salomão estendia-se a embelezar com uma *cobertura de ouro* até o equipamento militar. Os *escudos* aqui referidos tinham um formato oblongo e eram feitos para proteger o corpo inteiro do soldado, à semelhança do *scutum* dos romanos. Embora talvez fossem usados em tempos de guerra, esses escudos serviam essencialmente para ocasiões memoriais e eram empregados pela guarda pessoal do rei (cf. I Reis 14.26-28). Um escudo pesava cerca de nove quilogramas e requeria cerca de 3,4 quilogramas de ouro para ser recoberto. Ver o paralelo em II Crô. 12.11. Para batalhas sérias, eram usados escudos de bronze.

Seiscentos siclos de ouro. Ver no *Dicionário* o artigo *Pesos e Medidas*, IV.C, seção VII. Ver também Êxo. 30.13 e Lev. 27.25 quanto a esse peso (medida, dinheiro). Cf. Eze. 45.12.

10.17

Fez também trezentos escudos de ouro batido. Esses escudos, menores que os pavese, também foram feitos de ouro batido e três *minas* de ouro eram usadas no embelezamento de cada escudo, sob a forma de cobertura. Três minas equivaliam a 1,7 quilograma de ouro. Talvez esses escudos menores fossem exibidos em paradas e ostentações reais de ocasiões especiais, e não fossem usados na guerra, pois o ouro é um metal mole que dificilmente poderia substituir o bronze em campo de batalha. Ver sobre a *mina* no artigo *Pesos e Medidas*, IV.B.

“... escudos para demonstrações, e não para serem usados na guerra” (John Gill, *in loc.*).

10.18

Um grande trono de marfim. O *trono de Salomão* deveria ultrapassar em luxo ao trono de todos os reis orientais, de forma que foi feito de marfim, caríssimo, e recoberto de ouro “puríssimo”. Era nesse trono que Salomão se assentava para julgar o povo. Os reis tinham o ofício de juizes-em-chefe, uma função dos juizes antes da instituição da realeza. Esses antigos juizes desempenhavam algumas funções dos reis posteriores.

Marfim. Ver a respeito desse material no *Dicionário*. Tratava-se de um item importado, trazido de Társis (vs. 22). A única outra notícia que temos sobre o marfim, no tocante aos reis do Antigo Testamento, é sobre a *casa de marfim* do rei Acabe (I Reis 22.39). Ver sobre os palácios de marfim, em Sal. 45.8. Ver também Eze. 27.15. Os tírios recebiam marfim de Dedá, na Arábia, embora sua fonte original fosse, provavelmente, a Índia. Aparentemente eles negociavam o marfim tanto com a África como com a Índia. A arqueologia tem encontrado outros tronos de marfim, recobertos de ouro, em lugares como o Egito e a Assíria. Quanto a maiores detalhes, ver o artigo referido anteriormente.

Não nos é dito aqui onde Salomão tinha a sua corte de justiça. Essa informação já nos havia sido dada em I Reis 7.7 ss. Ele tinha um pátio de julgamento, onde estava o seu trono. Ver a referência sobre o que se sabe desse local especial de julgamento.

10.19

O trono tinha seis degraus. Seis degraus subiam para o trono magnífico de Salomão. Não somos informados sobre o material de que esses degraus eram feitos, mas o “mais fino mármore” é uma boa conjectura. O paralelo de II Crô. 9.18 enfatiza a grande altura do trono.

“O trono tinha o espaldar arredondado, na forma de uma de nossas cadeiras com dois braços, de espaldar arredondado. Esse trono ou cadeira de Estado estava posto sobre uma plataforma, e para subir até ele havia seis degraus. O que chamamos de braços no hebraico é *yadoth*, “mãos”, e estavam fixos em ambos os lados” (Adam Clarke, *in loc.*). É provável que os “braços” servissem para descanso para os braços, no trono.

Dois leões junto aos braços. Esses animais esculpidos provavelmente funcionavam como suportes para os braços. Eram símbolos da tribo de Judá de

Salomão e indicavam seu poder. "... os quais não eram apenas ornamentos, mas para o apoio dos braços, e expressavam majestade, coragem indômita e a resolução de fazer a justiça. Falavam sobre o perigo a que as pessoas se expunham, se quisessem perverter a justiça... Salomão era um tipo de Cristo, o leão da tribo de Judá" (John Gill, *in loc.*).

10.20

Também doze leões estavam ali sobre os seis degraus. Havia um leão em cada extremidade dos seis degraus. O indivíduo que subisse até onde estava o trono de Salomão tinha de passar entre os doze leões. Eram figuras extraordinárias. Nenhum reino tinha nada semelhante a isso. Esses animais simbolizavam poder e glória, e provavelmente seu número representava as *doze tribos de Israel*. Simbolicamente, pois, Salomão unia todo o Israel em seu reinado de justiça. Não obstante, seu abuso ao gastar tanto dinheiro e submeter a parte norte do país a tão pesada cobrança de impostos (ver I Reis 12.4) foi um dos fatores que, finalmente, separaram o reino do norte (Israel) do reino do sul (Judá). Ver I Reis 12.1-20 quanto à revolta que terminou na divisão da nação de Israel em duas seções.

Os egípcios punham leões debaixo do trono de Orus (*Hori Apoll. Hierogl.* 1.1, ca. 17), e a arqueologia tem demonstrado que o leão era um antigo motivo oriental nas pinturas e na arquitetura.

10.21

Não havia nelas prata. Salomão era tão rico que a *prata*, embora um metal igualmente nobre, era virtualmente destituída de valor em Israel naquele período. Salomão era tão rico que até seus vasos de beber eram feitos de ouro! Não havia copos de vidro no palácio de Salomão. *Todos os vasos da casa do bosque do Líbano eram de ouro.* Quanto ao palácio real, ver I Reis 7.2-6. Ver o vs. 14 do presente capítulo quanto à imensa quantidade de ouro que Salomão adquiriu em um único ano, cerca de 50.000 libras, ou seja, aproximadamente 25 toneladas! "... de ouro. Não somente em seu palácio em Jerusalém era usado o ouro, mas também em sua casa de campo, a alguma distância" (John Gill, *in loc.*).

10.22

Ouro e prata, marfim, bugios e pavões. *Itens de Luxo Importados mediante o Comércio Marítimo.* Vimos anteriormente que Salomão encabeçava um negócio de comércio marítimo, com a ajuda de experientes marinheiros fenícios. Ver I Reis 9.26 ss. Israel tinha seu território à beira-mar, mas os israelitas não eram voltados para o oceano. Visto que tinham pequeno conhecimento das ciências, tais como a matemática, de que tanto carecem as viagens marítimas, isso os punha em violento contraste com os fenícios, os quais, em suas viagens, segundo confirmam as inscrições fenícias, chegaram à América do Norte e à América do Sul. Hirão tinha sido um bom amigo de Davi e prestou muitos favores a Salomão. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Hirão*, quanto a essa crônica histórica. Assim sendo, entre os seus muitos favores, Hirão ajudara Salomão a enriquecer mais e mais, através do comércio marítimo. Salomão desenvolveu uma frota de grandes navios de comércio que viajavam de três em três anos a Târsis, provavelmente *Tartessos*, à beira do rio Guadalquivir, na Espanha, onde havia uma colônia fenícia, tornando-se mais tarde um local geográfico com muitos judeus (ver a história de Jonas, que se dirigiu a Târsis quando fugia de Deus). É uma curiosidade histórica que os fenícios também deram aos hebreus, por empréstimo, seu alfabeto. Dos fenícios, o alfabeto passou para os gregos; dos gregos, para os romanos; e, através do latim, para a maioria das línguas modernas européias. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Alfabeto*, na seção VI. Ver também o verbete chamado *Târsis*, quanto a detalhes sobre esse local.

Importações de Artigos de Luxo. As viagens a Târsis trouxeram maior quantidade de ouro, de prata, de marfim e até de animais exóticos, como o bugio e o pavão. Em lugar de pavão, algumas traduções, talvez mais corretamente, dizem *babuínos*. Seja como for, não é provável que tais animais fossem postos em jardins zoológicos, mas, antes, indivíduos ricos talvez os guardassem como bichos de estimação, em suas casas, espantando assim os curiosos vizinhos com sua *classe* de animais exóticos.

Naturalmente, não era a próxima Târsis que produzia esses animais. Antes, Târsis era um posto comercial, um depósito de itens vindos de todos os lugares do mundo então conhecido. A África e a Índia eram fontes comuns de animais exóticos e de marfim. Algumas das presas de elefantes eram bastante grandes. Vertomannus (*Navigat.* 1.6, cap. 22) afirmou ter visto uma dessas presas que pesava cerca de 150 quilos. Mas é possível que essa notícia seja uma história de pescador. Na época de Salomão havia um número abundante de elefantes tanto na Índia quanto na África, de modo que o suprimento de marfim não conhecia limites. Tanto Virgílio quanto Horácio relatam o intenso comércio que existia em seus tempos respectivos. Estrabão (ver *Geogr.* 1.15, parte 480) fala do grande número de bugios e macacos presentes nos lugares sobre os quais ele escreveu, pelo que não havia limites quanto ao número de animais que podiam ser captura-

dos e exportados. Vertomannus cita o grande número de pavões visto em certas regiões da Índia. Alexandre, imperador grego, ficou tão impressionado com esses pássaros nobres que baixou um decreto proibindo que se abatessem essas aves. Eliano (*De Animal.* 1.11, cap. 33) referiu-se ao grande número de pavões que havia na Índia durante os seus dias. Os fenícios, naturalmente, conheciam perfeitamente os animais existentes nos vários lugares e os comerciavam. Salomão, pois, foi arrastado a esse tipo de comércio e assim importou criaturas exóticas para o deserto palestino. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Pavão*.

10.23

Nenhum monarca da época podia comparar-se a Salomão, e nenhum rei de Israel, depois dele, gozou esplendor comparável ao dele. Salomão reinou em Israel durante sua época áurea. Ultrapassou em riquezas e em sabedoria a qualquer outro monarca, e essa, usualmente, é uma estranha combinação. Os homens ricos raramente são sábios, exceto sobre como fazer mais dinheiro. Mas quando Salomão fez sua boa escolha, no princípio do reinado, foi-lhe dada a sabedoria que ele havia escolhido, e tudo mais, além dela. Ver I Reis 3.1-15 quanto a essa crônica bíblica.

Um Tipo de Cristo. Ao exceder a todos em sabedoria, Salomão tornou-se um tipo de Cristo, o qual foi feito sabedoria para nós (ver I Cor. 1.30). Ver também Efé. 3.8 e Col. 2.3. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Sabedoria*.

10.24

Todo o mundo. Uma hipérbole oriental, visto que a terra inteira e seus habitantes eram desconhecidos de Salomão e do autor deste livro. Portanto, devemos entender aqui o mundo mediterrâneo, o Oriente Próximo e Médio e talvez um pouco mais além. À semelhança da rainha de Sabá, outros reis, sábios e nobres procuraram Salomão para testá-lo com suas perguntas e ver, por si mesmos, quão grande e sábio ele era. Quanto à história da rainha de Sabá, ver I Reis 10.1 ss. Havia algo de *divino* em Salomão, e homens vinham para comprová-lo. Não obstante, a despeito de toda a sua sabedoria, em breve Salomão cairia na apostasia, e o seu reino (no tempo do filho dele, Reoboão) seria dividido, em parte devido a seus gastos excessivos e ao tolo emprego do dinheiro (ver I Reis 12.1-20).

Os visitantes, naturalmente, continuavam a trazer aqueles tremendos e caríssimos presentes, intermináveis ofertas de ouro, pedras preciosas e especiarias, e grandes quantidades daquela agora quase inútil prata, a pequenada em seu valor pela imensa quantidade de ouro.

A sabedoria, que Deus lhe pusera no coração. Salomão era tão sábio que aqueles que tinham oportunidade de ouvi-lo compreendiam quão grande e divina era a sua sabedoria, conforme afirmam as Escrituras (ver I Reis 3.12). Salomão era um fenômeno divino.

10.25

Cada um trazia o seu presente. *Presentes Intermináveis; Riquezas Materiais Intermináveis.* Toda espécie de presentes era trazida, à semelhança do que fizera a rainha de Sabá: ouro; prata; objetos feitos de prata; roupas finas; carros implementos de guerra; especiarias; cavalos e mulas. E esses presentes continuavam sendo dados o ano inteiro, provavelmente indicando que alguns ricos e nobres faziam visitas anuais a Salomão, além dos que apareciam pela primeira vez. Era uma espécie de exploração do *turismo*, à medida que Salomão era o motivo das visitas, e não a corte real ou o estado de Israel. Naturalmente, havia o templo e os outros edifícios de luxo de Salomão, que arrancavam dos visitantes exclamações de admiração. Era a "época áurea" de Israel, e podemos ter certeza de que ninguém visitava a corte real sem levar algum presente riquíssimo dos produtos de seu país. Não fazê-lo seria contrário aos costumes orientais.

Tipologia. Todos os reis e pessoas comuns caíam diante de Salomão, admirados diante de sua pessoa. Nisso, Salomão foi um tipo de Cristo, o Rei dos Reis. Ver Sal. 72 e Apo. 17.4 e 19.16.

10.26

As melhorias militares de Salomão também demonstravam suas riquezas. O exército de Israel sempre fora composto, essencialmente, de infantaria, sendo admirável que eles pudessem agir como agiram. Salomão, porém, não quis arriscar-se com os inimigos. Ele fez de seu exército uma força de carros de combate e de cavalos. Por isso é que ele tinha 1.400 carros de combate e 12.000 cavaleiros. Cf. I Reis 4.26 quanto a outro dado sobre esta questão. Havia 40.000 estábulos para os cavalos. Ver I Reis 19.19 quanto às *cidades de carruagens*. Josefo informou-nos que metade dos carros de combate de Salomão estavam estacionados em Jerusalém, e a outra metade ficava nas outras cidades (*Antiq.* 1.8, cap. 2, sec. 4).

10.27

Prata como pedras. A prata perdeu o seu valor, com todo aquele ouro que se derramava sobre o país (ver o vs. 14 quanto ao suprimento anual de ouro). A prata, um metal igualmente precioso, não tinha mais valor do que o interminável número de pedras que jaziam espalhadas pelo deserto da Palestina. E os nobres cedros que eram importados tornaram-se tão comuns como os *sicômoros*, as abundantes figueiras nativas da Palestina. Não está em foco o sicômoro que pertence ao mesmo gênero do bordo. A madeira da figueira é leve e porosa e não tinha grande utilidade senão para fazer caixões mortuários baratos, embora a fruta fosse gostosa e boa. A figueira também servia como fonte de sombra, pelo que era estimada nas regiões quentes da Palestina. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Sicômoro*, *Cedro* e *Figueira*. Ver também sobre a *Sefelá*, em Jos. 10.10, as *campinas* da Palestina.

10.28

Cavalos e linho eram parte importante das importações de Salomão. Os primeiros serviam nas forças armadas, e o segundo no fabrico de vestes caras. Ver o vs. 26 quanto aos cavalos. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Linho* e *Cavalo*.

Em lugar de *linho*, algumas traduções têm um nome locativo, *Coa*, um dos lugares de onde Salomão recebia cavalos. Esse local ficava nas planícies da Cilícia. A Vulgata diz "Coa", o que seguem algumas versões portuguesas.

Egito. O termo aqui vem de uma palavra hebraica que alguns identificam com *Mucri*, no norte da Síria, mas os eruditos diferem quanto a esse ponto.

A proibição de multiplicar cavalos foi absolutamente ignorada por Salomão, enquanto este edificava uma poderosa força militar que nenhum poder estrangeiro haveria de ousar submeter a teste. Quanto a essa proibição, ver Deu. 17.16. Yahweh queria que o exército de Israel fosse constituído pela infantaria. Dessa maneira, a vitória em batalha só poderia ser explicada pela intervenção divina, e isso manteria Israel olhando para Yahweh como sua fonte de ajuda.

10.29

O *Egito* era a grande fonte produtora de cavalos. Os egípcios negociavam essa mercadoria com várias outras nações, conforme ilustra o presente versículo. Além disso, no Egito, fabricavam-se carros de combate para exportação. Foi assim que Salomão pôde obter esses itens militares sem manufaturá-los pessoalmente. Salomão possuía o dinheiro, e o Egito tinha as mercadorias, de modo que se estabeleceu um comércio ativo com benefícios mútuos.

Seiscentos siclos de prata. Este era o preço de um carro de combate. Quanto ao *siclo*, ver o artigo chamado *Dinheiro*, II, no *Dicionário*; e ver também sobre *Pesos e Medidas*, IV.C, seção VII. O *siclo* era um peso, e cada carro de combate custava cerca de 6,8 quilogramas de prata.

Cento e cinqüenta (siclos de prata) eram o preço de um cavalo, ou seja, cerca de 1,7 quilo de prata. Não há como avaliar quanto esse tanto de prata podia comprar e, assim, traduzi-lo para moedas modernas é inútil. Mas é claro que o Egito estava obtendo muito dinheiro ao negociar esses itens, tendo Israel, os *heteus* e os *sírios* como compradores.

E os exportavam para todos os reis. Nossa versão portuguesa acompanha a Revised Standard Version. Salomão evidentemente tinha o monopólio da distribuição dos carros de combate e dos cavalos, e obtinha uma comissão sobre cada item exportado para os países mencionados — os *heteus* e os *sírios*.

Capítulo Onze

A Apostasia Salomônica (11.1-43)

O autor sagrado esforçou-se ao máximo para informar-nos sobre como Salomão se tornou rico e poderoso, internacionalmente conhecido por sua abundância e sabedoria. De fato, ele se tornou, por assim dizer, uma atração turística (ver I Reis 10.1 ss., 24). Na verdade, Salomão exagerou na questão financeira, e essa foi uma das causas da revolta final da porção norte de Israel (ver I Reis 12.1-20). Salomão impusera pesadas taxas à parte norte do país para sustentar seu fantástico estilo de vida (ver I Reis 12.4). Além disso, sua esposa favorita (e havia mil dessas esposas!) era uma princesa egípcia, para quem ele edificara uma casa especial (I Reis 9.24). Embora talvez se tenha nominalmente convertido à fé hebraica, ela exerceu, sem dúvida alguma, um poder de atração que levou Salomão

a uma fé sincretista, desencadeando sua queda na idolatria. Outrossim, todas suas outras incontáveis esposas o influenciavam para o pecado da idolatria.

Por um lado, Salomão foi um modelo de rei, e suas riquezas mostravam que a bênção e a aprovação de Deus estavam sobre ele. Mas havia também outro lado do homem que assim foi formado. O autor sacro reservou para o final da história essa descrição e condensou os vários aspectos da queda de Salomão de modo que formasse uma simples narrativa, longa, verdadeira, mas sem dúvida condensada. Temos assim um longo tempo durante o qual Salomão foi o rei ideal, mas, já perto do fim, seu reino caiu em desagregação.

"A fraqueza interna do reinado de Salomão, que até este ponto só tinha ficado subentendida, aparece em plena visão neste capítulo" (Thomas L. Constable, *in loc.*).

11.1

Ora além da filha de Faraó. A princesa egípcia era a mais gloriosa das mulheres "estrangeiras" de Salomão, mas havia muitas outras esposas. Como a maioria dos animais machos, aos quais chamamos humanos, a variedade de raças o atraía, de modo que ele tinha uma ampla seleção de mulheres, vindas de todos os lugares: moabitas, amonitas, edomitas, sidônias e hetéias. Presumivelmente, elas se converteram à fé hebraica a fim de legitimar os casamentos. Ou então, é possível que Salomão nem ao menos se importasse de dar um espetáculo. Ele simplesmente quebrou todas as leis que proibiam casamentos mistos de israelitas com mulheres estrangeiras. Ver Deu. 7.3.4. Desde o começo foi predito que tais casamentos mistos corromperiam o coração dos israelitas, e isso, sem dúvida, aconteceu com Salomão. Embora a *poligamia* (ver a respeito no *Dicionário*) fosse aprovada na época, e não somente em Israel, havia uma proibição contra a insensata multiplicação de esposas (ver Deu. 17.17). Em outras palavras, até uma coisa boa pode tornar-se inconveniente se usada com excesso, e Salomão, acima de todos os homens, foi culpado desse pecado. É anacrônico reprovar a poligamia por si mesma. Tal condenação certamente teria sido estranha para Abraão, Jacó ou Davi. Foi o abuso da prática que foi condenado. Cf. o presente texto com Êxo. 34.12-16; Deu. 7.3.4; Esd. 9.2,11,12 e Nee. 13.23-29.

11.2

Pois vos perverteriam o coração, para seguides os seus deuses. A calamidade seria o resultado da quebra das leis contra os casamentos mistos. Ver no *Dicionário* o artigo geral chamado *Matrimônio*. "O crime dos casamentos de Salomão é claramente demonstrado aqui. Não foi tanto por se casar com a filha do Faraó, mas, antes, por ter desposado mulheres com quem o casamento misto havia sido proibido pela lei deuteronomica (ver Êxo. 34.16; Deu. 7.3.4)" (Norman H. Snaith, *in loc.*).

"Vemos aqui que o poder cria o orgulho; o orgulho gera a arrogância; a arrogância é filha do esquecimento de Deus. A sensualidade de Salomão levou a uma lascívia absurda. Essa foi a sequência de seu esplendor" (Ralph W. Sockman, *in loc.*).

"A poligamia foi levada a efeito por Salomão em tal grau que correspondia à magnificência de seu reino" (Ellicott, *in loc.*). Nos países do Oriente Próximo e Médio, um harém dava uma medida do prestígio e, quanto mais poderoso e rico era um homem, mais esposas possuía. A norma de exagero nos casamentos também deveu-se, sem dúvida, às muitas alianças políticas. Era um bom negócio casar-se com a filha de um inimigo potencial. Laços de família mantinham baixas as chamas da guerra. Atualmente, os ricos e poderosos têm sua própria forma de poligamia, isto é, casam-se e divorciam-se seguidas vezes; além disso, há o quase confiado mecanismo de manter amantes. As coisas não mudaram muito; somente o *modus operandi* da coisa é diferente.

A idolatria foi o principal adversário do abusivo Salomão, o abismo exato no qual ele mergulhou. Ver sobre esse assunto no *Dicionário*.

11.3

Setecentas mulheres, princesas, e trezentas concubinas. Porventura o texto indica que todas as 700 esposas eram princesas? Embora o fraseado do versículo possa apoiar essa idéia, é provável que o autor sagrado simplesmente quisesse dizer que, entre as 700 esposas, muitas eram princesas. Ademais, havia 300 esposas secundárias, ou seja, *concubinas* (ver a respeito no *Dicionário*). Os costumes permitiam a mudança constante de concubinas sem praticamente nenhuma confusão, e é possível que o número de 300 concubinas fosse alterado constantemente, de modo que não eram sempre as mesmas mulheres que continuavam fazendo parte desse total.

Alguns intérpretes, perplexos diante do número de mil esposas, duvidam da exatidão da cifra. Mas Norman H. Snaith (*in loc.*) está correto ao dizer: "Não há por que duvidar da exatidão desses números". No Oriente Próximo e Médio, o harém era simplesmente um adjunto da magnificência de alguém e, quanto mais magnificente fosse o homem, maior era o adjunto. Cf. Est. 2.14. Josefo apóia a exatidão desse número, como também o faz a Septuaginta.

Adam Clarke oferece uma citação que supõe que Salomão nem ao menos visse algumas dessas esposas e concubinas, quanto menos fizesse sexo com elas. Certa ocasião ouvi um pregador dizer que o grande número de mulheres era meramente decorativo. Mas os relatórios sexuais de hoje dizem-nos que algumas prostitutas conseguem ter mil homens por ano, e grande parte delas alcança esse número em três anos. Portanto, é perfeitamente possível que Salomão tivesse tantas mulheres para propósitos sexuais, e não somente para enfeitar o seu harém.

O *monstro do sexo* fica mais faminto conforme o número de vítimas que devora, e a satisfação é uma ficção. Salomão, pois, era devorado diariamente por esse monstro.

11.4

Sendo já velho. O *jovem Salomão* conseguiu agüentar toda essa atividade sexual e, ao mesmo tempo, devotar-se a Yahweh. Mas conforme foi envelhecendo, começou a abandonar qualquer pretensão de devoção. Que o coração de Salomão não era *perfeito* no tocante ao yahwismo e às suas demandas, sem dúvida, é uma declaração sem nenhum exagero. Davi, embora fosse polígamo e sangrento homem de guerra, tinha um coração (relativamente) perfeito. Ver sobre Davi, homem segundo o coração de Deus, em I Sam. 13.14. Mas Salomão, em seus muitos excessos de dinheiro, poder, fama e sexo, não foi capaz de preservar o que seu pai fez. Ele insultou a Yahweh-Elohim, o eterno e Todo-poderoso Deus. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Deus, Nomes Bíblicos de*. Apesar de todos os seus erros, Davi não caiu na idolatria.

“Chegando ao final de seu reinado, Salomão já se aproximava dos 60 anos de idade, pois Reoboão, seu filho e sucessor, tinha 41 anos de idade quando começou a reinar (I Reis 14.21)” (John Gill, *in loc.*). Assim sendo, enquanto homens mais idosos vão ficando mais e mais sábios, Salomão, ao envelhecer, perdeu seu senso de propriedade e maculou a sabedoria que Deus lhe dera.

Não deveríamos lançar a culpa pelos problemas de Salomão sobre a alegada debilidade e senilidade. Antes, sua inclinação para o ecletismo saiu de seu controle, e suas esposas continuaram a rasgá-lo em pedaços. O que não deveria ter acontecido a um sábio ocorreu de forma prodigiosa. Isso, naturalmente, é uma advertência para todos.

Aquele, pois, que pensa estar em pé, veja que não caia.

(I Coríntios 10.12)

11.5

Astarote, deusa dos sidônios. Ver no *Dicionário* quanto aos detalhes. Ela era uma vil deusa do sexo, também conhecida largamente no mundo antigo como Istar e Astarte. Na Síria, ela aparecia como a consorte feminina do deus Baal. Era deusa da fertilidade e sua adoração envolvia orgias sexuais e deboche, bem como a adoração às estrelas. Os costumes variavam de acordo com a localização geográfica, mas ela representava uma abominação para os hebreus. Ver II Reis 23.13. É um fato curioso que, nas moedas de Sidom, Astarote era retratada de pé na proa de uma galera, inclinada para a frente com o braço direito estendido. Dessa maneira, ela se tornou o protótipo de todas as figuras de proa dos navios veleiros. Que Salomão tivesse caído nesse ardil de Astarote, é quase impossível acreditar. Somente uma significativa desintegração da sua personalidade permitiria tal coisa.

Milcom, abominação dos amonitas. Ver no *Dicionário* quanto a detalhes. Esta palavra significa *rei* e com as vogais alteradas (a escrita hebraica continha somente consoantes) tornava-se *melek*, palavra hebraica que também significa “rei”. Possivelmente era uma variedade do nome *Moleque* (vs. 7). Temos em vista aqui a adoração daquele deus conforme era efetuada no culto dos amonitas. O culto variava segundo a área geográfica. Ver Lev. 18.21 e Amós 1.13.

Os autores judaicos mostram-se bondosos para com Salomão, afirmando que o seu problema fora permitir às esposas continuar com os costumes no tocante a seus deuses, mas ele mesmo não participava disso. Parece, contudo, que o crime de Salomão ia muito além da mera permissividade. Havia também alguma prática aberta. O texto diz que Salomão “seguiu” esses deuses. Ele chegou a demonstrar entusiasmo pelas práticas sincretistas. Ver I Reis 11.7 e 33 e II Reis 23.13.

11.6

O que era mau perante o Senhor. A degradação de Salomão levou-o a uma idolatria ativa, e não somente a uma atitude permissiva mediante a qual suas esposas continuaram a adorar deuses pagãos. O presente versículo certamente prova isso.

Yahweh viu o caminho de Salomão e ficou desagradado diante disso. A calamidade sobreviria a Israel. O país já estava na estrada dos *cativeiros* (ver a respeito nos *Dicionários*). A parte norte do país (Israel) se separaria do sul (Judá), e a nação permaneceria dividida até o cativeiro assírio (722 A. C.), que levou as

dez tribos do norte. Nenhum remanescente haveria de retornar. Entretanto, do cativeiro babilônico (597 A. C.), voltaria um remanescente, e Israel começaria de novo, tendo nas tribos de *Judá* e *Benjamim* as únicas fontes de população. Por essa razão, todos os hebreus atuais são chamados *judeus*. Mas a síndrome do pecado-calamidade continuaria perseguindo Israel até o fim. Salomão cumpriu sua parte para fazer essa síndrome entrar em ação.

11.7

Edificou Salomão um santuário a Camos, abominação de Moabe. Salomão, o construtor infelizmente pôs seus talentos e seu *dinheiro* a serviço de deuses pagãos, edificando santuários nos lugares altos e plantando bosques sagrados, práticas idólatras comuns na sua época. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Lugares Altos*.

Camos. Algumas versões portuguesas dizem aqui *Quemós*. Apresento no *Dicionário* o artigo sobre essa divindade moabita, sob o título *Camos*. Ver o artigo quanto a detalhes que não apresento aqui.

O monte fronteiro a Jerusalém. A palavra “fronteiro”, aqui usada, significa “a leste”. Salomão edificou santuários para os deuses de Moabe e Amom no monte das Oliveiras, a leste da cidade de Jerusalém. É quase inacreditável que Salomão tivesse trazido a adoração pagã até as portas de Jerusalém, quase defronte de seu amado templo, para cuja construção ele trabalhara tão arduamente. Esse ato mostra até que ponto Salomão havia decaído no decurso dos anos. A desintegração, tanto física quanto espiritual, é sempre um processo lento que termina na calamidade. “Precisamos de padrões fixos em meio a nossos ideais vagos” (Ralph W. Sockman, *in loc.*). Foi assim que Salomão, procurando equilibrar o yahwismo com o paganismo (idolatria), terminou alcançando um resultado lamentável. “O que busca o reino de Deus terá, primeiramente, de resolver alguns problemas, mas o que busca o reino de Deus em segundo lugar, nada terá senão problemas” (Henry Drummond).

Moleque, abominação dos filhos de Amom. O nome desse deus amonita também aparece, em outras versões portuguesas, sob a forma de Moleque. Ver no *Dicionário* sob o título *Moleque (Moleque)* quanto a maiores detalhes. Está em vista o mesmo deus chamado “Milcom”, no vs. 5 deste capítulo, onde ofereço notas adicionais.

11.8

As muitíssimas esposas de Salomão mostravam-se ativas em seus rituais religiosos, sem ocultar coisa alguma, nem cerimônias nem regras, praticando a mais direta idolatria que envolvia a tudo e a todos. Toda espécie de deus era honrado, todos os tipos de rituais eram postos em prática, e isso porque Salomão tinha toda espécie de esposas estrangeiras. A situação saiu completamente de seu controle.

“Isso nos mostra que os *melhores* e *mais sábios* homens, quando deixados sozinhos, podem ser os piores e praticar as coisas mais tolas. Nada pode ser mais insensato do que a adoração de tão horribéis deidades” (John Gill, *in loc.*).

11.9

Q Terceiro Aparecimento do Senhor a Salomão. As tolices que Salomão estava promovendo naturalmente chegariam à atenção de Yahweh, que observava cada ato e ouvia cada palavra, além de ler cada pensamento. Por duas vezes antes, o Senhor havia aparecido a Salomão, mas sob circunstâncias mais propícias. Ver I Reis 3.5 e 9.2. A primeira vez ocorreu quando lhe foi dado o dom divino da sabedoria. A segunda vez foi por ocasião da dedicação do templo. Agora, nessa terceira vez, Salomão já estava relativamente velho, e o objetivo de Yahweh era pôr fim à vergonhosa idolatria de seu servo.

O Senhor se indignou contra Salomão. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Ira de Deus*. Falar sobre Deus como irado ou a exibir quaisquer outras emoções humanas é um reflexo do *antropomorfismo* e do *antropopatismo*. Em outras palavras, atribuímos a Deus as nossas próprias características e emoções. Nosso dilema humano nos força a usar tais termos e idéias, a fim de descrevermos aquilo que, de outra maneira, é essencialmente indescritível. Não sabemos dizer até onde tais descrições correspondem a Deus. O *teísmo* (ver no *Dicionário*) do Antigo Testamento depende essencialmente tanto do antropomorfismo como do antropopatismo. Ambos os termos são explicados com detalhes no *Dicionário*. Verdadeiramente, Deus é o *Mysterium Fascinosum* e também o *Mysterium Tremendum*. Ver sobre ambas as expressões no *Dicionário*. Ver ali também o artigo geral chamado *Deus*.

Seja como for, o trecho de I Reis 9.13 contém a condenação de Salomão. Embora estivessem ocorrendo muitas situações drásticas, por causa da apostasia de Salomão, o *pior de todos os acontecimentos* seria a divisão do reino em duas

nações, a do norte (Israel) e a do sul (Judá), com o resultado de que larga porção do reino unido passaria para uma linhagem não-davídica. Então viriam os cativados: o assírio, que poria fim às dez tribos do norte (722 A. C.); e o babilônico, que levaria o sul (Judá) para a Babilônia, de onde um remanescente voltaria, depois de setenta anos, para dar continuidade à nação de Israel. Ver sobre *Cativeiros* no *Dicionário*; e ver também sobre os dois cativados, em artigos distintos.

A coisa mais dramática que aconteceu, devida ao pecado de idolatria de Salomão, foi a mudança de atitude de Yahweh para com o rei e para com o seu reino. Somente o mal poderia resultar de tal pecado.

“Alguns pecados são como uma erupção na pele, rebentando tal qual um ataque de sarampo, que surge da noite para o dia. Mas os sete pecados mortais, conforme lista a teologia tradicional, sugerem uma lenta decadência, e não um ataque súbito” (Ralph W. Sockman, *in loc.*). Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* sobre *Sete Pecados Mortais*.

“Um vício é um vício, sem importar quem o cometa” (Adam Clarke, *in loc.*). Portanto, Salomão não foi desculpado, por causa de seu registro histórico favorável. Salomão, homem tão sábio, deveria ter sido capaz de escapar da armadilha na qual caiu.

11.10

E ... **lhe tinha ordenado que não seguisse a outros deuses.** O *Mandamento contra a Idolatria Era Claríssimo*. Salomão havia sido avisado. Ver I Reis 9.5-7. A continuação da linhagem de Davi dependeria da observância de toda a legislação mosaica e, em particular, do mandamento (o segundo dos dez) que proibia a idolatria. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Dez Mandamentos*. O primeiro dos mandamentos era contra o politeísmo. Salomão, pois, também desobedeceu a essa ordem. Seu sistema religioso sincretista chegara a reconhecer outros deuses. Agravaram-se seus pecados (e conseqüentemente sua punição) porque ele pecara contra a luz que possuía, em contraste com suas esposas e vizinhos pagãos. Esses ainda tinham alguma desculpa; mas Salomão não tinha desculpa alguma.

A isso devemos comparar o caso dos líderes religiosos de Israel, no tempo de Jesus: “Em verdade vos digo que publicanos e meretrizes vos precedem no reino de Deus” (Mat. 21.31)

11.11

Não guardaste a minha aliança. Israel era um povo que estava em aliança de pacto com Yahweh. Os pactos eram inter-relacionados. Provavelmente está em vista o *Pacto Mosaico*, anotado na introdução a Êxodo 19. Ver também o *Pacto Abraâmico*, nas notas sobre Gên. 15.18; o *Pacto Palestiniano* na introdução a Deu. 29; e o *Pacto Davídico* em II Sam. 7.4. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Pactos*. O Pacto Mosaico tinha como âncora os *Dez Mandamentos* (ver a respeito no *Dicionário*). O segundo desses mandamentos condena, especificamente, a idolatria, a principal ofensa de Salomão. Era lei que tornava Israel um povo distinto (ver Deu. 4.4-8), e, ao agir como um pagão, Salomão havia erradicado a lei, trazendo a idolatria à porta do templo de Jerusalém.

Tirarei de ti este reino. A perpetuidade da linhagem davídica no trono era uma promessa especial conferida a Salomão e também uma das provisões do Pacto Davídico. Ver I Reis 9.5 quanto às notas expositivas. Os erros de Salomão, entretanto, foram a causa da divisão do reino davídico em dois, o norte (Israel) e o sul (Judá). A tribo de Benjamim, por esse tempo, havia sido absorvida pela tribo de Judá. Isso pavimentaria o caminho para eventos ainda mais drásticos, como os dois cativados: o assírio, em 722 A. C., que pôs fim ao reino do norte, para sempre; e o babilônico, em 597 A. C., com a destruição do templo e a demolição geral de Jerusalém. Um remanescente retornaria depois de setenta anos do cativeiro babilônico, para continuar a história israelita, mas a glória de Israel terminaria para sempre. Essa glória voltará, duplicada, no milênio, pois Jerusalém será a capital do mundo durante aqueles mil anos futuros.

O agente da divisão de Israel em duas nações seria Jeroboão, um dos oficiais de Salomão (ver o trecho de I Reis 11.26,28). Reoboão, filho de Salomão, ficaria somente com duas tribos (Judá e Benjamim, esta última absorvida por Judá). Judá era a tribo mais poderosa de todas, é verdade, mas apenas um fragmento do reino unido de Israel.

11.12

Contudo não o farei nos teus dias. A divisão do reino de Israel não ocorreria nos dias de Salomão, porquanto Yahweh respeitava a memória de Davi e suas contribuições. Não seria estético o filho de Davi perder o reino unido. Antes, Reoboão, que ainda começaria a governar todo o Israel, em breve enfrentaria a revolta da porção norte do país (ver I Reis 12.1-20) e perderia as dez tribos do norte. Uma das razões para a revolta foi a insensatez de Salomão com o dinheiro. Ele sujeitara as dez tribos do norte a um pesado jugo. Essa parte do país fora pesadamente submetida a impostos

para ajudar a sustentar o fantástico estilo de vida de Salomão e seu extravagante projeto de construções. O peso tornara-se insuportável para as tribos do norte. Em sua arrogância, Reoboão recusou-se a aliviar a carga e terminou sofrendo uma perda irreparável.

Davi tivera méritos distintivos e também as promessas divinas que não podiam ser quebradas (ver II Sam. 7.12,13). Deus havia demonstrado grande longanimidade para com a casa de Davi. E continuou a abençoar Judá. A síndrome do pecado-calamidade havia funcionado de novo. Ver Sal. 73.18-20; os ímpios chegaram a um mau fim, afinal, conforme garante o salmo.

11.13

A *rasgadura do reino* não seria absoluta. A casa de Davi continuaria no poder. O sul consistiria em uma única tribo, Judá, porque Benjamim, sempre fraca, tinha sido absorvida por Judá e não era mais uma tribo funcional separada. A tribo de Judá, pois, seria separada por causa de Davi e por causa de Jerusalém, a capital e o lugar central de adoração, com seu ainda magnífico templo. Yahweh havia escolhido Davi e Jerusalém. Ele manteria a casa de Davi viva, por causa de Suas escolhas. O cativeiro às mãos dos babilônios, porém, poria fim a essa preservação. Mas no Messias a casa de Davi seria renovada espiritualmente, se não mesmo literalmente, em um sentido *terreno*. Alguns acreditam que o milênio produzirá um novo reino em Israel, tendo o Messias como rei literal, mas a maioria dos intérpretes vê isso sob um prisma espiritual, e não literal. O reino milenar será do Messias, e será davídico. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Milênio*.

Ver o capítulo 20 do livro de Juizes quanto ao quase desaparecimento da tribo de Benjamim.

As Duas Revoltas (1.14-25)

A Revolta de Hadade (11.14-22)

Davi havia derrotado os oito povos adversários de Israel, possibilitando a seu filho, Salomão, governar Israel em um período de grande prosperidade material e paz. Mas a idolatria de Salomão maculou essa circunstância ideal. Ver II Sam. 10.19 quanto à liberação das realizações de Davi. Portanto, durante o governo de Salomão houve *duas revoltas*. Hadade, de Edom, e um dos vassalos de Hadadezer (ver II Sam. 10.19) tinham estabelecido reinos independentes. As duas revoltas abalaram seriamente o poder de Salomão e o fluxo dos recursos econômicos, embora tivessem obtido sucesso apenas parcial.

“Hadade era um príncipe de Edom, um dos antigos inimigos de Israel, que ficava a sudeste do território de Israel. Quando Davi guerreava contra Edom, Hadade, que era então ainda um menino, escapou para o Egito. Ele fugiu de Midiã, um reino ao sul de Edom e a leste do moderno golfo de Ácaba, até Parã, uma área da península do Sinai, entre Midiã e o Egito. O Faraó o acolheu e lhe deu uma cunhada em casamento” (Thomas L. Constable, *in loc.*). Portanto, isso armou o palco para Hadade agir posteriormente, assediando a Salomão por causa de seus pecados. Hadade buscou vingar-se da casa de Davi. Quanto a detalhes, ver o ponto 6 do artigo *Hadade*, no *Dicionário*.

11.14

Yahweh foi a força impulsionadora por trás das revoltas, com a intenção de castigar Salomão por seus pecados e excessos. Sem esse incentivo divino, *Hadade*, muito provavelmente, não teria coragem de atacar um território sobre o qual Salomão governava, a despeito do grande ódio que nutria por Davi e sua casa real, que haviam destruído o seu país e o tinham enviado ao exílio, quando ele era ainda menino. Faz parte do teísmo bíblico que Deus é o poder por trás das nações e de seus atos, e que uma nação pode ser usada para assediar a outra, como punição apropriada por alguma infração. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Teísmo*. “... Ele o castigou com a vara de homens, conforme disse que faria... a revolta perturbando sua idade madura. Ver II Sam. 7.14” (John Gill, *in loc.*).

Este era da linhagem real de Edom. Isto é, filho ou neto do rei a quem Davi havia derrotado. Ver a introdução à presente seção. “O Hadade aqui mencionado parece ter sido o último descendente da linhagem real, tendo escapado sozinho, quando criança, da matança de seus parentes e de seu povo” (Ellicott, *in loc.*).

11.15

Feriu a todos os varões em Edom. Davi e seu general selvático, *Joabe*, tinham matado a todos os membros do sexo masculino em Edom, com exceção do menino Hadade, que escapou da matança doentia. Ver II Sam. 8.14 quanto à narrativa a respeito. As palavras “todos os varões” são tomadas como um exagero, porquanto falam de uma matança local e não nacional. Pelo menos, todos os

membros masculinos da linhagem real foram mortos, tendo escapado somente o menino Hadade. Joabe precisou de seis meses para cumprir sua tarefa sangüinária (ver o versículo seguinte).

A sepultar os mortos. Ou seja, Joabe foi ao campo de batalha para sepultar os mortos de Israel. Era um antigo costume, em todos os países do Oriente Próximo e Médio, oferecer aos mortos um sepultamento honroso, e considerava-se blasfêmia deixar de cumprir esse costume, mostrando-se alguém negligente quanto à questão. O Targum comenta aqui: "tomar os despojos dos mortos", em lugar de sepultá-los, mas por certo esse comentário não exprime a realidade dos fatos. As tradições gregas atribuem a Hércules o crédito de ordenar o sepultamento decente dos mortos, ao que nenhum grego desobedeceria (Eliano, *Var. Hist.* 12, cap. 27). Josefo diz que estava em concordância com a lei de Moisés sepultar os mortos (*Antiq.* 1.4, cap. 8, sec. 24). Mas não sabemos qual a autoridade dele quanto a essa sua declaração. Ver Deu. 21.23 e Gên. 23.4, que podem ser referências bíblicas em apoio a tal argumento. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Sepultamento, Costumes de*.

11.16

Os Sangrentos Seis Meses. Joabe cometera genocídio. Ele saíra para matar a todo varão em Edom. Sem dúvida, alguns conseguiram livrar-se, ocultando-se em vários esconderijos ou fugindo para o interior. Poucos, entretanto, escaparam aos ataques sistemáticos de Joabe, que agia impulsionado por um grande ódio. Era coisa séria irar àquele homem selvagem. Porém, apesar de todos os seus esforços, os edomitas aumentaram de novo em número e tornaram-se um povo poderoso, tiveram seu próprio rei e revoltaram-se novamente contra Judá (ver II Reis 8.20-22).

11.17

Hadade, porém, fugiu. O menino Hadade estava entre os sobreviventes da matança. Ele fugiu para o Egito, com alguns poucos oficiais e servos de seu pai. Tudo aconteceu quando Hadade era ainda uma criança. Enquanto Joabe sepultava os mortos, um corpo vivo, o menino, conseguiu escapar em segurança para o Egito.

11.18

A rota seguida pelos sobreviventes é descrita. Ver os nomes próprios no *Dicionário*. Edom ficava diretamente a leste da parte mais ao norte do Egito. A viagem foi, sem dúvida, de cerca de 320 quilômetros, contudo a maior parte dessa distância era coberta por um estéril deserto, de modo que a fuga não foi nada fácil. A dinastia que naquela época governava no Baixo Egito era a XXIª dinastia, ou dinastia Tanita. Provavelmente, considerando-se os muitos anos que já se haviam passado, o Faraó que então imperava não era mais aquele que dera a filha em casamento a Salomão (ver I Reis 7.8).

O Faraó, rei do Egito, teve pena do menino Hadade e de seus guardiães, e providenciou-lhe uma casa para morar e as necessidades básicas da vida. Deu também aos edomitas alguma terra, porquanto eles seriam residentes permanentes no Egito.

11.19

O menino Hadade cresceu e tornou-se adulto, trazendo o título de sua linhagem familiar. O Faraó o favoreceu, a ponto de dar-lhe, por mulher, uma irmã de sua esposa, ou seja, a cunhada do rei do Egito. O fato de uma mulher de tamanha importância na família real ter-lhe sido oferecida revela o quanto Hadade agradara ao rei egípcio. *Tafnes* era o nome da esposa do Faraó e, naturalmente, ela era apenas uma das muitas esposas de seu grande harém. O vocábulo "rainha" aqui usado significa "primeira-dama", sendo possível que, no contexto, ela fosse a principal dama do harém, ou a rainha-mãe, a principal esposa. Mas a rainha-mãe poderia ser uma pessoa diferente da principal esposa, a qual era a líder e supervisora do harém, e talvez essa esteja aqui em pauta. Bate-Seba, a esposa de Davi, era tanto a rainha-mãe quanto a principal dama do harém (ver I Reis 2.19). Ver I Reis 5.13 quanto à remoção da mãe do rei Asa, de Judá, dessa elevada posição. "Parece que os reis do Egito estavam acostumados a casar suas favoritas com grandes personagens. Ver Gên. 41.45" (John Gill, *in loc.*).

11.20

Tafnes. Quanto ao que se sabe e é conjecturado sobre esta mulher, ver o *Dicionário*. O nome não se encontra nas inscrições ou nos monumentos egípcios, mas não há por que duvidar da historicidade de sua pessoa.

Genubate. Quanto ao pouco que se sabe sobre esse filho de Hadade, ver o *Dicionário*. Tafnes cuidou da criança e a desmamou na casa do Faraó. Mas Genubate era apenas um dentre muitos filhos de muitas mulheres que tinham

apartamentos separados no grande harém do Faraó. Não obstante, não foi pouca coisa Hadade ter sido criado como parte da família real.

Criou. Sem dúvida alguma, está em foco uma cerimônia ou uma espécie de festa costumeira (ver Gên. 20.18), que marcava a admissão de uma criança na família real do Egito.

11.21

Deixa-me voltar para a minha terra. Hadade fez o pedido ao saber das boas-novas sobre a morte de Davi e de Joabe. O arquiniimigo havia morrido, e outro tanto acontecera a seu brutal general, Joabe. Isso indicava novas condições em Israel e Edom. Hadade foi assim inspirado a ser o herói edomita e salvador nacional. Isso fazia parte de sonhos seus que não se cumpriram, mas tais esforços deixariam Salomão miserável, diminuído em seus poderes e em suas riquezas. Hadade conseguiu fazer o mal contra Salomão, e isso justificou seus esforços, embora estes não tivessem produzido tudo quanto ele esperara (ver o vs. 25). O autor sacro não relata os detalhes da história. Talvez ele mesmo não estivesse familiarizado com a questão, senão através de alguns poucos relatos em registros fragmentados.

11.22

Faraó não ficou satisfeito com o pedido de Hadade para ir à guerra em Edom. Em primeiro lugar, ele tinha favorecido o homem com muitos presentes, uma esposa da família real, terras etc., e agora parecia que Hadade não lhe era grato o suficiente. Ademais, ele tinha alianças com Israel e não queria que Hadade perturbasse a paz. Mas Hadade insistiu e evidentemente obteve a permissão do Faraó, visto que foi e conseguiu praticar o mal que tentava contra Salomão (ver o vs. 25). É provável que o Faraó tenha feito Salomão saber que ele não estava envolvido nos esforços de Hadade, de maneira que esse homem foi tratado como um rebelde local, e não como um representante do rei do Egito.

Josefo diz-nos que o Faraó inicialmente negou permissão a Hadade, mas que, quando Salomão declinou com a passagem dos anos, o pedido lhe foi outorgado. Josefo também ajuntou a isso que Hadade e Rezom se tornaram aliados e atacaram Salomão em uníssono. Mas a guerra deles foi transferida para a Síria, visto que Edom era fortemente guarnecida de tropas israelitas, e não era um lugar favorável para guerrear contra Salomão (*Antiq.* viii.6.6). Talvez o vs. 25 sugira a verdade da menção destes dois homens juntos. Edom, portanto, foi deixada sem revolta alguma, mas a Síria tornou-se independente. Somente nos dias de Josafá foi que Edom se revoltou (ver II Crônicas 20).

A Revolta de Rezom (11.23-25)

11.23

Alguns estudiosos crêem que a história de Rezom é uma espécie de repetição da história concernente a Hadade. Os nomes Edom e Aram (que são muito parecidos na escrita hebraica) teriam dado origem à dupla narrativa sobre a mesma história. Josefo fez distinção entre as duas revoltas e explicou que Hadade, falhando na tentativa de causar a guerra em Edom, foi para Aram com vistas a ajudar Rezom em sua revolta local. Ver o último parágrafo das notas expositivas sobre o versículo anterior. Seja como for, o autor sacro deixa-nos hesitantes por falta de detalhes, contentando-se em informar-nos que Hadade e Rezom foram capazes de fazer mal a Salomão. Ele também atribuiu toda a questão das revoltas à punição de Yahweh contra Salomão, por causa de sua idolatria e dos seus excessos. Quanto a detalhes, ver os nomes próprios no *Dicionário*.

Zobá. Esse é um reino que ficava ao sul de Damasco (ver II Sam. 8.3-6). Rezom recusou-se a submeter-se a seu senhor, Hadadezer, e pôs-se a vagabundear como um agente livre, vendo a tribulação que ele poderia despertar. Finalmente, foi capaz de estabelecer-se como um rei e fundou o poderoso reino de Arão-Damasco (Síria). Por longo tempo, a duração desse reino fez Israel lamentar-se. Acabe conseguiu uma vitória, mas até mesmo essa foi apenas temporária (ver I Reis 20.23,24).

11.24

Este versículo mostra-nos que Rezom agiu mais ou menos conforme fizera Davi, antes de obter o poder em Israel. Ele dispunha de um bando de guerrilheiros e, através de poucas vitórias significativas, finalmente entrou no poder. Ver no *Dicionário* sobre *Damasco*, quanto à sua história, e sobre os reis de Arã, em um gráfico que aparece nas notas sobre o versículo seguinte. Davi (e Israel) tornaram-se ferozes inimigos de Rezom e de seu reino e, como guerra sempre gera guerra, eles nunca se cansaram da matança. Davi foi quem iniciou a luta matando soldados inimigos em Zobá, de onde Rezom fugiu e foi estabelecer-se em Damasco. Ali, Rezom sobreviveu e tornou-se poderoso.

11.25

Agindo como se fossem agentes de Yahweh, os dois rebeldes foram capazes de prejudicar a Salomão, dando-lhe muitas noites mal dormidas e diminuindo, até certo ponto, suas riquezas e seu poder. Este presente indica uma longa série de ataques e escaramuças, pelas quais Salomão foi lesado pelo reino da Síria durante longo tempo. Os dois rebeldes odiavam Israel, devido às matanças anteriores, e pela suprema arrogância da época áurea liderada por Salomão, o líder de todos os excessos.

Reis de Harã (Síria, em I e II Reis)

<i>Reis</i>	<i>Datas</i>	<i>Referências Bíblicas</i>
Rezom (Heziom)	c. 940-915 A. C.	I Reis 11.23,25; 15.18
Tabrimom	c. 915-900	I Reis 15.18
Ben-Hadade I	c. 900-860	I Reis 15.18,20
Ben-Hadade II	c. 860-841	I Reis 20; II Reis 6.24; 8.7,9
Hazael	c. 841-801	I Reis 19.15,17; II Reis 8; 9.14,15; 10.32; 12.17,18; 13.3,22,24
Ben-Hadade III	c. 801	II Reis 13.3,24,25
Rezim	c. 732	II Reis 15.37; 16.5,6,9 (cf. Isa. 7.1,4,8; 8.6; 9.11)

(gráfico adaptado de Thomas L. Constable, *in loc.*)

História Inicial de Jeroboão (11.26-40)

Quanto a notas expositivas completas sobre *Jeroboão*, ver o artigo sobre ele no *Dicionário*. Ele foi o instrumento da divisão do reino unido em duas porções: o norte (Israel, dez tribos) e o sul (Judá, duas tribos). Yahweh havia predito que a idolatria de Salomão seria punida especificamente pela divisão do reino. Somente as tribos de Judá e Benjamim seriam retidas por seu filho Reoboão, através de quem seria obtida a perpetuidade da linhagem real de Davi. Mas isso só teria fim por ocasião do cativo babilônico, que ocorreu em cerca de 597 A. C. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Cativeiros*.

Portanto, temos aqui em plena operação a síndrome do pecado-calamidade que Salomão provocou por seus atos tolos e por seus excessos, sobretudo por causa da idolatria, da qual ele participou ativamente. Ver I Reis 11.7,8. A terceira visita de Yahweh a Salomão não foi pacífica (ver I Reis 11.9 ss.); antes, foi o agente do pronunciamento de juízo divino. Os julgamentos divinos com frequência têm agentes humanos, e Jeroboão foi o homem com esse propósito no caso da linhagem salomônica, a qual precisava sofrer uma grande perda.

Os vss. 26-40 atuam como uma espécie de prólogo da história. I Reis 12.1-20 conta-nos, especificamente, acerca da revolta e das suas razões. I Reis 12.4 menciona o *pesado jugo* que Salomão havia imposto sobre a parte norte de sua nação, a fim de perpetuar seu extravagante estilo de vida. I Reis 12.24 mostra-nos que Salomão havia deixado a Jeroboão o encargo de suas turmas de trabalho forçado, e o vs. 28 deste capítulo conta-nos como aquele homem se tornara um membro de confiança entre os oficiais de Salomão. A revolta se deu com a ajuda do profeta Aías, que era um agente de Yahweh para ajudar a Jeroboão a rasgar o reino em duas partes (vss. 29 ss.).

11.26

Quanto ao que se sabe a respeito dos parentes próximos de Jeroboão, ver os artigos, no *Dicionário*, sobre os nomes que figuram neste versículo. O oficial Jeroboão era servo de Salomão, a princípio um chefe da turma de trabalhos forçados (ver I Reis 12.24). Pessoa industriosa, cresceu rapidamente e estava destinado a tornar-se o rei da porção norte da nação, que se chamaria Israel (as dez tribos).

Efraimita. Jeroboão era nativo de Efraim, a principal das tribos da região norte. Havia motivos econômicos para essa revolta, conforme demonstra o capítulo 12 de I Reis. Mas o impulso de Yahweh estava por trás de tudo, a fim de punir Salomão por sua idolatria. Por assim dizer, Yahweh começaria com Jeroboão, que presumivelmente andaria no caminho do rei ideal da lei de Moisés (ver I Reis 11.38).

11.27,28

Salomão estava edificando a Milo. Ver I Reis 9.15,24. “Pelo contexto, aprendemos que Jeroboão, quando ainda era jovem, foi empregado por Salomão como superintendente dos aprimoramentos e edificações em *Milo*, e ali se distinguiu por sua indústria e boa conduta, atraindo a atenção geral e induzindo Salomão a colocá-lo sobre os trabalhadores forçados na obra que pertencia às tribos de Efraim e Manassés, chamadas aqui *casa de José*, visto que Efraim e Manassés eram filhos de José que vieram a encabeçar tribos de Israel. A princípio, parece que Salomão não empregou nenhum dos israelitas em seus conchavos, mas é provável que, à medida que se profanou, também se tornou tirânico e opressor. Durante os trabalhos em Milo, Jeroboão mudou sua conduta, e nessa época foram plantadas as sementes da traição. Homem esperto e empreendedor, Jeroboão sabia muito bem como valer-se do descontentamento geral” (Adam Clarke, *in loc.*).

É provável que Jeroboão, um “poderoso homem de valor”, também fosse um bom soldado, de modo que a guerra o agradava, e ele a empregaria sempre que necessário fosse.

“Em resultado de seu bom trabalho, Salomão o promoveu sobre toda a turma de trabalhos forçados das tribos de Efraim e Manassés (a casa de José)” (Thomas L. Constable, *in loc.*). O mesmo historiador assim observou um fenômeno humano comum: o homem bom elevou-se naturalmente acima dos outros e logo achou-se em posição de autoridade. Mas, não demoraria muito, e esse bom se tornaria bom demais para o gosto de Salomão, transformando-se em rei das dez tribos do norte.

“Ou ele seria um príncipe ou governador deputado sobre eles (a casa de José); ou ele coletaria os impostos do rei da parte deles, ou as rendas daquela parte do país. Ver Pro. 22.26” (John Gill, *in loc.*).

11.29

A Causa Divina. O autor sagrado teve o cuidado de registrar o encontro do profeta Aías com Jeroboão. Embora houvesse causas humanas (econômicas e de relações públicas), conforme ilustra com detalhes o capítulo 12, a *causa primária* da divisão do reino de Israel em duas porções — norte e sul — foi o julgamento divino. A idolatria de Salomão precisava ser tratada com severidade, e a casa de Davi sofreria um grande recuo. Entrementes, a estrela de Jeroboão se elevava, enquanto caía a estrela de Salomão, bem como a estrela do reino de Israel, porquanto agora o país já estava na vereda do cativeiro. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Cativeiros*.

A revolta, sem dúvida alguma, teve o forte apoio da casa de Eli, que havia favorecido a Saul. Posteriormente, o profeta tornou-se amargamente hostil a Jeroboão, mas isso não faria a nação de Israel recuperar a sua unidade. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Aías*, no primeiro ponto, quanto a detalhes. Anos mais tarde, Aías anunciou a queda de Jeroboão (ver I Reis 11.29-40 e 14.2-18). Jeroboão, afinal, conduziu a nação do norte (Israel) à idolatria, e assim ficou sujeito à ira do profeta e de Yahweh, com resultados desastrosos.

11.30

E isso se tornou em pecado. Os dois bezerros colocados por Jeroboão, um em Betel e outro em Dã, constituíram pecado. O profeta Aías teve uma conversa particular com Jeroboão, em um campo. Ele tinha vestido uma veste nova para o encontro, porque essa veste haveria de tornar-se uma vívida lição objetiva. De súbito, o profeta tirou a veste nova e rasgou-a em doze pedaços, sem dúvida diante dos olhos assustados do futuro rei. Os doze pedaços representavam as doze tribos de Israel, que até ali tinham estado unidas, tal como, antes da rasgadura, havia só uma peça de fazenda. Alguns intérpretes pensam que a veste pertencia ao próprio Jeroboão, mas as melhores traduções parecem indicar que ela era mesmo propriedade do profeta.

Doze. Esse sempre foi o número tradicional das tribos de Israel, e pelo momento o profeta Aías ignorou o fato de a tribo de Benjamim ter sido absorvida pela tribo de Judá, de maneira que, na realidade, havia somente *uma tribo* no sul. Ver I Reis 11.13.

11.31

Jeroboão recebeu dez pedaços das vestes rasgadas, simbolizando as dez tribos do norte que passaram a chamar-se Israel, em contraste com Judá (a parte sul). Vieram à existência *duas nações*, onde antes só havia somente uma, o reino unido.

Yahweh-Elohim, o Deus Todo-poderoso e Eterno tinha ordenado a divisão do reino unido e também a entrega de dez das tribos a Jeroboão, que se tornou assim o agente da divisão. No entanto, à semelhança de Salomão, Jeroboão começaria bem e terminaria mal (e com o mesmo antigo inimigo, a *idolatria*). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Jeroboão*, quanto a maiores detalhes. E ver também, ali, o verbete intitulado *Deus, Nomes Bíblicos de*.

A *incumbência* dada pelo profeta segue, com todos os detalhes, o que lemos no livro de Deuteronômio, tal como sucedera na incumbência de Yahweh a Salomão (ver I Reis 3.14 e 9.1-9). A lei de Moisés é que tornava Israel um povo distinto (ver Deu. 4.4-8). A forma como Israel tratasse a legislação mosaica é que seria uma bênção ou um desastre.

11.32

Uma tribo, ou seja, Judá (que já havia absorvido Benjamim, a outra tribo do sul), permaneceria com a linhagem de Salomão, retida por seu filho, Reoboão. Isso foi uma concessão de Yahweh, por amor a Davi, a fim de que o nome do primeiro rei de Israel não desaparecesse da memória dos homens. Jerusalém e o templo magnificente permaneceriam com a nação do sul e com a linhagem real davídica. Quanto aos detalhes, ver os vss. 12 e 13 do presente capítulo, que são virtualmente iguais ao vs. 32.

11.33

A *idolatria* foi a causa principal da queda de Salomão, bem como a *razão divina* pela qual se dividiu em dois o reino de Israel. O autor sagrado ignora as causas econômicas e sociais que ele comenta no capítulo 12. O presente versículo dá-nos a informação sobre os tipos de idolatria, bem como sobre os deuses pagãos envolvidos, conforme vimos na exposição dos vss. 5-7. O resultado dessa idolatria foi que Salomão abandonou a lei de Yahweh e esqueceu seus *estatutos e preceitos*. Quanto à *tríplice* designação da lei, que inclui esses dois termos, ver Deu. 6.1. Salomão, que havia começado sua carreira como rei de modo tão bom, abandonara o andar do rei ideal de Israel. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Andar*.

... as várias leis de Deus, relacionadas especialmente à adoração religiosa e das quais Davi foi estrito observador. Salomão, portanto, dispondo de tal exemplo, era ainda mais digno de condenação.

(John Gill, in loc.).

11.34

O julgamento de Salomão, porém, não lhe sobreviria em seu próprio tempo, pelo menos não a coisa principal, isto é, a divisão do reino. Mas seu filho Reoboão seria atingido. Enquanto Salomão viveu, governou sobre todo o Israel. Quando ele morreu, a divisão não demorou a ocorrer. Vimos isso nas notas sobre o vs. 12 deste capítulo.

O texto ilustra que ninguém vive sozinho; nenhum ser humano vive separado dos outros. O que um homem faz inevitavelmente envolve outras pessoas.

Nenhum homem é uma ilha, inteira por si mesma. Todo homem é um pedaço do continente, uma parte do principal.

(John Donne)

11.35

A *parte de Israel* que passaria para as mãos de Jeroboão, as *dez tribos*, seria tirada das mãos do filho de Salomão, chamado Roboão (ver sobre ele no *Dicionário*). Há um artigo sobre Reoboão, uma forma do nome Roboão, nas versões portuguesas. Esse homem, ao receber uma delegação da parte norte do país, mostrou-se *arrogante* e recusou-se a ouvir as queixas. Antes, fez a situação já miserável do norte tornar-se ainda mais insuportável, e logo a profecia da divisão do reino de Israel era uma realidade. Ver a história em I Reis 12.1-20.

As dez tribos. Simbolizadas por dez dos doze pedaços em que a roupa do profeta fora rasgada (ver o vs. 30). Ver os seguintes artigos no *Dicionário*, onde ofereço consideráveis detalhes: *Reino de Judá e Rei, Realeza*. Este último artigo apresenta um gráfico dos reis de Israel e Judá. E também fornece comparações dos reis das nações relacionadas à história de Israel. Ver também os artigos intitulados *Israel, História de e Israel, Reino de*.

11.36

E a seu filho. Isto é, Roboão (Reoboão) continuaria a linhagem real em Jerusalém, que permaneceria no sul e abrigaria o templo até o cativeiro babilônico (cerca de 597 A. C.), quando seria destruída e testemunharia o desaparecimento da linhagem davídica. Assim sendo, Yahweh permitiu que essa linhagem continuasse ainda por alguns séculos, mas o reino do sul representava um reino bem limitado, uma sombra da época áurea de Israel, sob o governo de Salomão.

Uma lâmpada. Jerusalém, a cidade dourada, continuaria a brilhar; a tribo de Judá (que já havia absorvido a tribo de Benjamim) e o templo continuariam a brilhar, como a lâmpada de Yahweh. Isso serviria de lembrete da obediência de Davi; uma recompensa à sua linhagem por causa dele. No que consistia a *lâmpada*: Jerusalém, Judá e a dinastia de Davi; e, profeticamente, o Messias.

A casa de Davi tornou-se uma lâmpada perpétua, e o bem-estar das duas nações (norte, Israel, e sul, Judá) dependia do brilho dessa lâmpada, porque onde ela estivesse, ali também Yahweh estaria. A vida e o vigor de uma nação (de acordo com a crença popular) dependiam da vida e do vigor de seu rei. Comparar isso com I Reis 15.4; II Sam. 21.17; II Reis 8.19. Davi, nessa luz, ainda vivia.

"A referência à *lâmpada* foi anteriormente explicada pela analogia da luz que continuava a queimar nos lares pobres da Palestina, na crença de que, quando essa lâmpada se apagasse, outro tanto aconteceria à família" (Norman H. Snaith, in loc.).

"Tal como uma lâmpada era mantida a queimar perpetuamente em uma tenda ou casa, Judá seria testemunho perpétuo do fato de que Deus escolhera a Davi, que era da tribo de Judá" (Thomas L. Constable, in loc.).

A tua vida será atada no feixe dos que vivem com o Senhor teu Deus.

(I Samuel 25.29)

A vida é um caminho atado em feixes, e o crescimento dá-se sempre no sentido da expansão e da mistura de relacionamentos

(Ralph W. Sockman, in loc.)

Assim sendo, na luz de Davi, Judá tinha vida, porquanto a vida dele estava atada no mesmo feixe que o da vida daquela tribo. Ver sobre o *Pacto Davídico* nas notas expositivas de II Sam. 7.4.

11.37

Jeroboão, em contraste com Roboão, deveria receber as dez tribos, e isso mais do que cumpriria todos os desejos de seu coração, porquanto ele nunca havia pensado em tornar-se rei de Israel, embora o Israel que ele recebera fosse uma versão reduzida do reino unido. Com o passar do tempo, e especialmente após essa visão dada por Yahweh, ele se tornou ambicioso *pelo* reino. Yahweh garantiu que seu grande desejo lhe seria concedido.

11.38

As *mesmas regras* que haviam sido aplicadas a outros reis, quanto ao sucesso deles, aplicar-se-iam também a Jeroboão, e estavam todas envolvidas na observância da lei mosaica. Cf. o *caso de Davi*, que agradou a Yahweh como um homem conforme o coração de Deus (ver I Sam. 13.14). Cf. também o *caso de Salomão* (I Reis 3.14 e 9.4,5). Ver sobre o *rei ideal*, em Deu. 17.14 ss.

"É notório que a promessa condicional de estabelecer a linhagem de Jeroboão (vs. 38) era similar à promessa incondicional de estabelecer a linhagem de Davi. Infelizmente, Jeroboão não deu o devido valor a essa promessa, mas, antes, a perdeu" (Thomas L. Constable, in loc.). Afinal, Jeroboão também cairia na idolatria, tal como ocorrera com Salomão. Ver I Reis 14.9,10. Em Jeroboão, pois, repetiu-se a síndrome do pecado-calamidade.

Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Andar*, bem como a *tríplice* designação da lei, em Deu. 6.1. Duas das três designações aparecem neste versículo.

11.39

Afligirei a descendência de Davi. A *linhagem de Davi* seria afligida por causa dos excessos e da idolatria de Salomão, mas de modo permanente. Em Judá, sua linhagem teria prosseguimento e então, a longa distância, o Rei Messias, um filho distante de Davi, estabeleceria Seu reino eterno. O juízo divino seria severo o bastante para produzir os bons resultados tencionados; e é dessa maneira que operam os juízos divinos. Esses castigos afligem e tomam vingança, mas também *curam* através da severidade, tal como no caso do julgamento dos homens perdidos. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Julgamento de Deus dos Homens Perdidos*. Ver Luc. 1.32,33 quanto ao reino interminável do Messias. Cf. Eze. 37.19,24. Jarchi diz aqui: "Quando o Messias voltar, o reino será restaurado à casa de Davi".

11.40

Salomão procurou matar a Jeroboão. Salomão transformou-se em um assassino potencial. Ele quis abafar a ameaça aniquilando a competição. Tinha o poder de caçar Jeroboão e cumprir seus maus designios, de maneira que Jeroboão

fugiu para o Egito, onde estaria em segurança, refugiando-se junto a *Sisake* (ver no *Dicionário* sobre esse rei do Egito, onde damos os detalhes). Sisake foi o fundador da XXIIª dinastia egípcia. Mas alguns falam na XIVª dinastia. Diversos de seus sucessores, menos importantes do que ele, também usavam esse nome. Ofereço um artigo detalhado sobre ele, pelo que não dou essa informação neste ponto. Ele invadiu Judá no quinto ano do reinado de Roboão (ver I Reis 14.25). Nos anos subseqüentes, Jeroboão e Sisake tiveram laços políticos estreitos.

A Morte de Salomão (11.41-43)

11.41

Livro da história de Salomão. Este livro não existe na atualidade, mas supomos que certas porções tenham sido incorporadas em I Reis, de modo que parte dele conhecemos através daquela fonte originária. Entendemos também que muitas coisas poderiam ter sido ditas a respeito de Salomão, tanto boas quanto más, mas o autor sagrado não as incluiu no escopo de seu livro. O que ele escreveu, contudo, é a parte essencial da história do terceiro rei de Israel. Através do que foi escrito, compreendemos o significado da vida e da morte de Salomão. Vemos, pois, neste livro, o bom e o mau exemplo dados por Salomão.

Livros Perdidos. Quanto a outros versículos que mencionam livros perdidos dos hebreus, ver I Reis 14.19,20; II Crô. 9.29; 12.15; 26.22 e 32.32. Ver no *Dicionário* o detalhado artigo chamado *Livros Perdidos da Bíblia*. Ver igualmente sobre *Livro (Livros)*, para maiores detalhes sobre os livros perdidos, e ainda o verbete intitulado *Cânon do Antigo Testamento*.

11.42

Foi de quarenta anos o tempo que reinou Salomão. Salomão, pois, reinou pelo mesmo número de anos que Davi (ver I Reis 2.11). Quanto à interessante questão do número 40 e suas ocorrências na Bíblia, ver o artigo assim chamado, no *Dicionário*. O reinado de Salomão durou, aproximadamente, de 971 a 931 A. C. Ele teve tempo suficiente para florescer e declinar, que é a mesma antiga história aplicada à maioria das pessoas. O homem sábio verá e copiará o seu bom exemplo, e tentará evitar o seu mau exemplo. Acima de todos os homens, ele foi aquele que, mediante seu exemplo, nos ensinou a seguinte verdade:

*Aquele, pois, que pensa estar em pé,
veja que não caia.*

(I Coríntios 10.12)

Salomão recebeu todas as vantagens. Ele teve uma sabedoria que o próprio Deus lhe conferiu. Teve riquezas e um poder inimagináveis. No entanto, tentações comuns, como a idolatria, enviaram-no à apostasia. Além disso, ele foi um homem sensual acima de todos os homens sensuais, pois tinha 1.000 esposas e 300 concubinas, e elas lhe serviram de ardil. Foi um homem que perdeu o controle e pôs o povo de Israel na vereda da divisão (o norte, Israel, dividiu-se da parte sul, Judá). Isso, por sua vez, colocou a nação do norte, Israel, na vereda do cativeiro assírio, ao passo que a nação do sul, Judá, foi posta na vereda do cativeiro babilônico. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Cativeiros*. O pecado é algo tanto individual quanto coletivo. Ninguém peca sozinho, e isso foi certamente verdadeiro no caso de Salomão. Quando Salomão caiu, arrastou na queda toda a nação de Israel.

11.43

Descansou com seus pais. O original hebraico e várias versões dizem aqui “dormiu com seus pais”. Essa é uma expressão comum do Antigo Testamento (um eufemismo) para o ato de “morrer”. Forneço notas a respeito em I Reis 1.21. Originalmente, não havia na expressão o menor indicio de que a alma sobreviveria à morte biológica, como se ir para a companhia dos pais significasse algum pós-túmulo consciente. Ver também Deu. 31.16. Não desenvolvo o tema aqui, o que é feito com detalhes especialmente I Reis 1.21. Para alguns críticos, as únicas referências indisputadas no Antigo Testamento acerca da alma que sobrevive ante a morte são Isa. 26.19 e Dan. 12.2. Mas sem dúvida há outras referências quase tão seguras quanto essas. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Alma*, especialmente a seção IV.7.

Foi sepultado na cidade de seu pai Davi. Ou seja, Sião (e não Belém, que também era assim chamada). Ver I Reis 2.10 quanto a detalhes sobre esta expressão. Davi tinha feito de Jerusalém a sua capital e também unificara a adoração no templo. Por isso, Jerusalém foi chamada de cidade de Davi.

A Idade de Salomão. Não somos informados sobre a idade de Salomão quando ele morreu, de forma que há variadas conjecturas a respeito. Em um

extremo, Josefo (*Antiq.* 1.8, cap. 7, sec. 8) diz-nos que Salomão viveu até considerável idade, morrendo aos 94 anos, depois de um reinado de oito décadas. Por outra parte, alguns supõem que ele tenha vivido até os 58 anos, começando a reinar aos 18 e governando por quatro décadas. “Quando consideramos os excessos nos quais ele viveu, e as paixões criminosas em que deve ter-se envolvido, entre suas mil mulheres, sua idolatria e uma adoração impura, essa vida (58 anos) foi tão longa quanto ele poderia razoavelmente esperar” (Adam Clarke, *in loc.*).

“O homem mais bem qualificado para viver com sucesso preferiu não fazê-lo. O sucesso na vida, aos olhos de Deus, não vem automaticamente com a posse da sabedoria, mas com a aplicação da sabedoria à própria vida. O sucesso espiritual depende não apenas de *discernimento*, mas também de *escolhas*” (Thomas L. Constable, *in loc.*).

Salomão Arrependeu-se? Alguns intérpretes supõem que Salomão não se tenha arrependido de sua idolatria e de seus fracassos, mas tenha morrido como homem de coração endurecido. Outros encontram evidências de que ele se arrependeu e foi restaurado ao yahwismo. Talvez a declaração final em Ecl. 1.13,14 possa ser usada em apoio a essa teoria, se é que podemos atribuir o livro de Eclesiastes à autoria salomônica. A *misericórdia* divina não se apartaria da casa de Davi, e aí se poderia incluir a idéia de que Salomão se arrependeu para seu próprio bem, e por causa da linhagem real (ver II Sam. 7.14,15). Ele foi um escritor inspirado de parte do Antigo Testamento, e isso favorece a sua restauração final a Deus. Seja como for, não há por que supor que a missão de Cristo aos hades não tenha recolhido Salomão ao Seu redil (ver I Ped. 3.18-4.6). Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Descida de Cristo ao Hades*. Enquanto Cristo salvava a outros nessa missão de misericórdia (o “evangelho foi pregado aos mortos”, I Ped. 4.6), certamente Salomão não foi deixado de fora, se ele passou algum tempo naquele lugar lamentável, por causa de seus muitos fracassos e de sua idolatria.

Roboão (Reoboão) tomou o lugar de Salomão como rei, e o capítulo 12 descreve o seu reinado. Foi nos dias de Roboão que ocorreu a divisão entre o norte (Israel) e o sul (Judá) do reino unido de Salomão. Isso, como sabemos, aconteceu devido à idolatria de Salomão (I Reis 11.11,12). Mas Roboão, por causa de sua arrogância e falta de diplomacia, também contribuiu para a divisão, conforme lemos, com detalhes, no capítulo seguinte. Ver sobre *Roboão*, no *Dicionário*.

A Morte Nivela Todas as Coisas (Claudiano). Nunca isso foi mais verdadeiro do que no caso de Salomão. Toda a sua magnificência terminou de súbito. Mas a vida é vitoriosa sobre a morte, afinal.

Capítulo Doze

Reinados Comparativos de Reis em Israel e Judá (12.1 – 17.41)

Roboão - Josafá (12.1 – 22.54)

O Cisma. Os Dois Reinos (12.1 – 14.31)

Davi foi o rei poderoso de Israel que aniquilou ou confinou os inimigos de Israel, e deu a seu filho, Salomão, a oportunidade de ter paz, prosperidade e glória sem paralelos. Ver II Sam. 10.19 quanto às vitórias de Davi sobre oito nações distintas adversárias. Salomão, filho de Davi, foi rei de Israel em sua época áurea. Sua queda na idolatria atraiu, como punição de Yahweh, a divisão do reino unido de Israel (ver I Reis 11.11,12).

Roboão e Jeroboão foram os reis envolvidos na divisão do reino (o norte, composto por dez tribos, que passou às mãos de Jeroboão; e o sul, composto por Judá e Benjamim, que ficou com Roboão). Todo o Israel, pois, foi posto na vereda para um julgamento ainda maior, os cativeiros: o *assírio*, que levou as dez tribos do norte em 722 A. C., e do qual ninguém voltou; e o *babilônico*, que levou Judá em 597 A. C., e do qual voltou um remanescente. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Cativeiros*.

A *história de Israel* tornou-se assim a história da colheita do tufão, a síndrome do pecado-calamidade com toda a sua força, que se vinha acumulando desde os tempos de Salomão, com alguns períodos de recuperação entremeados.

A região norte de Israel tinha uma longa história de antagonismo com a região sul. Judá, a maior e mais poderosa de todas as tribos, dominava a nação de Israel. As tribos do norte tinham-se separado momentaneamente do sul, durante o reinado de Davi (ver II Sam. 19.41-20.22). Temporariamente, o cisma foi curado. Logo no começo de seu reinado, Roboão recusou-se a aliviar o *pesado jugo* que Salomão havia imposto às dez tribos do norte (I Reis 12.4), e o cisma tornou-se inevitável. Assim sendo, se houve uma razão devida ao juízo divino, houve também razões

socioeconômicas, conforme nos é explicado no capítulo 12. E, acima de tudo, havia o *destino*, dirigido por Deus, que operava questões estranhas e inexplicáveis, não sujeitas ao nosso raciocínio. De alguma maneira, esse cisma era necessário, mas algumas das razões para isso não eram completamente claras.

Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Rei, Realeza*, que contém um gráfico ilustrativo sobre os reis de Israel e de Judá, comparados com os reinos circunvizinhos.

12.1

Foi Roboão a Siquém. Esta cidade (ver no *Dicionário*) foi a cena da inauguração e da unção de Roboão como rei. Era a antiga capital do norte e o tradicional local para unção dos reis em Israel. Havia ali uma famosa árvore sagrada, que foi venerada por longo tempo. Ali Abraão adorou a Yahweh, na Terra Prometida (ver Gên. 12.6). Ali Jacó ergueu um altar (ver Gên. 33.18-20). E ali José foi sepultado (ver Jui. 9.1-5). Tornou-se essa cidade o centro das atividades efraimitas nos dias de Josué. Da mesma maneira, Hebrom era o centro relativo à porção sul do país.

"Esse local sagrado agora lembrava aos israelitas seu destino divinamente revelado, como nação, tanto quanto a fidelidade de Deus" (Thomas L. Constable, *in loc.*).

12.2

Tendo Jeroboão. Jeroboão havia fugido para o Egito, quando Salomão procurava assassiná-lo (ver I Reis 11.40). A revolta já estava a caminho, e a profecia de Yahweh acerca do cisma do reino unido já estava em operação (ver I Reis 11.11,12). Agora, entretanto, Salomão estava morto, e isso abria novas perspectivas. Talvez Roboão, filho de Salomão, não fosse um homem desarrazado e realmente anulasse as medidas opressoras de Salomão, como a dos trabalhos forçados e a dos pesados impostos sobre a parte norte da nação (vs. 4). Mas Jeroboão encontraria um homem arrogante e desarrazado. Ele não tinha nada da nobreza de seu avô, Davi, e nenhuma da sabedoria de seu pai, Salomão. Comparar isso com o trecho paralelo de II Crô. 10.2.

12.3

É provável que, durante as festividades que assinalavam a coroação, quando todos já estavam alegres e o vinho fluía livremente, Jeroboão e os outros líderes do norte tenham convocado Roboão para tratar das reformas que aliviariam o peso imposto às tribos do norte. Jeroboão deixou claro que os principais líderes, os anciãos, os militares, os oficiais etc. da região norte do país estavam todos presentes. Ele não haveria de tomar toda aquela responsabilidade sobre si mesmo. Jeroboão serviu de porta-voz, mas tinha toda a força das dez tribos do norte por trás dele. Sabia do intuito de Yahweh de dividir o reino e de torná-lo o rei da parte norte da nação, mas apesar disso fez o que foi possível para manter unido o reino. Ver I Reis 11.29 ss. quanto à mensagem do profeta Aías, que tinha informado Jeroboão acerca das intenções de Yahweh.

12.4

As palavras-chaves para descrever o tratamento duro de Salomão foram "dura servidão" e "pesado jugo". Provavelmente essas expressões falavam sobre o trabalho forçado que havia reduzido praticamente a totalidade das tribos do norte à posição de meros escravos; e, em segundo lugar, os pesados impostos que desperdiçavam os labores dessas tribos, outra forma de opressão. Somente aqui a palavra "jugo" foi usada para descrever o que acontecia aos cidadãos hebreus. Em todos os outros lugares o termo é usado para a subjugação de nações estrangeiras. "A princípio, supõe-se que Salomão não tenha empregado nenhum israelita em seu jugo. Depois, quando ele esqueceu o Deus da compaixão, parece tê-lo usado como escravos, tendo assim revivido a escravidão egípcia" (Adam Clarke, *in loc.*). Ver I Reis 9.20-22 quanto à força de trabalhos forçados (as práticas escravocratas) que, a princípio, só era aplicável aos não-hebreus vencidos por Israel.

A disposição de servir foi expressa pelos delegados, mas sob condições mais humanas e com a promessa lealdade ao novo rei.

12.5,6

Tomou o rei Roboão conselho. A *Consulta*. Roboão ainda nada decidira sobre a questão. Assim sendo, solicitou três dias para considerar a questão e, nesse prazo, consultou seus sábios, conselheiros, oficiais, anciãos, os subchefes da nação, de várias profissões e ofícios. Provavelmente havia obras públicas em andamento que Salomão não terminara, e elas eram agora responsabilidade de seu filho, Roboão. Os custos do trabalho eram elevados, e muitas pessoas eram necessárias nesse tipo de trabalho. As tribos do norte eram vitais para tal programa, pois elas sempre haviam carregado a parte maior do peso. Havia, pois, muita coisa em jogo para o novo rei. Provavelmente, ele queria toalmente manter a grandeza de seu pai e terminou tomando más decisões por causa de maus motivos.

O rei Roboão consultou dois grupos: os homens antigos que conheceram e serviram a Salomão (vs. 7); e os homens novos que cresceram com Roboão, um bando de jovens cruéis, gananciosos e extremamente ambiciosos, que deram a ele um conselho desastroso (vs. 8).

12.7,8

O Bom Conselho. Os homens de mais idade, que tinham servido durante o reinado de Salomão, recomendaram um tratamento mais justo e humano, com o alívio das tribos do norte, o que poderia torná-los súditos leais. "Condescende diante deles; conduza-te de maneira humilde... agrada-os e serve-os" (John Gill, *in loc.*). Tal conduta haveria de conquistá-los como amigos e súditos leais, de modo que ele não deveria antagonizá-los e levá-los à revolta.

O Mau Conselho. Os jovens, que tinham crescido em companhia de Roboão e nada conheciam da sabedoria salomônica, eram arrogantes e gananciosos, cruéis e destituídos de coração. E eles também se mostraram convincentes, porquanto contra todo o bom senso foi com eles que Roboão acabou concordando. Esses jovens eram nobres mimados, filhos de oficiais e chefes, que sempre tiveram tudo em abundância e não compreendiam a agonia do povo comum. O rei estava com cerca de 40 anos de idade na época (ver I Reis 14.21) e deveria ter tido sabedoria suficiente para perceber as falácias dos jovens. Os vss. 9-11 contêm o terrível conselho que os mais jovens deram ao rei. O próprio rei era, ao mesmo tempo, estúpido e arrogante, embora estivesse acostumado a ouvir palavras de sabedoria.

12.9-11

Elementos dos Maus Conselhos:

1. Vs. 9. Enquanto as tribos do norte queriam medidas que aliviassem o pesado jugo que Salomão lhes impusera, de modo geral, esse jugo tornar-se-ia ainda mais pesado que antes. Cf. com o vs. 4 deste capítulo, cujas notas também se aplicam aqui. A ganância aumentaria; o trabalho forçado aumentaria; a cobrança de impostos aumentaria.

2. Vs. 10. O peso aumentado tornar-se-ia esmagador e totalmente debilitador. O dedo mínimo de Roboão ficaria mais grosso que a cintura de Salomão. O pesado jugo de Salomão tornar-se-ia leve em comparação com o jugo muito mais pesado do novo rei.

Era costume educar o herdeiro do trono junto com os jovens nobres do reino. O intuito era estimular o novo rei a ultrapassar os outros jovens privilegiados. Ademais, essa seria uma oportunidade de saber quais contemporâneos ele deveria escolher para ajudá-lo: futuros ministros, auxiliares, chefes etc. Israel, ao que tudo indica, também seguia esse costume, mas no caso de Roboão e de seus amigos não havia muita sabedoria no grupo.

3. Vs. 11. O jugo já pesado seria aumentado tanto que se tornaria virtualmente insuportável. Por quê? Para escravizar de modo absoluto, de forma que os servos se tomassem escravos que produzissem um trabalho barato, o que seria bom para as ambições de Roboão, mas muito ruim para o próprio povo de Israel.

Nos grupos de trabalho forçado, Salomão usava o chicote para certificar que nenhum homem teria um minuto sequer de descanso. Sob o novo rei, esses chicotes tornar-se-iam escorpiões. Provavelmente está em pauta o tipo de chicote que os romanos usavam, equipado com uma ponta de metal posta a intervalos, para adicionar dor e injúria às chibatadas. Tal chicote era chamado de "escorpião" por ser capaz de ferir suas vítimas. Vários intérpretes antigos descreveram de forma diferente o tipo de chicote que poderia ser chamado de "escorpião", mas a expressão, na verdade, é uma metáfora para indicar um tratamento cruel para os escravos, incluindo espancamentos brutais, sem especificar algum tipo especial de chicote que porventura fosse usado.

12.12

Ao terceiro dia. Depois de três dias (ver o vs. 5), Jeroboão, o porta-voz das tribos do norte, acompanhado pelos anciãos e chefes, retornou para ouvir a decisão de Roboão quanto à possibilidade de aliviar o jugo pesado (vs. 4) que Salomão havia imposto às tribos do norte. É bem provável que Jeroboão não esperasse grande coisa, visto que já havia sido informado pelo profeta Aías que logo ocorreria um cisma no reino, e ele seria o rei das dez tribos do norte (ver I Reis 11.29 ss.). Por outra parte, algumas vezes os videntes e profetas erram ou interpretam mal os seus símbolos, e as coisas podem correr de maneiras simplesmente inesperadas. Seja como for, Jeroboão veio para saber a resposta. Ele tinha feito a parte que lhe cabia, discursando em favor das tribos do norte. Fez o que estava a seu alcance. O resto, entregara nas mãos do destino.

12.13

Desprezara o conselho que os anciãos lhe haviam dado. Roboão rejeitou os conselhos corretos que os homens de mais idade haviam dado. E fez isso

deliberadamente, influenciado por seu próprio coração endurecido e pelo conselho dos jovens nobres, que nada conheciam sobre as dores do povo.

"De maneira brutal, ele lhes falou com palavras duras, em meio a severas ameaças, todas inspiradas para demonstrar tal espírito por seus jovens conselheiros" (John Gill, *in loc.*).

Porventura Yahweh endureceu o coração de Roboão, conforme fizera com o Faraó (ver Êxo. 7.13)? Ver também I Reis 15.15. Lembre-se o leitor de que o Faraó também endureceu o próprio coração (ver Êxo. 8.32), o que significa que o divino e o humano trabalharam na direção do mesmo alvo. No caso do Faraó, foi necessário que seu coração se endurecesse daquela para que houvesse uma luta entre Yahweh e o Egito, através da qual o poder e a glória de Yahweh seriam exibidos. No caso de Roboão, entretanto, o endurecimento, tanto divino quanto humano, foi necessário para dividir o reino e punir a idolatria apóstata de Salomão. Esse evento foi *necessário*, assim como o endurecimento de seu coração. Poderia esse acontecimento ter sido impedido? Podemos responder com um *sim*, em razão da sabedoria de Roboão e do arrependimento de seu pai, com o abandono dos abusos. Nisso, o *livre-arbítrio* (ver a respeito no *Dicionário*) poderia ter entrado em ação. Não obstante, provavelmente é correto supor que o *destino* também estivesse envolvido, pois o reino tinha de ser dividido. Nesse caso, a vontade de Deus, inescrutável para nós, entrou em operação, visando um propósito maior. Israel tinha de cair a fim de que a Igreja pudesse surgir, e a divisão do reino em dois contribuiu de alguma forma para isso. Israel, porém, será restaurado, embora através de outra operação da vontade divina (ver Rom. 11.26,27).

12.14

Este versículo meramente repete o mau conselho dado pelos jovens a Roboão, sobre o qual já vimos nas notas dos vs. 10 e 11. O novo rei, provavelmente, pensou que estivesse fazendo uma grande coisa ao proferir essas palavras idiotas. "Em vez de dar ouvidos ao povo, ele preferiu colocar em primeiro plano os seus próprios interesses" (Thomas L. Constable, *in loc.*).

É característico da juventude mostrar-se radical e entusiasmada por qualquer causa, boa ou má, precipitada, rápida nas ações, mas sem moderação ou reflexão anterior. Roboão, pois, foi traído por sua tola juventude. Os jovens *pensam* que os homens de idade são uns tolos. Os homens de idade *sabem* que os jovens são tolos.

*Ninguém despreze a tua mocidade;
pelo contrário, torna-te padrão dos fiéis, na palavra,
no procedimento, no amor, na fé, na pureza.*

(I Timóteo 4.12)

12.15

Porque este acontecimento vinha do Senhor. Deus endureceu o coração de Roboão, e por isso ele tomou uma decisão aparentemente má. De acordo com os padrões humanos, assim aconteceu, mas a idolatria de Salomão tinha de ser punida (ver I Reis 11.11,12). Isso significa que o reino unido de Israel precisava ser dividido. Discuto sobre os problemas teológicos envolvidos, com conjecturas, nas notas sobre o vs. 13, terceiro parágrafo, de maneira que não repito aqui o material. Este versículo fala sobre a "mudança" que deveria ocorrer pelo ditame da vontade de Yahweh. A Revised Standard Version fala sobre a "mudança dos acontecimentos", por motivo da intervenção divina. Além da punição pelos pecados de Salomão, a *mudança* também fazia parte da tradição profética. O profeta Aías já havia previsto o futuro, fixado pelo *destino* dirigido por Deus e pelas inescrutáveis operações da vontade divina. Ver I Reis 11.33 ss. *Jeroboão* precisava tornar-se rei das tribos do norte (ver I Reis 11.37), pelo que Roboão tinha de tomar uma decisão aparentemente tola. Assim, o que era divino e o que era humano operaram juntos na questão. Deus usa o livre-arbítrio humano, sem destruí-lo, embora não saibamos dizer como isso acontece. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Predestinação (e Livre-arbítrio)* quanto a maiores detalhes sobre esse tema. Ver os artigos sobre *Predestinação* e *Livre-arbítrio*, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*.

Ellcott, comentando (*in loc.*) sobre o problema da predestinação no tocante ao livre-arbítrio, diz: "As Santas Escrituras... simplesmente reconhecem ambos os poderes como *reais*, sem fazer nenhuma tentativa, ou mesmo sugestão, de harmonizá-los". Se pudéssemos explicar todos os pontos teológicos e harmonizar todas as idéias aparentemente paradoxais, teríamos então uma *humanologia*, e não uma *teologia*. As teologias sistemáticas reduzem rigidamente a teologia à humanologia. Por isso têm sido criados muitos sistemas *diferentes*, todos afirmando estarem baseados nas Escrituras, e mais baseados que outros sistemas. A arrogância sempre faz parte da atividade sistematizadora, por exemplo, de alguém *pertencer* a uma denominação, em distinção a outras. A *ilusão* é sempre a diretriz seguida, ou seja, a crença naquilo que não é a verdade. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Providência de Deus*.

12.16

A Casa Real de Davi foi prontamente rejeitada pelos representantes das dez tribos do norte. Eles formariam uma nova casa real, a casa de Jeroboão, que seria um governo mais sã. As tribos do norte tinham uma longa história de antagonismos, e já haviam rejeitado o governo de Davi (ver II Sam. 19.41-20.22). Fora com relutância que a parte norte do país aceitara, finalmente, o reinado de Davi. Além disso, havia o temor da guerra civil e de outras confusões. Agora, através da resposta tola dada por Roboão, antigos antagonismos rebentaram sob a forma de rebelião e cisma. Duas nações surgiram onde antes havia uma única. Ver o artigo do *Dicionário* intitulado *Rei, Realeza*, quanto a uma lista dos reis dessas duas nações, Israel e Judá, em comparação a potências estrangeiras.

Não há para nós heranças no filho de Jessé! Cf. II Sam. 20.1, que contém elementos quase idênticos. O antigo espírito de contenção e rebelião de súbito se renovou. Mas, naquele caso, Davi conseguiu corrigir as atitudes populares. Roboão, porém, não seria capaz de duplicar o feito de seu avô, nem mesmo tentou fazê-lo. Pairou uma ameaça de *guerra civil*, que por fim foi evitada (ver I Reis 12.21-24). Para tanto, porém, foi mister uma intervenção divina. A divisão foi necessária, mas não a guerra civil. A vontade divina impediu isso.

Às vossas tendas, ó Israel! Em outras palavras, os representantes das tribos do norte "voltaram para suas casas". Não há nessas palavras nenhuma indicação de preparação para a guerra. Nos dias das perambulações pelo deserto, a população vivia em *tendas*. Embora agora contassem com casas que lhes serviam de residências fixas, estas continuavam, ocasionalmente, a ser chamadas de "tendas". Cf. II Sam. 20.1.

Cuida agora da tua casa, ó Davi! Em outras palavras: "Agora tens teu próprio reino. Esqueça-te da parte norte, que não mais te pertence. Tu perdeste as dez tribos!". Roboão, em sua arrogância, havia garantido para si mesmo um pequeno reino, a saber, a tribo isolada de Judá, que já havia absorvido as tribos de Simeão e Benjamim. Que Davi cuidasse daquele lugar miserável. De súbito, Roboão perdera a grandeza de Salomão e encerrara para sempre a época áurea de Israel. E o próprio Salomão era a *causa* desse lamentável estado de coisas (ver I Reis 11.11,12). "A ameaça ditatorial de Roboão alienou os súditos que sofriam. Ali eles seccionaram e quebraram a unidade das doze tribos" (Thomas L. Constable, *in loc.*).

12.17

Quanto aos filhos de Israel. Os nortistas que tinham vindo residir em Judá decidiram permanecer onde estavam e suportar a Roboão como rei. Este versículo não aparece na Septuaginta, mas sua base é II Crô. 11.16, sendo possível que ela tenha sido acrescentado aqui por algum editor posterior, a bem da harmonização com o trecho paralelo. Todavia, em II Crônicas, a idéia é outra; trata das pessoas que deixaram o norte, por causa da adoração idólatra que ali havia sido instalada, para viver no sul. Eles queriam viver no sul por causa da adoração centralizada no templo de Jerusalém. Essa fé religiosa parecia-lhes mais importante do que acompanhar o cisma nortista, por mais justo que tenha sido esse cisma. O movimento para o sul, da parte de algumas pessoas, ocorreu quando Jeroboão expulsou os sacerdotes levíticos e criou um sacerdócio todo seu. Ademais, ele já havia entrado nos estágios iniciais da idolatria (ver II Crô. 11.15). Assim, o povo fugiu dali e submeteu-se ao governo de Roboão, a fim de conservar as antigas formas religiosas do yahwismo. Assim sendo, quando a poeira assentou, houve algumas mudanças de residência. Mas, na maior parte, o norte continuou o norte, e o sul continuou o sul.

12.18

Adorão, superintendente dos que trabalhavam forçados. Esse homem é mencionado aqui e em II Sam. 20.24. Formas variantes de seu nome são Adonirão e Hadorão. Era um dos oficiais de Salomão, e então passou a ser um dos oficiais de Roboão, encarregado do trabalho forçado e do tributo. Ao que tudo indica, o rei Roboão o tinha acompanhado, ou então não estava distante, porque, quando Adorão foi apedrejado, o rei precisou fugir para permanecer vivo. Parece que Roboão enviou Adorão como embaixador ao norte, talvez para tentar endireitar as coisas. Ou, o que é menos provável, para tentar continuar recebendo tributos das dez tribos do norte. Seja como for, Roboão continuava agindo como um tolo, tomando más decisões. Adorão era odiado de forma especial, e dificilmente era o homem certo para atuar como embaixador. E tentar obter mais tributos das tribos do norte era outro absurdo. O resultado foi que os homens do norte, sem fazer nenhuma pergunta, simplesmente apedrejaram o pobre homem até a morte. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Apedrejamento*.

Josefo aponta que a missão de Adorão era de reconciliação e de um esperado diálogo (*Antiq.* 1.8, cap. 8, sec. 3). Mas Adam Clarke (*in loc.*), supõe que o objetivo dele era de recolher os impostos regulares. Não há como solucionar essa

questão. “A visão do homem que fora o capataz da opressão naturalmente despertou a multidão a uma nova explosão de fúria, do que resultou o assassinato deste, e talvez até ameaças a seu senhor, o qual teve de fugir apressadamente para Jerusalém” (Ellicott, *in loc.*).

12.19

O assassinato de Adorão foi outro acontecimento decisivo que confirmou a divisão do reino de Israel. As coisas tinham evoluído para além da possibilidade de reparo e, quando o autor sagrado escreveu este livro, a divisão continuava. Naturalmente, isso implica uma data pré-exílica, pelo menos quanto à seção à nossa frente, enquanto outras partes, com toda a probabilidade, foram adicionadas após os cativéis (ver a respeito no *Dicionário*). O cativelo assírio pôs fim às dez tribos, do norte. Até então, as duas nações continuaram a existir, frequentemente em antagonismo.

12.20

Tendo ouvido todo o Israel que Jeroboão tinha voltado. O norte como um todo, exceto os poucos que migraram para o sul, por razões religiosas (ver o vs. 17), concordou em fazer de Jeroboão o novo rei. Não houve quem discordasse, nem houve tentativas de rebelião. Por consentimento unânime, Jeroboão foi reconhecido como o homem do momento, cumprindo assim a profecia de Aías (ver I Reis 11.35-37). O versículo sugere uma coroação formal, visto que Jeroboão foi chamado para tomar parte em uma assembléia formal. Essa assembléia provavelmente ocorreu em Siquém (ver I Reis 12.1 e suas notas expositivas).

Senão somente a tribo de Judá. Essa foi a tribo que permaneceu com Roboão, concordando com a expressão “uma tribo” de I Reis 11.13,32 e 36. Mas a Septuaginta adiciona aqui a tribo de *Benjamim*, porque o número tradicional das tribos era de doze. Não obstante, Benjamim havia sido absorvida por Judá, tendo deixado de existir como uma tribo separada e funcional, pelo que, de fato, só havia uma tribo no sul. Juizes 20 fala da quase aniquilação da tribo de Benjamim e, daquele tempo em diante, ela nunca foi uma tribo poderosa. O vs. 21 retém, contudo, a tribo de Benjamim. Havia uma distinção territorial, mas não uma distinção real, entre Judá e Benjamim.

Jeroboão fez de Siquém a sua capital (ver o vs. 25). Ele se tornou o *rei de Israel*, título que, para os nortistas, sem dúvida indicava que ele era “o único rei de Israel”, fazendo de Roboão um dissidente e um rei falso, que tinha seu pequeno reino para o sul.

12.21

Vindo, pois, Roboão a Jerusalém. Ameaças de Guerra Civil. Reduzido a duas tribos (Judá e Benjamim), onde Benjamim quase nem era mais uma tribo (ver a última seção nas notas sobre o versículo anterior), Roboão tentou ser um “herói nacional” e reuniu um exército. Ele conseguiu juntar 180.000 guerreiros, entre os quais havia alguns realmente valentes. Isso significava que poderia haver muito derramamento de sangue, em que irmão mataria a irmão, outra das loucuras de Roboão. A maioria dos políticos toma boas e más decisões, mas Roboão, até este ponto da narrativa bíblica, só tomara péssimas decisões. Ele ia de um desastre para outro. A época áurea de Israel havia definitivamente terminado.

O propósito de Roboão era reunificar Israel, o que ele poderia ter conseguido tratando com mais humanidade as dez tribos do norte (ver I Reis 12.4). Tendo perdido essa oportunidade, ele decidiu apelar para a guerra e para a matança, a fim de realizar o seu propósito.

12.22,23

Porém veio a palavra do Senhor a Semaías. Nova Intervenção Divina. Roboão, com os maduros soldados do exército de Salomão, simplesmente poderia ter apanhado o homem, Jeroboão, em um momento fora de guarda, derrotando-o no campo de batalha. Mas a vontade de Deus era a *divisão* (I Reis 11.11,12,30 ss.), uma medida necessária em punição à idolatria de Salomão. Além disso, Jeroboão tinha de ser o rei das tribos do norte (ver I Reis 11.37). Estava sendo preparado um destino que não era inteiramente compreendido. Mas a vontade e o poder de Yahweh controlavam a situação. Ver as notas sobre os vss. 13 e 15 quanto a uma discussão mais detalhada a respeito.

Foi assim que o profeta Semaías (ver no *Dicionário*) foi levantado. A ele foi concedido o poder de impedir a guerra civil. Deus é aqui, no original hebraico, *Elohim*, o Todo-poderoso. Seu poder é reconhecido no fato de ter impedido a guerra civil. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Deus, Nomes Bíblicos de*.

Não estamos informados sobre como a Palavra de Deus veio a Semaías. Provavelmente isso ocorreu em alguma visão noturna, um sonho incomum. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Sonhos, Visão (Visões) e Misticismo*. A fé dos hebreus sempre incluiu a idéia de intervenções divinas por meio de iluminação especial, através de algum profeta ou homem santo. A experiência humana atesta

essa possibilidade, embora, em algumas seções da Igreja atual, a questão seja exagerada e, algumas vezes, trivializada. Há muitas vozes estranhas que nada têm que ver com o Espírito de Deus e, além disso, há capacidades psíquicas naturais que podem imitar o que é verdadeiramente espiritual. Não obstante, a realidade espiritual faz-se presente, manifestando-se ocasionalmente.

E ao resto do povo. O profeta Semaías tinha uma mensagem destinada às duas tribos que se tinham tornado o *remanescente* de Israel. O Espírito de Deus prepararia os corações para acolher a mensagem. Pelo menos por uma vez, Roboão tomou uma boa decisão. Alguns intérpretes insistem que a palavra aqui traduzida por “remanescente”, em algumas versões, deveria ser simplesmente “resto” (ou seja, aqueles além dos que foram especificamente mencionados). A palavra formal, *remanescente*, parece ocorrer, pela primeira vez, em Isa. 7.3 e 10.21-23. Não obstante, Judá era, na ocasião, somente o remanescente de um reino, um dos pedaços da veste rasgada do profeta Aías (ver I Reis 11.30).

12.24

Assim diz o Senhor. O Espírito de Deus fez aqueles corações duros e violentos ouvir a voz do profeta Semaías, deitando fora as armas e esquecendo-se da guerra civil. Não era bom fazer guerra contra irmãos, o que Israel (o norte) era para Judá (o sul). Por conseguinte, temos aqui um caso de *intervenção divina* para deter a loucura humana. Por muitas vezes, Deus oculta-se nas sombras, para observar o que faremos com nossos dons e oportunidades. Ocasionalmente, porém, as coisas tornam-se demais para nós. Em seguida, o poder divino invade a cena e provê uma intervenção divina que nos impede de cair e nos permite cumprir os propósitos que nos tiverem sido destinados. Oh, Senhor, concede-nos tal graça! Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Providência de Deus*. A mão interventora de Deus é uma realidade. Isso reflete o *teísmo* (ver a respeito no *Dicionário*), em contraste com o *deísmo* (que também aparece como um artigo do *Dicionário*). O Criador faz-se presente para intervir, para abençoar, para punir e para dirigir. Ele não está divorciado do universo (conforme afirma o deísmo), nem deixou as coisas criadas nas mãos das leis naturais apenas.

Jeroboão Consolida Seu Reino e Toma Providências acerca de Jerusalém (12.25-33)

12.25

A capital das dez tribos do norte era Siquém. Foi uma boa escolha, embora nada no plano divino pudesse ter substituído Jerusalém, que se tornara o lugar centralizado de governo e de fé religiosa. Coisa alguma poderia substituir o templo de Jerusalém, mas em breve Jeroboão, mergulhado na idolatria, inventaria seu próprio sacerdócio e seu próprio sistema de adoração (vss. 28 e 29). Ele não queria que peregrinos do norte fossem a Jerusalém.

Região montanhosa de Efraim. Ver a respeito no *Dicionário*.

Penuel. Ver a respeito no *Dicionário*. Ver também Gên. 32.30,31 e Juí. 8.8,17.

“Jeroboão fez de Siquém sua capital, tomando assim plenas vantagens das antigas tradições do lugar como centro da história do norte de Israel. Penuel ficava às margens do ribeiro de Jaboque, na parte leste do rio Jordão e na mesma latitude de Siquém. Dominava a estrada para o oriente, saindo do vale do rio Jordão, a rota favorita dos invasores nômades (ver Juí. 8.8). Penuel, pois, foi assim edificada como uma defesa avançada para Siquém” (Norman H. Snaith, *in loc.*).

Jeroboão fez tudo quanto pôde para impedir que os israelitas do norte visitassem Judá, porque era ali que o templo estava. Desde o princípio, ele havia desobedecido à voz de Yahweh, que o tinha chamado para ser o rei do norte (ver I Reis 11.38). Como todos os reis, ele deveria andar em estrita obediência à lei mosaica. Assim, com a mesma facilidade com que se desfez do jugo da casa de Salomão, também seguiu em seu próprio caminho idólatra. Ver o primeiro versículo deste capítulo quanto a notas expositivas sobre Siquém, e ver a respeito especialmente o *Dicionário*.

12.26

Agora tornará o reino para a casa de Davi. Temor. Jerusalém era a cidade dourada. O templo magnífico de Salomão achava-se ali e ali havia sido centralizada a adoração do povo de Israel. O povo da parte norte da nação tinha feito peregrinações regulares ao lugar, por ocasião das festividades anuais. Muitos deles queriam continuar essa prática, e muitos simplesmente abandonaram Jeroboão e seu reino, tornando-se parte da cultura e da adoração que se tinha desenvolvido em Jerusalém. Isso posto, Jeroboão tomou medidas (por mais estúpidas que fossem) para impedir um retorno em massa para Jerusalém. Os nomes Davi e Salomão eram grandes na mente do povo. Muitas pessoas agüentaram Roboão a fim de continuar nos caminhos antigos. Era até mesmo possível que

rebeldes tentassem unificar novamente o norte e o sul novamente e iniciar tribulações para Jeroboão em seu próprio reino nortista. Os conflitos civis seriam o resultado. É significativo que a principal coisa que ele tinha de fazer era dar ao povo nortista de Israel uma nova fé religiosa. Esse era o elemento principal da cultura dos hebreus, que sempre foram fanáticos religiosos. Alguém já observou como os brasileiros tratam superficialmente a sua fé religiosa. Em outras palavras, as massas populares, que são nominalmente católicas, na realidade não se envolvem muito. Em contraste, existem os católicos mexicanos, que são realmente *devotos*. Os hebreus sempre foram muito *devotos*, mesmo quando a religiosidade deles se misturava com práticas duvidosas, contrárias à legislação mosaica. Os hebreus do norte, pois, ajustar-se-iam a condições econômicas inferiores, mas precisavam de uma fé religiosa que satisfizesse sua busca de devoção.

12.27

Se este povo subir para fazer sacrifícios na casa do Senhor. Estando em Jerusalém, a capital dourada, a participação em cerimônias no templo magnífico seria um poder capaz de modificar o coração do povo. Eles perderiam interesse na divisão e no reinado de Jeroboão e retornariam a Roboão, não porque nele houvesse alguma coisa de especial, mas porque Judá era um lugar religioso especial. Eles haveriam de querer estar onde dominasse a *fé antiga*. O resultado natural dessa tendência seria uma luta para livrar-se de Jeroboão, ao qual sacrificariam. Roboão poderia até obter sucesso em fazer Israel voltar a fazer parte do império unido de Israel, se Jeroboão e seus discursos eloquentes fossem anulados.

Três vezes por ano, a legislação mosaica requeria que todos os varões hebreus fizessem peregrinações a Jerusalém, a saber, por ocasião das três festividades: a páscoa; a festa das semanas (o Pentecoste) e a festa das tendas (tabernáculos). Jeroboão poderia ordenar que seu exército impedisse a viagem dos habitantes da porção norte a Jerusalém, para as três festas obrigatórias. Mas ele preferiu fazer outra coisa: a *substituição*, que impediria que a maior parte de seu povo peregrinasse a Judá. Sem dúvida, porém, muita gente do norte fazia essa peregrinação, a despeito do desprazer de Jeroboão.

12.28

Fez dois bezerros de ouro. Jeroboão certificou-se de que os anciãos, os chefes, os cabeças tribais etc. estavam ao seu lado na momentosa decisão de fazer o norte cair tão abruptamente na idolatria. É admirável que eles tenham concordado com a intenção do rei. Assim, foram feitos dois bezerros de ouro. Um deles foi posto em Betei, e o outro em Dã, áreas adequadamente distanciadas às quais o povo de todas as dez tribos do norte pudesse chegar com facilidade. Ver as notas expositivas sobre o vs. 29. Alguns supõem que a adoração não fosse, realmente, aos dois bezerros dourados, mas a Yahweh, cuja imagem ficaria no alto de um pedestal, apoiada sobre os dois bois de ouro. Se esse era, realmente, o caso, então Jeroboão instituiu um *síncrétismo*, que apontava na direção da idolatria, mas ainda não se consistia em idolatria absoluta. Porém, o simples fraseado do texto é contra essa suposição. Antes, parece que, desde o princípio, Jeroboão inaugurou a mais desavergonhada idolatria. Naturalmente, as referências arqueológicas e literárias ilustram a idéia do pedestal posto sobre dois bois.

Comparações. Cf. o ridículo ato de Jeroboão com o ato igualmente ridículo de Arão e de seu boi dourado, em Êxo. 32.1 ss. Jeroboão chegou a repetir a estúpida ordem de Arão para que o povo adorasse aos bezerros, pois, afinal, aqueles eram os deuses que os tinham tirado do Egito (ver Êxo. 32.4). Naturalmente, o boi era um objeto de adoração no Egito e em outros lugares do Oriente. Ver sobre *Ápis*, o deus-boi egípcio no *Dicionário*. Ver o artigo geral sobre a *idolatria*, que assumia formas múltiplas. Em Deu. 33.17 temos uma curiosa declaração que afirma que José era o “primogênito de seu boi”, e podemos supor que, em certa época, até mesmo em Israel, o boi fosse um símbolo divino. Ver Gên. 49.24. Seja como for, o boi era um importante símbolo religioso nas religiões síria e cananêia, e não apenas no Egito. Ver Deu. 8.19; 13.6,7 quanto a advertências contra essas coisas tolas. Ver Osé. 8.5,6 e 13.2,3 quanto a uma contínua adoração ao boi. Esse animal era uma espécie de símbolo de poder e reprodução, e assim era um animal preparado para ser misturado nos “símbolos divinos” e na idolatria.

Naturalmente, essa ação de Jeroboão foi um ato religioso para promover seu separatismo político. Ele não estava realmente interessado na “religiosidade”. Pretendia meramente solidificar seu reino e substituir a religião de Judá por sua própria variedade religiosa, como uma medida para manter o povo em casa e sujeito.

12.29

Ver no *Dicionário* acerca de *Betei* e *Dã*. Os dois lugares estavam separados por uma distância de cerca de 160 quilômetros. Dã ficava no extremo norte, e Betei no extremo sul de Israel. Isso facilitava as cerimônias de adoração e permitia a todo o Israel pronto acesso a esses dois santuários. Jeroboão supunha que,

se ele *facilitasse* essa adoração, seria possível *substituir* Jerusalém e seu templo. Betei, naturalmente, era um antigo lugar santo. Meu artigo sobre essa cidade ilustra isso. Dã, em contraste, era apenas um bom lugar “ao sul”, uma localização conveniente para um *novo santuário*.

“A idolatria de Salomão havia preparado o povo para as abominações de Jeroboão!” (Adam Clarke, *in loc.*).

12.30

Cada um para adorar o bezerro. Neste versículo, a versão de Luciano mencionava tanto Betei quanto Dã, repetindo a informação do versículo anterior. A Revised Standard Version segue essa versão. Nossa versão portuguesa, no entanto, segue o texto massorético e fala somente sobre Dã. A versão de Luciano parece ser a correção de um texto mais difícil para um texto mais fácil. Não sabemos dizer por que o autor sacro não repetiu aqui o nome de Betei, mas é provável que se trate apenas de um esquecimento, sem nenhum propósito oculto. Ver sobre o texto massorético no artigo intitulado *Massora (Massorah) Texto Massorético*, no *Dicionário*. Ver também *Manuscritos do Antigo Testamento*, seção VII.

Dois santuários principais, portanto, permitiam que a parte norte da nação exibisse seu impulso devocional, sem ter de fazer as três viagens anuais a Jerusalém (ver o vs. 27). Jeroboão fez bom uso da *conveniência* para servir às suas finalidades políticas.

12.31

Outras provisões para a adoração foram o uso de lugares altos e bosques de árvores em locais elevados. Ali, sem dúvida, desenvolveram-se muitos santuários secundários e em breve Jeroboão contava com grande pluralidade de adorações, em lugar da adoração monista de Jerusalém e seu templo. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Lugares Altos*, quanto a detalhes sobre as formas de adoração.

Em seguida, Jeroboão instituiu um sacerdócio “popular e democrático”. Pessoas comuns foram transformadas em sacerdotes, embora não fossem levitas. A legislação mosaica só permitia que descendentes de Arão, da linhagem de Levi, fossem sacerdotes; ao passo que a tribo geral de Levi tornou-se uma casta sacerdotal, e não mais uma tribo. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Sacerdotes e Levitas*, quanto a completas explicações. Isso foi simplesmente ignorado, e uma prática inteiramente nova tomou seu lugar. Em tempos bem antigos, não-levitas (por exemplo, chefes de família), também eram sacerdotes. Mas com a vinda da lei mosaica houve restrições. Ver Êxo. 6.18,20 e 28.1. Os levitas tomavam conta de todos os aspectos do serviço sagrado, incluindo trabalho manual. Dentre eles, eram ordenados sacerdotes que se ocupavam diretamente dos rituais divinos e dos sacrifícios. Jeroboão recusou-se a continuar essa tradição e despediu os sacerdotes levíticos, os quais então migraram para Judá (II Crô. 11.14).

12.32

Ainda Outras Provisões. Jeroboão tanto duplicou como foi além das formas religiosas do judaísmo mosaico. Inaugurou uma festa nova para substituir a festa dos tabernáculos. Ele datou essa festa substituta um mês depois da festa de Judá. “A festividade de Israel era efetuada em Betei, no oitavo mês (outubro-novembro), exatamente um mês depois da de Judá, um mês que o próprio Jeroboão escolheu. Sacerdotes, sacrifícios e um altar foram todos providos para tornar a festividade de Israel tão boa quanto de Judá, senão melhor. Mas a festa de Israel foi traçada por Jeroboão, ao passo que a de Judá fora decretada por Deus. Jeroboão deu o exemplo para o povo; subiu pessoalmente ao altar, em Betei, para oferecer oferendas” (Thomas L. Constable, *in loc.*).

A ocasião dessa festividade era a colheita da sagra, e o adiamento de Jeroboão para a festa devia-se à diferença de condições climáticas, porquanto a colheita era efetuada mais tarde nas tribos do norte.

“A diferença de clima entre as várias regiões do país pode ser julgada pelo fato de que a colheita do trigo na Palestina se estende de abril, no vale do Jordão, e na planície marítima, até tão tarde quanto junho, em certas partes da região montanhosa” (Norman H. Snaithe, *in loc.*).

Por conseguinte, a mudança de data não era devida à perversidade de Jeroboão, mas a condições climáticas e ao tempo da colheita. Mas adorar bezerros em Betei e em Dã, isso já foi devido à perversidade do rei.

12.33

Parece que Jeroboão funcionou como *sumo sacerdote*, algo terminantemente proibido pela legislação mosaica. Somente um descendente direto de Arão podia cumprir essa missão. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Sumo Sacerdote*. Foi assim que um homem se tornou rei e sumo sacerdote, tomando nas próprias mãos todo o poder civil e religioso. Mas a perversão não perduraria por longo

tempo. O cativo assírio varreria tudo isso para o esquecimento. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Cativeiros*.

Escolhido a seu bel-prazer. Jeroboão seguia o tempo da colheita, mas a idéia de substituir a festa mosaica em Jerusalém foi um ato arrogante, de auto-satisfação, por motivo de conveniência e de razões políticas.

"... todo culto de conveniência torna-se um pecado, separando a alma do verdadeiro Deus" (Ralph W. Sockman, *in loc.*).

"A festa dos tabernáculos tinha sido determinada por Deus, mas o tempo de sua observância fora traçado pelo próprio Jeroboão, que alterou o tempo do sétimo mês (tisri, setembro-outubro) para o oitavo mês (marchesvan, outubro-novembro)" (John Gill, *in loc.*). Além disso, ele tinha seu próprio lugar, em substituição a Jerusalém.

Subiu para queimar incenso. O sentido pré-exílico da palavra hebraica aqui usada é "sacrificar", e não "queimar incenso", um significado que essa palavra assumiu depois do cativo. Portanto, neste texto, a tradução deveria ser "para sacrificar".

Capítulo Treze

O Homem de Deus de Judá (13.1-34)

Provavelmente temos aqui material que se deriva das notas de um compilador, o qual, segundo os críticos, teria escrito em cerca de 610 A. C. A história relatada no presente capítulo conta como esse homem de Deus repreendeu Jeroboão por seu falso culto, quando ele estava cumprindo seu papel de falso sumo sacerdote. O profeta precisou endireitar as coisas. Ocorreram milagres, que foram contados por toda parte, e assim as palavras do profeta foram *autenticadas*, o que, *algumas vezes*, é a razão pela qual certos milagres acontecem.

Alguns críticos supõem que essa história seja uma espécie de duplicação do que aconteceu nos dias de Amós, registrado ali em 9.1-9, mas inserido aqui para criar drama. Porém, não há razão para supormos que uma situação não pudesse ter acontecido por duas vezes. Seja como for, a história é contada para mostrar que Jeroboão tinha recebido plena advertência acerca de sua apostasia, e que o julgamento contra ele já estava a caminho.

13.1

Um homem de Deus. O nome do profeta não nos é fornecido, mas seus atos foram claros. Ele profetizou a destruição tanto do altar como de seus sacerdotes, e deu os sinais do braço paralisado de Jeroboão, da derrubada do altar e das cinzas espalhadas. O braço de Jeroboão foi restaurado pela simples misericórdia divina, mas a lição foi muito vívida e não seria mais esquecida. Jeroboão fora avisado, mas ignorou o aviso e continuou em sua apostasia. Josias (vs. 2) haveria de demolir aquele altar. O cativo assírio demoliria todas as dez tribos do norte.

Josefo chamou esse profeta de *Jadom* (*Antiq.* 1.8, cap. 9, sec. 1), mas não sabemos dizer se isso está historicamente correto. As autoridades judaicas supõem que *Ido* foi esse homem. Ver sobre ele no *Dicionário*. Ninguém sabe, contudo, quem realmente era esse homem. Alguns fazem de *Jadom* (de Josefo) e *Ido* a mesma pessoa. E existem outras conjecturas igualmente inúteis. Mas a profecia do homem de Deus foi certa e não havia nela conjectura alguma. Quanto à possível identificação de *Ido*, ver II Crô. 9.29 e 13.22.

13.2

Por ordem do Senhor. Ou seja, em consonância com uma comissão da parte de Yahweh, pela Sua autoridade e, provavelmente, por Sua ordem direta, como uma visão ou um sonho. O altar *herege* era uma cena de sacrilégio, mas tornar-se-ia a cena dos poderes destrutivos de Josias, que agiria em nome de Yahweh. Os ossos dos sacerdotes seriam exumados por Josias e seriam queimados sobre o altar, onde Jeroboão tinha oferecido seus sacrifícios espúrios. "O costume de queimar ossos humanos sobre um altar tinha como objetivo contaminar qualquer local sagrado e torná-lo impróprio para qualquer propósito sagrado" (Norman H. Snaith, *in loc.*). Josias, a quem o profeta previra, não apareceria senão 300 anos mais tarde, pois ele reinou em Judá de 640 a 609 A. C. O trecho de II Reis 23.15-20 mostra-nos como essa profecia se cumpriu. Os críticos, naturalmente, supõem que o relato foi escrito como história, e não como profecia, mas posto em sua atual posição para emprestar-lhe aspecto profético. Alguns estudiosos, contudo, que supõem que essa passagem seja verdadeiramente profética, também crêem que o nome Josias tenha sido adicionado depois que a predição teve cumprimento.

Casa de Davi. Naturalmente, Josias fazia parte da linhagem de Davi. Ver o artigo sobre ele, no *Dicionário*. Que um rei da "oposição" seria usado para pôr fim a uma adoração apóstata, foi apenas um toque de justiça. Ele queimou os bosques dos lugares altos e reduziu a pó o santuário.

Embora os moinhos de Deus moam lentamente, Eles moem excessivamente fino.

(Henry W. Longfellow)

13.3

Deu naquele mesmo dia um sinal. Foi dado um *sinal* de que aquela profecia era verdadeira, vinda diretamente de Yahweh. O sinal talvez tenha sido a *destruição total do altar apóstata*. O próprio altar seria despedaçado, suas cinzas seriam totalmente espalhadas, o que significa que a destruição seria tão completa que o altar não poderia conter nem cinzas, quanto mais sacrifícios. A completa abolição da idolatria já estava a caminho, pelos instrumentos da vontade divina. Talvez o *sinal* queira dizer que a rachadura e a desintegração do altar ocorreram por alguma espécie de *milagre*, e não pelo ataque de homens que tentaram destruí-lo a machadadas. Mas II Reis 23.15 não parece mostrar que algo de sobrenatural estivesse em operação. Espera-se provavelmente que vejamos o *sinal* na exatidão com que a profecia se cumpriu. Ou, então, quanto ao sinal, deveríamos examinar o versículo seguinte a este, a súbita e miraculosa paralisia do braço de Jeroboão. O vs. 5, entretanto, define o sinal como a destruição miraculosa do altar ocorrida *naquele exato momento*. Nesse caso, Jeroboão deve tê-lo reconstruído.

13.4

Enraivecido com o que o profeta tinha dito, Jeroboão estendeu seu *braço desafiador*, ao mesmo tempo que ordenava que o barulhento homem, que o estava incomodando, fosse preso. Mas de súbito, o braço desafiador foi completamente paralisado e tornou-se inútil. O original hebraico diz "ressecou-se", o que muitos intérpretes pensam ser uma forma de paralisia. Talvez, conforme afirmou John Gill (*in loc.*), os nervos e os músculos se tenham *ressecado*. O braço ficou tão inútil e sem forças que Jeroboão nem ao menos pôde recolhê-lo de sua posição esticada.

13.5

O altar se fendeu, e a cinza se derramou do altar. Este versículo quase certamente fala do que aconteceu naquele momento, e não do que aconteceu nos dias de Josias, 300 anos depois. Nesse caso, II Reis 23.15-20 descreve a destruição do altar reconstruído. O sinal (vs. 3), dado "no mesmo dia", foi a súbita destruição do altar. Posteriormente, Josias transformou aquele lugar "sagrado" em profano, queimando sobre ele ossos de indivíduos mortos. Os críticos, entretanto, vêem aqui um *relato duplo*, uma única história contada por mais de uma vez, com propósitos variados.

13.6

Uma Restauração Desmerecida. Em sua tirada, Jeroboão obteve o que merecia. Mas a oração do profeta, que operou através da misericórdia divina, restaurou o braço dele. É assim que funciona a graça e a misericórdia de Deus. O original hebraico diz: "torna doce a face do Senhor", a fim de reverter Seu castigo. Temos aqui um forte *antropomorfismo* (ver a respeito no *Dicionário*), que apresenta Yahweh como quem tinha uma carranca ao dispensar Sua ira, a qual paralisou o braço de Jeroboão. Se agora o rosto de Deus parecesse *doce*, isso significaria que o milagre havia sido revertido.

"É impossível alguém falar de forma inteligente sobre um Deus pessoal, exceto em termos emprestados da experiência humana" (Norman H. Snaith, *in loc.*). Isso é verdade, naturalmente, mas sem dúvida essa linguagem antropomórfica com frequência nos afasta da verdadeira compreensão da verdadeira natureza de Deus, que é muito mais do que um mero super-homem. Tais considerações não devem desviar nossa mente de uma das grandes lições deste texto: a misericórdia de Deus.

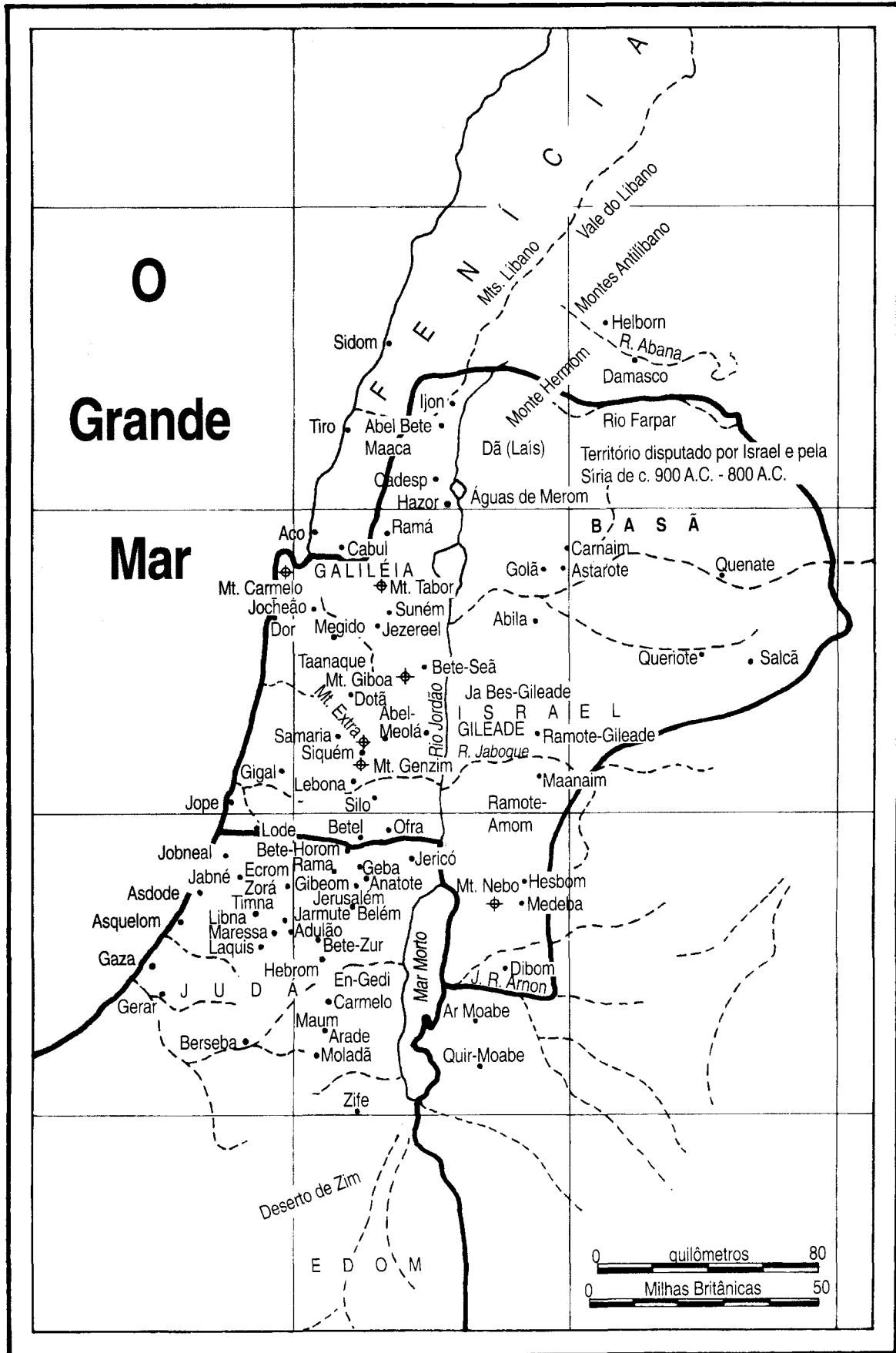
Vem, cada alma oprimida pelo pecado,
Há misericórdia no Senhor.
E por certo Ele dará a vós descanso,
Se confiardes em Sua Palavra.

(J. H. Stockton)

Senhor teu Deus. Jeroboão não disse "meu Deus", porquanto estava muito distanciado de Deus, devido à sua apostasia e rebeldia.

E a mão do rei se lhe recolheu. "Não devolvendo mal por mal, mas mostrando ter um espírito perdoador. Embora o rei tivesse estendido a mão contra Ele, Ele agora elevava Suas mãos para curá-lo" (John Gill, *in loc.*).

O REINO DE ISRAEL DIVIDIDO



REOBOÃO, O DESTRUIDOR IRRACIONAL

O Confronto

Foi convocada uma assembléia nacional para confirmar a subida de Reoboão ao trono. Esta assembléia, formada por anciões que representavam o povo, exigiu do novo rei o alívio das pesadas cargas impostas pelo governo de Salomão. Reboão respondeu à assembléia com a famosa frase:

"Meu pai fez pesado o vosso jugo, porém eu ainda o agravarei; meu pai vos castigou com açoites, eu, porém, vos castigarei com escorpiões".

(I Reis 12.14)

O povo reagiu com um "Às vossas tendas, ó Israel! Cuida agora de tua casa, ó Davi!".

Foi assim que Israel (as Dez Tribos) se tornou uma nação separada de Judá (as duas tribos). Esta divisão nunca foi revertida. Judá, depois do Cativo Babilônico, como o Novo Israel, continuou a história do povo hebraico-judaico.

*As misericórdias do Senhor são a causa
de não sermos consumidos,
porque as suas misericórdias não têm fim.*

(Lamentações 3.22)

13.7

O Convite. Os milagres primeiramente assustaram a Jeroboão, e então aqueceram o seu coração. Ele estava tratando com o grande e único Deus, o Deus de poder, de milagres e de misericórdia. Portanto, o profeta, agente do poder e da misericórdia de Deus, recebeu o convite de compartilhar uma refeição de agradecimento na companhia do rei. Jeroboão também prometeu ao profeta alguma espécie de recompensa. Ele não permitiria que a ocasião passasse sem expressar a sua gratidão. Naquele momento, podemos estar certos, o rei estava sendo sincero. Ele se aproximara do Fogo Central. A hospitalidade no Oriente Próximo e Médio era um costume sagrado e, naquele momento, ninguém a merecia mais do que o profeta de Yahweh. Isso pode ser comparado com o convite de Naamã a Eliseu (ver II Reis 5.15). Adam Clarke (*in loc.*) provavelmente está errado ao supor que Jeroboão estivesse tentando transformar o profeta em um de seus sacerdotes, dando-lhe um bom salário pelos serviços prestados. Essa idéia superenfatiza a convivência do rei. Jeroboão simplesmente estava feliz por ter o braço funcionando bem de novo, e queria exprimir a sua gratidão.

É possível que Jeroboão quisesse reter o profeta por algum tempo, a fim de aproveitar-se de suas orações e de seus poderes para garantir que o milagre de cura fosse permanente e também que nenhuma outra calamidade lhe sobreviesse.

13.8

Ainda que me desses metade da tua casa. Uma Recusa Terminante. Jeroboão tinha-se posto na posição de inimigo de Yahweh, e o profeta não haveria de desculpar seus atos por participar daquela refeição de ação de graça com o rei. Ademais, ele de forma alguma queria tratados ou negócios com o rei apostatado. Não aceitaria sua “recompensa”, para não ficar devendo coisa alguma em qualquer grau. Nem permitiria que se espalhasse a notícia de que um profeta de Yahweh tivera uma refeição com Jeroboão, dando a impressão de que aquele rei havia ganhado o favor de Yahweh, o Deus eterno, ao mesmo tempo que encabeçava um falso sistema religioso em Dã e Betel. Finalmente, o profeta não queria demorar-se naquele lugar idólatra, a fim de não se contaminar. Nenhuma recompensa, por grande que fosse, seduziria o profeta a permanecer, nem mesmo no palácio de Jeroboão. Talvez por “casa” devamos entender o reino ou as propriedades do rei.

13.9

Yahweh havia dado ao profeta uma clara e enfática advertência para não se misturar com coisa alguma relativa ao norte, nem mesmo comer com um rei. De fato, ele não poderia comer ou beber água naquele lugar, nem mesmo privadamente, por temor de ser contaminado. Era preciso dar uma lição clara de modo que todos quantos o observassem tivessem certeza de que ele desaprovava, de maneira absoluta, o culto idólatra que campeava naquele lugar.

No Oriente, comer com outrem era um ato comum para firmar amizade ou uma aliança. O profeta, pois, não queria ter nenhuma amizade com Jeroboão, e muito menos ainda estabelecer um pacto com ele. Ele não queria dar a impressão de ser amigo do rei ou de estar estabelecendo um acordo com ele.

O profeta não haveria de querer ter comunhão com um idólatra, e especialmente com o sumo sacerdote do sistema idólatra do norte, Israel.

Ele teria de tomar *um caminho diferente* a fim de voltar para casa. Ver o próximo versículo quanto a esse elemento.

“Ele precisava desaparecer rapidamente, como o mensageiro de Elias a Jeú (ver II Reis 9.3,10), quando seu trabalho estivesse terminado” (Ellicott, *in ioc.*).

13.10

E se foi por outro caminho. O profeta apressou-se e começou a voltar por uma rota diferente da que usara para chegar a Betel. Isso fazia parte das instruções de Yahweh (ver o versículo anterior). Talvez fosse uma medida de segurança. Poderia haver alguns homens irados e assassinos esperando pela sua volta, que o quisessem matar como um oponente desprezado do sul. Mas em breve, por causa do convite de outro profeta, ele morreria, porquanto desobedeceria às instruções de Yahweh (ver os vss. 21 ss.).

13.11

Betel era um santuário sagrado, e assim tinha sido por um tempo longínquo. Ver o artigo sobre *Betel*, no *Dicionário*, quanto a detalhes. Portanto, não era surpresa que houvesse um profeta honrado ali que não tinha fugido para o sul,

juntamente com os levitas e sacerdotes (ver II Crô. 11.14). Naturalmente, o velho profeta talvez não fosse tão honrado assim. Estou conjecturando que o *homem idoso* simplesmente não tinha coragem para fugir para Jerusalém. Ele sempre vivera em Betel e estava por demais idoso e cansado para fazer a mudança simplesmente porque o norte se dividira do sul e tinha um rei apostatado. A morte viria em breve, e o homem esperava, com paciência e em paz.

Seja como for, os filhos do idoso profeta de Betel foram testemunhas (ou foram informados) dos acontecimentos no altar de Jeroboão e ansiaram comunicar isso ao antigo profeta. O idoso homem demonstrou muito interessado em ter a companhia de homens tão notáveis e poderosos (espiritualmente).

Thomas L. Constable (*in loc.*) tem um curioso comentário: “A idade avançada, algumas vezes, tende por tornar a pessoa preguiçosa e complacente”, justificando a permanência do profeta em Betel. Mas o homem de idade avançada sabe que o verdadeiro problema é a ausência de energias que vão diminuindo com a idade, furtando do idoso não somente a força mental e física, mas também a sua *coragem*. O idoso profeta de Betel, pois, não teve coragem de mudar-se para Jerusalém.

O Targum e Josefo (*Antiq.* 1.8, cap. 9, sec. 1) fazem desse pobre idoso um falso profeta, mas isso é um julgamento muito severo. No outro extremo, temos Kimchi, que faz desse homem *Mica*, idéia que outras autoridades judaicas aceitam. Mas não há como testar essa teoria. Existem outras conjecturas sobre a sua identidade, todas elas inúteis.

13.12,13

Os filhos tinham visto o caminho que ele havia tomado, e isso tornou possível para o idoso profeta tomar seu asno, prepará-lo e pôr-se a caminho após o homem de Judá. Alguns intérpretes vêem razões sinistras e vis nesse ato, mas isso é tolice. O velho homem simplesmente queria ter alguma *comunhão*. Na apostatada parte norte da nação, não havia muitos homens espirituais com quem ele pudesse comparar notas, ter conversas espirituais, trocar idéias e contar as glórias do passado.

Visto que o homem de Deus de Judá estava a pé, seria fácil para o outro profeta alcançá-lo, montado em seu jumento. E assim, ansiosamente, ele se foi, olhando para cá e para lá, esperando garantir a amizade do notável profeta que tivera coragem de enfrentar e derrotar o próprio monarca.

13.14

E foi após o homem de Deus. *Para seu deleite*, o idoso homem logo encontrou o profeta mais jovem, sentado debaixo de um carvalho, aproveitando a sombra e descansando por algum tempo. Ele perguntou se ele era o profeta que havia causado tanta confusão em Betel, e foi informado de que era. O homem não havia comido ou bebido coisa alguma, e suas energias estavam no fim. Não há no texto nenhum indício de que a árvore era um carvalho sagrado, como o de Abraão, em Manre (ver notas expositivas em Gên. 13.18). Os santuários sagrados eram estabelecidos nos carvalhos, havendo algum valor místico nessa árvore, segundo o povo pensava. Cf. o carvalho de Siquém (ver Gên. 35.4,8; Jos. 24.26; Jui. 9.6); o de Ofra (Jui. 6.11) e a palmeira de Débora (Jui. 4.5).

Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Carvalho*, que dá alguns detalhes surpreendentes sobre o prestígio dos carvalhos em relação à adoração sagrada, até mesmo fora da cultura hebréia. Ver também o artigo chamado *Carvalho dos Adivinhadores*.

13.15

Outro Convite. O profeta idoso duplicou o convite que já tinha sido feito por Jeroboão. As notas expositivas dos vss. 7 e 8 também se aplicam aqui. Yahweh havia proibido o profeta de comer e beber naquele lugar onde imperava a idolatria, quanto mais de ter comunicação ali com alguém e demorar-se em sua viagem de volta para casa (ver o vs. 9). O convite, como é evidente, foi feito de todo o coração, sincera e inocentemente, mas mesmo assim não poderia ter sido aceito. Era muito mais importante obedecer a Yahweh do que desfrutar a comunhão e o alimento de outro profeta.

13.16,17

Outra Recusa. No começo, o profeta de Judá mostrou-se adamantino em sua recusa de aceitar o convite. Ele, sob nenhuma circunstância, ou para agradar seja lá quem fosse, desobedeceria às ordens de Yahweh. Esse mandamento lhe fora dado clara e severamente (vs. 9), não deixando dúvidas nem espaço para interpretação alternativa. Nem mesmo grandes recompensas, como a metade da casa do rei, poderia dissuadi-lo de sair de Betel.

13.18

Porém mentiu-lhe. Em sua necessidade fanática de ter comunhão com o profeta de Judá, o profeta mais idoso continuou insistindo e afirmando ser ele

também um profeta, e ter recebido uma visita angelical que o instruíra a levar o profeta de Judá até sua casa. Além disso, o anjo (disse o profeta mais idoso) era um mensageiro do próprio Yahweh. Infelizmente, essa conversa complicou tudo. O pobre homem de Judá deixou-se convencer e acabou morrendo por haver desobedecido tolamente o mandamento de Yahweh.

A Pergunta. Como devemos entender essa questão relativa ao anjo? O profeta mais idoso mentiu? Seria ele sincero, mas estaria enganado?

Interpretações:

1. O profeta mais idoso, em sua ânsia de convencer o profeta mais jovem a seguir em sua companhia, simplesmente mentiu. Houvesse ou não motivos sinistros, sua conversa sobre o anjo era mentirosa. Nenhum anjo de Yahweh viera para contradizer as ordens claras que o profeta de Judá havia recebido da parte de Deus. “O homem de Deus, que resistira aos convites do rei, cedeu diante da *sedução* de um colega profeta. Ele era forte bastante em sua força de vontade, mas fraco em sua *percepção espiritual*” (Ralph W. Sockman, *in loc.*). A conversa do profeta idoso sobre o anjo foi “um artifício e um estratagemas para persuadir o homem de Deus a retornar com ele, a fim de desfrutar sua companhia e uma conversa com ele” (John Gill, *in loc.*).
2. Ou então um verdadeiro anjo de Yahweh foi enviado para testar a determinação e a fidelidade do outro profeta. Seria algo semelhante à ordem de Deus para Abraão sacrificar o filho, mesmo não havendo nenhuma intenção verdadeira de que ele praticasse o sacrifício humano. Também podemos ilustrar com o caso de Jó, a quem Deus testou. Ele soube ser testado, sem *cair*. Nesse caso, o profeta de Judá deveria ter *repellido* o convite, mesmo que o convite estivesse apoiado por algum agente divino.
3. Ou então o profeta mais idoso estava equivocado. Ele teria recebido o que *pensara* ser um agente divino. Ele *produzira* alguma forma que lhe transmitira uma mensagem, mas era o seu próprio poder psíquico interior que tinha produzido a visão, a qual, por isso mesmo, era *subjetiva*, e não objetiva. Caros leitores, isso acontece o tempo todo com pessoas que, algumas vezes, têm visões genuínas. Em muitas ocasiões, elas, sendo psiquicamente sensíveis, produzem visões da própria lavra, algo semelhantes à função dos sonhos, que é, essencialmente, um cumprimento de desejo. Assim sendo, se algumas pessoas têm sonhos que cumprem seus próprios desejos subjetivos, assim também outras podem produzir visões por meio do cumprimento de desejo. É um fato conhecido dos que investigam os fenômenos psíquicos, que *algumas pessoas* podem produzir *sonhos estando acordadas*, isto é, imagens que vêm quando não estão dormindo. A advertência aos místicos é esta: a primeira coisa que você deve fazer é *duvidar* de sua visão. Um ser humano é capaz de notáveis manifestações psíquicas, totalmente *naturais*. Algumas drogas, bem como as sugestões hipnóticas, também produzem falsas visões.

Creio que o profeta mais idoso produziu sua própria visão de um anjo, completada com sua falsa mensagem. Ele seduziu a si próprio quanto à questão, embora não de maneira maligna. Ele não queria prejudicar o profeta de Judá. Tão-somente superestimou seus próprios poderes, e não foi capaz de distinguir o natural do sobrenatural. Em sua ansiedade por dispor da companhia do outro profeta, produziu, convenientemente, sua própria manifestação angelical e foi enganado por sua capacidade psíquica interior. Nada de sobrenatural aconteceu então, apesar de sua fé em contrário.

Outro fenômeno interessante é a capacidade de produzir, por meio da telepatia, imagens dos pensamentos de outras pessoas. Isso quer dizer que algumas pessoas podem *ver* o que outras estão pensando, ter visões com aquilo que estiverem percebendo, e não meramente compreender os pensamentos das outras pessoas. Temos muito que aprender acerca dessas manifestações, e erramos por atribuir ao diabo ou a Deus a maior parte dos fenômenos psíquicos. A *maior parte* desses fenômenos pertence à ordem *natural* das coisas. Algumas dessas coisas são divinas; outras são demoníacas. O homem, por ter um espírito, recebe toda espécie de manifestações espirituais, embora elas sejam naturais. *Algumas vezes*, porém, Deus está presente.

13.19

O Que Foi Estritamente Proibido, Acabou Sendo Feito. O profeta de Judá ficou convencido diante daquela conversa sobre o anjo. Ele deve ter pensado que Yahweh mudara de idéia, ou, pelo menos, fizera uma *exceção* à proibição geral, permitindo-lhe comer na companhia de *outro profeta*, embora não na companhia de um rei. O espírito apóstata da parte norte da nação não havia prevalecido sobre os dois profetas. Eles simplesmente incorreram em erros de julgamento. Não obstante, o profeta de Judá *incorreu* em um *erro fatal*. O leão, em breve, haveria de tirar-lhe a vida (vs. 24). Na verdade, ele obteve uma horrenda coiteira em face de seu equívoco, a despeito de tudo ter feito na inocência, ou assim ele pensava.

13.20

Veio a palavra do Senhor ao profeta que o tinha feito voltar. De modo surpreendente, o idoso profeta de Betel de repente recebeu uma visão da parte de Yahweh. Isso ocorreu quando eles ainda estavam comendo à mesa. O profeta de Judá havia desobedecido a um claro mandamento divino e em breve morreria

por causa disso. Ele não teria uma morte pacífica e depois um sepultamento decente com seus pais. Ele teria uma morte inesperada e violenta. Infelizmente, o profeta de Judá foi sepultado na apóstata Betel (vs. 29)!

“É talvez a característica mais terrível da história que a sentença divina foi pronunciada (tal como no caso de Balaão) involuntariamente, através dos próprios lábios que, mediante a falsidade, haviam enganado o profeta de Judá, desviando-o da vereda certa, e na própria mesa da hospitalidade traiçoeira” (Ellicott, *in loc.*).

13.21

Porquanto foste rebelde à palavra do Senhor. A ordem divina fora dada *severa e claramente*: sob circunstância alguma o profeta de Judá deveria comer com alguma pessoa da apóstata Betel, nem rei, nem súdito, nem profeta (vs. 9). Mas o profeta de mais idade o convencerá de que um anjo de Yahweh lhe havia transmitido uma mudança na mente divina. Com base na força dessa “revelação”, o profeta agiu contra um mandamento claro. Yahweh-Elohim, o Deus Eterno e Todo-poderoso, repreendeu o profeta e pronunciou contra ele uma maldição.

Invisível e sem voz, a justiça seguiu seus passos...

Bem de perto, invisível, ela vê e sabe bem

A quem deve ferir.

(Êsquilo)

13.22

O local (Betel) tinha sido amaldiçoado por Deus, e nenhum de seus habitantes deveria ser honrado com a presença do profeta de Judá. Isso poderia ser interpretado como uma aprovação à idolatria que dominava o lugar. O profeta de Judá era dotado de imensa força de vontade, mas era fraco quanto à percepção espiritual, e não foi capaz de perceber o *ardil* que lhe armara o outro profeta. O *castigo* foi que ele não chegaria vivo em casa, a fim de, finalmente, morrer em paz, recebendo um sepultamento honroso ao lado dos pais. Antes, teria uma morte violenta e seria sepultado em Betel! Ele dormiria com os pais, mas não seria sepultado com eles. Ver as notas expositivas em I Reis 1.21 sobre o ato de dormir com os pais.

Aquele profeta tinha ainda outras obras para completar, outras coisas para realizar. Seu erro roubou-lhe tudo isso, uma situação verdadeiramente triste.

13.23

A *terrível profecia* fora dita, de modo tão surpreendente e espontâneo, e então a refeição chegou à conclusão. O profeta de Judá, ato contínuo, apressou-se a deixar aquele lugar. O profeta mais idoso já lhe havia preparado o caminho, albardando o jumento, sem dúvida fornecendo provisões apropriadas e dizendo: “Agradecido, irmão, pela sua visita agradável! Volte em breve!”.

Somente neste versículo o *homem de Deus* de Judá foi chamado de “profeta”, embora já se tivesse tornado óbvio que ele era um profeta. Alguns vêm nisso uma omissão proposital, por parte do autor, que tinha consciência da existência de *profetas falsos*. Mas um homem de Deus é um homem de Deus (e, presumivelmente, um verdadeiro profeta). Essa interpretação, contudo, é um refinamento desnecessário, porquanto, se isso é uma verdade, por que o homem teria sido chamado de “profeta” neste vs. 23?

13.24

Um leão o encontrou no caminho, e o matou. O *coitado* que tinha vindo de Judá não tinha ainda caminhado muito, quando um feroz leão o encontrou e prontamente o matou. O leão não o comeu nem atacou o jumento. Estava ali somente para matar o profeta, por impulso de Yahweh, o qual controla tanto os animais quanto os homens. “Leões eram animais comuns no início da história da Palestina e, novamente, depois que a parte norte do país perdeu sua população, após as conquistas assírias (ver II Reis 17.26)” (Norman H. Snaith, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Leão*. Mas, quando as florestas desapareceram em Israel, desapareceram igualmente os leões.

Temos a *curiosa cena* do pobre jumento ali de pé, ao lado de seu senhor mutilado, e o leão também nas proximidades. Passantes comunicaram o estranho fato ao *profeta mais idoso*, que recolheu o cadáver e cuidou do sepultamento. John Gill (*in loc.*) viu o leão como um *guardião* que não permitia que outros animais comessem o corpo, porquanto àquele corpo morto deveria ser dado um sepultamento decente. O leão continuaria presente até que chegasse o agente do sepultamento, o outro profeta.

13.25

Eis que os homens passaram. Os circunstantes observaram a estranha cena do leão e do jumento, ambos ao lado do corpo caído e mutilado do profeta

de Judá. O leão estava guardando o corpo, até que chegasse a pessoa que faria o sepultamento. O fato foi comunicado ao profeta mais velho, que vivia em Betel. O leão rugia para os passantes, mas não fez nenhum novo ataque. Ele cumprira o seu dever por aquele dia.

13.26

Segundo a palavra que o Senhor lhe havia dito. A razão da tragédia era perfeitamente clara. O profeta mais idoso tinha ouvido a advertência de Yahweh da boca do homem de Deus (vs. 16), e ele mesmo proferira uma profecia-maldição contra o homem (vs. 21). Não havia dúvidas: o leão era o instrumento da ira do Senhor. O profeta de Judá tinha sido “desobediente” à palavra do Senhor, e o profeta de mais idade, para sua eterna vergonha, fora o instrumento do seu erro, de fato, a causa principal do seu desvio. Seja como for, o profeta mais idoso viu claramente o pecado do profeta de Judá, mas não proferiu uma única palavra acerca de seu próprio pecado, algo comum entre os homens, até mesmo os que se consideram espirituais. O homem de mais idade deveria ter sido um *vigia* na noite, em Betei. Deveria ter avisado sobre todos os resultados drásticos das infrações contra a palavra de Yahweh. Mas se tornou um instrumento da morte. “Guarda, a que hora estamos da noite? Guarda, a que horas?” (Isa. 21.11).

13.27

Tendo ouvido as terríveis notícias da morte do homem de Deus de Judá, ele ordenou a seus filhos que preparassem a jornada. Eles albardaram o jumento, e lá se foi o profeta mais idoso ver a cena sangrenta. Ele esperava estar equivocando. Alguma outra pobre alma teria sido morta pelo leão. Em seu coração, entretanto, sabia que encontraria o homem de Deus de Judá morto na estrada.

13.28

Não tendo caminhado muito para longe de Betei, descobriu o que já sabia interiormente. Ali estava o corpo mutilado do outro profeta, e o leão continuava guardando o cadáver. O jumento do homem de Deus também estava ali, sem ser molestado. Era uma cena estranha. O leão não atacou o profeta de mais idade, porque ele estava destinado a morrer de alguma outra maneira. O leão, vendo o homem de mais idade aproximar-se, entendeu que sua missão estava terminada e simplesmente desapareceu no bosque próximo. O autor sagrado impressiona-nos com o fato de que Yahweh exerce controle sobre todas as coisas, um sinal característico do *teísmo* (ver no *Dicionário*). Deus é a causa de tudo. Ele tanto é transcendente quanto é imanente. É sempre um poder com o qual temos de contar, que intervém na história humana: Ele recompensa e pune. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Providência de Deus* e *ira de Deus*. Ver também o verbete chamado *Deus*, quanto aos conceitos, atributos e provas da Sua existência.

“O leão permaneceu ali até que chegou o profeta e cuidou do cadáver, o que mostra a providência singular de Deus; e, embora o homem tivesse sido castigado com um julgamento temporal por causa de sua ofensa, não obstante ele era querido de Deus, e até o seu cadáver era precioso aos Seus olhos” (John Gill, *in loc.*).

“Quão evidente foi a mão de Deus em toda essa história” (Adam Clarke, *In loc.*).

13.29

O profeta mais idoso pôs o cadáver do outro profeta em seu jumento ou, talvez, no outro jumento que estava por perto, e voltou à cidade, lamentando-se enquanto avançava. Ele teve tempo de pensar sobre os seus próprios pecados, e sem dúvida o fez, em espírito de arrependimento.

13.30

O profeta de mais idade honrou o profeta de Judá, sepultando-o em seu próprio sepulcro. Seus filhos haveriam de sepultá-lo no mesmo sepulcro, conforme adiciona o versículo seguinte. As lamentações apropriadas foram feitas em honra do homem que havia morrido, e foi-lhe dado um sepultamento decente em Betei, a apostatada capital da região norte do reino unido.

Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Sepultamento*, *Costumes de*. Assim o profeta de Judá tinha morrido violenta e desgraçadamente, mas seu espírito voou para Deus, gloriosamente, pois essa é a misericórdia, a graça e o poder de Deus. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Alma*, e na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Imortalidade*.

Ah! irmão meu! O sepultamento tornou-se amargo devido ao fato de que um homem de Deus havia caído em Israel, e o profeta de mais idade fora a principal causa de sua queda. Eles eram irmãos porque ambos eram hebreus, mas também eram colegas profetas, uma espécie excelente de fraternidade. Cf. Jer. 22.18.

Há aqui um “... toque de remorso e compaixão pessoal pela vítima do ato traiçoeiro” (Elliott, *in loc.*).

13.31

Dois Profetas em um Único Sepulcro. O profeta mais idoso quis ser sepultado no mesmo sepulcro em que havia sido sepultado o profeta de Judá, o que certamente fala de solidariedade e remorso por aquilo que tinha ocorrido. O homem de mais idade, pois, quis honrar o mais jovem, através desse ato.

Uma Curiosidade Histórica. Quando Josias (cerca de 300 anos mais tarde) demoliu o altar de Betei e queimou os ossos do homem morto que ali havia, a fim de torná-lo inútil para ser usado em qualquer profanação, ele poupou os ossos do profeta de Judá e, ao assim fazer, também deixou os ossos do profeta de mais idade (chamado “de Samaria” no texto). Ver II Reis 23.16-18. É óbvio que os filhos daquele homem obedeceram à ordem de sepultar o seu corpo com os ossos do homem de Deus de Judá, cumprindo assim o seu pedido.

13.32

Supomos aqui que o profeta de Judá tinha *proferido* uma dura condenação contra Betei, seus falsos sacerdotes, seu falso sumo sacerdote (Jeroboão), e também contra sua idolatria e todo o arranjo religioso que havia sido estabelecido em Betel. A substância dessa profecia é dada aqui, e o autor convida-nos a supor que a profecia já havia sido proferida antes. O que foi predito ficou exatamente registrado em II Reis 23.16 ss. A profecia foi dada cerca de 300 anos antes de seu cumprimento! Naturalmente, os críticos supõem que a questão toda tenha sido registrada como história, e não como profecia, injetada no presente texto como se tivesse sido prevista. Mas sabemos que algumas pessoas têm um tremendo poder profético, e todas as pessoas, nos seus sonhos, constantemente prevêem o próprio futuro. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Sonhos*, bem como o artigo geral chamado *Profecia*, *Profetas* e o *Dom da Profecia*.

A *idolatria de Jeroboão* foi muito extensa. Além de suas capitais religiosas, Dã e Betei, ele tinha lugares altos, bosques e santuários em várias partes de Israel. O reino de Deus, chamado de *Samaria* em tempos posteriores, neste ponto é um anacronismo, o reflexo de uma compilação posterior, ou então o reflexo de algum material que foi adicionado posteriormente por algum editor. Cf. Isa. 7.9. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Samaria*. A totalidade do reino do norte de Israel foi chamada de *Samaria* devido à circunstância de que aquela cidade, *Samaria*, tornou-se a principal cidade e a capital do reino do norte. Ela foi fundada em cerca de 875 A. C., cerca de cem anos mais depois do tempo retratado na história narrada neste capítulo.

Persistência de Jeroboão na Idolatria (13.33,34)

13.33

A *persistência* é considerada entre nós uma *virtude*; mas, quando a persistência é no mal, então temos um *vício estúpido*. Jeroboão, pois, tornou-se um exemplo de homem estúpido e viciado. Ele tivera contato pessoal com o profeta *Alas* (ver I Reis 11.29 ss.) e recebera instruções claras sobre como agir quando fosse o futuro rei do norte, ou Israel. Ele tinha visto pessoalmente as maravilhas do homem de Deus de Judá (ver I Reis 13.1 ss.) e também os milagres realizados (seu braço foi miraculosa e subitamente paralisado, e então restaurado miraculosa e subitamente). Mas coisa alguma impressionava o cérebro daquele homem rebelde. Ele fez de pessoas comuns sacerdotes ilegítimos, ignorando a regra de que somente levitas, descendentes diretos de Arão, poderiam exercer o sacerdócio. O autor repete a informação que já havia sido dada em I Reis 12.31, cujas notas expositivas devem ser consultadas. A estupidez final foi quando ele se nomeou sumo sacerdote, conforme vimos em I Reis 13.1. Somente um filho direto de Arão poderia ser sumo sacerdote. Jeroboão adicionou presunção à sua estupidez. Os sacerdotes levíticos foram despedidos e fugiram para Judá, o reino do sul. Ver II Crô. 11.14. Se privilégios adicionais haveriam de aumentar a responsabilidade dele, Jeroboão abandonou toda a noção disso e prosseguiu em seu caminho rebelde. “... o aspecto mais sério de sua apostasia foi a total desconsideração para com a vontade de Deus, conforme expressa na lei de Moisés. Disso resultou a sua queda e destruição” (Thomas L. Constable, *in loc.*).

13.34

Havia um grave pecado na apostasia de Jeroboão, e isso significava que haveria também grande destruição. Sua casa seria cortada da face da terra. De fato, a nação do norte havia começado muito mal, por ser o reino separado que havia caído em pior depravação que o reino do pobre rei Roboão, da nação do sul, Judá.

O pronunciamento do profeta *Alas* (ver I Reis 14.9-11) preenche os detalhes. O cumprimento dessas mortíferas profecias é registrado em I Reis 15.25-30.

“Aquelas abominações eram por demais flagrantes e insultuosas à majestade divina para serem permitidas em sua continuação. Por conseguinte, a casa de Jeroboão foi cortada e destruída da face da terra” (Adam Clarke, *in loc.*).

Capítulo Catorze

A Ira de Yahweh Fere o Filho de Jeroboão (14.1-18)

Acabamos de ver (I Reis 13.33,34) que terríveis calamidades sobreviriam, obliterando completamente a dinastia de Jeroboão em face de sua declarada idolatria. A ira de Yahweh começou ferindo um filho amado do rei. *Abias* (ver sobre ele no *Dicionário*) seria a primeira vítima da rebelião de Jeroboão, segundo a vontade de Yahweh.

Jeroboão precisava de ajuda, e sua mente apelou imediatamente para Aías, o profeta que o tinha comissionado como rei das dez tribos do norte (ver I Reis 11.29). Ele era um homem poderoso e espiritual, e Jeroboão esperava que ele restaurasse seu filho. Ele mesmo tinha presenciado um milagre quanto ao seu braço, primeiramente paralisado e depois restaurado, por um profeta de Judá cujo nome não é dado (ver I Reis 13.4,6). Portanto, Jeroboão esperava que agora houvesse outro milagre misericordioso. Ele enviou sua esposa, disfarçada, ao agora idoso Aías, sem dúvida esperando alguma espécie de assistência divina através de Aías. Mas, ajudado por Yahweh, o quase cego Aías reconheceu a esposa de Jeroboão. Portanto, ele não proferiu nenhuma palavra de consolo, nem realizou milagre algum. O menino morreu.

A morte de crianças pequenas constitui grande consternação e um quebracabeça para teólogos e filósofos. Por que Deus parece precipitar-se? Por que crianças pequenas têm de sofrer e morrer? Por que não lhes podem ser dadas missões decentes para cumprir, e um pouco de felicidade em seu caminho? Essas crianças estão seguras, ou seja, suas almas são salvas, por causa de sua pouca idade? Ver o artigo do *Dicionário* intitulado *Infantes, Morte e Salvação dos*, quanto ao que pode ser dito sobre o assunto, e quanto à minha opinião pessoal.

A história presente pode ser confrontada com a morte do filho de Davi com Bate-Seba, em II Sam. 12. Ver as notas introdutórias a II Sam. 11.2, quanto às três lições teológicas que podem ser aprendidas com a morte de crianças. Ver também II Sam. 12.18 quanto a idéias adicionais. Além disso, ver II Sam. 12.23, perto do último parágrafo, quanto à doutrina da *idade da responsabilidade*, que, segundo se presume, salvaria a alma de crianças pequenas que morrem. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Problema do Mal*.

14.1

Abias, filho de Jeroboão. Ver sobre ele no *Dicionário*. Quanto à consternação e aos problemas teológicos envolvidos na morte de crianças, ver as notas de introdução ao presente capítulo e também as várias notas expositivas e artigos referidos. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Enfermidades da Bíblia*.

"Jeroboão recebeu a última advertência divina, por causa de seu pecado, através da enfermidade de seu filho. Em sua grande aflição, o rei réprobo voltou-se de seus sacerdotes mercenários e de seus falsos profetas para o homem de Deus, Aías" (Ralph W. Sockman, *in loc.*).

"Esse foi apenas um prelúdio das misérias que sobrevieram à casa de Jeroboão, mas revelou-se outro aviso de misericórdia, cuja intenção era fazer o rei abandonar sua idolatria e iniquidade" (Adam Clarke, *in loc.*).

Notemos que Roboão também tinha um filho de nome *Abias* (ver I Reis 15.1), uma curiosa coincidência, mas provavelmente não mais do que isso.

14.2

Eis que lá está o profeta Aías. Quanto a Aías, ver o *Dicionário*. O profeta havia comissionado Jeroboão para que fosse o rei das dez tribos do norte (ver I Reis 11.29 ss.). Essa comissão incluía o mandamento para que Jeroboão andasse em toda a lei de Moisés, o que era condição para um reinado bem-sucedido. Jeroboão, porém, abandonou essa condição em tempo surpreendentemente curto. Mas agora, quando o filho estava em tremenda necessidade, Jeroboão não se voltou para seus profetas e falsos sacerdotes. Antes, voltou-se para um verdadeiro homem de Deus. Recentemente, ele tinha visto o milagre feito por outro profeta de Judá (cujo nome não foi fornecido), e por isso procurou ajuda nos profetas de Judá. Ele não estava interessado simplesmente em saber o que aconteceria a seu filho. Queria uma cura para a criança, tal como ele mesmo já havia sido curado, apesar de sua idolatria. Ele queria outra cura, a despeito de seus graves pecados. Nada há no texto que sugira que Jeroboão contemplasse uma mudança de vida para si mesmo.

A Esposa de Jeroboão se Disfarça. Jeroboão não esperava que o profeta abençoasse ao rei ou a seu filho, *sabedor* de quem eles eram. Ele esperava que Aías dissesse: "Vai, teu filho está curado", sem que o profeta soubesse que o menino curado era filho do rei rebelde. Jeroboão sabia que trilhava por um caminho errado; tencionava continuar no erro; mas esperava receber a cura de seu filho, embora prosseguisse no erro. Algumas vezes há milagres de misericórdia que ignoram tudo. De fato, nem todos os milagres são merecidos. Mas quantos deles são merecidos? Assim sendo, Jeroboão enviou sua esposa *disfarçada*. Ela foi repleta de esperança e amor pelo filho, confiando na misericórdia de Yahweh

por meio de Seu instrumento, o profeta Aías. Provavelmente, outra razão desse disfarce era que Jeroboão não queria que o povo visse a rainha-mãe consultar um profeta em Judá, quando ele mesmo havia rejeitado os profetas, os sacerdotes e o culto oficial efetuado em Jerusalém.

Silo. Ver a respeito deste local no *Dicionário*. Era outro importante santuário de Israel (agora território da nação do sul, Judá), onde a arca havia sido guardada por muitos anos. O profeta Aías viera residir nessa cidade. O local havia sofrido destruição por causa da corrupção do sacerdócio, nas pessoas de Eli e seus filhos. Depois disso, as Escrituras pouco dizem sobre Silo.

14.3

Leva contigo dez pães, bolos, e uma botija de mel. *Um Presente.* Ao serem visitados, dignitários civis ou religiosos recebiam presentes que demonstravam alta estima. O presente referido neste versículo, apenas algo para comer, embora não fosse muita coisa, também não era de se desprezar. O presente como que dizia: "Estou aqui em paz. Reconheço teu poder e autoridade. Por favor, ajuda-me".

Botija. Um vaso de gargalo fino, assim chamado devido ao barulho gorgolejante que fazia quando se derramava de dentro dele algum líquido. No hebraico, *bagbag*, uma palavra inventada para imitar aquele som.

"Ninguém consultava um profeta sem trazer algo em sua mão" (Adam Clarke, *in loc.*). Ver I Sam. 9.7,8.

Conhecimento Anterior. Jeroboão queria saber o que aconteceria ao filho. O conhecimento anterior é um fato, uma habilidade comum da mente humana, sem nenhuma ajuda diabólica ou divina. Naturalmente, existe o conhecimento anterior divino e diabólico. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Precognição*. Ver no *Dicionário* o artigo *Profecia, Profetas e o Dom da Profecia*. Evidentemente, Jeroboão esperava que o profeta Aías realizasse um milagre em favor de seu filho, se necessário fosse, tal como ele, sem merecê-lo, havia recebido um milagre de cura, mediante a pura misericórdia e graça divina (ver I Reis 13.1 ss.).

14.4

Em um sentido verdadeiro, o disfarce não era necessário para enganar o profeta, embora fosse necessário para enganar o povo, que observaria a cena e comentaria o fato de que Jeroboão estava consultando um profeta da nação do sul. Aias estava cego, ou quase cego, e sem a ajuda divina não reconheceria ninguém, a não ser talvez pelo timbre de voz.

Metáfora. Os ímpios gostam de disfarçar-se para ocultar seu verdadeiro caráter. A impiedade cobre-se com as trevas, mas a luz revela a verdadeira natureza das coisas. Aías, porém, tinha uma luz que vinha de Yahweh. Ele não seria enganado pelo ardil.

14.5

Yahweh informou o profeta sobre a identidade da mulher que o estava visitando, provavelmente mediante alguma voz interior, inspiração mental ou visão. Além dessa revelação, Yahweh também instruiu Aias sobre exatamente o que ele deveria dizer à mulher (vss. 7-11). Como o recado era longo demais para o autor concentrar em um único versículo, e depois repeti-lo, ele escreveu somente: "Assim e assim lhe falarás".

14.6

Estou encarregado de te dizer duras novas. Aías não perdeu tempo para dar o seu recado nem demonstrou misericórdia. Ao ouvir os passos da mulher, à porta, ele a identificou, repreendeu-a pelo disfarce e deu-lhe a entender que ela receberia uma mensagem *pesada*. A mensagem estava relacionada, em primeiro lugar, ao filho dela, que haveria de morrer. Mas o profeta também falou sobre as grandes calamidades que sobreviriam a Jeroboão e à sua casa, por causa da flagrante idolatria que ele promovia na região norte.

"O idoso e velho vidente não poupou palavras ao denunciar os pecados de Jeroboão e ao prever a morte de seu filho. Ele repetiu a inevitável de que os pecados dos pais são visitados em sua prole. Porventura, Aías pensava que a morte do filho faria o coração do pai voltar-se para Deus? Algumas vezes é preciso uma grande calamidade para efetuar uma conversão. Não há registro de que o coração de Jeroboão tenha sido suavizado pela morte do filho" (Ralph W. Sockman, *in loc.*).

Tal declaração, entretanto, dificilmente abordaria a questão do destino da criança; o destino de uma alma eterna é algo precioso para Deus. Nem seriam abordadas as declarações das Escrituras que dizem que cada homem morrerá por seus próprios pecados, e não por causa de pecados alheios. Ver Deu. 24.16,

quanto a notas sobre a questão. Contrastar essa declaração com aquela que afirma que os pecados dos pais são visitados nos filhos. Ver Êxo. 20.5; Núm. 16.31-33; Deu. 5.9; Jos. 7.24,25; II Sam. 21.1-9. “Essa lei modificava a antiga crença de que a culpa afetava todo o grupo social, especialmente uma família” (*Oxford Annotated Bible*, comentando sobre Deu. 24.16).

Enfrentamos complexos problemas teológicos diante da morte de crianças pequenas, e reviso essa questão na introdução ao presente capítulo, onde também dou outras informações, com referências a artigos que abordam os problemas atinentes. Ver Eze. 18.20 quanto à *responsabilidade* de cada indivíduo diante de Deus. Há mistérios que cercam essas questões, e simplesmente lançar a culpa sobre o pecado do(s) pai(s) é uma resposta simplista.

14.7

A Diatribe do Profeta. A mensagem de Aias continha somente más notícias e tragédia. Falava sobre a síndrome do pecado-calamidade em que Jeroboão havia sido apanhado. A mensagem foi dirigida a Jeroboão e partira de Yahweh. Esse Yahweh (o Eterno) era também Elohim (o Todo-poderoso), e não havia como escapar do Seu poder que se manifestaria em julgamento.

Exaltado. Jeroboão recebera sua posição como rei do norte, através do poder de Yahweh-Elohim. Fora feito príncipe entre o povo, homem dotado de poder e das promessas divinas. Mas ele também havia sido advertido de que a condição para o sucesso seria andar segundo lei mosaica (ver I Reis 11.38). No capítulo 11 deste livro, é o “Eu” divino quem fala. O “Eu” (Yahweh) fora o agente da exaltação de Jeroboão. Ele não possuía poder que não lhe tivesse sido divinamente concedido. Aias era o agente através de quem a mensagem fora dada (ver I Reis 11.29 ss.). Jeroboão, naturalmente, lembraria bem de tudo quanto tinha acontecido. Ele sabia que havia sido enfaticamente advertido contra trilhar a vereda da rebeldia, pela qual ele havia optado. Portanto, ele não tinha desculpas e não podia esperar nenhuma misericórdia.

14.8

Yahweh tinha feito algo de admirável: Ele rasgou o reino de Davi, a quem tinha prometido uma casa eterna. Ele preservou para a linha de Davi somente uma tribo (Judá, que já havia absorvido Benjamim). O restante do reino unido, a parte norte da nação (Israel), havia sido dado a Jeroboão, e esperava-se que ele vivesse de acordo com o seu privilégio.

Jeroboão, porém, não estava vivendo à altura do privilégio que lhe havia sido conferido. Ele não agia como Davi, nem seguia a piedade mosaica. Apesar das grandes falhas de Davi, ele não fez uma coisa: ele se isentou da abominação, a idolatria. Salomão havia caído nessa armadilha. Jeroboão também caiu no mesmo ardil (I Reis 14.21 ss.). A nação de Israel, em suas porções norte e sul, estava assim posta na estrada para o cativeiro. Primeiro foi o cativeiro assírio, que levou a parte norte (722 A. C.), e então houve o cativeiro babilônico, que levou a parte sul (597 A. C.). Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Cativeiros*. Ver também sobre Davi, um homem segundo o coração de Deus, em I Sam. 13.14. Até mesmo em seu período depravado, Davi preservou as formas religiosas mosaicas e, então, através do arrependimento, foi restaurado.

14.9

Franca Idolatria. A palavra relativa ao norte, foi, antes de tudo, o “sincretismo”. O yahwismo foi *misturado* com formas idólatras. Em seguida franca idolatria tomou conta de tudo. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Idolatria*, onde se vêem as formas variadas que ela assume. Jeroboão havia quebrado o primeiro e o segundo mandamento da maneira mais vergonhosa. Ver sobre os *Dez Mandamentos*, no *Dicionário*. Ver I Reis 12.28-33 quanto à instituição formal da idolatria por Jeroboão. O trecho de I Reis 13.1 mostra-nos que o próprio Jeroboão, contra toda a razão e contra toda a lei, tornou-se o sumo sacerdote de seu culto. Ato contínuo, ele instalou sacerdotes não-levíticos encarregados das cerimônias (12.31), e os sacerdotes de Deus fugiram para o sul (ver II Crô. 11.14). Ou seja, Jeroboão esforçou-se ao máximo para fazer o pior possível.

Ira. Os homens atribuem a Deus seus próprios atributos (*antropomorfismo*, ver a respeito no *Dicionário*). Os homens atribuem a Deus suas próprias emoções (*antropopatismo*, ver também no *Dicionário*). Ao tentar descrever a Deus, os homens são apanhados na armadilha egocêntrica e só conseguem falar Dele por meio de seu próprio entendimento e experiências. Isso nos fornece uma visão *distorcida* de Deus, mas muito difícil de evitar. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Ira de Deus*.

Não há razão para duvidarmos que o autor do livro bíblico à nossa frente pensasse sobre a ira divina da mesma maneira que pensava sobre a ira humana. Por conseguinte, é um refinamento exagerado (do ponto de vista do autor sacro) falar de uma “atitude fixa para com o pecado e de pecadores que não se arrependem” (Norman H. Snaith, *in loc.*). De acordo com a compreensão do Antigo Testamento, a ira é uma emoção súbita e apaixonada que toma conta de Yahweh.

E aí temos o antropopatismo. Seja como for, temos aqui ilustrada a síndrome do pecado-calamidade. Deus é um Deus de julgamento, e não nos deveríamos esquecer disso nas refinadas discussões a respeito da ira de Deus. Todavia, Seus julgamentos são remediais, e não apenas retributivos. Eles visam curar, mesmo no caso dos perdidos. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Julgamento de Deus dos Homens Perdidos*, onde essa questão é discutida.

E me viraste as costas. Estas palavras referem-se à idolatria. Cf. Eze. 23.35. Referem-se à negligência quanto à lei de Deus (ver Nee. 9.26). Referem-se à negação voluntária de Deus, acompanhada pela *substituição* por alguma outra coisa. Referem-se a uma violenta rejeição.

Yahweh foi jogado para trás das costas de Jeroboão. “... como alguém indigno de consideração... O Targum fala sobre a adoração, que Jeroboão negligenciou e pela qual não se interessou” (John Gill, *in loc.*).

14.10

Assim o escravo como o livre. Ou seja, todos os homens, de qualquer classe e posição social, juntos, seriam lançados fora e obliterados pelo julgamento de Yahweh.

Até que de todo ela se acabe. O profeta falava sobre a casa de Jeroboão. Esse rei poderia ter sido o cabeça de uma longa dinastia, com uma longa sucessão de reis, passando de pai para filho. Isso fazia parte da promessa de Davi (ver I Reis 11.38). Ele poderia ter tido uma casa *firme* e poderosa, tal como fora prometido a Davi (o que, em certo grau, continua, e, no Messias, continuará para sempre). Em outras palavras, Jeroboão poderia ter sido um homem de caráter quase daídico na história de Israel. No entanto, ele lançou tudo isso fora e caminhou por uma vereda diferente, que o conduziu à destruição.

Todo varão seria cortado da casa de Jeroboão, o que excluiria herdeiros do sexo masculino para o trono ou para qualquer outra coisa. Os indivíduos do sexo masculino são aqui referidos por uma expressão bastante vulgar, no hebraico, “que urinam contra uma parede”, algo que as mulheres dificilmente podem fazer. Os tradutores da Revised Standard Version encheram-se de pejo e traduziram a expressão por “todo macho”. Nossa versão portuguesa diz “todo homem”. Por que os homens costumam urinar contra uma parede? Porque dessa maneira o líquido não respinga, e essa é a razão pela qual um cão urina contra uma árvore ou uma cerca. Quanto a essa expressão vulgar, ver também I Sam. 25.22 (onde forneço notas expositivas adicionais); I Reis 16.11; 21.21; II Reis 9.8.

O autor sacro continua usando expressões vulgares e diz que a linhagem de Jeroboão terminaria como “estercor”, algo desagradável, inútil, a ser lançado fora, a ser sepultado, a ser esquecido. A casa de Jeroboão era como a imundícia que poluía o país, um *excremento espiritual*. Somente preservando as declarações originais do autor sacro (evitando os eufemismos), poderemos compreender a *indignação* que a sua mensagem encerrava. O autor sagrado falou de modo vulgar sobre uma situação espiritual vulgar.

Consumação pelo Fogo. A ira de Deus agiria como se fosse o fogo, consumindo a casa de Jeroboão, tal como um fazendeiro, para livrar-se do estercor, toca fogo em tudo. A Revised Standard Version usa a idéia do *fogo*, que outras traduções esquecem. Cf. II Reis 9.37 e Sal. 83.10.

14.11

Os que pertencessem à casa de Jeroboão sofreriam morte vergonhosa. Os que morressem na cidade seriam comidos pelos cães e por animais imundos e nojentos, que vagueavam pelas ruas comendo lixo. E os que morressem no interior seriam comidos pelas aves de rapina, pelas águias e pelos urubus, criaturas repugnantes que comem cadáveres putrefactos. “... comidos por cães e aves, uma terrível desgraça na mente dos semitas. (Essa também seria a sorte da família de Baasa, I Reis 14.6, e de Acabe, I Reis 21.25)” (Thomas L. Constable, *in loc.*). “O escritor, que escreveu por volta de 600 A. C., sabia qual passagem seria a casa (dinastia) de Jeroboão (I Reis 15.25-30) e como todo o reino do norte caiu, em 722 A. C. (vs. 15), e tenta explicar esses eventos sombrios em termos da apostasia religiosa (vss. 9 e 16)” (*Oxford Annotated Bible*, sobre os vss. 1-16).

Os gregos tinham imensa necessidade de sepultar de maneira decente um cadáver, pois supunham que, se alguém não fosse sepultado, sua alma poderia não chegar com segurança ao mundo dos espíritos. Na cultura hebraica, era sinal de bênção final um homem morto ser sepultado juntamente com seus pais. Somente eventos *caóticos* poderiam impedir o cumprimento desse ideal.

14.12

Tu, pois, dispõe-te, e vai para tua casa. A esposa de Jeroboão, pois, foi comissionada a levar a profecia de condenação a curto prazo, pois o menino morreria assim que ela chegasse à cidade; e a condenação a longo prazo seria a destruição total da casa de Jeroboão. Algumas vezes, a misericórdia divina alivia

uma situação, como foi o milagre da cura do braço de Jeroboão, que ocorreu mediante a pura graça de Deus (ver I Reis 13.11 ss.). Mas de outras vezes a paciência do Senhor esgota-se e, então, acontecem coisas terríveis que poderiam ter sido evitadas pelo arrependimento.

A esposa de Jeroboão chegaria a Tirza (vs. 17), onde ele, ao que tudo indica, tinha seu palácio e seu quartel-general. Uma mensagem sinistra seria transmitida ao rei. Mas coisa alguma modificaria a conduta do réprobo.

14.13

Todo o Israel o pranteará. *Uma Mensagem Assustadora e Patética.* Jeroboão e seus seguidores eram tão corruptos que a única pessoa inocente no país (o filho de Jeroboão) seria *recompensada* por um sepultamento decente e pacífico. Chegaria o dia em que o restante da apóstata família de Jeroboão nem ao menos isso teria.

"Nadabe, filho de Jeroboão, que o sucedeu no trono, teve uma morte violenta, e esse foi o fim da dinastia de Jeroboão (15.28)" (Norman H. Snaith, *in loc.*). Alguns autores judeus fazem esse filho de Jeroboão, que morreu e foi sepultado, ser uma criança de mais idade (ou um jovem) que removeu os guardas que impediam os israelitas de ir às festas do Senhor, em Jerusalém, e afirmam que jovem que havia agradado a Yahweh, tendo sido recompensado com uma morte prematura e um sepultamento decente. Essa interpretação, porém, é altamente fantasiosa e não contém nenhuma verdade (assim diz o *Talmude Bab. Moed. Katon.* vol. 28.2).

Uma morte prematura, na opinião de alguns é "a bênção suprema" (conforme disse Ellicott, *in loc.*). Mas é preciso muita fé para acreditar nisso. Perguntamos por que Deus estaria com tanta pressa. Por que a criança não poderia ter vivido para cumprir um nobre destino? Não haveria lugar para ela no mundo? Isso nos faz retornar aos mistérios que circundam as mortes infantis. Ver a introdução ao presente capítulo quanto a notas expositivas sobre isso, e referências a outras fontes de informação.

14.14

O Senhor... suscitará para si um rei sobre Israel. A referência aqui é a Baasa (ver I Reis 15.17-29). Aquele rei, Jeroboão, que poderia ter desfrutado uma longa dinastia e ter sido uma espécie de segundo Davi, perdeu tudo por uma idolatria rebelde. Por isso, a dinastia dele se estendeu a apenas um filho, que sofreu de morte violenta (ver I Reis 15.28). Baasa, juntamente com esse rei, filho de Jeroboão, destruiu toda a sua família. Seu filho reinou somente por dois anos. O mal estava oculto, e o mal atacou.

Que digo eu? Há de ser já. Um pequeno e confuso trecho no hebraico tem dado lugar a variadas traduções e idéias. A Revised Standard Version diz aqui "de hoje por diante". Em outras palavras, a maldição já entrara em operação; a destruição já estava começando, e em breve terminaria sua obra terrível. O Targum diz que a casa de Jeroboão seria cortada "hoje, e de agora por diante". A Septuaginta, porém, diz: "Quê? Agora mesmo", com o que concorda a versão portuguesa. Ellicott sugeriu: "Naquele dia; mas que direi?".

14.15

Arrancará a Israel desta boa terra. *Destruições preliminares e tribulações* floresceriam, finalmente, no cativo assírio (722 A. C.), que levaria a nação de Israel para além do "rio Eufrates". As raízes de Israel, portanto, seriam arrancadas; e os filhos do reino do norte seriam espalhados em um país estrangeiro para nunca mais retornar. Os críticos supõem que este versículo tenha sido escrito como história, após o cativo. Mas os estudiosos conservadores, porém, vêem-no como uma predição divina. Seja como for, o evento estava determinado, fora profetizado e realmente aconteceu. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Cativeiros*. Ver também especialmente o verbete intitulado *Cativeiro Assírio*.

Fez os seus postes-ídolos. Estes objetos eram usados nas construções idólatras. Colunas de pedra (*macebebah*) eram postas em torno de colunas de madeira. Os *postes-ídolos* estavam sempre associados a divindades femininas e aos cultos de fertilidade. Quando os postes-ídolos acompanhavam as colunas de pedra, a deidade adorada com Astarte era seu consorte, Baal (ver Jer. 3.9). Ver sobre *Astarote*, *Astarte*, no *Dicionário*. Os críticos também falam sobre uma deusa, chamada *Aserá*, que poderia ter sido aqui referida. Essa figura foi mencionada nos tablets de Tell el-Amarna (século XIV A. C.) e também nos tablets de Ras Shamra (séculos XV e XVI A. C.). Seu nome algumas vezes aparecia como "a Senhora Aserah do Mar" (*rbt 'Ashrt ym*). As referências antigas confundem *Astarote* com *Aserá*, e as referências posteriores levam avante essa dificuldade. O que é claro é que a *idolatria* (de tipos variados) estava na raiz do cativo de Israel e de seus sofrimentos. Era a antiga síndrome do pecado-calamidade em operação.

Quanto aos *postes-ídolos*, ver o vs. 23 e I Reis 16.33. Esses postes-ídolos algumas vezes eram esculpidos com figuras-símbolos da adoração a que pertenciam. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Tel El-Amarna*; e na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Ras Shamra*.

14.16

Por causa dos pecados que Jeroboão cometeu. *Jeroboão, o Pecador.* Ele pecou gravemente e fez com que outros seguissem seu mau exemplo. Por isso, Deus destinou Israel à destruição e ao cativeiro. Quando ele poderia ter sido um influente poder construtivo, durante várias gerações, e seu nome ter sido chamado de *bendito*, ele se tomou uma maldição para si mesmo, para seus familiares e para todo o povo de Israel. "Ele plantou Israel não no solo firme da Palavra de Deus, mas nas águas inconstantes da idolatria, pelo que, a exemplo do papiro egípcio, Israel foi sacudido" (Thomas L. Constable, *in loc.*).

14.17

Então a mulher de Jeroboão se levantou. A diatribe do profeta tinha terminado, deixando a esposa de Jeroboão fora de si e aterrorizada. Ela voltou imediatamente a Tirza (ver a respeito no *Dicionário*), onde Jeroboão, evidentemente, tinha construído seu palácio, seu quartel-general e sua capital. Ou talvez ele simplesmente mantivesse ali uma residência, uma casa de campo. Tirza era uma ex-cidade real dos cananeus, que ficava na parte norte do monte Efraim, um lugar conhecido por sua beleza (ver Can. 6.4).

Tirza continuou sendo o local da residência real, até o tempo em que Onri construiu Samaria, no sétimo ano de seu reinado (ver I Reis 16.24).

Jeroboão se mudara de Siquém para Tirza, que ficava a poucos quilômetros para o nordeste. Foi ali que ele sofreu seu primeiro terrível castigo. Ver I Reis 12.25. Parece, pois, que a primeira capital da nação do norte, Israel, ficava em Siquém. Daí foi transferida para Tirza e, finalmente, para Samaria.

A Morte da Criança. Assim que a mãe da criança pisou no limiar da casa, a criança morreu, cumprindo a primeira parte da terrível profecia, prova de que maiores calamidades logo se seguiriam.

14.18

Sepultaram-no, e todo o Israel o pranteou. Em consonância com a profecia de Aias, o filho de Jeroboão morreu em paz, foi devidamente pranteado e recebeu um sepultamento decente. Mas outros membros da família não teriam um sepultamento decente; antes, seriam comidos por cães e aves de rapina.

Quanto a problemas teológicos e filosóficos associados à morte de crianças, ver a introdução a este capítulo, onde também dou referências a fontes de outras informações. Ver especialmente, no *Dicionário*, o verbete intitulado *Infantes, Morte e Salvação dos*.

14.19

No livro da história dos reis de Israel. Essa foi uma das fontes informativas que o autor de I e II Reis usou para escrever seus livros. Estamos tratando aqui com livros históricos, diários e comentários da corte. A começar por Jeroboão, os eventos dos dezoito reis da nação do norte, Israel, dentre um total de vinte, estão registrados naquele livro, tendo sido vertidos para os livros de I e II Reis, do Antigo Testamento. É uma anotação similar a esta do presente versículo continua informando-nos sobre a obra que serviu de fonte informativa. Tibni (ver I Reis 16.21,22) e Oséias (II Reis 17.1-6) não são declarados como descritos naquela obra, embora provavelmente o tivessem sido. Por semelhante modo, os eventos de catorze dos dezoito reis de Judá que aparecem em I e II Reis foram registrados no livro em pauta. Os livros mencionados eram documentos históricos, fontes de livros canônicos, embora eles mesmos não tenham sido canônicos. Ver no *Dicionário* os artigos *Livro (Livros)* e *Livros Perdidos da Bíblia*. Ver as notas sobre I Reis 11.41, último parágrafo, para maiores detalhes. Ver também sobre *Cânon* do Antigo Testamento.

14.20

Foi de vinte e dois anos o tempo que reinou Jeroboão. A despeito de suas dificuldades e da condenação proferida contra ele, Jeroboão conseguiu reinar por ainda vinte e dois anos. Então "dormiu com seus pais". Quanto a essa expressão, ver as notas expositivas em I Reis 1.21. Jeroboão sobreviveu a Roboão por cinco anos e viveu até o segundo ano do reinado do neto de Roboão, Asa, que foi rei de Judá.

Nadabe. Filho de Jeroboão, foi o único outro membro da sua dinastia. Então as profecias amargas e destruidoras tiveram cumprimento. Ver sobre *Nadabe* no *Dicionário*. Nadabe reinou por apenas dois anos (cerca de 913-911 A. C.). Ver I

Reis 15.25-31. Ver o artigo geral intitulado *Rei, Realeza*, quanto aos reis de Israel e Judá, bem como o gráfico que os lista e os compara aos reis circunvizinhos.

“Jeroboão deve ter sido um homem poderoso por ter separado Israel de Judá e governado Israel por tanto tempo. Mas faltava-lhe a devoção ao Senhor que poderia ter feito dele um grande e bem-sucedido rei” (Thomas L. Constable, *in loc.*).

Características do Reinado de Roboão de Judá (14.21-24)

O autor sagrado contou, através de paralelos, as histórias dos reis de Israel e Judá. Ele não deu primeiro os detalhes sobre os reis de Israel, para depois citar os pormenores sobre os reis de Judá. Antes, tentou manter relatos cronológicos. Por esta altura, ele já havia contado as crônicas relativas ao primeiro rei da nação do norte, Israel, chamado Jeroboão. Agora ele volta sua atenção para Roboão, o primeiro rei a governar somente sobre a nação sul, Judá. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Roboão*, quanto a completos detalhes sobre esse homem.

A história de Roboão, do ponto de vista espiritual, é um relato de apostasia e abominações. É admirável que ele tenha feito no sul as mesmas coisas que Jeroboão efetuou no norte, e simultaneamente. O modo de vida de Davi fora completamente abandonado, e a idolatria de Salomão foi seguida e até aumentada. A semelhança de Jeroboão, Roboão parece ter iniciado com um sincretismo do yahwismo, nos cultos de Canaã, mas as coisas ficaram tão deturpadas que pouco restou do yahwismo no final.

14.21

Roboão, filho de Salomão. Provavelmente ele tentou continuar a glória da época áurea de Israel, mas seus erros no começo do reinado, de opressão contra a população da parte norte do país (capítulo 12), logo fizeram as dez tribos do norte separar-se e tornar-se uma nação independente. Assim sendo, ele perdeu seu trabalho forçado barato e grande parte de seus recursos. Dessa maneira, Roboão tornou-se um pequeno rei, que governava uma única tribo, Judá, a qual já havia absorvido a tribo de Benjamim. Roboão começou a reinar quando tinha 41 anos de idade. Incluindo os anos em que governou enquanto o império unido de Israel ainda existia, reinou por dezessete anos em Jerusalém, a cidade que fora escolhida por Davi como capital, o lugar onde Yahweh havia escolhido pôr o Seu nome, e onde Salomão havia edificado o templo magnificente. Esse templo foi construído com vistas a centralizar a adoração do povo de Israel, o que continuou por breve tempo. Então ocorreu o cisma entre nação do norte, Israel, e nação do sul, Judá, e Jeroboão estabeleceu seus próprios centros religiosos em Dã e Betel, fundando seu próprio sacerdócio e tornando-se o sumo sacerdote desse culto. Portanto, o templo não continuou a centralizar a religião em Israel. Ver I Reis 12.29 ss. quanto ao ato divisivo de Jeroboão; e ver I Reis 13.1, quando ele se proclamou sumo sacerdote de sua própria forma de religião.

Naamá. Ver sobre essa mulher no *Dicionário*. Amonita, era uma dentre as muitíssimas esposas de Salomão e tornou-se mãe de Roboão, o primeiro rei de Judá depois do cisma. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Amom (Amonitas)*. Salomão tinha mulheres de praticamente todas as raças (ver I Reis 11.1).

Durante três anos, Roboão agiu corretamente. Mas então as coisas degringolaram. Ele adorou deuses estrangeiros, estabeleceu ídolos e, de forma geral, desempenhou o papel de um insensato (ver II Crô. 11.17 e 12.1).

A principal esposa de Salomão, a virtual rainha-mãe, filha do Faraó (ver I Reis 11.1), mediante um truque da sorte, não foi a escolhida para encabeçar a linhagem dos reis de Judá no tempo de Roboão.

14.22

Fez Judá o que era mau perante o Senhor. Tendo agido corretamente por três anos (ver II Crô. 11.17), Roboão caiu na mais desgraçada idolatria, sem dúvida encorajado pelo mau exemplo da última parte da vida de Salomão. E juntamente com ele, todo o Judá caiu; e assim tanto o norte como o sul tornaram-se pútridos. O ciúme de Yahweh, pois, foi despertado. Ver Yahweh como um Deus zeloso em Deu. 4.24; 5.9; 6.15; 32.16,21. Essa adjetivo vem de uma raiz que se refere à cor que aparece no rosto de alguém diante de uma emoção violenta. A palavra árabe correspondente parece significar “ficar intensamente vermelho ou negro com uma tintura”. Naturalmente, temos aqui a metáfora da relação entre marido e mulher, onde Yahweh é retratado como um marido irado, cujo ciúme faz corar seu rosto quando observa o amante de sua esposa (a idolatria). A idolatria é assim retratada como adultério, uma metáfora muito comum no Antigo Testamento. O livro de Oséias está alicerçado sobre essa metáfora.

O quadro, naturalmente, é extremamente antropológico. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Antropomorfismo*. Os homens conferem a Deus seus próprios atributos e sua própria natureza, fazendo de Deus um super-homem. O sentido da passagem também é antropopático. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Antropopatismo*. O homem atribui a Deus suas próprias emoções. Em seu dilema egocêntrico, tem de descrever Deus em termos humanos que concordem com

sua própria experiência. O resultado desse esquema, obviamente, não é uma visão muito elevada de Deus, cuja natureza permanece essencialmente misteriosa. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Mysterium Fascinosum* e *Mysterium Tremendum*.

Mais do que fizeram os seus pais. Os pais, os fundadores da nação, eram levados de roldão, ocasionalmente misturando-se em graves pecados, inclusive a idolatria. Salomão deixara um péssimo exemplo nos últimos anos de vida. Mas o que aconteceu nos dias de Roboão pôs em eclipse tudo quanto ocorrera na época de Salomão.

14.23

A idolatria era (é) sempre muito imaginativa, manifestando-se de todas as maneiras e modos. Havia os *Lugares Altos* (ver a respeito no *Dicionário*), com seus bosques e imagens. Havia os *postes-ídolos* (ver o vs. 15), postes sagrados agrupados em torno de colunas de pedras. Havia tanta idolatria no tempo de Roboão que dificilmente haveria uma colina que não tivesse ídolos pagãos. Lembro a experiência de Paulo, em Atenas, segundo Atos 17.16. Aquele lugar estava “cheio de ídolos”. Heródoto (*Clio*, sive, 1.1, cap. 131) e Xenofonte (*Cyro*. 1.8. cap. 45) contam-nos acerca dos costumes pagãos para decorar os lugares altos e as colinas com equipamento idólatra. Montanhas e colinas estão “lá em cima”, lugares apropriados para aproximar-se dos deuses.

As coisas descritas neste versículo eram típicas do *modus operandi* dos cultos cananeus. Portanto, Israel caiu no caminho do paganismo, embora eles tenham sido aniquilados e confinados, e tenham perdido seu poderio militar. Seus cultos religiosos conseguiram sobreviver e florescer, corrompendo Israel, no norte e no sul. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Coluna*.

14.24

Prostitutos-cultuais. Ou seja, sodomitas, homossexuais masculinos. Ver no *Dicionário* os verbetes *Sodomia* e *Sodomitas*. Mas a Revised Standard Version e a nossa versão portuguesa provavelmente estão certas ao usar aqui “prostitutos cultuais”, visto que o homossexualismo em pauta deveria ser entendido como parte das práticas idólatras. Prostitutos de ambos os sexos serviam nos templos pagãos, ganhando dinheiro e servindo de outras maneiras aos deuses que honravam. Essa era uma prática comum em muitas nações orientais, e não somente entre os cananeus.

Tipos de Prostitutos Sagrados:

1. Os *qadishtu*, prostitutas do sexo masculino que ficavam nos templos e prestavam toda forma de serviço, mas especialmente dedicavam o que ganhavam ao bem da comunidade dos sacerdotes.
2. As *ishtarit*, prostitutas que trabalhavam nos templos e tinham uma conexão especial com o culto de Istar, derivando dela seu nome. Esses dois tipos de prostituição eram uma praga antes do exílio.
3. Além disso, havia os *freelancers*, homens ou mulheres que trabalhavam em qualquer lugar por certo preço e não se identificavam com algum deus ou deusa particular.

O homossexualismo era punido com a morte (Lev. 18.22,29 e 20.13).

“O primeiro efeito do contato de Judá com os cananeus foi a perda da referência. A santidade da vida foi esquecida. Quando um povo começa a deixar de olhar para cima, para as coisas sagradas lá do alto, começa a olhar para baixo” (Ralph W. Sockman). Esse terrível olhar para baixo levou Judá a voltar-se para algo tão vil quanto a prostituição sagrada.

Uma das razões pelas quais Yahweh tinha expelido as sete nações da Palestina (através das vitórias de Israel sobre elas) foi essa prostituição sagrada e, naturalmente, outras práticas idólatras das quais elas se ocupavam. Ver Êxo. 33.2 e Deu. 7.1 quanto a essas nações. Ver Levítico 18.

A Invasão de Sisaque (14.25-28)

Ver sobre *Sisaque*, no *Dicionário*. Ele foi o primeiro monarca da XIIª dinastia, um instrumento divinamente escolhido para punir Judá por seus males crescentes, alguns dos quais o autor tinha acabado de mencionar. Esse Faraó invadiu tanto a parte sul quanto a parte norte da nação de Israel, mas inscrições que aparecem nas paredes do templo de Amom, em Carnaque, mostram que Judá foi a parte do povo de Israel que mais sofreu. Sisaque reinou por volta de 950 A. C., mas alguns dão uma data tão tardia quanto 940-920 A. C. Ver o artigo sobre ele, quanto a abundantes detalhes que não repito aqui.

14.25,26

A invasão de Sisaque foi realmente perturbadora, mas apenas uma sombra do que aconteceria à parte norte da nação de Israel no cativeiro assírio, ou do que aconteceria à parte sul da nação por ocasião do cativeiro babilônico. Ver os

artigos sobre ambos os cativos no *Dicionário*. Sisaque causou muita tribulação e aflição, mas estava essencialmente atrás de despojos. Portanto, o autor sagrado disse-nos exatamente o que aquele homem louco levou de Judá. Ele tomou os tesouros do templo, que vivia cheio de ouro, e furtou 300 escudos dourados que Salomão tinha feito (ver I Reis 10.16,17). A época áurea de Salomão estava definitivamente terminada. As riquezas do sul estavam diminuindo. As defesas contra as potências estrangeiras, que Salomão havia recebido de Davi e chegou a aprimorar, foram severamente testadas. Ver sobre I Reis 11.40 quanto a outras notas sobre Sisaque. Ele havia respeitado Salomão, mas Roboão era como lixo para ele.

Esse foi o primeiro dos Faraós a ser referido pelo nome, na Bíblia. O corpo com máscara de ouro de Sisaque foi descoberto intacto em sua câmara mortuária em Tanis (1938-1939). Em Carnaque (antiga Tebas) uma inscrição de seus triunfos foi uma significativa descoberta arqueológica. As inscrições demonstram que cativos dessas invasões foram levados para o Egito; mas ele não esvaziou a Terra Prometida, conforme fizeram os assírios e os babilônios.

14.27

A ostentação de Judá foi reduzida. Os 500 escudos recobertos de ouro que a guarda de elite de Salomão carregava em suas paradas estavam agora no Egito, aumentando as riquezas do rei Sisaque. Em lugar dos preciosos escudos de ouro, Roboão foi forçado a usar escudos de bronze. O fluxo de ouro havia parado em Judá (ver I Reis 10.14 quanto à grande extensão de ouro que chegava em Judá, no tempo de Salomão).

Israel não havia sofrido nenhum ataque sério de inimigos estrangeiros desde os dias de Saul. Agora todo o Israel estava em verdadeiro declínio. Contudo, Israel era forte demais para ser subjugado. Se esse foi o propósito de Sisaque, ele falhou. Mas a estrela de Israel estava começando a pôr-se atrás do horizonte.

14.28

Na casa do Senhor. Isto é, no templo. Roboão o visitava ocasionalmente, porquanto, na época, ele ainda mantinha sua religião sincrética e não havia abandonado o yahwismo definitivamente. E em qualquer ocasião em que entrasse no templo, ia com sua guarda, em um espetáculo pomposo. E eles transportavam seus brilhantes escudos de bronze, não de ouro, mas ainda resplendentes. Após a partida do rei, os escudos eram guardados em um depósito apropriado, próximo ao templo. Salomão guardava os 300 escudos dourados (ver I Reis 10.17) em sua casa do bosque do Líbano (ver I Reis 10.16,17).

É provável que o número de escudos fosse 300, tal como tinha sido o número dos escudos de ouro (ver I Reis 10.17), e esse número correspondia ao número da guarda de elite, um escudo para cada homem. O trecho de I Reis 10.16,17 diz-nos que o total de escudos de ouro era de 500, 200 deles maiores e 300 menores. Talvez 500 escudos sejam o número do presente versículo e, nesse caso, a guarda pessoal também seria de 500 homens.

A Morte de Roboão (14.29-31)

14.29

Este versículo é virtualmente igual ao vs. 19, onde as notas devem ser consultadas. O atualmente desaparecido *Livro das Crônicas dos Reis de Israel* é novamente mencionado, algo comentado no vs. citado. Cf. II Crô. 12.15, sobre outras obras perdidas que tratam de Roboão. II Crô. 11.5-10 fala de quinze cidades que ele fortificou a oeste de Jerusalém, com vistas a melhorar as defesas do país, provavelmente depois que Sisaque causou a tribulação das invasões.

14.30

Houve guerra entre Roboão e Jeroboão. Jeroboão e Roboão estavam em guerra contínua, e provavelmente esta guerra indica conflitos de fronteira. Nenhum deles ganhava coisa alguma com isso, mas muitas vidas se perderam por causa da insensatez deles. Roboão havia sido proibido por Yahweh de invadir o norte, e obedeceu a esse mandamento (ver I Reis 12.24).

Não existe nenhum registro bíblico quanto às guerras aqui mencionadas, e devemos supor que, do ponto de vista militar, nada muito significativo tenha ocorrido. Mas quando vidas se perdem sem razão alguma, isso é um negócio sério.

14.31

Descansou com seus pais. Quanto a esta expressão e suas implicações, ver I Reis 1.21. Ver também I Reis 11.43 quanto a outros comentários.

Na cidade de Davi. Está em pauta Jerusalém, e não Belém, que também é chamada “cidade de Davi” em outros trechos das Escrituras. Ver I Reis 11.43 quanto aos detalhes, os quais não repito aqui. Ver também em I Reis 2.10 notas expositivas adicionais.

Naamá. O nome da mãe de Roboão é repetido. Ver as notas expositivas em I Reis 14.21, bem como o artigo sobre ela no *Dicionário*.

Roboão reinou de cerca de 934 A. C. a 917 A. C. Os críticos diferem um tanto sobre isso. O fato foi que ele reinou por dezessete anos. Ele tinha 41 anos de idade quando começou a reinar e morreu aos 58 anos de idade. Ver a nota cronológica que nos dá essa informação, em II Crô. 12.13.

Roboão era um homem que (por ser filho de Salomão) tinha herdado um grande reino, mas rapidamente o dissipou, por suas más decisões. Ele não foi capaz de sustentar a época áurea que seu pai havia instituído em Israel, mas manteve sua escandalosa idolatria.

Capítulo Quinze

O autor sagrado habilidosamente seguiu seu plano de fornecer relatos paralelos e cronológicos dos reinados de Israel (o norte) e Judá (o sul) do antigo império dividido de Israel. Ele não deu primeiro a história dos reis do norte, para em seguida dar a história dos reis do sul. Ele primeiramente relatou a história de Jeroboão (o norte) e a de Roboão (o sul). Agora passa a contar-nos a história de Abias, filho de Roboão, o segundo rei de Judá. E em I Reis 15.17 ele nos levará de volta à parte norte da nação.

Ver no *Dicionário* o artigo detalhado chamado *Rei, Realeza*, que inclui um gráfico com listas de todos os reis de Israel (do norte) e de Judá (do sul) e compara seu tempo com o reinado de reis circunvizinhos.

Uma Curiosa Coincidência. O filho de Roboão, Abias, tinha o mesmo nome do filho mais jovem de Jeroboão, que morreu cedo (I Reis 14.1 ss.). A calamidade estava chegando, e o pobre menino escapou do terror morrendo prematuramente, enquanto outros membros da família de Jeroboão foram comidos por cães e aves de rapina, tendo-lhes sido negado um sepultamento decente (ver I Reis 14.11,13). Mas há uma variante textual na qual o nome desse filho de Roboão é escrito de maneira levemente diferente. Ver o primeiro versículo deste capítulo.

“Este capítulo e o próximo são trabalhos do compilador deuteronomista original, de cerca de 610 A. C., que incluiu vários extratos de suas fontes informativas analíticas dos reis de Israel e Judá, entretecendo-os em seu esquema didático geral” (Norman H. Snaith, *in loc.*). Ver uma fonte informativa que ele usou, mencionada em I Reis 14.19: o *Livro das Crônicas dos Reis de Israel*. Ver também o vs. 29 daquele capítulo; as notas expositivas fazem referências a outros livros perdidos durante o período do Antigo Testamento.

15.1

A História Comparada. O autor apresenta histórias cronológicas paralelas que retratam o que aconteceu aos reis do norte (Israel) e do sul (Judá). Ver meus comentários na introdução a este capítulo. Em consonância com esse plano, ele passa agora a relatar a história do segundo rei de Judá (Abias), até o tempo do reinado de Jeroboão, no norte. Quando Jeroboão já havia governado por dezoito de seus vinte e dois anos de reinado (ver I Reis 14.20), começou a reinar o segundo rei de Judá. Portanto, ele reinou por quatro anos antes da morte de Jeroboão.

Abias. Assim prefere a maioria das versões, embora haja versões portuguesas que digam Abiã (conforme se vê no hebraico, em II Crô. 13). O nome era o mesmo que o do filho de Jeroboão que morreu cedo (14.1 ss.), mas o texto massorético diz Abiã em I Reis 15. Talvez tenhamos um erro primitivo no próprio texto original do Antigo Testamento, o qual escribas subseqüentes alteraram. Meu artigo no *Dicionário* sobre o homem diz *Abias*, ponto sexto. A forma variante é discutida nesse artigo. Ver também o artigo chamado *Massora (Massorah); Texto Massorético*. Esse é o texto hebraico padronizado do Antigo Testamento. A descoberta dos manuscritos do Mar Morto revelou um texto hebraico bem mais primitivo que o do texto massorético, e tem demonstrado que, algumas vezes, as versões (especialmente a Septuaginta) preservaram alguns textos mais antigos do que o massorético. Ver também no *Dicionário* o verbete chamado *Manuscritos (Rolos) do Mar Morto*.

“O reinado de três anos de Abias, em Judá (913-911 A. C.) esteve dentro do reinado de Jeroboão (931-910 A. C.)” (Thomas L. Constable, *in loc.*).

15.2

Três anos reinou em Jerusalém. Esta era a cidade de Davi (ver I Reis 2.10 e 11.43). Ele teve um reinado breve, mas tempestuoso; efetuou guerras inúteis. Ver o artigo sobre ele, que fornece maiores detalhes.

Maaca. Ver no *Dicionário* o artigo sobre ela. Há certa dificuldade com respeito à identidade de sua mãe, visto que o trecho paralelo — II Crô. 13.2 — diz que ela se chamava Micaia, filha de Uriel. Comentário sobre essa aparente discrepância

no artigo sobre *Abias*, no segundo parágrafo. Várias sugestões têm sido oferecidas para prover harmonia, mas todas são questionáveis. A polêmica, contudo, não se reveste de grande importância. Os conservadores tentam uma harmonia a qualquer preço, mesmo à custa da honestidade, e os críticos buscam discrepâncias em apoio às suas atitudes céticas. Mas quando ocorrem verdadeiras discrepâncias, isso nada é contra a fé religiosa. Somente os *homens* falam em livros *perfeitos*. Coisa alguma nas Escrituras nos força a acreditar nisso. Somente Deus é perfeito, e qualquer outra forma de perfeição é apenas uma forma de *idolatria*.

O vs. 13 deste capítulo mostra que Maaca era ativa na promoção da idolatria, de modo que a maldição da síndrome do pecado-calamidade continuava em Judá.

15.3

Andou em todos os pecados que seu pai havia cometido antes dele. Os *Pecados dos Pais*. Esses pecados começaram com Salomão e sua idolatria (ver I Reis 11.6 ss.) e continuaram com Roboão (14.22). Abias não tinha profundidade nem imaginação. Infelizmente continuou com aquilo que sempre produz destruição. Todos esses três reis (Salomão, Roboão e Abias) negligenciaram o exemplo puro de Davi, que dera início à dinastia. Embora tivesse praticado grandes males, Davi nunca se misturou com a idolatria, que corrompeu e debilitou todo o país. Certamente foi um exagero o autor dizer aqui que o coração de Davi era *perfeito*, a menos que se queira levantar um único ponto, a questão da idolatria. Quanto a Davi como homem “segundo o próprio coração de Deus”, ver as notas expositivas de I Sam. 13.14. Até mesmo no caso de Jeroboão, o exemplo de Davi foi citado como um exemplo a ser seguido (ver I Reis 11.38). Ele foi o *rei ideal* de Israel, se pudermos esquecer, por alguns momentos, os grandes erros que cometeu.

15.4

Uma lâmpada em Jerusalém. A luz dessa lâmpada iluminava Jerusalém. “Lâmpada é uma maneira pitoresca de descrever um ou mais sucessores que haveriam de dispersar toda espécie de trevas; a figura abarca toda a dinastia davidica (ver sobre I Reis 11.36; II Sam. 21.17; II Reis 8.19)” (Thomas L. Constable, *in loc.*). Naturalmente, pelo poder profético, o Messias era o principal dessa dinastia, sendo ele mesmo uma grande luz ou lâmpada que espanta as trevas.

Em I Reis 11.36 sugeri uma grande metáfora no tocante à *lâmpada*, que indica Jerusalém, Judá, a dinastia de Davi e o Messias como o cumprimento de toda a luz ideal. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Luz, Metáfora da*. O Targum, em comentário sobre esta passagem, diz “um reino, esplêndido e glorioso”, em alusão à lâmpada.

A Davi foi prometido que sua dinastia não falharia (ver II Sam. 7.12-16). Ela caiu por ocasião do cativeiro babilônico (ver a respeito no *Dicionário*), mas no Messias essa promessa tem continuação eterna. Ver sobre o *Pacto Davidico* nas notas expositivas de II Sam. 7.4.

15.5

Porquanto Davi fez o que era reto perante o Senhor. Davi cometeu seus próprios erros. O mais grave foi o adultério com Bate-Seba e o subsequente assassinato de Urias, o marido dela. O autor sacro não deixou de citar esse pecado, embora seu intuito fosse dar-nos um quadro brilhante de Davi como o *rei ideal*. Davi, realmente, teve suas quedas e fracassos, mas nunca caiu na idolatria que espalhou a destruição, segundo a síndrome do pecado-calamidade. Alguns eruditos, porém, supõem que a menção ao mais grave pecado de Davi tenha sido uma adição posterior feita por algum escriba. E isso bem pode exprimir a verdade, pois a Septuaginta omite qualquer menção a esse pecado, sugerindo que um texto hebraico mais antigo não o continha. Algumas vezes, a Septuaginta retinha textos mais antigos que aqueles que chegaram até nós através do texto massorético, por terem sido traduzidos de manuscritos mais antigos. Ver II Samuel 11 e 12, quanto à horrenda história desses pecados mais graves de Davi. Ver no *Dicionário* os artigos *Septuaginta* e *Manuscritos do Antigo Testamento*.

15.6

Comparar este versículo com I Reis 14.30, que é virtualmente igual. Não sabemos por que o autor sacro mencionou de novo Jeroboão e Roboão. Talvez ele quisesse fazer-nos compreender que Abias, na qualidade de filho de Roboão, continuou com insensatas escaramuças de fronteiras, visto sabermos que nenhuma guerra importante se deu. A Septuaginta deixa de lado este versículo, e isso talvez represente o manuscrito hebraico original, que sofreu uma adição neste ponto, por parte de algum escriba posterior. Alguns manuscritos da Vulgata substituem Roboão por Abias, e as versões síriaca e árabe dizem: “Abias, o filho de Roboão”. A representação mais provável do original é a Septuaginta. Por outra parte, aquela versão pode ter omitido especificamente a adição por ser ela uma inútil repetição de I Reis 14.30.

Guerra civil. Não há intrigas tão amargas como as que envolvem famílias. Similaridades e associações parecem prover razões para a inimizade. O conflito entre os dois reinos hebreus constitui uma história sórdida. O cronista, porém, deixou claro que essa trágica hostilidade se deveu à impiedade.

(Ralph W. Sockman, *in loc.*)

15.7

Este versículo é virtualmente idêntico a I Reis 14.19,29, cujas notas também se aplicam aqui. Em foco, naqueles versículos, estão Jeroboão (vs. 19) e Roboão (vs. 29). O atualmente desconhecido Livro das Crônicas dos Reis de Judá, uma das fontes informativas do autor sagrado, também merece comentários ali. Temos o intercâmbio entre Israel e Judá, mas presumimos que o mesmo livro contivesse as narrativas dos reis de ambas as nações. Ou talvez estejam em pauta dois livros, algo menos provável, contudo. Ver o trecho paralelo de II Crô. 13.22, que menciona obras que serviram de fontes informativas ou, menos provavelmente, identificam Ido como o autor do livro aqui mencionado.

Também houve guerra entre Abias e Jeroboão. Tal como houve guerra entre Jeroboão e Roboão (ver I Reis 14.30). II Crô. 13.3,17 registra um desses incidentes, e provavelmente ocorreram alguns entrechoques de fronteiras. Cairam 500.000 israelitas, aparentemente em alguns dias das batalhas mencionados no trecho paralelo. E assim a matança teve prosseguimento, desta vez de irmãos contra irmãos.

15.8

Abias descansou com seus pais. Ver I Reis 1.21 e I Reis 11.43 quanto a outros comentários.

Cidade de Davi. Ou seja, Jerusalém, e não Belém, a qual, em alguns trechos bíblicos, também é chamada assim. Ver I Reis 11.43 para detalhes que não reitero aqui. Ver também I Reis 2.10 quanto a notas expositivas adicionais.

Sem dúvida, Abias foi sepultado no sepulcro de seus pais, seus ancestrais reais, Davi, Salomão e Roboão. Não somos informados quanto à idade de Abias, nem qual era a idade dele no início do reinado. A julgar pelo fato de que ele reinou somente três anos (ver I Reis 15.2), provavelmente ele era relativamente jovem ao morrer. Presume-se que ele tenha morrido de alguma enfermidade, já que não há nenhuma referência a morte violenta.

Abias obteve grande vitória sobre Jeroboão (ver II Crô. 13.1-20); imitou os pecados de seus pais (ver I Reis 15.3); e teve catorze esposas, mediante as quais gerou vinte e dois filhos e dezesseis filhas (ver II Crô. 13.21). Foi substituído no trono por Asa, seu filho (ver II Crô. 14.1), cuja história se apresenta a seguir no relato de I Reis.

Quarenta por Cento do Antigo Testamento. Tendo completado a exposição de I Reis 15.8, levei minha exposição do Antigo Testamento à marca dos 40%. O Antigo Testamento tem 23.148 versículos, e até este ponto já comentei sobre 9.259 versículos. Agradeço a Deus pela força espiritual, mental e física, bem como pelos recursos financeiros que têm sido providos para levar o labor a este ponto, e agradecerei por eles pelo restante do caminho a ser percorrido.

Asa, Rei de Judá (15.9-24)

A História Comparada. O autor sagrado apresentou paralelos cronológicos da história dos reis do norte (Israel) e do sul (Judá). Ver os comentários sobre esse método na introdução ao presente capítulo. Em harmonia com esse plano, ele agora relata a história do *terceiro* rei de Judá, Asa. Ele voltará a mencionar um rei do norte em I Reis 15.27. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Rei, Realeza*, que lista os reis do norte e do sul, comparando-se com reis de países circunvizinhos.

“O compilador deuteronomico introduz a narrativa sobre o reinado de Asa com sua fórmula costumeira. Ele faz um julgamento inteiramente favorável a esse rei, a despeito do fato de Asa não se ter desvencilhado dos santuários locais (I Reis 15.14), de acordo com o padrão *perfeito* de um rei bom exigido pelas reformas deuteronomicas posteriores. Asa, por certo, foi um grande reformador, anulando os abusos nos cultos do templo de Jerusalém decorrentes da assimilação dos cultos cananeus” (Norman H. Snaith, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *J.E.D.P.(S.)*, quanto à teoria das fontes múltiplas do Pentateuco. Essas fontes informativas, de acordo com os críticos, podem ser percebidas em várias porções do Antigo Testamento, e não somente no Pentateuco. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Asa*, quanto à vida e aos atos desse rei.

15.9

Jeroboão governou por vinte e dois anos (ver I Reis 14.20). No vigésimo ano de seu reinado, subiu ao trono o terceiro rei de Judá, Asa. Por todo o seu relato, o autor coloca em paralelo cronológico a narrativa sobre os reis de Israel (o norte) e de Judá (o sul). Ver a introdução a este capítulo. Os intérpretes variam nas declarações sobre as datas de governo dos reis, mas a sugestão de cerca de 911-870 A. C. (quarenta e um anos) é provavelmente exata. O reinado de Jeroboão terminou por volta de 910 A. C., se não nesse ano. Mas alguns lhe dão uma data de governo até 904 A. C.

15.10

Asa foi um bom rei, se ignorarmos o seu lapso de não ter destruído os lugares altos (ver a respeito no *Dicionário*), conforme diz o vs. 14, em seus quarenta e um anos de reinado.

Sua mãe Maaca, filha de Abisailão. Temos a mesma notícia a respeito do rei Abias (vs. 2). Para explicar isso, é preciso dizer que “mãe” aqui significa “avó”, e supor que, provavelmente, ele tenha sido criado por aquela mulher. Nesse caso, coisa alguma é dita sobre sua mãe biológica. Maaca promoveu a idolatria, e o fato de que Asa se tornou homem tão favorável a Yahweh, a despeito disso, é muito para seu crédito. Ver o vs. 13.

Se Asa tivesse sido criado por sua mãe biológica, talvez ele nem fosse mencionado, visto que a verdadeira rainha-mãe era Maaca, a qual, é de presumir-se, dominava tudo.

15.11

Asa fez o que era reto perante o Senhor. Ou seja, ele teve um *andar* segundo os ditames da lei mosaica. Ver o mandamento dado a Salomão (ver I Reis 9.4), que o desconsiderou, caindo na idolatria e desobedecendo descaradamente ao primeiro e ao segundo mandamento (ver I Reis 11.3 ss.). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Dez Mandamentos*. Jeroboão recebeu instruções similares (ver I Reis 11.38), mas logo ignorou o mandato divino (ver I Reis 12.28). Roboão, por igual modo, caiu na idolatria (ver I Reis 14.22 ss.), tal como aconteceu a seu filho, Abias (I Reis 15.3 ss.). Isso significa que Asa dispunha, em sua maior parte, de maus exemplos e de uma mãe (ou avó) idólatra (ver I Reis 15.13). Apesar disso, ele fez essencialmente o que era reto, embora não tivesse removido os centros de adoração pagã dos lugares altos (ver a respeito no *Dicionário*). Ver também o vs. 14 deste capítulo.

Davi era o rei ideal porquanto nunca caiu na idolatria, embora tenha cometido outros pecados graves. Ver os comentários sobre o vs. 5 deste capítulo.

15.12

Tirou da terra os prostitutos-cultuais. Em algumas versões, eles são chamados de sodomitas, mas devemos aqui entender os homossexuais que faziam parte dos cultos pagãos, cujo mau exemplo Israel tinha, finalmente, seguido. Ver I Reis 14.24 quanto a notas expositivas completas sobre essa questão. Roboão permitia que tal perversão entrasse no culto religioso de Israel, e talvez até a tenha promovido, desavergonhadamente. Na última referência citada, discuti os três tipos de prostituição cultural. O mal sempre tem suas variedades.

Asa, pois, obliterou a prostituição sagrada, e talvez tenha combatido, de modo geral, toda espécie de homossexualismo. Ver Deu. 23.17 contra os prostitutos-cultuais. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Sodomita*. Naquele trecho bíblico, o homossexualismo está sujeito à punição capital (ver Lev. 18.22,29; 20.13).

Todos os ídolos foram destruídos, e o yahwismo foi restaurado. Asa não somente eliminou os prostitutos-cultuais; suprimiu toda a idolatria, que é adultério espiritual, excetuando as manifestações pagas nos lugares altos.

O paralelo em II Crô. 14.1 ss. é mais completo na informação sobre Asa. Ele reinou por dez anos, e foi provavelmente durante a segunda parte de seu reinado que ele instituiu suas reformas. Asa também teve suas guerras, as quais não são mencionadas no presente capítulo.

15.13

E até a Maaca, sua mãe. Ver sobre ela no *Dicionário* e no segundo versículo deste capítulo. Ela era avó de Asa, mas provavelmente agiu como rainha-mãe e reteve grande autoridade em Israel. Por causa de sua idolatria, Asa a removeu do ofício de rainha-mãe. Com isso ela caiu em desgraça e perdeu toda a autoridade. Ela havia mandado fazer um ídolo especial para o centro de seu culto, mas Asa o destruiu.

Essa imagem. Esta última palavra vem de um vocábulo hebraico que significa “tremer”. A mesma palavra acha-se no paralelo de II Crô. 15.16. A Vulgata faz dessa imagem um símbolo fálico, de modo que talvez esteja em pauta alguma

espécie de culto da fertilidade. Outras versões, porém, dizem, “a Aserá” (ver I Reis 14.15), o que concorda com o original hebraico. Mas permanece em dúvida exatamente o tipo de idolatria promovido por Maaca. Ver sobre os *postes-ídolos* em I Reis 14.15. Se são as colunas sagradas que estão em vista, foram elas que Asa queimou perto do ribeiro do *Cedrom* (ver a respeito no *Dicionário*), a leste de Jerusalém. O fato de ele ter queimado publicamente o ídolo ou ídolos de sua avó deve ter chamado a atenção de toda a população de Judá. Asa promoveu um movimento de “volta à Bíblia”.

De Asa em diante, o ribeiro do Cedrom tornou-se o lugar “oficial” para queimar todos os objetos de culto idólatra.

15.14

Os altos, porém, não foram tirados. *Uma Falha de Asa.* Não somos informados por qual razão Asa não fez um trabalho completo de limpeza da idolatria, sob todas as suas formas. Ele deixou intactos os lugares altos e seus bosques, pontos favoritos dos cultos idólatras, cheios de todas as espécies de ídolos. Talvez os poderes por trás dos lugares altos fossem de natureza tal que nada, senão a guerra civil, pudesse destruí-los, e Asa não quis envolver-se em derramamentos de sangue. A infração de Asa, portanto, significou apenas que a adoração centralizada em Jerusalém foi debilitada. Mas essa idéia não passa de uma conjectura. Provavelmente o autor sacro estava dizendo que as reformas religiosas de Asa, embora bem-sucedidas e positivas em um sentido geral, foram defeituosas por terem sido incompletas. Ele poderia ter feito mais, mas não o fez por razões que desconhecemos.

A Lição Moral. O que aconteceu a Asa é típico da vida da maioria das pessoas, até mesmo de pessoas boas. Ele fez o que era certo e fez o que era errado. Ele deixou certas coisas por fazer, mas continuou a promover sua vida espiritual.

15.15

Trouxe à casa do Senhor as cousas consagradas por seu pai. *Asa promoveu o yahwismo* e tentou estabelecer costumes certos novamente, em Jerusalém, o lugar central do culto. Em sua guerra contra Jeroboão, Abias tomou despojos, parte dos quais provavelmente foi dedicada a suportar o sacerdócio e o culto no templo, mediante o ato de Asa. Ver II Crô. 13.16,17.

Ver II Crô. 15.9-17 quanto a outros atos de Asa, que não foram registrados em I Reis. O Pacto Mosaico foi renovado, mas essa renovação não perduraria por muito tempo. O zelo religioso tem uma maneira de cair na indiferença e então transformar-se em pecado aberto. Ver sobre o *Pacto Mosaico* na introdução a Êxodo 19.

Guerra Civil. Asa contra Baasa, Rei de Israel (15.16-22)

Desde o cisma que separou o norte (Israel) do sul (Judá), houve guerras intermitentes entre os dois reinos. Baasa ganhou forças suficientes para fazer a maré virar em favor do reino do norte, Israel. Ele construiu uma fortaleza perto o bastante da própria Jerusalém, e sem dúvida tinha planos de reunificar os dois reinos, embora segundo condições ditadas pelo norte. Asa teve a idéia de fazer o rei da Síria, em Damasco, lançar um ataque contra Baasa. Isso funcionou bem, salvando Judá e restaurando as coisas para impor um empate forçado.

15.16

A guerra civil ameaçou o sul, e Baasa obteve uma vantagem temporária. Este versículo indica uma guerra prolongada que teve muitas vicissitudes. Ver a introdução a esta seção. Baasa morreu muitos anos antes de Asa, mas enquanto esteve vivo certificou-se que o rei de Judá tivesse pouco descanso.

Baasa. Rei de Israel entre 909 e 886 A. C. Ver o artigo sobre ele quanto aos detalhes. Ver também o verbete intitulado *Rei, Realeza*, que lista os reis de Israel e Judá e dá um gráfico comparativo relacionado a dois dos poderes estrangeiros. Ele foi o rei de Israel que impôs julgamentos divinos sobre a casa de Jeroboão. Baasa, mediante muitos assassinatos, tomou posse do trono do norte (ver I Reis 15.29,30). O vs. 23 deste capítulo diz-nos que Baasa reinou do terceiro ao vigésimo sétimo ano do reinado de Asa, no sul. II Crô. 14.16 diz-nos que Asa teve paz nos primeiros dez anos de governo, após os quais começaram as guerras.

“Não houve guerra franca até o trigésimo sexto ano de Asa, quando Baasa começou a edificar Ramá, para que ele pudesse impedir toda a comunicação entre Israel e Judá. Ver II Crô. 15.19 e 16.1. Mas isso não concorda com o que é afirmado em I Reis 16.8,9, que Elá, filho e sucessor de Baasa, foi morto por Zinri, no vigésimo sétimo ano do reinado de Asa. Os cronologistas esforçam-se por reconciliar isso, dizendo que os anos deveriam ser contados não a partir do começo do reinado de Asa, mas da separação entre os reinos de Israel e Judá” (Adam Clarke, *in loc.*).

15.17

E edificou a Ramá. Ver sobre essa cidade no *Dicionário*. Baasa tentou cortar toda a comunicação entre o norte e o sul, o que, provavelmente, fazia parte de um plano mestre para finalmente derrotar e absorver Judá, produzindo assim uma unificação forçada. Ramá ficava a apenas duas horas de marcha a partir de Jerusalém, e parece ter assinalado o ponto até o qual o poder do norte havia chegado. Isso nos mostra quão fraco Judá se tornou militarmente. Aparentemente, Asa não fizera nenhuma tentativa para impedir a construção de Ramá, provavelmente pensando ser uma tarefa inútil. Baasa, pois, estava no domínio; ele controlava todo o tráfico entre o norte e o sul, e fazia planos para terminar com Asa na primeira oportunidade que se lhe oferecesse. Parecia ser a época áurea de Baasa, o que realmente teria acontecido se a Síria não tivesse intervindo em favor de Judá.

15.18

Então Asa tomou toda a prata e ouro restantes. A Peita. Para salvar Judá, Asa esvaziou os tesouros do templo e provavelmente alguns outros fundos pertencentes ao público, e apresentou os objetos valiosos (ouro, prata, jóias e outros tesouros etc.) a Ben-Hadade, filho de Tabrimom, filho de Heziom, rei da Síria em Damasco. Ver todos os nomes próprios no *Dicionário*, quanto a maiores detalhes. Foi assim que, com grande sacrifício, Asa libertou o sul, mas precisou apelar a uma potência estrangeira para fazer o trabalho.

Alguns estudiosos identificam esse Ben-Hadade com o homem que atendia pelo mesmo nome em I Reis 20.1, mas I Reis 20.34 mostra-se contrário a essa opinião. *Hadade* é o nome do “alto deus da atmosfera” nos tablets de Ras Shamra. Ver sobre eles no *Dicionário*. Em algumas regiões, o deus era identificado com Baal. O nome tornava-se o nome da família real, mas a palavra hebraica *ben* não subentende (tal como acontecia no Egito) a crença de que o rei era filho (em algum sentido literal) do deus daquele mesmo nome. Seja como for, o nome parece ter-se tomado geral e popular, tendo perdido suas implicações originais.

O nome do pai do homem contém uma referência a *Rimom*, outra divindade, a saber, o deus assírio da tempestade, *Ramanu*. Esse deus é igualado a Hadade em Zac. 12.11. O sincretismo idólatra estava em operação.

Heziom (avô de Ben-Hadade) pode ter sido o mesmo Rezo, de I Reis 11.23,24, que fundou o reino em Damasco. Mas os eruditos não têm muita certeza quanto à identificação, embora a Septuaginta pareça apoiá-la. Os escritores judeus fazem de Heziom o avô de Ben-Hadade e identificam-no com Rezo.

A Síria conseguira tornar-se independente de Salomão e crescera em poder. Asa tomou vantagem dessa condição para fortalecer a causa de Judá, embora a alto preço. Formar confederações era contrário aos princípios de Moisés, mas algumas vezes esse expediente tornou-se um imperativo de sobrevivência. Ver Isa. 30.1-17.

15.19

Haja aliança entre mim e ti. Pactos. Tanto a nação do norte (Israel) quanto a nação do sul (Judá) fizeram pactos com a Síria, e isso começou antes dos dias de Asa. Salomão e Rezo estavam vinculados por meio de pactos, embora fossem de fato adversários (ver I Reis 11.25); mas talvez o filho de Rezo tenha estabelecido alguma espécie de pacto com Judá. Baasa tinha um pacto com a Síria, mas por meio de um suborno Asa fez o rei sírio quebrar esse pacto e atacar o norte. John Gill (*in loc.*) mostrou-se muito infeliz com Asa; primeiramente, por ter tirado todo o dinheiro guardado no templo; em segundo lugar, por ter usado um suborno; em terceiro lugar, por ter feito um pacto com uma potência pagã. Por meio de tais atos, Asa demonstrou “grande desconfiança para com o Senhor”, o verdadeiro poder capaz de ajudar. II Crô. 16.7 diz que um *vidente* repreendeu a Asa, por causa das alianças por ele firmadas.

15.20

Os vários objetos dos ataques desfechados por Ben-Hadade recebem artigos no *Dicionário*. Visto que a peleja foi levada ao território de Israel, Baasa não conseguiu manter sua ofensiva no sul. Foi assim que Israel teve de suportar amargo desapontamento; Judá conquistou sua liberdade e Ben-Hadade obteve o dinheiro. As cidades atacadas ficavam perto da fronteira com a Síria. As cidades nomeadas situavam-se próximo de *Quinerete*, isto é, o mar da Galiléia. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Quinerete*, e note o leitor as variantes na soletração do nome, nas versões portuguesas. Visto que Dã se transformara em um importante centro de adoração (e, presumivelmente de governo), por parte de Jeroboão, supomos que a força de Israel tenha sido maior naquela área. Ben-Hadade, desse modo, atacou o coração de Israel, ou, pelo menos, um órgão vital da nação do norte. Ver I Reis 12.29.

A mesma porção de Israel foi posteriormente atacada pelos exércitos assírios, antes do cativeiro (ver II Reis 15.29). A planície fértil invadida é conhecida atualmente como *el-Ghuwer*.

15.21

E ficou em Tirza. A Retirada para Tirza. Baasa não tinha forças para continuar a expandir-se perto de Jerusalém e, ao mesmo tempo, levar a efeito uma guerra em seu próprio território, contra os sírios. Por causa disso, desistiu de seu projeto em Ramá (ver o vs. 17) e abandonou a área em torno de Jerusalém. Essa foi uma grande vitória para Judá, mas custou a maior parte dos tesouros do templo, a fim de pagar pela ajuda de Ben-Hadade (vs. 18).

Tirza (ver a respeito no *Dicionário*) ficava cerca de 56 quilômetros ao norte de Jerusalém, no território de Manassés, ou seja, bem perto da fronteira com o reino do norte. Essa cidade era a capital da nação de Israel na época (I Reis 14.17). Tirza continuou a ser residência real até o tempo em que Onri construiu Samaria e a tornou de sua capital (ver I Reis 16.24).

O que Baasa certamente temia era que Ben-Hadade, rei da Síria, também atacasse a sua capital, e por isso deixou de perturbar a capital de Judá. Portanto, ele obteve grande dose de seu próprio remédio.

15.22

As pedras de Ramá. Ramá foi completamente desmantelada, e para tanto Asa usou trabalho forçado, provavelmente envolvendo tanto hebreus quanto estrangeiros, incluindo escravos regulares para edificar Geba. As pedras e a madeira que formavam a fortaleza de Ramá foram transferidas de Benjamim para Geba, que foi transformada em uma fortaleza protetora de Judá. Ver sobre *Geba* no *Dicionário*. Ficava somente cerca de 16 quilômetros ao norte de Jerusalém e atuava como posto avançado protetor contra invasões vindas do norte.

Todas as *isenções* da guerra e das construções foram anuladas quando Asa precisou fortificar o interior. “Quando as fronteiras precisam ser fortalecidas contra um inimigo, cessam todas as isenções” (Adam Clarke, *in loc.*).

15.23,24

O obituário costumeiro foi uma vez mais reproduzido pelo autor sacro. Recomendando ao leitor que examine os comentários atinentes nos trechos de I Reis 2.10; 11.43 e 14.31. Os reis de Judá eram sepultados na *cidade de Davi*, isto é, Jerusalém, e não Belém, a qual, algumas vezes, também era chamada desse modo. Ver I Reis 11.43.

Livro da história dos reis de Judá. Quanto a esse antigo livro perdido, que serviu como uma das fontes informativas do autor sagrado, ver I Reis 14.19, que dá completos detalhes juntamente com referências a outros livros perdidos do período do Antigo Testamento.

Em idade avançada Asa sofreu com problemas nos pés, algo que lhe deve ter sido realmente constrangedor, a ponto de obter atenção especial da parte do autor sagrado. Ver II Crô. 16.12 quanto a isso.

Josafá. Algumas versões portuguesas também grafam seu nome como “Jeosafá”. Talvez por causa da saúde periculante de seu pai, esse filho reinou como co-regente com ele durante os últimos anos de sua vida (873-870 A. C.). Quando Asa morreu, Acabe (874-853 A. C.) estava reinando na nação do norte, Israel. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Rei, Realeza* quanto a uma lista dos reis do norte e do sul, e isso comparado a reis pagãos contemporâneos dos territórios circunvizinhos. Ver também sobre o *Reino de Judá*, quanto a breves descrições sobre todos os reis.

Ver II Crônicas 16 quanto a outros detalhes sobre o reinado de Asa. II Crô. 16.10 demonstra abusos do homem cujo registro estava longe de ser perfeito, embora fosse melhor que o de muitos outros monarcas. Ele reinou durante quarenta e um anos (ver II Crô. 16.13) e foi sepultado com todas as honras.

Josafá primeiramente reinou como co-regente com seu pai; e, depois, sozinho. Ver sobre ele no *Dicionário*. O autor sagrado passa agora a descrever vários reis de Israel, e só volta a Josafá em I Reis 22.41.

Nadabe, Rei de Israel (15.25-32)

Histórias Comparadas. O autor sagrado não nos dá simplesmente listas dos reis de Judá, com descrições de seus reinos, para então listar os reis de Israel, com descrições de seus respectivos governos. Antes, ele conta as histórias em ordem cronológica aproximada, oferecendo os *reinados paralelos* no norte e no sul. O autor acabara de mencionar Josafá, de Judá (ver I Reis 15.24), mas só nos contará sobre o seu reinado em I Reis 22.41. Antes disso, descreve vários reis do norte.

15.25

Nadabe, filho de Jeroboão. Ver no *Dicionário* o artigo detalhado sobre *Nadabe*. Ver também o verbete chamado *Israel, Reino de*, quanto a breves descrições sobre todos os reis do norte. Ver ainda o artigo chamado *Rei, Realeza*, que

lista os reis do norte e do sul, e os compara, em um gráfico, com os reis pagãos de territórios circunvizinhos.

A *história de Jeroboão* é narrada nos capítulos 12-14 de I Reis. Seu filho, Nadabe, teve um reinado breve e foi assassinado por um usurpador (Baasa), cumprindo assim as profecias de *condenação da casa e da dinastia de Jeroboão* (I Reis 14.10,11). Ele subiu ao trono quando Asa reinava em Judá, em seu segundo ano, e governou por somente dois anos.

“Se uma família inteira desaparecesse, não restaria nenhum vingador do sangue, e o assassino ficaria livre. Essa matança geral era o procedimento regular e acontecia em todas essas ocasiões (cf. II Reis 10.17)” (Normal H. Snaith, *in loc.*).

Nadabe, naturalmente, era irmão do filho de Jeroboão que morreu quando criança, Abias. Mas não sabemos dizer se Nadabe era mais velho ou mais novo que Abias. Ver o capítulo 14 quanto à história de Abias. Ele reinou em cerca de 910-909 A. C.

15.26

Nadabe seguiu o *mau exemplo* deixado por seu pai, Jeroboão. Ele foi estritamente mau e não fingiu reformar Israel, ao qual Jeroboão havia mergulhado na idolatria. Em contraste, Asa, rei do sul, efetuou algumas reformas significativas ao tentar desfazer os males praticados por Salomão, Roboão e Abias. No entanto, a nação do norte, Israel, não estava interessada em movimentos de reforma, e, falando genericamente, teve uma história pior que a do sul, no tocante às invasões do paganismo que prejudicavam o yahwismo. O rei sempre arrastava após si o povo, pelo que quando o rei era culpado de corrupção a nação inteira acabava corrupta. Ver Mat. 23.15 e a exposição desse versículo no *Novo Testamento Interpretado*, quanto ao mal de ser a causa para o pecado de outros. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Exemplo*. Os exemplos podem ser bons ou maus, mas são sempre poderosos. O sistema idôlatra, com centros principais em Dã e Betei, continuou.

15.27

Conspirou contra ele Baasa. Ver sobre Baasa, no *Dicionário*; ver também sobre ele nos artigos *Israel, Reino de* e *Rei, Realeza*. O autor sagrado já nos havia apresentado esse usurpador, embora sem relatar a história de como ele se tornara rei de Israel. Agora, porém, ele nos conta o incidente. Ver em I Reis 15.17 ss. o que já foi dito sobre esse homem, suas guerras contra Judá, sua fortificação de Ramá, bem próxima de Jerusalém, a guerra contra Ben-Hadade que o levou a retirar as forças da região de Jerusalém.

Baasa conspirou contra o rei Nadabe, filho de Jeroboão, e o matou, tornando-se assim o primeiro rei-usurpador de Israel.

Nadabe e seus exércitos estavam atacando a cidade filistéia de *Gibetom* (ver no *Dicionário* quanto a maiores detalhes). Baasa tirou vantagem da situação para cometer seu assassinato privado, mas isso foi resultado de uma conspiração, e não a reação selvagem de um momento.

As *carcaças de Nadabe*, de seus apoiadores e de toda a sua família foram deixadas no campo para serem comidas pelas aves de rapina, ou na cidade para serem devoradas pelos cães (I Reis 14.11,13). Nenhum sepultamento decente lhes foi conferido (ver I Reis 14.13,14).

“É evidente que Israel não capturou essa cidade (cf. I Reis 16.15-17). Talvez o cerco tenha terminado quando Nadabe foi morto. Seu assassino, Baasa, tornou-se o próximo rei de Israel (ver I Reis 15.33-16.7)” (Thomas L. Constable, *in loc.*).

15.28

O autor, sem jamais esquecer seu plano de dar relatos paralelos em ordem cronológica (tanto quanto possível), dos reinados do norte e do sul, diz exatamente como Nadabe se relacionava à nação do sul. Nadabe começou a reinar no terceiro ano de Asa como rei de Judá.

15.29

A *Matança*. O profeta Aias havia predito que as coisas terminariam muito ruins para a família de Jeroboão, por causa da idolatria que ele havia promovido na nação do norte. Ver I Reis 14.7-11. Com o máximo de exatidão, tudo quanto foi predito se cumpriu; e o usurpador, Baasa, foi o instrumento divino para essa tarefa horrível. Não nos é dito aqui que os membros da família tenham recebido sepultamento decente; todos foram consumidos pelos cães e pelas aves de rapina; e isso fazia parte do drama.

Jeroboão e sua família colheram o que haviam semeado. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*.

A *Responsabilidade de Baasa*. “O pecado, mesmo quando cumpre o plano de Deus, nem por isso é menos pecado. Sobre Baasa nada sabemos, exceto a sua tentativa sobre a independência de Judá e seu fracasso (ver os vss. 16-22)” (Ellicott, *in loc.*).

Problema Teológico. Deus transforma a ira do homem em louvor. Ele usa o livre-arbítrio humano sem destruí-lo, embora não saibamos dizer como isso acontece. Judas Iscariotes teve de trair a Jesus, mas isso não o tornou um homem inocente. Ele já era culpado antes de ter cometido *aquele* pecado. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Predestinação* e *Livre-arbítrio*.

15.30

A causa do terrível fim da dinastia e da família de Jeroboão foi, especificamente, o pecado da idolatria, sobre o qual o profeta Aias havia alertado o futuro rei de Israel. Ver I Reis 11.38. Imediatamente, ele rompeu a fé em Yahweh e levou seus bezerros de ouro para serem adorados em Dã e Betei (ver I Reis 12.28,29). Ele tinha pressa de ser corrupto, corrompendo a todo o Israel.

O autor sacro enfatiza a corrupção de todo o reino do norte, e aponta para Jeroboão como a principal causa disso. A corrupção coletiva produziria um julgamento coletivo. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Cativeiro Assírio*. Cf. I Reis 16.19.

O juiz seria Yahweh-Elohim, o Deus Eterno e Todo-poderoso, que observa e julga os homens na verdade e na justiça. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Deus, Nomes Bíblicos de*. O fato de Deus criar, intervir e punir é a essência da doutrina do teísmo (ver no *Dicionário*).

15.31

Um Obituário Abreviado. Somos aqui meramente lembrados que o autor sagrado usou como fonte o *Livro da História dos Reis de Israel*, que dava alguns detalhes, os quais sem dúvida ele preferiu deixar de fora de seu relato. O livro mencionado está atualmente perdido, excetuando as porções que foram incorporadas aos livros canônicos do Antigo Testamento. Ver as notas expositivas sobre I Reis 14.19 quanto a esse e outros livros perdidos, relativos ao tempo do Antigo Testamento, mas que não fazem parte do cânon sagrado. Ver também I Reis 11.41, último parágrafo.

15.32

Uma Continua Guerra Civil. Este versículo é uma duplicação exata de I Reis 15.16, onde ofereço as notas expositivas.

15.33

Nadabe começou a reinar no segundo ano de Asa, e Baasa no terceiro, de modo que o autor continua aqui a lembrar-nos que ele estava escrevendo uma história comparada, apresentando paralela e cronologicamente (sempre que possível) os relatos a respeito dos reis de Israel e de Judá.

Tirza foi feita capital do reino do norte. Ver I Reis 15.21. Essa cidade continuou sendo a capital de Israel até que Onri construiu Samaria e moveu o centro das atividades políticas para esse novo local (ver I Reis 16.24). Ver a história completa de Tirza no *Dicionário*. Onri haveria de reinar por vinte e quatro anos, e nesse tempo causaria muita confusão.

15.34

Baasa não matou Nadabe a fim de fazer reformas em Israel, anulando o mal da dinastia de Jeroboão (que consistiu somente no próprio Jeroboão e em seu filho, Nadabe). Ele foi o instrumento divino para pôr fim às iniquidades de Jeroboão, mas não para instituir reformas. Ele nada aprendeu, no entanto, do fato de ter sido um instrumento divino. Uma vez que a nação se viu livre das loucuras de Jeroboão, Baasa continuou a promover sua própria variedade de loucuras, e assim Israel permaneceu em trevas. Sem dúvida continuou a adoração aos bezerros, em Dã e Betei, (ver I Reis 12.28,29), bem como os tipos gerais de idolatria que Jeroboão havia instituído. “... não foi por não gostar da idolatria, mas por malícia e ambição que ele matou a família de Jeroboão” (John Gill, *in loc.*).

“Os ímpios seguiram os passos dos ímpios, e tornaram-se ainda mais ímpios. O pecado reúne forças mediante o exercício e a idade” (Adam Clarke, *in loc.*).

Capítulo Dezesesseis

Este capítulo dá prosseguimento à história de Baasa, rei usurpador de Israel, a qual se iniciou em I Reis 15.27, onde ofereço algumas notas de introdução. Ver no *Dicionário* o artigo detalhado, chamado *Baasa*, para informações completas. Ver também os artigos intitulados *Israel, Reino de* e *Rei, Realeza* quanto a listas e comentários dos reis de Israel e Judá.

A *Palavra do Senhor* veio a Jeú. Yahweh falou. Essa expressão doravante torna-se uma expressão comum em I Reis (cf. com I Reis 17.8). Isso ensina o teísmo (ver a respeito no *Dicionário*). Deus intervém na história. Ele não abando-

nou a Sua criação; Ele recompensa e pune, guia, faz-se presente, vê e avalia a todas as coisas. Jeú, o profeta, deve ser distinguido de Jeú, um dos reis de Israel (que reinou de 841 a 814 A. C.).

16.1

"Jeú, filho de Hanani, é mencionado pelo cronista como o responsável por uma história que foi 'inserida no livro dos reis de Israel' (II Crô. 20.34). De acordo com II Crô. 19.2, ele também repreendeu a Josafá, após a morte de Acabe, em 852 A. C. Isso ocorreu cinquenta anos mais tarde" (Norman H. Snaith, *in loc.*).

A palavra do Senhor. Uma expressão que assinala as intervenções de Deus na história dos reis e agora começa a ser frequentemente usada no livro de I Reis. O Pentateuco está repleto das palavras "Yahweh falou" (ver Lev. 1.1; 4.11 quanto ao significado). Agora o cronista começou uma prática similar para introduzir questões importantes em sua narrativa.

O pai de Jeú, Hanani, pode ter sido ou não o profeta que advertiu o rei Asa de Judá (II Crô. 16.7-9). Ver sobre Jeú (*filho de Hanani*) e também sobre Hanani (segundo ponto), no *Dicionário*.

Contra Baasa. Nada tendo aprendido sobre o trágico julgamento de Jeroboão, Baasa estava, ao mesmo tempo, tratando com o temível Yahweh, que em breve o faria terminar seus dias da mesma maneira que ocorrera a Jeroboão.

16.2

O Raio Fumarento. Yahweh falou através de seu profeta. A inspiração divina pode ocorrer subitamente, como se houvesse intrusões de Deus nos acontecimentos comuns. Ou pode ser resultados do tempo e da preparação. Certa vez, Daniel Webster (opondo-se a um senador chamado Hayne) falou por quatro horas, defendendo a constituição dos Estados Unidos da América. Seu discurso de repreensão, eloquente e espontâneo, foi como que inspirado. Ele confessou aos amigos, mais tarde, que havia apanhado um *raio fumarento*, lançando-o contra o senador. O mesmo aconteceu ao profeta Jeú, que lançou contra o rei o seu raio fumarento. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Inspiração e Revelação*.

Baasa, à semelhança de Jeroboão, tinha sido tirado do pó, pelo poder de Yahweh, e feito rei de Israel. A mão divina estava em todos esses acontecimentos, a despeito das circunstâncias pecaminosas. Eventos adversos foram usados com vistas ao bem. Ver sobre I Reis 15.29, último parágrafo, quanto aos problemas teológicos envolvidos. Baasa tinha todas as vantagens. Ele tinha seu lugar na tradição profética, mas desviou-se da vereda do rei ideal, segundo os ditames da lei mosaica. A idolatria foi mantida na nação do norte, Israel, e o país não estava melhor, por ter Baasa como monarca, do que estava quando Jeroboão reinava. Baasa foi um grande pecador e fez Israel experimentar novamente o que se lê em I Reis 15.26.

16.3

O futuro de Baasa foi descrito com quase as mesmas palavras acerca do julgamento de Jeroboão (ver I Reis 14.7,10,11). E as mesmas palavras foram usadas novamente em relação ao ímpio rei Acabe (ver I Reis 21.24). A apostasia era tão profunda no norte que somente o cativo assírio foi capaz de cuidar dela. Israel nunca retornou desse cativo. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Cativo Assírio*.

"Não pode haver conhecimento verdadeiro das coisas finais, ou seja, de Deus e do homem, do dever e do destino, que não tenha nascido da preocupação aperfeiçoada pela dedicação" (John A. Mackay, em *A Preface to Christian Theology*).

O único interesse de Baasa era continuar as corrupções de Jeroboão. Princípios mais elevados não o atraíam. Ele poderia ter encabeçado uma dinastia que perdurasse e restaurasse Israel. Longe disso, porém, ele preferiu uma vereda que levou à destruição ele mesmo e toda a sua família.

16.4

Este versículo virtualmente duplica a terrível advertência a Jeroboão, quanto aos cães e às aves de rapina que comeriam a sua posteridade. Ver I Reis 14.11 quanto a notas expositivas que também se aplicam aqui. Baasa tinha visto as trágicas profecias realmente acontecer através de sua agência. Ele fora o homem que extinguiu a casa de Jeroboão, um instrumento divino para isso. Apesar disso, ele mesmo nada aprendeu da lição. Ver I Reis 15.27 ss. quanto ao julgamento da casa de Jeroboão, encabeçado pelo próprio Baasa.

Lições Morais. Não basta alguém ser um instrumento do Espírito. Nós mesmos temos de dedicar-nos à causa do Senhor e ser transformados pelo Espírito, se esperamos cumprir nosso destino. É perfeitamente possível alguém ser instrumento de Deus, em certas ocasiões, sem perceber o destino que lhe foi preparado.

16.5

O autor aplica aqui, uma vez mais, a maneira padronizada de terminar o relato de um rei e seus atos, mencionando novamente uma de suas fontes informativas, o *Livro da História dos Reis de Israel*. Quanto a detalhes sobre essa fórmula, ver as notas em I Reis 11.41 (último parágrafo) e 14.19. Cf. I Reis 15.31.

16.6

O autor sacro repete aqui, uma vez mais, a *notícia de obitório* padronizado. Ver I Reis 1.21 quanto às notas expositivas e seus elementos. Cf. I Reis 2.10; 14.20,31; 15.8,24; 16.6,28; 22.40,50.

Baasa foi sepultado em Tirza, que ele transformara em sua capital. Ver 15.21. Esse local permaneceu como a capital de Israel até que Onri construiu Samaria e mudou o centro de poder para lá (ver I Reis 16.24). Baasa reinou por vinte e quatro anos (ver I Reis 15.33).

Elá. Este homem, filho de Baasa, subiu ao trono, mas essa dinastia teria curta duração. Ver no *Dicionário* sobre Elá, quanto ao que se sabe a respeito dele.

Elá, Rei de Israel (16.7-14)

Relatos Paralelos e Cronológicos sobre os Reis. O plano do autor sacro foi apresentar a história dos reis de Israel e de Judá em relatos paralelos, indo de um para outro, segundo uma ordem cronológica aproximada. Ele não listou todos os reis de Israel e os seus reinados, nem todos os reis de Judá e os seus reinados. Antes, escreveu de forma alternativa, indo e vindo do norte para o sul.

Pelo presente, o autor descrevia alguns reis do norte e falava sobre o reinado de Elá, filho de Baasa. Somente em I Reis 22.41 ele retornaria a Judá. No meio disso, temos a longa história de Acabe e Elias.

16.7

O autor sagrado lembra-nos aqui da temível profecia que Jeú proferiu contra Baasa e sua casa. Ver I Reis 16.1-4 quanto a essa mensagem. Este versículo apresenta um sumário de eventos passados, incluindo a matança da casa de Jeroboão, por Baasa, a fim de obter o poder real. Sua mensagem foi: "Vede o que aconteceu a Jeroboão. A mesma coisa está reservada para ti, pois andaste nos caminhos idólatras daquele rei mau. O julgamento está à porta". O vs. 3 duplica I Reis 15.29, o primeiro aplicando-se a Jeroboão e o segundo aplicando-se a Baasa e sua casa. Em breve, Elá haveria de colher as amargas consequências.

Baasa é aqui considerado culpado por haver cometido assassinato, embora tivesse sido o instrumento divino exatamente para fazer isso. Quanto ao *problema teológico* aqui envolvido, ver as notas sobre I Reis 15.29, último parágrafo. O mal precisava vir, mas aí daquele por intermédio de quem ele viria (ver Mat. 26.24).

A Vulgata Latina faz com que a pessoa aqui morta fosse não Jeroboão, mas, sim, Jeú, o profeta, morto por Jeroboão. E alguns estudiosos seguem essa informação. Provavelmente está em foco, porém, a morte de Jeroboão. Este versículo é meramente um sumário das terríveis profecias, e não serve de instrumento para relatar o assassinato do profeta.

16.8

Em consonância com seu plano de dar relatos paralelos dos reis do norte, seguidos pelos reis do sul, o autor agora conta que Elá, filho de Baasa, começou a reinar no sexto ano do rei Asa, rei de Judá. Ele também fez de Tirza a sua capital (ver I Reis 15.21). Somente nos dias de Onri a capital foi movida para Samaria, que aquele rei construiu e fortificara com esse propósito. Ver I Reis 16.24. Ver a introdução a I Reis 15, quanto à maneira de apresentação paralela do autor sagrado. Ver também a introdução à presente seção, justamente antes do vs. 7. Ver sobre Elá no *Dicionário*, quanto ao que se sabe sobre ele. Ele morreu no vigésimo sétimo ano de Asa, mas permaneceu no trono por apenas dois anos, e então foi assassinado.

16.9

O breve reinado de Elá nada tem de magnífico para ser dito. A única coisa de que somos informados é que ele foi assassinado quando estava bêbado! Elá foi morto por um comandante militar "de confiança", que tinha autoridade sobre a metade de seus carros de combate. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Zimri* (Zinri).

Elá e Arsa (seu mordomo) estavam, evidentemente, celebrando uma festa de bebedeira, e Zimri os surpreendeu com violência e cumpriu a profecia de condena-

Comparações com Sina, Babilónia, Egito, Assina, Pérsia e Grécia

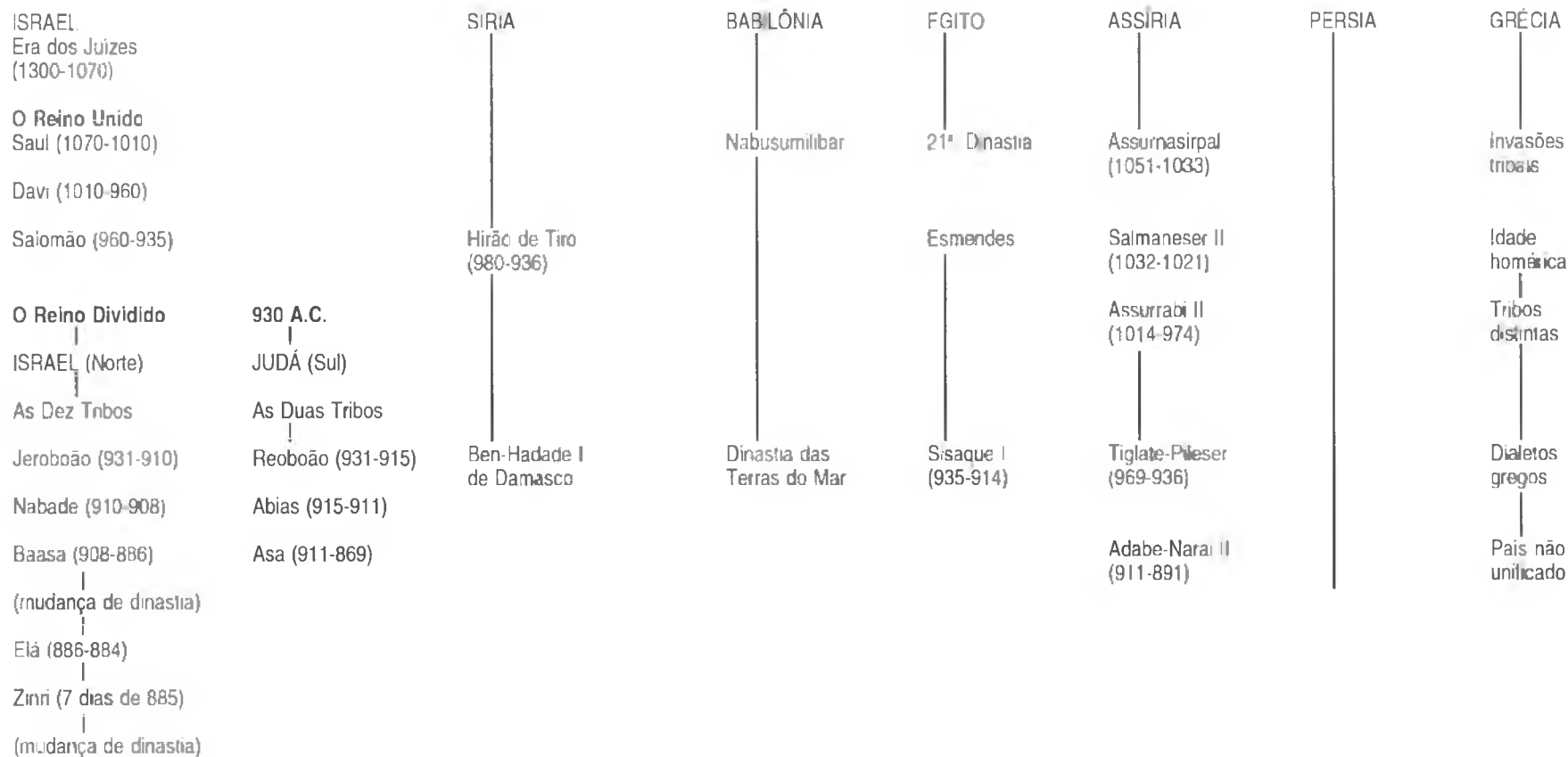
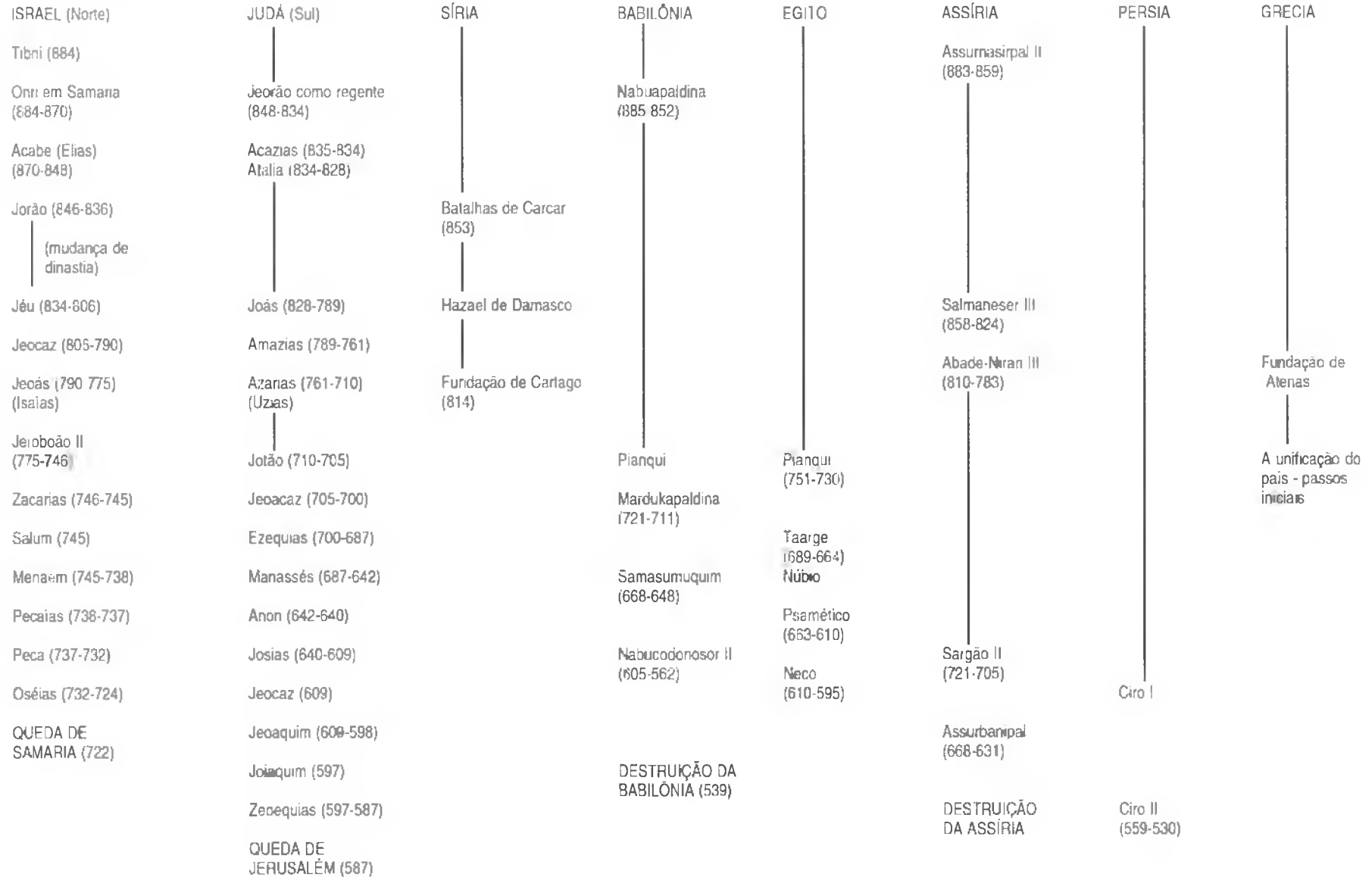


GRÁFICO HISTÓRICO COMPARATIVO OS REIS DE ISRAEL E JUDÁ

Comparações com Síria, Babilônia, Egito, Assíria, Pérsia e Grécia

Q Reino Continua Dividido



ção que tinha sido feita contra a casa de Baasa (ver I Reis 16.1-4,7). Nada sabemos a respeito de *Arsa*, exceto o que é dito no presente versículo. O Targum faz esse *Arsa* ser o nome de um templo pagão, e não de um ser humano, o que não é uma idéia muito provável.

16.10

Um Trabalho Completo. Zinri sabia que, se deixasse sobreviventes, eles estariam prontos para vingarem-se, em consonância com a lei do *Vingador do Sangue* (ver a respeito no *Dicionário*). Ele não deixou viva uma única pessoa da casa de Baasa que pudesse caçá-lo e tentar suas habilidades na matança. Ao agir assim, ele cumpriu, de modo absoluto, a temida profecia de Jeú contra a casa de Jeroboão (ver I Reis 16.1-4,7). Não restou nenhum *goel*, ou seja, executor ou vingador. O nome de Jeroboão não seria perpetuado em Israel. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Goei* (*Remidor*).

O nome de Zinri tornou-se proverbial para indicar uma pessoa que é traidora consumada (ver II Reis 9.31).

O autor sagrado apresenta uma nota cronológica para mostrar quão breve foi o reinado de Elá. Ele começou a reinar no ano 26 do governo de Asa (vs. 8), mas já estava morto no ano seguinte (vs. 10).

Zinri, pois, tornou-se o quinto rei de Israel (885 A. C.). Ver o artigo sobre ele no *Dicionário*. Mas imediatamente uma revolta sob a direção de Onri fez Zinri suicidar-se, pelo que ele governou somente *sete dias* (vs. 15). Ele tinha feito cálculos muito errados. Teria sido melhor se tivesse permanecido como general dos carros de combate.

16.11

Matanças Imediatas. Zinri não se arriscou a ter algum membro da família de Baasa para buscar vingança. Ele matou todos os membros masculinos da família, ou seja, cada pessoa que *urinava contra uma parede*, conforme diz o texto hebraico, expressão que várias traduções e versões evitam como extremamente vulgar. Ver a explicação sobre essa expressão em I Sam. 25.22,34; I Reis 14.10 e 21.21. Essa era uma maneira padronizada de dizer “varão”. Não sei dizer por que os tradutores se enchem aqui de pejo e deixam de traduzir literalmente a expressão. Afinal, em meio a toda aquela matança, por que uma expressão como essa nos faria franzir as sobrancelhas? O que foi dito aqui sobre a casa de Baasa também foi dito, em I Reis 14.10, sobre a casa de Jeroboão e sobre todos os membros masculinos de sua casa.

Nem dos seus amigos. A matança efetuada por Zinri foi tão completa que levou em seu horrendo escopo até os amigos de Elá, sem dúvida incluindo os principais comandantes militares que poderiam tentar a vingança. Foi assim que se cumpriram exatamente as profecias de Jeú (ver I Reis 16.1-3,7).

16.12

O autor encontrou a causa da matança nos pecados da casa de Baasa, que seu filho Elá tinha perpetuado. As profecias de Jeú (I Reis 16.1-3,7) cumpriram-se com precisão. Uma vez mais a antiga síndrome do pecado-calamidade reclamara suas vítimas. Zinri, agora um assassino em larga escala, cometera suicídio (para evitar ser morto), no espaço de uma breve semana.

16.13

Razões Morais. O autor sacro tomou um ponto de vista moralista e espiritual dos acontecimentos, incluindo os eventos violentos. Baasa e Elá tinham cometido violência contra Israel, com seus cultos idólatras e rituais pagãos, e assim tiveram de sofrer, eles mesmos, de violência. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*. O Deus que é Criador também recompensa e castiga, intervindo na história humana (o que reflete o *teísmo*; ver a respeito no *Dicionário*).

Com os seus ídolos. No hebraico temos aqui, em lugar de “ídolos” a palavra *hebelim*, “inutilidades”, “vaidades”, porquanto os ídolos nada sabem e nada fazem. De fato, eles nada são. Quanto a fazer *Israel pecar*, ver I Reis 15.26. Cf. também com I Reis 16.3 e 21.22.

16.14

Uma vez mais, temos uma costureira nota do autor sagrado que assinala o fim do governo de um rei qualquer. Novamente o autor menciona uma das obras que lhe serviram de fonte informativa, o *Livro da História dos Reis de Israel*. O presente versículo duplica virtualmente o vs. 5 deste mesmo capítulo. Cf. com I Reis 14.19, onde ofereço notas expositivas completas. A vida de Elá foi especialmente triste. Nada de notável é dito a respeito. Ele se *distinguiu* apenas por ter sido assassinado quando estava embriagado.

Zinri Comete Suicídio; Guerra Civil (6.15-22)

O nome de Zinri tornou-se proverbial para indicar atos de traição extraordinários (ver II Reis 9.31). Ele tinha uma boa posição como general de carros de combate e autoridade sobre metade das forças armadas. No entanto, desejava cada vez mais poder e tirou vantagem de um momento em que Elá estava embriagado para assassiná-lo. Então acrescentou, a seus muitos outros assassinios, a matança de toda a família de Elá e até de seus amigos. Mas o exército, em geral, não haveria de engolir pacificamente tamanha traição, e Onri, o principal comandante-em-chefe, sena o instrumento divino para reduzir o reinado de Zinri a apenas sete dias (vs. 15). Seguiu-se então uma guerra civil, fazendo Tibni revoltar-se contra Onri. Tibni, ao que tudo indica, apoiava a dinastia de Baasa e a teria defendido, embora não fosse membro da família. A guerra civil haveria de perdurar por quatro anos, mas Onri finalmente prevaleceu. A essência daqueles tempos era a violência, a idolatria, ocasionalmente uma reforma, e haréns, no caso dos ricos e poderosos.

16.15

Zinri começou a reinar no vigésimo sétimo ano do governo de Asa, rei de Judá. Somente no trigésimo primeiro ano, Onri subiu ao trono de Israel. Portanto, julgamos por isso que a guerra civil durou cerca de quatro anos. Ver as notas de introdução à presente seção, anteriormente.

Reinou Zinri sete dias em Tirza. Zinri, cujo nome tornou-se proverbial para indicar uma traição incomum (ver II Reis 9.31), só reinou em Israel por sete dias. O avanço de Onri (com suas intenções assassinas) levou Zinri ao suicídio. Assim, a síndrome do pecado-calamidade escreveu outro capítulo no livro das loucuras humanas.

O povo estava acampado contra Gibetom, que era dos filisteus. Sempre houve e sempre haverá guerras e rumores de guerras. O exército de Israel estava em Gibetom, lutando contra os filisteus, mas Zinri estava em Tirza, matando o rei de Israel. Aquele foi um notável ato de traição, devido ao qual Zinri jamais foi esquecido. Talvez a batalha fosse considerada fácil, já que nem todos os homens foram convocados para participar da guerra. Gibetom tinha sido assediada nos dias de Nadabe (ver I Reis 15.27) e estava novamente sob ataque. Ali Baasa matara a Nadabe, filho de Jeroboão, pavimentando o caminho para tornar-se rei. O vs. 27 deste capítulo indica grande resistência por parte dos filisteus, naquele lugar, o que exigiu vários cercos da cidade por parte do exército de Israel.

16.16

Constituiu rei sobre Israel a Onri, comandante do exército. Elá Estava Morto. Israel estava sem rei, e não restou família real para dela escolher um novo rei. Assim o chefe do exército, Onri, foi proclamado novo rei. Ver sobre ele no *Dicionário*. Em breve haveria uma revolução, encabeçada por Tibni, e isso daria a Israel dois reis simultâneos e uma longa guerra civil (que duraria por quatro anos) para resolver a disputa.

Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Rei*, *Realeza* e *Israel*, *Reino de*, quanto a uma lista e comentários de todos os reis de Israel. Onri reinou cerca de 886 até 875 A. C., um total de doze anos. Ao que tudo indica, foi um governador capaz, mas também um recordista na maldade em Israel, e esse não era um pequeno feito naquele lugar.

“Mediante uma curiosa coincidência (cf. I Reis 15.27), a dinastia de Baasa tinha sido fundada no campo diante daquela mesma cidade, Gibetom. A conspiração de Zinri parece ter sido premeditada, sem provisão ou apoio adequado, visto que Tirza foi conquistada imediatamente” (Ellicott, *in loc.*).

“... tal como o exército romano declarou seu general, Vespasiano, imperador de Roma, assim se deu no caso de vários outros imperadores romanos” (John Gill, *in loc.*).

16.17

A Guerra Civil Começou Imediatamente. As horas de Zinri pareciam contadas. Tibni prevaleceria por longo tempo, mas Zinri foi um militar perseguido pelo destino, cuja sorte logo terminou. O exército apoiou Onri, e isso foi um fator decisivo na guerra civil.

A marcha de Gibetom a Tirza era de cerca de 58 quilômetros na direção sudeste. Zinri, surpreendido fora de guarda pela súbita invasão, não teve tempo de conseguir apoio.

16.18

Não foi preciso Onri gastar muito tempo para tomar a cidade, e Zinri, vendo que tudo estava perdido, incendiou sua casa, fugiu e miseravelmente suicidou-se. Kimchi asseverou que foi Onri quem tocou fogo no lugar, mas isso parece contrário ao texto que temos à nossa frente. John Gill, entretanto, afirmou que este versículo *pode* ser interpretado dessa forma. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Suicídio*.

16.19

A antiga síndrome do pecado-calamidade acabou envolvendo também a Zinri. Ele matou a muitos e foi obrigado a tirar a própria vida. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Homicídio*.

A lei da colheita segundo a sementeira funciona rápida ou lentamente; no caso de Zinri, funcionou muito rapidamente. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Lei Moral da Colheita segundo a Sementeira*. Somos informados de que Zinri foi idôlatra ativo, imitando o infame Jeroboão. Por conseguinte, ele tinha muitos pecados a pagar, antes mesmo de ter assassinado a Elá. Jeroboão pecara e fizera Israel pecar, mas Zinri participou desses pecados. Pecar e levar outros a pecar é um pecado duplamente condenável e merece tratamento especialmente duro da parte do Senhor.

O autor sacro enfatiza que uma maldição pairava por todo o reino do norte, Israel. Houve grandes pecados coletivos, especialmente a idolatria coletiva, que requeria um julgamento geral da parte de Deus. Foi esse o sentido do *cativeiro assírio* (ver a respeito no *Dicionário*). Cf. I Reis 15.30, onde também é dito que Jeroboão foi a causa dos pecados de Israel.

16.20

Quanto aos mais atos de Zinri. Temos aqui a nota usual que encerra a história de um rei cuja vida pudemos acompanhar no relato de I Reis. Este versículo virtualmente duplica I Reis 16.5 e 14, onde as notas expositivas são oferecidas. Ver I Reis 14.19 quanto a outras notas. Temos novamente uma menção ao *Livro da História dos Reis de Israel*, que foi usado pelo autor sagrado como uma de suas fontes informativas, o que é comentado em I Reis 14.19.

A vida de Zinri como “rei” foi especialmente ridícula. Ele reinou por apenas sete dias. Seu governo começou com um assassinato e terminou com o suicídio, um horrendo preço pelos seus pecados.

Onri, Rei de Israel (I Reis 16.21-28)

Ver sobre *Onri* no *Dicionário*, quanto a um sumário sobre a sua vida e os seus atos. Ele foi um governante capaz, mas também um príncipe do mal. Esteve envolvido em longa guerra civil contra seu rival, Tibni, mas acabou sendo o vencedor. Nenhuma informação é dada sobre esse rival, quem foi e o que fez, mas supomos que Tibni tenha sido um militar pronto e ansioso para deixar-se envolver na violência. Quanto à duração da guerra civil, comparar I Reis 16.15 com I Reis 16.23. Durante os seis primeiros anos de governo, Onri reinou em Tirza, seguindo o exemplo deixado por seus antecessores. Mas foi Onri quem edificou a cidade de Samaria e transferiu a capital do reino do norte, Israel, para aquela cidade. E ali continuou a capital de Israel até o cativeiro assírio, que assinalou o fim absoluto do reino do norte. Ver o artigo sobre *Onri*, quanto ao restante da história.

16.21

A guerra civil não envolveu as nações de Israel e Judá, mas na nação do norte, Israel, houve dois reis rivais que se combateram. Israel, a nação do norte, foi dividida mais ou menos em duas partes iguais, e, se não fosse por isso, a guerra civil não teria perdurado por quatro anos (ou seis anos, conforme dizem alguns estudiosos). Nenhuma informação é dada sobre *Tibni* (ver sobre ele no *Dicionário*), exceto o nome de seu pai, que era uma pessoa desconhecida. Presume-se que ele tenha sido oficial do exército, como Zinri e Onri, que sondava as águas para ver se obteriam uma promoção a fim de tornar-se rei de Israel. Desde o começo das hostilidades, Tibni contou com o apoio de parte do exército, soldados e oficiais que não queriam Onri como rei. Portanto, a matança começou e continuou por longo tempo.

Datas. Governante parcial, *Onri* (884-880 A. C.). Governante único (880-874 A. C.). Governante parcial, *Tibni* (884-880 A. C.). Ele perdeu na guerra civil e nunca se tornou governante único. Os eruditos dão datas variadas. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Rei, Realeza*, quanto a uma lista e detalhes dos reis de Judá e de Israel, e um gráfico comparativo com os governantes circunvizinhos de nações pagãs. Ver também sobre *Israel, Reino de*.

16.22

O autor sacro passa por cima dos quatro anos de lutas pelo poder, dando-nos um relatório bem abreviado: Onri venceu; Tibni morreu (provavelmente executado, juntamente com toda a sua família). A Septuaginta, mas não o texto massorético nem a nossa versão portuguesa, apresenta uma adição no final do vs. 22: “Tibni morreu, e Jorão também, que era seu irmão, ao mesmo tempo, e Onri reinou em lugar de Tibni”. Não sabemos dizer por que o irmão de Tibni é mencionado aqui. O mais provável, porém, é que Jorão tenha sido uma espécie

de conselheiro militar do irmão, por isso sua morte chamou a atenção de todos, merecendo ser mencionada. Uma vez que Tibni foi executado, Onri uniu o reino do norte inteiro, Israel, sob a sua liderança. Cf. I Reis 16.5 e 23 quanto à duração da guerra civil que envolveu Onri e Tibni.

O Reino do Norte Unido sob Onri (16.23-28)

Com a morte de Tibni em batalha, ou com sua execução, Onri tornou-se o rei único da nação de Israel (880-874 A. C.). Terminara a massa sangrenta da guerra civil. Onri seria um rei capaz, mas também um idôlatra desavergonhado e um corruptor das boas maneiras. Ver o artigo no *Dicionário* sobre *Onri*, quanto a detalhes. À semelhança de Salomão, o homem tinha um ambicioso programa arquitetônico. Ele construiu a cidade de Samaria e mudou a capital do país para aquele lugar (ver o vs. 24). Tirza fora a capital da nação do norte por um longo tempo, pelo que essa foi uma grande mudança. Durante os primeiros seis anos de seu reinado, Onri permaneceu em Tirza. Ele construiu a nova capital em uma colina, conferindo-lhe melhores defesas. Os arqueólogos descobriram evidências que demonstram que operários especializados ajudaram a construir a nova capital. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Samaria*. Os anais do rei assírio Salmaneser II mencionam Onri em sua grandeza. Os reis assírios continuaram a referir-se a Israel como “terra da casa de Onri”, até chegar o tempo do cativeiro. A nação do norte, Israel, tornou-se uma província do império assírio, mas o povo do norte foi levado para a própria Assíria e ali espalhou-se. Nenhum remanescente voltou a Israel.

16.23

No ano trinta e um de Asa. O autor sagrado apresentava *relatos paralelos* dos reis de Judá e de Israel, e em ordem cronológica aproximada. Quanto a notas expositivas sobre esse método, ver a introdução ao capítulo 15. Tendo em mente o *modus operandi*, o autor sacro informa-nos que Onri, como rei único, começou a reinar no trigésimo primeiro ano do reinado de Asa, rei de Judá. Somente em I Reis 22.41 o autor volta a falar sobre um rei de Judá.

Durante seis anos, Onri governou a nação do norte na antiga capital, Tirza. Durante todo esse período, ou parte dele, Tibni esteve revoltado contra Onri. Finalmente, porém, Onri prevaleceu (ver o vs. 22), tendo governando por um total de doze anos, incluindo seu tempo como governante único.

A *pedra moabita* (II.4-8) nos fornece informações adicionais sobre Onri, descrevendo principalmente seu sucesso na guerra contra os vizinhos de Israel, incluindo Moabe. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Pedra Moabita*. Os anais do rei assírio Salmaneser II também dão informações adicionais mencionadas na introdução a este versículo.

Tirza foi capital da época em Jeroboão em diante, até que Onri edificou Samaria em uma colina. Ver I Reis 14.17; 15.21,33; 16.6,8,9.

No vigésimo sétimo ano do governo de Asa, Onri assumiu o papel de governante parcial de Israel (vs. 10); no ano trigésimo primeiro do governo de Asa, Onri passou a ser governante único da nação de Israel.

16.24

Dois talentos de prata. Ou seja, cerca de 68 quilos de prata, uma considerável quantia, mas não muito por um bom terreno, sobre o qual a capital da nação seria edificada. Ver no *Dicionário* sobre *Pesos e Medidas*.

E o fortificou. “A construção de Samaria mostrou discernimento político, comparável à sabedoria de Davi ao fazer de Jerusalém sua capital. A cidade de Samaria estava no alto de uma colina, cerca de 100 metros acima da planície circundante, uma posição extremamente forte para a guerra, naqueles dias... A referência aos ‘estatutos de Onri’, em Miq. 6.16, serve de outro testemunho da grandeza do homem, visto que esse versículo foi escrito considerável tempo após a morte de Onri” (Norman H. Snaith, *in loc.*).

Samaria, nome oriundo de Semer, dono do monte. Onri procurava um lugar para uma capital melhor e mais defensiva, o qual ele pudesse construir e embelezar, à semelhança do que fizera Salomão. Onri escolheu uma colina, o que facilitaria a defesa da cidade. A colina, contudo, já tinha um proprietário, chamado *Semer*, a saber, *Shomeron*, o nome hebraico do lugar. Esse nome significa “vigia” (ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Semer*). Tudo quanto sabemos sobre Semer é o que lemos neste versículo. O homem deve ter sido um súdito fiel, pois, de outra maneira, Onri simplesmente tê-lo-ia matado, juntamente com todos os seus familiares, para tomar-lhe as terras.

Ver sobre *Samaria*, no *Dicionário*, quanto a detalhes completos sobre o lugar e sua história. Ficava situada 65 quilômetros ao norte de Jerusalém, e 32 quilômetros ao norte de Tirza.

Samaria continuou como capital da nação do norte, Israel, até o cativeiro assírio, que representou o fim das dez tribos do norte.

16.25

Fez Onri o que era mau perante o Senhor. *O Príncipe do Mal.* Onri começou sua carreira como militar; tornou-se rival de Tibni, em luta de poder no norte. Obteve vitória na guerra civil; mostrou-se hábil construtor e político esperto. Mas também foi um príncipe do mal. Ele deu continuidade, com ainda mais ênfase, à idolatria que Jeroboão tinha imposto sobre a nação do norte, Israel. Onri não somente perpetuou a adoração aos bezerros de Jeroboão, mas também expediu editos e decretos obrigando os súditos a participar dessas corrupções, proibindo-os também de subir a Jerusalém para adorar no templo. Ver Miq. 6.16 e as notas ali existentes. O filho mais notável de Onri, Acabe, casou com a péssima Jezabel, sobre a qual qualquer criança da Escola Dominical está informada. Lembremos de Onri como o homem que baixou decretos favorecendo a idolatria, o que o classificava como o principal pecador de sua geração.

Onri foi o mais forte dos governantes de Israel, nação do norte, desde os tempos de Jeroboão. Infelizmente, contudo, foi igualmente poderoso na depravação. Ele se envolveu em uma endurecida e sem esperança apostasia.

16.26

Andou em todos os caminhos de Jeroboão. *Pelo lado moral e espiritual,* Onri fez de Jeroboão exemplo. Ele não poderia ter escolhido pior modelo. Continuou a proibir peregrinações às três festividades anuais em Jerusalém e a adoração no templo. Expediu decretos ameaçadores contra essas práticas e reforçou a idolatria no país.

A *força do exemplo* é algo muito poderoso, sem importar se o exemplo é positivo ou negativo. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Exemplo*. Um pai deve a seu filho *três coisas*: exemplo, exemplo, exemplo.

O autor sagrado passa de leve sobre a política e sobre as realizações civis e militares de Onri. Aprendemos a respeito dessas coisas nos registros seculares dos inimigos de Israel (Moabe e Assíria). Ver sobre eles nas notas expositivas dos vss. 22 e 23 deste capítulo. O autor sacro preferiu demorar-se sobre os pecados de Onri. Para ele, o que acontecia no terreno moral e espiritual foi o verdadeiro teste de seu caráter. Nessas áreas, ele foi o *pior* dos reis de Israel e, para Onri, ser o pior entre os maus parecia coisa fácil. Ele foi o fundador da *quarta dinastia* de Israel e transmitiu seu mau exemplo ao infame filho, Acabe.

16.27

Quanto aos mais atos de Onri. Este versículo apresenta a nota costumeira com o qual o autor sagrado punha fim às histórias dos reis. É idêntica às de I Reis 16.5,14,20, cujas notas expositivas também se aplicam aqui. A começar por Jeroboão, dezoito dos vinte reis de Israel já teriam tido suas histórias registradas no Livro dos Reis de Israel, uma das fontes informativas do autor sagrado. Ver as notas sobre I Reis 14.19 quanto a maiores detalhes. Ver também 11.41 (último parágrafo) e 15.31.

16.28

Onri descansou com seus pais. Temos aqui a costumeira nota de obituário que o autor usa para encerrar as histórias dos reis, agora aplicada a Onri. Ver as notas expositivas sobre o vs. 6. Ver também I Reis 1.21 quanto a notas sobre outros elementos. Cf. I Reis 2.10; 14.20,31; 15.8,24; 16.6,8,28 e 22.40,50.

Acabe, seu filho, reinou em seu lugar. Algumas vezes há um filho verdadeiramente grande de um pai verdadeiramente grande. Mas Acabe foi um filho verdadeiramente mau de um pai verdadeiramente mau (ver o vs. 30). O que já era mau se tornaria ainda pior. Acabe encontraria novas maneiras de praticar iniquidades, e se casaria com aquela horrenda mulher estrangeira, Jezabel. Elias, porém, haveria de enfrentá-los e, finalmente, prevaleceria.

A *história de Acabe* foi longamente contada, estendendo-se a I Reis 22.40, onde, finalmente, o autor sagrado volta a descrever um rei de Judá.

Acabe, Rei de Israel (16.29 – 22.40)

Elias, o Profeta (16.29-34)

A *notícia formal de subida ao trono* é constituída pelos vss. 29-30. Então ocorre a inevitável notícia de obituário, em I Reis 22.39,40. Entre essas duas notas, temos a longa história dos atos miseráveis de Acabe, e de como Elias, o profeta, se opôs a ele e à sua incrivelmente ímpia esposa, Jezabel. Os nomes Acabe e Jezabel tornaram-se proverbiais quanto à corrupção desarrazoada e à estúpida violência dos homens.

16.29

Relatos Paralelos e Cronológicos dos Reis. O plano do autor foi apresentar as histórias dos reis de Israel e Judá em relatos paralelos, indo de um reino para outro, segundo uma ordem cronológica aproximada. Ele não listou todos os reis

de Israel para descrevê-los, passando depois aos reis de Judá e sua descrição. Antes, alternava entre o norte e o sul. Acabe agora ocupa a sua atenção, e o autor só retornará a outro rei de Judá em I Reis 22.41.

Em consonância com seu método de relatórios paralelos, somos agora informados de que Acabe começou a reinar em Israel quando Asa, rei de Judá, estava em seu *trigésimo oitavo ano de governo*. O *ímpro rei Acabe* ainda teria muitos anos para dar vazão às suas corrupções, reinando por nada menos de vinte e dois anos. Onri tinha feito Samaria capital de Israel (ver I Reis 16.24), e seu filho, Acabe, preservou o lugar como capital. De fato, Samaria continuou sendo a principal cidade da nação do norte, Israel, até o cativeiro assírio, em 722 A. C. Jeroboão também reinou por vinte e dois anos (ver I Reis 14.20).

Datas. O governo de Acabe foi de cerca de 874 A. C. a 853 A. C. Mas os eruditos variam um pouco no tocante a essas datas. Ver no *Dicionário* o verbete *Acabe*, onde há detalhes completo sobre sua vida e seus atos.

16.30

Estabelecendo o Recorde. À primeira vista, ninguém conseguiria ultrapassar a impiedade de Onri (vs. 25), mas de alguma maneira Acabe realizou o feito. Ele trouxe um virtual dilúvio de pecados, e seus maus feitos foram complicados e destacados pelo fato de que Elias, o profeta, homem de Deus, foi levantado para opor-se a ele. Contudo, ao invés de fazer o que Elias dizia, Acabe perseguiu esse homem e, não fora a graça de Deus, tê-lo-ia executado. Acabe também levou Israel a mergulhar em uma idolatria cada vez mais profunda, como tinha feito seu pai (ver o vs. 19). De fato, sob a liderança de Acabe, Israel tornou-se apenas mais uma nação pagã e idólatra, com alguns poucos protestantes escondendo-se no meio da tempestade.

“Quanto à larga escala social, o pecado com frequência tem os aspectos de um dilúvio. Maus pensamentos e práticas continuam caindo como uma chuva negra nas colinas da mente humana... E as represas da restrição cedem caminho” (Ralph W. Sockman, *in loc.*).

16.31

E foi, serviu a Baal, e o adorou. Acabe Levou a Idolatria a Sério. Ele continuou a promover a apostasia, incluindo a adoração aos bezerros promovida por Jeroboão (ver I Reis 12.28,39). Mas essa idolatria era pouca para Acabe, pelo que iniciou práticas idólatras ainda mais pesadas. Casou-se com a escandalosa Jezabel, filha de Etbaal, rei dos sidônios, e começou a praticar a adoração a Baal. Com isso, Acabe fez Israel mergulhar no mais profundo paganismo, sem nenhuma pretensão de preservar o yahwismo.

Etbaal era um rei-sacerdote pagão; e o casamento de Acabe com a filha dele, Jezabel, jamais seria aprovado pela lei mosaica. Josefo (*Contra Apion*, 1.18.8) chamou o pai de Jezabel de Itobal I. De acordo com Josefo, ele era sacerdote de Astarte. Com a idade de 36 anos, assassinou o fraticida Feles, e então reinou por trinta e dois anos. Segundo Josefo, a neta desse homem fugiu do reino e edificou Cartago, ao norte da África. Jezabel tinha especial zelo pelo culto de Tiro, um reflexo do treinamento doméstico recebido de seu pai, o qual, além de ser rei, era também sumo sacerdote desse culto. Jezabel, pois, mostrava-se devota e patriótica, defendendo os costumes e o culto de sua nação. Israel era um lugar estrangeiro para Jezabel, e ela transformou Israel em um lugar estrangeiro para Yahweh.

Quanto a detalhes, ver no *Dicionário* os artigos chamados *Jezabel*, *Etbaal* e *Sidom*. Também chamamos os sidônios de *fenícios*, título que merece um artigo separado no *Dicionário*. Tiro era a capital dos fenícios. Tanto Tiro quanto Sidom pertenciam a um único rei.

“Jezabel não era apenas mais uma mulher idólatra; era uma mulher de moral ímunda e foi transformada em emblema da prostituta de Roma (Apo. 2.20)” (John Gill, *in loc.*).

“O casamento de Acabe com Jezabel foi, evidentemente, o ponto fatal na vida de um homem que era fisicamente corajoso e talvez até um hábil governante, mas moralmente fraco” (Ellicott, *in loc.*). Mas, sob nenhuma circunstância, Jezabel permitiu que ele fizesse o que era direito. Ela dominava Acabe de modo absoluto.

16.32

Uma Idolatria Ativa. Sem dúvida foi Jezabel quem encorajou Acabe a erigir um altar para Baal, ali mesmo, em Samaria, a capital do reino do norte, Israel. Mas podemos ter certeza de que ele era um homem mau por sua própria iniciativa. Ele foi infectado por um zelo corrompido. Nem mesmo fingia estar seguindo as formas de adoração tradicionais próprias do yahwismo.

“O deus de Jezabel era Baal-Melcarte, o deus tutelar de Tiro, cuja adoração foi parcialmente assimilada pela de Baal dos textos de Ras Shamra, e que, em anos posteriores, foi identificado com Hércules (II Macabeus 4.19)” (Normal H. Snaith, *in loc.*). Quanto a detalhes, ver no *Dicionário* o verbete chamado *Baal* (*Baalismo*) e, depois desse artigo, várias combinações com Baal, como *Baal-Berite*, *Baal-Gade*, quanto a coisas que foram nomeadas com base nessa divindade.

de. Até mesmo nomes em Israel incorporavam essa expressão, conforme demonstra a lista de artigos.

O termo *Baal* significa “Senhor”, a tradução normal que é dada a *Yahweh*, embora este nome divino signifique o *Eterno*. Dessa maneira, o *Senhor* foi substituído por um mero *senhor*. A maior parte dos cultos cananeus tinha alguma forma de culto a Baal, em mistura com outros cultos, perfazendo uma horrenda salada de iniquidade.

Levantou um altar a Baal. Não devemos compreender aqui um altar construído ao ar livre. Acabe edificou um *templo*, e nele instalou um altar pagão com seus horríveis ritos.

16.33

Também Acabe fez um poste-ídolo. *Acabe incorporou* a adoração típica dos lugares altos (ver a respeito no *Dicionário*) e seus bosques. Mas a maioria dos eruditos vê aqui os postes sagrados, os *postes-ídolos* (ver I Reis 14.15,23; 15.13, quanto a notas expositivas). Esses postes-ídolos eram, provavelmente, símbolos fálicos, e isso implica cultos de fertilidade de alguma espécie. Eram postos, de pé, em torno dos altares sagrados.

Os *postes-ídolos* usualmente continham imagens esculpidas, provavelmente em sua maioria divindades femininas usadas nos cultos de fertilidade. Na adoração a Baal, os postes-ídolos faziam com que os participantes do culto relembassem suas consorte femininas, sua “esposa” ou “esposas”.

O culto de Acabe provocava ira à *Yahweh-Elohim*, isto é, ao Deus Eterno e Todo-poderoso. A expressão *ira* era aplicada a Deus como exemplo de *antropomorfismo* e *antropopatismo*. Os homens conferem a Deus seus próprios atributos e emoções, formando uma representação Dele bastante fraca e parcial. Ver no *Dicionário* sobre os dois termos. Ver também os artigos chamados *Mysterium Fascinorum* e *Mysterium Tremendum*, quanto à natureza transcendental de Deus e ao mistério que O circunda. Os homens precisam recorrer a suas próprias experiências para descrever as coisas, incluindo o Ser divino. As experiências místicas comunicam à alma uma mensagem superior acerca de Deus, mas elas são com frequência inefáveis e não levam à formação de conceitos. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Misticismo*.

A ira de *Yahweh* preparava uma resposta a essas ações. A vida de Acabe teria um horrendo desfecho. Em sua suprema maldade, ele ultrapassou a todos os outros reis de Israel, incluindo seu pai, Onri, embora isso fosse quase impossível. Acabe, pois, fez o impossível. Ver I Reis 16.25 quanto ao fato de que Onri, até aquele tempo, fora o pior rei de Israel. E o filho de Onri, tendo tão bom professor, ultrapassou o pai e desceu a iniquidades ainda mais profundas.

“Suas idolatrias eram mais abertas e mais desavergonhadas; sem nenhuma desculpa; sem nenhum fingimento; e foram também mais numerosas” (John Gill, *in loc.*).

16.34

Desobediência e Tragédia. A cidade de *Jericó* havia sido destruída por Josué, quando Israel entrou na Terra Prometida. Um decreto divino proibia sua reconstrução, especialmente diante do fato de que ela havia sido assolada por intervenção divina. Uma *maldição* foi imposta a qualquer um que ousasse reedificar a cidade. Ver Jos. 6.26. Essa maldição incluía a ameaça de que o construtor perderia *dois filhos*. Como esses filhos se perderiam, não ficou explicado; apenas sabemos que isso seria um julgamento contra o rebelde que ignorasse o decreto. Hiel, o homem rebelde, perdeu o primogênito e também o filho mais novo. Alguns eruditos supõem que Hiel tenha sacrificado os dois filhos sobre o altar de Baal, o cúmulo da blasfêmia. Ou talvez um ato trágico de sorte os tenha atingido, algum acidente ou enfermidade, de modo que morreram prematuramente, por causa da insensatez do pai.

Por que o autor mencionou tal evento neste ponto de seu relato?

1. Por ter sido um *muito notável cumprimento* da profecia dada no tempo de Acabe, e o autor sagrado não pôde deixar a questão fora de sua narrativa. A profecia teve cumprimento cerca de 700 anos após haver sido proferida!
2. Por ter sido um dos notáveis exemplos de *grande iniquidade*, em que Acabe era especialista. Hiel, pois, desempenhou seu papel ao agravar os males dos dias de Acabe.
3. Porque o autor sacro estava aproximando-se, em seu relato, do *cativeiro assírio*, e convém que relembremos todos os atos terríveis ocorridos na nação do norte, Israel, que tornaram possível aquele acontecimento.

Sepultamentos sob Alicerces. Isso era feito em honra a divindades pagãs e devido a uma crassa superstição. As pessoas eram sepultadas nos alicerces de edifícios para, presumivelmente, dar maior sustentação às construções, aumentando também a bênção divina por causa desses sacrifícios supremos. É possível que os dois filhos de Hiel tenham sido submetidos a tal abuso. As descobertas arqueológicas ilustram esse costume, como no caso dos três esqueletos encon-

trados nos alicerces de Bezer. Um dos esqueletos era de um jovem, e os dois outros de homens mais velhos. (R. A. S. Macalister, *The Excavation of Gezer*). Parte dessa superstição era que as almas de tais pessoas se tornavam guardas do portão da cidade, provendo-lhe proteção. Grande é a depravação do coração humano, que é cheio de toda espécie de vãs imaginações!

Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Jericó*. Reconstruída, Jericó continuou a ter uma história subsequente importante, por longo tempo, e até hoje existe.

Capítulo Dezessete

A Alimentação Miraculosa de Elias (17.1-24)

De súbito, Elias é apresentado aos leitores. Contra os costumes dos hebreus, nenhuma genealogia de Elias foi dada, o que também aconteceu no caso de Jó. Alguns críticos pensam que tais personagens (sem nenhum registro genealógico) eram fictícias, de histórias românticas. Mas não há razão para duvidarmos da existência real do grande profeta Elias, sobre quem toda a tradição hebréia fala e confirma. Parte de sua missão foi fazer oposição ao terrível rei Acabe e à mais terrível ainda rainha Jezabel. Ele teria de cumprir uma tarefa difícil, *sozinho*, embora houvesse 7.000 homens que não tinham dobrado os joelhos diante de Baal. Mas esses estavam escondidos, temendo por suas vidas (ver I Reis 19.18).

Ver no *Dicionário* o artigo detalhado chamado *Milagres*. Elias não poderia ter cumprido sua missão sem o concurso poderoso dos milagres que ocorriam ocasionalmente em sua vida, em momentos de crise.

Parte da história de Elias envolveu aqueles normalmente vorazes e comilões corvos que tomaram sobre si mesmos a tarefa de alimentar o profeta. Esse foi um acontecimento miraculoso! Houve ainda outros milagres associados à vida de Elias. Ver no *Dicionário* o artigo sobre *Elias*, quanto a detalhes completos.

Elias foi o instrumento de Yahweh para tentar fazer a nação de Israel voltar-se para o yahwismo e assim evitar o cativeiro assírio, que já se aproximava. Desastres intermediários também aconteceriam e a síndrome do pecado-calamidade continuaria a dominar a história de Israel. A história de Elias, vinculada à de Acabe, é a narrativa mais longa do livro de I Reis.

17.1

Então Elias, o tesbita. O nome desse profeta é composto por dois nomes divinos: *El* e *Yah*. O primeiro significa “poder”; e o segundo é uma abreviação de *Yahweh* (o Deus eterno). Obtém-se assim a idéia de Deus Eterno e Todo-poderoso. Deus era a força por trás de Elias, bem como o mentor de sua missão. O próprio nome de Elias era uma espécie de proclamação de sua mensagem. Sua tarefa era restaurar o yahwismo e pôr fim à adoração a Baal. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Deus, Nomes Bíblicos de*.

Tesbita. Essa referência poderia ser a uma cidade em Naftali (Tobias 1.2), conforme a indicação do texto massorético. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Massora* (*Massorah*); *Texto Massorético*. A maioria dos eruditos, porém, segue aqui a Septuaginta, que faz o lugar pertencer a Gileade. Quanto a detalhes, ver no *Dicionário* o artigo chamado *Tisbe*. Mas ninguém tem mesmo certeza de onde se localizava essa cidade.

Conspicua por sua ausência é a genealogia de Elias, tão importante para os hebreus. Ver os comentários sobre isso na introdução ao presente capítulo.

A Seca. A seca é uma das armas de *Yahweh* para punir um povo desviado. A natureza volta-se contra os homens rebeldes. *Yahweh-Elohim* proclamava, através de Seu profeta, que o castigo da seca já estava a caminho e perduraria por três anos (I Reis 18.1), tempo suficiente para espalhar uma fome generalizada, enfermidades e morte. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Seca*.

Josefo (*Antiq.* VIII.13.2) informa-nos que Menandro falou de um ano inteiro de seca no tempo de Etbaal, pai de Jezabel, mas, supostamente, as orações daquele homem trouxeram novamente a chuva. Bem pelo contrário, eram as orações de Elias que tinham esse poder. Portanto, as orações de Elias fizeram as chuvas cessar e, três anos e meio mais tarde, trouxeram-nas de volta. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Oração*.

17.2,3

Elias foi inspirado pelo Ser divino, provavelmente por meio de sonhos, visões e voz direta. Nessa inspiração, Ele recebeu a *palavra* de *Yahweh*, a qual ele deveria transmitir a outros. Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Inspiração*; *Revelação*; *Sonhos*; e *Visão* (*Visões*). Ver também sobre *Misticismo*, aquela coisa divino em nossa vida, através do Espírito de Deus. A primeira mensagem dada foi pessoal: Elias teve de ocultar-se porque Acabe e Jezabel tentaram executá-lo, por causa de sua *maldição*, na profecia sobre a seca. Durante esse período de fuga, Elias aprenderia algumas lições vitais sobre a proteção e

o poder de Yahweh. Essas lições seriam importantes em sua continuidade como profeta e para o seu sucesso em sua missão.

Torrente de Querite. As tradições equiparam essa torrente com o wadi el-Kelt, o tradicional vale de Acor, próximo a Jericó, mas o texto do Antigo Testamento colocam-na definitivamente a leste do rio Jordão. Ver sobre o termo no *Dicionário*, quanto a uma discussão a respeito. Talvez esteja em foco o wadi Yabis, mas na verdade não há como obter certeza de sua localização.

Elias começaria a ser caçado como um animal (ver I Reis 18.10). Era necessário templo para planejar o ataque contra o baalismo. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Baal (Baalismo)*.

17.4

Provisão Alimentar para o Profeta. A torrente de Querite forneceria água para Elias, e os corvos trariam todos os dias o seu suprimento alimentar. A torrente era natural, mas notoriamente corvos vorazes não haveriam de querer compartilhar alimento com o profeta, a menos que fossem especificamente orientados por Yahweh. Portanto, esse aspecto da questão envolvia uma intervenção divina. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Providência de Deus*.

"Existe Alguém também presente, o qual é 'poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos, conforme o seu poder que opera em nós' (Efé. 3.20). O Deus vivo, em Seu universo vivo, tem alcance de atividade acima da nossa, mais ou menos como as nuances das cores excedem o alcance da nossa visão. Mas nossos olhos podem entrever as cores do espectro" (Ralph W. Sockman, *in loc.*).

Modificações Racionalistas. Os que têm muita dificuldade em acreditar que corvos alimentariam alguém além deles mesmos, transformam-nos em comerciantes árabes, lendo aqui, no original hebraico, *arabhim*, em lugar de *orebhim*. Mas essa mudança não é apoiada pelo hebraico nem pela própria narrativa bíblica. Há uma série inteira de histórias maravilhosas contadas sobre Elias e seus poderes. Os corvos são apenas o início.

17.5,6

Elias fez o que Yahweh lhe ordenara diretamente, obedecendo ao mandamento do vs. 3. E os corvos fizeram o que Yahweh lhes ordenara, oferecendo suprimento alimentar suficiente para o profeta, o que é antecipado no vs. 4. Os detalhes dados na exposição dos vss. 3-4, assim sendo, aplicam-se também aos vss. 5-6.

Ele tinha alimentos para o jejum e para a ceia, as duas principais refeições então em uso. As tradições judaicas (ver *Talmude Bab. Sanhedrin*, fol. 113.1), pitorescamente, mas sem dúvida de forma insensata, dizem-nos que os corvos furtavam pão e carne da mesa de Acabe e traziam para Elias! Mas alguns falam que o alimento vinha da mesa de Josafá, ou das mesas daqueles 7.000 homens piedosos que estavam escondidos. Se essas aves de rapina traziam carne, esperamos que fosse fresca!

Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Milagres* quanto a uma defesa da idéia de que isso realmente pode acontecer. Isso não significa que tudo quanto é chamado de miraculoso realmente o é, ou que a fraude não pode entrar no quadro para confundir as coisas.

Os corvos *chegam a negligenciar* seus filhotes (ver Jó 38.41), mostrando-se desavergonhados e excessivamente gananciosos com o alimento disponível. Naquela ocasião, porém, mostraram-se altruístas. Aconteceu algo muito incomum.

O corvo, de acordo com a legislação mosaica, era uma ave imunda, imprópria para transportar alimentos (os quais seriam contaminados pelo toque do pássaro). Mas, no caso de Elias, o milagre de Yahweh ignorava tais refinamentos da lei cerimonial.

Thomas L. Constable (*in loc.*) sugeriu que os corvos traziam uma dieta boa e variada: frutinhas, castanhas e ovos. Mas não diz onde eles obtinham o pão. Eles devem ter tirado o pão da mesa de alguém. Talvez devamos entender "pão" no lugar "alimentos" gerais, o que é perfeitamente possível.

17.7

Passados dias, a torrente secou. O fim do Suprimento de Água. A torrente era um wadi, palavra árabe que indica uma corrente de água que só é ativada em tempos chuvosos e quando a neve se derrete. Mas quando chegava a estação seca, o wadi se secava. Foi isso o que aconteceu no caso presente. O fim daquele suprimento exigia, pois, uma mudança. Algumas vezes é o que sucede em nossa vida. Há o fim de uma coisa para que haja o começo de outra. John Dewey (o filósofo pragmático, que foi o professor de um de meus professores) falava em finalidades como *instrumentais*. Os fins tornam-se começos de novas manifestações. Não existem, realmente, coisas como fins. Os fins são apenas instrumentos de novos empreendimentos, de novos estágios. A torrente secou, fazendo o profeta mudar-se para outro lugar. Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

A seca foi a causa do esvaziamento da torrente. Aquilo foi um mal, mas poderia operar o bem. Todos os julgamentos divinos são remediais, até mesmo para os perdidos. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Julgamento de Deus dos Homens Perdidos*.

Através da maneira incomum de nutrir fisicamente o profeta, Deus também estava nutrindo a fé de Elias, para feitos posteriores de força espiritual. Ele também haveria de miraculosamente prover alimentos para outras pessoas, conforme a história continua a contar-nos. Foi assim que Yahweh preparava o profeta para o grande espetáculo do monte Carmelo.

A seca serviu de testemunho divino contra homens ímpios e sua idolatria (ver Deu. 11.16,17).

17.8,9

A primeira etapa foi eliminada pela falta de água. Portanto, houve uma nova etapa pela qual Elias deveria caminhar. Novamente veio a Elias a palavra do Senhor, conferindo-lhe orientação exata e específica. Cf. o vs. 2. Um dos milagres deveria ser seguido por outro, porquanto Elias caminhava no Espírito. Havia uma *pessoa especial* esperando por ele em um *lugar especial*. A circunstância proveria novos suprimentos, tanto para essa pessoa quanto para o profeta, e o total seria controlado pelo poder de Deus.

Vai a Sarepta. Ver no *Dicionário* acerca desse lugar, onde o poder de Deus haveria de manifestar-se. Esse local é comumente identificado com a aldeia moderna de Sarafand, cerca de 14,5 quilômetros ao sul de Sidom, na costa do mar Mediterrâneo. Isso pôs Elias em território estrangeiro, onde ele estaria em segurança e poderia formular o plano em oposição a Acabe e à sua horrenda esposa, Jezabel. Sarepta fazia parte das terras do pai de Jezabel (I Reis 16.31). Cf. Luc. 4.26. Jerônimo diz-nos que o lugar ficava em uma estrada que corria ao longo da costa marítima, de Tiro a Sidom.

Uma mulher viúva. As viúvas geralmente não se encontram em boa situação financeira, e isso era especialmente verdadeiro naqueles tempos antigos. Portanto, Yahweh colocou Elias em circunstâncias desesperadoras, nas quais, do ponto de vista humano, não poderia haver suprimento para ele e para a viúva. Em meio à necessidade, Yahweh providenciaria a *abundância*. A viúva sustentaria o profeta, mas, na verdade, Deus haveria de suprir o necessário para eles, por meio de outro milagre, tal como o dos corvos. A seca, que estancara as fontes de água, trouxera a fome. O alimento era agora escasso, mas o suprimento divino trazia abundância, a despeito das circunstâncias tão adversas. A fome estendera-se até Sidom, mas a graça de Deus seria abundante até mesmo ali.

17.10-12

Coincidência? Haverá tal coisa como a sorte? Ver no *Dicionário* o artigo detalhado chamado *Sorte*.

Elias foi para Sarepta, e bem no *portão da cidade* encontrou a viúva que juntava gravetos para fazer fogo para cozinhar. Elias, pois, fez sua primeira exigência. Ele queria água, e isso ela foi capaz de prover-lhe. Quando ela estava indo buscar água, ele a chamou para pedir-lhe pão (vs. 11). Ora, *isso* ela não tinha. Bem, ela não tinha nem pães nem bolos, mas tinha um pouco de farinha de trigo e de azeite, os quais guardava em uma botija. Isso era o suficiente para preparar um único bolo, e o profeta exigiu que ela o servisse primeiro.

As Necessidades da Viúva Eram Grandes. Ela tinha um filho pequeno, cuja sobrevivência dependia de sua energia e engenhosidade. As coisas chegaram a tal ponto que a viúva imaginou ser aquela a sua *última refeição*. Eles comeriam aquilo e morreriam (ver o vs. 12). Um milagre estava prestes a aliviar seu desespero, e viúva aprenderia uma grande lição espiritual de toda aquela experiência.

Tão certo como vive o Senhor teu Deus. A viúva reconheceu Elias como um israelita, e assim afirmou, no nome de Yahweh-Elohim (o Deus Eterno e Todo-poderoso) que ela estava, verdadeiramente, em condição de desespero, e não poderia ajudá-lo muito. Alguns pensam que ela, sendo fenícia, seguia a fé dos hebreus, mas isso parece ser um exagero do texto. Seja como for, para ela Yahweh estava vivo, era um "Deus" digno de ser seguido e de quem ela poderia depender.

17.13

Mas primeiro faz dele para mim um bolo pequeno. *Esperando Demais?* O filho da viúva já estava quase moribundo de fome, mas o profeta exigiu sua refeição *em primeiro lugar!* Certamente isso era esperar demais. Mas com Elias havia um grande poder que daria solução a toda a situação, de maneira miraculosa. A viúva precisava de um milagre naquele momento. Ela era um vaso escolhido para participar daquela manifestação divina e tinha de aprender a confiar Naquele cujo nome ela havia usado (talvez) levemente. Isso abriria

uma nova vida para ela. Abrão deixou seu lar paterno e dirigiu-se a um país desconhecido. Ele receberia um novo nome, mas não sabia onde este lhe seria dado. Foi preciso *fé* para atirar-se à aventura. Assim também a viúva precisou de *fé* para ouvir Elias e obedecer aos seus mandamentos. A mulher estava sendo testada para valer. Ela teve de passar no teste, para que o poder divino descesse sobre ela.

Certamente tudo isso submetia a teste a *fé* da viúva de uma maneira extraordinária. Dar a um estranho o que seu filho faminto estava precisando requeria graça especial. Parece ser algo demais para esperar.

17.14

Porque assim diz o Senhor Deus de Israel. A Promessa Divina. A promessa feita pelo Senhor foi maior que os temores e as necessidades da viúva. Por trás dessa promessa, dando-lhe *eficácia*, estava o Deus Vivo, aquele *Yahweh-Elohim* por quem a mulher havia jurado (ver vs. 12). Elias disse que *Yahweh* “tinha falado”, pelo que presumimos que ele tenha recebido naquele momento algum tipo de mensagem franca ou intuitiva, e soubesse que as coisas funcionariam corretamente, conforme o Senhor havia dito.

Algo Estupendo. O azeite e a farinha de trigo foram usados por muitas e muitas vezes. Mas quando a viúva procurava na botija por mais farinha e azeite, sempre havia a mesma quantidade. Isso pode ser comparado ao milagre da multiplicação dos pães e dos peixes (Mat. 14). Esse milagre prosseguiria enquanto não houvesse chuva ou suprimento alimentar natural para a viúva. *Em outras palavras, perduraria enquanto ela dele precisasse.* Este foi um exemplo notável da *Providência de Deus* (ver a respeito no *Dicionário*) e também uma prova do *teísmo* (ver também no *Dicionário*). Deus é um Deus pessoal que não somente criou, mas também está presente na criação, recompensando, punindo e intervindo na história.

17.15

Foi ela, e fez segundo a palavra de Elias. O Grande Ato de Fé. A mulher acreditou na afirmação do profeta de Deus. Em primeiro lugar, ela o serviu, e eis que o milagre continuou operando. Ela, seu filho e Elias tinham abundância de alimentos. É maravilhoso quando os milagres continuam ocorrendo!

Muitos dias. Talvez por um ou dois anos. A fome, incansável, continuava. Mas o suprimento de farinha de trigo e azeite também tinha prosseguido.

*Deus move-se de maneiras misteriosas
Para realizar Suas maravilhas.*

(William Cowper)

Jesus disse: “Portanto, não vos inquieteis com o dia de amanhã” (Mat. 6.34), mas dificilmente alguém aceitaria esse conselho. Vemos um milagre e logo cai-mos na incredulidade, porque outro milagre, que esperamos, demora a ocorrer. Precisamos da visão mais longa sobre o Reino de Deus, sendo Ele a fonte de toda a nossa saúde e riqueza. “Um milagre é um evento que a compreensão humana ainda não atingiu. Não é a interrupção de uma lei, mas a operação de uma lei que a razão humana ainda não explorou” (Ralph W. Sockman, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Milagres*.

17.16

Da panela a farinha não se acabou, e da botija o azeite não faltou. *Perpetuidade.* Mais e mais da farinha foi sendo usado; por muitas e muitas vezes o azeite foi sendo usado; e por muitas e muitas vezes ambos foram multiplicados miraculosamente. Esse milagre tornou-se uma *rotina*, acredite se puder. Mas não devemos esquecer que estamos falando de *Elias*, que vivia com um pé no outro mundo, onde toda a espécie de eventos estupendos poderia acontecer. Há poucas pessoas que pertencem a essa categoria, espalhadas pela história humana. A *palavra de Yahweh* estava operando em Elias. O que ele dizia, acontecia.

Uma de minhas fontes informativas conta a história de um ministro que precisava desesperadamente de mil dólares. Portanto, pôs-se a orar. No dia seguinte, chegou pelo correio um cheque na importância exata de mil dólares. Coisas assim nos deixam admirados, mas isso era rotineiro para Elias. Nós, naturalmente, devemos-nos resguardar contra uma *fé* religiosa de “imediato retorno”. Queremos as coisas “agora mesmo”, e assim duvidamos do poder da oração quando ela não é instantaneamente respondida. Precisamos de uma visão espiritual de longa perspectiva. Há uma vida espiritual diária a ser vivida. Milagres acontecem ocasi-

onalmente, quando necessário. De outro modo, seríamos forçados a resolver os nossos próprios problemas.

“Esperamos por retornos rápidos da religião, e mostramo-nos impacientes com investimentos a longo termo. Aqueles que jogam com Deus usualmente perdem a *fé*, ou então começam a negociar com dinheiro falsificado. Mas as almas devotas põem sua energia em empreendimentos piedosos e em um serviço sacrificial, buscando orientação. Elas nunca se sentem enganadas no fim” (Ralph W. Sockman, *in loc.*).

“... o grande poder de Deus, operando um milagre contínuo, tal como os pães e os peixes que foram *multiplicados*, enquanto os discípulos comiam.” (ver Mat. 14.19,20. John Gill, *in loc.*).

O Novo Julgamento (17.17-24)

17.17

As Coisas Corriam Bem. A mulher, seu filho e Elias estavam bem alimentados, no meio da seca e da fome. Mas então aconteceu inesperada calamidade. O filho da viúva ficou muito doente e morreu. O poder de Deus seria suficiente para essa nova crise? Creio que a *fé* de Elias não se abalou. O Deus que fora suficiente para a primeira crise seria suficiente também para a segunda. O poder miraculoso opera de todas as maneiras. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Milagres*.

Qualquer pai ou mãe sabe o que significa agonizar ao lado do leito de um filho doente. Alguns sabem o que é ver uma preciosa criança falecer! Oh, Senhor, livra-nos de tal calamidade! A viúva observou quando o estado de saúde de seu filho pequeno piorou. Viu-o morrer. Onde estava *Yahweh*? Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Problema do Mal*, que aborda a questão de por que os homens sofrem, e por que sofrem da maneira como sofrem.

Morte de Crianças. Teólogos e filósofos ficam perplexos diante da morte infantil. Por que Deus se mostra tão precipitado? Por que a criança que morreu não teve tempo de viver e cumprir uma missão? Por que todo aquele sofrimento? Que dizer sobre a alma da criança pequena que morre? Quanto a algumas respostas a essas indagações, ver o artigo no *Dicionário* chamado *Infantes, Morte e Salvação dos*. E ver também as notas na introdução a II Sam. 11.2. Três problemas teológicos são comentados: 1. o problema do mal; 2. a morte de crianças; 3. que dizer sobre a alma de tais crianças? Essas notas expositivas fornecem muito material ilustrativo sobre o presente texto.

As tradições judaicas fazem dessa mulher a mãe de Jonas, o menino referido no texto (*Pirke Eliezer*, cap. 33), mas isso é provavelmente uma fantasia.

17.18

Em sua agonia, a mulher entristeceu-se porque o profeta tinha achado o caminho para a sua casa. Por que ela teve de alimentá-lo? Por que ele não continuou seu caminho, sem nunca se ter encontrado com ela? Era claro para ela que Elias havia trazido consigo o onisciente *Yahweh*, o qual havia descoberto algum “pecado secreto”, que causara a morte da. Talvez a mulher tivesse algum pecado particular oculto. Ou talvez quisesse dizer que *Yahweh* (estando presente com Elias) descobrira algum pecado do qual ela não tinha consciência, e, desgosto, enviara punição através da morte da criança.

Vieste a mim para trazeres à memória a minha iniquidade, e matares a meu filho? A expressão hebraica por trás dessas palavras fala em *interferência* indesejável, ou seja, uma “interferência externa” que deveria ter-se ocupado de seus próprios negócios, em lugar de envolver-se na vida alheia.

“Tão primitiva idéia de Deus, como alguém que esteja procurando pecados inconscientes ou há muito esquecidos, fervoroso no trato de estritas penalidades, está longe de ser morta hoje em dia” (Norman H. Snaith, *in ioc.*). Cf. João 9.2,3.

“É principalmente em tempos de adversidade que consideramos devidamente nosso estado moral; as aflições externas com frequência produzem profunda sondagem do coração” (Adam Clarke, *in loc.*).

Deus, porém, não é um despota cheio de caprichos. Seu amor domina tudo, e até Seus julgamentos são dedos da Sua mão amorosa. Ver sobre *Amor* no *Dicionário*. Até mesmo o julgamento dos perdidos tem por intenção curar e restaurar (embora não torná-los eleitos). Ver no *Dicionário* os artigos *Julgamento de Deus dos Homens Perdidos* e *Mistério da Vontade de Deus*.

17.19

A Restauração. Os vss. 19 ss. relatam a história dramática de uma ressurreição. A história tem algumas (poucas) histórias válidas de ressurreições. É verdade que um homem morto algumas vezes pode voltar à vida, ou porque ainda não

é chegado o seu tempo, ou por causa da intervenção direta de Deus. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Experiências Perto da Morte*.

*Este é o mundo de meu Pai,
Oh, que eu nunca me esqueça
Que o erro pareça por tantas vezes tão forte,
Deus continua sendo o governante.*

(De um hino de Maltbie D. Babcock)

E o levou para cima, ao quarto. Ou seja, para o andar de cima, que ficava perto do telhado, a parte mais fresca da casa. Provavelmente, uma escada externa conduzia ao aposento. Talvez fosse ali o dormitório do profeta, e seria ali que Yahweh interviria e restauraria a vida do menino.

“... ou ele o carregou para cima, para estar sozinho e gozar de maior liberdade de ação, tanto em suas expressões como em seus gestos” (John Gill, *in loc.*).

17.20

Então clamou ao Senhor, e disse. *Visto que a viúva se tinha mostrado tão boa hospedeira*, Elias queixou-se sobre a calamidade que a abatera. Na verdade, ela deveria ter sido *recompensada* por tudo quanto tinha feito, e não (aparentemente) julgada por causa de algum pecado secreto que tivesse cometido. “Elias considerava a morte do menino um ato de injustiça arbitrária da parte de Deus. Isso aconteceu à viúva que Deus mesmo havia escolhido para alimentar o profeta, durante a longa seca e fome subsequente. A mulher havia sofrido ansiedade suficiente na aflição geral; a despeito disso, Yahweh tinha adicionado essa visitação desastrosa extra” (Norman H. Snaith, *in loc.*).

Esse comentador provavelmente está correto ao supor que a arbitrariedade (e não a justiça e o amor) deveria ser atribuída ao poder divino, pelo menos em certas ocasiões. Mas as pessoas continuam a pensar dessa forma. Parece haver grande caos em operação, e os homens atribuem isso à ausência de Deus ou à Sua arbitrariedade. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Caos*. Acontece assim que os homens lutam com o *Problema do Mal* (comentado no *Dicionário*). Havia um propósito em toda a questão. Um milagre reverteria imediatamente aquela miserável situação. Mas é difícil quando nenhum milagre ocorre, e os homens permanecem em agonia. Nesses momentos, podemos até perder a fé. Mas a fé retorna no caso do homem espiritual. Deixar de exercer fé por algum tempo não oblitera a realidade do amor e do interesse de Deus.

17.21

E estendendo-se três vezes sobre o menino. Talvez Elias pensasse que o contato de um corpo vivo com o corpo morto poderia de alguma forma reavivar o morto. Ou talvez esse tenha sido um gesto de desespero. Havia nisso poder. Elias estava tentando transmitir o poder ao corpo morto do menino.

Três vezes. O número “três”, tal como o número “sete”, era considerado dotado de poder especial nos ritos mágico-religiosos (cf. I Reis 8.65). Mas Elias não era mágico. Ele tinha consigo o poder de Yahweh e estava tentando fazer esse poder mover-se, por isso que repetiu o ato por três vezes.

A *Septuaginta* diz “respirou sobre a criança” (como que para dar-lhe respiração artificial), em vez de “estendeu-se sobre o menino”. Mas o texto massorético sem dúvida está correto aqui. A técnica de estender-se sobre o corpo morto também é mencionada em II Reis 4.34,35 e Atos 20.10. Quanto ao texto massorético, ver no *Dicionário* o artigo *Massora* (*Massorah*); *Texto Massorético*.

A alma. No hebraico, *nephesh*, palavra que, no Antigo Testamento, não significa uma alma imortal guardada no corpo como se este fosse o seu veículo. Entretanto, no hebraico posterior, a palavra passou a apontar a doutrina da imortalidade da alma, dentro da teologia dos hebreus. Essa doutrina começou a fazer parte da teologia do Antigo Testamento nos Salmos e Profetas, embora possa haver indícios no Pentateuco. Quanto às referências bíblicas à *alma*, ver sobre *Alma*, no *Dicionário*, seção IV.7. Os críticos severos supõem que haja somente *duas referências* indisputadas à sobrevivência da alma (ou a uma existência futura após a morte), no Antigo Testamento, a saber, Isa. 26.19 e Dan. 12.2. Mas essa limitação é por demais estrita. O artigo que acaba de ser mencionado mostra vários outros trechos que são referências legítimas.

Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete intitulado *Imortalidade*, onde são apresentados artigos de diferentes pontos de vista.

“A persistência na oração é um requisito fundamental para quem quiser obter resposta às suas petições (ver Mat. 7.7,8; Luc. 11.5-13). A persistência mostrou-se eficaz nesse caso” (Thomas L. Constable, *in loc.*).

17.22

Yahweh, que tinha o poder de enviar a alma de volta ao corpo do menino e, assim, ressuscitá-lo, ouviu a oração do profeta e imediatamente lhe concedeu a petição. Isso solucionou a questão, como sempre ocorre quando há intervenção divina. Esta é a primeira ocorrência registrada de uma ressurreição nas páginas da Bíblia. Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Ressurreição* e *Ressurreição de Jesus*.

17.23

Vê, teu filho vive. A *Entrada Triunfal*. Um grande milagre foi efetuado por Yahweh, e Seu instrumento, o profeta, ansiava por mostrar o menino redivivo à mãe, para que todas as ansiedades e tristezas cessassem. A visão de um menino vivo, que tinha morrido recentemente, porquanto estivera *gravemente doente*, deve ter sido espantosa. “... o que, sem dúvida, foi para a mãe uma grande surpresa, uma maravilhosa instância do poder e da bondade divina, o que o apóstolo deve ter respeitado (ver Heb. 11.35)” (John Gill, *in loc.*).

*Oh, à graça quão grande devedor,
Sou forçado diariamente a ser!
E espero, pelo Teu bom prazer,
Chegar em segurança, em casa.*

(Robert Robinson)

17.24

A *Afirmção*. Todos os temores e tristezas da mulher tinham passado. E a viúva exclamou, em alta e alegre voz: “Nisto conheço agora que tu és homem de Deus”. Talvez ela tivesse duvidado disso antes, mas a experiência é sempre mais forte que qualquer argumento, e ela teve uma notável experiência sobre o poder de Deus.

“Esse incidente mostrou à viúva e a outras pessoas que o poder do Senhor como verdadeiro Deus contrastava grandemente com a impotência de Baal”

(Thomas L. Constable, *in loc.*).

A *posição de Elias* como verdadeiro profeta também foi confirmada, pois ele foi agente do milagre. Os milagres são, com frequência, modos de autenticação. Por certo ninguém se equiparou a Jesus, naquilo que Ele disse e realizou.

“Nessas palavras, acompanhamos a vitória final da fé, produzida pela misericórdia coroadora da restauração de seu filho” (Ellicott, *in loc.*).

Cf. os estágios do crescimento da fé, no caso do homem nobre de Cafarnaum, em João 4.47,50,53.

“Alguns argumentam que o menino realmente não havia morrido e, portanto, nenhum milagre ocorreu. Mas isso ultrapassa o ponto. O autor sacro tinha por intuito retratar um Deus poderoso e um profeta digno (cf. II Reis 4.32-37 e Atos 20.9-12)” (*Oxford Reference Bible*, comentando sobre este vs. 24).

*Toda a tua ansiedade, todo o teu cuidado,
Traz-os ao Propiciatório. Deixa-os ali.
Nunca haverá carga que Ele não possa suportar.
Nunca haverá amigo como Jesus.*

(Tenente-coronel E. H. Joy)

Capítulo Dezoito

Elias no Monte Carmelo (18.1-46)

Continua neste capítulo a história de um dos mais notáveis profetas do Antigo Testamento (iniciada no capítulo 17). Ele havia experimentado o divino; o Seu poder miraculoso. Ele fora testemunha ocular de grandes e poderosas coisas.

Agora estava pronto para iniciar uma nova missão. Novamente a palavra de Yahweh veio a ele e, novamente, para dirigi-lo a uma nova fase de sua missão. Ele estava prestes a enfrentar uma tarefa difícil, mas obteria sucesso absoluto. Afinal de contas, os profetas de Baal representavam uma causa perdida, mas Elias representava o Deus vivo. A vida de Elias corria perigo, mas haveria graça para sua proteção. Jezabel já havia matado muitos profetas (e, sem dúvida, muitos sacerdotes) em Israel, e Elias estava em sua lista de vítimas. Em meio à confusão e à violência, Elias iria diretamente ao palácio de Acabe chamar-lhe a atenção por causa dos pecados reais. Não fora o poder de Yahweh, isso significaria morte certa. Obadias tentou convencer Elias a esquecer tudo isso, mas Yahweh o enviou ali. Ele, pois, tinha uma missão difícil a realizar, mas seria um adversário mais do que à altura de todos os profetas de Baal juntos.

“Essa história popular do conflito entre Elias e os profetas de Baal é ao mesmo tempo excitante e extremamente significativa na história de Israel. A primeira porção dessa narrativa (vs. 16-24) esclarece a razão para o encontro dramático” (Thomas L. Constable, *in loc.*).

18.1

Veio a palavra do Senhor a Elias. Novamente Elias recebeu uma mensagem inspirada, e isso por meio de sonho, visão ou experiência mística de alguma espécie. Ele foi conduzido a um novo lugar e a uma nova fase de sua missão. Cf. este versículo com as outras duas ocorrências desta expressão, cujas notas também se aplicam aqui: I Reis 17.2 e 8. Ele já havia enfrentado Acabe e os pecados dele (I Reis 17.1), tendo predito os três anos de seca que trariam a fome. Correndo perigo de morte, Elias fugiu, foi alimentado pelos corvos e então mudou-se para Sarepta, para a casa da viúva, por ocasião da segunda mensagem de Yahweh. Agora chegara a ocasião de voltar a Samaria e enfrentar Acabe novamente.

No terceiro ano. Isto é, o terceiro ano da seca predita, e, com base nessa referência, ficamos sabendo por quanto tempo durou tal circunstância. Só que agora era propósito de Yahweh permitir que as chuvas retornassem à Palestina. Antes disso, porém, Elias precisaria ter seu espetáculo contra Baal e seus profetas.

Tia. 5.17 diz-nos que o tempo exato da seca (e da fome) foram “três anos e seis meses”.

18.2

Partiu, pois, Elias a apresentar-se a Acabe. Elias, em perigo de morte, obedeceu à palavra de Yahweh e seguiu diretamente para o encontro com Acabe e a confrontação com os profetas de Baal. Somente a graça de Deus poderia poupá-lo da ira de Jezabel.

A fome “era extrema em Samaria”, ou melhor, conforme diz literalmente o hebraico, “segurava firmemente a terra”. Ou seja, era uma fome feroz, devastadora, e a cidade de Samaria não ficara isenta da calamidade. A mesma palavra é usada na história sobre os cabelos de Absalão, ao ser apanhado pelos ramos das árvores do bosque (ver II Sam. 18.9). O ódio estava no coração de Acabe, porquanto, em sua estupidez, ele pensava que Elias era a causa de tamanha calamidade. Ele nunca parou para perceber que a idolatria era causa da drástica ação de Yahweh.

18.3

Obadias, o mordomo. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Obadias* (Pessoas). Ele era um ministro ou oficial de alta patente, um camareiro ou mordomo do palácio, durante o governo de Acabe (870-850 A. C.). Secretamente, aderira ao yahwismo e ocultara cem profetas do Senhor, salvando-os de morrer pela espada aguçada de Jezabel (vs. 4). Com dor no coração, ele observava, a cada dia, as corrupções e os graves pecados da corte de Acabe. Mas se mantinha quieto para salvar a sua vida, mas secretamente fazia o que podia em favor dos profetas de Yahweh.

Obadias temia muito ao Senhor. Santo temor, verdadeiro temor, e não somente respeito e piedade. A expressão significa que Obadias era, genuinamente, uma pessoa espiritual, segundo as tradições da legislação mosaica. Quanto a detalhes, ver no *Dicionário* o verbete chamado *Temor*. As tradições judaicas fazem desse Obadias o mesmo profeta que escreveu o pequeno livro com esse nome (*Talmude Bab. Sanh.* foi. 39.2), mas isso não é provável.

18.4

Quando Jezabel exterminava os profetas do Senhor. A terrível Jezabel matara quase todos os profetas e sacerdotes de Yahweh, fechara as escolas dos profetas, transformara o país inteiro em um gigantesco e desgraçado templo pagão, entronizando o deus da morte, Baal. Poucas histórias são mais trágicas que

a de Jezabel. Seu nome tornou-se proverbial para indicar uma mulher muito ímpia e violenta. Ver o artigo sobre ela no *Dicionário*, e ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete intitulado *Jezabel, no Novo Testamento* (Apo. 2.26). No Novo Testamento, seu nome é usado para falar daquela corruptora de boas maneiras e de boas idéias, que tinha autoridade sobre uma das sete igrejas do Apocalipse.

Os profetas. Ou seja, os grupos de profetas vinculados aos vários santuários (ver II Reis 2.3,5). Alguns deles percorriam o país, transmitindo visões e mensagens (ver I Sam. 10.5-13). Se havia profetas na nação do norte, Israel, podemos ter certeza de que eles também estavam sendo perseguidos e exterminados por Jezabel.

De alguma maneira, que não foi explicada pelo autor sagrado, Obadias conseguiu salvar cem profetas do Senhor. Eles ficaram escondidos em cavernas e, de alguma maneira, também não explicada, era-lhes servido um suprimento alimentar. Duas grandes cavernas os confinavam, cinquenta em uma e cinquenta em outra. Israel tem cavernas capazes disso. Ver I Sam. 22.1. I Reis 19.18 fala de 7.000 homens fiéis que ainda restavam em Israel, a maioria dos quais, com certeza, permanecia escondida. O culto de Jezabel era uma *religião imposta*, e quem não a aceitasse era despachado.

18.5

O palácio real, que havia sido suprido com todas as coisas necessárias à subsistência (enquanto o povo pobre simplesmente morria de inanição), começava a sofrer de falta de viveres. Por isso Obadias foi comissionado pelo rei a encontrar fontes de água (riachos, fontes, poços) que não houvessem ainda secado. A água proveria a grama necessária para os cavalos e para alguma agricultura. Talvez “lá fora” Obadias encontrasse um oásis que pudesse fornecer algum suprimento alimentar. Acabe esperava alcançar um milagre por meio de Obadias, depositando todas as suas esperanças naquele homem, quando a esperança quase desaparecera. O vs. 2 deste capítulo enfatiza a *severidade* da fome. O vs. 1 mostra que Yahweh não permitiria que a fome continuasse por muito mais tempo, embora Acabe não soubesse disso.

18.6

O próprio Acabe estava à procura de água, sem dúvida na companhia de atendentes. Ele buscou numa direção, e Obadias (com talvez alguns auxiliares) em outra. Eles seguiam algum plano que dividia o território em distritos, e pesquisavam sistematicamente a terra, por todos os lados. Muitos de seus cavalos e mulas já tinham morrido, a despeito das riquezas do rei. Mas ele temia que o restante dos animais acabasse morrendo, e sua primeira preocupação era salvar os animais. Provavelmente, sua própria mesa era adequadamente suprida. O povo estava morrendo como moscas, mas isso pouco ou nada importava a Acabe.

Uma Lição Moral. Em sua hora de necessidade, Acabe buscara a ajuda de um homem *fiel* (Obadias). No entanto, ele continuava a ser a *causa* da *calamidade*, com sua ridícula idolatria. Os homens maus deixam-se enganar, acreditando não serem tão maus assim.

18.7

Estando Obadias já de caminho. Obadias *efetuava a sua missão*, procurando algum sinal de água. Subitamente, encontrou-se com Elias e ficou sabendo qual era a *sua* missão. Isso assustou terrivelmente a Obadias. Para ele, Elias estava morto. É perfeitamente possível que Obadias tivesse visto Elias quando este denunciou, no princípio da seca, a Acabe (ver I Reis 17.1). Eles talvez se conhecessem mutuamente. Fosse como fosse, o fato é que ele reconheceu Elias e ficou bastante surpreso. Ele se prostrou na presença do profeta, pois sabia quão grande homem de Deus era Elias, mesmo que Acabe não o reconhecesse. Mas ele teve dúvidas se o homem era mesmo Elias, pelo que pediu por confirmação do fato, e a recebeu (vs. 8).

Obediente a Deus, Elias estava a caminho de topar com Acabe, próximo a Samaria. Os dois não se encontraram por mero acaso. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Chance*.

18.8

Elias sabia quem era Obadias e, muito provavelmente, a posição que ele ocupava na corte de Acabe. Elias sabia que Obadias tinha acesso ao rei, e assim lhe pediu ajudasse a anunciar ao ímpio rei que ele em breve apareceria no palácio para falar com o rei. Para tanto era preciso coragem. Jezabel o estaria esperando.

*Com freqüência, o teste da coragem
não é morrer, mas viver.*

(Vittorio Alfieri)

*A coragem é a virtude que defende
a causa do direito.*

(Cícero)

*A mais forte, mais generosa e mais orgulhosa
de todas as virtudes é a verdadeira coragem.*

(Michel de Montaigne)

18.9

Em que pequei... ? Obadias temeu que sua conversa (e aparente associação) com o fora-da-lei Elias lhe custaria a vida. Ele seria "culpado por associação" e talvez os outros descobrissem que, no íntimo, ele defendia a causa de Elias. Em outras palavras, ele não queria comprometer-se com a questão. Queria apenas continuar procurando água. Ele se mostrou tão covarde quanto Elias se mostrou corajoso.

*Ver o que é correto e não fazê-lo,
é falta de coragem.*

(Confúcio)

*O covarde chama a si
mesmo de cauteloso.*

(Publilius Syrus)

Parte do temor de Obadias era que, afinal, Elias não aparecesse para o encontro arranjado com Acabe. Esse homem e sua horrenda esposa queriam *multíssimo* pôr as mãos em Elias e já o haviam procurado por todos os lados. Se ele escapasse novamente, e as esperanças que Obadias levantara de que finalmente ele seria apanhado fossem despedaçadas, então Obadias estaria sujeito à execução. Ver o vs. 12. Isso era *parte* do temor de Obadias, mas, principalmente, ele não queria envolver-se, nem queria que ninguém descobrisse que ele havia escondido aqueles cem profetas. Obadias estava em uma posição realmente precária. Ele queria manter distância de Elias.

Obadias sentia que não merecia ser colocado naquela circunstância perigosa. Qual *pecado* teria causado tamanha má sorte, pela qual ele seria, finalmente, executado?

18.10

A Grande Busca. Acabe tinha procurado intensamente Elias por todo o Israel; até mesmo fora do país, de fato, em todas as nações e reinos (certamente um exagero oriental). Ele havia requerido que o povo (e até os chefes de governo) jurasse que Elias não estava escondido em suas terras. O que aconteceu, provavelmente, foi que Acabe enviou delegados aos países com os quais tinha aliança. Fosse como fosse, sua busca tinha sido longa e completa, mas não produzira resultado algum! Entretanto, Elias não estava tão distante assim, mas em Sarepta; pela graça de Deus, contudo, não fora achado na casa da viúva, e os vizinhos mantiveram a boca fechada a respeito.

18.11

A grande busca tinha terminado, mas então, como que num golpe de sorte, de súbito Obadias se encontrara com Elias. Certamente isso parecia suspeito. Obadias teria de dar muitas explicações. Ele simplesmente não queria envolver-se nas negociações. Se arranjasse o encontro, talvez Elias não aparecesse (vs. 12); viria a público a história de que ele tinha escondido cem profetas de Yahweh (vs. 13). O rei Acabe ordenaria que ele fosse executado *imediatamente*. Apesar de seus temores, Obadias arranjou o encontro (vs. 16) e conseguiu escapar à execução. *A maior parte de nossos temores* não tem fundamento.

18.12

Transporte Divino. Elias era um homem incomum, cheio de surpresas e notáveis milagres. Embora Obadias tivesse conseguido o encontro entre Elias e Acabe, era possível que, de súbito, o Espírito de Deus transportasse Elias para outro lugar. Isso significa que o encontro não ocorreria, e Obadias seria executado por ter despertado falsas esperanças. Ver os comentários sobre *essa* razão do temor de Obadias, no vs. 9. Quanto ao *transporte divino*, ver também II Reis 2.16 e Atos 8.39.

Injustiça. Obadias achava que sua execução seria injusta, porque, desde a juventude, ele tinha seguido Yahweh e o padrão mosaico de culto. E continuava honrando Yahweh em segredo. Para aliviar os temores, Elias jurou que não desapareceria, mas se encontraria com Acabe no mesmo dia (vs. 15). O encontro entre Elias e Acabe parece ter acontecido fora de Samaria, e não na corte do rei (vs. 16).

18.13

O Segredo. Embora servindo como alto oficial da corte, Obadias conseguira ocultar o fato de que havia protegido cem profetas de Yahweh, enquanto Jezabel exterminava toda a classe de profetas no território de Israel. Obadias, pois, tinha uma vida dupla e, até aquele ponto, foi capaz de manter seus atos bem equilibrados. Esse equilíbrio seria perdido com o súbito aparecimento de Elias, o que poderia resultar na sua execução. Os cem profetas de Yahweh estavam escondidos em duas cavernas, sobre o que já falamos no vs. 4. Obadias também efetuara a magnífica tarefa de alimentar aqueles cem profetas, provavelmente furtando porções da própria mesa real.

A *calamidade* da seca e da fome tinha sido, sem dúvida alguma, atribuída a Elias e a outros profetas de Yahweh, e esse foi um dos motivos das perseguições feitas por Jezabel. Por outro lado, Acabe não queria rivais para seu bichinho de estimação, Baal. Ver no vs. 17 como Acabe culpou Elias pelas dificuldades que o povo de Israel estava enfrentando.

18.14

O Apelo. Considerando todas as coisas e ouvindo todos os argumentos, Elias deveria esquecer sua conversa com Acabe, e isso livraria Obadias do perigo. Este versículo parece olhar de volta para o vs. 12. Elias desapareceria por transporte divino, e Obadias seria executado por ter contado histórias falsas ou por levantar falsas expectativas.

18.15

O Juramento. Elias fez um juramento por Yahweh, o Deus vivo. Tão certo quanto Ele era o verdadeiro Deus vivo, o que era fato para ambas as personagens, com idêntica certeza Elias estaria presente quando Acabe chegasse. Yahweh havia comissionado a Elias uma mensagem que ele cumpriria. A mensagem deveria ser entregue pessoalmente a Acabe. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Juramentos*.

O Senhor dos Exércitos. Ver I Sam. 17.45. Yahweh é o cabeça de todos os *exércitos*, ou seja, o comandante supremo de todo o poder em Israel. Era apenas natural que os povos antigos atribuíssem a seus deuses posições de poder nos negócios humanos, incluindo a liderança sobre os exércitos e sobre as forças que davam vitória nas batalhas. Talvez, originalmente, esses *exércitos* fossem os do céu, mas gradualmente os exércitos terrenos foram referidos como comandados por Deus. Eis por que havia "guerras santas". Deus enviava os soldados para matar, e os que morriam eram considerados sacrifícios oferecidos a Yahweh. Ver as notas expositivas sobre a *guerra santa*, em Deu. 7.1-5 e 20.10-18. Ver II Reis 2.12 quanto ao aspecto celestial do nome. Elias tinha à sua disposição os anjos do céu para ajudá-lo, mas Yahweh era o *comandante*. No hebraico, a expressão é *Yahweh Cebhaath*. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Deus, Nomes Bíblicos de*, quanto a outros detalhes.

Perante cuja face estou. Isto é, Elias, como profeta especial de Yahweh, tinha a responsabilidade perante Ele de cumprir tudo quanto lhe fora ordenado. Elias era responsável diante de Yahweh, e não diante de Obadias, e isso significava que o encontro com Acabe certamente ocorreria. Obadias, portanto, não seria executado por ter levantado falsas esperanças. O muito procurado profeta de repente estaria na presença do rei, e talvez fosse preso e executado.

Os argumentos de Elias eram irrefutáveis, e assim Obadias providenciou o tremendo encontro. Mesmo que Elias não contasse com o poder de Deus, a circunstância era ridícula.

18.16

Obadias voltou, mudou de curso e conseguiu alcançar Acabe, que estava "lá fora", procurando água para os seus animais, a fim de que eles não morressem (ver I Reis 18.5,6). E Obadias deu a Acabe as felizes novas de que Elias tinha sido encontrado e queria conversar com o próprio rei. Aquela, sem dúvida, foi uma *oportunidade de ouro*. Elias não era a pessoa que estava perturbando Israel, que atraía seca e fome, conforme o rei dizia? (ver I Reis 18.1,2). O rei, pois, poria fim a toda essa ação do profeta.

A Septuaginta adiciona aqui um pouco de colorido, dizendo que Acabe "correu" ao encontro de Elias. Ele ansiava por aquele encontro. Não queria perder a inesperada oportunidade de livrar-se de tudo quanto Elias representava.

18.17

Perturbadores Divinos. Acabe era o monarca apostatado que tinha provocado a síndrome do pecado-calamidade; e, no entanto, em sua cegueira e estupidez, lançava a culpa sobre o profeta. Naturalmente, Elias havia predito a seca (ver I Reis 18.2), mas ele não era a causa da catástrofe. Yahweh era a causa. Se

Elias, porventura, tivesse sido executado, calamidades de toda espécie continuariam a cair sobre Israel, devido à sua idolatria. O cativo assírio colocaria fim a toda aquela triste confusão, e Elias não precisaria estar presente para que isso acontecesse. O cativo assírio estava a cerca de 200 anos de distância, mas já era inevitável, pois Israel nunca conseguiu libertar-se de sua própria apostasia.

“Por duas vezes, Elias é saudado como tendo vindo para criar dificuldades (ver I Reis 17.18; 21.20). Um profeta de Deus é sempre um perturbador da paz mundial. Ele vem para dar paz, mas não como o mundo a dá (ver João 14.27). Um dos melhores tributos que já foram pagos a um moderno pregador profético foi feito por um leigo, que disse: “Ele sempre me faz sentir desconfortável”. Um profeta é sempre tão perturbador para o pecador como é o calor para quem esteja tremendo de frio. Há um estágio nesse processo de enregelamento (assim nos dizem) em que seria *confortável* mergulhar mais ainda no entorpecimento fatal, em vez de receber aplicação do calor... O profeta de Cristo perturba o conforto da complacência... Além disso, ele parece ser um perturbador da ordem porquanto desperta os homens para responsabilidades adicionais... Mas Cristo faz os homens *descansar* sob o Seu *jugo* (Mat. 11.28,29)” (Ralph W. Sockman, *in loc.*).

18.18

Eu não tenho perturbado a Israel, mas tu e a casa de teu pai. Esta foi a resposta dada por Elias ao rei Acabe, pois havia corrupção em Israel fazia muito tempo, e esta somente havia crescido. Jeroboão tinha sido um rei idólatra, seguindo assim a liderança do “sábio” Salomão. Onri fora um mestre do mal (I Reis 16.25). Mas Acabe era o verdadeiro príncipe do mal e contava com a ajuda da horrenda Jezabel (ver I Reis 16.18). Esses fatos eram óbvios, exceto para o estúpido Acabe, que estava totalmente entorpecido pela sua apostasia.

Os Baalins. Ou seja, aplicações locais do culto a Baal, os deuses locais da fertilidade que eram adorados por toda a parte, em santuários construídos para esse fim. “Eram todas essas manifestações locais do grande deus-céu Baal, o qual controlava as condições atmosféricas e, portanto, o deus que dava ou retinha a fertilidade” (Norman H. Snaith, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Baal* (*Baalismo*), quanto aos detalhes.

Alguns estudiosos pensam que os Baalins eram aspectos da adoração às estrelas, na qual o sol, a lua e as estrelas eram objetos de culto. Talvez isso fizesse parte da adoração a Baal, mas os deuses da fertilidade parecem ter sido a referência primária aqui. A palavra é ampla o bastante para falar da idolatria em geral, em qualquer forma que ocorresse em Israel. Era por esse motivo que Yahweh tinha retido a chuva, causando seca e fome. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Idolatria*. Acabe promovera franca idolatria, cujo resultado natural foi a calamidade.

18.19

O Contesto. Elias, com sua coragem divinamente inspirada, desafiou Baal e todos os seus profetas a um contesto. Isso pode ter parecido uma questão injusta, mas, afinal, Baal era uma questão morta, e Yahweh era o verdadeiro Deus vivo (vs. 15), de modo que o desequilíbrio era favorável a Elias. Baal dispunha de um total de 450 profetas que cuidavam dos santuários nas aldeias e serviam à família real. Mas também contava com outros 400 profetas que cuidavam dos postes-idolos, postos ao redor dos altares com imagens gravadas, os quais, de fato, eram símbolos fálicos. Quanto a explicações completas sobre esses postes-idolos, ver I Reis 14.15, com notas adicionais em I Reis 15.13. Algumas versões e traduções fazem este versículo aplicar-se aos bosques que havia nos *Lugares Altos* (ver a respeito no *Dicionário*). Mas os eruditos modernos preferem promover a outra idéia. Sem dúvida, também estava envolvida a idéia da adoração à deidade feminina, *Astarte*. Ver também sobre a *Aserah*, em I Reis 14.15, que pode estar em foco. *Aserah* era a consorte de Baal.

No monte Carmelo. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Carmelo*, quanto a detalhes completos. O Carmelo consistia em uma serra de montes que dá frente para o mar Mediterrâneo a noroeste, e para a planície de Esdrelom, a sudeste. *Carmelo* significa *Terra Jardim*, e o monte foi assim nomeado pelo fato de que a porção sul da serra era uma faixa de terras férteis. O lugar dos feitos de Elias usualmente é identificado com El-Muhraka, ou seja, “lugar de queima”, uma plataforma imediatamente abaixo do cume do Carmelo. O local tradicional da matança dos profetas de Baal é o Tell el-Qassis (cômodo dos sacerdotes).

Que comem da mesa de Jezabel. Jezabel era uma boa e generosa idólatra, assegurando-se que “seus” profetas tivessem muito que comer e vivessem em relativo luxo. A família real sustentava aqueles homens que tinham assim liberdade de atender ao culto a Baal, com suas muitas ramificações e manifestações locais. Eram, por assim dizer, ministros de “tempo integral” e andavam atarefados o dia todo no culto a Baal.

18.20

A Grande Reunião. Acabe, como é óbvio, era crente em seu falso culto. Ele pensava que Yahweh era uma fraude, e que Baal era o verdadeiro Senhor. Portanto, ele não hesitou em reunir todos os sacerdotes para demonstrar isso na presença de Elias, diminuir a importância de tudo aquilo e terminar a festividade com a execução do profeta do Senhor. Seria um grande espetáculo, e Acabe ansiava por armar o palco. Ele estava estupidamente seguro de sua vitória. Vieram somente os 450 profetas de Baal (vs. 22), provavelmente porque esse número já era excessivo, pelo menos até onde dizia respeito a Acabe, a fim de derrotar o arrogante Elias. Os profetas dos postes-idolos, adoradores de *Aserah*, permaneceram em suas casas. Acabe tinha à disposição uma vantagem tremenda, ou assim imaginava.

18.21

Ainda existia algum respeito em Israel por Yahweh. Havia 7.000 homens que se recusavam, absolutamente, a dobrar os joelhos diante de Baal (ver I Reis 19.18), mas eles estavam escondidos para salvar a vida. E havia muita gente que não conseguia resolver-se: seguir a antiga religião de Yahweh ou identificar-se com a nova fé em Baal.

O Asno de Buridan. Jean Buridan inventou uma parábola para falar da dificuldade de tomar uma decisão quando somos forçados a escolher entre duas alternativas igualmente boas (ou más). Ele aplicou isso a *idéias* filosóficas, a como escolher a melhor entre duas proposições igualmente prováveis. O filósofo invocou que imaginássemos um asno colocado entre dois montes igualmente atrativos de feno. O pobre animal olhava ora para um montículo, ora para o outro. Eram ambos muito atrativos e de aparência deliciosa, mas o animal não conseguia resolver-se. Finalmente, ele morreu de fome, por não poder decidir sobre qual dos dois montículos de feno escolher. Israel, pois, era como o asno de Buridan. Elias, portanto, invocou o povo a tomar uma decisão.

Até quando coxeareis entre dois pensamentos? A King James Version diz “coxeareis” (ficareis estacionários entre as duas possibilidades): a Revised Standard Version diz “saltareis”. O povo de Israel estava aleijado por causa de sua hesitação. O hebraico diz, originalmente, “saltareis”; mas, nesse caso, o sentido poderia ser “pular”. Israel pulava entre Yahweh e Baal. O quadro é o de um homem que pula sobre uma perna, e depois sobre a outra, em vez de andar com deliberação. Nesse caso, em lugar de *pensamentos*, deveríamos ler *pernas*. A palavra hebraica corresponde aos *ramos* das árvores (ver Isa. 17.6) que se subdividem aos pares, e essa poderia ser uma metáfora acerca das pernas humanas.

Apesar de ser difícil determinar qual metáfora o profeta Elias usou, o seu significado é claro: havia em Israel a urgente necessidade de o povo escolher entre Yahweh e Baal. A síndrome do *pecado-calamidade* continuaria perseguindo os indecisos que não conseguiam livrar-se da idolatria.

18.22

O Contexto Desigual. Elias estava sozinho no monte. Ele sabia que havia cem profetas escondidos por Obadias (I Reis 18.13), mas não tinha conhecimento dos 7.000 homens fiéis que viviam ocultos para salvar a própria vida (I Reis 19.18). Portanto, embora houvesse outros adoradores de Yahweh em outros lugares, “no monte” Elias estava sozinho. Ele fazia tremendo contraste com os 450 profetas de Baal, todos olhando ferozmente para o solitário profeta do Senhor. A declaração de Elias, naturalmente, foi exagerada, porquanto ele se proclamou o *único* profeta remanescente de Yahweh. Talvez ele duvidasse da autenticidade dos cem profetas que Obadias tinha escondido e sustentava. Talvez pensasse que profetas ocultos tinham perdido o direito ao ofício profético.

18.23,24

Dois novilhos. Foram preparados para serem sacrificados, cortados e postos sobre dois altares, o que proveria um *modus operandi* para testar a situação. Um sacrifício seria para Yahweh; o outro seria para Baal. Porventura Yahweh reagiria ao sacrifício e queimaria a oferta mediante fogo enviado do céu? E Baal, faria o mesmo? Baal era considerado o deus do céu. Se fosse verdadeiramente isso e estivesse vivo, interessado no bem-estar de seu povo e de seu culto, não seria demais para ele enviar um corisco e queimar o sacrifício. Ele controlava ou não as condições atmosféricas? Yahweh, por outra parte, era o tradicional Deus de Israel, operador de milagres, que lhes dera as terras e a vida. Teria Ele o poder de enviar Seu corisco e consumir o sacrifício?

Presumivelmente, aquele que fosse o verdadeiro Deus enviaria a chuva e poria fim à seca. Baal era o deus que, alegadamente, controlava as condições atmosféricas. Por que ele teria permitido que seus adoradores sofressem tão grande seca e fome?

O Deus que Responde por meio do Fogo. Há uma lição moral em toda essa situação. Deus é um Deus de poder e de mudanças súbitas. Ele é um Deus de intervenção. Isso é o *teísmo*. Ver a respeito no *Dicionário*.

Outra Lição Moral. Nas questões morais, a estrada do meio nem sempre é a correta. Os homens espirituais devem ser homens de convicções inarredáveis. Todo rei dividido contra si mesmo deve cair (ver Mat. 12.25).

Um Sinal do Céu. Israel estava acostumado com tais coisas e ansiava vê-las. Portanto, Elias apelou para o condicionamento religioso dos israelitas. Cf. Lev. 9.24; I Crô. 21.26; II Crô. 7.1. Jesus criticou o desejo excessivo de ver sinais (ver Mat. 12.38,39; e 16.1-4).

O povo que se tinha reunido para ver o grande espetáculo (e podemos ter certeza de que havia ali grande multidão) concordou em aceitar o contesto. Yahweh venceu, mas a idolatria prosseguiu em Israel. Essa é uma das dificuldades com os sinais. Quando eles ocorrem (se é que ocorrem), ainda assim não tomamos nenhuma decisão, ou continuamos em nossos antigos caminhos.

18.25

Disse Elias aos profetas de Baal. Os sacerdotes de Baal tiveram a oportunidade de fazer seu próprio sacrifício. Só não podiam tocar fogo nele. Isso eliminou qualquer tipo de fraude. Elias poderia colocar algum material explosivo por baixo do "seu" sacrifício. Mas não poderia fazer isso se não soubesse qual dos bois seria reservado para o seu sacrifício. Elias não era nenhum mágico capaz de tocar fogo sobre um depósito de material explosivo arranjado sobre o altar. Ele era o homem que daria um sinal divino genuíno.

18.26

Tomaram o novilho que lhes fora dado. Os sacerdotes de Baal deram início ao seu ato. Eles tinham plena confiança no que estavam fazendo. Eram *crentes* em sua fé religiosa. Também eram persistentes e clamaram a Baal desde a manhã até o meio-dia. Eles não desistiram. Mas todos os seus esforços foram inúteis.

Uma Lição Moral. Algumas vezes a chamada *fé* consiste em acreditarmos em algo que não exprime a verdade dos fatos. Esse era o tipo de fé que os sacerdotes de Baal tinham; e esse tipo de fé é uma praga para a vida religiosa, pois aprisiona a mente dos homens.

O Targum diz-nos que os sacerdotes de Baal agiram como um bando de desequilibrados, supondo que o grande ruído fosse um sinal de devoção e poder. Mas não houve resposta da parte do céu; não houve fogo; não houve sinal. Apesar disso, eles continuaram capengando ao redor do altar, como maniacos. Coisa alguma aconteceu.

E, manquejando, se movimentavam. A Revised Standard Version diz assim, o que pode estar correto, visto que estavam praticando uma dança sacerdotal, um rito. Os sacerdotes cercavam o altar, dobrando o corpo ao meio, saltando e manquejando, passando por toda forma de contorção corporal. Mas a dança engraçada não tinha nenhum de mudar as coisas.

"... frenesi, no qual as religiões orientais se deleitam até hoje" (Ellicott, *in loc.*). Mas há frenesi até mesmo em certas reuniões cristãs. Será isso correto?

18.27

A dança selvagem dos sacerdotes de Baal já ia pelo meio, sem que nenhuma manifestação ocorresse, e Elias foi então inspirado a zombar dos sacerdotes-dançarinos. Baal talvez estivesse conversando com outros deuses ou com uma de suas esposas, e por isso não ouvia todo o ruído que seus sacerdotes faziam; ou talvez estivesse viajando, e portanto não disponível. Quem sabe se um ruído maior ainda não o despertaria e o provocaria à ação. Foi assim que as zombarias de Elias se tornaram sarcásticas, desdenhosas. Era a amarga ironia do completo desprezo. Cf. isso com o tratamento *mais gentil* de Paulo para com os pagãos de Atenas (ver Atos 17.22,23).

A Septuaginta diz aqui que talvez Baal estivesse "ocupado em algum negócio". Homero (*Iliada* 1.423) fala do sono dos deuses que usualmente ocorreria logo depois do meio-dia (o caso do presente versículo). Mas Yahweh nem dorme nem dormita (ver Sal. 121.4). Portanto, expressões antropomórficas e antropopáticas são aqui usadas para descrever a divindade. Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Antropomorfismo* e *Antropopatismo*, sobre como os homens conferem a Deus (ou aos deuses) os seus próprios atributos e emoções.

18.28

E se retalhavam com facas e com lancetas. Eles adicionaram a *automutilação* aos gritos, esperando com isso atrair a atenção de Baal. Tal ato era

contra a legislação mosaica. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Mutilação*, quanto a detalhes. E, no entanto, essa era uma prática comum nos cultos pagãos. As evidências literárias demonstram que o derramamento de sangue, fosse do ofertante, fosse de outras pessoas, era parte habitual da adoração e dos sacrifícios sírios. A palavra síriaca *'ethkashshaph* pode significar tanto "golpear-se" como "fazer súplicas", visto que os dois atos estavam intimamente associados. Muitos escritores pagãos falam sobre o costume dos golpes como parte do culto religioso (Kipping, *Ant. Roman.* 1.1 cap. 10, pág. 202; Tertul. *Apolog.* cap. 9). Eles mostravam a estupidez da fé religiosa através do absurdo de seus atos. "... os pobres tolos" (Adam Clarke, *in loc.*).

18.29

Passado o meio-dia. Nossa versão portuguesa, juntamente com a King James Version, logo depois do começo deste versículo, diz que eles "profetizavam". Mas a Revised Standard Version diz que eles "deliravam". O original hebraico diz "atuar como um profeta", e isso pode significar "profetizar" ou passar pelas danças e gritos de frenesi que eram típicos dos sacerdotes e profetas pagãos. "Esse frenesi profético e esse êxtase eram característicos da profecia antiga (ver I Sam. 18.10; II Reis 9.11; Jer. 29.26). Tinham origem cananéia. A dança delirante na qual eles se chicotavam ou se golpeavam com facas era nativa da Palestina e dos cultos misteriosos por todo o mundo mediterrâneo" (Norman H. Snaith, *in loc.*).

Mas nenhum poder divino ouvia, nenhum poder divino se importava com aquele frenesi e loucura. Nenhuma resposta foi dada àqueles homens auto-iludidos. Finalmente, um silêncio polar abateu-se sobre eles. Os espectadores observavam a tudo com desgosto.

Até que a oferta de manjares se oferecesse. Provavelmente às 15 horas (ver o vs. 36). A palavra "tardinha", que aparece em algumas versões portuguesas, foi suprida pelos tradutores. O horário tradicional da oração vespertina era a nona hora, ou seja, a contar das seis da manhã às 15 horas. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Vigílias*.

18.30

Então Elias disse a todo o povo. *Chegara a Vez de Elias.* O profeta do Senhor tinha preparado seu altar cuidadosa e elaboradamente, à plena vista de todos os espectadores, aos quais ele pediu que se aproximassem e observassem. Não houve fraude, nem truque, nem obra mágica que pudesse fazer alguma coisa surpreendente (mas ilusória). Devemos compreender que no monte Carmelo havia um altar sagrado que havia sido quebrado pelos pagãos e, assim, caíra em desuso. Elias, pois, "reparou" esse altar. Provavelmente tratava-se apenas de um montão de pedras que tinham sido derrubadas e espalhadas. Mas o profeta as pôs de volta em seus lugares. As tradições judaicas diziam que esse altar foi originalmente erigido por Saul. Ver I Sam. 15.12. Em tempos posteriores, os romanos erigiram ali um altar, onde Vespasiano foi consultar. (Tácio, *Hist.* lib. ii., cap. 78).

18.31

Tomou doze pedras. O autor sacro quer que compreendamos que Elias tomou *doze* das pedras originais do altar e as colocou de volta no lugar, e com elas reconstruiu o altar. Para o profeta, Israel ainda era formado por doze tribos, tal como acontecera no império unificado de Israel. Por meio desse ato, Elias queria dizer que Yahweh continuava sendo o Deus de todo o Israel, as nações do norte (Israel) e do sul (Judá). Cf. Gên. 32.28. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Tribo (Tribos)* de Israel.

18.32

Com aquelas pedras edificou o altar em nome do Senhor. Isso representou a restauração do antigo altar, porque foram empregadas as mesmas pedras. Elias teve o cuidado de esclarecer que ele estava edificando aquele altar no nome de *Yahweh*, o objeto de sua adoração, lealdade e serviço.

Depois fez um rego em redor do altar. Esse rego era de tamanho suficiente para conter duas *medidas* de sementes. "Medidas", aqui é a palavra hebraica *seah*, o equivalente a cerca de doze litros. Provavelmente devemos entender que o rego do outro lado do altar poderia conter o mesmo tanto. Ver o artigo *Pesos e Medidas* no *Dicionário*. Contudo, as opiniões variam quanto à capacidade de uma "medida". A água que Elias lançaria sobre o altar escorreu e encheu os regos (ver o vs. 35). Ter água ali não ajudava muito, caso alguém quisesse que o fogo consumisse o sacrifício, e isso autenticava a realidade do acontecimento miraculoso.

18.33,34

Então armou a lenha. A lenha era necessária para que houvesse uma oferta queimada, peço que ela foi cortada e disposta apropriadamente. O novilho foi corta-

do em pedaços e colocado sobre a lenha. Então quatro cântaros de água foram derramados sobre o conjunto. Os pedaços do animal e a lenha ficaram, assim, ensopados. Isso foi feito uma *segunda* e, depois, uma *terceira* vez (ver o vs. 34). Elias chegou a exagerar com a água. O altar e o rego preparados transformaram-se numa pequena lagoa, com o sacrifício e a madeira projetando-se acima dela, completamente encharcados de água. Elias sabia que a água não haveria de impedir o fogo que Yahweh estava prestes a fazer cair sobre o altar e consumir a tudo.

Esperando a Chuva. Além do fato dramático de que o fogo faria evaporar toda a água, provando assim a autenticidade do milagre, também foi um símbolo do desejo de Elias pela *chuva*. De fato, foi um *pedido* pela chuva, a fim de que terminassem a seca e a fome. A operação foi repetida por *três* vezes para garantir a eficácia. Cf. I Reis 17.21 quanto ao significado do número *três*. Ver também no *Dicionário* o verbete chamado *Número* (*Numeral, Numerologia*). O profeta Elias fez o "retorno das chuvas", que aconteceria não muito depois dessa cena, outra prova de que Yahweh era o verdadeiro Deus de Israel.

O monte Carmelo tinha uma fonte perene que nunca se secava, mesmo nos tempos da seca mais severa, e sem dúvida foi dessa fonte que Elias tirou a água, conforme afirmou Josefo.

18.35

A água corria ao redor do altar. *A água encheu* os regos cavados por Elias (vs. 32). Com isso a mensagem estava sendo proclamada: "Este altar não pode pegar fogo exceto por intervenção divina. As chuvas também não poderão cair exceto pela intervenção divina. Yahweh é o Deus da intervenção. Volta a Ele, ó Israel". O poder divino haveria de manifestar-se ou não. Todos *veriam* a resposta divina. Se ela acontecesse, os espectadores reconheceriam que o verdadeiro Deus tinha dado a resposta. Nenhum ser humano poderia fazer aquele altar tão encharcado de água queimar o sacrifício.

18.36

Simplicidade Contrastada ao Frenesi. Certamente temos uma importante lição aqui. Se existe o *poder divino*, então não precisamos cair em estado frenético para fazer esse poder funcionar. Se esse frenesi for necessário, pode-se suspeitar que quem atraiu o poder não foi o divino, mas sim o poder *humano*, não bem compreendido, ou então um poder extra-humano (mas não divino). Existem muitos poderes e muita gente que atraem esses poderes e os chamam de poderes divinos. Elias ofereceu uma oração simples e direta. Algumas vezes, a *ostentação* é confundida com uma espiritualidade superior.

O *objeto da petição de Elias* foi Yahweh-Elohim, o Deus Eterno e Todo-poderoso, que era o Deus do pai da nação, Abraão, bem como dos patriarcas Isaque e Jacó, seus descendentes diretos. Elias orou ao Deus do pacto, que pusera Israel no mapa, para começo de conversa. Ver Gên. 15.18 quanto ao *Pacto Abraâmico*. Quanto à fórmula dos *nomes múltiplos* (Abraão, Isaque e Jacó), cf. Gên. 46.1; 48.15; Êxo. 3.6,16; 4.5; Núm. 32.11; Deu. 1.8; II Reis 12.23; II Crô. 30.6; Jer. 33.26; Mat. 22.32; Atos 3.13. Ao mencionar os patriarcas, o profeta identificou a nação de Israel com as antigas tradições e pactos. Foi em nome *desse Deus* que Elias realizou o feito daquele dia, na esperança de que os idólatras vissem a luz e retornassem aos antigos caminhos da nação. Deus é um só; Israel deveria ter um Deus, em lugar de promover a idolatria com seu interminável panteão de deuses. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Monoteísmo*.

18.37

Para que este povo saiba que tu, Senhor, és Deus. *Ouve-me, ó Deus! Convence Este Povo!* Esta foi a petição de Elias. Ele era um profeta de Deus, em favor do povo. Se o coração deles tivesse de ser atraído para os antigos caminhos, somente Yahweh poderia permiti-lo. Os esforços e os desejos humanos só tinham contribuído para levar o povo da nação do norte, Israel, à apostasia.

O *Targum*, aqui, tem uma paráfrase iluminadora: "Recebe a minha oração, ó Senhor acerca do fogo, e recebe a minha oração acerca da chuva", a qual mostra que o autor sagrado compreendeu que a oração inteira era um pedido pela chuva, e não meramente uma demonstração espetacular de poder, enviando fogo para consumir tudo quanto havia sobre o altar.

As palavras do profeta tinham por designio demonstrar aos circunstantes que tudo fora feito em sua capacidade de servo de Deus (cf. I Reis 17.1 e 18.15).

18.38

Então caiu fogo do Senhor. A despeito de a oração de Elias ter sido tão simples e sem ruído e frenesi. Há nisso, por certo, uma lição preciosa para alguns segmentos da Igreja cristã, que dependem tanto de cultos caracterizados pelo frenesi a fim de atrair o "Espírito". E não é um bom argumento dizer que Elias não precisava de ruído, mas nós precisamos. O ruído pode imitar a intensidade, e a intensidade pode existir juntamente com o frenesi.

O fogo foi eficaz e consumiu a tudo: o sacrifício, a lenha, a poeira que havia sobre o altar, a água que estava nas trincheiras e sobre o próprio altar. A água evaporou-se e foi transformada em nada. O fogo, como é claro, deve ser considerado algo *sobrenatural*. O fogo e a luz são associados à aparição de Yahweh. É inútil tentar encontrar alguma explicação física e natural para o milagre. Milagres simplesmente acontecem, ocasionalmente, com algum propósito em mira. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Milagres*, como demonstração disso. Se os hebreus acreditavam que o relâmpago e os trovões procediam de Deus, essa não era toda a crença deles. Também criam em manifestações extraordinárias, e o acontecimento presente foi uma dessas manifestações. Nenhum relâmpago natural poderia ter feito o que foi aqui descrito, e é tolice falar em coincidência, como: "Por pura coincidência um relâmpago caiu sobre o altar naquele exato instante". Também é insensatez falar de "coincidências significativas". Deus esteve presente no acontecimento, mas foi um acontecimento natural. Pelo contrário, há ocasiões em que exibições divinas são providas pela graça e pelo poder de Deus. Os homens espirituais reconhecem quando isso acontece. Os críticos terão de aprender sobre esses acontecimentos, mais cedo ou mais tarde.

No entanto, "Elias era apenas uma voz que conclamava os homens a 'preparar o caminho do Senhor'" (Ellicott, *in loc.*). Elias deve ter parecido um grande homem naquele dia. Mas foi Yahweh quem realizou todo o milagre.

18.39

O Senhor é Deus! O Senhor é Deus! Tendo visto a cena incrível, o povo pôs-se a berrar: "Yahweh é Deus. Yahweh é o Deus de Israel". E prostrou-se de joelhos diante do espantoso espetáculo. Cf. o que aconteceu à inauguração dos sacrifícios no tabernáculo (ver Lev. 9.24). Elias tinha provado a sua contenção e vencido o contesto, mas Israel continuaria marchando na direção da apostasia, até que o cativo assírio levasse toda a nação do norte (o que ocorreu em 722 A. C.). Mas tinha sido provida uma ampla *oportunidade*, e isso é que é importante.

18.40

E ali os matou. *A Grande Matança.* Os espectadores agora estavam favoráveis a Elias, que os usou para matar a todos os profetas e sacerdotes de Baal reunidos naquele lugar. Assim iniciou-se um movimento de reforma, que, contudo, não iria longe nem demoraria muito. Mas pelo menos uma última oportunidade havia sido dada, e isso era deveras importante.

Os infelizes homens que tinham falhado e sido lançados na desgraça por Elias foram levados ao ribeiro de Quisom e ali executados. O sangue deles fluiu para o ribeiro, e todo o movimento em favor de Baal se reduziu a nada.

"... eles perderam a vida diante da lei que dizia que os idólatras deveriam ser mortos" (Adam Clarke, *in loc.*). Ver todo o capítulo 13 do livro de Deuterônomo, cheio de leis contra os falsos profetas, os falsos sonhadores e os idólatras, exigindo execução para todos os que pervertessem o caminho de Yahweh. Feito isso, a chuva não demorou a cair sobre a Palestina (ver o versículo seguinte).

18.41

A Causa da Seca Foi Removida Simbolicamente. Digo simbolicamente porque ainda restavam muitos santuários pagãos espalhados por todo o território de Israel, e continuava havendo sacerdotes de Baal ativos por todo o país. Quatrocentos outros profetas de Baal não tinham participado dos calamitosos acontecimentos (ver o vs. 19). Esses 400 profetas de Baal estavam seguros em seus altares e bosques. Mas Elias havia acabado com mais da metade dos profetas de Baal em uma única ocasião. Por isso, as chuvas caíram com abundância, algumas horas depois daquela cena.

Sobe, come e bebe. Elias convidou Acabe a celebrar com comida e bebida, esquecendo a seca e a fome, porquanto Yahweh havia removido a maldição contra a nação de Israel. É costumeiro comemorar com uma boa refeição na companhia de amigos. Essa parte faltou; mas, fosse como fosse, o convite para a celebração foi feito.

A chuva já vinha a distância, rugindo com grande força. A palavra hebraica aqui usada é a que expressa as pesadas chuvas sazonais (ver Esd. 10.9).

O dilúvio que se seguiu à consumação do sacrifício representou as primeiras chuvas em três anos e meio. Foram as chamadas *primeiras chuvas*, do outono. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Chuva* e *Chuvas Anteriores e Posteriores*.

A *chuva* que caiu foi a prova final de que Yahweh era o Deus de Israel. Ele tinha respondido à petição de Seu profeta, Elias, ao mesmo tempo que Baal nada fez quando seus sacerdotes e profetas dançaram e rezaram freneticamente o dia inteiro.

Adam Clarke pensa que o rei e o profeta Elias estavam agora em bons termos, pelo que compartilharam juntos de uma festa. Presume-se que Acabe tenha consentido diante da matança dos profetas de Baal. Mas essa interpretação é inteiramente liberal.

18.42

Subiu Acabe a comer e a beber. Acabe comeu e expressou a sua alegria, mas Elias subiu ao topo do monte Carmelo, fez uma *fervorosa oração*, a fim de certificar-se de que o ruído da chuva (ver o vs. 41) significava que logo choveria no monte Carmelo e por toda a Palestina, para que todos contemplassem a vitória de Yahweh. Elias quase tinha a vitória. De fato, ele já a havia anunciado. Agora queria garantir que a vitória seria completa e abundante, e para tanto utilizou seu poder na oração. E isso funcionou, pois a vontade de Yahweh concordava com o que estava sucedendo. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Oração*.

Encurvado para a terra, meteu o rosto entre os joelhos. "Ele se ajoelhou e então se inclinou com a cabeça em terra, de tal modo que, enquanto seu rosto estava entre os joelhos, sua testa tocava no solo" (Adam Clarke, *in loc.*). Tal postura provava a intensidade de seu espírito de oração.

*Muito pode, por sua eficácia,
a súplica do justo.*

(Tiago 5.16)

*Elias era homem semelhante a nós,
sujeito aos mesmos sentimentos,
e orou com instância para que não chovesse sobre a terra,
e por três anos e seis meses não choveu.
E orou de novo e o céu deu chuva,
e a terra fez germinar seus frutos.*

(Tiago 5.17,18)

18.43

Olha para a banda do mar. Esta foi a ordem que Elias deu a seu servo. Elias fizera fervorosa oração e esperava ansiosamente por uma espécie de indicação de que ela seria respondida. Portanto, enviou seu servo para que olhasse na direção do mar Mediterrâneo, em busca de algum sinal de chuva. O rapaz foi e nada viu. Elias enviou o servo por *sete* vezes, o número do poder divino e da graça. Mas, mesmo na sexta vez, ele nada viu. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Número* (*Numeral, Numerologia*) quanto a um estudo geral sobre os números na Bíblia, em particular o sentido do número *sete*.

Quão humana é essa cena. Continuamos buscando e esperando sinais e indicações que nos digam se nossas orações foram ouvidas e respondidas.

*Ensina-me a sentir que estás sempre próximo,
Ensina-me as lutas que a alma tem de suportar,
Averiguar a dúvida que se ergue, o suspiro rebelde;
Ensina-me a paciência da oração sem resposta.*

(George Croly)

As orações de Elias continuavam sem resposta. Ele e Acabe tinham ouvido o rugir de chuvas distintas, e isso significava que, sem dúvida, logo a vitória estaria em suas mãos. O servo de Elias voltou a examinar o mar por seis vezes, mas nada viu. O profeta Elias, contudo, não desistiu. Ele se mostrou *persistente* em suas orações, aceitando plenamente as condições referidas em Tia. 5.16.

*Pedi, e dar-se-vos-á;
Buscai e achareis;
Batei e abri-se-vos-á.*

(Mateus 7.7)

Quanto a uma parábola de Jesus que ilustra a persistência na oração, ver Luc. 11.5-13.

Na *sétima* vez em que o servo de Elias foi observar do alto do monte, eis que havia uma pequena nuvem (cf. 8.65). O sacrifício e as orações pedindo chuvas mostraram-se eficazes, de modo que todo devoto de Yahweh ficou satisfeito e todo cético ficou convencido do poder de Yahweh.

18.44

À sétima vez disse. Na sétima observação do mar, depois de toda a fervorosa súplica de Elias, subitamente apareceu uma *pequena nuvem*. A nuvem era pequena, mas carregava uma *grande promessa*. Era o começo da inevitável vitória, por causa da presença de Yahweh. Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

*Chuvas de bênçãos teremos —
É a promessa de Deus.
Tempos benditos veremos,
Chuvas de bênçãos dos céus.*

(Salomão L. Ginsburg)

Com *alegria*, Elias reconheceu que uma grande chuva estava chegando. Isso foi prometido através da pequena chuva, e era inevitável. Portanto, ele disse ao servo que saísse antes que as estradas e veredas ficassem intransitáveis. O servo foi enviado a Acabe a fim de avisar-lhe que saísse de onde estava e fosse para Jezreel (vs. 45), porque, se não fizesse isso bem depressa, as estradas ficariam intransitáveis.

Ninguém, naquele momento, teria desobedecido a uma ordem de Elias. Ele disse que uma chuva pesada estava para cair, e todos reconheceram o fato. Saíram de onde estavam com o máximo de urgência.

Eficácia. A oração repetida e o sétimo exame revelaram a existência de uma pequena nuvem. E a pequena nuvem produziu uma poderosa chuva. Era a graça interventora de Deus.

18.45

Acabe subiu ao carro. Acabe gostaria de já ter chegado em casa, em Samaria; mas teve de parar em Jezreel, porque a tempestade o pegou no caminho. Ali ele tinha uma residência de verão. Esse lugar ficava a meio caminho entre o monte Carmelo e Samaria. Sua viagem para Jezreel levou-o uns 32 quilômetros a sudeste do território de Issacar. Ele deixou a viagem para Samaria para outro dia. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Jezreel* quanto a detalhes.

A *pequena nuvem* aumentara até tornar-se uma maciça nuvem escura que cobriu o céu inteiro, e logo caiu uma chuva que nenhuma testemunha jamais esqueceu.

18.46

A mão do Senhor. Expressão metafórica que indica "o poder de Deus". Ocasionalmente, Deus estende para baixo a Sua poderosa mão e rola para longe os mares de nossas perturbações. Isso é uma intervenção divina, sem importar se essas ocasiões são específicas e espetaculares, ou constantes e calmas como a vida cotidiana. O homem espiritual sabe dessas coisas.

Um Milagre Constante. Tão cheio de poder estava Elias, da parte de Yahweh, tão aumentadas tinham sido as suas forças físicas, que ele pôde ultrapassar Acabe até Jezreel! Elias, o homem de Deus, foi capaz de correr mais do que os cavalos, naquela maratona de 32 quilômetros. Imagine-se a surpresa de Acabe quando ele chegou em Jezreel e descobriu que Elias já havia chegado!

Por que Elias Fez Isso? Por que Elias correu para Jezreel como fez? A resposta é simples. Ele estava transbordante de alegria. Quando obtemos uma grande resposta às nossas orações, uma grande vitória, sentimos que podemos saltar até a lua. O homem espiritual reconhece essas coisas. Elias foi até Jezreel para anunciar sobre como Yahweh tinha feito grandes coisas. Ele era um mensageiro da alegria. Naturalmente, esperava que tal acontecimento ajudasse a reverter a apostasia de Israel.

Lição Moral. Há uma força divinamente concedida e um suprimento para aqueles que oram. Grandes vitórias nos são outorgadas, ocasionalmente. E esses são dias grandiosos.

Capítulo Dezenove

Elias em Horebe (19.1-21)

Elias acabara de conseguir grande vitória e notáveis respostas às suas orações (capítulo 18). Seu prestígio subira muito na terra. Acabe imediatamente contou a Jezabel quão grandes coisas Elias havia feito, não esquecendo a matança dos 450 profetas e sacerdotes de Baal. Essa informação lançou Jezabel a um ataque de fúria, e ela jurou vingar-se. Isso colocou em desespero o coração de Elias; e assim a história nos prova exatamente o que Tiago disse séculos mais tarde: "Elias era homem semelhante a nós, sujeito aos mesmos sentimentos..." (Tia. 5.17).

"A reação se estabeleceu, e Elias, ameaçado por Jezabel, perdeu a coragem e, atravessando o território de Judá, fugiu para o sul, onde acabou dormindo em total exaustão. Foi despertado por um anjo que lhe serviu alimento sobrenatural, na força do qual ele continuou sua longa caminhada até Horebe, o antigo lugar da fé no deserto. Ali Elias ouviu a voz de Deus e recebeu novo encorajamento, e aceitou de Deus uma nova norma que ele passou a pôr em prática" (Norman H. Snaith, *in loc.*).

19.1,2

Acabe fez saber a Jezabel tudo quanto Elias havia feito. *Informações completas* foram dadas a Jezabel acerca dos acontecimentos notáveis (e miraculosos) do monte Carmelo (ver o capítulo 18). Acabe havia sido derrotado pela força espiritual de Elias, mas sua ousada e escandalosa esposa, Jezabel, imediatamente assumiu a ofensiva e fez o homem de Deus fugir. Jezabel prometeu fazer a Elias o mesmo que ele fizera aos sacerdotes de Baal (ver I Reis 18.40). Jezabel prometeu que Elias estaria morto no espaço de vinte e quatro horas, e ela tinha poder para cumprir a ameaça. Elias, pois, deixou Jezreel tão ligeiro como havia ali entrado. Os críticos censuram o homem de Deus por ter medo de uma mulher, quando não temera os 450 profetas de Baal! Por outra parte, Jezabel não era uma mulher ordinária. Era o diabo de saias. Não havia um só homem em Israel que pudesse resistir à vontade dela. O país inteiro estava escravizado àquela mulher ímpia, uma autêntica princesa da iniquidade, a principal agente dos poderes malignos. *Elias* sabia disso. Portanto, partiu, lutando para continuar vivo. Uma de minhas fontes informativas afirma que foi *notável* que a ameaça de Jezabel tenha aterrorizado Elias. Por outra parte, ninguém teria recebido tal ameaça sem terror. Além disso, todos temos nossos dias ruins e de calma; todos temos períodos de lapso, na esperança de reconstituir nossas forças algum outro dia.

19.3

Temendo, pois, Elias, levantou-se. Elias partiu de Jezreel imediatamente. Ele sabia que os assassinos pagos por Jezabel estariam procurando por em toda parte; e então perguntariam em que direção ele tinha seguido. Assim sendo, ele se apressou por chegar a *Berseba*, que era o extremo sul da antiga nação unida, profundamente enclavada no território de Judá. Talvez ficasse 160 quilômetros ao sul de Jezreel. Elias não queria arriscar-se. Ele caminhou rápido e ligeiro. Chegando a Berseba, deixou ali seu servo e continuou caminhando pelo deserto por mais um dia (vs. quatro).

“As conseqüências de valor... Como certos generais, tais quais Hanibal, Frederico, o Grande, e Washington nunca se sentiram mais ameaçados do que após um triunfo, assim também algumas vezes as pessoas nunca estão tão vulneráveis como no dia seguinte a uma vitória... Elias estava passando por tempos difíceis, experimentados por todos os idealistas ao descobrir que não existem vitórias permanentes” (Ralph W. Sockman, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Berseba*. Proverbialmente, esse era o extremo sul de Israel. Ver também as notas expositivas em I Sam. 3.20.

19.4

Ele mesmo, porém, se foi ao deserto. Agora Elias estava em segurança, mas muito desencorajado. Seus feitos grandiosos e o óbvio poder manifestado por Yahweh no monte Carmelo nada tinham operado de visível em Israel, exceto o fato de que Baal, pelo menos temporariamente, perdera 450 profetas (ver I Reis 18.40).

No deserto, cansado e sedento, o profeta sentou-se por um pouco à sombra de um zimbro (ver a respeito no *Dicionário*). Esse arbusto era comum nos desertos da Judéia, atingindo cerca de 3 metros de altura. Bloqueava fracamente a luz do sol, mas era melhor do que nada.

O Desejo de Morrer. Elias tinha caído em profunda depressão e agora desejava morrer. Estava cheio de queixumes e resmungos. Ele vira grandes coisas, mas elas foram reduzidas a quase nada, de uma perspectiva prática. Houvera grande pirotecnia, mas nenhuma mudança entre o povo. Yahweh lhe dera vida, mas agora Elias pedia que Yahweh a tirasse. Seus pais já tinham morrido, e Elias queria reunir-se a eles.

Elias estava em uma atitude “de caverna”, na qual a maioria dos homens afunda ocasionalmente. Tanto seu coração quanto sua mente se tinham escondido, e não somente seu corpo. Ele era prisioneiro de suas emoções negativas, e seu desespero o amarrava como se uma corrente de ferro. Ele não estava cantando conforme faria o salmista: “Trouxe-me para um lugar espaçoso; livrou-me, porque ele se agradou de mim” (Sal. 18.19). Sua mente estava presa na pequenez da situação que o tinha vencido. Mas ainda havia grandes vitórias a serem atingidas *lá fora*.

Um idoso ministro anualmente dedicava à astronomia um sermão, sempre com o cuidado de passar à congregação as mais recentes informações. Um jovem assistente criticou-o por causa desse ritual, perguntando-lhe por que fazia isso todos os anos. Ele respondeu: “Naturalmente, não tem nenhuma utilidade, mas amplia grandemente a minha idéia de Deus” (Willard L. Sperry, *Yes, But...*). Elias sabia tudo sobre a grandeza de Deus, mas por um momento a esquecera. Logo, porém, o Espírito estaria movimentando-se sobre ele, para fazê-lo lembrar dessa grandeza para sempre. Ele havia esquecido temporariamente as lições aprendidas em Querite, em Sarepta e no monte Carmelo.

19.5

Eis que um anjo o tocou. Em pouco tempo, o próprio Yahweh estaria dando uma notável exibição de força, e, principalmente, haveria aquela pequena voz ciciante que lhe daria encorajamento e força (vss. 13 ss.). Elias continuou a viver na dimensão divina e, à semelhança de Sansão, em breve recuperaria as forças. Mas em primeiro lugar ele tinha de cuidar de sua força física, mediante a alimentação. A presença divina cuidaria então do resto. Deus tinha para Elias uma mensagem encorajadora, a previsão do que aconteceria em breve, e um poder espiritual renovado.

Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Anjo* quanto ao que se sabe e se especula sobre esses seres celestes.

“O Senhor estava tão indisposto a conceder o pedido de Elias de que lhe fosse tirada a vida, que fez provisões para preservá-la; tão cuidadoso era para com ele que providenciou um anjo para protegê-lo e guiá-lo” (John Gill, *in loc.*).

Não são todos eles espíritos ministradores enviados para serviço, a favor dos que não de herdar a salvação?

(Hebreus 1.14)

19.6

Comeu, bebeu, e tornou a dormir. O anjo fez o papel que os corvos desempenharam em outra ocasião. Houve um miraculoso suprimento alimentar que era um símbolo de toda a provisão divina e de todo o poder que se seguiriam. Elias comeu e bebeu, e tornou a dormir, pois seu espírito ainda não estava revivificado. “Moisés e os israelitas tinham viajado por aquele deserto durante quarenta anos, sustentados pelo maná que Deus fornecera, e tinham aprendido lições sobre Seus cuidados fiéis e Sua provisão. Agora Elias atravessaria o mesmo deserto durante quarenta dias e quarenta noites, sustentado pelo pão de Deus, e aprenderia as mesmas lições” (Thomas L. Constable, *in loc.*).

“Há um toque patético na descrição sobre o profeta, cansado e descoroçoado, sem se importar se comera o suficiente, e satisfeito, depois que a refeição fora consumida, em esquecer de si mesmo novamente, e dormir” (Ellicott, *in loc.*).

19.7

Voltou segunda vez o anjo do Senhor. As curas físicas com frequência requerem tempo, com uma aplicação demorada de medicamentos. As curas espirituais podem tomar várias sessões de imposição de mãos para que, finalmente, alcancem eficácia. As curas da alma e da mente também podem levar algum tempo. Deus é o Deus da segunda chance; Ele é o Deus do segundo toque. O anjo, pois, persistiu. E tocou em Elias de novo, alimentou-o novamente; e, dessa vez, fê-lo levantar-se sobre os próprios pés. Ele tinha uma longa viagem a fazer pelo deserto das perambulações de Israel e precisava de forças apropriadas para isso.

19.8

Caminhou quarenta dias e quarenta noites. *Quarenta* é um número significativo na Bíblia. É o número dos testes, e há nas Escrituras vários incidentes que o envolvem. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Quarenta* quanto a ilustrações a respeito. A viagem de Elias, das vizinhanças de Berseba até o monte Horebe, foi de cerca de 250 quilômetros na direção sul. Talvez Horebe fosse um pico do monte *Sinai* (ver a respeito no *Dicionário*) ou, pelo menos, uma elevação na mesma serra montanhosa. Alguns estudiosos, porém, supõem que esse nome designe o sistema inteiro do qual o *Sinai* era apenas parte. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Horebe*, quanto a detalhes. Não seriam necessários quarenta dias para completar a viagem, pelo que podemos supor que o profeta estivesse fazendo paradas ao longo do caminho, e isso não somente para descansar, mas também para recarregar as baterias espirituais. Ele seria sustentado por um poder miraculoso, *como se* o alimento que lhe fora servido pelo anjo tivesse esse poder por tanto tempo. Talvez se tratasse apenas de uma intervenção divina direta em seu benefício, a qual lhe emprestaria forças físicas mesmo que ele não recebesse novo alimento, um fenômeno conhecido nas experiências místicas. Ocasionalmente ouvimos falar em casos semelhantes. Quando esses casos são investigados, alguns revelam-se fraudes, e outros são reconhecidos como autênticos.

Seja como for, o profeta Elias aproximava-se de um local sagrado na história de Israel. O artigo citado anteriormente explica essa questão com detalhes, pelo que não repito aqui as informações. Elias seria libertado de seu *espírito amargo* e obteria novamente poder espiritual.

Cf. o jejum de quarenta dias de Moisés, quando ele recebeu a lei (ver Deu. 9.9), bem como o jejum de quarenta dias de Jesus, quando Ele foi submetido a teste e fortalecido pela ministração dos anjos (ver Mat. 4.2).

19.9

Ali entrou numa caverna. De *Volta à Experiência da Caverna*. Elias ainda não estava curado espiritual e psicologicamente. Ele procurou uma caverna perto de Horebe (Sinai) para nela ocultar-se. Foi ali que Yahweh lhe transmitiu a Sua *palavra*. Elias, pois, ouviu uma voz, teve uma visão e passou por alguma espécie de experiência mística. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Misticismo*.

“Que Fazes Aqui, Elias?” A construção da frase é similar, em parte, à que figura em I Reis 17.18, na qual a pessoa endereçada é considerada fora de sua província, onde não tinha negócio algum para fazer” (Norman H. Snaith, *in loc.*).

Uma caverna era, dificilmente, um lugar onde o profeta Elias deveria estar. Ali ele continuaria a nutrir os seus temores. Ele precisava ser tirado da caverna, ou a causa estaria perdida. Há nisso uma *lição moral*. Quantos de nós não nos ocultamos em nossas cavernas psicológicas, temendo sair para fora e lutar por nossa missão!

19.10

Tenho sido zeloso pelo Senhor. Deus é um Deus de ciúmes (ver Deuteronômio 4.24; 5.9; 6.15; 32.6,21). Elias, como representante de Deus, também zelava pelo yahwismo, por seu culto e por suas expressões tradicionais. Por isso mesmo odiava o baalismo e opunha-se ferozmente a esse culto. Entrementes, virtualmente todo o povo de Israel havia abandonado seus fundamentos e se tornado não melhor do que os pagãos. O rei Acabe e sua horrenda esposa Jezabel eram promotores desavergonhados do culto a Baal. A coisa inteira estava podre, de alto a baixo. Os profetas de Yahweh tinham sido mortos, ou estavam escondidos (ver I Reis 18.4). Obadias conseguiu salvar cem desses profetas, escondendo-os em cavernas, conforme nos mostra a referência. Elias, pois, esqueceu, pelo menos momentaneamente, que ainda havia aqueles cem profetas restantes. Naturalmente, eles estavam ocultos em suas cavernas, mas isso não fazia nenhuma diferença prática. Elias também desconhecia os outros 7.000 profetas (ver o vs. 18), e saber disso provavelmente não faria grande diferença em seu estado psicológico.

Ele tinha sido muito zeloso pelo Senhor, mas o próprio Senhor não se mostrara zeloso para com ele, permitindo que aquela rebelião aberta prevalecesse, a matança de Seus profetas, a destruição de Seu culto. Até parecia que Yahweh havia abandonado, desgostoso, toda a massa triste, não se importando mais com o Seu profeta.

19.11

Disse-lhe Deus: Sai, e põe-te neste monte perante o Senhor. Elias saiu da caverna e chegou ao lugar sagrado onde Moisés havia recebido a lei. À semelhança de Moisés, ali Elias passou por experiências poderosas. Yahweh aproximou-se, e a aparição produziu um vento aterradorante que rasgou os montes e quebrou em pedaços as rochas. Algo divino é obviamente indicado como o vento. No entanto, Yahweh não estava *no vento*, embora o tivesse causado. E, então, de súbito, um terremoto atingiu a área. Aquilo que o vento não despedaçara, o terremoto destruiu. Foi uma manifestação aterrorizante; mas Yahweh também não estava no terremoto, embora o tivesse causado. Compare as descrições deste versículo com as que expõem as experiências de Moisés no mesmo lugar (Êxodo 19.16-18). “... houve espetacular demonstração do poder de Deus” (Thomas L. Constable, *in loc.*).

19.12

Um fogo. Um grande incêndio seguiu-se ao terremoto. Foi aterrorizante, mas Yahweh também não estava no fogo, embora o tivesse causado. O Targum atribui todos esses acontecimentos à presença de anjos que produziram os diversos fenômenos, e isso corresponde à ministração dos anjos quando a lei foi dada (ver Gál. 3.19).

Um cio tranquilo e suave. O hebraico diz, literalmente, “um som de gentil silêncio” (cf. Jó 4.16). O silêncio tinha algo para dizer. “O escritor sacro pensava em silêncio melancólico, que, ainda assim, podia ser ouvido. O vento, o terremoto e o fogo foram os precursores da presença divina... Esses fenômenos são os que acompanham as teofanias regulares no Antigo Testamento (ver Êxo. 10.16,18; Sal. 18.7-15)” (Norman H. Snaith, *in loc.*).

Uma Lição Moral. A presença divina não podia ser encontrada no grande ruído e no despedaçar das rochas. Também não estava no estremecimento do solo. Mas estava naquele silêncio. Algumas vezes, a ostentação e o barulho imitam a espiritualidade.

“... uma voz, não rouca, mas gentil, mais como um cio do que como um rugido; algumas vezes suave, fácil e musical. O Targum fala das vozes que louvam a Deus em silêncio... O evangelho é uma voz gentil de amor, graça,

misericórdia e paz. Se a lei foi acompanhada por relâmpagos e terremotos (ver Heb. 12.18; Êxo. 19.18)... Bem-aventurados os que ouvem a voz tranqüila do evangelho” (John Gill, *in loc.*).

Não por força nem por poder, mas pelo meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos.

(Zacarias 4.6)

19.13

Ouvindo-o Elias. Elias ouviu a voz e soube que estava na presença do Ser divino. Cobriu o rosto com a sua manta, como que para proteger-se da presença divina e demonstrar respeito. Elias saiu e prostrou-se à entrada da caverna, esperando ouvir mais. Estando ali, a voz tornou a ouvir-se: “Que fazes aqui, Elias?” (repetindo a interrogação do vs. 9, e com os mesmos propósitos). Moisés havia ocultado o rosto na presença da sarça ardente, porque temia olhar para Deus (ver Êxo. 3.6). A pergunta feita por Yahweh provocou a mesma resposta que tinha arrancado antes do profeta (cf. os vss. 10 e 14). O anjo falara no vs. 9; e Yahweh falou aqui pessoalmente.

“Entre os asiáticos, encobrir o rosto é sinal de respeito, da mesma forma que descobrir a cabeça é sinal de respeito para os europeus” (Adam Clarke, *in loc.*).

19.14

Este versículo é igual ao vs. 10, cujas notas expositivas também se aplicam aqui. O vs. 10 encerra a resposta dada pelo anjo que veio tocar Elias. Este versículo é a resposta de Yahweh que apareceu em meio ao silêncio. A mensagem dada a Elias foi uma mensagem de destruição. A casa de Acabe e sua idolatria seriam aniquiladas pela espada. A *destruição* viria de várias direções, conforme indicam os versículos seguintes.

19.15

Vai, volta ao teu caminho para o deserto de Damasco. A Elias foi ordenado que voltasse a Damasco, que ficava cerca de 640 quilômetros ao norte. Seu propósito nessa ida a Damasco seria ungir Hazael (ver no *Dicionário*) como rei da Síria. Ele se tornaria um agente “estrangeiro” para castigar a Israel. O que Hazael não destruísse em Israel, Jeú (rei de Israel) aniquilaria (vs. 17). Jeú seria um agente do *próprio país* para livrar a terra da casa e da idolatria de Acabe. Somente uma tremenda violência poderia corrigir aquela situação terrivelmente corrupta. “Na sequência, *Elias* seria o responsável pela unção de Jeú (ver II Reis 9.1-6) e também por incitar Hazael a assassinar seu senhor e usurpar o trono do rei sírio de Damasco (ver II Reis 8.7-15)” (Norman H. Snaith, *in loc.*).

Mandamentos de Deus para Elias partir: cf. I Reis 17.3,9; 18.1; 21.18; II Reis 1.3,15.

As Três Unções: a de Hazael, a de Jeú e a de Eliseu, que seria o sucessor de Elias. Essas unções produziram mudanças drásticas em Israel. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Unção*.

Não há registro de que Elias tenha ido a Damasco. Portanto, podemos supor que Eliseu foi no lugar dele, e assim completou a missão de Elias, atuando como companheiro de tarefas.

19.16

A Jeú, filho de Ninsi. Ver no *Dicionário* o artigo sobre *Jeú*. Jeú removeria Acabe do trono com violência, indo a Jezreel para matar aquele homem, sua horrenda esposa Jezabel e toda a casa deles. Jeú era uma máquina exterminadora. Mas a despeito de seus esforços, nem toda a idolatria foi removida de Israel. Aquele homem violento acabou sofrendo uma morte violenta. Jeú foi o décimo rei da nação do norte, Israel. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Israel, Reino de*, no qual os reis de Israel são listados e descritos brevemente. Ver também o verbete intitulado *Rei, Realeza*, que oferece um gráfico dos reis de Israel e Judá, comparando-os cronologicamente com os reis dos territórios circunvizinhos.

Jeú foi ungido rei de Israel por Eliseu, e não por Elias (ver II Reis, 9.1-6), porquanto Eliseu foi o sucessor de Elias e ficou com sua manta (ver I Reis 19.19). Não nos é contado sobre a unção de Eliseu, mas presumimos que isso tenha feito parte da cena quando ele assumiu o lugar de Elias.

19.17

Aniquilamento Total. O inimigo estrangeiro, Hazael, desferiria contra Israel um golpe devastador. Jeú entraria em cena para exterminar o que restasse. A antiga síndrome do pecado-calamidade funcionaria de novo. Os homens jamais aprendem com a história. Ver II Reis 10.32,33 quanto à primeira matança, e ver II

Reis 9.24,33 e 10.1-11 quanto à segunda. Outros registros de extraordinária violência aparecem no Antigo Testamento no tocante a Jeú, e o artigo no *Dicionário* conta tudo.

19.18

Também conservei em Israel sete mil. O remanescente fiel de Israel consistia naqueles 7.000 homens, embora eles estivessem escondidos e se mantivessem quietos para salvar a própria vida. Contudo, serviriam de núcleo de um movimento de reforma que restauraria a sanidade a Israel. Naturalmente, isso aconteceu, mas seus efeitos não perduraram por longo tempo. A antiga síndrome do pecado-calamidade logo voltou e permaneceu poderosa até o cativo assírio (ver a respeito no *Dicionário*) quando o norte, Israel, deixou de existir como nação.

O texto hebraico está no futuro: “Também conservarei em Israel sete mil”. E essa declaração pode indicar que, sem importar quão terrível fosse a apostasia, sempre haveria alguns “poucos fiéis” para começar tudo de novo. Cf. Isa. 10.20 e 11.11-16. Se o presente deve ser incluído nessa promessa, então Elias foi repreendido por pensar que estava *sozinho* (ver o vs. 14). As coisas estavam terríveis, mas não tão ruins quanto ele pensava.

Toda boca que o não beijou. O beijo de respeito sempre fez parte da idolatria. Ver Plínio (*Hist. Nat.* lib. xviii, cap. 2). As imagens nojentas eram beijadas pelos adeptos de diversos cultos. Cf. Osé. 13.2. Os árabes, em nossos dias, beijam a pedra sagrada (a Caaba), em Meca. Os italianos e visitantes beijam os pés da imagem que representa Pedro, em Roma. As imagens locais, bem como as que são guardadas em casa, são objetos feitos para serem beijados.

A Restauração de Israel. Que o povo de Israel será finalmente restaurado é um ensino do Novo Testamento, em Rom. 11.2-4,26,27. É nesse trecho que Paulo usa a ilustração do remanescente que não se prostrou diante de Baal para mostrar que nunca deixaria de haver judeus que se convertessem. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Restauração de Israel*, quanto a detalhes sobre esse assunto.

19.19

Partiu, pois, Elias dali e achou a Eliseu. Ver no *Dicionário* o artigo sobre *Eliseu*, quanto a descrições completas. Elias nunca faria a viagem para o norte, para Damasco (vs. 15). Seu tempo de partida deste mundo estava próximo. Ele precisava de um substituto, um sucessor. A hora exigia um homem dotado de grande poder espiritual, pelo que Eliseu foi ungido (embora isso não seja dito especificamente; ver no *Dicionário* o artigo chamado *Unção*). Ver o vs. 16 quanto à intenção. Além disso, Eliseu recebeu a manta de Elias, sinal de seu ofício. Eliseu estava no campo arando com doze juntas de bois; mas seus dias como agricultor estavam terminando. Ele foi chamado para uma missão superior em um momento crítico da história de Israel.

E lançou o seu manto sobre ele. O manto de Elias era feito de peles de animais recobertas de pêlos. Usualmente era empregado o couro de cabra, com os pêlos pelo lado de fora. Esse manto era parte distintiva das vestes de um profeta e o identificava como um vidente. Ver II Reis 1.8; Mat. 3.4; Zac. 13.4. Acreditava-se que o poder espiritual era transferido ao profeta por meio do seu manto (ver II Reis 2.13,14). Naturalmente, pensamos que isso era um ato meramente simbólico, mas nos tempos antigos as mantas dos profetas eram consideradas seriamente objetos de poder. O ato com a manta também era usado para adotar uma criança, pelo que, simbolicamente, Eliseu se tornou filho de Elias, que seguiria para a grandeza espiritual.

19.20

Então deixou este os bois. Eliseu partiu prontamente, tal como os discípulos de Jesus abandonaram suas redes de pescar e puseram-se a segui-Lo (ver Mat. 4.20). As pessoas que conheceram grandes gigantes espirituais confirmam o fato de que a chamada deles é tão impelidora que é apenas natural segui-los, deixando para trás sua vida antiga, sem muita reflexão ou hesitação. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Sathya Sai Baba*, quanto a um caso moderno dessa espécie de coisa.

A Breve Demora. Eliseu estava disposto a seguir com Elias, mas primeiramente quis à sua casa despedir-se de seu pai e de sua mãe. Essa petição lhe foi concedida. Eliseu imediatamente organizou suas coisas, teve sua triste cena de “despedida” e, ato contínuo, reuniu-se a Elias na nova vida. Certa feita, Jesus recebeu petição semelhante de um de Seus discípulos potenciais, mas não a concedeu. Ver Luc. 9.61,62. Provavelmente o Senhor sabia que um retorno à casa significaria uma permanência definitiva ali. Faltava ao homem o poder da resolução, mas esse não foi o caso de Eliseu. Ademais, havia um destino a ser cumprido no caso de Eliseu, enquanto o discípulo potencial de Jesus estava entusiasmado por breve momento, e não tinha nenhum destino a cumprir com Jesus, naquela oportunidade.

Já sabes o que fiz contigo. Essa é a tradução de uma expressão idiomática hebraica que tem deixado os intérpretes perplexos. Talvez signifique algo como “Faz como quiseres”; ou então, “Que tenho feito para deter-te?” (Thomas L. Constable, *in loc.*). Adam Clarke conjecturou o seguinte: “Tua chamada não partiu de mim, mas de Deus; a Ele, e não mim, tens a responsabilidade de usar e abusar desse direito”. Isso teria reforçado a determinação de Eliseu, visto que sua missão era divina.

19.21

Tendo chegado em casa, Eliseu preparou uma refeição que pode ter envolvido um sacrifício sagrado; ele usou as partes de madeira dos aparelhos dos bois como combustível; assim comungou com seus familiares e consolou aos que iria deixar para trás. “Os agricultores e outros reuniram-se para celebrar a ocasião e Eliseu ofereceu uma festa para expressar a eles sua alegria por ter sido chamado... Em seguida, Eliseu se levantou, abdicando de seu emprego mundano e das riquezas que herdaria; deixou seus pais e seus amigos, e passou a seguir o profeta” (John Gill, *in loc.*).

E o servia. Eliseu tornou-se servo e aprendiz de Elias. Ele tinha servido bem à sua família. Agora seria fiel e útil ao antigo profeta e, em breve, tomaria o seu lugar.

Eliseu doravante andaria no que é divino. Ele tinha um excelente professor e aprenderia grandes e profundas verdades, e testemunharia poderosos sinais. Sua vida sofrera uma reviravolta completa porque ele fora escolhido para ser um instrumento especial de poder, naquela hora de crise. O relato subsequente demonstra que ele cumpriu bem a sua missão, com todas as suas forças, e assim deu um exemplo a todos os que se seguiriam.

Capítulo Vinte

Acabe e os Sírios (20.1-43)

Yahweh predissera que Acabe, cuja estrela estava em queda, teria inimigos externos e internos (ver I Reis 19.15 ss.). Hazael, que mataria o rei da Síria (Ben-Hadade II) e usurparia o trono, seria o principal agente estrangeiro de sofrimentos para o apóstata Acabe e para a apostatada nação de Israel, a nação do norte.

Houve guerras quase contínuas entre Israel e a Síria. Agora a maré haveria de virar em favor dos estrangeiros do norte. Estava em jogo a própria continuação da existência do reino do norte, Israel. Acabe obteve duas vitórias e assim livrou-se de tornar-se rei vassalo da Síria. Mas a guerra e o derramamento de sangue não estavam terminados. Hazael continuava esperando cumprir sua missão no palco da violência. Ele agiria de melhor maneira que fizera *Ben-Hadade* (ver sobre ele no *Dicionário*). Ver também ali o verbete *Ben-Hadade II*, quanto à história daquele tempo posterior.

Este capítulo descreve a primeira batalha, dentre as três que serão relatadas acerca de como Acabe foi atacado pelos sírios e, finalmente, perdeu a guerra. Ver I Reis 20.26-43 e 22.1-38.

20.1

Ben-Hadade, rei da Síria. Ver detalhes sobre ele no *Dicionário*. Ele seria um látego para Acabe, pois continuaria a síndrome do pecado-calamidade até que o norte fosse obliterado da face da terra pelo cativo assírio (ver a respeito no *Dicionário*).

A Aliança. Uma situação quase impossível se desenvolveu quando o rei da Síria fez uma aliança com trinta e dois reis vassalos (governantes de pequenas cidades-estados), que se juntariam a ele no ataque a Acabe. Eles se atiraram contra Samaria, a capital da nação do norte, com muitos cavalos e carros de combate. Yahweh, porém, não permitiria que Acabe caísse por enquanto, tomando-se mero rei vassalo da Síria. Ele teria de combater e ganhar, a fim de lutar ainda outro dia e perder. Sua punição viria lentamente e através de muitas *vicissitudes violentas*.

Alguns anos antes, o rei Asa (de Judá) fez com que o rei da Síria atacasse Baasa (I Reis 15.18,20; 20.34). Mas as alianças nunca perduravam quando um dos lados achava conveniente ignorá-las. Além disso, o norte, Israel, era uma nação separada, e nenhuma aliança feita com o sul prosperaria.

O vs. 34 parece dizer que o Ben-Hadade que figura neste texto era filho de um rei sírio que obtivera vitória contra Onri. O título, Ben-Hadade, uma designação real, era herdado.

20.2,3

A Ameaça e a Exigência. O poder de Ben-Hadade era avassalador. Era óbvio que ele venceria Acabe e o reino do norte, Israel. Portanto, ele generosamente

não atacaria, se a nação de Israel simplesmente desistisse e se tornasse província vassala da Síria. De fato, Israel tornar-se-ia escravo da Síria, onde as esposas e os filhos dos israelitas seriam dispostos conforme o rei sírio desejasse, e onde todas as possessões materiais tornar-se-iam dele. A exigência foi arrogante e grandemente exagerada. O rei sírio queria uma *rendição incondicional*. Ele recusava condições de qualquer espécie. Havia muita coisa em jogo para Acabe. Ele tinha cerca de setenta filhos (ver II Reis 10.1), e quem sabe quantas esposas! Perderia tudo e seria submeido a grande humilhação. Além disso, no fim de tudo, seria executado, como era a prática comum nos tempos antigos. Os antigos reis não desapareciam simplesmente; eram executados.

20.4-6

No começo, desesperado, Acabe concordou em tornar-se rei vassalo de Ben-Hadade. Mas Ben-Hadade jamais se satisfazia. Ele agora queria humilhar Acabe e sua família! Enviaria mensageiros e faria uma busca no palácio (e, sem dúvida, nos lares dos ricos) para certificar-se de que todos os bens de valor fossem levados para a Síria (vs. 6). Não haveria complacência. As pobres mulheres e as crianças seriam sujeitadas a violência e abusos. As esposas seriam enviadas para os haréns da Síria, e as crianças seriam subjugadas a trabalho escravo. Os vs. 4 e 5 falam de rendição completa; o vs. 6 fala em humilhação completa. Acabe não seria dono de coisa alguma, nem mesmo de seu orgulho próprio. A princípio, Ben-Hadade mostrou-se liberal, não realizando a parte que implicava humilhação. Mas ao ver quão fraco era Acabe, resolveu humilhá-lo. Afinal, já tinham acontecido muitas guerras, e a Síria havia sido humilhada por Israel. Agora chegara a vez de Israel sofrer desgraça. Ben-Hadade estava a ponto de pilhar Israel, e não meramente reduzi-lo a um estado vassalo.

“É evidente que Ben-Hadade tencionava saquear a cidade inteira e, depois de ter tomado os tesouros reais, as esposas e os filhos do rei, entregar a totalidade à pilhagem por parte de seus soldados” (Adam Clarke, *in loc.*).

20.7

Então o rei de Israel chamou a todos os anciãos da sua terra. O Retorno à Sanidade. De súbito, Acabe viu que nenhuma guerra haveria de reduzi-lo a condição tão vil como se ele concordasse com os termos desarrazoados e arrogantes do rei da Síria. Portanto, ele chamou os *anciãos* de sua terra (oficiais militares, sacerdotes, chefes de tribos, homens idosos e veneráveis) para aconselhar-se. Acabe repetiu diante deles todas as terríveis ameaças e exigências de Ben-Hadade, e imediatamente eles entenderam o quadro. O propósito de Acabe era despertá-los para a ira e a ação. A guerra, da noite para o dia, passara a ser uma alternativa viável, a despeito do poder esmagador da Síria.

Os *Anciãos*. Ver Êxo. 3.16; 12.21; 24.1; Deu. 27.1; 31.9; Jos. 7.6; II Sam. 5.3; I Reis 8.3. Ver também Núm. 11.24,25 quanto à nomeação de setenta anciãos especiais. Cada tribo e cada aldeia tinha seu corpo secundário de anciãos, os deputados dos grandes anciãos. Ver I Sam. 30.26; Deu. 19.12 e 21.3. A autoridade dos anciãos podia ser desfeita pela autoridade do rei, mas ter o apoio deles era importante em qualquer programa de defesa nacional.

20.8

Não lhe dêis ouvidos, nem o consintais. Os anciãos concordaram que era impossível aceitar os termos impostos por Ben-Hadade. Mas também se mostraram bastante cautelosos. Pelo menos Acabe ainda estava disposto a aceitar as primeiras exigências. Israel se tornaria um estado vassalo da Síria. Mas o rei de não permitiria o saque nem a humilhação. Podemos ter certeza de que os anciãos do país o aconselharam segundo essa linha.

20.9

Pelo que disse aos mensageiros de Ben-Hadade. Os mensageiros foram enviados de volta a Ben-Hadade para comunicar a decisão de Israel. Foi uma decisão acovardada, que permitia a escravidão, sem nenhuma oposição, mas rejeitava a humilhação e o saque. Em outras palavras, o que fora dito no vs. 3 foi aceito; mas não o que fora dito no vs. 6.

20.10

Ben-Hadade tornou a enviar mensageiros, dizendo. Ben-Hadade Ficou Enraivecido! Ele não permitiria que Acabe ditasse as normas! Enviaria terrores tais contra Samaria que o lugar seria transformado em *poeira*. E haveria *tantos soldados sírios* para saquear e matar, que não haveria poeira suficiente para cada soldado tomar uma mão cheia de volta para a Síria. “... se cada soldado tomasse um punhado de poeira das ruínas de Samaria, não haveria suficiente para eles todos, o que foi uma linguagem exagerada e hiperbólica, falada em sua ira e fúria” (John Gill, *in loc.*).

“O historiador, com um toque de escárnio, pintou Ben-Hadade como um luxurioso e insolente boca grande. Ele recebeu essa mensagem durante uma festa, na qual estava embriagado... e ordenou aos servos que acatassem imediatamente” (Ellicott, *in loc.*).

Em vez de pagar tributo e ser saqueada, Samaria seria totalmente destruída, conforme pensava Ben-Hadade. Mas a vitória nem sempre pertence aos mais fortes.

20.11

“... em outras palavras, aquele que se prepara para a batalha, que não deposite as suas armas, como se já tivesse obtido a vitória. Nenhum homem se considere vitorioso antes de a batalha terminar e de a vitória ser conquistada. Os eventos da guerra são incertos; a batalha nem sempre é ganha pelo mais forte” (John Gill, *in loc.*) O original hebraico tem apenas três palavras, sujeitadas a diversas interpretações, mas o que John Gill afirmou antes nos dá a essência do que foi dito. As palavras, muito provavelmente, eram uma declaração proverbial espirituosa.

20.12

Ponde-vos de prontidão. Ben-Hadade Estava Embriagado. Mas ainda teve bom senso suficiente para ordenar que as forças sírias se aprantassem para obedecer-lhe imediatamente, tendo enviado seus oficiais para prepararem o caminho. As negociações entre a Síria e Israel estavam completamente rompidas. O rei da Síria havia apostado alto demais, Israel não estava disposto a pagar o preço da paz oferecida por Ben-Hadade.

Embora fosse apenas meio-dia (vs. 16), aqueles homens ímpios e maus já estavam bêbados, o que sugere que, com frequência, eles se entregavam ao deboche. Parece que o rei da Síria fizera preparativos apressados, o que beneficiava a nação de Israel. Os sírios tinham-se preparado às pressas, mas isso não significava despreparo.

20.13

Uma Revelação Surpreendente. Um profeta, cujo nome não foi dado, chegou e assegurou a Acabe, pela palavra do Deus de Israel, a saber, Yahweh, que Israel obteria notável e surpreendente vitória sobre o exército esmagador da Síria. Sem dúvida, Israel estava angustiado. Mas Yahweh, em Sua misericórdia, aliviou essa ansiedade assegurando-lhes da vitória e dando-lhes algumas idéias de quando e como dirigir a batalha. A razão dessa misericórdia era, novamente, *mostrar que Yahweh era o Deus deles*. Era também outra advertência para abandonarem de vez a idolatria. Não muita coisa fora feita nessa direção, desde a vitória de Elias sobre os sacerdotes de Baal, no monte Carmelo (capítulo 18). Deus é o Deus da segunda oportunidade.

Procurando preencher os hiatos, os autores judeus especulam sobre a identidade do profeta, mas não há como descobri-la, nem isso é importante. Há inúmeras pessoas sem nome, lá fora, cumprindo seus deveres e suas missões, cuja identidade não é conhecida. Podemos estar certos de que esse profeta não foi nem Elias nem Eliseu, pois, nesse caso, seus nomes teriam sido registrados.

20.14

Acabe tinha uma dúvida vital. *Por meio de quem* essa vitória seria obtida? Em outras palavras, quais *agentes humanos* seriam os instrumentos de Yahweh para produzir a vitória? A resposta foi que os *jovens oficiais* dos governantes de todas as províncias perfariam uma boa força de combate, e o próprio Acabe seria o general do exército. Nenhum homem se levantou para ser rei, que não fosse homem de guerra, pelo que podemos supor seguramente que Acabe saberia o que fazer, como liderar, planejar e combater. Além disso, com a mente acesa pelos insultos de Ben-Hadade, teria sua disposição aguçada e sua vontade fortalecida.

20.15

Chefes das províncias. A palavra “províncias” vem do vocábulo persa que significa “distritos”. É usada por quatro vezes neste capítulo, e muito raramente em outros capítulos. A palavra era de origem nortista e, visto que o inimigo vinha do norte, era natural usá-la na narrativa. No siríaco e no árabe essa palavra veio a significar “cidade” e tomou a forma de *‘el-Medina’* (vindo de *mehinath*).

Os *oficiais* teriam a tarefa de juntar um exército com os melhores homens disponíveis. A eles seriam dados poder e sabedoria especial. Haveria um elemento divino na batalha, e isso é que faria a diferença.

Os oficiais das províncias formavam um total de 232 homens que agiriam como líderes do exército, e alguns fariam o papel de generais. Eles reuniram um pequeno exército de 7.000 homens realmente preparados e dispostos a ir à batalha contra uma força avassaladora. Também obtemos a idéia de que muitos nada queriam com a questão. Visto que o número era idêntico ao número dos homens fiéis que não se tinham inclinado diante de Baal (I Reis 19.18), alguns estudiosos

concluem que o exército consistia nesses homens, mas isso dificilmente é possível. Pois o autor, de outro modo, por certo teria informado sobre tal fenômeno. Josefo afirma, em seus comentários sobre o versículo seguinte, que a vitória começou a ser obtida ao meio-dia, quando o inimigo foi apanhado de surpresa, desarmado e despreparado para a batalha.

20.16

Saíram ao meio-dia. Era o máximo do calor do dia. O exército sírio estava despreparado para um ataque de surpresa. Nenhum líder do exército sírio imaginaria que Israel sairia para lutar naquele horário de calor máximo. Muitos líderes sírios estavam embriagados. Os generais sírios tinham tomado parte no festim e na bebedeira (vs. 12). A coisa inteira era uma massa confusa.

“Até hoje, pouco se faz no meio do dia, no Oriente Próximo, porque as condições atmosféricas são extremamente quentes” (Thomas L. Constable, *in loc.*).

20.17,18

Temos aqui a *vanguarda* do exército, formada por tropas de elite, os oficiais dos governadores dos vários distritos de Israel. Esses oficiais surgiram de repente na cena. Ben-Hadade foi avisado da aproximação, mas ele não sabia se eles vinham para lutar ou para oferecer novas negociações de paz. Sem importar o propósito deles, entretanto, o rei da Síria quis capturá-los vivos (vs. 18). Mediante tortura, obteria toda a informação possível a respeito das intenções de Israel. Além disso, ele seriam imediatamente transformados em escravos e, então, o país inteiro seria sujeitoado à servidão.

20.19,20

A *vanguarda* do exército israelita apareceu primeiro e, então, seguiu-se o próprio exército. O autor sagrado fornece poucos detalhes, mas assegura que todo homem de Israel obteve sucesso e fez pelo menos uma vítima. A batalha foi rápida e fácil, porque Yahweh a conduzia. O próprio Ben-Hadade esteve presente, para assistir ao *esporte*, que, de súbito, se transformou em pesadelo. Consterornado, porém, ele precisou fugir para salvar a própria vida. O que saíra errado? Aquele homem mau e sua turma tinham debochado em sua festividade, e agora formavam um exército lamentável. Além disso, Yahweh olhara ferozmente para eles, retirando-lhes toda a força, do pouco que restara após o primeiro encontro.

O *plano de ataque*, ao que tudo indica, pertencia às tropas de elite, os comandos que atacariam súbita e ferozmente. Isso lançou os sírios na confusão. Então seguiram-se os 7.000 homens que encontraram os sírios já aterrorizados, fáceis de matar. “O plano teve sucesso além das mais selvagens esperanças de Acabe” (Norman H. Snaith, *in loc.*).

20.21

Os sírios já estavam aterrorizados pelos comandos de Israel, pelo que, quando o exército de Israel (os 7.000 homens) ocupou a cena, os sírios eram vítimas fáceis. Os israelitas formavam apenas uma infantaria, mas logo dominaram a cavalaria de Ben-Hadade. O resultado foi *grande matança*. E os que tomaram parte na batalha sabiam que tinha ocorrido uma intervenção divina. O verdadeiro general do exército de Israel era Yahweh, o Senhor dos Exércitos. Os autores judeus *embelezam* a narrativa dizendo como as forças de Israel saquearam o acampamento do exército de Ben-Hadade, tomando coisas preciosas, instrumentos de guerra, cavalos, carros de combate, e fazendo muitos prisioneiros.

20.22

O mesmo profeta cujo nome não foi citado, o qual dera as instruções apropriadas para conduzir a guerra, informou a Acabe que Ben-Hadade não desistiria. Ele voltaria na primavera seguinte. Dessa vez, Acabe precisaria de disposições cuidadosas e completas, porque o rei sírio, na *próxima vez*, estaria preparado e furioso.

Sem dúvida alguma, devemos supor aqui que a instrução dada pelo profeta, acerca da *preparação*, incluiu sermões contra a idolatria, a raiz dos problemas de Israel. Posteriormente, através de Hazeel (outro homem guerreiro da Síria), Israel sofreria séria derrota, e isso seria um castigo motivado pelo pecado (ver I Reis 19.15-17). Yahweh, enquanto isso, deu a Acabe a oportunidade de arrepender-se e evitar assim o desastre que se aproximava. O fato de que esse desastre veio sem empecilhos mostrou que Acabe podia ser bom na guerra, mas era ruim quanto a qualquer tipo de espiritualidade. Acabe obtivera duas grandes vitórias, mas nada aprendera com elas.

Daqui a um ano. Isto é, na “primavera” (conforme se lê na Revised Standard Version), depois do inverno, quando o tempo seria propício para guerrear. “Na primavera do ano, quando os reis saem à guerra, ver II Sam. 11.1” (John Gill, *in loc.*).

20.23

Entrementes, o derrotado Ben-Hadade, lambendo suas feridas, aconselhava-se com seus anciãos e generais sobre como reverter a humilhante derrota. Foi-lhe sugerido, pois, que a causa de toda aquela derrota seria o fato de que os deuses das colinas (os de Israel) tinham lutado por Israel, ao passo que os deuses das planícies (os deuses dos sírios) certamente teriam dado aos sírios a vitória se eles tivessem permanecido longe das colinas, confinando a batalha às planícies. Naturalmente, essa era uma vantagem definitiva para o exército com carros de combate (como era o caso do exército sírio), ao passo que Israel tinha um exército que consistia, essencialmente, em infantaria, que podia movimentar-se melhor nas colinas. Era costume os povos antigos lançarem a culpa de tudo sobre os deuses. Os sírios tinham caído no erro de subestimar os deuses de Israel. Na próxima vez, os sírios teriam mais cuidado, e os deuses da Síria obteriam a vantagem.

Devemos lembrar que a adoração idólatra de Israel era efetuada em parte nos *lugares altos* (ver a respeito no *Dicionário*). Samaria era um lugar montanhoso, pelo que esse lugar estava envolvido com os deuses das *colinas e dos bosques*. O próprio Yahweh costumava ser adorado nas colinas e nos bosques, mas a figura aqui é, definitivamente, do domínio da idolatria e do politeísmo que Israel havia adotado desavergonhadamente.

Tipos de Deuses. Havia tantos tipos de deuses quanto lugares para edificar altares. Neméstio era o deus dos bosques (ver Ovídio, *Fast.* 1.3). Collina era a deusa das colinas, e Vallina, a deusa dos vales (D. Herbert, de *Relig. Gent.* cap. 1, par. 198). Júpiter, por sua vez, era o deus das montanhas, e Pan era o deus dos campos (*Sophoclis Oed. Tyr.* vers. 1110). O monte Olimpo era o lar dos deuses. A variedade da idolatria pagã era ilimitada. Ver sobre a *Idolatria* no *Dicionário*.

20.24

Os reis vassalos da Síria, das cidades-estados circunvizinhas, tinham-se saído mal na guerra, e os conselheiros do rei sírio recomendaram que eles fossem substituídos por homens de habilidade militar comprovada. Isso seria mais útil do que obter a ajuda dos deuses dos vales e das planícies. Esses capitães ou generais seriam escolhidos dentre os sírios. O rei deixaria de depender de alianças sem respaldo militar autêntico.

20.25

A Duplicação do Exército Perdido. Toda perda em homens, cavalos ou carros de combate seria cuidadosamente substituída, a fim de que houvesse um novo exército, de igual força ao primeiro. Dessa vez, porém, ninguém estaria embriagado, nem haveria ataques de surpresa por parte do inimigo. E, então, a planície tornar-se-ia a cena da batalha, onde os deuses da planície se deleitariam em prestar ajuda aos sírios contra os deuses das montanhas dos israelitas. Nas planícies a cavalaria teria nítida vantagem, ao passo que Israel contava somente com seu exército de infantes. Cf. Juí. 1.19. Dessa maneira, a vitória parecia garantida. Mas os sírios esqueceram-se de Yahweh.

20.26

Ben-Hadade passou revistas aos sírios. Ben-Hadade estava de volta aos campos de batalha. Tinha chegado de novo a primavera (vs. 22). Ben-Hadade, pois, contou os homens para certificar-se de que estava preparado para a batalha. Os reis do Oriente Próximo também saíam a guerrear no outono, *terminada* a colheita, quando havia abundância de alimentos (ver Juí. 6.4; I Sam. 23.1; II Sam. 17.19). Muitos homens de guerra estariam trabalhando na colheita, e só poderiam guerrear terminada a colheita. Coisa alguma faltava nos preparativos de Ben-Hadade. Ele se vingaria e reduziria a cidade de Samaria a poeira. Como já dissemos, porém, ele se esqueceu de Yahweh.

Subiu a Afeque. Ver no *Dicionário* sobre essa localidade. Os eruditos sugerem várias localizações: na parte norte da planície de Sarom, a cerca de treze quilômetros do mar e a vinte e quatro quilômetros de Samaria, para o noroeste. Entretanto, é possível que fosse um lugar ainda não identificado, na planície de Esdrelom. Seja como for, era um local de planícies, algo considerado essencial para o sucesso da batalha (vs. 23). No *Dicionário* há quatro entradas sob o título *Afeque*.

20.27

Entrementes, o exército de Israel havia feito os seus preparativos, incluindo a enumeração dos soldados. Nenhuma vitória jamais pôs fim às guerras, e guerras renovadas requeriam mais vitórias, para serem obtidos breves períodos de paz. Esse ciclo continuaria enquanto Israel existisse. Mas foi o cativo assírio que pôs fim, para sempre, na nação do norte, Israel.

Números Desiguais. Do ponto de vista numérico, Israel estava, realmente, em grande desvantagem. Todas as forças de Israel pareciam apenas dois pequenos rebanhos de cabras, mas os sírios enchiam a planície inteira. Talvez Israel tivesse esperado nas colinas, mas, quando nada aconteceu, foi forçado a entrar na planície, pois, de outro modo, não teria havido batalha. Os sírios tinham mais de 100.000 homens, somente infantes (vs. 29), ao passo que presumimos que Israel tivesse pouco mais de 7.000 homens (vs. 15).

20.28

Outro profeta não-identificado de repente apareceu em cena e dirigiu a palavra diretamente a Acabe. *Yahweh* ficara ofendido com as palavras dos sírios de que, na primeira batalha, os deuses das montanhas tinham dado a Israel a vitória sobre os sírios, cujos deuses eram especialistas das planícies. Mas notemos aqui como os *deuses* dos israelitas agora se tornaram um único Deus, a saber, *Yahweh-Elohim*, ou seja, o Deus Eterno e Todo-poderoso. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Deus, Nomes Bíblicos de*. O profeta corrigiu o politeísmo dos sírios e dos israelitas, lembrando a Acabe que só existe um Deus, o *Yahweh* tradicional da fé dos hebreus. Ele entregara a Israel a vitória na batalha e haveria de esmagar os ídólatras que continuavam a dar a seus deuses o crédito por todas as coisas, quando esses deuses nada eram. Cf. o vs. 23, cujo comentário se aplica também aqui. Os sírios estavam prestes a serem castigados por causa de sua blasfêmia politeísta contra *Yahweh*, e Israel estava prestes a ver, *uma vez mais*, que somente *Yahweh* é Deus. Mas essa lição nunca foi aprendida, afinal.

*Todas as nações temerão o nome do Senhor,
e todos os reis da terra a sua glória.*

(Salmo 102.15)

"Deus ressentiu-se da blasfêmia dos sírios e estava determinado a puni-los. Eles seriam derrotados de maneira tal que ficaria demonstrado que o poder de Deus estava presente em *toda parte*, e que a multidão dos inimigos era como nada para Ele" (Adam Clarke, *in loc.*)

20.29

Sete dias estiveram. Foram *Sete Dias de Tensão*. Durante esses sete dias, nada aconteceu. Cada exército permaneceu em seu próprio acampamento, lançando desafios contra o outro, mas sem sair do lugar. Talvez Israel permanecesse nas colinas, e a Síria nos vales. Ou talvez Israel se tenha mostrado corajoso o bastante para acampar bem na planície, desafiando o inimigo e seus deuses das planícies. Finalmente, no sétimo dia, começou a batalha. Esse era o número sagrado, propício a Israel. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Número (Numeral; Numerologia)*. O autor sagrado nos poupa os detalhes dizendo que Israel atacou de forma tão feroz e determinada que 100.000 infantis sírios foram mortos, o que significa que o número total do exército sírio era ainda maior do que isso. Naturalmente, talvez Israel tenha conseguido liquidar, comparativamente, quase todos eles. O vs. 30 fala em mais 27.000 mortos entre os sírios.

Mas coisa alguma é dita sobre as *espertas estratégias* que tornaram possíveis essa esmagadora vitória, embora devamos entender que algo de divino tenha acontecido: *Yahweh* guardara Sua promessa e amaldiçoara a oposição. "A mão do Senhor esteve visível em toda a questão" (John Gill, *in loc.*).

20.30

Os sobreviventes sírios fugiram para a cidade chamada *Afeque* (ver o vs. 26). Mas, quando estavam entrando na cidade, a muralha caiu sobre eles, matando mais 27.000. Os críticos desconsideram essa nota e supõem que se outros 27.000 sírios foram mortos, isso se deu durante a batalha pelo domínio da cidade. Talvez o autor sacro tenha falado *metaforicamente*. Muitos intérpretes permanecem com a declaração literal. Se essa declaração for mantida, então teremos de dizer novamente: "Houve algo de divino em todo esse acontecimento". Alguma forma de milagre foi efetuada por *Yahweh*. Os intérpretes judeus falam em ventos violentos ou em um terremoto que teria causado a destruição das muralhas, e colocam *Yahweh* atrás desses ventos ou desse terremoto.

Entretanto, *Ben-Hadade* refugiou-se dentro da cidade e ocultou-se em alguma casa, na câmara interior. Pelo momento, ele esperava salvar apenas uma vida — a *sua*. *Ben-Hadade* fora reduzido a nada. Sua arrogância desaparecera. Ele teria de apelar para a misericórdia de Israel a fim de sobreviver àquela situação, e isso seria certamente humilhante, para dizermos o mínimo.

20.31

Ben-Hadade e alguns de seus conselheiros, que tinham conseguido ocultar-se na cidade, tiveram de tomar novos conselhos, dessa vez com vistas à mera sobrevivência, em lugar de garantir a vitória na guerra. Eles dependiam da esperança de que a reputação misericordiosa do rei de Israel fosse verdadeira. Os rumores assim diziam, e eles esperavam que fossem corretos. Portanto, o plano foi que o rei da Síria se vestisse de cilício e pusesse *cordas em redor da cabeça*, como sinal de humilhação e súplica pela misericórdia. Não dispomos de nenhuma outra referência literária sobre as cordas na cabeça, pelo que só podemos imaginar o que isso significaria. Soldados franceses foram render-se ao rei Eduardo III, da Inglaterra (1346), com cordas ao redor do pescoço. Talvez algo semelhante a isso esteja em pauta aqui. A *corda* é algo que amarra, e amarrar-se com cordas significa cativo, bem como *sujeição* dos fracos aos fortes, pelo que é provável que esse simbolismo estivesse em foco na questão. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Pano de Saco*.

20.32

Ben-Hadade saiu de seu esconderijo em uma condição de dar pena. Todas as suas esperanças e planos tinham sido esmagados. Seu poder desaparecera. Ele só pedia para ser poupado. Não estava preparado para morrer. Estava vestido com aquelas roupas humilhantes de cilício, com cordas em redor da cabeça, para mostrar a *sinceridade* de seu apelo. Um homem perto da morte pode ficar muito humilde e sincero. Ele fazia toda espécie de promessas (vs. 34) na esperança de conseguir uma barganha em troca de sua vida. O que não dará um homem pela sua vida? (ver Mar. 8.37).

A Incrível Declaração. Acabe, o tolo, longe de executar a *Ben-Hadade*, chamou-o de seu *irmão*, e até já havia feito outros saber que o deixaria ir-se livre. Por outro lado, talvez o velho Acabe não fosse tão tolo como poderia parecer. Havia uma força ainda maior que a Síria, mais ao norte, ou seja, a Assíria. Portanto, era possível que Acabe tivesse sido sábio o bastante para perceber em *Ben-Hadade* um aliado valioso uma vez que os assírios começassem a dirigir-se para o sul. Por conseguinte, seu ato de misericórdia provavelmente foi calculado, que forçou *Ben-Hadade* a fazer uma aliança de defesa contra os *assírios*. Perceba o leitor as vicissitudes da vida! *Ben-Hadade*, até há pouco, fora um amargo e arrogante *inimigo* do povo de Israel. Na derrota, tornou-se *escravo* de Acabe. Mas Acabe não queria ter outro escravo, pelo que transformou o ex-inimigo em um *irmão*.

20.33

Acabe tinha lançado um raio de esperança ao chamar *Ben-Hadade* de "irmão". Seus auxiliares esperavam ver alguma espécie de presságio que aliviaría os temores da execução. Quando ouviram Acabe chamar *Ben-Hadade* de "irmão", tomaram isso como o sinal que estavam esperando. Alegraram-se muito, pois, afinal, o fato de *Ben-Hadade* ficar em liberdade significaria também a liberdade *deles*. *Ben-Hadade* saiu de sua câmara interior, tomou seu carro de combate e chamou Acabe para juntar-se a ele. Eles tinham importantes negócios para discutir.

20.34

As cidade que meu pai tomou a teu pai eu as restituirei. Meus amigos, em qualquer situação de arrependimento, a *restituição* é um aspecto importante. Não nos basta dizer: "Errei". Até onde for possível, temos de corrigir os danos que nossos atos errados tiverem causado. Abordo este importante princípio moral no artigo do *Dicionário* denominado *Reparação (Restituição)*.

Ben-Hadade, vendo a misericórdia de Acabe, de súbito percebeu quão erroneamente tinha agido. Suas opressões de súbito passaram a oprimir a sua mente. Ele tinha tomado muitas terras do rei de Israel, Onrí. Várias cidades que pertenciam a Israel haviam caído sob seu controle. Todas essas cidades ele agora devolveria. Ademais, abriria Damasco para Israel comercial, permitindo que bazares fossem armados ali, bem como pontos de vendas, isto é, praças para negociar. Acabe faria dinheiro por ter sido bondoso e não ter exigido seu quilo de carne. Note o leitor o quanto o humilhado *Ben-Hadade*, que até recentemente se preparava para saquear Israel (ver I Reis 20.3 ss.), agora permitia que Israel ganhasse dinheiro na capital da Síria!

O Pacto. Acabe permitiu que *Ben-Hadade* retornasse a Damasco, por causa de suas promessas de restauração e de ter feito uma aliança com ele. Não somos informados sobre o que foi incluído nessa aliança, mas uma defesa comum contra os assírios deve ter feito parte do acordo.

"Três anos mais tarde (853 A. C.), Acabe e *Ben-Hadade* tiveram de enfrentar o inimigo comum, a Assíria, liderada pelo poderoso rei Salmaneser III (859-824 A.C.), e repeliram exércitos perto do rio Orontes, em Arã... Essa batalha não é historiada nas Escrituras, mas é mencionada em um registro atualmente no Museu Britânico" (Thomas L. Constable, *in loc.*). Esse autor baseou-se em informes

tomados do livro *Ancient Near Eastern Texts, Relating to the Old Testament*, de James B. Pritchard, editor, Princeton.

O vs. 42 mostra-nos que Yahweh desagradou-se diante do fato de que Ben-Hadade não foi morto. O mal sobreviria porque Israel tomou uma providência pela metade. A história seguinte (vss. 35-43) conta-nos como outro profeta, cujo nome não foi revelado, repreendeu Acabe e previu o desastre.

O Estranho Caso do Profeta Ferido (20.35-43)

À primeira vista, poderíamos pensar que o profeta aqui envolvido tivesse uma consciência má e quisesse cometer suicídio. Mas, sem coragem de fazê-lo, teve de depender de outrem para que a ação ocorresse. Porém, ao ler a história inteira, encontramos algo completamente diferente. O profeta queria ser ferido para obter acesso à presença de Acabe como um *soldado ferido*, e assim entregar sua mensagem de repreensão e predição de desastre porquanto Acabe deixara de tirar a vida de Ben-Hadade. Foi dever de Acabe pressionar sua vantagem contra a Síria e fazer guerra santa. Em lugar disso, porém, ele terminou estabelecendo um pacto com o inimigo, ao chamá-lo de "irmão" (vss. 32 e 33). Além desse erro, ele não quis libertar-se da idolatria, e acabou assassinado por Jeú, o qual, afinal, viria a tornar-se rei de Israel. Para além de Jeú, entretanto, havia o *cativeiro assírio* (ver no *Dicionário*), e isso seria o fim definitivo de Israel, a nação do norte.

20.35

Temos aqui um outro profeta cujo nome não é dado, membro de uma das escolas de profetas, a maioria dos quais estava escondida, porque Jezabel estava matando sistematicamente os profetas. Esse profeta havia recebido uma visão ou alguma forma de comunicação da parte de Yahweh (vs. 36), que lhe dava uma estratégia mediante a qual ele poderia obter acesso ao rei Acabe e entregar-lhe sua mensagem e predição melancólica (ver a introdução a esta seção). A estratégia consistia em ser ele *ferido*, e tornar-se assim capaz de apresentar-se ao rei como soldado ferido. Acabe veria o "pobre homem", pararia o seu carro de combate e escutaria o que ele tivesse a dizer. Para surpresa do monarca, o soldado ferido se transformar de repente em um profeta de Yahweh, proferindo contra ele a triste sorte decretada pelo Senhor.

O homem não teve coragem de ferir-se a si mesmo. Por conseguinte, pediu que um vizinho o fizesse. O profeta olharia para o outro lado quando o homem o golpeasse. Mas aquele também faltou coragem. Talvez fosse outro profeta, e ele não haveria de ferir o próprio companheiro. Presumimos que o homem a ser ferido tenha contado ao amigo *por que* precisava ser ferido. Caso contrário, certamente seria difícil entender por que o amigo seria morto por um leão por não ter obedecido à ordem (vs. 36).

20.36

Um Tratamento Drástico. O pobre homem que não quis ferir ao próximo foi condenado a ser atacado e morto por um leão, porque a palavra específica da parte de Yahweh lhe tinha sido transmitida, mas não obedecida. Tratava-se de uma ordem. Era seu *dever* ferir o profeta; mas, quando ele desobedeceu, selou a sua condenação.

20.37

Outro homem foi encontrado para feri-lo. Esse homem, sem dúvida, tendo ouvido o que acontecera ao primeiro, que se negara a ferir o profeta, imediatamente obedeceu, atacando-o e ferindo-o. Nas não nos é dito que tipo de ferimento ele infligiu ao profeta. O ferido foi deixado com seu ferimento, muito grave, a fim de atrair a atenção de Acabe como um "soldado ferido".

A lei mosaica proibia *mutilações* (ver no *Dicionário*), mas isso quando elas eram feitas para propósitos idolátricos, pelo que o caso presente não era coberto pela lei mosaica.

20.38

Além de seu ferimento óbvio (sem importar no que ele consistisse), o profeta também se desfigurou com sujeira e cinzas, pelo que sua aparência ficou realmente terrível. Então pôs-se à beira da estrada, por onde sabia que o rei passaria. O palco ficou assim armado, a fim de que a temível mensagem de repreensão e destruição fosse pronunciada contra o rei. Sem os seus disfarces, o rei o reconheceria como um profeta (vs. 41), o que subentende que, em algum momento, os dois já se tivessem encontrado.

Uma venda. Esta é a tradução do termo hebraico *aphad*, que é uma emenda conjecturada. O hebraico do texto é *apher*, poeira, sujeira. O Targum diz um "véu". Vários eruditos preferem essa emenda, pensando que uma venda seria um disfarce melhor do que sujeira ou cinza.

20.39,40

O rei estava passando e o profeta, disfarçado de soldado ferido, clamou. O disfarce funcionou bem. O rei parou seu carro e deu atenção ao homem. O profeta contou uma longa e detalhada história a fim de conseguir conversar com o rei. Ele estivera em uma batalha e fora ferido; no decurso da batalha um soldado inimigo lhe fora entregue cativo, mas esse escapou. Agora, ele era um soldado ferido e muito preocupado, porque permitira que o inimigo fugisse. Isso poderia custar-lhe a vida, porquanto falhara em seu dever. Ou, quando muito, poderia ser-lhe cobrada a multa de um talento de prata, isto é, cerca de 34 quilogramas, quantia bastante elevada para quem ganhava o baixo soldo de um soldado. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Pesos e Medidas*. Tais histórias ilustrativas iluminam as páginas do Antigo Testamento.

A *parábola* realmente falava sobre Acabe, que tivera seu cativo nas mãos (o rei da Síria), mas lhe permitira escapar. Acabe acabaria sendo morto por causa de seu lapso, em lugar de pagar uma multa. Ele pagaria seu erro com a própria vida.

O "soldado ferido" havia deixado de guardar o seu depósito; ele estivera ocupado com outras coisas e permitira que seu prisioneiro escapasse. Acabe proferiu então julgamento sobre o soldado descuidado, dizendo que seria exatamente conforme o soldado ferido havia imaginado: ele teria de pagar por seu erro com a própria vida, ou teria de pagar a multa (vs. 39). Acabe, crente de estar fazendo justiça no caso do soldado "ferido", proferiu a própria sentença, concordando em fazer justiça na questão.

20.41

E tirou a venda de sobre os seus olhos. *De súbito*, o "soldado ferido" removeu a venda de sobre os olhos, ou a poeira e as cinzas, ou o pedaço de pano que usara para cobrir o rosto (ver o vs. 38 quanto à variante textual). Tirada a venda, Acabe imediatamente reconheceu o homem como um profeta do Senhor, provavelmente porque já o tinha visto antes. Vários intérpretes, pois, identificam esse profeta com o citado no vs. 13, que tinha proferido palavras de vitória quando Acabe se defrontara com Ben-Hadade. Ver também o vs. 22.

20.42

Total Destruição. Devemos entender que Yahweh havia ordenado que se fizesse *guerra santa* contra os sírios e seu rei, Ben-Hadade. Nas guerras santas, nenhum cativo de guerra era tomado, e nenhuma vida, humana ou animal, era poupada. A totalidade das vidas era oferecida a Yahweh como oferta queimada. Ver Deu. 7.1-5 e 20.10-18 quanto a notas completas sobre esse tipo de guerra. Embora fosse verdade que a maldição original havia sido proferida contra as *sete nações* cananêas que habitavam a Palestina, as quais Israel deveria expulsar (quanto a essas nações, ver a lista em Êxo. 33.2 e Deu. 7.1), e isso não incluía a Síria, devemos entender que uma ordem específica fora dada por Yahweh para que se fizesse à Síria conforme fora feito àquelas sete nações. Ou, pelo menos, houve a ordem de que Ben-Hadade fosse morto. Em lugar disso, Acabe havia tratado muito bem a Ben-Hadade e até o chamara de "irmão". E também entrou em acordo com ele, o que era estritamente proibido (ver o vss. 32-35). Por isso, Acabe havia perdido o direito à própria vida, em consonância com a parábola que tinha sido proferida, "a tua vida responderá pela vida dele" (vs. 39).

Acabe imaginara que Ben-Hadade, *vivo*, seria capaz de ajudá-lo na invasão dos assírios. Ele calculara muito mal, de acordo com a estimativa do profeta. De fato, *Hazael*, um militar sírio de confiança, estava esperando fora do palco das ações militares. Em breve Hazael entraria em cena e assassinaria a Ben-Hadade, tornando-se ele mesmo o rei. Ver I Reis 19.15 ss. Quanto à predição do profeta e o cumprimento da profecia a respeito desse acontecimento, ver II Reis 8.7-15. Acabe também morreria de morte violenta, e dentro de pouco tempo (ver I Reis 22.34-36).

20.43

Acabe esteve mais relacionado com aqueles profetas e suas predições do que jamais desejara. Portanto, ele foi para casa, carregando em sua mente o peso da temível profecia. Ele sabia em seu coração que, algum dia, morreria de morte violenta, tal e qual havia sido predito. Talvez até mesmo um arrependimento naquele instante teria cancelado sua dívida diante do Senhor. Mas Acabe continuava muito ocupado em fazer o mal e efetuar guerras para importar-se com uma questão como arrependimento. Quanto à sorte de Acabe, ver I Reis 22.34-36.

"Acabe retornou entristecido a Samaria, por causa dessa proferia, e irado (cf. I Reis 21.4) tanto contra si mesmo como contra o profeta de Deus" (Thomas L. Constable, *in loc.*). O Targum diz: "Ele estava perturbado e entristecido... não por causa do pecado que havia cometido, mas por causa do castigo que fora proferido" (John Gill, *in loc.*).

Capítulo Vinte e Um

O Vinhedo de Nabote (21.1-29)

A Iniquidade de Acabe e Jezabel. A *essência* da história é a seguinte: Acabe queria comprar o terreno adjacente a seu palácio, em Jezreel, sem dúvida com propósitos de edificar alguma coisa. Ele queria tornar-se mais glorioso. Embelezaria o lugar com um belo jardim e talvez alguma plantação. No entanto, Nabote recusou-se a vender a terra que era sua herança ancestral. Acabe voltou para casa para lamentar-se e adoeceu a tal ponto que nem ao menos comia. Jezabel, sua esposa, perguntou-lhe a causa de toda aquela melancolia. Quando ela soube o motivo da tristeza de Acabe, simplesmente ordenou que Nabote fosse executado com base em uma falsa acusação, a de ter blasfemado contra Deus e contra o rei. Acabe então tomou conta das terras. Elias ouviu a história e proferiu uma maldição contra Acabe e sua família. As coisas haveriam de terminar mal para eles. Haveria desastre e morte no seu caminho. Acabe humilhou-se diante de Yahweh, pelo que o julgamento contra a sua casa foi adiado por uma geração, mas isso não impediu que Acabe tivesse um fim violento, o que também sucedeu no caso de Jezabel.

21.1

Sucedeu depois disto. O incidente ocorreu algum tempo depois dos eventos registrados no capítulo 20. A Septuaginta apresenta-nos a mesma ordem. O incidente mostrou que Acabe, bem como Jezabel, em nada tinha mudado. Portanto, as terríveis profecias contra Acabe dadas no capítulo 20 por certo ocorreriam.

Nabote, o jezeirelita. Ver sobre ele no *Dicionário*. Nabote tinha uma pequena vinha localizada no terreno de sua família. Mas ele não haveria de vender a herança de sua família nem que fosse para agradar o rei, nem para conseguir uma vinha maior e melhor. Acabe teria de tolerá-lo ali, ao lado do palácio real de Jezreel. Acabe aceitou essa *derrota* e foi para casa lamentar-se entristecido. Mas Jezabel não suportaria a arrogância de Nabote. Antes, Nabote seria um homem morto. Nabote estava dentro de *seus direitos*, mas Jezabel tinha o poder, e, de acordo com alguns, “o poder é direito”.

21.2

Razões Estéticas. O rei Acabe, pelo menos por enquanto, estava livre da guerra. Ele tinha derrotado os sirios (capítulo 20) quando estes tinham muito maior número de homens de guerra, mas só ganhou a guerra devido à ajuda de Yahweh. Portanto, ali estava ele, em sua residência de verão, a desfrutar de uma vida amena. Então teve a idéia de embelezar sua propriedade. Seu palácio era um lugar suntuoso, mas parecia melhor ainda se contasse com um jardim adjacente. A dificuldade, porém, foi que Nabote era o proprietário das terras vizinhas ao palácio, e isso impedia a aventura estética de Acabe. Ver a introdução a este capítulo quanto a um *sumário* da história.

Acabe Mostrou-se Generoso. Ele ofereceu a Nabote uma vinha muito melhor em troca da sua. Mas Nabote estava impedido (pela lei) de vender sua propriedade, visto ser sua herança ancestral, que deveria passar adiante a seus descendentes. As leis, contudo, podem ser violadas e mudadas de acordo com a vontade dos políticos, usualmente em troca de alguma vantagem pessoal.

Kimchi informa-nos que era costumeiro às pessoas mais ricas ocupar-se de pequenos projetos agrícolas, próximo de suas casas, a fim de embelezá-las, além de dar-lhes um suprimento de verduras frescas.

Acabe ofereceu uma vinha melhor, ou *dinheiro*, se Nabote assim preferisse; mas esse homem não queria fazer nenhum tipo de negócio. Isso lhe custaria a própria vida. A oferta de Acabe, pois, foi “cortês e liberal” (Ellicott, *in loc.*). Mas era contrária à herança dos hebreus. Ver o vs. 3 deste capítulo.

21.3

Yahweh não toleraria tal transação, pois, afinal de contas, Sua lei, dada através de Moisés, proibia esse tipo de negociação. Ver Lev. 25.13-28 e Núm. 36.7. Nabote era homem de razoáveis riquezas financeiras e estava contente com o que possuía. Ademais, queria obedecer à lei mosaica. De acordo com a lei, seu terreno poderia ser temporariamente alienado, para mais tarde ser redimido. Havia preceitos que governavam as negociações de terras. Mas Acabe, como é óbvio, queria ter a terra de forma permanente. Aquelas terras *precisavam ser dele*.

21.4

Então Acabe veio desgostoso e indignado para sua casa. O arrogante Nabote havia negado ao “pobre rei” o seu brinquedo. Desgostoso, o rei voltou

para casa e deitou-se, tremendamente amuado. Usualmente sendo um bom garfo, dispondo de todas as espécies de acepipes importados, ele parou de comer totalmente. E ficou deitado em sua cama, adoentado e desapontado. “Pobre alma! Ele era senhor sobre dez doze avós da terra, e, no entanto, sentia-se miserável porque não podia obter a vinha de um homem pobre!... Toda privação e cruz faz uma alma imunda sentir-se infeliz” (Adam Clarke, *in loc.*).

O descontentamento de Acabe terminaria em um *crime* franco. O grande rei Acabe agia como uma criança, mas Jezabel seria a executora.

21.5

A solicita *Jezabel* inquiriu a razão do mau humor de Acabe. Por que ele estava de rosto voltado para a parede? Por que não queria comer coisa alguma? Quem teria morrido? Ela corrigiria qualquer coisa errada por meio da violência, que era sua marca registrada.

21.6

Ele lhe respondeu. *Acabe Conta a História a Jezabel.* Este versículo repete o que já foi visto nos vss. 1-3, cujas notas expositivas também se aplicam aqui. O que Acabe deixou de lado, em seu relato, foi que era *ilegal* vender as heranças ancestrais sob a forma de terras, mas nem isso teria feito diferença para Jezabel.

21.7

A horrenda Jezabel lembrou ao marido, Acabe: “Tu és o rei”. E isso também apontava para o ilimitado poder dela, e a coragem de usar esse poder para qualquer tipo de proveito pessoal. *Crimes* são coisas que as pessoas de *menor envergadura* cometem, porquanto um homem grande demais para ser punido não é um criminoso, conforme sempre têm pensado os políticos. As palavras de Jezabel “Eu te darei a vinha de Nabote” significavam que os dias de vida do pobre homem estavam contados. Jezabel não era impedida de nada pela moralidade convencional ou pela moralidade mosaica. Ela era a sua própria lei, visto que “o poder é direito”. Acabe estava disposto a trocar a vinha de Nabote por uma vinha melhor, ou a oferecer-lhe dinheiro. Jezabel, porém, simplesmente haveria de atravessar a Nabote com uma espada.

“Acabe servia apenas para ter desejos e debater-se diante deles. É reservado a espíritos mais ousados agir pelo bem ou pelo mal” (Ellicott, *in loc.*). Jezabel usou “a linguagem do despotismo e da tirania” (Adam Clarke, *in loc.*).

“Negócios? A humanidade é o meu negócio!... caridade, misericórdia, paciência e benevolência são todas meus negócios” (Dickens, *Christmas Carol*, com adaptações). Mas Jezabel só reconhecia seus próprios vícios, destruidores como eles eram. Que significava mais um assassinato para ela?

*Aqueles que não têm dores,
Raramente pensam que a dor é sentida.*

(Samuel Johnson)

21.8

Então escreveu cartas em nome de Acabe. *Traíçoeira* é a palavra que descreve a iníqua Jezabel, que enviou cartas, com o selo do rei, como se elas tivessem sido escritas por Acabe. Ela fez os nobres e os anciãos de Israel acusar falsamente a Nabote, do que resultou a sua morte. Naturalmente, ela poderia ter escrito essas cartas em seu próprio nome, e idêntico resultado seria alcançado. Temos de lembrar que praticamente ninguém era inocente, naquele tempo, em Israel. Uma profunda corrupção havia tomado conta de todos, e isso como que implorava aos assírios que descessem e varressem a todos da face da terra.

Aos anciãos. Ver as notas expositivas sobre I Reis 20.7 quanto a este termo e suas aplicações.

E aos nobres. Membros da família real ou homens especialmente veneráveis. Provavelmente este termo também incluía os *ricos*, os dotados de poder e influência, inteiramente à parte da moralidade. A palavra hebraica correspondente, *horim*, significa “nascido livre”, mas com frequência também indica aqueles de *posição social superior*.

21.9

Apregoai um jejum, e trazei a Nabote para a frente do povo. Nabote deveria ser zombeteiramente exaltado e louvado. Ele era um homem bom, e o público reconheceria isso. Muitas pessoas estariam presentes para honrá-lo, mas ao lado dele haveria dois patifes que, de repente, acusariam o bom homem de blasfêmia contra o rei e contra *Elohim* (o Deus de Israel, ou, talvez os *deuses*,

conforme a palavra hebraica pode ser traduzida). Seja como for, a acusação, nunca ouvida nem provada em tribunal, resultaria em sua execução (vs. 13). Bastava que duas testemunhas testificassem contra uma pessoa para que as acusações tomassem um aspecto legal. Os dois patifes “cumpriram” a exigência legal. Ver Deu. 17.6.7. Quanto a uma interpretação alternativa, ver a seguir.

O texto hebraico original aceita outra interpretação. Em lugar da idéia de *exaltação*, a *colocação de Nabote à frente do povo* pode significar “seja submetido a julgamento”. Mas, quer ele fosse exaltado, quer fosse submetido a julgamento, o pobre Nabote seria atraído e executado por crimes que não tinha cometido. Disse John Gill (*in loc.*): “...trazei-o ao tribunal e julgai-o. Talvez em seus tribunais de juízo houvesse lugares mais elevados, acima da cabeça das pessoas, onde os criminosos acusados costumavam pôr-se de pé, quando estavam sendo julgados, a fim de que pudessem ser vistos e ouvidos por todos”.

Um jejum. Jezabel fingiu que Israel estava enfrentando os pecados de Nabote. Jejum eram decretados em tempos de emergência nacional. Yahweh estaria prestes a punir um povo desviado. Era necessário um arrependimento em massa, e pecados secretos tinham de vir à luz. Algumas poucas execuções avivariam tais questões, e isso aliviaria a ira divina. O jejum alegadamente prepararia o povo para aproximar-se da deidade. A presença divina revelaria *por que* o país enfrentava o perigo. Um jejum de sete dias era comum nos sepultamentos, em lamentação pelos mortos (ver I Sam. 31.13), de modo que um jejum era com frequência associado à morte, e quase sempre ao pecado. Nas religiões modernas, essa não é a razão principal para que haja jejum. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Jejum*, no tocante a esse “exercício espiritual”.

21.10

Dois homens malignos. Nossa versão portuguesa provavelmente mostra-se correta ao fazer do nome Belial um adjetivo que significa “homens malignos”. Ver o *Dicionário* quanto ao termo. Esta nova versão portuguesa concorda com a Revised Standard Version. Somente mais tarde a palavra hebraica veio a significar um nome para Satanás, visto que essa doutrina só se desenvolveu no judaísmo posterior. Eram essenciais *duas testemunhas*, de acordo com a lei antiga (ver Deu. 17.6; 19.15; Núm. 35.30; Mat. 26.60). Isso deixava a questão aberta para a injustiça, porquanto não seria difícil conseguir duas “testemunhas” que concordassem em levantar uma acusação qualquer contra alguém inocente. É admirável que o testemunho tenha sido aceito, e não tenha havido nenhum julgamento como estamos acostumados a ver hoje em dia.

“... eles eram uns coitados inúteis, que tinham lançado fora o jugo da lei, visto que *belial* significa criaturas abandonadas e *sem lei*, que não têm consciência de coisa alguma” (John Gill, *in loc.*).

Blasfêmia. Falar coisas pesadas e perversas contra Deus e o rei, esse foi o alegado “crime” de Nabote. Entrementes, a abominável e idólatra Jezabel saiu livre de qualquer punição, embora ela fosse um caso público e escandaloso de alguém que deveria ser executado de acordo com os padrões da legislação mosaica. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Idolatria*. Esse era um crime passível de execução e uma violação direta do segundo mandamento (Êxo. 20.4). Ver Deu. 17.2-5 quanto à pena de morte (por apedrejamento), que era o castigo contra esse crime.

A blasfêmia era punida com o apedrejamento, conforme aprendemos em Lev. 24.16 e Deu. 13.9,10. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Apedrejamento*. A palavra hebraica aqui usada e traduzida como “blasfêmia” usualmente significa “abençoar”, mas em um uso eufemístico significa também “amaldiçoar”.

21.11

Este versículo oferece um *sumário* do que já foi lido no vs. 8, exceto pelo fato de que aquilo que ali fora *determinado* por Jezabel é aqui estupidamente *obedecido* pelos anciãos e nobres. É óbvio que os líderes de Jezreel temiam mais a Jezabel do que a Deus. Provavelmente ela teria mandado executar qualquer um que se recusasse a cumprir suas ordens, pois, afinal, isso seria blasfemar da rainha-mãe.

“Os cuidados tomados na invenção do plano, e a pronta aquiescência dos governantes da cidade para obedecer às ordens da rainha, são características das formas mais vis do despotismo oriental organizado... sempre inclinado ao assassinato, de acordo com alguma alegada lei” (Ellicott, *in loc.*).

21.12

Apregoaram um jejum. O jejum que Jezabel tinha ordenado foi proclamado e efetuado. Ver o vs. 9 deste capítulo, cujas notas detalhadas também têm aplicação aqui. O pobre Nabote foi zombeteiramente exaltado ou então foi “levado a julgamento”, como a palavra hebraica pode indicar. Isso também foi anotado no vs. 9. Josefo fornece-nos outra idéia: Nabote foi posto em um lugar alto no tribunal, por ser homem de nascimento ilustre (*Antiq.* 1.3, cap. 13, sec. 8).

21.13

Os dois homens vis apresentaram acusações de *blasfêmia* contra Deus e contra o rei, o suposto representante de Deus. Isso reitera a informação que já comentei no vs. 10. Mas agora temos de adicionar o *final*. Nabote foi imediatamente levado para fora e apedrejado até a morte, o modo de execução requerido para os blasfemadores (ver Lev. 24.16 e Deu. 13.9,10).

Para fora da cidade. Porque um cadáver poluía cerimonialmente a cidade e nenhuma adoração formal poderia ser efetuada. Portanto, um assassinato foi cometido, mas os assassinos tiveram cuidado acerca da poluição cerimonial! Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Limpo e Imundo*.

II Reis 9.26 quase certamente declara que toda a família de Nabote foi morta, se não naquela ocasião, pelo menos em outra oportunidade. Portanto, vários assassinatos foram cometidos contra uma família inteira de pessoas inocentes.

21.14

As “boas novas” foram imediatamente dadas a Jezabel. Ela haveria de querer receber notícias, assim que o feito ousado tivesse sido consumado. Os assassinos não haveriam de querer enfrentar a ira da rainha, e agiram imediatamente para remover qualquer possibilidade de erro. Concluído o mal, eles teriam de enfrentar a Deus, mas isso não seria naquele dia, pelo que eles tentaram esquecer o fato. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Lei Moral da Colheita segundo a Sementeira*.

Os homens são capazes de toda espécie de iniquidade.

(Joseph Conrad)

Toda iniquidade é pequena em comparação com a iniquidade de uma mulher.

(Eclesiástico 25.19)

Ninguém está ao meu lado; ninguém participa comigo. Estou sendo cruelmente usada. Ninguém sente a minha dor.

(Jane Austen)

21.15

As *boas novas* foram comunicadas a Acabe. Agora ele tinha um brinquedo com o qual brincar, a saber, a vinha de Nabote. Não fora Acabe quem inventara o plano para assassinar Nabote, mas ele estava ansioso por tirar vantagem dos resultados desse plano, e assim tornou-se cúmplice de sua mulher, Jezabel. O infantil e velho rei levantou-se de seu “leito de enfermidade” e imediatamente foi até o terreno de Nabote para preparar ali um jardim (vs. 2). II Reis 9.26 mostra-nos que os filhos de Nabote também foram executados, e isso só serviu para complicar a questão inteira, a saber, acarretando a morte violenta de Jezabel e Acabe. O dia do castigo deles estava próximo.

21.16

Josefo (Antiq. VIII.13.8) diz-nos que “Acabe alegrou-se diante do que tinha sido feito e levantou-se imediatamente do leito onde tinha jazido”. Acabe tinha menos força de vontade e má imaginação que Jezabel, mas era, igualmente, constituído de consciência. A Septuaginta, por outra parte, pinta Acabe como entristecido pela execução, mencionando que ele “rasgou suas roupas e vestiu-se de cilício”. É possível que essas vestes rasgadas impliquem a verdade dos fatos, e que o texto massorético removeu essa porção, pensando exaltar demais ao ímpio Acabe. Quanto ao texto massorético, ver no *Dicionário* o artigo chamado *Massora (Massorah); Texto Massorético*. Até o cruel Acabe poderia ter ficado temporariamente chocado por causa daquele assassinato. Mesmo sua mente embrutecida poderia ter compreendido, naquele momento, a grande injustiça que fora cometida.

Jezreel ficava a cerca de vinte e seis quilômetros de Samaria, de modo que Acabe fez uma pequena viagem para dar outra olhada em “suas terras”, que se tornariam o “seu jardim” para embelezar sua residência de verão. John Gill (*in loc.*) imaginou que ele tenha ido até lá em meio a grande pompa e glória, sendo acompanhado por altos oficiais para celebrar a feliz ocasião.

A Intervenção e a Retaliação de Elías (21.17-29)

Acabe e Jezabel tinham semeado o vento e logo colheriam o tufão (ver Osé. 8.7). O sangue de Nabote e de seus filhos (ver a história anterior) seria vingado.

*Em vindo o vosso terror como a tempestade,
em vindo a vossa perdição como o redemoinho,
quando vos chegar o aperto e a angústia.*

(Provérbios 1.27)

"A dinastia de Onri, pai de Acabe, seria desmantelada, tal como aconteceu à família de Nabote, e pelas mesmas razões. Nenhuma dessas linhagens reais fora fiel aos ideais deuteronomícos" (Norman H. Snaith, *in loc.*).

"Novamente, Deus escolheu Elias para levar uma mensagem de julgamento a Acabe, que estava, naquele momento, na vinha de Nabote. Deus transmitiu a Elias o que ele deveria dizer (vs. 19)" (Thomas L. Constable). A abominável e ímpia Jezabel tinha cometido o duplo crime de assassinato e confisco ilegal de uma herança familiar. Acabe foi o cúmplice declarado desses crimes e sofreria sorte igualmente horrível.

21.17,18

A palavra do Senhor (Yahweh) veio novamente a Elias. Ele teve uma visão, um sonho incomum, ouviu uma voz direta ou, de outra maneira qualquer, esteve em comunicação com o Ser Divino. Ver no *Dicionário* os artigos denominados *Sonhos*; *Visão* (*Visões*) e *Misticismo*. Cf. I Reis 18.1, a primeira ocasião em que a palavra do Senhor veio a Elias, ordenando-lhe proferir julgamento contra Acabe.

A localização de Acabe foi dada a Elias. Naquele exato instante, Acabe estava tomando posse da vinha de Nabote, que ele tinha obtido através de assassinato. Elias haveria de "apanhá-lo com a mão na botija", porquanto estaria tomando posse ilegal de uma herança de família. O versículo à nossa frente parece indicar a localização da vinha em Samaria, mas Nabote era de Jezreel, e podemos supor que sua vinha estivesse ali. Acabe tinha uma residência de verão naquele lugar. É possível que a declaração feita pelo autor, neste versículo, tenha sido um equívoco. Acabe tinha palácios em dois lugares, porém o mais provável é que a vinha ficasse perto de Jezreel e a herança da família de Nabote também estivesse nessa última cidade.

Elias desceu no dia seguinte após as matanças (ver II Reis 9.26).

21.19

A mensagem a ser transmitida foi direta e brutal. Acabe era um homem morto. Além disso, morreria em desgraça. No próprio lugar onde os cães tinham vindo lamber o sangue de Nabote, também lambeiriam o sangue de Acabe, e dessa forma a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*) teria exato cumprimento. Essa foi a *Lex Talionis* divina (ver no *Dicionário*), isto é, uma punição em termos iguais, como olho por olho e dente por dente.

A profecia não se cumpriu em termos exatos, mas, sim, quanto à sua essência, conforme salientou John Gill (*in loc.*): "... a profecia teve cumprimento em seus filhos, que eram sua carne e seu sangue (ver II Reis 9.26), porquanto o castigo foi adiado em seus dias e transferido para os seus filhos (ver o vs. 29). Os cães, entretanto, lambeiram-lhe o sangue, embora não no mesmo local (ver I Reis 22.8)". O arrependimento de Acabe alterou, até certo ponto, o cumprimento final da profecia, conforme vemos no vs. 29.

"É inútil procurarmos um cumprimento literal dessa predição. Esta teria sido assim cumprida, mas a humilhação de Acabe induziu um Deus misericordioso a dizer: 'Não trarei este mal nos seus dias, mas nos dias de seu filho o trarei sobre a sua casa' (vs. 29)" (Adam Clarke, *in loc.*). Os cães lambeiram o sangue de Nabote em Jezreel, e o de Acabe perto de Samaria.

"Quando os cães lambiam o sangue de alguém, isso indicava uma morte desgraçada, especialmente no caso de um rei, cujo corpo normalmente seria guardado e sepultado com grande respeito" (Thomas L. Constable, *in loc.*).

21.20

Acabe vendeu-se por um miserável terreno. Mostrou assim que não era homem de grande valor. Elias foi chamado por ele de "inimigo", mas na verdade, o próprio Acabe era o único grande inimigo de Acabe. Elias encontrou aquele homem ímpio na vinha do assassinado Nabote. Em breve os pecados de Acabe também o encontrariam. Ele chegara a um mau fim.

"Vendendo a própria alma. O curso mau de Acabe pareceu ter chegado ao nadir na morte de Nabote... sua grande ganância, sua flexibilidade nas mãos da inescrupulosa Jezabel, sua permissão da acusação trombeteada contra Nabote e seu papel de cúmplice na execução daquele homem inocente constituem um capítulo de *negritão* sem remissão. Elias veio a ele como um inimigo. Para uma consciência culpada, o profeta de Deus sempre parece um inimigo... Acabe vendera a alma pelo preço da vinha de seu próximo... podemos perder gradualmente a posseção de nossa alma, lançando-a em uma hipoteca" (Ralph W. Sockman, *in loc.*).

"Ver uma forma similar de fala, em Rom. 7.14. Acabe havia-se entregado totalmente ao serviço do pecado. Satanás se tornara seu senhor absoluto, e

Acabe se tornara seu escravo exclusivo" (Adam Clarke, *in loc.*). O rei de Israel se tornara escravo do mal. Sua vida se tornara caracterizada pela oportunidade perdida e pela perversão. Ele era homem de baixo caráter que cedia facilmente diante da tentação para o mal.

A oportunidade faz o ladrão.

(Provérbio do século XIII)

21.21

A Retaliação. Não havia como Acabe pudesse escapar de uma sorte horrenda. Seus crimes eram grandes demais para serem esquecidos. Até mesmo o arrependimento (que finalmente veio) só poderia mitigar algumas circunstâncias do temível julgamento. O desastre consumiria a ele e aos seus descendentes. Sua dinastia chegaria ao fim. Seu nome seria gravado, para sempre, no livro da vergonha. Ele não teria descendentes do sexo masculino, isto é, que "urinasse contra uma parede". Quanto a notas expositivas sobre essa declaração vulgar, usada com frequência pelo autor sagrado, ver I Reis 14.10, bem como as notas expositivas adicionais em I Sam. 25.22.

A família de Acabe era muito numerosa. Ele tinha setenta filhos. Mas nenhum deles sobreviveria. Ver II Reis 10.1 quanto ao número incomum dos filhos de Acabe.

21.22

Os dois predecessores de Acabe (Jeroboão e Baasa) foram totalmente destruídos com suas casas inteiras (ver I Reis 15.9; 16.11), e essa seria, igualmente, a sorte de Acabe. Ver II Reis 9.9; 10.11 quanto ao cumprimento dessa profecia. Acabe foi um grande pecador, que fez o povo de Israel pecar. Quanto a essa expressão, ver I Reis 15.26. Cf. com I Reis 16.3,13.

21.23

Parte especial da profecia de condenação seria o fim daquela mulher desgraçada, Jezabel. Ver II Reis 9.30,33,36 quanto ao cumprimento da profecia. Cães selvagens viviam no lixo das cidades e vagueavam em matilhas. Eles eram animais perigosos, como nossas modernas variedades de cães. Nem Acabe nem Jezabel receberiam sepultamentos honrosos. Cf. I Reis 14.11 e 16.4.

"As carcaças de hindus pobres e de pessoas que receberam punição pública são lançadas nos rios e, flutuando até as margens, são devoradas pelos cães, pelos abutres e pelas aves de rapina" (Adam Clarke, *in loc.*).

21.24

Sua casa inteira sofreria morte violenta, e aos mortos seria negado um sepultamento decente, sendo eles comidos pelos cães e pelas aves de rapina. Ela foi uma profecia de *desgraça total*, visto ser importante para os hebreus receber sepultamento decente com as devidas honrarias. Cf. I Reis 14.11 e 16.4.

Spinoza demonstrou coragem ao recusar a cadeira de filosofia na Universidade de Heidelberg, porquanto ele pensava que as pressões para a conformidade que ali receberia impediriam sua independência de pensamento. Ele queria ensinar o que pensava ser correto, a fim de influenciar favoravelmente a outras pessoas. No entanto, influências adversas podem transformar uma pessoa naquilo que ela não é, para sua desvantagem e para desvantagem dos que estão ao seu redor. Na presença de algumas pessoas, é impossível sermos "nossas melhores personalidades". Foi assim que Acabe e Jezabel corromperam a nação de Israel, e seus terríveis destinos foram bem merecidos.

21.25

Que se vendeu. Já tínhamos encontrado essa expressão no vs. 20, cujas notas explicativas também se aplicam aqui. Para piorar ainda mais as coisas (como se ele precisasse de alguma ajuda), a abominável Jezabel estava ali para agitar suas inclinações mais vis e ajudá-lo a praticar violência contra os inocentes e a corromper as boas maneiras de toda uma nação. O casal era formado de *almas gêmeas* em prol da iniquidade. Eles eram a equipe do diabo. Ela despertou Acabe para "... a idolatria, a vingança e o assassinato. Além disso, Acabe era um escravo da vontade dela... um cativo do pecado, entregando-se a princípios do mal" (John Gill, *in loc.*).

As histórias dos reinos orientais estão cheias de intrigas femininas, mas não houve intrigas que parecessem tão monstruosas como as de Jezabel, a princesa do mal, a virtual irmã de Satanás. "Uma boa esposa vem do Senhor. Uma má esposa vem do mal. Jezabel foi esse tipo de esposa e tem tido muitas sucessoras na história da humanidade" (Adam Clarke, *in loc.*).

21.26

Yahweh aniquilou os habitantes primitivos da Palestina por causa de sua idolatria e dos pecados que, naturalmente, acompanham esse pecado. Israel fez *guerra santa* contra eles (ver as explicações acerca disso em Deu. 7.1-5; 20.10-18). No entanto, uma vez na Terra Prometida, Israel adotou estupidamente os cultos idólatras que tinham corrompido os povos que ali habitaram. Isso tornou inevitável que a síndrome do pecado-calamidade se apossasse de Israel. A nação do norte seria aniquilada no *cativo assírio* (ver a respeito no *Dicionário*) e simplesmente deixaria de existir como nação independente.

Segundo tudo o que fizeram os amorreus. Os amorreus eram apenas uma dentre as sete nações expulsas da Terra Prometida (ver a lista em Êxo. 33.3 e Deu. 7.1). Mas “amorreus”, neste trecho bíblico, representam *todos* os grupos étnicos e as tribos que ocupavam a Palestina, antes da chegada de Israel. Ver Gên. 15.16 quanto a esse mesmo uso: “... amorreus ... aqui representam todas as demais nações” (John Gill, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Amorreus*, quanto a maiores detalhes. “... inomináveis abominações estavam sempre vinculadas à adoração idólatra” (Ellicott, *in loc.*). Cf. Jos. 10.12,13, sobre como os amorreus foram expulsos da Terra Prometida.

21.27

Arrependimento. Acabe demonstrou todos os sinais de verdadeiro arrependimento, com as vestes rasgadas, o uso do cilício e o jejum. Ver no *Dicionário* os seguintes artigos: *Vestimentas*, *Rasgar das*; *Pano de Saco*; *Jejum*. Quanto ao jejum, ver I Reis 21.9,12. Nos tempos modernos, esse ato tornou-se um exercício espiritual que tem alguma eficácia na iluminação e solução de problemas. No vs. 16 deste capítulo, a Septuaginta mostra Acabe a fazer a mesma coisa, consternado diante da morte de Nabote. Seja como for, não há por que duvidarmos da sinceridade desse arrependimento. Por outro lado, coisa alguma poderia desfazer toda a destruição e o caos que Acabe tinha causado. Em algum tempo ele teria de pagar pelo que fez, de acordo com a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver no *Dicionário*). O arrependimento de Acabe salvou-o pessoalmente de alguma desgraça maior. Mas, depois de sua morte na desgraça, sua família foi aniquilada por Jeú. Ver o vs. 29. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Arrependimento*.

Referências. Quanto ao uso do cilício, ver Gên. 37.34; I Reis 20.31,32; Esd. 4.1; Nee. 9.1; Dan. 9.3; quanto a rasgar as próprias roupas, ver Esd. 4.1; Jó 1.20; quanto ao jejum, ver Nee. 9.1; Dan. 9.3.

21.28,29

Veio a palavra do Senhor a Elias. Uma vez mais, veio a palavra do Senhor a Elias, prestando-lhe orientações e informações. Ele teve uma visão, ouviu uma voz, teve um sonho espiritual especial ou passou por alguma outra experiência mística. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Misticismo*, e cf. I Reis 18.1 e 21.17, onde temos outras comunicações divinas dadas a Elias. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Sonhos* e *Visão (Visões)*.

Certa medida de misericórdia (vs. 29) foi estendida a Acabe, por causa de seu anterior arrependimento. Embora ele mesmo tivesse de morrer uma morte miserável, sem receber um sepultamento honroso (e outro tanto sucederia no caso de Jezabel), ele não viveria para ver Jeú aniquilar seus setenta filhos (ver II Reis 10.1), bem como o resto de sua numerosa casa. Acabe foi sepultado em Samaria (ver I Reis 22.37), mas coisa alguma se é dita sobre a pompa do sepultamento. Jezabel foi consumida essencialmente pelos cães, de modo que somente seu crânio, seus pés e as palmas de suas mãos foram encontrados para sepultar (ver II Reis 9.34,35).

A *história judaica* glorificou o arrependimento de Acabe, dizendo-nos que ele reverteu completamente a sua idolatria, voltou a Yahweh, observou jejuns, orava pela manhã e à noite e estudou a lei pelo resto de seus dias (Pirke Eliezer, cap. 45). Mas esses embelezamentos são fantasiosos.

Capítulo Vinte e Dois

A Última Batalha de Acabe (22.1-40)

A crônica da vida de Acabe caracteriza-se pela violência, pela corrupção e pelas desgraças. Mas tudo isso tinha de chegar ao fim de alguma maneira. Ele foi um homem que viveu à espada e morreria à espada (ver Mat. 26.52). A *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver no *Dicionário*) não permitiria a Acabe escapar facilmente. Já se aproximava uma punição exata, terrível, como tinham sido os seus crimes. Seu arrependimento (ver I Reis 21.27-29) permitiria certa medida de misericórdia. Pelo menos ele não viveria para ver Jeú aniquilar seus setenta filhos (ver II Reis 10.1), bem como o resto de seus parentes e servos.

A História Deste Capítulo. Ben-Hadade, rei da Síria, prometera restaurar territórios e cidades que a Síria havia conquistado e que antes tinham pertencido a Israel (ver I Reis 20.34). Aparentemente, parte desse território potencialmente restaurado foi Ramote-Gileade. Foi em vista disso que Acabe (rei de Israel) e Josafá (rei de Judá) reuniram forças para tentar readquirir os territórios perdidos. Vários profetas de Israel “predisseram” a vitória e o sucesso da empreitada. Mas Micaías sempre previa desastre. Micaías foi consultado quanto ao projeto militar e, novamente, lançou uma profecia condenatória. De fato, ele previu a morte de Acabe como parte da derrota de Israel. Acabe, pois, tomou toda precaução possível para impedir isso, exceto pelo fato de que não ficou em casa. Ele não usou sua armadura especial que o identificava como rei, mas entregou-a para que Josafá a vestisse. E Acabe vestiu-se como um soldado qualquer. Mas a sorte derrubou todos os seus disfarces. Um arqueiro despediu um dardo ao acaso, o qual se enfiou no corpo de Acabe. A sorte mostrou ser cruel. O homem estava morto. Por outra parte, o próprio Acabe cultivara seu triste fim.

Na Septuaginta e na versão de Luciano, o capítulo 22 aparece logo depois do capítulo 20. Essas versões põem o capítulo 21 após o capítulo 19. É difícil dizer qual foi a ordem original dos capítulos. Nossas traduções seguem o texto massorético. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Massora (Massorah)*; *Texto Massorético*.

22.1

Três anos se passaram sem haver guerra. Isso não foi nenhum recorde, mas todo esse tempo sem matar e sem ser morto foi realmente incomum. Acabe havia conseguido obter duas vitórias significativas sobre Ben-Hadade, rei da Síria, mediante a intervenção direta de Yahweh. Ver a história dessas vitórias em I Reis 20. Humilhado, o rei da Síria (visto que sua vida havia sido poupada) concordara em devolver territórios que os sírios tinham confiscado de Israel (ver I Reis 20.34). Podemos presumir que nem todas as promessas de Ben-Hadade foram cumpridas. Portanto, Israel e Judá combinaram forças na tentativa de reocupar a cidade de *Ramote-Gileade*. Ver a introdução ao presente capítulo. Josefo diz-nos que Ramote-Gileade foi tomada pelos sírios de Onrí, pai de Acabe (*Antiq.* VIII.15.3).

Pelo momento, a ameaça de Assíria havia passado. Acabe e Ben-Hadade tinham juntado forças e derrotado o exército assírio na batalha de Qarqar. Falo sobre isso nos comentários sobre I Reis 20.34. As Escrituras não dão nenhuma informação sobre essa batalha. O exército assírio, porém, voltaria mais forte do que nunca, e o cativo seria uma realidade que poria fim a Israel (a nação do norte) como país independente. Isso, porém, não aconteceria no tempo de Acabe. Portanto, desassossegado e sem ter guereado por três anos, Acabe resolveu atacar seu aliado recente, Ben-Hadade. É patente, pois, que os antigos reis de Israel, bem como os de territórios circunvizinhos, gostavam de matar e ser mortos. Esse era, de fato, o principal esporte da época. Acabe, pois, retornou ao seu jogo de guerra, e induziu o rei de Judá a cooperar com ele. Naquela época, Judá não era muito mais que um estado vassalo do reino do norte, Israel. A nova guerra começou em cerca de 853 A.C.

22.2

Porém no terceiro ano. No terceiro ano as coisas voltaram à violência de sempre. Josafá, rei de Judá, veio ver o rei de Israel. Eles haveriam de planejar juntos a nova guerra. O rei de Judá não era muito mais do que um rei vassalo de Acabe, pelo que teria de deixar nas mãos deste a direção da guerra. A Septuaginta diz-nos que Acabe forçou Josafá a vestir a sua armadura (vs. 30), de maneira que, se alguém quisesse matar um rei, mataria o rei de Judá, e não o de Israel. Mas um dardo lançado ao acaso por um soldado sírio arruinou todo esse plano. O texto massorético diz, no vs. 30, “tuas vestes”, referindo-se às roupas que Josafá vestiria, vestimentas e armaduras do rei. Mas a Septuaginta mais provavelmente está com a razão ao dizer “minhas vestes”, indicando as roupas de Acabe. Isso deixa evidenciada a sujeição do rei de Judá ao rei de Israel. Quando me refiro ao texto massorético, aponto para o texto hebraico padronizado. Ver sobre isso no artigo do *Dicionário* chamado *Massora (Massorah)*; *Texto Massorético*.

Josafá. Ver o artigo detalhado sobre ele no *Dicionário*. Neste versículo, o autor sacro volta a dizer algo sobre a nação do sul (Judá) e suas atividades. Ele deixara de falar sobre Judá no final do capítulo 15 de I Reis, a fim de relatar longamente as histórias referentes a Elias e Acabe. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Reino de Judá* quanto a uma lista e descrições dos reis de Judá. Mas a história de Josafá propriamente dita começa em I Reis 22.41 e estende-se até I Reis 22.51.

O plano do autor sagrado foi dar *relatos paralelos*, descrevendo os reis de Israel e Judá, em ordem cronológica aproximada, indo de Israel para Judá, de acordo com o tempo envolvido. Ele não contou primeiro a história de todos os reis de Israel, para depois apresentar a história dos reis de Judá. Quanto a esse plano de *relatos paralelos*, ver as notas expositivas sobre I Reis 16.29.

22.3

Acabe estava infeliz diante das promessas não-cumpridas que Ben-Hadade tinha feito (ver I Reis 20.34). Nem todos os territórios e cidades tinham sido devolvidos a Israel, incluindo a cidade de Ramote-Gileade. Não guerrear por três anos deixou seu espírito inquieto. Foi assim que ele se aconselhou com os oficiais e anciãos de sua nação e decidiu tomar Ramote-Gileade à força. Esse lugar tinha sido uma cidade de refúgio, localizada além do Jordão, com relativa importância. Ver sobre isso no *Dicionário*.

“A derrota e a morte de Acabe foram subseqüentemente vingadas por Jorão, que tomou a cidade e a reteve, a despeito de todos os ataques do inimigo (II Reis 9.1-14)” (Ellicott, *in loc.*). Acabe declarou guerra para que tivessem cumprimento as profecias contra ele (ver I Reis 21.21 ss.).

22.4

Então perguntou a Josafá. Ver as notas expositivas sobre o vs. 2, e o artigo sobre Josafá no *Dicionário*. Embora fosse rei de Judá, ele havia sido reduzido à posição de virtual vassalo de Acabe e haveria de ajudá-lo na guerra que envolveu a cidade de Ramote-Gileade.

Unidos em Todas as Coisas. Josafá demonstrou sua absoluta sujeição a Acabe ao proferir que os exércitos do norte e do sul eram um só, que seus bens eram um só, e que seus propósitos eram um só. Os cavalos eram cavalos que puxaram carros de combate. Israel e Judá poriam em campo uma cavalaria, e não meramente a força de combate de infantes, que era como os israelitas e judaítas usualmente combatiam. A palavra hebraica envolvida dá-nos essa informação, por não falar meramente de “cavalos de montar”.

Havia alianças por matrimônio entre Acabe e Josafá (ver II Crô. 18.1; II Reis 8.18). Portanto, foi fácil a aliança entre os dois reis. Essa união, entretanto, ofendeu a Yahweh, porquanto Israel se transformara apenas em outra nação pagã e idólatra (ver II Crô. 19.1-3). Embora tenhamos visto Acabe *arrepender-se* (ver I Reis 21.27 ss.), isso não significa que toda a nação de Israel também se tivesse arrependido. Jezabel continuava firmemente no comando do país.

22.5,6

Consulta primeiro a palavra do Senhor. O oráculo foi consultado acerca do sucesso na batalha por Ramote-Gileade. Yahweh era supostamente honrado por aqueles que davam a “boa” resposta. Uma escola de 400 profetas foi consultada. Não parece que esses fossem profetas de Baal. Seja como for, eles eram apostatados e deram ao rei a resposta que ele queria ouvir. Disseram mentiras, pois Acabe em breve perderia a própria vida. Josafá sentiu no coração que havia algo de errado na consulta e assim procurou um “profeta do Senhor” (vs. 7). Alguns estudiosos, porém, insistem que esses 400 profetas eram os de Aserá ou Baal, que não haviam sido mortos no monte Carmelo (ver I Reis 18.19), mas não é provável que eles tinham sido aceitos por Josafá, e muito menos que se tenham convertido ao yahwismo. Talvez eles tivessem seu quartel-general em Betel, o antigo santuário sagrado, porquanto não centralizavam sua adoração no templo de Jerusalém.

22.7,8

Josafá, dotado de maior discernimento que Acabe, sentiu que o parecer dos 400 profetas (apostatados) de Israel era falso. Portanto, quis consultar outro profeta que tivesse a reputação de ser santo e exato, e seguiu a Yahweh e não a Baal. Acabe, pois, conhecia a Micaías (ver sobre ele no *Dicionário*), que tinha considerável reputação como profeta. Mas Acabe o odiava, porque Micaías vivia predizendo condenação e falando sobre o pecado. Apesar das objeções de Acabe, Josafá insistiu, e Micaías foi consultado. Micaías parecia-se muito, nas atitudes, com Elias. Eram ambos inimigos de Acabe e de seu reino apóstata. Josefo diz que Micaías era o profeta referido em I Reis 20.35-45, mas não há como provar isso. Se estiveram envolvidos dois profetas, então ambos fizeram as mesmas melancólicas predições sobre a sorte de Acabe. E assim Acabe preferiu dar crédito aos 400 profetas, que sempre davam profecias fulgurantes de vitória. Algumas vezes, porém, a fé consiste em crermos em algo que não é a verdade; e aqui temos uma dessas ocasiões.

Disse Josafá: Não fale o rei assim. Josafá queria que Acabe se livrasse de seu ódio por Micaías e se mostrasse razoável. O profeta de Yahweh deveria ser respeitado e consultado, e Acabe finalmente consentiu com isso.

22.9

Acabe despachou um oficial para alcançar Micaías, a fim de que a consulta profética pudesse ser realizada. Micaías, sem dúvida, morava em algum lugar de Samaria, porquanto não demorou a responder à convocação. Entretanto, os vss.

26 e 27 talvez indiquem que Micaías foi tirado da prisão, a fim de profetizar, e, dada a profecia de condenação, ele voltou a ser encarcerado. Seja como for, seu conselho profético não foi seguido, pelo que Acabe marchou para a batalha e para a morte, porque estava preso ao destino.

22.10

Foi uma Ocasião Solene. Acabe e Josafá estavam em seus tronos improvisados, no portão da cidade, esperando a chegada de Micaías. Entrementes, os falsos profetas continuavam a proferir mentiras, caindo em transe, dançando ao redor e fazendo declarações absurdas. Os dois reis vestiam-se em pompa e esplendor, com seus trajes reais, mas a causa deles era uma causa de morte. Eram os últimos momentos de glória de Acabe. O resto seria desastre e sofrimento. O portão da cidade era um lugar costumeiro de comércio e transação da lei, bem como de assembleias públicas. E também podia ser um lugar secundário onde um rei fazia suas assembleias, já que ele possuía seu próprio palácio onde usualmente se desenrolavam as reuniões do tribunal. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Portão*.

22.11

Zedequias, filho de Quenaaná. O *Ridículo Zedequias*. Ele era um dos profetas apostatados e auto-iludidos. Sua fé por certo consistia em crer em algo que não era verdade. Ele chegou a ponto de construir chifres de ferro, imitando os chifres de um touro, e de predizer que Israel, à semelhança de um touro, haveria de chifrar os sírios e limpá-los completamente do mapa. De fato, os sírios, de acordo com a fábula constituída por ele, seriam inteiramente “consumidos”.

Uma *ilusão* consiste em ver ou ouvir algo que realmente não existe. As pseudovisões pertencem a essa classe, e são formas de enfermidades mentais. Certas coisas são, realmente, “vistas”, mas apenas como projeções da mente. O pobre Zedequias foi vítima disso. Na psiquiatria, uma ilusão consiste em uma crença falsa, especialmente sobre si mesmo (a pessoa imagina-se uma grande figura religiosa ou política), e assim, mostrando-se persistente nessa crença, a paranóia ou demência se estabelece. É até mesmo possível que o pobre “profeta” estivesse sofrendo dessa forma de ilusão radical. Por isso apresentava seu caso com tamanha convicção e, sem dúvida, acreditava no que dizia. Mas a sinceridade não o salvou de estar laborando em terrível erro.

Abardinel supunha que o “profeta” tivesse em vista a bênção de José (ver Deu. 33.17), onde aquele patriarca foi comparado a um touro com chifres, e esses chifres seriam as multidões de Manassés e Efraim. Acabe era da tribo de José e governava Efraim e Manassés. Talvez tenhamos aqui, portanto, a descrição de uma *parábola* “inventada pelo profeta”, e não uma visão que ele tivesse “visto”. Por outra parte, ele mesmo dera a *Yahweh* o crédito naquele instante, e isso sugere que estamos aqui tratando com uma pseudovisão, e não com uma parábola.

22.12

Os outros profetas mostravam-se ridiculamente alucinados e enganados. Eles insistiam em falar sobre as mesmas falsas profecias, sem dúvida, através de grande variedade de pseudovisões que produziram no local, exatamente para aquela ocasião. Há um misticismo autêntico, e há um misticismo falso. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Misticismo*. Não podemos depender nem mesmo do verdadeiro misticismo, como se fosse esse o *único* modo de conhecer a vontade de Deus e ocupar-nos da vida espiritual. Precisamos usar nosso intelecto; precisamos das boas obras; precisamos viver conforme a lei do amor. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Desenvolvimento Espiritual, Meios do*, quanto a maiores detalhes sobre a questão.

Os profetas repetiram o que tinham dito (ver o vs. 6) e assim venceram a influência de Micaías e de sua profecia autêntica. O próprio Josafá engoliu o ardid. Os planos para a luta por Ramote-Gileade foram consolidados e postos em ação.

Cf. o presente versículo com Mat. 7.21-23. Nem todo o que diz estar profetizando em nome do Senhor realmente o está fazendo. Alguns “profetas” são obreiros de iniquidade. Os profetas mencionados neste texto falavam como se inspirados por Yahweh. Mas eles mentiam, pois estavam alucinados e iludidos. O vs. 21 mostra-nos que um *espírito*, um agente de Yahweh, levou aqueles profetas a dizer o que disseram, a fim de que Acabe não evitasse seu temido destino.

22.13

O mensageiro que fora chamar a Micaías. Esse homem estava interessado no bem-estar de Israel, e isso requeria (conforme ele pensava) vitória sobre os sírios. Nem bem Micaías havia sido chamado, e o mensageiro imediatamente expressou a *esperança* de que o profeta dissesse a mesma coisa que os outros “400 profetas” diziam. Isso permitiria que Acabe e Josafá prosseguissem com seus planos, na confiança de que Yahweh lhes concederia uma vitória fácil. O mensageiro, pois, tinha sua própria definição de *bem*. A apostatada nação do norte tinha de ser abençoada, a despeito de suas apostasias, e, nesse caso, o julgamento divino certamente era *mau*. Ele esperava uma boa palavra: “Israel

prosperará em batalha, a despeito de sua idolatria". No entanto, Elias já havia predito que Hazeel administraria uma estonteante derrota contra Israel (ver I Reis 19.17). Agora, havia chegado o momento desse acontecimento. E Acabe, cegamente, aproximava-se de sua hora fatal.

*A Justiça, invisível e muda, lhe segue os passos,
Ferindo sua vereda, à direita e à esquerda.*

...

A Justiça sabe muito bem a quem deve ferir.

(Êsquilo)

"Que noção poderiam ter aqueles homens de uma profecia, quando supunham estar no poder do profeta modelar a sua predição conforme desejasse e fazer as coisas acontecer conforme ele predissera?" (Adam Clarke, *in loc.*). Ellicott, *in loc.*, lança a culpa de toda aquela confusão sobre as superstições da época. No Novo Testamento lemos sobre o pobre Simão, o Mago, que pensou que os apóstolos eram tão grandes que podiam conferir, a quem quisessem, qualquer dom espiritual, e que isso podia *ser comprado a dinheiro!* (Ver Atos 8.9 ss.).

22.14

O Yahweh vivo, o Deus eterno, não operou segundo as idéias insensatas daqueles falsos profetas. Antes, Deus deu uma verdadeira palavra; Suas profecias dependiam de Sua própria vontade, e Seu profeta era apenas o mensageiro da palavra divina. Essa palavra pode agradar ou fazer desmaiar. Fosse como fosse, seria *verdadeira*. Micaías jurava por esse tipo de Deus. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Juramentos*. Um profeta autêntico predizia aquilo que realmente aconteceria. Ele declararia essa palavra, sem importar quão desagradável fosse.

"... falarei verdadeira e fielmente, nada retendo, nada adicionando, sem importar se a palavra é boa ou má, se é agradável ou desagradável" (John Gill, *in loc.*). O profeta, como é evidente, não sabia, naquele momento, no que consistiria a profecia, mas conhecendo bem todas as coisas relativas a Israel e a Acabe e sua apostasia, ele pode ter imaginado que coisa alguma de bom poderia ser dita a respeito deles.

"A semelhança de Elias, Micaías estava preparado para ficar sozinho" (Thomas L. Constable, *in loc.*)

22.15,16

Quase imediatamente Micaías chegou e apareceu defronte dos dois reis, Acabe e Josafá, pomposamente sentados nos tronos improvisados no portão da cidade de Samaria. Micaías parecia olhar desdenhosamente para aqueles falsos profetas que dançavam, gritavam e profetizavam falsamente. Ele não precisava passar por aquelas contorções para proferir uma palavra *verdadeira*, ao passo que eles precisavam de tudo aquilo para proferir uma palavra *falsa*.

Ironia. Acabe queria ouvir que Israel obteria grande vitória, e assim, Israel e Judá *prosperariam* em seus planos. Dessa forma Micaías disse ironicamente: "Vai adiante com os teus planos. Prosperarás". Mas Acabe percebeu a zombaria no tom de voz de Micaías e fê-lo jurar que diria somente a verdade (vs. 16). A zombaria de Micaías foi tão grande que ele chegou a dizer que *Yahweh* lhe dera aquela mensagem de esperança, de que entregaria os sírios nas mãos de Israel. Mas Acabe sabia que *Yahweh* não havia dito tal coisa; sabia que as coisas se incendiariam; sabia, em seu coração, que sua hora tinha chegado. Há estudos que demonstram que todas as pessoas sabem, com pelo menos um ano de antecedência, que vão morrer, e muitos têm sonhos de pré-conhecimento que insistem em dizer-lhes isso. Isso é verdade até mesmo no caso de jovens saudáveis, mas que enfrentarão algum acidente fatal. Acabe sabia, mas continuou tentando fazer os profetas dizer-lhes o que não era verdade. Sua esperança recusava-se a findar-se. Acabe fez Micaías jurar que diria a verdade. Ele realmente queria saber. Por outro lado, contudo, não queria realmente saber.

"Micaías foi um verdadeiro discípulo de Elias, devido ao tom desafiador de sua voz, por meio de que tomou as declarações dos profetas falsos e deles zombou... Ele se mostrou zombeteiro contra Acabe e seus profetas" (Ellicott, *in loc.*).

Quantas vezes te conjurarei...? Naquela ocasião, ou em outras, o profeta havia zombado de Acabe com seu pequeno jogo de imitar os falsos profetas.

22.17

Vi todo Israel disperso pelos montes. Israel ficaria sem pastor (Acabe seria morto e não haveria líder para o exército disperso de Israel). Soldados mortos pelo chão; soldados agonizantes; outros caminhando ao redor, estonteados; confusão total; perda total; derrota total. Essas eram as coisas que Micaías viu quando *Yahweh* inspirou a sua mente. "... o exército de Israel seria derrotado, disperso e fugiria, alguns em uma direção, outros em outra" (John Gill, *in loc.*). Alguns poucos miseráveis conseguiriam retornar para casa.

"O oráculo compunha-se da costumeira forma rítmica e poética, seguindo a métrica de dois mais dois. Micaías, pois, falou o verdadeiro oráculo, estando sob juramento a *Yahweh*. Ele não podia fazer outra coisa além de dizer exatamente o que acreditava ser a verdade" (Norman H. Snaith, *in loc.*).

Terminara o sarcasmo do profeta. Ele entregou com simplicidade sua pesada e devastadora mensagem. Ele não precisou de transe nem de danças.

22.18

Acabe não pôde resistir àquela antiga resposta: "Eu bem que lhe havia dito". A *verdade* não lhe interessava. O que Acabe queria ouvir era uma palavra boa da parte do profeta, mesmo que fosse uma *mentira*. Mas Acabe sabia em seu coração que Micaías tinha razão, porém não queria que a verdade fosse transmitida à sua mente consciente. Ninguém quer ser cortado no vergel da vida, nem o ímpio Acabe o queria. Porém, ele mesmo havia cultivado seu fim violento. Talvez três anos antes seu fim inglório já houvesse sido anunciado, e Hazeel estava prestes a surgir nos palcos da história. Acabe teria de enfrentar a cortina final no palco de sua vida. Ver I Reis 19.17. Hazeel em breve haveria de assassinar Ben-Hadade e, então, na guerra contra ele, Acabe seria morto por uma flecha disparada ao acaso.

22.19,20

A Visão da Sorte Determinada. Micaías havia tido uma visão espetacular que garantia que, a despeito de qualquer ação tomada ou de qualquer circunstância, Acabe não conseguiria escapar à sua sorte melancólica. Micaías viu *Yahweh* em Seu trono, rodeado pelos exércitos do céu. Ele procurava por um *espírito* (vs. 21) que realizasse uma missão especial. Essa missão consistia em persuadir Acabe a subir a Ramote-Gileade para ali encontrar seu temível destino. Nenhuma circunstância ou desculpa poderia interferir.

Yahweh foi apresentado na visão como um Rei em um trono, com Seus exércitos a rodeá-Lo. Isso é *antropomorfismo* (ver a respeito no *Dicionário*). Somos forçados a descrever Deus nos termos de nossa própria experiência e características, conferindo ao Ser Divino atributos e atos humanos. Naturalmente, tais descrições são meramente simbólicas e parciais. A natureza real de Deus permanece um mistério. Ver no *Dicionário* os artigos denominados *Mysterium Fanciolum* e *Mysterium Tremendum*.

"A *visão simbólica* de Micaías, que, naturalmente, relembra a bem conhecida descrição existente em Jó 1.6-12 da conversa entre Satanás e o Senhor, deve ser considerada um símbolo e nada mais. Josefo omitiu o texto presente de seus comentários... O símbolo foi extraído de uma corte real, em que o rei procurava conselho contra os seus inimigos" (Ellicott, *in loc.*).

Na verdade, Deus não precisa tomar conselho com Seus anjos, e o fato de que assim aconteceu, segundo se vê neste versículo, dá prosseguimento ao antropomorfismo. Por outra parte, os anjos são Seus agentes (ver Heb. 1.14). Deus, pois, buscava um agente especial para obrigar Acabe a encontrar a sua sorte. O mais admirável foi que Deus estava prestes a usar um *espírito mentiroso*.

22.21

Então saiu um espírito. No hebraico, *ruwach*, a saber, "respiração" ou "vento". Mas essa palavra veio a significar, entre os seres imateriais, um "espírito", neste caso, um ser da ordem dos anjos. Ver no *Dicionário* sobre *Anjos*. Os anjos são retratados como auxiliares e exércitos de Deus, e instrumentos especiais de Sua vontade, por delegação. Eles são enviados para missões em favor de Deus. O Pentateuco não tem nenhum versículo claro em prol da existência e sobrevivência do espírito humano, doutrina que veio à existência na teologia dos hebreus somente nos livros dos Salmos e dos Profetas. Mas desde cedo há uma doutrina dos anjos, que o artigo citado demonstra. Visto que o espírito referido no próximo versículo é chamado de *espírito mentiroso* (vs. 22), alguns estudiosos pensam tratar-se de um *demônio*. Mas isso parece ser contrário à teologia dos hebreus da época, ou seja, um anacronismo. Ver sobre o versículo seguinte quanto a esse problema.

22.22

Serei espírito mentiroso. Isso cria um "problema teológico". Alguns intérpretes falam do espírito como *demoníaco*, supondo que ele tenha recebido *permissão* para ir até Acabe dizer-lhe mentiras através de seus falsos profetas, o que de fato ocorre no caso de todos os falsos profetas, sendo o demônio a sua inspiração, tal como o Espírito de Deus inspira os verdadeiros profetas. Mas essa linha de argumento obviamente é *anacrônica*. A antiga teologia dos hebreus não hesitava em falar sobre os anjos como enviados em missões de engano, se essa fosse uma boa causa. O texto afirma claramente que *Yahweh* procurou tal servo para que obedecesse à Sua vontade, e a Sua vontade era *enganar* a Acabe. Isso faz o Todo-poderoso misturar-se com o ludíbrio; isso, porém, caros leitores, reflete a teologia aceitável para os hebreus da época. Mediante um ato satânico, Jó foi

levado a sofrer e a perder tudo, excetuando a própria vida, e Deus ficou de lado, observando o ato. Essa cena dificilmente concorda com a teologia cristã mais iluminada e com nossa melhor visão do Ser supremo e divino. Os deuses gregos apareciam como enganadores e corruptores das boas maneiras. Também eram deuses da sorte e da vingança. Não nos admiraríamos se alguns desses mesmos elementos fizessem parte da muito antiga teologia dos hebreus.

A verdade da questão foi que o espírito era de um dos anjos de Yahweh, e não um demônio; e esse espírito foi enviado em uma missão de engano, porque isso era necessário para garantir o mau fim de Acabe. Cf. Jer. 20.7. Ali Yahweh alegadamente enganou o bom profeta. Jeremias *pensou* que havia sido enganado por Deus; sua teologia incluía essa possibilidade. Cf. II Tes. 2.11,12, onde temos algo similar em Paulo. Satanás precisará contar com seu grande auxiliar terreno, o anticristo, e isso aparece como parte da vontade divina. Neste ponto, caímos no antigo problema de como a predestinação se relaciona ao livre-arbítrio humano. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Predestinação (e Livre-arbítrio)*, onde a questão é examinada. Os críticos supõem que tenhamos uma resposta em I João 4.1, onde (segundo eles supõem) poderíamos obter a idéia de que certos espíritos malignos não estão sob o controle de Deus. Mas isso dificilmente nos ajuda neste ponto, mesmo que reflita uma verdade. O espírito do texto presente, sem dúvida, estava sujeito à vontade de Yahweh e foi encarregado de uma missão divina.

John Gill (*in loc.*) tem um curioso comentário sobre este texto: "Os espíritos malignos gostam de ser empregados para prejudicar os homens". Os comentaristas judeus faziam desse o espírito humano de Nabote, que procurava vingar-se de Acabe. O espiritismo aceita tais explanações, mas a teologia cristã moderna reluta em acreditar em tais doutrinas, fazendo todos os espíritos malignos pertencer à ordem dos demônios. O *Talmude Bab. Sanh.* fl. 89.1; 102.2 e o Targum de passagens como esta apresentam o espírito humano como um demônio potencial, o que era a teologia comum até o século V D.C., quando Crisóstomo influenciou a Igreja a pensar de todos os demônios como pertencentes à ordem dos anjos caídos. Logicamente, ver tal doutrina no texto *presente* também é um anacronismo, pois tal idéia só passou a fazer parte da teologia posterior dos hebreus.

Por que Acabe Não Creu em Micaías? O texto à nossa frente nos explica por que as profecias de Micaías não foram aceitas por Acabe, embora fossem verdadeiras. O espírito estava presente, sussurrando aos ouvidos deles que as profecias dos 400 profetas eram verdadeiras e que Acabe deveria ir a Ramote-Gileade: devemos prosperar; devemos obter a vitória; devemos cobrir-nos de glória. Tudo isso era um *engano necessário*, a fim de que Acabe se encontrasse com sua sorte terrível. Foi por isso que as falsidades do espírito derrotaram qualquer sã maruseio da verdade, conforme dizia Micaías.

22.23

O espírito mentiroso não somente convenceu a Acabe, mas a todos os seus falsos profetas. Todos eles promoveriam o ludíbrio, selando assim o mau fim de Acabe e sua morte em batalha. Novamente, os intérpretes insistem aqui na presença de demônios como inspiradores da idolatria e do falso culto religioso, tal como o Espírito de Deus inspira os *Seus* profetas. Porém, devemos lembrar que essa doutrina aqui é um anacronismo, conforme expliquei longamente nos comentários sobre o vs. 21. Não devemos cristianizar o texto.

A Vontade de Yahweh. Notemos como a vontade ativa e diretiva de Yahweh operou neste caso. Ele *enviou* o espírito mentiroso a caminho, encarregando-o de fazer um bom trabalho de ludíbrio. Não há nenhum indício de um ato divino *permissivo*, conforme insistem em afirmar os intérpretes. Mesmo que demônios estivessem ativamente envolvidos na descrição, vemos Yahweh ativamente encorajando, até mesmo exigindo, que eles fossem e enganassem, o que não concorda com uma teologia cristã mais iluminada. Naturalmente, passagens como João 13.27 envolvem o problema do mal sendo usado para fazer o bem. Deus usa o livre-arbítrio humano sem destruí-lo, embora não saibamos dizer *como* isso possa acontecer.

Fraqueza quanto a Causas Secundárias. Os teólogos históricos observam a fraqueza da teologia dos hebreus quanto às *causas secundárias*. Portanto, qualquer tipo de mal e de desgraça pode ser atribuído à *operação de Deus*, enquanto tais coisas *deveriam* ser atribuídas a agentes maus e secundários. O calvinismo radical também falha quanto a essa mesma fraqueza, atribuindo *todas* as coisas à vontade de Deus e ignorando o fato de que há muitas coisas más que acontecem devido a uma variedade de causas más e secundárias. Se Deus é a *única* causa, então Ele é a causa tanto do bem quanto do mal. Meus leitores, existem outras causas, entre elas o perverso livre-arbítrio dos seres humanos. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Livre-arbítrio*.

22.24

Zedequias... deu uma bofetada em Micaías, e disse. O ignorante Zedequias, um dos falsos profetas enganado pelo ardil do espírito mentiroso, deu um passo à frente e esbofetou Micaías, declarando, sarcasticamente, que o espírito mentiro-

so tinha passado dele para Micaías e era a causa de *suas* falsas profecias. Em outras palavras, é como se ele tivesse dito: "Tu, Micaías, é quem está com o espírito mentiroso, a inspirar-te no que acabas de dizer. Por outra parte, eu e o restante dos profetas estamos aqui dizendo a Acabe a verdade".

"Um bofetada no rosto era um grande insulto (cf. Jó 16.10; Lam. 3.30 e Miq. 5.1), maior do que é hoje em dia. O falso profeta, inocente ou consciente de sua falsidade, afirmou que não tinha inventado a sua profecia, mas que a tinha recebido do Senhor" (Thomas L. Constable, *in loc.*). Nisso vemos quão *enganado* ele estava. O espírito mentiroso havia cumprido bem a sua tarefa. Ver o vs. 11 quanto a outros atos de Zedequias, naquela ocasião.

O Espírito do Senhor. A maioria das traduções retém o "E" maiúsculo na palavra "Espírito", fazendo assim a referência ser ao Espírito Santo, o qual, afinal, na teologia, assumiu a posição da Terceira Pessoa da Trindade. Neste caso, Zedequias estava dizendo que *ele* era inspirado pelo Espírito de Yahweh, e não por algum alegado espírito mentiroso. E também negou que o mesmo Espírito Santo pudesse ter saído dele para ir para Micaías, a fim de inspirar uma profecia contraditória. Se, porém, retivermos o "e" minúsculo na palavra "espírito", continuará então em vista o espírito mentiroso, que teria sido chamado "de Yahweh". Nesse caso, a interpretação dada no primeiro parágrafo é a correta. Ver no *Dicionário* o artigo *Espírito de Deus*.

22.25

Quando entres de câmara em câmara. *Micaías continuou insistindo* em suas profecias melancólicas, e viu, naquele momento, como Zedequias teria de fugir, escondendo-se de casa em casa, para não perecer juntamente com o exército derrotado de Israel. Então, *aquele profeta saberia, de forma convincente, quem era o profeta a quem o Espírito de Yahweh tinha inspirado.* Sem dúvidas, ele ficaria surpreendido diante dessa revelação. O auto-engodo é algo terrível, e não há ilusão maior do que essa. Ver os comentários no vs. 11, sobre *ilusão* e sobre *equivoco*. É possível que o profeta falso tenha acompanhado Acabe à batalha, querendo ser uma força positiva em benefício do rei na linha de batalha. Mas, diante da total derrota do exército, ele teria fugido para a cidade e tentado ocultar-se. Ou, então, permaneceu no campo de batalha, as terríveis notícias da calamidade puseram-no em fuga. Não há registro de como esse acontecimento ocorreu, mas supomos que Micaías tenha exprimido a verdade. Portanto, não sabemos qual foi a sorte final de Zedequias.

22.26,27

Devolvei-o a Amom, governador da cidade. Ver no *Dicionário* os nomes próprios que aparecem nestes dois versículos. Amom era o prefeito da cidade, seu principal líder político, diretamente responsável diante de Acabe, o rei do reino do norte.

Joás. Este talvez fosse um filho literal e biológico de Acabe, mas o termo pode ter sido empregado como o *título* de um elevado oficial. Ver II Crô. 28.7; Jeremias 36.26 e 38.6. Seja como for, o fato foi que Acabe encarregou do aprisionamento de Micaías a dois de seus mais elevados oficiais em Samaria, para *garantir* que o pobre homem, de fato, terminasse seus dias na prisão. II Reis 10.1 dá a entender que filhos de Acabe foram feitos governantes no reino.

Ao profeta Micaías deveria ser dada "escassez de pão e de água" (John Gill, *in loc.*). Portanto, Micaías, seria tratado de forma *aliívia*. Sua vida seria miserável. Ele pagaria o preço de sua insolência e não teria mais oportunidade de profetizar ou circular em público.

"Cf. Isa. 30.20. Temos aqui uma ordem de tratamento severo, bem como de um passado à máquina... Sobre a sorte de Micaías nada sabemos. Mas é difícil supor que seu ousado e desafiador testemunho pudesse escapar à pena de morte, quando a queda de Acabe deu azo ao reavivamento das violências de Jezabel (Ellicott, *in loc.*).

22.28

Se voltares em paz, não falou o Senhor. A prova de que Micaías mentira seria o retorno em segurança de Acabe a Samaria. Mas se o rei morresse no campo de batalha, então esse seria um testemunho da verdade da palavra predita pelo profeta. Foi por isso que Micaías chamou a todos para que ouvissem suas palavras e fossem testemunhas do que ele havia dito naquele dia.

As palavras "Ouvi isto, vós, todos os povos!" não se acham na Septuaginta e provavelmente são uma adição do texto massorético, tomada por empréstimo de Miq. 1.2. Isso foi inserido por causa da falsa crença de que o Micaías do presente texto deveria ser identificado com o profeta Miquéias, autor do livro do Antigo Testamento assim intitulado. Quanto a informes sobre o texto hebraico padronizado (texto massorético), ver no *Dicionário* o verbete denominado *Massora (Massorah)*; *Texto Massorético*. Os chamados Manuscritos do Mar Morto têm demonstrado que, algumas vezes, as versões, especialmente a Septuaginta, possuem textos mais antigos (e originais) do que os representados pelo texto hebraico padronizado que conhecemos hoje em dia. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Mar Morto, Manuscritos (Rolos) do*.

22.29

Cegamente, tanto Acabe quanto Josafá seguiram para a triste sorte que lhes esperava em Ramote-Gileade. O espírito mentiroso havia feito um bom trabalho (ver I Reis 22.21,22). Acabe tomou precauções para disfarçar-se (vs. 30), pelo que não seria morto *como um rei*, dando a algum sírio causa de jactância: "Matei o rei de Israel". Uma flecha atirada ao acaso estava destinada a encerrar a triste história de Acabe. Aos olhos de Yahweh, a flecha já chispava no ar.

22.30

Eu me disfarçarei, e entrarei na peleja. *Um Disfarce Inútil.* O pobre Josafá teve de vestir a armadura de Acabe, a fim de que, se algum homem quisesse matar o rei de Israel (para assim obter maior glória), seria o rei de Judá que morreria, e não o rei de Israel. Josafá, como vassalo virtual de Acabe, não pôde recusar-se à troca, e teve de correr o risco. Ironicamente, o rei de Judá sobreviveu, mas não o rei de Israel. Coisa alguma seria capaz de alterar esse destino. Acabe foi ao campo de batalha como um soldado regular; mas seria contado entre as baixas, tal como a profecia de Micaías havia afirmado (ver I Reis 22.17).

Alguns intérpretes pensam que os trajes reais eram usados até mesmo nas batalhas. Mas parece estar em foco aqui uma *armadura distintiva*, que diferenciava o rei de um soldado comum.

A precaução de Acabe estava baseada sobre o conhecimento, em seu coração, de que Micaías tinha dito a verdade. Ele estava prestes a morrer, e assim apelou para uma medida infeliz (o disfarce), na tentativa de anular o que era *inevitável*.

22.31

Mas somente contra o rei de Israel. A ordem de matar o rei foi dada aos trinta e dois capitães de carros de combate do exército sírio. Naturalmente, eles teriam de combater contra o exército de Israel, tanto generais quanto oficiais, e também soldados infantis, mas o alvo *prioritário* seria o rei de Israel. Este versículo leva-nos a supor que Acabe era um soldado renomado, homem de valor e violência, um grande matador, habilidoso nas questões da guerra. Ele era o marechal da força armada, e sua morte desmoralizaria o exército de Israel. Se a "luz" de Israel fosse apagada, todo o Israel cairia juntamente com ela. Ver II Sam. 21.17. O bem-estar de uma nação era identificado com o bem-estar de seu rei (cf. I Reis 11.36). Nas guerras antigas, com frequência uma única batalha ou algumas poucas batalhas determinavam o resultado final, ocasionalmente em um único dia.

Acabe estava quebrando seu acordo com Ben-Hadade, porque, em primeiro lugar, esse homem não observou sua aliança, retendo para si mesmo certas cidades que deveriam ter sido entregues a Israel, tais como Ramote-Gileade. Portanto, naturalmente, como vingança, Acabe era um objeto especial de ódio. Ver I Reis 20.34.

22.32

Josafá. O rei de Judá estava disfarçado na armadura especial de Acabe e, conforme havia sido antecipado, isso atraiu a atenção do exército sírio. Os capitães sírios saíram atrás de Josafá, ao passo que Acabe foi ignorado, por estar vestido como um soldado comum (ver o vs. 30). E Josafá, vendo que corria perigo mortal, gritou de terror. A Septuaginta dá aqui um texto diferente do nosso: "Eles o rodearam". Assim diz o texto paralelo de II Crô. 18.31. A diferença nas palavras hebraicas para "a ele se dirigiram" e "eles o rodearam" é muito pequena. Este poderia ser outro lugar onde a Septuaginta preserva o texto original contra o texto hebraico padronizado (o texto massorético). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Massora* (*Massorah*); *Texto Massorético*.

Não sabemos dizer por que Josafá gritou. Talvez tenha sido para dizer aos sírios atacantes que ele não era o homem que buscavam. Ou talvez ele tenha invocado Yahweh para salvá-lo daquela ocasião. O trecho paralelo (II Crô. 18.31) diz-nos que Yahweh o ajudou. Não era aquele o dia de sua morte. Ele tinha um destino a cumprir, em contraste com Acabe, cuja vida seria cortada dentro em pouco.

22.33

Deixaram de o perseguir. *Os Capitães Sírios Descobriram o Ardil.* O homem a quem estavam perseguindo não era Acabe. Provavelmente eles já tinham visto Acabe por mais de uma ocasião. Portanto, chegando mais perto, reconheceram que era outro que estava vestindo a armadura especial de Acabe, mas o homem não era o rei de Israel. Por conseguinte, deixaram de lado o pobre rei Josafá e dirigiram sua atenção para outro lado.

22.34

Feriu o rei de Israel por entre as juntas de sua armadura. *De Súbito, Acabe Foi Ferido.* Um arqueiro sírio atirou uma flecha ao acaso, e aconteceu que a flecha atingiu o rei de Israel. Tudo pareceu uma terrível demonstração de má

sorte, mas, na realidade, não houve no acontecido nenhum acaso. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Chance*. Até meros acidentes podem servir de advertências psíquicas de que há algum problema. pecado ou erro em uma vida humana. Embora o caos se faça presente neste mundo, até mesmo ele é instrutivo. A criação foi sujeitada à *futilidade* para fazer com que o homem, finalmente, busque Deus como seu refúgio (ver Rom. 8.20, bem como as notas expositivas sobre esse versículo no *Novo Testamento Interpretado*). Não obstante, apesar do caos, um grande desígnio opera em tudo, desde os objetos físicos inanimados até a vida dos homens.

*O Senhor firma os passos do homem,
e no seu caminho se compraz.*

(Salmo 37.23)

*Tenho um encontro com a Morte,
em alguma barricada disputada.*

(Alan Seeger)

*A morte tem mil portas para deixar sair a vida.
Descobrirei uma delas.*

(Philip Massinger)

*Onde quer que estejas, a morte te alcançará,
embora estejas em torres elevadas.*

(O Alcorão)

Tão pouco tempo atrás, Acabe estava, por assim dizer, em sua torre elevada, sentado no trono em vestes reais resplendentes (ver I Reis 22.10), mas a morte o encontrou, e uma das suas portas se abriu para deixar escapar-lhe a vida. A profecia de sua iminente morte violenta foi cumprida por uma flecha atirada ao acaso. Micaías havia falado uma palavra *eficaz*, a qual venceu todos os obstáculos que Acabe, em seu desespero, pusera no caminho. Ver I Reis 22.17.

Por entre as juntas da sua armadura. Se a flecha tivesse atingido um centímetro ou dois para a esquerda ou para a direita, teria sido detida. Mas naquele dia não haveria nenhum *se* que salvasse a vida de Acabe. A flecha atingiu exatamente o lugar onde não havia nenhuma proteção e provavelmente lhe atravessou o abdome. A Vulgata Latina diz que a flecha feriu Acabe entre os pulmões e o estômago.

Mesmo em sua agonia, Acabe continuava interessado no resultado da batalha, pelo que ordenou que fosse removido da confusão para não se saber que ele tinha caído no chão. Isso teria desencorajado o exército e conferido vitória aos sírios.

22.35

Acabe estava fora de ação, moribundo, mas a batalha prosseguiu por todo o dia. Muitos outros espíritos humanos foram-se para o mundo de luz. Acabe agonizou e continuou vivo até a noitinha, provavelmente vítima de uma hemorragia. O sangue verteu e molhou todo o chão do carro de combate, e isso em abundância tal que escorreu para o chão. O rei de Israel foi mantido apoiado, para dar a impressão de que tudo estava bem e para que não fosse proclamada a palavra que ele fora ferido e estava moribundo. Portanto, seu exército continuou lutando como se nada tivesse acontecido. Assim sendo, apesar de não estar no meio da batalha, ele aparentemente estava em um lugar onde podia presenciá-la. Acabe combinava força física e coragem com um moralidade débil, uma característica bastante comum em alguns chamados grandes homens.

22.36

Ao pôr do sol. Terminado o dia, terminou a frenética luta e matança. e ouviu-se um grito de ordem de que cada homem retornasse à sua cidade e ao seu país. Em outras palavras, para Israel, a guerra estava terminada, visto que, por aquela hora, tinha-se espalhado a notícia de que o rei de Israel, Acabe, estava morto. Nada havia que restasse para combater, e assim Israel simplesmente abandonou o esforço. "Visto que seu pastor e senhor estava morto, cumprindo assim a visão de Micaías (vs. 17), foi baixada a ordem para cessar o combate" (John Gill, *in loc.*). O resultado da batalha foi que Ramote-Gileade permaneceu nas mãos dos sírios. Haveria outras guerras que resultariam na troca de territórios, mas pelo menos por algum tempo uma paz vergonhosa desceu sobre Israel.

22.37

Morto o rei levaram-no a Samaria. Esta cidade era a capital do reino do norte, Israel. Nada nos é dito sobre cerimônias pomposas. É possível que somen-

te a lamentação tivesse assinalado o rito de sepultamento. Acabe precisou morrer, e isso estupidamente, por uma flecha atirada ao acaso. Mas ele havia cultivado sua sorte miserável. Ele foi sepultado em Samaria, onde seu pai, Onri, também estava enterrado (ver I Reis 16.28). Se Acabe não se tivesse arrependido, não teria tido nenhuma espécie de sepultamento (ver I Reis 21.27-29). Mas seu arrependimento alterou algumas coisas relativas às profecias sobre ele, mas não a sua *essência*. Ver as notas expositivas sobre I Reis 21.19, onde comentamos sobre o cumprimento parcial das temíveis profecias contra Acabe. Ele não viveu o suficiente para ver a derrota completa de Israel às mãos de Hazeel, que mataria Ben-Hadade e, então, derrotaria definitivamente a Israel. Os filhos de Acabe, porém, ainda veriam o cumprimento cabal das tristes profecias concernentes a Israel.

22.38

Uma Horrível Tarefa. A alguém foi dada a desagradável ordem de lavar o carro de combate que fora inundado com o sangue de Acabe. A água que foi usada nessa lavagem correu no solo, e, naturalmente, continha elevada quantidade de sangue. Chegaram cães que começaram a lamber o sangue. Elias havia predito que os cães fariam isso (ver I Reis 21.19), exatamente no lugar onde o sangue de Nabote fora lambido pelos cães. Portanto, a retribuição operou à maneira da *Lex Talionis* I (ver no *Dicionário*).

A armadura de soldado de Acabe bem como suas armas estavam completamente sujas de sangue e também tiveram de ser lavadas. Após toda essa lavagem, o carro de combate estava “limpo” e pronto para ser usado em mais matanças.

As prostitutas banharam-se nestas águas. As versões da Vulgata latina e siríaca dizem aqui “armadura”, mas as versões em geral traduzem essas palavras de várias maneiras. O vocábulo hebraico significa “prostitutas” (conforme dizem a Revised Standard Version e nossa versão portuguesa). Mas o Targum, a Vulgata e o siríaco preferem a palavra “armadura”, conforme o aramaico e a palavra rabínica empregada no texto. Mas se seguirmos estritamente o texto massorético, teremos de compreender aqui “prostitutas”. Isso significaria que o poço onde o carro de combate de Acabe foi lavado era um local em que mulheres de baixa moral estavam acostumadas a banhar-se. Quanto ao texto massorético, ver no *Dicionário* o verbete chamado *Massora* (*Massorah*); *Texto Massorético*. A Septuaginta fala em “prostitutas”; e, com base nessa autoridade, acrescentada à do antigo texto massorético, supomos que é assim que o texto deva ser entendido. “O cão e a prostituta são (respectivamente) os tipos simbólicos da imundícia animal e humana” (Ellicott, *in loc.*).

22.39

O autor sagrado completou a história da mesma maneira que fez quanto aos reis anteriores. Quanto ao *Livro da História dos Reis de Israel* (uma das fontes informativas do autor sagrado), ver sobre os *Livros Perdidos*, em I Reis 14.19. Ver também I Reis 11.41 quanto a outros detalhes, e também, no *Dicionário*, o artigo denominado *Livros Perdidos da Bíblia*. Comparar com isso as notas similares sobre Tibni (I Reis 16.21,22) e Oséias (I Reis 17.1-6), as quais, contudo, não são especificamente mencionados no *Livro da História dos Reis de Israel* que o autor sagrado usou como fonte informativa. O livro bíblico desse nome não está em pauta aqui.

Acabe foi uma espécie de Salomão em miniatura, pois a seu crédito foram lançados alguns importantes projetos de edificação. Entre eles contam-se a sua casa de marfim, o seu palácio e a reconstrução ou fortificação (e talvez até a construção original) de várias cidades. Ele fez mais do que simplesmente levantar ídolos e iniciar guerras, embora não retiremos essas idéias das narrativas anteriores. O palácio de Acabe sobreviveu para além de sua época, e pessoas ricas de tempos posteriores o imitaram (ver Amós 3.15). O manuscrito A da Septuaginta faz referência às habilidades de Acabe como construtor, em Jer. 22.15. Reis posteriores tentaram igualar-se aos programas de construção de Acabe.

22.40

Este versículo repete, palavra por palavra, a nota que o autor sacro dá acerca de todos os reis. Quanto à questão de mortos recentes irem dormir com seus pais, ver as notas em I Reis 1.21.

Nada nos é dito quanto à idade de Acabe, mas supomos que ele tenha morrido relativamente jovem. A síndrome do pecado-calamidade o apanhou ainda cedo na vida. Ele reinou, em termos gerais, de 870 a 848 A.C. Teve suas realizações, vencendo a maioria de seus embates militares, através de suas próprias habilidades ou da misericórdia de Yahweh. Efetuou significativo programa de construções, mas falhou no campo moral e espiritual, e sua vida foi cortada em julgamento divino, por causa dessas falhas.

Josafá, Rei de Judá (22.41-51)

Josafá nos foi apresentado em I Reis 22.2, onde o vemos aliado a Acabe no plano de reconquistar Ramote-Gileade dos sírios. Acabe acabou morrendo na-

quela batalha, mas Josafá sobreviveu para cumprir um destino maior. Quanto a um sumário de sua história, ver o artigo sobre ele no *Dicionário*.

A partir deste trecho da história, a atenção do autor sagrado volta-se de novo para Judá. Ele apresenta *relatos paralelos* dos reis de Israel e Judá, indo de um reino para outro em uma ordem cronológica aproximada. Quanto a notas completas sobre esse método de apresentação, ver I Reis 16.29. Ele interrompeu qualquer informação sobre Judá, no fim do capítulo 15, a fim de dar-nos relatos sobre a casa de Onri (pai de Acabe), contando as narrativas sobre Acabe e Elias. Agora o autor volta a Judá, tendo devotado considerável tempo e espaço aos acontecimentos do reino de Israel.

Grande parte do que o autor disse sobre Josafá já foi descrito no relato de suas associações com Acabe, rei de Israel. Seguem-se alguns poucos detalhes, incluindo o fato de que Edom era vassalo de Judá. Josafá, rei de Judá, também obteve elevadas notas quanto à sua espiritualidade, chegando a produzir algumas reformas que Asa não havia efetuado. Suas tentativas no campo comercial com países estrangeiros (em imitação a Salomão) não obtiveram bom sucesso, pois, de fato, terminaram em desastre e naufrágio.

22.41

E Josafá, filho de Asa. Ver vários artigos no *Dicionário*: *Josafá*; *Reino de Judá e Rei, Realeza*. Asa, pai de Josafá, tinha sido um bom rei, do ponto de vista espiritual, tendo eliminado a maior parte das práticas idólatras de Judá. O novo rei levou ainda mais adiante essas reformas. (ver I Reis 22.43 e ss.). Esses dois homens seguiram o bom exemplo do rei ideal, Davi, o qual, embora tendo cometido grandes erros, jamais flertou com a idolatria.

No quarto ano de Acabe, rei de Israel. Continuando sua prática de dar narrativas paralelas dos reis de Israel e Judá, e saltando de uns para outros, segundo uma ordem cronológica aproximada, o autor sagrado agora diz que Josafá começou a reinar no quarto ano de Acabe, rei de Israel. Acabe reinou em cerca de 870 a 848 A. C., o que significa que ele e Josafá governaram simultaneamente por dezoito anos. Quanto ao relato paralelo do autor, como seu modo de apresentação, ver as notas sobre I Reis 16.29.

Josafá começou a reinar como co-regente por causa da má saúde de seu pai (ver I Reis 15.23), e essa circunstância continuou por três anos, até que Asa morreu. O único outro caso de co-regência foi o de Salomão com Davi, e isso por um tempo muito breve.

22.42

Era Josafá da idade de trinta e cinco anos. Josafá reinou por vinte e cinco anos, de cerca de 873 a 848 A. C., (os eruditos diferem um pouco no tocante a isso). Ele viveu um total de cerca de sessenta anos. O nome de sua mãe era Azuba. Quanto ao que se sabe a respeito, ver o verbete sobre ela, no *Dicionário*.

A capital continuou sendo Jerusalém, onde Davi tinha posto a arca e onde Salomão tinha edificado o magnífico templo, esperando ali centralizar a vida política e religiosa de Israel.

Josafá foi um dos oito bons reis de Judá. Essa bondade era julgada de acordo com sua vida espiritual, e não por suas realizações seculares e militares. Ver o artigo do *Dicionário* intitulado *Reino de Judá*, quanto a uma lista e um sumário dos reis de Judá.

22.43

Ele andou em todos os caminhos de seu pai Asa. Isso significa que ele seguiu o exemplo do rei ideal, Davi (ver I Reis 15.11). Davi, embora culpado de crimes hediondos, nunca se afastou de Yahweh para cair em ritos pagãos e idólatras. O autor sagrado do livro de I Reis estava mais interessado nesse aspecto dos reis do que em qualquer outro, pelo que um bom rei era aquele que seguisse a legislação mosaica, e não aquele que realizasse um magnífico programa de edificações ou fosse bem-sucedido na guerra. Josafá, naturalmente, continuou a dinastia de Davi, pelo que se esperava que ele preservasse as tradições familiares, e não somente a fé dos hebreus. O Messias procederá dessa linhagem. Ver sobre o *pacto Davidico* nas notas em II Sam. 7.4.

22.44

Uma Reforma Defeituosa. O rei Josafá não foi capaz de limpar os santuários nos Lugares Altos (ver a respeito no *Dicionário*), que sempre tenderam para a idolatria. Supomos que o yahwismo fosse promovido nesses santuários, mas eles feriam o ideal da adoração centralizada no templo de Jerusalém. Além disso, provavelmente havia algum ecletismo envolvido na adoração nas colinas, a despeito das boas intenções do rei de Judá.

Uma Contradição? II Crô. 17.6 diz-nos que Josafá removeu os lugares altos e seu culto, mas I Reis 22.43 e II Crô. 20.33 indicam que ele não o fez. Talvez Josafá os tenha removido, e, talvez, o povo os tenha reconstruído. Outros reis de

Judá que removeram lugares altos foram: Asa (I Reis 15.11); Joás (II Reis 12.3); Amazias (II Reis 15.4); Azarias (II Reis 15.4); e Jotão (II Reis 15.35). Ezequias (II Reis 18.4) removeu-os, mas eles foram reconstruídos por Manassés (II Reis 21.3). E Josias, novamente, demoliu-os (I Reis 23.8,13,15,19).

Alguns eruditos tentam reconciliar a aparente contradição supondo que houvesse duas espécies de lugares altos: os dedicados a Yahweh e os dedicados a cultos pagãos, incluindo o culto a Aserá (ver I Reis 14.15; e os *postes-ídalos* da mesma referência). Mas esse tipo de reconciliação certamente deixa muito a desejar.

22.45

Já pudemos ver como Acabe, rei de Israel, e Josafá, rei de Judá, lutaram juntos contra os sírios em Ramote-Gileade (capítulo 21) e como Acabe perdeu ali a própria vida. É provável que, na época, Josafá fosse, essencialmente, um vassalo de Acabe. Ver sobre I Reis 22.4,30. Josafá também manteve boas relações com o filho de Acabe, Acázias, de modo que houve um bom período de paz entre as nações do norte e do sul, Israel e Judá, respectivamente.

22.46

Após tão curta descrição do reinado de Josafá, o autor nos deu a nota típica que ele costumava empregar para terminar as descrições dos reis. Ver as notas completas sobre esse modo de encerrar as descrições, em I Reis 22.39, e também em I Reis 11.41 e 14.19, quanto a outros detalhes. Ver no *Dicionário* o verbete *Livros Perdidos da Bíblia*.

Josafá demonstrou *poder* e lutou com sucesso nas guerras, aparentemente referindo-se a coisas que não ficaram registradas em parte alguma das Escrituras. Entretanto, temos uma longa descrição do reinado desse homem e de suas muitas atividades, em II Crô. 17, 19 e 20. Josafá também teve *grandes riquezas* e honrarias (ver II Crô. 18.1).

22.47

Embora, Josafá não tenha livrado seu território dos lugares altos, removeu o que ainda restava dos prostitutos religiosos masculinos, que se ocupavam principalmente de atos homossexuais para obter dinheiro para os cultos e templos pagãos. Asa tinha feito esforços nessa direção e obtivera sucesso parcial. Ver I Reis 15.12, onde dou mais detalhes sobre essa particularidade do antigo paganismo. Ver as notas em I Reis 14.24 quanto aos *três tipos* de prostitutos cultuais. O mal sempre tem suas *variedades*. Asa e Josafá fizeram guerra contra a constituição cultual, incluindo a variedade masculina e também (sem dúvida) o homossexualismo em geral. Esse crime foi punido com a morte (Lev. 18.22,29; 20.13). Os cultos de Vênus, Baal, Astarte e vários outros cultos cananeus tinham seus prostitutos cultuais parcialmente em honra a deuses e deusas da fertilidade, e para angariar fundos para os cultos e templos.

22.48

Este breve versículo informa-nos que, nos dias de Josafá, Edom era vassalo de Judá, governado por um deputado enviado pelo rei. O autor sagrado quis dar a entender que o rei de Judá era homem poderoso. Ele exerceu influência para fora de suas próprias fronteiras.

A Septuaginta omite os vss. 47-50, excesso no códex A. Mas mesmo naquele códex não há nenhuma menção de como Edom se sujeitava a Josafá. Alguns críticos atribuem a nota a um editor posterior e duvidam de sua autenticidade. Isso poderia significar que não havia nenhum *rei nativo*; porém, o texto diz definitivamente que houve um “deputado” (da parte de Josafá) que governava o lugar. Alguns eruditos “reconstituem” o texto e fazem o deputado referir-se aos navios que o rei usou no comércio com países estrangeiros. O deputado homem estava encarregado desse empreendimento. Mas essa é uma maneira duvidosa de explicar as coisas.

O autor fala-nos acerca do deputado do rei porque o lugar onde o rei tinha estacionado sua marinha ficava no território de Edom, a saber, em Eziom-Geber (vs. 49). Devemos supor que, se Edom tivesse tido seu próprio rei, ele não teria permitido que seu território fosse assim usado.

Davi tinha reduzido Edom à vassalagem (ver II Sam. 8.14), e isso, ao que tudo indica, continuou na época de Josafá. Mais tarde, provavelmente no tempo do filho de Josafá (ver II Reis 8.20), os edomitas se revoltaram.

22.49

Josafá, imitando Salomão, tentou promover o comércio marítimo. Ele estava atrás do ouro de Ofir. Mas seu empreendimento não foi bem-sucedido, terminando em naufrágio em Eziom-Geber (ver a respeito no *Dicionário*). Israel era uma nação que vivia à beira-mar, mas não era uma nação de marinheiros. O próprio Salomão teve de tomar por empréstimo a tecnologia dos fenícios para efetuar suas aventuras marítimas. Israel não possuía a ciência e a matemática necessária para a navegação, nem tinha tecnologia suficiente para construir navios que

pudessem afrontar mar alto. Cf. II Crô. 20.36, que nos diz que Josafá se aliou a Acázias (rei de Israel), a fim de atirar-se a esse empreendimento. Ver também I Reis 9.26 ss. e 10.22, quanto ao empreendimento marítimo de Salomão. Aqueles versículos contêm todos os elementos deste versículo, e a exposição foi oferecida ali. Salomão adquiriu muitas riquezas adicionais devido às suas aventuras marítimas, mas Josafá só encontrou desastre e desapontamento.

Devemos entender que Judá quebrou sua sociedade com o rei de Israel no tocante às suas aventuras marítimas. Caso contrário, este versículo é uma contradição com II Crô. 20.36. Entretanto, o vs. 37 mostra-nos que Eliezer, o profeta, repreendeu a Josafá por causa de sua aliança com o rei de Israel, e predisse os desastres marítimos que, realmente, ocorreram. É possível que, após isso ter acontecido, Josafá tenha rompido suas alianças com Acázias, e, quando procurado para *renovar* a aliança, recusou-se a fazê-lo. Essa interpretação é uma conjectura que explica razoavelmente a contradição, mas não de maneira absoluta. Nem é importante explicar tais contradições, mesmo quando elas são reais. A fé religiosa não depende de questões tão triviais.

22.50

Josafá descansou com seus pais. A nota comum de obituário (desta vez em relação a Josafá) é novamente empregada para encerrar a história de um rei. O autor usou essas notas padronizadas em relação a todos os reis. Comentei sobre essa nota em I Reis 16.28. E acrescente detalhes sobre a teologia envolvida na declaração em I Reis 1.21.

Foi sepultado na cidade de Davi. Isto é, Jerusalém, a capital de Davi, o lugar que ele tomou dos jebuseus, e não Belém, embora esta cidade também seja algumas vezes chamada assim. Em sucessão, Davi, Salomão, Reoboão, Abias e Asa reinaram ali.

Jeorão. Ver no *Dicionário* notas a respeito. O autor não se demorou para relatar-nos os acontecimentos que cercaram a vida de Jeorão. Mas haveria de voltar a ele (ver II Reis 1.17; 3.1; 8.16-19; II Crô. 21). Primeiramente, o autor sacro voltou aos reis de Israel, para falar sobre o filho de Acabe e seu reino (vss. 51-53). Incrivelmente, Jeorão casou-se com Atalia, filha de Acabe e Jezabel. Seguiram-se calamidades, incluindo o retorno da idolatria a Judá. Jeorão começou a reinar quando estava com 32 de idade e reinou por dez anos.

Acázias, Filho de Acabe, Continua a Má Tradição (22.52-54)

Quanto a notas completas sobre Acázias, ver o artigo sobre ele no *Dicionário*. Seria difícil para um filho de Acabe fazer qualquer coisa que não fosse má. Ele foi o oitavo rei de Israel e reinou por somente dois anos (cerca de 853-852 A. C.). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Israel, Reino de*, quanto a uma lista e uma breve descrição dos reis do norte. Ver também *Rei, Realeza*, quanto a um gráfico que compara os reis do norte e do sul e menciona os reis de reinados circunvizinhos.

Relatos Paralelos. O oitavo rei de Israel começou a reinar quando Josafá, rei de Judá, estava no décimo sétimo ano de seu governo. O autor sacro provê relatos paralelos, saltando para Israel e depois para Judá, e voltando novamente a Israel, em uma ordem cronológica aproximada. Quanto a notas sobre esse método de apresentação, ver I Reis 16.29. A história de Acázias continua no primeiro capítulo de II Reis. Os dois livros, I e II Reis, eram originalmente (na Bíblia hebraica), um único livro. O autor sagrado voltará a Judá em II Reis 8.16.

22.51

Acázias, filho de Acabe. Acabe, o pai do novo rei de Israel, tinha deixado terrível exemplo de mal, e Acázias seguiu-o com facilidade. Há três coisas que um pai deve a seu filho: exemplo; exemplo; exemplo. E, naturalmente, entendemos que isso significa *bom exemplo*. A certa altura de sua vida, Acabe se arrependera, mas não houve longos efeitos disso em Israel (ver I Reis 21.27 ss.). Foi predito (naquele texto) que o desastre sobreviria à casa de Acabe, e assim aconteceu, até que todos foram obliterados e outra linhagem se iniciou.

22.52

Mãe. Embora não tenha sido chamada por seu nome, devemos compreender a horrenda Jezabel, a princesa de todo o mal. Quem poderia ser bom com uma mãe como aquela? Naquele tempo, Jezabel continuava viva e promovendo cultos pagãos, especialmente os dedicados a Baal e Astarte, as divindades de suas cidades nativas de Tiro e Sidom, as capitais da Fenícia. O pobre homem já nasceu corrompido.

Jeroboão havia iniciado o temível processo de idolatria em Israel e *dera início* à síndrome do pecado-calamidade. Ele se caracterizou pela expressão *“Aquele*

que fez Israel pecar”, ou seja, corrompeu a si mesmo e à nação inteira sobre a qual exercia autoridade. Acabe também fez Israel pecar (ver I Reis 21.22). Ver I Reis 15.26 quanto à expressão, e cf. I Reis 16.3.10. Acazias, pois, seguiu firme de acordo essa infeliz trilha.

22.53

Ele serviu a Baal, e o adorou. Acazias fez da idolatria uma *especialidade*, tal e qual sua mãe lhe ensinara. Baal era seu principal objeto de adoração. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Baal* (*Baalismo*). Isso serviu somente para provocar a *ira* de Yahweh. Temos aqui uma forma de

antropomorfismo e antropopatismo (ver sobre essas palavras no *Dicionário*), atribuindo características e emoções humanas a Deus. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Ira de Deus*.

Acazias logo seria colhido por um acidente fatal, conforme relata o primeiro capítulo de II de Reis. A síndrome do pecado-calamidade apanhou-o cedo na vida. Uma breve vida foi desperdiçada na degradação.

“A idolatria de Baal reiniciou seu lugar lado a lado com a mais antiga idolatria de Jeroboão (ver II Reis 1.2), a adoração do Baalzebube cananeu” (Ellicott, *in loc.*). O pecado tem suas variedades. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Idolatria*.

É com essa *nota amarga* que termina o livro de I Reis, e o primeiro capítulo de II Reis dá prosseguimento à história de Acazias.